



Anny Mendes

*Colidindo
com o Amor*

Trilogia Recomeço
Livro 2



PERIGOSAS

COLIDINDO COM O AMOR

Anny Mendes

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

COLIDINDO COM O AMOR

TRILOGIA RECOMEÇO

LIVRO 2

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei

9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra fictícia, qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

Revisão: NEIDE MENDES

Capa: FABIANE MENDES BUENO

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ao MEU AMADO ESPOSO QUE SEMPRE ESTÁ AO

MEU LADO...

A MINHA QUERIDA MÃE QUE ME APOIA EM

TUDO...

A TODOS QUE EMBARCARAM NESSA HISTÓRIA

ENVOLVENTE E DESEJAM CONTINUAR COM

FORTES EMOÇÕES...

NACIONAIS - ACHERON

*“A GENTE COLIDIU
Não pude escolher
Tão raro encontrar
Tão fácil foi me perder
[...]” Sandy*

SINOPSE

Beatrice e Bryan – após terem os caminhos cruzados – e acreditarem haverem redescoberto o amor, além da oportunidade de uma vida a dois. Veem-se envolvidos numa trama de desvios, suspeitas, traição, ciúmes e obsessão. Entretanto, a paixão e os deleites carnavais que os une, são mais fortes do que os medos e traumas de Beatrice.

Bryan Soutto é um homem bem-sucedido, arrogante, prepotente e sem limites. Mas tem a confiança abalada por Beatrice, à mulher – que despertou nele um sentimento de posse –, fora do seu controle. Após o turbilhão de emoções e sentimentos que surgiram em seu âmago; independente dos métodos – está determinado a tê-la – a qualquer preço.

Beatrice Maltez é uma mulher vencedora,

inteligente, dinâmica e insegura. Recebe o apoio de Bryan no momento em que mais precisa, porém, sabe que ele não lhe faz tão bem; contudo, não consegue afastá-lo. Ao seu lado as sensações são intensas, e ao mesmo tempo em que se sente segura e protegida, é sufocada pela obsessão e o ciúme doentio.

Fora o relacionamento conturbado, um ato falho do passado de Bryan, envolvendo Alicia, sua ex-noiva e Diretora de Marketing da sua empresa, torna-se uma ameaça a sua vida pessoal e profissional. Por mais que Beatrice tente ser compreensiva – do amor e proteção que Bryan demonstra – a presença da rival a abala. E os abalos despertam o mal que a acompanha e a maltrata.

O casal vive um drama incompreensível para ele: ela luta pelo direito de controlar a própria vida, enquanto ele acredita que as suas atitudes descontroladas são apenas protetoras. E é em meio

NACIONAIS - ACHERON

a esse *tsunami* que surge uma revelação inesperada. Que induz Beatrice a ter força de afastar-se do homem que entrou como um furacão em sua vida. Que a levou por caminhos desconhecidos do prazer, e quase a roubou de si.

E agora, Bryan conseguirá reconquistá-la e resgatar sua confiança? Será que vale a pena Beatrice abrir mão da sua vida por um homem que não conhece limites?

Uma história perturbadora que desvende um pacto de assassinato, transações ilegais e traição. Tudo gerado pela cobiça, inveja e pela ganância do ser humano. Até onde uma pessoa vai para conseguir satisfazer seus desejos e prazeres? Assim a história, repleta de suspense, do casal, continua...

Índice

Prólogo

Capítulo 01 – Marcação Cerrada

Capítulo 02 – Propriedade

Capítulo 03 – O Resultado

Capítulo 04 – Protetor

Capítulo 05 – O Convite

Capítulo 06 – Chegar Chegando

Capítulo 07 – Voltando ao Posto

Capítulo 08 – Menos Um

Capítulo 09 – Eu Te Avisei

Capítulo 10 – Abra o Anexo

Capítulo 11 – Preciso de Respostas

Capítulo 12 – O Sócio

Capítulo 13 – Quero Minha Casa

Capítulo 14 – Não me Desafie

Capítulo 15 – Consegue Sim

Capítulo 16 – Maldita Hora

Capítulo 17 – Fim de Papo

[Capítulo 18 – Eu Valho a Pena](#)

[Capítulo 19 – Entrando no Casulo](#)

[Capítulo 20 – Milagre?](#)

[Capítulo 21 – O Anel](#)

[Capítulo 22 – Proposta Indecente](#)

[Capítulo 23 – Passando dos Limites](#)

[Capítulo 24 – Escolhendo um lado](#)

[Capítulo 25 – Agora ou Nunca](#)

[Capítulo 26 – Me Ajuda](#)

[Capítulo 27 – Acerto de Contas](#)

[Capítulo 28 – Ousadia](#)

[Capítulo 29 – A Ponta do Iceberg](#)

[Capítulo 30 – Vulnerável](#)

[Capítulo 31 – Assombro do Passado](#)

[Capítulo 32 – Carta na Manga](#)

[Capítulo 33 – O Pesadelo](#)

[Capítulo 34 – Prova de Amor](#)

[Capítulo 35 – O Sim](#)

[Capítulo 36 – Cadê as Provas?](#)

[Capítulo 37 – Pote de Ouro](#)

PERIGOSAS

[Capítulo 38 – Lançamento do Ano](#)

[Capítulo 39 – Espera Insuportável](#)

[Capítulo 40 – Amarrando as pontas](#)

[Capítulo 41 – Onde Estou?](#)

[Capítulo 42 – Estaca Zero](#)

[Prólogo – Escolho Você](#)

[Agradecimentos](#)

[ANNY MENDES](#)

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo

O QUE ESTAVA PREVISTO PARA SER UM DIA DE FESTA transformou-se em uma tragédia. Claro que depende do ponto de vista.

Todos reunidos para o tão esperado momento. Aquele que conseguiria reunir duas famílias – com histórias distintas.

Pessoas de todos os cantos foram convidadas, a grandiosidade chamou a atenção da mídia, até de fora do local. Havia paparazzi espalhado por toda a parte. No tapete vermelho, cercado por fotógrafos, algumas celebridades eram assediadas.

— Minha menina, você está maravilhosa!
— disse, com um sorriso estampado no rosto. Passou a mão pelas costas dela – nuas – e sussurrou ao seu ouvido:

— Não saia de perto de mim.

No salão principal, repleto, a decoração glamorosa avultava-se, denotando o valor do fato. Às pessoas se acomodavam nos lugares reservados.

O orador convocado subiu ao palco – dando início ao evento:

— Boa noite a todos. Sejam bem-vindos ao lançamento do mais nobre condomínio de São Paulo: *Villaggio Águia Dourada*.

Os convidados levantaram-se, vibrando e aplaudindo.

Enquanto transcorria o acontecimento, à equipe de segurança trabalhava – com afínco –, para que nada saísse do controle.

“Ah, Bryan... Chegou o seu dia, bastou oferecer um bom dinheiro a um segurança. Agora darei continuidade ao meu plano.” — Pensou.

— Bryan! Preciso usar o toalete. — Pegou a bolsa e levantou-se.

— Vou com você. — Também se levantou, pegando na mão dela.

“Chegou o momento. Era tudo o que eu precisava – esses dois fora do salão principal”.

POW-POW-POW! Gritos.

— Meu Deus! Bryan?... Nãoooooooooo... Chamem o socorro, por favor! Ele foi baleado.

POW-POW-POW! Gritos.

— Seu “filho da puta...” Como conseguiu entrar aqui? Quem deixou esse “cara” entrar no evento? Ele é procurado pela polícia. — Agachou-se, colocou dois dedos no pescoço dele. — Está morto.

— De onde vieram os tiros? Ele não está armado. — Estremeceu.

— Ai meu Deus... Scott! Quem atirou nele, Rogério? Scott... Scott... Scott... Fale comigo. — Polyana batia no rosto de Scott.

— Está morto; Polyana, estamos livres dele.

— Levantou-se, arrumando o smoking.

— JÁ CHAMARAM O SOCORRO? Bryan está sangrando. Pelo o amor de Deus! — gritava Gaby.

— Saíam todos... Vamos pessoal! Tem muita gente aqui. — Os seguranças afastavam as pessoas.

A polícia e o socorro chegaram.

— Bloqueiem todas as saídas, vamos interrogar a todos. Quem está armado? — perguntou o policial.

— Somente os seguranças — informou Ethan.

Capítulo 01 – Marcação Cerrada

TANTOS ANOS USANDO AS MULHERES COMO OBJETO que até achei que morreria desacreditando na veracidade do amor.

Minha infância foi repleta de muito amor, porém, fraternal. Por esse motivo, ainda muito jovem – quando conheci Alicia –, foi fácil me apaixonar por ela.

Alicia era muito bonita, uma postura elegante e muito inteligente. Qualquer homem gostaria de estar no meu lugar. Alta, loira, cabelos até o meio das costas, pernas de fazer o queixo dos homens se deslocarem. Seus olhos claros, intensos, e os lábios desenhados, provocavam um turbilhão de emoções. Ela não chamava atenção apenas dos homens – conseguia intimidar principalmente às mulheres – a maioria delas evidenciava a inveja.

Eu, um rapaz de boa família – não rica –,

porém batalhadora. Meus pais dedicaram suas vidas para proporcionar o melhor aos filhos. Os dois se aposentaram como servidores públicos e abdicaram de muitos prazeres para pagar nossos estudos.

Numa cidade, como Santos – apesar de grande –, no litoral de São Paulo, conseguíamos manter muitos relacionamentos estreitos.

Nestor e Alicia são irmãos, assim que comecei a frequentar a casa deles, pois eu e o Nestor fazíamos o mesmo curso na Universidade, me encantei com a beleza de Alicia. Nestor, sempre muito protetor, desde o início me alertou sobre nossa diferença de idade, até me ameaçou: caso eu a fizesse sofrer. Sem imaginar que – quem sairia machucado daquela relação – seria eu. Que o mal sofrido me faria mudar radicalmente em relação às mulheres.

Os anos passaram e quando eu já havia perdido a esperança de voltar a amar, encontrei

NACIONAIS - ACHERON

aqueles dois lindos olhos azuis – de joelhos – aos meus pés. Bastou um segundo para eu saber que tinha recuperado a coragem de amar e a vontade de viver. Senti um desejo imenso de pegá-la no colo e não deixar ninguém mais tocá-la. Meu lado possessivo, que eu nunca soube ter, apareceu com força total.

Muitos não acreditam em destino, eu posso dizer que ele me beneficiou, mesmo com tantos acidentes de percurso; o destino colocou Beatrice em minhas mãos. Mas, ainda atordoado com todas aquelas reações – inéditas para mim –, não consegui mantê-la ao meu lado. Vacilei. Fiz sofrer a pessoa que me devolveu o sentido da vida. *Agora eu preciso – de alguma maneira – reparar o meu erro. Meu mundo não tem mais sentido sem ela.*

— Sr. Bryan, posso ir até a sua sala para passar os compromissos do dia? — A voz da Carol, minha assistente, soou no interfone, sobre a mesa.

Eu sou Bryan Soutto, CEO de uma das maiores Construtoras e Imobiliárias de São Paulo. Preciso retomar minha vida. Não posso deixar a vida pessoal interferir no trabalho, muitas pessoas dependem das minhas decisões. Arrumei a postura, na minha confortável cadeira, e respondi:

— Sim, Carol. Estou aguardando.

Carol, uma mestiça oriental, muito graciosa e dedicada às suas tarefas, trabalha comigo há anos, está sempre muito elegante, além de muito dedicada é inteligente. Organiza minha agenda, priorizando os casos mais urgentes, consegue filtrar muitas coisas, o que facilita o meu trabalho. Sentou-se na cadeira, que fica em frente a minha mesa, colocou o tablet sobre a mesa e começou a me passar os compromissos do dia.

— Sr. Bryan, preciso te passar algo que está me preocupando. Tentei resolver sem precisar passar para o senhor, porém, não estou conseguindo

NACIONAIS - ACHERON

segurar à barra — disse, franzindo o cenho.

Apoiei um cotovelo na mesa, o queixo na mão e perguntei:

— O que está acontecendo Carol? Deve ser grave, nunca te vi assim. Está me deixando preocupado.

Ela arrumou a postura, colocou o cabelo atrás da orelha e prosseguiu:

— Lembra-se do Sr. Estevão? Antes de o senhor ir até ele, eu vinha ouvindo — todos os dias —, reclamações sobre os materiais que estavam sendo colocados na casa dele. Ele insistia em dizer que estavam com a qualidade inferior aos do contrato. Depois que o senhor foi até ele, o Marcelo pediu que trocassem tudo o que havia sido colocado lá.

— Correto Carol, disso eu já sabia. O Marcelo me disse que o pedido dos materiais foi entregue errado. Inclusive me mostrou a nota fiscal.

Carol limpou a garganta e continuou:

— Sr. Bryan, tem mais clientes reclamando da mesma coisa. E o pior é que eles estão querendo entrar com processo. Eu juro que estou tentando amenizar a situação, mas não estou conseguindo.

— Mordeu o lábio inferior e ficou olhando para mim, com os olhos arregalados.

— Veja bem Carol, deve ser a mesma remessa do Estevão. É só passar para o Marcelo e pedir para ele trocar — falei, coçando a testa.

Ela negou com a cabeça e soltou o ar dos pulmões.

— Estou com medo de passar para o senhor o que eu acho que está acontecendo. Tenho medo de ser demitida.

Afrouxei a gravata e abri os dois primeiros botões da camisa.

— Carol, ouça, por que eu te demitiria? A não ser que você esteja cometendo erros muitos

NACIONAIS - ACHERON

graves. Prossiga com seu raciocínio. — Fiz um gesto com as mãos, para ela continuar.

Não estava gostando nada do rumo daquela conversa. *Que “merda” será que está acontecendo por aqui? Estevão me disse que não confiava no Marcelo e nem no Nestor, não quis dar atenção.*

— Então, Sr. Bryan. Antes de vir conversar com o Senhor, eu fiz um levantamento das notas fiscais, dos materiais comprados para os clientes em questão. São pedidos diferentes e nas notas os materiais estão de acordo com o contrato.

Engoliu em seco e continuou:

— Será que não tem alguém superfaturando?

Parei, respirei fundo, cocei a barba e fiquei olhando para a vidraça da minha sala. Mantive-me por um tempo olhando os carros – minúsculos – andando na Avenida Paulista. Meu escritório está localizado na Avenida Paulista, no vigésimo andar

NACIONAIS - ACHERON

de um prédio comercial, bem-conceituado. Sua fachada é toda de vidro, proporcionando uma visão maravilhosa do coração econômico da América Latina.

— O que mais você verificou Carol? Deve saber de mais alguma coisa para ter chegado a essa conclusão. — Inclinei o corpo para frente, colocando os cotovelos na mesa e cruzei os dedos.

— Eu procurei entender todo o processo antes de vir falar com o senhor. O Marcelo não tem autonomia para liberar materiais, ele é responsável pelo pedido e colocação. Quem negocia é o Sr. Nestor. O Marcelo só recebe depois. Então... — Soltou os ombros. — Eu acho que os dois estão juntos nessa. São notas diferentes, não é possível que estejam entregando errado todos os pedidos. Se esse for o caso, o que eu acho difícil, precisamos trocar de fornecedores.

Joguei o corpo no encosto da cadeira,
NACIONAIS - ACHERON

peguei a caneta e comecei a bater no tampo de vidro da mesa. Mordia continuamente os lábios — sem saber o que pensar. *Eu continuo sendo passado para trás? Mesmo depois do que a Alicia me fez — eu não aprendi? E ainda tem a Felícia com essa história de gravidez. — Balancei a cabeça, pensei. — Não pode um cara ser tão trouxa assim.*

— Ok, Carol. Traga para mim os contratos e às notas fiscais dos clientes que estão reclamando. Eu, pessoalmente, vou verificar o que está acontecendo. Muito obrigado, pode ir para a sua mesa.

Ela prontamente levantou-se e saiu da sala, ainda receosa com a minha reação, mediante as informações que tinha me passado.

Venho tentando controlar meu impulso em voar na garganta de um. Não tem sido uma tarefa fácil. Meus nervos pulam o tempo inteiro. Saber que a minha razão de viver está no mesmo prédio

NACIONAIS - ACHERON

em que eu e não poder vê-la, tocá-la e nem ouvi-la, está acabando comigo.

Havia conseguido persuadir Beatrice a ficar com a sala que pertence a minha empresa, que fica no décimo andar do mesmo prédio. Minha intenção era poder estar sempre perto, para protegê-la. Apesar de ser a mulher mais corajosa que eu conheço, ela é minha menina: frágil e indefesa. Estava correndo perigo – com o psicopata do seu cunhado e o estuprador do seu pai – solto por aí. Dois “filhos da puta” que podem tirar a paz da minha menina. Entretanto, mesmo ela não me querendo ver, eu não deixarei de protegê-la.

Cheguei à empresa em um horário que poderia cruzar com ela, porém, quando vi o seu carro estacionado na vaga ao lado da minha, percebi que o sentimento não é recíproco. Ela chegou mais cedo, evitando qualquer contato.

Assim que retornei à São Paulo, depois

daquele fatídico jantar, contratei um segurança particular para ficar com a Beatrice, já que ela não deixaria eu me aproximar. Enviei uma mensagem, a ela, avisando:

“Bom dia minha menina linda. Eu sei que não quer me ver – estou tentando entender. Como não poderei me aproximar – até que eu prove que aquela “maluca” não está esperando um filho meu – contratei um segurança para te proteger. Não posso correr o risco de que algo te aconteça. Deixe seu carro na garagem e vá trabalhar com o segurança, pois é mais seguro e mais confortável. O nome dele é Yuri, em anexo a foto dele e do carro. Não se esqueça de que EU TE AMO e nunca vou desistir de você. Bryan”

A resposta dela foi quase instantânea:

“Não brinque com coisa séria... Nem em pensamento que eu vou ficar com uma pessoa – o tempo todo – atrás de mim... Você só pode ter bebido!”

Pedi ao segurança para ir buscá-la pela manhã, como tinha combinado, mas sabia que ela não aceitaria vir com ele, porque ela é a pessoa mais teimosa que pode existir. Ainda tenho esperança de nos cruzarmos, no almoço. Não posso ligar para ela e nem me manifestar de outra maneira, primeiro preciso saber o que realmente aconteceu com a Felícia. Se o filho realmente for meu, estou “fodido”! Tenho certeza de que Beatrice não me perdoaria. Pior que aquele dia eu havia enchido a cara, para tentar amenizar a dor de estar longe dela, e não consigo lembrar-me se usei ou não à “porra” da camisinha.

Escutei uma batida na porta do meu

escritório.

— Bryan, posso entrar? — A voz da Alicia me irrita de tal forma, que preciso me controlar mais do que o normal. Mas ela é a Diretora de Marketing da minha empresa, sou obrigado a conviver com o fardo.

— Entre Alicia. — Abri os botões dos punhos da camisa e dobrei as mangas até os cotovelos, enquanto Alicia entrou e se sentou na minha frente, com seu tablet em mãos.

— Bom dia, Bryan. Como foi o nascimento do seu sobrinho? Queria estar lá para parabenizar a Gaby, mas achei que sua noiva não ficaria feliz. — Fez uma careta, com os lábios.

— Não veio até a minha sala para falar do nascimento do meu sobrinho, veio Alicia? — perguntei, irritado. Ela consegue piorar tudo na minha vida. Preciso descobrir uma maneira de me livrar desse encosto.

Alicia abriu um sorriso sarcástico e continuou:

— Está irritadinho por quê? Sua noivinha não gostou de saber da novidade? — Levantou as mãos e ficou mexendo em suas unhas.

Como assim? Ela sabe sobre a Felícia?
Levantei-me, passei as mãos pelos cabelos, depois apoiei as mãos no tampo da mesa, ficando com o rosto próximo ao dela.

— De que “PORRA” você está falando, Alicia?

Ela arqueou as sobrancelhas e, ainda, com aquele sorriso idiota, continuou:

— Não se faça de desentendido, Bryan. Sabe muito bem do que estou falando. Eu previa que quando a Beatrice soubesse de suas escapadas e quem realmente você é – te largaria. Foi isso que ela fez, não foi? — Passou a língua nos lábios e ficou me olhando, com um olhar irônico.

Afastei meu corpo dela, acionei o botão na minha mesa para fechar as persianas, caminhei até a porta, tranquei, tirei a chave e coloquei no bolso da calça. *Alicia vai ter que me explicar essa história, direito. Eu juro que se ela tiver alguma coisa a ver com isso – eu vou matá-la.*

Ela virou a cadeira em minha direção e disse:

— Hum... Quer brincar hoje leãozi... — Antes que ela terminasse a frase eu já estava em cima dela.

Peguei-a pelo pescoço, levantando-a da cadeira, empurrei seu corpo até a parede e fiquei segurando sua garganta.

— Pode começar a falar, Alicia. Eu juro que eu quebro a “porra” da sua cara se não me disser o que você está aprontando.

Ela começou a tossir e seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

— Me solte, Bryan. Está me deixando com medo.

Tirei a mão do seu pescoço e segurei seus ombros com as duas mãos.

— Que bom que está com medo, porque é isso mesmo que eu quero. Continua me achando OTÁRIO, ALICIA? — Chacoalhei seu corpo.

Alicia arregalou os olhos e as lágrimas começaram a escorrer em seu rosto.

— Eu nunca te achei otário, Bryan. Eu sempre te amei... Não percebe? Cometi apenas um erro e você nunca me perdoou. Por sua causa, minha carreira de modelo foi por água abaixo. Olha onde estou agora, presa a você. Sem a sua atenção. Enquanto você ficava com várias mulheres eu não ligava, Bryan, você tinha que se apaixonar?

Passou as costas da mão nas lágrimas e gritou:

— SE VOCÊ NÃO PODE SER MEU,
NACIONAIS - ACHERON

NÃO SERÁ DE MAIS NINGUÉM! EU NUNCA VOU DEIXAR!

Soltei-a e comecei a andar pela sala, desacreditando no que eu tinha acabado de ouvir. *Não é possível, nunca mais fiquei com a Alicia, ela só pode estar de brincadeira. Não existe a menor possibilidade de eu ficar com ela novamente.* Parei de frente com ela, que continuava encostada na parede, coloquei as mãos na cintura, balancei a cabeça e respondi:

— Você enlouqueceu Alicia? Nem sob tortura eu ficaria com você, sua maluca! EU AMO A BEATRICE! — gritei. — Está claro isso pra você? Você pode fazer o que quiser que nada — nessa vida — me fará deixar de amá-la. A Beatrice é a minha razão de viver. Depois que você acabou com a minha capacidade de viver plenamente, somente ela fez com eu tivesse vontade — novamente.

NACIONAIS - ACHERON

— Sério Bryan? Por que então a Beatrice não consegue confiar em você? Qualquer um que chega e faz uma acusação, ela não deixa você ao menos se explicar. Não percebe que ela não te ama? — Fungou, puxando o ar pelo nariz, com força.

Fiquei olhando para Alicia por um tempo, pensando que, com toda a certeza, ela estava de conchavo com a Felícia. Como ela saberia que Beatrice não me deixara nem me explicar? Estreitei os olhos e com os dentes trincados, prossegui:

— Me fale agora onde que você entra nessa história da Felícia.

Ela levantou o canto dos lábios, com um sorrisinho imbecil.

— Não fui eu que “comi” a garota, totalmente bêbado, Bryan. Onde eu posso entrar nessa história?

Voei pra cima dela, novamente, segurando
NACIONAIS - ACHERON

seu pescoço – com força.

— ABRA A “PORRA” DESSA BOCA OU EU NÃO SEI DO QUE SEREI CAPAZ, ALICIA!

— Estava gritando.

Escutamos Nestor bradar e dar um murro na porta, do lado de fora.

— BRYAN ABRA ESSA PORTA AGORA! O que está acontecendo aí dentro? Está todo mundo ouvindo os gritos de vocês dois. Anda, abra antes que eu tenha que arrombar.

Respirei fundo, tentando me recompor. Não podia perder o controle na minha empresa, perderia a credibilidade com meus colaboradores. Soltei a Alicia, caminhei até a porta e a destranquei.

Nestor entrou e ficou olhando para nós dois, com a cara fechada.

— O que está acontecendo aqui, Bryan?

Alicia estava com a maquiagem toda borrada – por suas lágrimas. Passava a mão no

NACIONAIS - ACHERON

pescoço, todo vermelho, aliviando o desconforto.

Eu continuava no meio da sala, passando as mãos na barba. Apontei com a cabeça em direção a Alicia e disse:

— Pergunte para a sua irmãzinha indefesa o que ela veio fazer na minha sala.

Nestor foi até ela, pegou em seu braço e foi puxando-a porta a fora.

— Vamos para a minha sala conversar, Alicia. Você está passando dos limites.

Estava sentado em frente ao “iMac”, lendo meus e-mails, o celular tocou. Olhei no visor e vi que era o Yuri.

— Aconteceu algo, Yuri? — atendi apreensivo. Depois de uma manhã conturbada, esperava a qualquer momento outra “merda”.

— Sr. Bryan, o senhor me pediu para avisar caso a senhorita Beatrice saísse. Estou atrás do

carro dela, como o senhor mandou, apenas para comunicar.

— Certo Yuri, consegue saber onde ela está indo? — perguntei, preocupado.

— Ela acabou de entrar em uma imobiliária, senhor.

Que “CARALHO”! Ela é muito teimosa. Vai querer sair da sala. Preciso pensar rápido no que fazer.

— Tudo bem, Yuri. Muito obrigado por avisar. Qualquer movimento me comunique, por favor.

Desliguei o celular, coloquei a cabeça entre as mãos, e fiquei pensando no que fazer. Depois que a Alicia tinha saído da sala eu não abri mais as persianas. *Hoje não estou bem, preciso de um pouco de privacidade.*

Não poderia ficar — parado — vendo a Beatrice se afastar de mim. Precisava tomar uma

NACIONAIS - ACHERON

atitude. Peguei o celular e liguei para a pessoa responsável por tudo aquilo.

— Oi meu amor, enfim consegui sua atenção. Bem que dizem que os bebês aproximam os casais. — A voz melosa da Felícia embrulhou meu estômago.

— Cale a “porra” da sua boca e me ouça, Felícia! Quero me encontrar com você, agora. E não vem com essa que não tem como, vai ter que dar um jeito.

— Caramba! Bryan. Que grosseria! Na hora de me “comer” você não foi grosso, sabia? Muito pelo contrário, me levou até às nuvens. Essas suas mãos, seus lábios... Hum... E o objeto de desejo então. — Gemeu. — Depois que fiquei com você ninguém mais consegue me prender. Você é uma delícia, Bryan. — Chupou a saliva entre os dentes, fazendo um barulho nojento. — Esse bebê veio como um presente para nós. Vamos poder nos

NACIONAIS - ACHERON

curtir à vontade.

— Felícia... — Suspirei. — Por favor, me diga onde eu posso te encontrar agora. Não estou com o menor senso de humor, hoje.

— Ok, Bryan. Você não quer curtir nosso bebê, mas eu estou muito feliz. Você tem sorte de que precisei subir para a capital, hoje, senão teria que ir conversar comigo em Santos. Podemos nos encontrar em um shopping. Está bom pra você?

Felícia me disse em qual shopping que poderia encontrar-se comigo. Peguei as chaves do carro e saí em disparada.

— Carol, vou almoçar. Qualquer coisa eu estarei com o celular.

Assim que eu entrei no carro conectei o celular à multimídia. Saí da garagem e enquanto enfrentava o trânsito caótico de São Paulo, resolvi ligar novamente para o Yuri. Precisava saber o que

a Beatrice estava fazendo. O carro dela não estava na garagem do prédio, isso queria dizer que ainda não tinha voltado.

— Sim, Sr. Bryan. Em que posso ajudá-lo?

— Yuri, a Beatrice ainda não voltou ao escritório, não vi o carro dela na garagem. O que ela ainda faz na rua?

— Senhor ela foi a duas imobiliárias e agora está almoçando com um rapaz.

— Com um rapaz? Como assim? Como ele é Yuri? — *Quem será que está com a minha menina?*

— É alto, loiro, está vestindo calça jeans com as barras dobradas para cima, “All Star” de cano alto e camiseta preta sem mangas, com várias caveiras na frente. Deve ser bastante íntimo dela senhor, pois ficaram um tempo abraçado e ele não soltou a mão dela, em nenhum momento.

— Me manda uma foto para eu ter certeza

de que é quem estou pensando, Yuri.

Em instantes a foto apareceu na tela da multimídia, do carro. *“Filho da puta”! Ethan. O “cara” faz marcação cerrada. Como eu vou conseguir me aproximar da Beatrice desse jeito? Ele vai ficar fazendo a cabeça dela, contra mim. E ainda por cima, não dá uma trégua. Tinha que almoçar com ela?*

— Ok, Yuri, eu já sei quem é. O nome dele é Ethan, é enteado da mãe dela. Ela o considera como irmão, então não precisa se preocupar. Muito obrigado, mais uma vez. Bom trabalho. Até logo.

Vou resolver essa “merda” agora mesmo, ou não me chamo Bryan Soutto.

Entrei na praça de alimentação do shopping, olhando por todos os lados, à procura da Felícia. Não demorou muito para vê-la, acenando para

mim. Respirei fundo e fui ao seu encontro.

Sentei em sua frente, na poltrona almofadada da praça, e fiquei olhando para ela por um tempo, encontrando forças para não fazer o mesmo que tinha feito com a Alicia – voar em seu pescoço.

— Oi Bryan. Muito obrigado por perguntar como estou me sentindo. — Esticou a mão e alisou meu antebraço.

— Como eu te disse ao telefone, Felícia. Não estou com o menor senso de humor. Sendo assim, vamos pular a parte da ironia e ir direto ao ponto. — Coloquei os cotovelos na mesa e olhei dentro dos olhos dela. — Vou marcar um exame de DNA, ainda esta semana. Se esse filho for realmente meu, você terá o que for preciso para criá-lo, mais nada. Não farei parte da vida dele. Está claro?

Felícia arregalou os olhos e a boca – e

NACIONAIS - ACHERON

respondeu:

— Você não está falando sério, está Bryan? Eu não vou me arriscar e nem colocar a vida do nosso bebê em risco, só para você fazer bonito para sua noiva.

Cerrei os punhos – me controlando para não dar um murro na cara dela.

— Ou isso, ou só terá minha ajuda quando o bebê nascer, depois que fizer o exame e comprovar que é meu, é claro. — Encostei-me à poltrona, passando as mãos nos cabelos. — Vou conversar com meu advogado para saber se eu posso te obrigar a fazer o exame. Você não pode chegar e jogar isso diante da minha família e ficar por isso mesmo. Quem você está pensando que é?

Antes mesmo de eu terminar de falar ela começou a chorar, descontroladamente. Permaneci estático, no lugar. *Nem “fodendo” que ela vai me comover com seu choro. A pessoa conseguiu*

acabar com meu relacionamento e agora fica fazendo drama.

— Bryan... eu... não... posso... — Sua voz estava engasgada, soluçava muito.

— Por que não pode? O que te impede Felícia? — Enruguei a testa e inclinei a cabeça, tentando captar alguma coisa. *Nesse mato tem coelho.*

Sem dizer uma palavra, Felícia levantou-se, pegou a bolsa e saiu andando. *Como assim? Vai me deixar a ver navios? Ela só pode estar tirando com a minha cara!*

Levantei rapidamente e caminhei a passos largos até ela. Peguei em seu braço e virei seu corpo para mim.

— O que pensa que está fazendo, Felícia? — indaguei, com o cenho franzido.

Ela puxou o braço e saiu correndo, olhou para trás, com os olhos cheios de lágrima e
NACIONAIS - ACHERON

balbuciou:

— Alicia!

Eu entendi certo? Ela disse Alicia? Aquela “vaca” armou para cima de mim. Bem que a Beatrice me disse que ela estava armando e eu idiota não me protegi. Como vou provar para Beatrice que é armação, se Felícia se recusa a fazer o exame de DNA? Não posso esperar nove meses, assim que o Rodrigo souber que a Beatrice me largou — vai avançar com tudo —, para cima dela. Pensa Bryan, pensa... Você precisa encontrar uma maneira de sair disso. Que “CARALHO, PORRA”! Estou “fodido”!

Estava tão cego de ódio que nem vi quando saí do shopping. Parado, no semáforo, visualizei uma mensagem na tela de multimídia:

“Sr. Bryan, a senhorita Beatrice está voltando ao escritório. Att. Yuri.”

Bom garoto! Está entendendo como eu quero que ele trabalhe. Enviei uma resposta curta, agradecendo, e fiz algo que não gostaria de fazer, mas foi preciso.

Quando comprei o celular à Beatrice eu mesmo o configurei, sendo assim, tenho acesso ao GPS. Acionei o botão na tela de procura e imediatamente apareceu o ponto azul no mapa, se movimentando pela cidade de São Paulo. *Vou ao escritório e aguardarei ela entrar na garagem, logo em seguida entrarei, fazendo parecer uma coincidência.*

Andei pelas ruas da cidade, que me tornou um cara bem-sucedido, de olho na tela da multimídia, seguindo o ritmo da Beatrice. Cheguei um pouco antes que ela e fiquei dando algumas voltas no quarteirão, até que pude avistar seu carro entrando na garagem do prédio. Meu coração acelerou-se, na mesma hora. *Essa garota ainda vai*

me provocar um enfarto. Como eu pude me apaixonar dessa maneira? Estou nas mãos dela – o que ela propor – terei que aceitar.

Entrei com o carro logo atrás do dela e estacionamos em nossas vagas paralelas. Desliguei o motor e olhei pela janela, aqueles olhos azuis – da cor do mar – que me enfeitiçaram, desde o primeiro momento, estavam vidrados nos meus. *Como ela é linda!*

Ela desceu do carro, com a bolsa pendurada no ombro e saiu em disparada, em direção ao elevador. Mais do que depressa desci do carro e corri atrás dela. Precisava ouvir sua voz, tocá-la, sentir seu cheiro. Eu precisava dela.

Peguei em seu braço, com cuidado para não a assustar, e virei seu corpo para mim. Aproximei-me, sentindo sua respiração em meu rosto e o seu cheiro, uma mistura de baunilha com o de mulher.

— Olá minha menina linda. — Abri meu

melhor sorriso.

Beatrice estava mais linda do que nunca. Vestida com um terninho branco e camisa azul-celeste. Sandálias, altíssimas, da mesma cor da camisa. Os cabelos trançados de lado e uma maquiagem suave. *Eu amo essa mulher, preciso encontrar uma maneira de consertar a “merda” que fiz.*

Ela olhou para os meus dedos, que seguravam seu braço, e, praticamente sussurrando, disse:

— Me solte. É pra isso que colocou um segurança atrás de mim vinte e quatro horas por dia, não foi Bryan? Proteção coisa nenhuma! — *Não tem como fazer parecer uma coincidência com essa garota, ela é esperta.*

Capítulo 02 – Propriedade

COM UM INÍCIO DE ADOLESCÊNCIA CONTURBADA, e uma família desestruturada, a chegada do Pietro em minha vida foi como um milagre. Tive a oportunidade de mudar o meu destino. Saí daquela vida perturbada para o aconchego dos braços do homem mais paciente e amoroso que havia conhecido – na vida.

Pietro, mesmo sendo jovem, fez o papel de pai, amigo – companheiro e amante –, para mim. Ele nunca mediu esforços para me deixar confortável e proteger-me. Uma proteção genuína, calma, sem atropelos, sem sufocação.

O tempo em que vivi ao lado de Pietro tornou-me uma pessoa melhor, não precisei buscar ajuda de um profissional para amenizar os meus traumas, ele me acalmava e me passava segurança. Foram quinze anos, juntos. Construímos nosso

patrimônio e me transformei em uma mulher forte, capaz de enfrentar os problemas da vida, de frente. Até que o destino resolveu me pregar uma peça.

A perda do meu companheiro foi como se eu voltasse há ter quatorze anos. Todos os meus traumas e inseguranças retornaram. Voltei a ser uma pessoa fraca, insegura e medrosa. Meu psicológico ficou abalado, meu corpo passou a reagir muito mau a qualquer situação-problema.

Os meses foram passando e a dor no meu peito, com a falta de Pietro, só piorou. Cada vez que eu tocava em seu nome, meu corpo inteiro tremia. Eu não tinha tido uma noite inteira de sono, desde então, a presença dele – em todos os cantos de nosso apartamento – era muito forte. Precisava tomar às rédeas da minha vida novamente, por quanto tempo eu ficaria de luto? Achava que, com o passar dos meses e a ajuda dos meus amigos, conseguiria superar e retomar de onde tinha parado,

NACIONAIS - ACHERON

porém, o encontro mais inesperado de todos os tempos aconteceu.

Não sei dizer o que eu realmente senti no momento em que olhei para cima e encontrei aqueles dois olhos verdes, um sorriso maroto e aquela mão máscula, estendida para mim. De uma coisa eu tive certeza, eu estava diante do homem mais lindo que eu já tinha visto. Seu corpo alto, forte e mãos firmes, mexeram com a minha libido – no momento em que o toquei. A sintonia dos nossos corpos foi evidente, desde o início.

Enxerguei em Bryan tudo o que eu nunca tinha visto em Pietro. Firmeza, autoridade, arrogância, prepotência e muita intensidade: todas as características que sempre me amedrontaram. Seu terno caro, sapatos Oxford, Rolex e uma barba impecável, garantiam toda sua imponência. Ele exalava riqueza, ninguém precisava dizer que era CEO de uma importante empresa de NACIONAIS - ACHERON

empreendimentos imobiliários, estava estampado em seu rosto.

Bastaram dois meses de convivência, com o Bryan, para comprovar que estar ao seu lado é o mesmo que estar sentada na cadeira da frente de uma montanha-russa. Tudo é muito intenso. Todas as sensações possíveis passam pelo meu corpo quando estou com ele. Sinto-me a pessoa mais segura e ao mesmo tempo – incapaz de qualquer coisa. Ele me sufoca e atropela. É possessivo e sua obsessão me deixa apavorada.

Não consigo confiar em Bryan, fico me perguntando, a todo tempo, o porquê de ele estar comigo. Ele poderia ter a mulher que quisesse, eu sei que sou bonita e atraente, porém, muito problemática. Um homem com 39 anos, solteiro, que já teve várias mulheres, não teria a mesma paciência que o Pietro tinha tido comigo. Ficava esperando, a qualquer momento, ele pisar na bola.

E, infelizmente, foi o que aconteceu.

Suspeito de que não serei capaz de perdoar o que ele fez. Além de mentir para mim, colocou minha saúde em risco. Tenho que fazer um check-up, para ficar tranquila de que nada me aconteceu. *Por que ele fez isso comigo? Já me fiz essa pergunta várias vezes e a única razão que encontrei, foi que ele nunca conseguirá largar sua vida de “Don Juan”.*

Regressamos à estaca zero — novamente. Minhas noites de sono ao lado do Bryan estavam plenas. Essa noite, consegui pregar os olhos depois das quatro da manhã. Às seis e meia — já estava vestida e saindo para a corrida matinal, e às oito horas, em ponto, estava sentada em minha mesa, no meu escritório. Estou tendo espasmos nos nervos do corpo, ele está reclamando a falta de descanso.

Pelo interfone chamei:

— Rebeca peça, por favor, para à equipe ir

à sala de reuniões? Prepare um café pra mim também, por favor. — *Vou tentar tomar um café e ver se diminui os espasmos do meu corpo.*

Rebeca é à minha assistente e recepciona os clientes, no escritório. Uma loira muito bonita, elegante e inteligente. Dedicada e comprometida com o que faz. Quando a escolhi sabia que se precisasse me representar – ela estaria apta.

Entrei na sala e à equipe estava apreensiva, olhando para mim. Tenho um grupo, recentemente contratado, de sete pessoas, com exceção à Rita que mora em Santos e não pode estar no escritório todos os dias, passam no período da manhã, esperando às coordenadas do dia.

— Bom dia, garotas — cumprimentei-as e sentei na cadeira da ponta da mesa. Rebeca prontamente colocou o café e um notebook à minha frente. Agradei e me aconcheguei na cadeira.

Ouvi um bom dia coletivo.

— Bom pessoal. Convoquei essa reunião para tratarmos de um assunto um pouco chato. Provavelmente precisaremos sair dessa sala. — Respirei fundo. — Eu me desentendi com o Bryan e não me sinto confortável em ficar no imóvel dele. — Dei uma golada no café, com os olhos fechados, evitando encontrar piedade nos olhos que me encaravam.

Bryan me persuadiu a ficar com o lugar. O espaço é da empresa dele e ele se recusa a receber aluguel, fora o fato de ele ter mobiliado com móveis e equipamentos de última geração, sem me cobrar nada.

Terminei de tomar o café, coloquei à xícara em cima da mesa e prossegui:

— Conto com a compreensão e discrição de vocês. Já visitei algumas salas antes de aceitar vir para cá, tem duas delas que estão mobiliadas, talvez ainda não foram alugadas. Assim que eu terminar

aqui, verificarei pessoalmente.

Concordaram, com um aceno de cabeça, e não fizeram nenhuma pergunta – o que me deixou bem feliz.

— Vamos para a programação da semana.
— Mexi no mouse do notebook, retomando minha rotina.

Ficamos em reunião por mais uma hora. Fizemos um levantamento do desempenho da semana anterior e uma programação para a semana em questão. Direcionei-as ao trabalho de campo e consegui sanar todas as dúvidas que surgiram durante a reunião.

Voltei a minha sala para pegar a bolsa e ir às imobiliárias. Estava organizando a mesa e ouvi uma batida na porta.

— Posso entrar? Rebeca perguntou.

— Claro que sim. Sente-se. — Apontei para a cadeira em frente à mesa.

Rebeca sentou-se, esfregou as mãos nas pernas e mordeu o lábio inferior. Parei o que estava fazendo e concentrei-me nela, algo estava perturbando-a.

— Está acontecendo alguma coisa, Rebeca?

— Franzi o cenho, olhando para ela.

— Sabe o que é Beatrice. Eu sei que não é da minha conta, mas estou com dó do rapaz que está lá fora, na porta.

Soltei o ar dos pulmões. Yuri, o segurança que o Bryan contratou para me vigiar, segundo ele, para me proteger. Logo cedo o porteiro do prédio interfonou, avisando que ele estava à minha espera em sua SUV. Nem morta que eu entraria em seu carro.

Yuri veio atrás do meu carro, durante todo o trajeto, seguindo às instruções de seu chefe. Chegando ao prédio, avisei-o de que não o queria dentro da minha sala, que ele não trabalhava para NACIONAIS - ACHERON

mim, se achasse ruim que fosse falar com o chefe dele. *Acho que peguei pesado com o rapaz. Ele não tem culpa, está apenas fazendo o seu trabalho.*

Inclinei meu corpo para frente, apoiando os braços na mesa.

— Ok, Rebeca. Qual é a sua sugestão?

— Desculpe-me Beatrice, não queria te chatear. Só achei que se ele ficasse aqui dentro seria mais confortável. Ele pode sentar-se, usar o banheiro, tomar uma água ou um café. Ele não tem opção de não ficar, então pensei que poderíamos tornar isso mais fácil para ele. Mas se isso te incomodar tudo bem. É apenas uma sugestão — disse e começou a se levantar, receosa.

Fiquei pensativa por uns segundos e respondi:

— Tudo bem, Rebeca. Você tem razão, eu nem sei o porquê não fiz isso. — Balancei a cabeça. — Tss-tss... Acabei descontando a minha

raiva nele. Vou sair, agora, para verificar as salas para alugar e quando voltar peço para que ele fique aqui dentro.

Rebeca agradeceu e levantou-se, antes que ela saísse eu completei:

— Muito obrigada, Rebeca. Por abrir meus olhos. — Ela acenou com a cabeça e saiu da sala.

Assim que entrei na imobiliária fiquei constrangida, pois todos pararam o que estavam fazendo, para acompanhar os meus passos. Dei uma olhada para a minha roupa, para ver se tinha algo errado, porém, estava tudo em ordem. Foi então que me lembrei do que o Bryan me dissera:

“Já se olhou no espelho? Consegue ver o quanto é bonita?”

Olhei em volta e percebi que todos os integrantes do estabelecimento eram do sexo

masculino. Revirei os olhos, balancei a cabeça e continuei a caminhada até a mesa do corretor que havia me atendido da última vez.

— Bom dia, lembra-se de mim? — Estendi a mão ao senhor.

Ele levantou-se, estendendo a mão para me cumprimentar.

— Claro que sim. A senhorita é muito bonita para ser esquecida. — Deu um sorriso, um pouco tímido.

Senti o rosto pegar fogo. Ainda fico com vergonha quando recebo um elogio.

— Que bom que o senhor se lembra. Eu sei que se passaram alguns dias, mas gostaria que verificasse se uma das salas que visitamos ainda está disponível.

— Eu posso verificar, mas adianto que a possibilidade de que a sala esteja disponível é quase nula. Às salas que visitamos são boas e bem
NACIONAIS - ACHERON

localizadas. Quando elas entram no sistema, rapidamente são alugadas. Pode passar-me os detalhes delas?

Fiz o que me pediu e fiquei triste quando o mesmo me comunicou que já haviam sido alugadas. Ele não tinha mais nada disponível que atendesse às minhas necessidades. Agradei sua atenção e fui tentar a sorte em outra imobiliária.

Entrei no carro e avistei a SUV, atrás dele. *Terei que me acostumar com isso, não será uma tarefa fácil. Nunca na vida imaginei que precisaria ter um segurança atrás de mim, vinte e quatro horas.*

A tela da multimídia do carro acendeu e em seguida ouvi o toque do celular nas caixas de som. Olhei para a tela e vi o nome do Ethan.

— Olá garotão, saí mais cedo do que você, nem pudemos tomar café juntos.

— Garotão? Não vem com essa Trice, saiu

mais cedo porque devia estar com uma cara horrorosa e não queria me ouvir falando verdades em sua orelha.

— Hoje é segunda-feira Ethan, eu precisava chegar ao escritório mais cedo. — Suspirei. — Muitas coisas para resolver. Na sexta saí mais cedo, acabei deixando algumas coisas para trás.

— Confesse Beatriz Maltez, você estava fugindo de mim. Ontem nem pudemos conversar.

Bufei e soltei os ombros.

— Ta... Ta... Se eu confessar o que vai mudar? Ligou-me só para me torturar?

— Claro que não. Acha mesmo que vou te torturar? Deixo essa tarefa para o seu noivo, ele é especialista.

— Ex-noivo, Ethan. — Passei o dedo no lugar do anel e senti uma pontada no peito. Já tinha me acostumado com a ideia. Apaixonei-me pelo homem mais complicado de todos. *O que eu temia*

aconteceu, abri a guarda e agora o sofrimento será muito maior. Sabe Deus quanto tempo levará para eu esquecê-lo.

— Tudo bem, Trice. Está me dizendo agora que é ex, ainda não me disse como toda essa loucura aconteceu. Podemos almoçar juntos? Tenho certeza de que não deve ter comido nada desde ontem à noite.

— Combinado Ethan. Vou passar em uma imobiliária e já irei para o restaurante. Lembra-se daquele que fomos da última vez? Pode ser nele?

— Pode sim. Vou me assegurar de que você terá uma refeição decente, depois fica desmaiando e eu que acabo tendo que socorrer. — O tom da sua voz já estava divertido. Fiquei mais aliviada.

Ethan não é meu irmão de sangue, porém, se fossemos não seríamos tão próximos. Ele cuida de mim e eu cuido dele. Apesar de ele pensar um pouco diferente de mim, em algumas coisas – nos
NACIONAIS - ACHERON

relacionamos muito bem –, procuramos respeitar às escolhas do outro.

Estacionei o carro em frente à imobiliária e descí confiante de que conseguiria alugar uma sala, que atendesse às minhas necessidades. Minha confiança foi por água abaixo, depois de alguns minutos. O corretor fez várias pesquisas e não encontrou nada que pudesse me atender. Tudo indicava que teria uma longa empreitada para me distanciar do Bryan.

O restaurante que costumamos almoçar é simples, porém, peculiar. A decoração estilo “Vintage”, a parede da recepção revestida com azulejos antigos, misturando vários modelos. Sofás em toda a extensão das paredes, com mesas de madeiras à frente. As cadeiras da mesma madeira das mesas e os lustres de tecido vermelho, em formato de flor. Ao fundo um espaço reservado

para fotos, no qual se encontra os rostos de várias celebridades. Os quadros têm imagens de carros antigos. O atendimento é de qualidade, nos sentimos confortáveis e estimados.

— Estranhei quando vi seu nome no identificador de chamadas, Ethan. Está sempre tão atarefado no trabalho. O que aconteceu? Caiu o movimento da agência?

Ethan puxou a cadeira e sentou-se, sentei-me em sua frente, no confortável sofá de couro marrom.

— Muito pelo contrário, estamos em pleno final de novembro, abarrotados. As campanhas de natal estão bombando.

— Nossa! Por que não deixou para conversarmos em casa, Ethan? Não quero te atrapalhar. — Acomodei a bolsa ao lado.

Ele balançou a cabeça negando e pegou minha mão, em cima da mesa.

— Você é prioridade na minha vida, lindinha. Preciso saber o que aconteceu, com detalhes, e ter certeza de que você se alimentou corretamente. Senão, perco a concentração.

Encostei a cabeça no sofá, fechei os olhos por uns segundos e respirei fundo. Conteí ao Ethan tudo o que aconteceu, com detalhes. Parei por várias vezes, para tomar a água que havia pedido assim que chegamos. Ele não me interrompeu, contudo, às expressões que foram surgindo em sua face, me diziam claramente o que estava achando.

Terminei de contar, simultaneamente a chegada da nossa refeição, que estava com uma ótima aparência. Nossos primeiros minutos foram dedicados a saborear o divino sabor do alimento que havíamos escolhido.

Após algumas garfadas em sua comida e goladas em sua bebida, Ethan decidiu se pronunciar.

— Trice... — Pegou o guardanapo de seu colo, limpou o canto dos lábios e suspirou. — Eu sei que tenho sido uma pedra no sapato do Bryan, porém, novamente eu terei que defendê-lo.

Parei com o garfo no ar a caminho da boca. Arregalei os olhos e falei:

— O quê? — Voltei à comida que estava no garfo, para o prato, deixei os talheres sobre ele, peguei o guardanapo do colo, limpando o canto da boca. — Ethan, não brinque comigo. Você é a última pessoa que pensei que defenderia o Bryan — ponderei e franzi o cenho, coloquei os cotovelos na mesa e fitei-o.

Ele voltou a pegar minha mão e deu um leve aperto.

— Olha só, Trice. Primeiro, ele nunca te escondeu que saia com várias mulheres. Segundo, você não estava com ele, tinha mandado o cara ir passear. Ele é homem e insaciável, você mesma

NACIONAIS - ACHERON

disse isso. Queria que ele ficasse chorando às mágoas sem sair com ninguém? E terceiro e mais importante, quem disse que o filho é dele? Você não deu a chance do “cara” se explicar, Trice. — Levantou as sobrancelhas e encolheu os ombros, levantando as palmas das mãos para o alto.

— E você não acha que só o fato de ele não se lembrar de que — se usou ou não o preservativo — já não é uma traição? Tudo bem que eu não estava com ele, porém, logo em seguida voltamos, ele tinha obrigação de me alertar. Faríamos um check-up antes de pensar em não usar preservativo. — Soltei o corpo no sofá e senti uma pontada na boca do estômago. *Almoço finalizado!* Meu estômago é o primeiro a reagir às minhas emoções.

— Ok, Beatrice. Você tem razão. E o que pensa em fazer? — Inclinou a cabeça para o lado e estreitou os olhos. — Consegue ficar sem ele?

Encolhi os ombros e respondi:

NACIONAIS - ACHERON

— Não sei Ethan. — O caroço em minha garganta se formou e as lágrimas quentes escorreram em meu rosto. — Estou confusa, com medo. Não estou preparada para amar ninguém. Tentei evitar esse sentimento pelo Bryan, agora me sinto mais vulnerável do que nunca. — Funguei, limpando as lágrimas com as costas da mão.

Ethan empurrou o prato, que estava com a metade da comida, para o meio da mesa. Levantou-se e sentou-se ao meu lado.

— Venha aqui minha lindinha. — Puxou meu corpo para o seu e me abraçou, beijando o topo da minha cabeça.

Encostei meu rosto em seu peito e chorei, com vontade. Em segundos, sua camiseta, cheia de caveiras, estava ensopada. Ele passava as mãos em minhas costas, me confortando e ao meu ouvido dizia baixinho:

— Shiiiiii... Vai passar não se preocupe.

Estarei ao seu lado, sempre.

O almoço com o Ethan me deixou mais leve. Consegui colocar para fora o que segurei por toda à noite. Ethan me entende e sempre diz a verdade, não fica com rodeios. Ele tem razão a respeito do Bryan, mas eu preciso de um tempo, para digerir. Procurarei um psicólogo, deixei passar tempo demais, para tratar dos meus traumas. Entrarei em uma academia e trabalharei mais do que nunca, assim conseguirei preencher o tempo e esquecer o Bryan.

Entrei na garagem do prédio, que fica meu escritório, na Avenida Paulista, e antes dos portões se fecharem avistei, pelo retrovisor, o carro do Bryan entrando logo atrás do meu. Minhas pernas amoleceram na hora, as mãos ficaram escorregadiças de suor e senti o coração disparar.

*Por que meu corpo reage dessa maneira a ele?
Como eu queria ser indiferente.*

Parei o carro na vaga, que fica ao lado da dele, e assim que ele estacionou seu BMW, nossos olhos se cruzaram. A faísca foi instantânea, os olhos verdes e penetrantes dele, continuam me tirando de órbita, mesmo depois de toda a mágoa que ele me causou. *Não sei o que fazer!*

Peguei a bolsa, pendurei no ombro, abri a porta do carro e saí em disparada, em direção ao elevador. *Não posso ter contato com ele, perco completamente o rumo, o foco, fico desnorteada.* Ainda estava pedindo a Deus que o elevador estivesse parado na garagem, quando senti as sinapses passando pelo meu corpo. Bryan pegou em meu braço, com todo o cuidado e virou-me em sua direção. Aproximou-se do meu corpo até ficarmos poucos centímetros de distância. O hálito de hortelã chegou as minhas narinas, junto com seu
NACIONAIS - ACHERON

perfume amadeirado, misturado com cheiro de homem. O toque de suas mãos másculas me causou arrepios pelo corpo.

Bryan que anda sempre impecável estava diferente, os dois primeiros botões da camisa abertos, a gravata frouxa, parte da camisa fora da calça, com as mangas dobradas até os cotovelos e sem paletó. O cabelo bagunçado, demonstrando que havia passado várias vezes às mãos por ele.

Baixei os olhos para os dedos, que seguravam meu braço e disse baixinho:

— Me solte. É pra isso que colocou um segurança atrás de mim vinte e quatro horas, não foi Bryan? Proteção coisa nenhuma!

Os olhos dele encheram-se de lágrimas e devagar me soltou, sem distanciar-se.

— Por favor, vamos conversar minha menina. — Sua voz estava rouca e baixa e sua expressão era de súplica. Passou às mãos pelos

NACIONAIS - ACHERON

cabelos, comprovando o motivo de estar tão bagunçado.

Passei a língua pelos lábios ressecados, abaixei a cabeça e iniciei desenhos, com a ponta do pé, no piso.

— Preciso de espaço, Bryan. Ainda não digeri o que aconteceu.

— “PORRA” DE ESPAÇO DE NOVO, BEATRICE! — gritou. Passando as mãos pela barba, começou a andar em círculos.

Seu grito me assustou, dei um pulo para trás. Sem pensar duas vezes, me virei e continuei a caminhada até o elevador. Apertei o botão e as portas abriram-se. Antes de elas se fecharem Bryan entrou. O elevador estava vazio, meu corpo ainda estava trêmulo, minhas mãos continuavam suando e o coração parecia que a qualquer momento pularia para fora do peito.

Bryan foi chegando com o corpo perto do
NACIONAIS - ACHERON

meu e fui indo para trás, até encostar-me ao espelho do elevador. Ele colocou as palmas das mãos no espelho e agachou-se para ficar com o rosto na altura do meu.

— Eu não posso te dar espaço, Beatrice. O “filho da puta” do Rodrigo virá como um gavião. Eu não sei do que serei capaz se isso acontecer.

— É disso então que tem medo? Não está preocupado com o que estamos sentindo e sim que vai perder sua propriedade? — Empurrei seu peito, com força. — Estou cansada disso tudo, Bryan. Vou procurar um psicólogo e aconselho você a fazer o mesmo. Está com sérios problemas de controle emocional, sem contar que trata as pessoas como se fossem os imóveis da sua empresa.

As portas do elevador abriram-se e várias pessoas ocuparam o mesmo espaço em que estávamos. Senti um alívio tomar conta do meu corpo. Aos poucos fui me recompondo e ao chegar

NACIONAIS - ACHERON

ao 10º andar já estava pronta para afastar o Bryan.

Pedi licença às pessoas e saí em direção ao meu escritório, Bryan veio logo atrás. Chegando às portas de vidro, com letras de aço escovado fixadas, escrito: “Consultoria em Gestão de Negócios – Beatrice Maltez”, parei e encarei-o.

— O que pensa que está fazendo, Bryan?

Ele colocou as mãos no rosto, suspirou e chacoalhou a cabeça. Olhou para mim, com os olhos vermelhos.

— Vamos sentar e conversar como adultos, Beatrice.

— Agora você quer que eu aja como adulta Bryan? — Apontei com o indicador, para o meu peito. — Não acha que está atrasado? Analisa todo o seu comportamento, desde que estamos juntos, e veja se foi de uma pessoa normal. Ou melhor, de um “adulto”. — Fiz um gesto com as mãos, abrindo aspas.

No canto da porta, Yuri estava parado, como um poste, olhando para o vazio. Sua postura não alterou em nada, mesmo diante da discussão que ocorria debaixo dos seus olhos.

— E o que quer que eu faça Beatrice? Que eu desista? Que suma da sua vida? “PORRA”! — Colocou as mãos na cintura e mordeu o lábio inferior.

— Nesse momento, Bryan. Eu só quero trabalhar, mais nada. Acredito que você também precise da mesma coisa.

Bryan caminhou até mim, encostou o corpo ao meu e pegou meu rosto com as duas mãos. *Não... Não... Não vou ceder tão fácil assim. Precisamos de uma relação saudável.*

Encostou os lábios quentes aos meus. Passou a língua no meu lábio inferior, com os olhos fechados. Não facilitei o acesso, permaneci com a boca cerrada e os olhos abertos. Quando ele

NACIONAIS - ACHERON

começou a passar a barba pelo meu rosto e pescoço, na tentativa de me desarmar, minhas pernas amoleceram. *É agora que preciso tomar uma atitude, se continuarmos dessa maneira estaremos fadados ao fracasso.*

— Tulipas! — pronunciei a palavra de segurança. Precisava parar ele e mostrar que tinha chegado ao meu limite. Quase não consegui manter os olhos abertos, tamanha era a dor que estava sentindo no meu peito, por ter que afastá-lo.

Ele tirou as mãos de mim e foi dando alguns passos para trás, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Capítulo 03 – O Resultado

OS DIAS ESTÃO SOBREVINDO e eu não consigo pensar em uma maneira de ter a Beatrice de volta. *Maldita à hora em que cedi e “comi” novamente aquela “vaca” da Felícia.* Às horas demoram muito mais a passar, estou tendo sérios problemas de concentração. Algo muito grave está acontecendo, em baixo do meu nariz, na minha empresa e meu cérebro travou. *Preciso encontrar uma saída.*

Fui obrigado a me afastar dela, não poderia quebrar uma regra que eu mesmo criei. Quando ela pronunciou a palavra de segurança, meu coração parou. *A que ponto o relacionamento chegou. Realmente eu a machuquei – profundamente.*

Perdi o apetite e a vontade de sair de casa. Vários dias fiz minha assistente ir até o meu “Home Office”. Carol, minha assistente, tem sido meu

braço direito. Discreta, mesmo assistindo de camarote a tudo o que vem acontecendo comigo, não faz perguntas, apenas cumpre com as suas obrigações.

Estou parecendo um lunático, seguindo os passos da minha menina. Desde o momento em que coloca os pés para fora do apartamento, Yuri segue a Beatrice e me informa. Todos os dias ele me envia fotos e vejo quanto mal fiz a ela. Está dia a dia mais magra, não faz nada além do que trabalhar. As únicas mudanças em sua rotina são às idas à terapia.

Peguei os documentos, que estavam em cima da mesa, e comecei a analisá-los. Carol tinha descoberto muitas coisas erradas e eu precisava saber quem era o responsável. Todos os indícios levavam até ao Nestor. Não queria acreditar na possibilidade. *Estamos tantos anos juntos.* Ficaria decepcionado se confirmassem às suspeitas.

Ajeitei-me na cadeira, cocei a barba e perguntei à minha assistente, sentada à minha frente:

— Quantos fornecedores ainda faltam para entrar em contato, Carol?

— Deixamos os mais suspeitos por último, Sr. Bryan.

Suspirei e fiquei alguns segundos de olhos fechados, criando coragem para continuar.

— Melhor continuarmos depois do almoço, Sr. Bryan.

Carol percebeu que eu não estava mais em condições de dar continuidade ao que estávamos fazendo. O telefone tocou e ela prontamente atendeu:

— Sala do Sr. Bryan, Carol falando. —
Aguardou uns instantes e apertou o botão de mudo — do aparelho.

— Sr. Bryan, é o Sr. Otávio, advogado.

Pode atendê-lo? — Confirmei, com um aceno e liberei-a para o almoço.

— Fala aí Otávio, manda uma notícia boa, por favor!

— “Cara”, estou começando a ficar preocupado, dessa vez a coisa é séria mesmo, hein! Quantos dias? Você está cada dia pior, “meu”! — Bufei.

— Você pode mudar essa situação, é só me dizer que não sou o pai daquela criança.

— Sabe que não tenho esse poder. Não podemos obrigá-la a fazer o exame de DNA, porém, o que posso dizer é que o resultado do check-up que você fez está pronto. Pelo menos poderá saber se está saudável — arrazoou Otávio, com uma voz divertida, tentando mudar meu humor.

— Está me dizendo que não conseguiu nada que faça a Felícia passar pelo exame?

— Nada Bryan, eu disse a você que é praticamente impossível. Ela tem o direito de só fazer o exame quando a criança nascer. Não tem nada que possamos fazer.

Dei um murro na mesa.

— “PORRA” Otávio! Como eu vou esperar sete meses para ter a Beatrice de volta?

— Bryan, não adianta gritar na minha orelha. Foi você, “cara”, quem criou essa situação. Se for isso que está impedindo que a garota volte pra você, está “fodido”! E se esperar todo esse tempo e a criança for sua? Melhor partir para outra.

Ele não tem noção da “merda” que está dizendo.

— Otávio, melhor não repetir essa “merda”. Perdeu a noção do perigo?

— Ok, Bryan. Liguei para dizer que estou com o resultado dos exames em mãos. Quer que eu

NACIONAIS - ACHERON

leve pessoalmente, ou posso pedir para entregá-lo?

— Peça pra alguém entregar, Otávio.

— “Falô cara”. Um conselho... Vá se exercitar e descarregar suas energias, pois vai explodir, se continuar assim. Até mais.

Faz dias que venho tentando falar com a Felícia novamente e não consigo. A ligação só cai na caixa postal. Depois do dia em que nos encontramos no shopping, que ela saiu correndo chorando, dizendo o nome de Alicia, minha cabeça virou uma bagunça. Preciso encontrar qual a ligação da Alicia com a gravidez de Felícia. Não posso chamá-la em minha sala. Primeiro, ela não confessaria nada. Segundo, me descontrolaria novamente, dando vexame na frente da minha equipe.

Nestor poderia ser um meio de eu descobrir, porém o mesmo está arredio comigo, desconfia que

eu esteja fuçando na área dele. Preocupo-me com a Carol, estou expondo-a, mas não tenho alternativa. Às descobertas que fizemos são preocupantes. Estevão estava certo, estou sendo passado para trás. Todavia, é um longo caminho a percorrer, até que eu tenha todas as provas em mãos.

O relógio da tela do computador marcava treze horas e meu estômago não dava sinal de fome. *Devo ter emagrecido uns três quilos nestes últimos dias.* Peguei o celular no bolso da calça e apertei o botão, imediatamente surgiu à imagem da Beatrice. Todos os dias atualizo a imagem de fundo dele, com uma nova foto da minha menina. *Nunca na vida eu sonhei que teria um comportamento imaturo desses.* Enquanto passava pela coleção de fotos da Beatrice, o celular vibrou, com o rosto da Gaby – minha irmã.

— Oi Gaby — atendi, desanimado. Esperava que não fosse mais uma da Karin.

— Olá Bryan, vejo que não melhorou. Não conseguiu se acertar com a Beatrice ainda?

— É tudo o que mais quero Gaby, pode apostar. Mas, não encontro uma maneira, estou “fodido”... Não... Completamente “fodido”.

Ela respirou fundo e, mesmo sem a ver, tenho certeza de que estava balançando a cabeça. Minha irmã é mais sensata do que eu. Sempre me apoiou e me compreendeu, acompanhou todo o meu sofrimento com a Alicia. Faz de tudo para me ajudar.

— Bryan... Escuta... Tentou sentar e conversar com ela?

Soltei uma risada irônica.

— Está de brincadeira comigo, Gaby? O que acha que venho tentando fazer? Ela se fechou completamente, não me deixa nem me aproximar. Se eu chegar perto vai espanar. Não sei o que fazer, creio que vou enlouquecer.

— Bom... — Suspirou. — Precisamos conversar sobre a ceia de Natal. Mamãe e papai não abrem mão de estarmos todos juntos, você sabe disso, não é?

Natal! Como pude esquecer-me disso? É uma oportunidade de amolecer a Beatrice. Garanto que ela adoraria estar conosco. Tantos anos afastada da sua família, seus últimos natais devem ter sido somente entre ela e o Pietro.

— Gaby... Você salvou meu dia... Muito obrigado maninha.

— O que foi que eu fiz Bryan? Não estou entendendo nada.

— Pode me ajudar a convencer a Beatrice passar o Natal conosco? — perguntei todo animado. *Uma luz no final do túnel. Obrigado Senhor!*

— Bryan... Que ótima ideia, claro que ajudo. Deixa comigo. Não se esqueça, temos
NACIONAIS - ACHERON

poucos dias para preparar tudo. Beijos.

Nem acredito, uma ligação mudou tudo no meu dia. Conseguirei almoçar. Levantei-me, peguei o paletó nas costas da cadeira e vesti-o. Apanhei as chaves do carro e a carteira em cima da mesa, caminhei em direção ao elevador. Meu coração saltitava no meu peito. Terei minha menina de volta.

O elevador estava com poucas pessoas, era um horário onde à maioria das pessoas estava fora, almoçando. Estava distraído, com meu celular, verificando os clientes que precisava visitar, quando paramos no 10º andar. Meu coração disparou na hora. *Será que minha sorte está mudando? Não acredito que terei a chance de ficar ao lado da mulher da minha vida. Quem sabe consiga tocá-la. Sentir seu cheiro e melhor... Seu gosto.*

Minha euforia durou pouquíssimo tempo,

no momento em que às portas se abriram, precisei encontrar forças do fundo da minha alma, para não voar no pescoço do “filho da puta”.

Beatrice arregalou os olhos — quando cruzou com os meus. Segurou o braço do Rodrigo, para que não entrasse. Rita, que trabalha com ela, entrou distraída e no instante em que me viu, voltou. Às pessoas que estavam no elevador ficaram sem entender nada, um rapaz não se conteve e perguntou:

— Vocês vão entrar ou não? Estou atrasado.

— Podem entrar, não vou fazer nada. Eu ainda sou Bryan Soutto, um empresário bem-sucedido de São Paulo. Não vou estragar minha reputação por pouca coisa — disse, com desdém. *Controle-se Bryan! Você precisa passar segurança à Beatrice.*

Os três entraram e o silêncio que se instalou foi assustador. Todos ficaram apreensivos, o trajeto

NACIONAIS - ACHERON

de dez andares pareceu de quarenta. *Preciso fazer alguma coisa. Não posso entregar minha menina, de mão beijada, para esse “cretino”.*

Aproximei-me lentamente por trás da Beatrice, sem chamar atenção. Quando estava a poucos centímetros, sussurrei ao seu ouvido:

— Preciso dar duas palavrinhas com você. Por favor, pode me conceder um minuto do seu tempo?

Ela se encolheu e vi os pelos do seu pescoço se arrepiar. *Eu ainda mexo com ela.* Virou o rosto para mim e assim que os nossos olhos se cruzaram foi como se tivessem riscado um palito de fósforo. Às faíscas tomaram conta do nosso corpo. O que eu mais queria, naquele momento, era pegá-la pela cintura, encostar seu corpo ao meu e beijá-la... Passar a língua naqueles lábios carnudos e me deliciar com o sabor que me embriaga.

As portas abriram-se e todos começaram a
NACIONAIS - ACHERON

descer no térreo. Continuávamos hipnotizados, um pelo outro, sem sair do lugar. Às pessoas passavam, nos empurrando, e mesmo assim nossos pés permaneciam estáticos. Rodrigo pegou no braço dela e disse:

— Vamos Beatrice.

Levantei os olhos na direção dele, cerrei os dentes e punhos, buscando um controle fora do normal. *Ele tem sorte, já que preciso muito me aproximar da Beatrice, que se eu fizer uma cena acabarei com qualquer chance de ela me ouvir.*

— Podem me esperar um minuto, por favor? — indicou Beatrice ao Rodrigo e a Rita.

Senti um alívio indescritível. *Ela vai me ouvir. Ufa!* Afastamo-nos até uma área reservada da recepção. Ela arrumou a postura, empinou o nariz perfeito, cruzou os braços no peito e olhando para mim disse:

— Espero que seja algo muito importante

que tenha pra me dizer, Bryan. Está interrompendo um almoço de negócios. Você sabe o quanto o Rodrigo é importante para a minha empresa.

Passei as mãos pelos cabelos e comecei a mastigar os lábios. Observei Beatrice por uns minutos, antes de continuar. Estava mais linda do que da última foto que tinha recebido. Sempre elegante, com seus habituais terninhos, sapatos altos, cabelos e unhas impecáveis. — Respirei fundo.

— Beatrice... Eu quero te fazer um convite. É muito importante pra mim que aceite, sendo assim, não responda agora. Pense, com muito carinho.

Ela descruzou os braços, levantou as sobrancelhas, com uma expressão de espanto. Não esperava por isso, tenho certeza de que achou que eu fosse brigar por causa do Rodrigo. *Não que essa não fosse minha vontade*, porém, não naquele

NACIONAIS - ACHERON

momento. *Mas não esquecerei o sapo enorme que tive que engolir.*

— Convite? Sérico Bryan? Não estou te reconhecendo. O que aconteceu? Não vai soltar seu repertório de palavrões? — Inclinou a cabeça para o lado e levantou o canto de seus lábios, com um sorriso tímido.

Abri um sorriso sarcástico.

— Está na ponta da língua, quer ouvi-los?

Ela balançou a cabeça, negando e franziu o cenho.

— Vamos Bryan, faça logo seu convite. — Fez um gesto para eu continuar.

— Todos os anos meus pais fazem questão de reunir a família e alguns amigos íntimos para a ceia de Natal. A Gaby me ligou dizendo que eles não aceitam a minha presença sem a sua. Como sei que não vai querer passar o Natal com a sua família, deduzi que não se importe de passar com a

NACIONAIS - ACHERON

minha. Pode levar o Ethan, caso ele queira. — Encolhi os ombros e fiquei olhando nos olhos dela, esperando sua reação.

Beatrice paralisou com minhas palavras, os olhos encheram-se de lágrimas. Foi ficando pálida e os joelhos dobraram-se. Corri para pegá-la. No momento em que a toquei, seu corpo desmanchou-se em meus braços. A bolsa caiu no chão, à pele suave frio. Às mãos ficaram uma pedra de gelo. *Como pode uma pessoa desmaiar com tanta facilidade? Vou acompanhá-la na terapia, isso não é normal. O que foi que eu disse? Será que é fome?*

Sentei-me, com ela em meus braços, no sofá da recepção e olhei em volta, procurando socorro. Em questão de segundos, o “filho da puta” do Rodrigo estava ajoelhado na minha frente, tocando na minha menina. *Já aguentei demais esse “idiota”.*

— Tire essa “merda” de mão de cima dela,
NACIONAIS - ACHERON

seu “filho da puta”! Está sempre “fodendo” com a minha vida! Suma daqui, Rodrigo.

— Que “porra” você fez para ela, Bryan? — gritou, ainda de joelhos.

— “Cara”... Suma da minha frente! Eu juro que vou colocar a Beatrice nesse sofá e socar sua “fuça”. — Meus nervos pulavam, todo o controle foi por água abaixo. *Se alguém não tirar esse “desgraçado” da minha frente vou acabar com a cara dele. Estou “cagando” e andando para minha reputação. “FILHO DA PUTA”!*

Rita e Yuri aproximaram-se, acompanhados de uma enfermeira, com uma caixa de primeiros socorros em mãos. Percebendo meu estado e a quantidade de pessoas que estavam assistindo, Yuri pediu para o Rodrigo afastar-se. Ele foi inteligente e ficou observando, encostado em uma pilastra.

Como das outras vezes, não demorou muito para a Beatrice retornar. Abriu os olhos e ficou com

NACIONAIS - ACHERON

eles miúdo, por causa da luz. Olhou em volta, sem saber onde estava e o que estava acontecendo. Quando se deu conta do que tinha acontecido, tentou levantar-se, rapidamente. Segurei em seus ombros.

— Calma minha menina. Estou aqui... —
Abracei-a, colocando seu rosto em meu peito. As lágrimas molhavam minha camisa e os soluços eram abafados.

Olhei para o Yuri e o mesmo entendeu o que precisava ser feito. Pediu para que às pessoas se afastassem.

Rita agradeceu à enfermeira dispensando-a.

— Rita, consegue atender o Rodrigo, sozinha? Vou cuidar da Beatrice.

Contra a vontade, Rodrigo acompanhou a Rita para fora do prédio. Levantei-me, com a Beatrice no colo, e caminhei de volta para o elevador. *Preciso tirá-la daqui. Deve estar*

morrendo de vergonha.

Passei como um tiro pela recepção da minha empresa. Todos pararam o que estavam fazendo e concentraram-se em mim, enquanto cruzava os corredores – com a Beatrice entrelaçada em meu pescoço –, escondendo o rosto. Fechei à cara e rapidamente voltaram aos seus afazeres. Entrei na minha sala, tranquei a porta e acionei o botão, fechando as persianas. Sentei-me no sofá, sem tirá-la do colo.

Tudo o que mais quero na vida é cuidar dela. Não posso deixá-la, muito tempo – sozinha –, é muito frágil. Quando está comigo sinto-me seguro, no controle.

Abracei-a mais forte, encostei os lábios no topo de sua cabeça, fechei os olhos e absorvi todo o cheiro maravilhoso de seus cabelos. *Não acredito que ela esteja aqui, na minha sala, em meus*

braços. Eu amo essa mulher, preciso fazê-la entender isso.

Ficamos calados por um longo tempo. Aos poucos Beatrice foi acalmando-se. Levantou o rosto e fitou-me. Com o polegar, limpei as lágrimas de seu rosto. Fiquei admirando sua beleza, passei o indicador por todo o seu rosto. Declinei o rosto em direção ao dela, fechei os olhos, encostei os lábios aos seus e aguardei a reação dela.

— Eu te amo, Bryan — disse, com os lábios grudados aos meus.

Meu coração disparou. *Ela disse que me ama? Eu ouvi direito?*

— Mas... Não consigo confiar em você. Não estou sabendo lidar com esse impasse. — Cerrou os olhos e mordeu o lábio inferior. Mais lágrimas...

— O que eu preciso fazer para você confiar em mim? Ajude-me. Eu te amo mais do que tudo

NACIONAIS - ACHERON

nessa vida, Beatrice. Não tenho mais razão de viver sem você.

Ela sentou-se em meu colo, limpou as lágrimas, com as costas da mão, olhou dentro dos meus olhos e respondeu:

— Preciso de mais tempo, Bryan. Prometo que pensarei com carinho no seu convite. — Levantou-se, procurando a bolsa. Pegou-a e caminhou até a porta. Antes de destrancá-la, virou-se e disse, com os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada:

— Estou morrendo aos poucos, longe de você, porém, ainda não digeri o que aconteceu. — Abriu a porta e foi embora.

Encostei a cabeça no sofá, coloquei o braço no rosto e perdi a conta do tempo que fiquei ali, com meus pensamentos. Se pudesse voltar atrás eu jamais cederia à Felícia.

Escutei uma batida na porta e uma pessoa

NACIONAIS - ACHERON

entrando.

— Sr. Bryan, desculpe-me entrar, mas estou chamando e o senhor não responde, fiquei preocupada. — Carol parou em minha frente, com a testa franzida.

— Está tudo bem Carol. — Respirei fundo.
— Vamos continuar o que estávamos fazendo, amanhã, hoje não tenho cabeça.

— Tudo bem, na verdade vim entregar um envelope que o “Motoboy” trouxe, enviado pelo Sr. Otávio. Deixo em sua mesa?

— Por favor, Carol. — Eu continuava na mesma posição.

— Precisa de alguma coisa? Quer que eu peça algo para o senhor comer?

Balancei a cabeça, negando. Ela saiu e fechou a porta. Voltei a ficar sozinho, com meus pensamentos, buscando uma saída para a “merda” que tinha feito.

Olhei o envelope na mesa, sem coragem de abri-lo. Só faltava a Felícia ter me passado uma doença e eu ter passado à Beatrice. Aí estaria tudo acabado, com a toda a certeza. *Como eu pude ser tão estúpido? Que “CARALHO”... Não consigo lembrar-me “PORRA” nenhuma daquela fatídica noite!*

Criei coragem, levantei-me e caminhei até a mesa. Sentei na beirada dela, peguei o envelope e o abri. Comecei a ler o resultado dos exames. *Ô negócio chato de ler, tem que olhar o valor de referência e comparar com o seu. Por que não colocam logo: INFECTADO ou LIMPO?*

Analisei todos os exames, com cuidado, estavam indicando um resultado favorável, somente um, que o resultado estava muito diferente dos valores de referência. Não consegui entendê-lo, *vou ter que consultar o “Dr. Google”.*

Digitei os dados do papel na página do
NACIONAIS - ACHERON

“Google”, fiquei mais confuso ainda. *Também pudera Bryan, médico pra quê?* Depois de clicar em vários links e ler várias páginas, consegui entender que “Espermograma”, era para saber se era estéril ou não. Peguei o papel novamente e voltei a analisar o resultado, com mais atenção. Conforme fui me aprofundando no resultado, com a ajuda do “Google”, fui ficando tenso. *Será que é isso o que estou entendendo?*

Não é possível que eu tenha passado anos da minha vida me punindo, por ter engravidado a Alicia, e estou há dias tentando reconquistar a mulher da minha vida, por causa de outro suposto filho, sendo que sou ESTERIL! *Não pode ser! Eu nunca poderei ter um filho? E se for o sonho da Beatrice? Não... Isso não!*

Peguei o celular e busquei nos contatos o nome do meu médico. Tremia enquanto discava, não sabia se de fraqueza ou nervosismo.

— Bryan, a que devo a honra? — Dr. Ernesto atendeu com uma voz de espanto.

— Tudo bem Ernesto? Preciso muito da sua ajuda, estou com um exame em mãos e antes que eu pire, gostaria que analisasse pra mim. Já adianto que tem que ser agora, senão vou começar a arrancar os cabelos.

— Me deixa ver se entendi: você raramente vem ao meu consultório e quando me liga quer uma consulta por telefone? Se todos os meus pacientes fossem como você Bryan, eu morreria de fome. — Começou a rir.

— Se dinheiro é o problema é só me dizer quanto que faço a transferência, agora! — Senti uma pontada na cabeça – a falta de alimento e o estresse dos últimos dias – estavam cobrando o preço.

— Você é engraçado, Bryan. Sabe que dinheiro não é o problema, “cara”. Só fico
NACIONAIS - ACHERON

preocupado com você, nunca tem tempo para cuidar da sua saúde.

— Então ficará feliz em saber que acabei de fazer um check-up. Estou novinho em folha, com tudo no lugar. Somente um exame que preciso da sua confirmação. Vou te enviar uma foto, não vou desligar, recebe aí e já me diz qual o resultado. — Enviei a foto e aguardei, andando pela sala, passando as mãos no cabelo e detonando os lábios.

Depois de alguns minutos, que para mim parecera intermináveis, Ernesto me chamou:

— Bryan... — Respirou fundo. — Você nunca havia feito um “Espermograma”?

— Não que eu me lembre — respondi, aflito.

— “Cara”, espero que não queira ter filho. Você é estéril.

“Caralho”! Eu nem sei o que pensar. Devo

ficar feliz por saber que o filho da Felícia não é meu? Devo me preocupar por não poder ter um filho? E a Beatrice, como vai reagir a essa notícia? “Porra... Porra... Porra”... Estou cada vez mais “fodido”!

Capítulo 04 – Protetor

— ENTÃO SR. ETHAN, ESTÁ ME DIZENDO que quando chegou perto da vítima ela já estava morta? — perguntou o detetive.

— Sim, eu estava no salão principal, junto com os demais convidados. Saí correndo – quando ouvi os tiros – a primeira pessoa que procurei foi minha irmã, Beatrice... E...

— Permita-me interromper Sr. Ethan, ela não é sua irmã, correto? — Franziu a testa.

— O que está insinuando? Já disse que é como se fosse, tanto ela como a Polyana — proferiu taciturno.

— Sr. Ethan, preciso levar em consideração todos os pontos, segundo algumas testemunhas – seu relacionamento com a vítima e com o Sr. Bryan –, nunca foi dos melhores. Tem ciúme de suas supostas irmãs? — Abriu aspas, com os dedos.

Ethan abriu um sorriso irônico, arqueou as sobrancelhas e respondeu:

— O que o senhor faria se as suas duas irmãs arrumassem trogloditas para se apaixonarem? O mínimo que posso fazer é cuidar – para que eles não as machuquem. — Baixou os olhos e ficou batendo os dedos no tampo da mesa.

— Confirma então, que tinha motivos suficientes, para machucar os dois? — Tragou o cigarro.

A paciência de Ethan estava por um triz. Ele levantou-se, ajeitou a roupa e respondeu:

— Era só isso? Vejo que já tem uma opinião formada sobre mim. Não vou ficar perdendo meu tempo aqui, tempo é dinheiro. Desde que ocorreu o acidente que venho contribuindo com as investigações, entretanto, de agora em diante – só me procure se tiver alguma prova – contundente, que aponte para mim. Voltarei, com o meu

advogado. Passar bem. — Virou as costas e saiu.

Ademir, o detetive responsável pelo assassinato, continuou encostado na cadeira, fumando. Enquanto soltava fumaça, em círculos, pensava: *“Nesse mato tem coelho. Esse caso vai me dar mais trabalho do que eu imaginava. O “cara” foi atacado pela vítima, tem motivo mais do que suficiente para querer ver “o cara” morto”*.

Toc-Toc-Toc... — Posso entrar? — perguntou o delegado.

Ademir fez um gesto para que ele se acomodasse.

— Como anda a investigação? — perguntou abrindo o paletó e sentando-se.

— Está “foda”... Já interroguei vários convidados, inclusive, tive dificuldade com algumas celebridades, pensa nuns advogados arrogantes... “Caralho” vai levar um bom tempo para descobrir o que aconteceu. Contudo, não

desisto nunca. Pode ter absoluta certeza de que vou chegar ao culpado. — Tirou o pé do joelho e projetou o corpo para frente.

— Andei conversando com alguns amigos, o tal de Scott era um tremendo “filho da puta”. Acredito que tenham muitas pessoas que queriam matar “o cara”. E para ajudar, à família dele é uma das mais influentes de São Paulo, o que só vai complicar, vão ficar pressionando — disse o delegado.

Ademir apoiou os cotovelos na mesa, entrelaçou os dedos, apoiando o queixo.

— Não me chamo Ademir se não conseguir desvendar esse crime.

Capítulo 05 – O Convite

— ETHAN, PODE ME AJUDAR COM MEU CABELO?

Nos últimos dias temos conseguido conciliar os nossos horários, para podermos – ao menos – tomar o café da manhã, juntos. Não vem sendo fácil para eu ficar longe do Bryan e meu irmão tem sido o meu amparo.

— Venha aqui, senta que vou prendê-lo pra você. Está tão abatida, Trice. Voltou a “zumbizar” durante a noite e não come quase nada. Se continuar assim vou ter que me meter nessa história. — Ethan olhou pra mim, carrancudo, através do espelho, enquanto penteava meus cabelos.

— Ethan, o que eu posso fazer? Não tenho fome e nem sono. — Encolhi os ombros e revirei os olhos.

Ethan virou-me, agachou-se e pegou nos meus ombros.

— Olha pra mim, Beatrice Maltez. — Levantou meu queixo com o indicador. — Estou falando sério, garota. Não aguento mais te ver nessa situação. Você só pode ser masoquista. Não é possível! — Soltou meus ombros e saiu andando, balançando a cabeça.

Faz dez dias que corri do restaurante, deixando Bryan e sua família — atônitos — com o exame de gravidez que Felícia, ex-noiva do Rodrigo, jogou em cima da mesa. Desde então venho tentando tocar a vida — sem o Bryan. Ele surgiu na minha vida num momento em que eu estava atordoada, carente e vulnerável, com a perda do Pietro. Em pouco tempo ele conseguiu mudar tudo, passou a tomar todas as decisões por mim, sem permissão. Tivemos um curto relacionamento, porém, intenso. Antes do Bryan, eu não tinha

NACIONAIS - ACHERON

planos de voltar à capital, minha rotina era toda em Santos. *Agora estou aqui, mudei tudo, ou melhor, ele mudou tudo.*

Depois de tantos anos sofrendo, com meus medos e traumas, achei que ao lado do Bryan estaria segura e não precisaria buscar ajuda profissional. Infelizmente, o que aconteceu foi o oposto. As sensações, que tanto evitei, se intensificaram ao lado dele. O grau da minha ansiedade se elevou a ponto do meu corpo se entregar. Não sei contar quantas vezes desmaiei. Fui duas vezes à terapia, contudo, fora só o suficiente para me apresentar e contar, superficialmente, a minha história à Doutora Perci. Após o expediente, terei outra sessão, espero conseguir expor a ela o que tenho sentido com tanta frequência. Meu desejo é que me ajude a enfrentar os problemas, sem que o meu corpo desabe. Principalmente, que eu consiga ficar com o Bryan.

NACIONAIS - ACHERON

Será que ele ainda me quer?

A última vez que eu o vi, ele veio até mim, com a mesma intensidade de sempre, percebi que não poderíamos continuar, chegara ao limite. Quando usei a palavra de segurança não achei que ele ficaria tão assustado. Após esse dia, nunca mais o vi. Ao invés de ficar feliz, por estar tendo o espaço que pedia, estou DESESPERADA! *Como posso saber se ele vai me esperar? Que seu amor por mim não vai esfriar?*

O que aconteceu foi muito grave. Mesmo todos me dizendo que sou exagerada, mexeu demais comigo. Depositei minha confiança no Bryan e ele a quebrou. Fiquei preocupada com a minha saúde, na mesma semana procurei meu médico e fiz um check-up. Graças a Deus está tudo em ordem.

— Trice... — chamou Ethan, da cozinha. Calcei os sapatos, peguei a bolsa e caminhei ao
NACIONAIS - ACHERON

encontro dele.

Sentei-me no banco, em frente ao balcão e coloquei a bolsa no banco ao lado. Ethan esticou o braço, me entregando uma xícara de café, fumegante.

— Hoje, você não sai daqui sem comer um pão inteiro.

— Argh! — Fiz uma careta.

— E nem adianta fazer cara feia para mim — que não me assusta — garota. — Pegou o pão francês, abriu-o e passou patê de atum. Ele sabe que eu adoro, mas só de olhar meu estômago revirou.

— Pegue, vamos! — Entregou-me o pão, sentou-se, colocando os cotovelos no balcão e fitou-me, com o cenho franzido.

Enquanto tomávamos o café da manhã, resolvi tocar num assunto que vinha tentando, há dias.

— Ethan, não tenho visto mais o Andrey. Não estão mais juntos? — Dei uma mordida no pão e tomei um gole de café, na tentativa de empurrá-lo goela abaixo.

Ele parou um pouco, baixou os olhos e ficou mexendo nos farelos de pão, que caíram na toalha.

— Ele está namorando. — Puxou o ar dos pulmões e ao levantar os olhos, enxerguei tristeza.

Peguei sua mão sobre a toalha e dei um leve apertão.

— O que foi Ethan? Você mesmo me chamou de careta, quando eu disse que poderia dar errado, que ficaria um “climão”. Falou com todas as letras que estava apenas se divertindo. Que cara é essa agora? Você se apaixonou? — Levantei as sobrancelhas.

Ele balançou a cabeça, suspirou e fechou os olhos. Começou a massagear as têmporas, com os

NACIONAIS - ACHERON

polegares.

— Eu não sei o que aconteceu comigo, Trice. Nunca me amarrei a ninguém. Agora o “cara” nem olha na minha cara. Vou ter que partir para outro, mas não estou conseguindo. Me “fodi” legal!

— Nem sei o que te dizer Ethan. Estou tão “ferrada” quanto você. Não consigo tirar o Bryan da minha cabeça. — Assim que toquei no nome do Bryan, senti uma pontada na boca do estômago. Empurrei a metade do pão para o meio do balcão e tomei o restante do café.

— Pode comer tudo – Dona Beatrice. Não vou deixar você sair daqui. E só para constar, você é quem largou o Bryan. — Pegou o pão e colocou na minha mão. Fez um gesto, com a cabeça, para que eu terminasse de comer.

— Não consigo Ethan. E já que você tocou no assunto do Bryan, o que queria que eu fizesse?

NACIONAIS - ACHERON

Deixasse pra lá? — Empurrei de volta o pão, para o meio do balcão.

— Larga de ser teimosa, garota. Já não fez um check-up e está tudo bem? Vai ficar aí se torturando? — Levantou-se e começou a guardar os itens que tínhamos usado – na geladeira.

Levantei-me acompanhando-o na arrumação.

— Pra você parece tudo muito simples, Ethan. E o que eu vou fazer com um filho na bagagem? Já pensou que nunca poderei dar um filho a ele? O que acha que vai acontecer? Está óbvio que à hora que ele souber disso vai se apegar ao máximo a essa criança. Não estou preparada pra isso, Ethan. — Meu corpo reagiu na mesma hora. Precisei sentar-me novamente, movida pela tontura e náuseas que senti.

Ethan percebendo, fechou a tampa da lava-louças e veio até mim, com a testa cheia de linhas

NACIONAIS - ACHERON

de preocupação.

— Calma Trice, quando volta à terapia? Precisa aprender a controlar suas emoções. Olha a situação que fica. Suas mãos estão congeladas e toda a cor de seu rosto sumiu. — Me abraçou, colocando meu rosto em seu peito. Ficou passando a mão nas minhas costas, por alguns minutos. — Precisamos trabalhar. — Levantou meu rosto em direção ao seu. — Podemos ir?

Suspirei e concordei, com a cabeça.

— Vou conversar com a Dra. Perci, hoje. Espero que ela consiga me ajudar — tranquilizei-o.

— Tenho certeza que sim, lindinha. Ela foi muito bem recomendada. — Beijou a ponta do meu nariz.

— Bom dia Yuri! Pode me dar uma carona? Precisei deixar meu carro na revisão.

Yuri vem sendo ótimo em sua função, não me deixa sozinha um minuto sequer. Eu sei que é um pouco de exagero do Bryan, porém não posso negar, me sinto mais segura. De qualquer maneira, não darei o gostinho, ao Bryan, de aceitar a andar para todos os lados com chofer. *Hoje não tive escolha.*

Assim que chegamos, Rebeca abriu um sorriso, nos cumprimentado. Desde o dia em que conversou comigo, Yuri permanece na recepção. Rebeca trata-o muito bem, como faz com todos.

Passando pela “Sala Operacional”, avistei Rita com as demais pessoas da equipe. Ela mora em Santos, portanto, fica impossibilitada de estar ali todos os dias. O dia que consegue, temos que aproveitar e traçar às estratégias possíveis.

— Bom dia garotas. Preparadas para mais um dia de trabalho? — Me cumprimentaram,

simultaneamente, concordando com a cabeça.

Quando chego ao meu escritório procuro deixar, para fora da porta, todos os meus problemas. Gosto muito do que faço, meu trabalho é o meu refúgio. Afogo-me nas atividades e esqueço-me do resto.

Fui até a minha sala, coloquei a bolsa no móvel ao lado da mesa e me sentei na confortável cadeira que o Bryan comprou. *Preciso resolver essa questão. Não posso ficar aqui sem pagá-lo – e – não encontrei nenhuma sala para mudarmos.*

Estava lendo os e-mails quando meu celular começou a vibrar, em cima da mesa. Dei uma olhada e fiquei tensa. *Venho evitando falar com ele, se souber do meu rompimento com o Bryan, vai avançar o sinal.*

— Bom dia Rodrigo. Tudo bem com você?
— cumprimentei-o sorridente, para que não percebesse o meu estado deplorável.

— Oi gatinha. Quanto tempo... É impressão minha ou está me evitando?

— Impressão sua Rodrigo. Eu jamais faria isso, você é cliente “Vip”. — Dei uma risadinha boba.

— Vou fingir que acredito, pensa que eu não sei o que está acontecendo? Lembre-se de que a Felícia foi minha noiva. Como você está?

Arrumei a postura na cadeira, limpei a garganta e procurei manter a calma, sem que o meu corpo reagisse de forma negativa.

— Estou bem Rodrigo. Gostaria de não tocar nesse assunto. Podemos nos ater ao âmbito profissional?

— Como quiser garota linda. Não quero te incomodar. Entretanto, o Bryan está conseguindo afastar você, dele, sem a interferência de ninguém. Eu te avisei, lembra-se? Mas deixa pra lá, não vou te torturar. Mudando de assunto, estou na capital, a
NACIONAIS - ACHERON

Rita te falou?

Fiquei calada por um tempo, recuperando a razão. Todas às vezes que o Rodrigo fala do Bryan, meu coração fica apertado. *Será que ele tem razão?*
— Respirei fundo, antes de responder:

— Não, Rodrigo. Acabei de chegar, não tivemos tempo de conversar, ainda. Mas com toda a certeza vai me passar, daqui dez minutos começaremos nossa reunião. Precisa de alguma coisa? Está tudo bem com o trabalho da Rita?

— Está tudo bem sim, porém, o combinado era de que a cada troca de loja – à análise seria feita com você –, lembra-se disso?

— Ah, claro. Desculpe-me Rodrigo. O tempo passou tão rápido que nem me dei conta disso. Pode vir ao meu escritório ou prefere que eu vá até você?

— Pode ser aí mesmo, Beatrice. Que horas termina sua reunião?

— Você pode chegar aqui umas dez e meia, está bom pra você?

— Combinado, após conversarmos vamos almoçar? E nem adianta dizer que não, sei que está sozinha, não terá desculpas para recusar. Até mais gatinha.

Estávamos sentadas em volta da mesa, na sala de reuniões, discutindo sobre os assuntos pertinentes ao negócio, quando à Rebeca pediu para falar.

— Beatrice, é o seguinte, todas as pessoas que entram em contato conosco, através do site, eu que atendo e, juntas, decidimos quem vai realizar o trabalho de campo. Porém, o que está acontecendo – é que – se acontece algo que desagrade o cliente, ele volta a me ligar e preciso contornar a situação. Gostaria de saber se podemos estabelecer algumas regras. Não que eu esteja fugindo das minhas

responsabilidades, mas estamos recebendo muitas reclamações e, na maioria das vezes, da mesma pessoa.

Franzi a testa, olhando para ela.

— Como assim Rebeca? Nunca nos disse nada. Poderia ter colocado isso em pauta nas reuniões anteriores.

— Desculpe-me Beatrice. Achei que melhoraria, mas só está piorando. Não acho legal dizer o nome agora. Só que se eu expuser as reclamações, servirá de exemplo a todas. Dessa maneira, definimos alguns pontos, evitando que os erros se repitam.

Fiquei pensativa por uns instantes. *Eu preciso ficar mais atenta aos detalhes do meu negócio. Não posso deixar meus problemas interferirem. Por mais que eu tente separá-los, não tem sido fácil. Fico o dia todo desvencilhando os pensamentos, fora que meu corpo implora pelo do*

Bryan.

Rebeca expôs para a equipe os ocorridos e realmente todas as reclamações referiam-se à mesma pessoa. Mesmo sem ela me dizer a identifiquei. Não conseguiria me sentar para acertar os ponteiros, de imediato, pois o Rodrigo chegaria logo após a reunião, porém, não passaria do dia seguinte. *Se ela não entrar nos eixos, vamos ter que reincidir seu contrato de trabalho.*

— Pessoal, espero que tenha servido de exemplo, para todas nós, as reclamações que recebemos. Se o nosso lema é “Eficiência e Produtividade no Ambiente de Trabalho”, não podemos, jamais, cometer os erros que foram citados pela Rebeca. Vamos ficar atentas? Posso contar com vocês?

Direcionei à equipe para o trabalho de campo e antes de saírem, pedi à Mirela para me procurar no dia seguinte, e que a Rita aguardasse,

NACIONAIS - ACHERON

na Sala Operacional, à chegada do Rodrigo.

Estava juntando minhas coisas, de cima da mesa de reuniões, olhei para o lado e dei de cara com um loiro lindo – de tirar o fôlego.

— Cheguei bem na hora? — Veio até mim, me abraçou e beijou o meu rosto – próximo aos lábios.

O perfume do Rodrigo preencheu todos os espaços da minha empresa. Impecavelmente vestido, com um terno de corte nobre, cinza claro, gravata prata e camisa branca. Cabelos espetados com gel e um sorriso torto, nos lábios. Esse é o Rodrigo de sempre: atraente e galante. Pena que não provoca nenhuma reação no meu corpo. *Bryan me enfeitiçou.*

Fomos até a minha sala, para iniciarmos à análise do trabalho realizado pela Rita, na loja dele.

— Então Rodrigo, o que tem a me dizer sobre a Rita? — Olhei para ele, brincando com uma

NACIONAIS - ACHERON

caneta entre os dedos.

— Não tenho do que reclamar, Beatrice. Só o que me incomoda é que não seja você que esteja lá. Estava adorando a oportunidade de estar com você. — Encostou-se à cadeira, colocando o pé em cima do joelho, com o canto dos lábios levantado.

— Sabe muito bem que não posso Rodrigo. Como eu faria com o restante dos clientes? E a minha equipe, quem direcionaria ela? — Fiz uma expressão interrogativa, virando a palma da mão pra cima.

— Se você quisesse, daria um jeito, Beatrice. Eu sei que tudo isso é por causa do Bryan. Aliás, eu não sei por que você insiste nesse “cara”. — Tirou o pé do joelho, aproximou o corpo da mesa e colocou os cotovelos no tampo de vidro. — Me conta... Você não tem amor próprio? O que ele tem que eu não tenho?

Joguei o corpo no encosto da cadeira,
NACIONAIS - ACHERON

revirei os olhos e bufei.

— De novo essa história, Rodrigo? Está difícil, quando é que você vai entender que não misturo negócios com a minha vida pessoal?

Ele levantou os braços e mãos, se rendendo.

— Tudo bem... Tudo bem... Não quero te estressar, só não perco a esperança... Só isso — preciso tentar: “Quem não chora não mama.” — Chegou bem pertinho e sussurrou. — Gostaria de literalmente mamar.

Senti o meu rosto ferver, baixei os olhos e balancei a cabeça. *Como eles são ousados!*

Assim que terminamos de acertar os detalhes do trabalho da Rita, nós três saímos para almoçar. Fiquei feliz por ter a Rita conosco, assim o Rodrigo se conteria. É cansativo ter que ficar, toda hora, dispensando-o.

Parados à porta do elevador, ficamos

decidindo em qual restaurante iríamos. Estamos na Avenida Paulista, a gama de opções é enorme – um melhor do que o outro. Não demorou muito, as portas do elevador abriram-se, gelei – quando vi quem estava a bordo. Arregalei os olhos, assim que cruzamos o olhar. Senti meu coração na boca. As pernas amoleceram, e antes que acontecesse um desastre, segurei o braço do Rodrigo, para que não entrasse. A Rita, distraída, entrou, porém, no momento em que viu quem estava lá dentro, voltou rapidamente.

O elevador não estava cheio, por conta do horário, porém, tinha algumas pessoas junto com o Bryan. Ficamos num impasse de entra ou não entra. Um rapaz impaciente disse:

— Vocês vão entrar ou não? Estou atrasado.

Bryan antecipou-se a nós.

— Podem entrar, não vou fazer nada. Eu ainda sou o Bryan Soutto, um empresário bem-NACIONAIS - ACHERON

sucedido de São Paulo. Não vou estragar a minha reputação por pouca coisa — disse, com desdém. *Arrogante, prepotente, não vai mudar nunca!*

Mesmo com receio, entramos. O clima ficou pesado e houve um silêncio assustador.

Com algumas pessoas dentro de um espaço pequeno, eu só conseguia sentir o cheiro do Bryan. Tantos dias sem vê-lo fez meu corpo reagir, como um vulcão querendo entrar em erupção. Estava segurando meu lábio inferior, com os dentes, e apertando os dedos na frente do corpo. Pensei que estava sonhando, quando senti a respiração dele no meu pescoço. Os pelos do meu corpo inteiro ficaram arrepiados. Com muita sutileza ele aproximou os lábios do meu ouvido e disse (tão baixo que quase não ouvi):

— Preciso dar duas palavrinhas com você. Por favor, pode me conceder um minuto do seu tempo?

Nossa! Quanta educação? Cadê o Ogro? Não vai avançar no Rodrigo? O que deu nele? Meu Deus, ele desistiu de mim?

Encolhi os ombros instintivamente, com o arrepio que passava pelo meu corpo, virei o rosto em direção ao dele e tive que buscar forças, do além, para não beijar seus lábios. Estávamos tão próximos. Ficamos hipnotizados, nos olhando. O elevador chegou ao térreo e as pessoas passavam por nós trombando e reclamando, por estarmos no caminho, mesmo assim, nossos pés pareciam que tinham sido cimentados.

Rodrigo aproximou-se, pegou no meu braço e disse:

— Vamos Beatrice.

Bryan olhou para ele, fuzilando-o. Sua mandíbula endureceu, cerrou os dentes e punhos. Naquele momento eu vi o quanto estava se controlando.

— Podem me esperar um minuto, por favor? — solicitei ao Rodrigo e a Rita. Precisava saber o que o Bryan tinha a me dizer. *Seu comportamento foi muito diferente, hoje. Será que vai me dizer para sair da sala? E pior, me liberar para fazer o que eu quiser? Dizer que cansou?*

Fomos para uma área reservada, da recepção do prédio, e no trajeto comecei a sentir todas as sensações que tanto odiava. Coração acelerar, mãos suarem, pernas amolecerem, boca secar. *Calma Beatrice! Precisa ser forte, seja lá o que for que ele te expor, precisa enfrentar e aceitar.*

Arrumei a postura, empinei o nariz e cruzei os braços no peito.

— Espero que seja algo muito importante o que tenha pra me dizer, Bryan. Está interrompendo um almoço de negócios. Você sabe o quanto o Rodrigo é importante para a minha empresa.

Ele passou as mãos pelos cabelos – deixando-os lindamente bagunçados – e mordendo os lábios me disse:

— Beatrice... Eu quero te fazer um convite. É muito importante pra mim que aceite, sendo assim, não responda agora. Pense, com muito carinho.

Convite? Como assim? Como eu sou besta, sempre sofrendo por antecipação. Bom, deixa-me ouvir o convite primeiro.

Descruzei os braços e levantei as sobrancelhas.

— Convite? Sério Bryan? Não estou te reconhecendo. O que aconteceu? Não vai soltar seu repertório de palavrões? — Inclinei a cabeça, para o lado e dei um sorriso tímido.

Bryan abriu um sorriso sarcástico.

— Está na ponta da língua, quer ouvi-los?

Balancei a cabeça negando e franzi o cenho.

— Vamos Bryan, faça logo seu convite. —
Fiz um gesto, com as mãos, para ele continuar.

— Todos os anos meus pais fazem questão de reunir a família e alguns amigos, íntimos, para à ceia de Natal. A Gaby me ligou dizendo que eles não aceitam a minha presença sem a sua. Como sei que não vai querer passar o Natal com a sua família, deduzi que não se importe de passar com a minha. Pode levar o Ethan, caso ele queira. — Encolheu os ombros e ficou olhando nos meus olhos.

Natal em família? Pai eterno! Nunca tive isso. Na infância éramos muito pobres, na adolescência fugi com o Pietro e sua família não comemora o Natal. Sem contar que tínhamos pouco contato. Senti meu corpo endurecer. Os olhos encheram de lágrimas. Comecei a suar frio. Eu não consigo. Não estou preparada para tanta intimidade. Tenho medo de perdê-los. Eles não

podem me querer por perto, eu sou um poço de problemas. Meus joelhos dobraram-se e em questão de minutos eu estava nos braços do Bryan.

Estava completa minha lista de vexames. Depois de ser sido socorrida por uma enfermeira. O Bryan pedir para a Rita almoçar com o Rodrigo, sozinha. Carregar-me no colo por toda a recepção do prédio e as salas da sua empresa, não precisava de mais nada. *QUE VERGONHA! Ainda bem que vou à terapia, hoje.*

Senti o Bryan abraçar-me forte e encostar os lábios no topo da minha cabeça. Levantei o rosto e fiquei admirando sua beleza, por um tempo. Ele passou o polegar nas minhas lágrimas, em seguida desenhou – com o indicador –, todo o meu rosto. Aproximou seus lábios dos meus, com os olhos fechados, fiquei atônita. Bryan estava destruído, os nervos de seu corpo estavam tensos, as olheiras

indicavam às noites mal dormidas e dava para ver, claramente, que havia emagrecido pelo menos uns três quilos.

— Eu te amo, Bryan — disse, com os lábios grudados aos dele.

É uma frase forte, significa muito para mim. Nem eu acreditei que tinha dito aquilo. No entanto, era o que eu realmente estava sentindo. À distância e a falta do toque dele, fez com que eu percebesse o quanto estou dependente do Bryan. O quanto o amo. Achei que demoraria e que eu não conseguiria abrir meu coração para mais ninguém. *Mesmo sentindo a falta dele e amando-o, como nunca amei ninguém, não consigo confiar nele. Por que tudo é tão antagônico?*

— Mas não consigo confiar em você. Não estou sabendo lidar com esse impasse. — Cerrei os olhos e mordi o lábio inferior. As lágrimas voltaram a cair com força total.

— O que eu preciso fazer para você confiar em mim? Ajude-me. Eu te amo mais do que tudo nessa vida, Beatrice. Não tenho mais razão de viver sem você.

Sentei-me em seu colo, limpei as lágrimas, com as costas da mão, olhei dentro dos seus olhos e a tristeza estava estampada, ali.

— Preciso de mais tempo, Bryan. Prometo que pensarei com carinho em seu convite. — Levantei-me, procurando a bolsa. Peguei-a e caminhei até a porta. Antes de destrancá-la, me virei e disse, com os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada:

— Estou morrendo aos poucos longe de você, porém, ainda não digeri o que aconteceu. — Abri a porta e fui embora. Não tive coragem de olhar para trás, meu coração doía tanto, que estava roubando o meu ar.

O consultório da Dra. Perci fica próximo ao meu escritório, ainda assim é necessário ir de carro. Assim que deixei a sala do Bryan, pedi ao Yuri para me levar até lá. Minha consulta estava marcada para mais tarde, entretanto liguei e pedi que adiantasse, estava atordoada e precisava de ajuda. Fiquei o trajeto todo olhando pela janela do carro, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Senhorita, eu gostaria de poder ajudar. Posso passar em algum lugar e pegar algo para a senhorita comer? — Levei um susto. São quase duas semanas que o Yuri me acompanha e nunca abrira à boca, não pronunciava uma palavra sem ser convocado. A única coisa que faz é acenar com a cabeça. *Devo estar péssima!*

— Muito obrigada, Yuri. Não precisa se preocupar, mesmo que eu quisesse, não conseguiria comer nada. — Ele só fez que sim com a cabeça e continuou dirigindo.

Yuri me deixou em frente ao prédio, em que fica o consultório, e foi estacionar o carro. Identifiquei-me na recepção e me dirigi ao 8º andar.

Priscila, a secretária da Dra. Perci, me cumprimentou, toda simpática, e logo em seguida pediu para que eu entrasse na sala em que a doutora estava a minha espera.

A decoração do consultório é singular. Apesar de que a Dra. Perci está na faixa dos quarenta anos, gosta de peças antigas. Tanto na recepção quanto na sua sala, as paredes têm a cor bege, o piso de um assoalho rústico e os quadros com molduras grossas e escuras. Tapetes customizados, estilo *patchwork*, deixando o ambiente original. As poltronas, estilo Luiz XV, com estrutura de ferro pintada de dourado, estofadas com um tecido verde claro, com estampa de flores vermelhas. As mesas de “Imbuia”, as

NACIONAIS - ACHERON

cadeiras com o encosto alto e estofadas, com o mesmo tecido das poltronas. O divã com a estrutura da mesma madeira das mesas, torneada, o seu estofado de veludo vermelho. A iluminação baixa. Assim que entramos nos sentimos imensamente confortáveis.

Dei uma batidinha na porta, colocando a cabeça para dentro.

— Oi querida, entre — disse Dra. Perci, que nasceu para a profissão. Foi recomendada por uns amigos do Ethan. Desde a primeira vez em que estive em seu consultório, soube que havia encontrado a pessoa certa.

Como fui instruída na primeira consulta, entrei, coloquei a bolsa no local indicado e me acomodei no divã. A doutora sentou-se na cadeira ao lado, com o tablet em mãos, arrumou os óculos no rosto e, com as sobrancelhas levantadas, disse:

— O que aconteceu, Beatrice? A Priscila

NACIONAIS - ACHERON

me disse que você quase não conseguia falar ao telefone, fiquei tão preocupada que desmarquei um paciente para encaixar você.

Respirei fundo, buscando coragem e palavras para expor o que sentia. Fitei os olhos, amendoados e castanhos, da doutora. Uma mulher alta, estrutura do corpo forte, pele morena, cabelos na altura dos ombros, encaracolados. Bem discreta no modo de vestir-se: calça e camisa com cores básicas, sapatos baixos e sem maquiagem.

Deitada no divã – de costas – coloquei o braço nos olhos e perguntei:

— É possível amar uma pessoa e ao mesmo tempo não conseguir confiar nela?

— Tudo é possível, Beatrice, depende do contexto. Conta-me quem você está amando e o porquê de não confiar nela. Eu sabendo o contexto conseguirei te orientar melhor.

Contei a ela toda a história do Bryan, desde
NACIONAIS - ACHERON

o dia em que caí aos pés dele, até o dia que soube da gravidez da Felícia. Não tirei o braço dos olhos e a Dra. Perci fez anotações em seu tablet o tempo todo.

— O que mais me incomoda é o fato de eu ser tão fraca. Quantas vezes, ainda, vou desmaiar quando estiver com ele?

— Por que você acha que desmaia? O que sente antes de desmaiar?

— É sempre a mesma coisa, começo a suar, minha boca fica seca, sinto tontura, ânsia de vômitos e os olhos começam a escurecer. Meu coração parece que vai saltar do peito e, de repente, minhas pernas amolecem e caio. — As lágrimas escorriam pelos cantos dos meus olhos, não tive coragem de tirar o braço deles.

— Pelos sintomas que está me relatando, Beatrice. Você está com síndrome do pânico. Do que você tem medo? Contou-me que foi vítima de NACIONAIS - ACHERON

estupro, acha que o Bryan vai te machucar?

Sentei-me, rapidamente, coloquei o cabelo atrás da orelha e limpei a garganta.

— Não! Ele nunca faria isso. — Parei e pensei um pouco. — Na verdade, no começo eu achei que ele me machucaria fisicamente, pelo seu tamanho, força, prepotência, dominância e arrogância. Mas... Ele nunca faria isso, me protege mais do que o necessário.

A doutora chegou com o seu corpo para frente e perguntou:

— Certo, então do que tem medo? —
Franziu a testa.

Encolhi os ombros.

— Acho que de me entregar e depois perdê-lo. Não posso perder mais ninguém na vida. E se ele enjoar de mim? — Senti uma pontada no peito, coloquei a mão nele, fechei os olhos e puxei o ar, com força.

— Vamos fazer assim, Beatrice. Primeiro, controlar a sua ansiedade. Vou te passar um remédio para que você possa dormir à noite toda e te ensinar a controlar a respiração, quando começarem os sintomas do pânico. Você precisa cortar algumas coisas da sua alimentação e a principal é a cafeína. Só te deixa mais ansiosa. Atividade física, frutas cítricas e carboidratos, aumentam os níveis de “serotonina”, que é responsável pelo bem-estar e relaxamento do nosso corpo. Veja o que consegue essa semana e na próxima sessão conversaremos a respeito.

Cheguei mais cedo em casa, tomei um banho demorado, vesti uma roupa confortável, comi um macarrão instantâneo e me joguei no sofá. Estava passando os canais da TV, no controle remoto, sem prestar a menor atenção, quando o

Ethan entrou e fez uma cara engraçada, ao me ver.

— Eita! O mundo acabou e eu não percebi?
Nunca chega cedo assim em casa.

Levantei os olhos e encolhi os ombros. Minhas forças foram sugadas. Assim que saímos do consultório, Yuri me levou na farmácia e comprei o remédio indicado pela doutora. *Quem sabe essa noite eu consiga dormir.*

Ethan jogou a bolsa na poltrona e sentou-se ao meu lado. Puxou-me, colocando-me em seu colo.

— Desembucha! — Beijou o topo da minha cabeça.

Contei rapidamente a ele o roteiro do meu dia, sem ocultar nada.

— Que bom que conversou com a doutora, lindinha. Tenho certeza de que aos poucos vai conseguir lidar com seus medos. Vamos jantar?

— Comi macarrão instantâneo. — Enruguei
NACIONAIS - ACHERON

o nariz, fazendo uma careta.

Ele só balançou a cabeça, levantou-se, indo para o quarto.

Eu caminhava em uma praia maravilhosa, as ondas batiam nas minhas pernas e a brisa refrescava o meu rosto. Bryan me abraçou por trás, colocando o queixo no meu ombro. Seu cheiro amadeirado inundou minhas narinas. Seu toque enviou sinapses para o meu corpo inteiro. *Que sensação deliciosa!* Ouvi um barulho irritante. *Que porcaria de barulho é esse?*

O alarme do celular, que há dias nem chegou a tocar, estava gritando aos meus ouvidos. *Nossa! Eu estava sonhando, dormi à noite inteira. Meu Deus! Que maravilha!*

— Trice, encomenda pra você — gritou Ethan, da sala.

Levantei-me, com dificuldade, as pálpebras

estavam pesadas. *Caramba! Parece que estou de ressaca!* Fui até a sala e encontrei o Ethan com uma calça de moletom caída no quadril, camiseta regata e descalço, com um enorme buquê de tulipas brancas. *Claro que são do Bryan.*

Peguei o buquê das mãos do Ethan, procurando pelo cartão, e encontrei um envelope grande, com uma folha sulfite dobrada ao meio, dentro. Abri e meu coração ficou do tamanho de uma ervilha, quando li.

*“Hoje eu preciso te encontrar de qualquer
jeito*

Olhar teus olhos de promessas fáceis

E te beijar a boca de um jeito que te faça rir

Hoje eu preciso te abraçar

Sentir teu cheiro de roupa limpa

*Pra esquecer os meus anseios e dormir em
paz*

*Hoje eu preciso ouvir qualquer palavra tua
Qualquer frase exagerada que me faça sentir
alegria*

Em estar vivo

*Hoje eu preciso tomar um café, ouvindo você
suspirar*

*Me dizendo que eu sou o causador da tua
insônia*

Que eu faço tudo errado sempre, sempre

Hoje preciso de você

Com qualquer humor, com qualquer sorriso

Hoje só tua presença

Vai me deixar feliz

Só hoje” [...] Jota Quest

*“Estou aqui em baixo, me perdoa, preciso de
você. Deixa-me tomar o café da manhã com
você. Te Amo. Bryan”*

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 06 – Chegar Chegando

NÃO AGUENTO MAIS PASSAR NOITES E NOITES EM CLARO. Fico tantas horas na sala de ginástica, durante a noite, que meu corpo já está reclamando. Poucas horas dormidas, quase nada de alimento e muito exercício. Essa noite foi pior do que as outras, meu cérebro trabalhou acelerado, fiquei maquinando como contar à Beatrice que sou estéril. *E se ela não me quiser mais? “Porra”... Vou ter que procurá-la agora cedo.*

Acho que não completei nem quatro horas de sono, vou descer e tentar tomar um café da manhã – decente. Todos os dias a Cida se preocupa em preparar tudo o que eu gosto e, mesmo assim, não tenho vontade de nada. *Como eu pude deixar uma mulher dominar a minha vida, e pior, minha mente. Estou um trapo de homem.*

— Bom dia Cida — cumprimentei minha assistente, que vem se dedicando muito a mim.

— Bom dia senhor Bryan. O senhor precisa comer, hoje. Estou ficando preocupada, vou ter que ligar para a dona Gaby. — Fechou a cara e ficou me encarando.

Balancei a cabeça.

— Tss-tss... Só me faltava isso agora, Cida. Minha irmã está ocupada demais com o meu sobrinho que acabou de nascer. Não precisa se preocupar hoje eu vou procurar a Beatrice. Vou colocar um ponto final nisso. — Sentei-me, tomei um gole do café que a Cida havia preparado. Fechei os olhos, pensando em como chegar à Beatrice sem que ela fugisse.

— Como assim, colocar um ponto final, Sr. Bryan? Está pensando em se afastar completamente da senhorita Beatrice? Eu gosto tanto dela.

Abri os olhos e um sorriso.

— Nunca Cida. Aquela garota é minha, vou trazê-la de volta, custe o que custar. — Voltei à xícara ao balcão e me levantei.

— Aonde o senhor vai? Nem tocou no que eu preparei.

— Vou atrás dela, Cida. Buscá-la, o lugar dela é aqui.

Subi às escadas correndo, vesti uma calça jeans, camisa cinza – com detalhes em preto – e um sapatênis. Dobrei as mangas da camisa até os cotovelos e deixei-a fora da calça. Penteei os cabelos para trás e usei o perfume que a Beatrice tanto gosta. *Preciso conquistá-la novamente. Quero passar o dia com ela.*



No curto trajeto, até o apartamento da Beatrice, estava ouvindo rádio e tocava a música “Só Hoje – Jota Quest”. A letra me deu uma ideia infalível.

Passei em uma floricultura e comprei um buquê de tulipas brancas. *Tulipas é o símbolo da nossa união.* Tinha certeza de que assim que ela recebesse, mesmo antes de ler o cartão, saberia que eram minhas. Ao invés de comprar um cartão, pedi uma folha sulfite e comprei apenas o envelope. Escrevi a letra da música que acabara de ouvir e ao final um pedido:

“Estou aqui em baixo, me perdoa, preciso de você. Deixa-me tomar o café da manhã com você. Te Amo. Bryan”

Parei o carro em frente ao prédio dela e meu coração disparou. *Não posso errar, tenho poucas oportunidades, se perdê-la não sei quando terei outra.* Chamei o porteiro, que me conhecia bem, e pedi que entregasse as flores no apartamento dela, eu ficaria aguardando.

Permaneci na recepção, esperando o

porteiro voltar, impaciente. *Será que ela vai me deixar subir?* Andava de um lado para o outro, passando as mãos no cabelo e mordendo os lábios. O porteiro chegou, me aproximei, querendo alguma resposta. Desanimei, quando me disse que o Ethan que havia recebido as flores. *O “cara” não vai deixar ela me receber. “Caralho”... Que “porra”! Aquele “imbecil” tinha que morar com ela?*

Agradei ao porteiro e quando me virei, para voltar ao carro, ouvi a voz da minha redenção:

— Bryan... Não vá!

Voltei meu corpo em direção à pessoa mais importante da minha vida. Olhei e quase surtei quando a avistei, apenas com uma camiseta grande. Pedi a Deus que estivesse de calcinha. Os cabelos presos em um coque, bagunçado no topo da cabeça, e descalça. Senti uma vontade imensa de repreendê-la, por estar praticamente nua na recepção do prédio, mas fui obrigado a me conter.

Respirei fundo, aliviado por ela ter cedido e estar ali, na minha frente, com a atenção voltada só para mim.

Caminhei até ela, com um sorriso bobo no rosto. Meu coração saltava no peito e minha respiração falhava. Que vontade de pegá-la, beijá-la, tocá-la, fazer amor. *Eu preciso dela!*

A poucos centímetros do corpo da minha menina, comecei a tremer. Pude sentir seu cheiro. Aproximei-me, a ponto de não passar nem uma folha de papel entre nós. Ela não tirou os olhos dos meus, em nenhum momento. Encostei os lábios em sua orelha e perguntei:

— Posso te beijar? — Ela acenou que sim. Puxei-a pela cintura, grudando seu corpo ao meu. Coloquei a mão em sua nuca e ataquei seus lábios.

Fechei os olhos, com força, me deliciando com o sabor que provê o meu vício, que me leva a lugares indescritíveis. Enfiei a língua em sua boca,

NACIONAIS - ACHERON

percorrendo todos os pedaços. Beatrice soltou um gemido e passou os braços pelo meu pescoço, era o que estava faltando para eu apossar-se completamente do seu corpo. Posicionei minhas mãos em sua bunda, maravilhosa, e tive que conter o meu instinto animal quando percebi que estava vestida com um fio dental, puxei suas pernas para abraçar a minha cintura. Dei alguns passos em direção ao elevador e, com muita dificuldade, consegui acionar o botão.

Entrei, com a minha menina no colo. *Isso é tudo o que eu quero, ela todinha pra mim!* Encostei-a na parede do elevador, passei a barba em seu pescoço e rosto. Parei e fitei os olhos dela, tentando decifrar o que passava pela sua cabeça. Ela estava com os olhos cheios de lágrimas. Inclinei a cabeça para o lado.

— Minha menina, você não sabe o quanto eu preciso de você. Fala comigo, o que está

NACIONAIS - ACHERON

passando pela sua cabecinha? Por que está chorando? — Limpei uma lágrima, que escorreu, com o polegar.

Com a voz embargada ela respondeu:

— Preciso de respostas, Bryan. Não posso ceder sempre. Também preciso de você. Esses dias, que ficamos afastados, serviram para me mostrar o quanto eu estou ligada a você.

Enquanto falava, fiquei admirando sua beleza, por mais que eu quisesse dar atenção às palavras que saiam da sua boca, meu corpo, que estava em abstinência por mais de dez dias, pedia outra coisa. *Quando fiquei sem fazer sexo por tanto tempo? Um fato inédito.* Esfreguei o membro, que estava pedindo socorro dentro da calça jeans, nela. Ignorei suas palavras, seu choro, e decidi desviar sua atenção. *Eu sempre consigo, hoje não será diferente.*

Encostei a boca na sua, novamente, e iniciei

um beijo delicado e doce, em contrapartida, desci a mão até sua calcinha e senti sua excitação — estava ensopada.

— Quer mesmo respostas? — disse, mordendo seu lábio inferior, controlando meu “tesão”. Antes que ela respondesse, as portas do elevador abriram-se. Havíamos chegado ao andar do seu apartamento. Sem tirar ela do meu colo, saí e caminhei até a porta. Assim que abri demos de cara com o Ethan, saindo.

Ele arregalou os olhos e arqueou as sobrancelhas.

— Está sempre tomando posse da Beatrice, Bryan? — Aproximou-se da Beatrice e perguntou. — Tudo bem Trice? Posso ir trabalhar tranquilo? — Ela acenou que sim, com a cabeça, e não se moveu um milímetro do meu colo. *Esse camarada ainda vai me pegar em um dia de pá virada, vai aprender a não abusar da minha paciência.*

Logo que fechei a porta, atrás de nós, Beatrice desceu do meu colo, arrumando a camiseta e os cabelos.

— Espere um pouco aqui, Bryan. Vou colocar uma roupa, já volto. — Virou em direção ao quarto.

Não poderia a deixar pensar, tinha que mantê-la ligada em mim. Se começasse com os questionamentos, novamente, quebraria todo o clima. *Ela acha mesmo que pode me dizer o que fazer?* Seus passos foram curtos, rapidamente a alcancei. Peguei em seu braço e virei seu corpo para mim. Abri um sorriso safado dizendo:

— Você não vai precisar de roupas.

— Não começa Bryan. Precisamos conversar e você sempre me ignora. Hoje não! Não vou deixar você me distrair, como sempre faz. — *Vamos ver!*

Ela tentou puxar o braço, que eu segurava,
NACIONAIS - ACHERON

apertei-a mais ainda e trouxe-a juntinho a mim. Encostei os lábios no lóbulo da sua orelha e lambi.

— Bryan, por favor, pare com isso — disse, contorcendo-se.

Sorri novamente e desci os lábios para o seu pescoço, comecei a dar leves mordiscadas. Com o indicador, fui invadindo a gola de sua camiseta, tocando a entrada dos seus seios. O corpo dela foi amolecendo. Ela colocou a mão em meus cabelos e puxou-os, com força. Olhei em seus olhos, sem parar o trajeto que tinha iniciado aos seios, os acariciei até chegar aos bicos e apertá-los. Seus olhos estavam recheados de luxuria, não poderia deixar aquela chama se apagar.

Desci a mão, alcançando a bainha de sua camiseta, ergui-a com cuidado e tirei-a. Afastei-me um pouco, e olhando seu corpo, soltei o ar dos pulmões de forma dolorosa, buscando controle sob os meus nervos que estavam descontrolados, o

NACIONAIS - ACHERON

coração acelerado e o “pau” latejando dentro da calça.

A Beatrice não estava diferente. Sua respiração estava descompassada e no momento em que parti com a minha boca para o bico dos seus seios, escapou um gemido de êxtase dos seus lábios. Estava desintegrando em meus braços. Peguei-a no colo, novamente, levei-a até o sofá e a deitei de costas. Ajoelhei-me, colocando um joelho de cada lado de seu corpo. Aproveitei a oportunidade e admirei cada pedaço dela. Suspirei lascivamente.

— Você é linda demais minha menina. Só de imaginar os homens te “comendo” com os olhos, nas ruas, tenho vontade de amarrar você a mim.

— Bryan... — Ela fechou os olhos. — Controle sua obsessão — falou com os dentes trincados.

Sentia a pulsação rugir em meus ouvidos.

Como ela pode me pedir isso? Estou sendo sincero. Quero protegê-la. Que mal há nisso?

Abaixei o tronco, posicionei as palmas das mãos ao lado de seu rosto, no braço do sofá, e encostei os lábios aos seus.

— VOCÊ. É. MINHA! Vou repetir essa frase quantas vezes forem necessárias. Até você entender, Beatrice. Não adianta tentar fugir, ou se afastar, eu sempre vou trazê-la de volta. — Tirei os grampos de sua cabeça e joguei-os no chão. Ela permaneceu com os olhos vidrados aos meus, pensativa.

Evitando que ela soltasse suas frases inseguras, comecei a beijar seu queixo e fui descendo pelo pescoço, seios, barriga, e quando cheguei à virilha, usei a língua. Afastei um pouco a calcinha, sem tirá-la, introduzi um dedo em seu sexo molhado. Ela arqueou as costas, jogando a cabeça pra trás. Aproximei os lábios de seu ouvido

NACIONAIS - ACHERON

e sussurrei:

— Podemos conversar agora, o que acha?

— Sem a deixar pensar, introduzi outro dedo e iniciei um movimento contínuo de vai e vem.

Seus olhos estavam desfocados, ela estava mordendo os lábios, descontrolada, e seu corpo vibrava com o contato.

— Bryan... Por favor... Não me torture... Que... rooooo.... Oh... Deus! — Investi no clitóris com a língua, sem diminuir o ritmo dos dedos.

O gosto de sua excitação é inebriante, senti como se estivesse atacando um pote de mel. Ver minha menina se dissolver aos meus toques, se entregar totalmente, elevou meu nível de “tesão” ao máximo. Precisei buscar um controle descomunal, para não tirar para fora meu “pau” e enfiar, com força, nela.

Os nervos de seu corpo ficaram duros, ela vergou as costas, cerrou os olhos e soltou um
NACIONAIS - ACHERON

gemido alto:

— Bryan... — Fechou os punhos e seu corpo inteiro estremeceu. Não parei até ter certeza de que tinha proporcionado o máximo de prazer a minha menina. Ela precisava entender que os nossos corpos pertencem um ao outro. Que estamos conectados.

Levantei o tronco e aguardei ela retomar os sentidos. Apesar de estar quase explodindo a queria consciente, quando eu entrasse em seu corpo. Que ela me pedisse e me quisesse como eu a queria. Fiquei olhando-a. Aos poucos a respiração foi normalizando, o corpo amolecendo e os olhos abrindo-se.

— Vai continuar de roupa, olhando-me assim? — disse, com um lindo sorriso.

— Só de ver você sentir prazer já tive 80% do meu. O que eu mais quero nessa vida, Beatrice, é ter você assim, entregue. Toda minha, sem

NACIONAIS - ACHERON

reservas.

Ela colocou as mãos no cóis da minha calça e desabotoou-a, abriu o zíper e por cima da cueca apertou o meu membro, que doía de tão duro.

— Quero isso aqui, meu meninão.

Envolvi seu corpo, com meus braços e levantei-a. Ficamos de joelhos com os olhos fixos, um no outro.

— Assim você vai me matar, minha menina. Repita, por favor. Eu quero ter certeza de que ouvi direito.

— Isso mesmo... MEU. MENINÃO... Quero você dentro de mim... AGORA! — Desceu a mão sobre o meu membro e o apertou, só que por dentro da cueca. Chegou com os lábios em meu ouvido e disse. — Tem gente aqui que está com muita roupa. — Começou a desabotoar a minha camisa, bem devagar, conforme o meu peito ficava à vista, ela salpicava beijos. Estava quase perdendo

NACIONAIS - ACHERON

o controle.

— Beatrice... Estou há dias sem fazer sexo, se continuar com essa tortura vou perder o controle. Não quero te machucar. — Cerrei os punhos ao lado do corpo.

— Hum... O que vai fazer comigo se perder o controle? — Tirou minha camisa pelos ombros e jogou-a no chão.

— Você está brincando com fogo garota. Quem avisa amigo é! — Puxei o ar entre os dentes, cerrados.

— Adoro me queimar... Meu meni... — Não a deixei terminar a frase. O instinto animal, de dentro de mim, tomou conta da minha razão. Abracei sua cintura e deitei-a de volta. Peguei nas laterais de sua micro calcinha e estourei o elástico. Puxei meu “pau” para fora da cueca e sem o menor pudor, o introduzi em seu sexo que continuava encharcado, prontinho para me receber.

— Olha pra mim, Beatrice. Quero que veja o que faz comigo. O poder que tem sobre mim. — Comecei com movimentos lentos e aos poucos aumentei o ritmo.

Ela estava com as pupilas dilatadas e a boca meio aberta. A respiração voltou a ficar descompassada.

— Isso Bryan, continue, por favor. — Fechou os olhos.

Parei de mover-me dentro dela, apoiei o corpo nos cotovelos e segurei seu rosto com as duas mãos.

— Eu te amo, Beatrice. Estou desesperado tentando encontrar uma maneira de fazer você ficar comigo, sem fugir. Fala pra mim, por favor, que sente a mesma coisa.

— Eu te amo, Bryan. Você sabe disso. Termina o que começou e vamos conversar. — Abri um sorriso de pura malícia.

Voltei a mexer-me dentro dela.

— Gosta disso?

Ela acenou que sim, com a cabeça.

— Quero forte, preciso sentir você por completo, Bryan. Ter a certeza de que não estou sonhando.

Levantei o tronco, coloquei suas pernas em meu ombro e estoquei com força. Aumentei o ritmo. Senti-me primitivo, um desejo de posse — louco — tomou conta do meu ser. *Ela é só minha!*

Continuei em uma perseguição insana em atingir o orgasmo. Minha vista escureceu e o corpo estremeceu.

— Vamos comigo, minha menina. Você consegue. Vem... Estou quase lá. — Ela estava tão excitada que, com toda a certeza, chegaria ao clímax novamente. O primeiro tinha sido só para aquecer — preliminares. Com o polegar, fiz movimentos circulares em seu clitóris, sem alterar

meus movimentos de vai e vem.

Uma onda de prazer passou pelo meu corpo. Perdi o controle de tudo. Soltei um gemido alto e ofegante.

— Beatrice... Comigo... — A sintonia de nossos corpos é nítida. Juntos, chegamos ao clímax. O prazer que senti foi imensurável. Como se eu nunca tivesse feito sexo antes. O fato de eu ter ficado vários dias sem sexo, intensificou o meu orgasmo.

Desabei em cima da Beatrice. Nossos corpos escorregavam de suor. O contato de seus seios com minha pele, o cheiro de seu pescoço, sua respiração ofegante, tudo nela me fazia querer mais. *Ela foi feita sob encomenda pra mim, é a perfeição em pessoa. Preciso encontrar uma maneira de levá-la comigo. Quero deitar e acordar todos os dias abraçando-a. Sentindo seu corpo sobre o meu.*

Após um tempo caí na real, que sou muito maior do que ela.

— Estou pesado, gostosinha? — Minha voz saiu abafada, em seu pescoço.

— Um pouco, preciso me arrumar, Bryan. Marquei de conversar com a Mirela, a menina que faz parte da minha equipe, agora cedo. Estou atrasada, nem meus dentes eu escovei. — Tentou me empurrar, para eu sair de cima dela.

Levantei o rosto olhando o dela.

— Tire o dia de folga hoje? — Apoiei o tronco nos cotovelos, aliviando o peso do corpo. Beijei a ponta do seu nariz e fiquei olhando para os seus lindos olhos azuis.

— Não posso Bryan — disse, franzindo a testa.

Fiquei tenso na hora. *Como assim não pode?*

— Não acredito que não possa Beatrice.

Claro que pode. Vou ligar para a Rebeca pedindo para limpar sua agenda hoje. É só remarcar.

Ela empurrou meu peito e com força levantou-se. Deixei para ver até onde iria.

— Vamos começar tudo de novo Bryan? Você não consegue se controlar nem um pouquinho? Já chega chegando? Assim não vai dar certo. — Ficou em pé e cruzou os braços no peito, fechando à cara.

Fui até ela, abracei-a por trás, esfreguei-me em seu corpo, coloquei seus cabelos de lado e disse, passando a barba pela sua nuca:

— Você fica mais linda quando está brava. Acha que eu tenho medo? Só me deixa mais excitado. Vai lá, coloca uma roupa bem confortável que vamos descer pra Santos. Tenho algo importante para passar à minha família e quero você ao meu lado. — Dei um tapinha na bunda dela e soltei-a.

Ela virou-se para mim, colocou as mãos na cintura e com os olhos semicerrados disse:

— Do que você está falando Bryan?

Respirei fundo.

— Pode uma vez na vida confiar em mim?

Eu realmente preciso de você. O que tenho para passar nos envolve. Podemos tomar banho, comer alguma coisa e descer a serra? Obedeça-me pelo menos uma vez, sem me questionar, por favor.

Depois de praticamente obrigar a Beatrice a me obedecer, sem passar os detalhes, tomamos café em nossa padaria preferida e seguimos viagem, em meu carro. *Eu tinha que me apaixonar pela garota mais teimosa de São Paulo?* Primeiro, ela queria saber o que eu tinha de tão importante para dizer. Depois, não queria desmarcar seus compromissos do dia. E por fim, bateu o pé que iria com seu carro,

pois da última vez teve que voltar de ônibus.

Parados, no trânsito, olhei para a minha menina, que estava com o rosto virado para a janela – absorta. Peguei sua mão, de cima de sua perna, beijei a palma e perguntei:

— O que te aflige Beatrice?

Ela virou o rosto para mim e respirou fundo.

— Por que você faz isso Bryan?

— Isso o quê? — Eu sabia do que estava falando, mas não demonstraria.

— É isso que mais me assusta em você, Bryan. Essa mania de me dominar, de não perguntar o que eu quero. Modificar tudo ao seu favor. Passar por cima de todas as minhas decisões.

Soltei a mão dela, engoli em seco, engatei o carro e continuei dirigindo, pensando em como responder a pergunta. Ela precisava entender que não fazia nada para dominá-la, precisava de controle, pois daquela maneira me sentia seguro.

Para ter o controle ela precisa estar comigo, o tempo todo. Não posso imaginar que algo possa acontecer a ela, entro em parafuso.

— Vamos Bryan, estou esperando sua resposta. Por que faz isso? — Dobrou uma perna embaixo de seu corpo, sentando-se de lado, ficando de frente pra mim.

— Você ligou para a Rebeca, pedindo que limpasse sua agenda, Beatrice? — *Vou mudar de assunto.*

— CHEGA BRYAN! — gritou. — Ou você fala comigo, ou vou descer agora desse carro. Não sou idiota, você está sempre subestimando a minha inteligência.

Entrei em uma rua adjacente, encostei o carro, virei o corpo em direção a ela e apoiei o braço no volante.

— Tudo bem Beatrice. Você quer conversar, estou aqui.

— Responda a minha pergunta, Bryan. É tão difícil assim? Já não quis me dizer o que estamos indo fazer em Santos. Ficamos dias sem nos comunicar e quando você volta, parece que nada aconteceu. Esqueceu-se que vai ser papai? — As lágrimas começaram a cair em seu rosto. Ela passava as mãos nas pernas, nervosa.

Coloquei as duas mãos no rosto e fechei os olhos. Fiquei um tempo buscando palavras. *O que eu posso dizer sem revelar que sou estéril?* Precisava da ajuda dela com a minha família e vice-versa, quando eu contasse.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse, levantando o rosto em sua direção.

— Ah, então não vai responder a minha? Quer me fazer outra? Manda bala Bryan! — Cruzou os braços e segurou o lábio inferior com os dentes, controlando os soluços.

—Você quer ter filhos? — Ela arregalou os
NACIONAIS - ACHERON

olhos, abriu a boca, colocando a mão na frente.

— Bryan... — Seus soluços aumentaram e impediram-na de continuar. *O que será que eu disse? Será que ela sabe que sou estéril? Não contei a ninguém.*

Peguei em seu braço e trouxe-a para o meu colo.

— Está me preocupando Beatrice. O que eu disse? Quer muito ter um filho, é isso? — Beije o topo de sua cabeça e apertei-a em meu peito.

— Não quero falar disso agora. — A voz dela saiu sufocada e engasgada.

Agora eu não sei o que pensar. Como vou saber se ela quer ou não ter filhos? Estou “fodido”!

— Tudo bem, podemos continuar a viagem — sem nos estressar? Vamos nos curtir um pouquinho... Prometo que vai entender algumas coisas, ainda hoje. E quando se sentir preparada,
NACIONAIS - ACHERON

voltamos a falar sobre filhos. Combinado? — Levantei seu queixo, com o indicador, fazendo com que olhasse pra mim. Ela concordou, com a cabeça.

Enxuguei as lágrimas de seu rosto, com o polegar, beijei sua testa, a ponta do nariz e os olhos.

— Vai lá minha menina, volte ao seu lugar.

Parei o carro em frente à casa dos meus pais e imediatamente senti os nervos endurecerem. *Como será a reação da minha família com a bomba que vou jogar? E a Beatrice, vai continuar comigo?* Todas as vezes que tocamos no assunto de filhos ela se alterou. Estava confuso, e se ela quisesse muito ter um filho? “*PORRA*”... *Não estou conseguindo lidar com isso. Preciso me acalmar.* Fechei os olhos e procurei controlar minha respiração.

Senti as mãos da Beatrice em meus cabelos

e seu hálito quente em meu pescoço.

— O que foi Bryan? Está com algum problema?

Virei o rosto para ela e forcei um sorriso. Coloquei seu rosto entre minhas mãos, aproximei os lábios aos seus e perguntei:

— Promete que vai ficar comigo, independente do que acontecer aí dentro hoje?

Ela franziu o cenho e estreitou os olhos.

— Não me apavore Bryan. Você sabe que não tenho estrutura.

Passei o nariz no dela e continuei:

— Apenas prometa. Diz que está disposta a tudo. Que nada vai fazer você desistir de mim. Que o nosso amor é maior do que tudo. Que vai enfrentar todas as barreiras junto comigo.

Ela segurou o lábio inferior, com os dentes, por alguns instantes, sem tirar os olhos dos meus.

— O que você aprontou dessa vez Bryan?

Você não aguentou muitos dias sem sexo e ficou com a Felícia de novo? Ou pior, com a Alicia? Foi isso Bryan? Não sei se conseguirei perdoar.

Neguei, com a cabeça, e meus olhos começaram a queimar, com lágrimas. *Não posso chorar na frente dela. Mas não estou sabendo o que fazer. Não posso perdê-la.*

— Eu juro pra você que eu não fiz nada, mas o que eu tenho para passar pode fazer com que você não me queira mais. Eu não suportaria Beatrice. Prometa que não vai me deixar.

Ela beijou os meus olhos, encostou os seus lábios aos meus e com os olhos vidrados em mim, disse:

— Seja o que for que disser se não foi nada que tenha feito de errado, eu prometo que ficarei ao seu lado. Nada conseguirá diminuir o que sinto por você. Mesmo sabendo que terei que dividir você com um filho, que não será meu, ainda assim eu te

quero. Não consigo mais ficar sem você. Eu te amo, Bryan.

Foram às palavras mais lindas que ouvi em toda a minha vida. Abracei-a com força e salpiquei vários beijos por todo o seu rosto. As lágrimas escorriam pelos nossos rostos. Não me importei, só precisava dela ali comigo para o que desse e viesse. Ainda abraçados, com nossos corações acelerados e as respirações falhadas, ouvimos alguém bater na janela do carro.

— Viajaram quase 100 km para ficarem dentro do carro? — Meu pai estava em pé, com uma expressão interrogativa, olhando para nós.

Abrimos um sorriso amarelo, arrumamos as posturas e limpamos as lágrimas. Abri a porta e desci. Abracei meu pai, ficando um tempo sentindo a segurança de seus braços. Virei, com a intenção de abrir a porta para a Beatrice, porém, ela já estava abraçando minha mãe, no portão.

— Querida, você veio. Ganhei meu dia. Meu filho estava sofrendo muito com a sua ausência — disse a minha mãe, passando as costas da mão no rosto da Beatrice. Beatrice não conteve as lágrimas.

— Perdoe-me dona Maria, ainda estou abalada com tudo o que aconteceu. Na verdade, estou tentando entender. O que posso dizer é que sofri tanto quanto ele.

Aproximei-me delas e abracei minha mãe. Como fiz com meu pai, permaneci um tempo em seus braços.

— O que está acontecendo filho? Por que estão com os olhos vermelhos? Estavam chorando? — disse, passando as mãos em meus cabelos.

— Vamos entrar. A Gaby já chegou? — Havia ligado para a Gaby no trajeto, pedindo que fosse à casa de nossos pais.

— Sim, estão todos lá dentro, esperando por

NACIONAIS - ACHERON

vocês. Vamos querida. — Minha mãe sempre muito gentil, pegou o braço da Beatrice, passou entre o seu e caminhou com ela, para dentro da casa.

Assim que entramos a Cristine pulou no meu pescoço.

— Titio... Titio... Que saudades... Sabia que o macho da família já cresceu? Ele não quer mais seu colo, só eu titio. Sou sua princesinha, não sou titio? — Caí na besteira de dizer que o Pedrinho era macho, que não iria querer ficar no meu colo, Cristine não esqueceu. Morre de ciúmes do primo.

— Sim, você é a princesinha do titio, mas o Pedrinho ainda é um bebê. Lembra que o titio disse que ele não vai querer colo quando tiver o seu tamanho?

Ela fez um biquinho e protestou:

— Não quero que você o pegue titio. A Beatrice quer pegar ele, não quer Beatrice?

Beatrice abriu um sorriso sincero.

— Claro que eu quero pequena. Não vai nem me dar um beijinho? Só quer o titio?

Cristine desceu do meu colo, contra a vontade, foi até a Beatrice e falou:

— Você fica com o Pedrinho pra você e deixa o titio só pra mim?

A Beatrice abaixou-se, abraçou-a e beijou-a.

— O titio já é só seu, princesinha. Deixa ele pegar o Pedrinho só um pouquinho, tadinho, ele vai ficar triste. Ainda é muito pequenininho. Você deixa?

Cristine olhou para mim, encolheu os ombros, fez novamente um biquinho e virou as palmas das mãos para cima.

— Só um pouquinho titio.

Estavam todos nas mesas, que ficam do lado de fora, próximo à churrasqueira, ao lado da piscina. Com exceção da Karin.

— Cadê a Karin, mãe? — perguntei.

Ela olhou para o meu pai e balançou a cabeça.

— Chegou de madrugada filho. Completamente alterada. Está dormindo, tentamos convencê-la a tomar um banho, mas não conseguimos.

Cocei a barba e pensei: *“Não vou mexer com aquela bêbada hoje”*.

Cumprimentamos a Gaby e o Nathan. Peguei meu sobrinho nos braços e fiquei observando a reação da Beatrice – com as crianças. Muito prestativa, com toda calma do mundo. Cristine não parava de falar e carregá-la para os lugares da casa, e ela dava toda a atenção. *Está claro que gosta muito de crianças. Como vai reagir à notícia?* Cada vez que eu pensava na possibilidade de perdê-la, meu corpo estremecia.

Ficamos um tempo conversando sobre as
NACIONAIS - ACHERON

crianças, a Gaby me atualizou do andamento da academia. Nathan insistia para que ela vendesse a sua parte. A academia é o sonho da minha irmã, dificilmente ela o ouviria, apesar de eu entender perfeitamente o lado dele. Se fosse a Beatrice, já a teria feito vendê-la.

— Filho, ficamos preocupados quando ligou. O que tem de tão importante para nos dizer que fez você parar no meio da semana e se locomover até aqui? — perguntou o meu pai, franzindo a testa.

Senti uma pontada no peito, coloquei a mão e massageei-o, tentando aliviar a dor. Todos perceberam a minha reação e ficaram olhando para mim, esperando uma resposta. Entreguei o Pedrinho à Gaby. Levantei-me e me sentei ao lado da Beatrice, peguei sua mão, beijei a palma e apoiei meu rosto nela. Beatrice inclinou a cabeça para o lado e disse:

— Bryan está deixando todo mundo apreensivo, por favor, fale logo o que está acontecendo? Você está doente? — Os olhos dela encheram-se de lágrimas e sua voz estava embargando. *Preciso cuidar da minha menina, ela é muito frágil.* Suspirei.

— Pessoal, logo após a Felícia dar o show dela, no restaurante, fiz um check-up. — Parei um pouco, soltei um suspiro dramático e puxei o corpo da Beatrice para mim. Enterrei o rosto em seu pescoço e sussurrei. — Promete que não vai me deixar?

Ela levantou meu rosto e olhou dentro dos meus olhos.

— Bryan, estou apavorada. Pelo amor de Deus, qual foi o resultado dos exames? Você contraiu uma doença grave?

Neguei, com a cabeça. Arrumei a postura e busquei forças no meu íntimo para continuar.

— Eu sou estéril. — As palavras saíram rápidas e o tom da minha voz era baixo. Não sei como conseguiram entender.

Um silêncio insuportável tomou conta do ambiente, ficaram todos olhando para mim, atônitos.

— Ninguém vai falar nada? Querem que eu tenha um enfarto? E aí? Eu conto a vocês que nunca poderei ser pai e vocês não reagem?

— Estou “fodida”... “Caralho”... Estava torcendo para o filho ser seu, Bryan, assim desfocava um pouco de mim. — Ouvimos a voz da Karin atrás de nós. — *Garota insolente!*

— “Caraca” Beatrice! Você é insistente mesmo, o cara “trepá” com outra na sua cara e ainda está aqui com ele. Isso é o quê? Dinheiro? Eu acho que não compensa, mas pelo jeito você não liga.

Dei um pulo da cadeira em direção a ela,
NACIONAIS - ACHERON

pronto para pegar em seu pescoço. Nathan correu e me segurou.

— “Cara”, não vale à pena. Você só vai machucá-la e se prejudicar, fora que seus pais ficam desnorteados. — Respirei fundo, me controlando.

Com o Nathan ainda me segurando respondi:

— Vai se “foder” Karin. Você tem sorte de que o Nathan está aqui para me segurar, senão eu ia quebrar a sua cara. — Ela fez uma cara irônica e continuou onde estava.

Beatrice levantou-se e entrou na casa. Soltei-me do Nathan e fui atrás dela. Peguei em seu ombro e a virei para mim. Seu rosto estava lavado de lágrimas e seu corpo chacoalhava, com os soluços. *“Porra”... Ela está assim pelo que falei ou por causa da idiota da minha irmã?*

Tomei seu corpo junto ao meu, abracei-a

forte e beijei o topo da sua cabeça. Ela envolveu meu corpo, com seus braços, e afundou o rosto em meu peito. Mantivemo-nos por um tempo na mesma posição, até que os soluços dela foram parando.

— Fala comigo minha menina. Estou quase surtando. Você ainda me quer mesmo sabendo que nunca poderei te dar um filho?

Ela levantou a cabeça, passou a mão nos meus cabelos e beijou meu queixo.

— Não sabe como estou aliviada depois do que disse. Achei que teria que dividi-lo com um filho de outra mulher. Quero você só para mim. Eu te amo, Bryan. Te falei que nada do que me dissesse faria eu desistir de você.

Soltei o ar dos pulmões, aliviado, era como se algo extremamente pesado tivesse saído das minhas costas.

— Por que está chorando tanto, então?

— Tenho medo — disse, encolhendo os ombros e baixando os olhos.

Levantei seu queixo, com o indicador.

— Medo do quê? Quer um filho? — Arqueei as sobrancelhas.

— Não... — Engoliu em seco. — De te perder, de não ser real o que estou vivendo, de sua família me recusar. Nunca tive isso, Bryan. A intimidade com as pessoas me assusta.

— Não tenha medo minha menina. Não existe a menor possibilidade de minha família te recusar, eles estão apaixonados por você. — Passei a mão em suas costas.

— Bryan, todas as vezes que estive aqui causei problemas entre vocês. A Karin me odeia, está sempre me ofendendo. Eles vão perceber que sou um empecilho para você.

— Tss-tss... Que grande bobagem você está dizendo, Beatrice. Ninguém dá a menor atenção às
NACIONAIS - ACHERON

coisas que a Karin fala. Está sempre querendo chamar atenção. Pode ter certeza de que ela não te odeia, faz de tudo para me tirar do sério. Vem, vamos nos juntar aos outros. Ignore a idiota da minha irmã.

Assim que colocamos os pés fora da porta minha mãe veio até nós e me abraçou. Disse, com os lábios encostados na minha orelha:

— Filho, estamos aqui por você. Não fiquei triste, Deus sabe o que faz. Vocês vão encontrar uma maneira de lidar com isso. Tenho certeza. — Apertei-a em meu corpo e me senti a pessoa mais privilegiada do mundo.

Em seguida a Gaby seguiu o exemplo de nossa mãe. Olhou para mim e para a Beatrice e disse:

— Vão poder curtir o quanto quiserem o Pedrinho e a Cristine. Se quiserem muito um filho, adotem. Tem tantas crianças abandonadas

NACIONAIS - ACHERON

precisando de um lar e, acima de tudo, de amor. Não deixem que esse fato abale o relacionamento de vocês. Tudo bem para você, Beatrice? — Beatrice fez que sim, com a cabeça.

— Ótimo, se está tudo esclarecido, podemos almoçar? Estou amamentando e o meu estômago está “grudado nas costas”, de fome — disse Gaby, descontraindo.

Sentamo-nos nas mesas externas, minha mãe arrumou o balcão de frente à churrasqueira, com arroz, salada de maionese e farofa. Nathan ficou responsável pelas carnes. Serviu-nos um delicioso churrasco. A Karin fez o prato e subiu. Tivemos um almoço tranquilo e agradável.

Durante o almoço decidi que seria uma boa hora para fazer o que tinha planejado, há dias. Levantei-me e disse:

— Pessoal, já que está tudo bem, novamente, entre mim e a minha menina. Quero

NACIONAIS - ACHERON

voltar para a sua mão à garantia de que é minha – só minha. — olhei para ela e pisquei.

— Quanto machismo, Bryan — disse a Gaby.

— Está certo cunhado, marca seu território — falou o Nathan e fez um sinal de positivo, com o polegar.

Peguei no bolso, a caixinha com o anel de noivado que a Beatrice tinha me devolvido, no restaurante. Ajoelhei-me em sua frente e pronunciei as palavras pausadamente.

— Beatrice, fica comigo pra sempre e, por favor, pare de fugir. Se tirar este anel do seu dedo, novamente, vou ser obrigado amarrá-la à minha cama. — Coloquei o anel em seu dedo e beijei sua mão. Levantei-me, puxando ela comigo, abracei-a e dei um beijo, apaixonado, em seus lábios.

Ela me deu um leve empurrão e toda vermelha disse:

— Bryan, pare com isso. Estamos em frente aos seus pais. — Virou-se para eles. — Desculpem-nos, o Bryan não está em seu estado normal, hoje. — Todos caíram na risada e disseram que estavam acostumados.

Sentamo-nos novamente e demos continuidade ao prazeroso almoço. *Gostaria que esse momento não terminasse. As pessoas que amo, juntas, comigo.*

Gaby pegou a mão da Beatrice, por cima da mesa, e apertou de leve.

— Beatrice, estamos organizando a ceia de Natal. O Bryan pediu a minha ajuda para convencê-la a vir, mas acho que não será preciso.

Beatrice estava sentada ao meu lado, com a perna encostada à minha. Senti quando ficou tensa. Apoiou os talheres no prato. Tomou um gole de água, pegou o guardanapo do colo e limpou o canto da boca. Lembrei-me do momento em que disse

NACIONAIS - ACHERON

sobre a ceia, ela ficara transtornada, desmanchou-se em meus braços. Ainda estava tentando entender o porquê de sua reação.

Ela soltou o ar dos pulmões e respondeu:

— Na verdade Gaby, eu e o Bryan ainda não conversamos a respeito. Não sei se conseguirei estar com vocês. O Ethan está chateado com algumas coisas, acho que não vai querer vir. Não posso deixá-lo sozinho.

Ah, “filho da puta”! Se aquele camarada estragar o meu Natal, vou tirar a Beatrice de perto dele, a força. Endureci o maxilar e, entre os dentes cerrados, repliquei:

— Vou fingir que não ouvi o que disse Beatrice. Nem precisamos discutir sobre o assunto, você é minha e vai estar ao meu lado. Se o “imbecil” do Ethan não quiser vir, problema dele.

— Coloquei um pedaço de carne na boca e continuei comendo, sem olhar para ela. *Só me*

faltava essa, agora, ter que pedir permissão ao Ethan para ter a Beatrice comigo.

Minha mãe percebendo o clima pesado mudou de assunto.

— Vão dormir aqui, hoje, filho?

Beatrice adiantou-se.

— Não podemos dona Maria, tenho compromisso logo cedo, em São Paulo. Preciso voltar hoje mesmo. Falando nisso, Bryan. Vou dar um pulinho no meu apartamento e ver como estão às coisas por lá. À tarde, vou marcar um café com a Mary, faz tempo que não colocamos o papo em dia. Tudo bem para você, Gaby? Eu tirar a Mary da academia por uma hora?

— Claro que sim, Beatrice. A garota nunca sai, Mary é muito eficiente. Estou superfeliz com o trabalho dela. Tenho que te agradecer.

— Só fiz meu trabalho, Gaby. Mas fico feliz que tenha acertado na escolha.

As duas conversavam ignorando completamente a minha presença. Eu estava com uma carranca enorme. *A Beatrice acha que pode ir tomando decisões sem me comunicar antes? Essa garota precisa ser domada.*

— Escute aqui Beatrice. — Ela virou para mim com uma cara assustada. — Que história é essa de que não podemos ficar? E como assim, vai tomar café com a Mary? Você não acha que precisamos conversar, antes?

— Olhe só Bryan. Não me obrigue a brigar com você na frente da sua família. Já te disse e repito: NÃO. ME. TRATE. COMO. UMA. PROPRIEDADE. DA. SUA. EMPRESA — pronunciou as palavras num tom alto e compassadas. Levantou-se, levando o prato, foi até a cozinha e colocou-o dentro da lava-louças. Agradeceu minha mãe pelo almoço, virou-se para mim e continuou. — Por isso eu queria vir com

NACIONAIS - ACHERON

meu carro, agora vou ter que ficar andando de taxi.
Pegou a bolsa e saiu andando.

Karin estava encostada na porta de vidro,
com um sorriso sarcástico no rosto.

— Agora sim, estou começando a gostar de
você, Beatrice. Chupa essa Bryan. Ahahaha... —
Bateu palmas.

Capítulo 07 – Voltando ao Posto

NÃO É POSSÍVEL UMA COISA DESSAS, *como ele pode ser tão mandão?* Dessa vez não vou ceder. Vim até aqui para apoiá-lo, mesmo sem saber do que se tratava, e continua sendo grosseiro. Tem dificuldade em respeitar às minhas escolhas, quer que eu seja um cachorrinho adestrado. Fez-me ser mal-educada na frente da sua família.

Andei a passos largos, em direção à porta que dá acesso à rua, quando fui puxada pelos braços, sem o menor cuidado. *Bruto!*

— Vai usar a força comigo, Bryan? — Encarei-o, sem vacilar.

— E você ainda não aprendeu a lei do mais forte? Por que perde seu tempo correndo de mim? Estou começando a achar que gosta que eu seja bruto com você. — Abriu um sorriso malandro. Chegou pertinho do meu ouvido, fazendo meu

corpo arrepiar-se. — Gosta de brutalidade? Podemos usar isso na cama. — Estremeci.

— Não brinca com coisa séria, Bryan. Conhece meu passado. — Ele soltou meu braço, colocou as mãos na minha lombar e aproximou nossos corpos.

— Desculpe-me minha menina. É que você fica tão linda bravinha que não aguento. Só consigo pensar em jogar você na cama e fazer muitas coisas deliciosas. — Beijou meu pescoço. — Vamos ao seu apartamento ver como estão às coisas por lá. Quem sabe podemos aproveitar a banheira e a cama. — Piscou sex.

— Você não me leva a sério, Bryan? Não quero que fique atrás de mim. Já não basta o Yuri. Aí o dia que dá folga a ele, fica você? Qual é o problema em eu ir de taxi? Aproveite para curtir a sua família, veio até aqui para contar a eles uma parte importante da sua vida. Agora vai deixá-los?

Ele franziu o cenho.

— “PORRA” BEATRICE! Está sempre dificultando as coisas. Que “caralho”! Não vai sair sozinha e fim de papo. Quer “foder” com a minha cabeça, garota? — Soltou-me, pegou as chaves do carro e abriu a porta. — Vamos.

Joguei os braços para cima e revirei os olhos.

— Eu tenho escolha Bryan? Até o apartamento tudo bem, agora pra tomar café com a minha amiga, nem pensar! — Coloquei o indicador em seu nariz.

Ele pegou meu dedo e mordeu.

— Oncinha, não vai ficar sozinha e fim de papo.

— Bryan, vamos estar no meio do shopping, tomando um café na Starbucks, nada pode nos acontecer. Eu não acredito que não terei um minuto sequer com a minha amiga, sozinha.

Ele cruzou os braços no peito, fechou a cara e tampou a passagem da porta, me impedindo de sair.

— Ou vou junto ou você não vai, Beatrice. É simples de resolver.

Fiquei na ponta dos pés e com o dedo em seu peito contestei:

— Você está vendo Bryan? Percebe o que faz comigo? EU. PRECISO. DO. MEU. ESPAÇO! Entenda isso de uma vez por todas.

Bryan pegou na minha cintura e levantou-me, deixando nossos rostos colados.

— O. SEU. ESPAÇO. É. O. MEU. ESPAÇO! Entenda isso de uma vez por todas, Beatrice. — Pegou na minha nuca e enfiou a língua na minha boca. Apertou-me contra seu corpo e cada vez mais intensificou o beijo. Fui amolecendo e ficando quente. O centro das minhas pernas começou a formigar. Passei os braços pelo seu

NACIONAIS - ACHERON

pescoço, agarrei seus cabelos e apertei seus lábios aos meus. Ele soltou um gemido de prazer. *Parabéns libido, ponto pra você. Mandou minha razão passear e tomou conta do meu corpo.*

Passamos em meu apartamento e vimos que estava tudo em ordem. Aproveitei para pegar algumas peças de roupas das quais gosto muito. Enquanto estávamos no apartamento, liguei para a Mary e marquei de tomarmos café na Starbucks – *a mesma em que cai aos pés do Bryan.*

Estava retocando a maquiagem, no espelho do carro, parados no semáforo, Bryan olhou para mim e disse:

— Está linda minha menina, não precisa se “borrocar”.

— Não gosta que eu use maquiagem, Bryan? — falei, com uma expressão de espanto.

Ele encolheu os ombros.

— Sei lá, só acho que não precisa. Depois acha ruim quando vou te beijar.

— Ai que bonitinho... — Belisquei as bochechas dele. — Pode me beijar, meu meninão, a hora que quiser. Não me importo de retocar a maquiagem. Por um beijo seu, retoco quantas vezes for necessário.

Em frente à cafeteria, que estava cheia como de costume, procurávamos pela Mary, quando ouvimos sua voz.

— Ô dois... Aqui... — Viramos e a vimos, acomodada em uma mesa, acenando.

— Oi Trice, que saudades! — Levantou-se e me abraçou forte. Sussurrou em meu ouvido. — Voltou com o Bryan e nem me contou.

— Foi hoje de manhã, não deu tempo — falei baixinho.

— Vão ficar cochichando? Eu estou bem aqui. — Bryan apontou para o seu corpo.

— Não mandei vir a tiracolo, Bryan. Agora nem vamos poder falar mal de você. — Mary pronunciou as palavras aos risos e foi abraçá-lo.

Conversar com sua melhor amiga – com o seu noivo ao lado – não tem a menor graça. Tivemos que cuidar com os assuntos que tocaríamos. Conhecemos muito bem o Bryan, não precisa de muito para se alterar. Não gostei nada, porém, ou era isso ou subiria a serra sem passar um tempinho com a minha amiga.

— Trice, tenho uma novidade pra você, mas meu chefe está aqui na minha frente, vou ter que te contar depois — disse Mary, fazendo uma careta.

— Se não pode contar é porque está aprontando alguma, Mary — falou Bryan, tomando um gole do café.

— Me responda uma coisa Bryan, aquela
NACIONAIS - ACHERON

regra da sua empresa, de que não pode ter relacionamentos entre funcionários, se estende à academia? — A cara que a Mary fez foi muito engraçada. Como uma criança que está escondendo alguma coisa.

Bryan colocou o copo na mesa, virou para ela e perguntou:

— Você está namorando quem na academia, Mary?

— Credo Bryan, dá para ser menos direto? — Encolheu os ombros. — Poxa Trice, você tinha que ser noiva logo do meu chefe? Não dá nem para a gente conversar; sem que eu corra o risco de ser demitida.

Olhei para ele, franzindo o cenho e estreitando os olhos.

— Pega leve Bryan. Está vendo o porquê de eu não querer você o tempo todo comigo?

Ele virou as palmas das mãos para cima.

— O que foi que eu fiz? Ela que está quebrando uma regra da empresa e eu que levo bronca? — Olhou para a Mary alertando. — Você é a gerente, Mary. Tem que dar o exemplo. Se quebrar às regras, todos os outros se sentirão no direito de fazer o mesmo.

— É... Mary, sem querer fazer o papel de advogada do diabo, eu tenho que concordar com o Bryan. E tem outra, se aprontar na academia eu corto o seu pescoço. — Fiz um gesto com a mão, de cortar o pescoço.

Ela levantou os braços se rendendo.

— Beleza... Beleza... Entendi o recado, gostei pra caramba de ficar com o Pablo, mas já vi que terei que dispensá-lo. — Bufou e entortou os lábios.

O celular do Bryan tocou, vi no visor que era a Carol, sua assistente. Ele levantou-se e comunicou:

NACIONAIS - ACHERON

— Vou dar um pouco de espaço a vocês. Só um pouquinho hein! — Piscou para mim e saiu, falando ao celular.

— Então quer dizer que ficou com o Pablo, Mary? — perguntei, com um ar divertido.

— Agora quer saber os detalhes né, “VAGABA”. Vou contar ao Bryan que fica toda saidinha longe dele. — Balançou a cabeça, com um sorriso no canto dos lábios.

— Mui amiga você hein Mary. Já está querendo queimar meu filme com o Bryan.

— Estou brincando sua tonta. Vai lá, pode começar a contar por que resolveu voltar com o deus grego. E seja rápida, porque daqui a pouco ele senta aí e acaba com a graça.

Joguei a cabeça para trás, com a risada que soltei. Fiz um breve relato à Mary dos acontecimentos dos últimos dois dias.

— Olha Trice, acho que nem “Freud”
NACIONAIS - ACHERON

entenderia o relacionamento de vocês, é coisa de louco. Mudando de assunto, vamos à boate hoje à noite? Dá última vez me deu o bolo, está me devendo uma noite só de meninas — lembrou a Mary.

Senti uma pontada no estômago ao ver quem estava vindo em nossa direção. Olhei para os lados, pedindo a Deus que o Bryan estivesse por perto. *Não pode ser! Que falta de sorte. Terei que lidar com essa mulher, sem o Bryan.*

Toda petulante, puxou a cadeira em que o Bryan deixara vaga e sentou-se.

— Olá Beatrice. Que coincidência, você por aqui. Quem é a sua amiga? Apresente-me. — Chamou o garçom e pediu uma água.

A Mary enrugou a testa e balbuciou:

— Quem é a perua?

Felícia estava muito bem arrumada e maquiada. Vestindo um vestido com estampa de NACIONAIS - ACHERON

onça, extremamente agarrado e curto. Sandálias altíssimas — deixando-a bem maior do que eu. Unhas e lábios pintados de vermelho e os cabelos, loiros, soltos no ombro.

Mediu-me de cima em baixo com um ar irônico e disse:

— Sabe, olhando você de perto, fico pensando, o que aqueles idiotas viram em você? Até o Rodrigo eu entendo, é um trouxa mesmo. Agora o Bryan, caramba, sempre tão esperto, se deixou levar por isso? — Apontou, com a mão para o meu corpo.

Fechei os olhos e segurei a respiração por alguns segundos. Saí de casa vestindo calça jeans, camiseta e tênis. Meus cabelos estavam soltos, porém sem estarem escovados. A maquiagem bem suave, quase imperceptível.

A Mary foi levantar-se, indo para cima dela, segurei seu braço — fazendo-a voltar ao seu lugar.

— Quem é você? Acha que pode chegar aqui e ofender minha amiga assim? “Vadia”!

— Uau! Amiga protetora essa sua, Beatrice.
— Limpou o canto dos lábios, sujos de batom, com o polegar e ficou encarando a Mary.

— Ok, Felícia. Já disse o que queria. Poderia fazer a gentileza de nos deixar? — pronunciei as palavras, o mais educada possível, sem me rebaixar.

Como se eu não tivesse dito nada, ela pegou a água e começou a beber. Ficamos olhando para ela, nos controlando.

— Trice, essa é a “vaca” de quem me falou? Aquela que traiu o noivo e agora quer dar o golpe da barriga no Bryan? — *Felícia mexeu com a pessoa errada. Mary consegue ser sarcástica tanto quanto ela.*

Felícia arregalou os olhos, com o copo de água ainda na boca. Voltou o copo para a mesa.

Abriu um sorriso provocador e replicou:

— Vaca é? É assim que classifica a mãe do filho do seu amado? Que pena, terá que conviver muito comigo – se quiser ficar com o Bryan. E quanto a você. — Apontou o indicador para a Mary. — Pouco me importa o que acha.

— Chega Felícia, estou tentando ser educada com você, mas você não está ajudando muito. Pode, por favor, sair? — Meu tom de voz começou a ficar alterado e os nervos do meu corpo estavam pulando. *Não posso me rebaixar ao nível dessa mulher.*

— Trice, vai deixar essa “vaca” te provocar? Conta pra ela o que o Bryan descobriu, e assim ela tira esse sorriso “idiota” do rosto. — A expressão da Mary era de satisfação.

Não podia contar a ela sobre Bryan ser estéril. Ele tinha que fazer aquilo. O certo era deixá-la sem saber, até o nono mês, achando que

NACIONAIS - ACHERON

estava ganha a batalha.

— Mary, deixa isso pra lá. Ela deve saber melhor do que nós que esse filho não é do Bryan. Mas se isso a torna mais feliz, deixa que engane a si mesma. Já ouviu aquele ditado: “Pior cego é aquele que não quer ver”?

Ela arrumou a postura na cadeira, pegou a bolsa para levantar-se.

— Ué, está com pressa agora “vadia”? — Olhei feio para a Mary, pedindo que a deixasse ir.

Felícia colocou a bolsa onde estava, voltou o sorriso “idiota” no rosto e disse:

— Não vou aceitar provocação de uma inútil. O que eu sei é que o Bryan me “comeu”. Isso é o suficiente. Aliás, ele nunca resiste a mim. — Passou a língua nos dentes e levantou as sobrancelhas, olhando para mim. — Também, pudera, olha quem ele tem ao lado dele. Uma baixinha, magrela e sem graça.

Não consegui segurar a Mary. O nó na minha garganta estava enorme, minha boca seca e as mãos suando. Meu coração disparou e eu não estava conseguindo respirar no compasso certo. Lembrei-me da doutora Perci dizendo-me para controlar a respiração quando começasse o ataque de pânico.

A Mary não quis nem saber onde estávamos, por cima da mesa, partiu pra cima da Felícia — com um soco no nariz dela — que imediatamente começou a sangrar.

— “Sua vadia, filha da puta”! Se chegar perto da Trice de novo, vou acabar com você!

— Que “porra” está acontecendo aqui? —
A voz da minha salvação, surgiu atrás de mim.

Bryan veio até mim, levantou-me e me abraçou. Encostei a cabeça em seu peito e desabei a chorar.

— Bryan, essa “vaca” estava ofendendo a
NACIONAIS - ACHERON

Beatrice. — Mary estava em pé e um garçom a segurava.

— Moça, precisa se controlar. Vamos chamar o segurança, não pode ter esse comportamento aqui. — O rapaz, todo educado, pediu à Mary.

Bryan pegou a carteira do bolso de trás da calça jeans, tirou algumas notas e jogou em cima da mesa.

— Vamos sair daqui. — Saiu andando, comigo grudada em seu corpo e o rosto enterrado no seu peito. Logo atrás, vieram a Mary e a Felícia.

Felícia chorava descontrolada e a Mary a xingava.

— Pare com o teatro, “vadia”. Acha que o Bryan vai acreditar em você? Idiota!

Chegamos ao estacionamento, próximo ao carro do Bryan, e paramos para conversar. Bryan abriu a porta do passageiro e colocou-me sentada.

Não abri os olhos, estava morrendo de vergonha da minha fraqueza. *Por que nunca encaro os problemas?*

Ele agachou-se, levantou meu queixo, com o indicador.

— Calma minha menina, vou resolver isso. Não chore. — Limpou as lágrimas, com o polegar e beijou a ponta do meu nariz.

Levantou-se, ficando de frente para a Mary e a Felícia.

— Pode começar a falar, Felícia. Que “merda” você disse a ela? — perguntou com as mãos na cintura.

Felícia chorando, e com o nariz sangrando, começou a defender-se.

— Bryan, olha o que essa louca fez comigo. Estou sangrando e você está preocupado com a sua noivinha fracote. Eu é que carrego o seu filho e ela é quem tem a sua atenção?

Bryan cerrou os punhos ao lado do corpo, com um sorriso cínico no rosto, rebateu:

— Você é ridícula, Felícia. Sabe muito bem que esse filho não é meu. Ainda vou descobrir o que você e a Alicia estavam pensando, quando tramaram tudo isso.

Alicia? Como assim? O que ela tem a ver com a gravidez da Felícia?

— Bryan, ela chamou a Beatrice de baixinha, magrela e sem graça. E agora de fracote. Se você não tomar uma atitude, vou quebrar a “cara dessa vadia”! — Mary estava descontrolada.

— Mary, já deu seu horário. Volte para academia. Deixe que eu resolva — disse Bryan, todo autoritário, em seu modo chefe.

Mary chegou perto do rosto da Felícia, com o indicador no nariz dela, e revidou:

— Olha aqui “filha da puta”. Eu vou, porque o Bryan é meu chefe e preciso muito desse
NACIONAIS - ACHERON

emprego, só que vou deixar um recado: se chegar perto da Trice, eu juro que vai sentir saudades do soco que te dei hoje. — Empurrou o peito da Felícia, veio até mim, deu um beijo na minha cabeça e foi embora.

Bryan cruzou os braços no peito, olhou dentro dos olhos da Felícia e disse:

— Agora é com você. O que quer? Por que não atendeu minhas ligações?

Ela abriu novamente um sorriso satírico.

— Eu queria conhecer de perto sua noiva, Bryan. Só isso. Não tenho culpa se ela tem uma amiga barraqueira. Estava passeando pelo shopping e vi as duas tomando café. Não vi problema algum em acompanhá-las. Afinal, meu filho será enteado dela.

“Que vaca”! Vai se fazer de vítima para o Bryan. E insiste que o Bryan é o pai do seu filho.

— CHEGA DE PALHAÇADA FELÍCIA!

NACIONAIS - ACHERON

Eu tenho cara de otário? Trouxa? Imbecil? Fale logo o que quer e limpe a área. — O grito do Bryan a fez pular de susto.

— Nossa Bryan! Calma... — Arrumou o cabelo atrás da orelha, passou as mãos pelo vestido. — Eu andei pesquisando sobre sua noivinha. Você sabia que ela foi casada por 15 anos? Não acha estranho ela não ter tido filhos?

Meu corpo endureceu na hora. As sensações de pânico voltaram. Ela não podia ter mexido no meu passado a ponto de descobrir o porquê de eu não poder ter filhos. Só eu e o Pietro sabíamos o motivo. *Será que ela tem acesso aos arquivos dos hospitais? Meu Deus! Isso não pode vir à tona.*

— Qual o problema em não querer ter filhos, Felícia? Eu mesmo não quero.

— Bom, é tarde para isso não acha, Bryan? E a questão aqui é diferente, ela não pode ter filhos. Ela nunca te disse isso?

Fui ficando cada vez mais apavorada. *Onde ela conseguiu informações sobre mim? E agora o que eu faço? Nunca falei disso com o Bryan. Ele não vai me perdoar. Não sei o que fazer.*

— Felícia, já disse o que queria? Não me interessa o que descobriu sobre a Beatrice. Nada do que me disser me fará deixá-la. Agora pode ir, não chegue mais perto da Beatrice, nos deixe em paz.

Bryan andou até o lado do motorista, abriu a porta e quando ia entrar ela perguntou:

— Não vai perguntar como está o seu filho?
Ele abriu um sorriso zombeteiro.

— Quando tiver provas de que é meu, me procure. Antes disso, esqueça-se da minha existência. Até nunca mais, Felícia. — Entrou no carro, pegou a minha mão e beijou a palma.

— Por isso que não posso deixá-la sozinha, minha menina. Quantas vezes tenho que te falar isso? Quero te proteger e você não deixa.

Poderíamos ter evitado tudo isso.

Eu não tenho sorte, todas as vezes que bato o pé para o Bryan me deixar, acontece alguma coisa.

— Bryan... Não posso viver com você atrás de mim o tempo todo, inclusive, decidi dormir aqui, hoje. Estou devendo uma noite só de meninas para a Mary, depois do que aconteceu, nada mais justo do que eu pagar. Você viu como ela me defende, nada pode acontecer a mim com ela junto — falei rapidamente, sem dar chances de recusa. *Preciso mostrar a ele que sou forte, que sei me cuidar.*

Bryan paralisou, fitou-me, passou a mão pela testa e ficou pensativo, por um tempo.

— Devo me preocupar com você sozinha em uma boate? – Estreitou os olhos e lábios.

— Devo me sentir ofendida com essa pergunta? — Fechei a cara. — Fico me perguntando, quando foi que eu te dei motivos para

isso?

— Faz-me rir, Beatrice. Quando foi que me deu motivo? Está falando sério? Está o tempo todo fugindo de mim. — Balançou a cabeça. — Por que não posso ir junto?

— Já te expliquei e não vou ficar repetindo. — Cruzei os braços no peito e virei o rosto para a janela.

— E se o Rodrigo estiver por lá? — *Não acredito nessa pergunta.*

— É um risco que terá que correr. Não encontrei com a Felícia hoje? Estamos sujeitos a tudo nessa vida — disse, soando blasé.

— Você é uma incógnita para mim, Beatrice.

— Jura? Que engraçado, posso dizer o mesmo de você! — Contorci o rosto, em uma expressão de desgosto.

Sem mover-se, um milímetro, ele

NACIONAIS - ACHERON

continuou:

— Tão persuasiva nos negócios, dona de si, independente, e ao mesmo tempo tão ingênua. — Virou o meu rosto para ele. — Não percebe as intenções dos homens com você, Beatrice? Ou se faz de tonta de propósito? Estar sozinha em uma boate é sinônimo de liberdade, vão avançar em você.

— Vai continuar com as ofensas, Bryan? — O sangue estava fervendo nas minhas veias. Ele me tira do sério. *Que história é essa de me fazer de tonta de propósito? Imbecil.* — Bryan, você realmente não me conhece. — Voltei a olhar pela janela. — Não preciso da sua permissão para “merda” nenhuma nessa vida, Bryan! — disse baixinho.

Escolhi um pretinho básico, frente única,

sem mangas, todo justo ao corpo, não muito comprido, uns cinco dedos acima dos joelhos. Calcei sandálias douradas com saltos parafuso. Coloquei argolas de ouro nas orelhas. Prendi apenas um lado do cabelo e caprichei na maquiagem: usei dourado, preto e nos lábios um batom vermelho vivo. Passei meu perfume predileto. Em todo o tempo em que eu me arrumava, Bryan ficou observando, encostado no batente da porta. Não disse uma palavra se quer. Suas mãos permaneceram nos bolsos da calça jeans. Peguei a bolsa de mão, coloquei a carteira e o celular dentro. Olhei para ele e disse:

— Estou pronta. — Dei uma viradinha e perguntei. — Está bom?

Encolheu os ombros e respondeu:

— Perfeita! Pena que não se arrumou para mim. Tem alguma coisa que eu possa fazer para você mudar de ideia?

Neguei com a cabeça.

— Precisamos ter momentos separados, Bryan. Uma hora vai enjoar de mim, não quero que isso aconteça.

Ele estendeu a mão para eu pegar e levou-me até ele, com cuidado. Colocou a mão em minhas costas nuas e, com os dedos, começou a fazer círculos na minha pele. Seus dedos, em contato com minha pele, quase me fizeram desistir de sair. A outra mão acariciava meu rosto e seus olhos irradiavam admiração.

— Eu jamais vou enjoar de você, minha menina. Passo vinte e quatro horas pensando em você. — Seu maxilar estava tenso e os nervos de seus braços pulavam. — Fica comigo ou, ao menos, me deixe ir junto.

Ouvimos o interfone tocar na sala. Afastei-me de Bryan, sem dar a ele a chance de me convencer a ficar. Caminhei, com passos rápidos, NACIONAIS - ACHERON

até a sala.

— Estou descendo, Severino. Muito obrigada!

A boate estava cheia, como de costume, mesmo sendo no meio da semana. Como das outras vezes, não precisamos pegar fila para entrar, a Mary tinha tido um casinho com um dos seguranças, o que nos abria as portas. Sentamos em um bangalô, um pouco afastado da pista de dança. Acomodei-me no sofá branco de couro e deixei a bolsa ao lado, na mesinha. Mary sentou-se de frente para mim.

— Então, Trice. Desembucha, está muito calada. O que está te perturbando?

Olhei para a Mary, que estava com um vestido vermelho de arrasar, maquiagem bem carregada e sandálias altíssimas, respondi:

— Podemos pedir uma bebida antes?

— Claro! — Levantou-se, indo até o bar, rebolando – com seu corpo de deixar os homens de queixo caído. Voltou com duas bebidas nas mãos.

Brindamos e bebemos todo o conteúdo do copo em uma golada só. A vodca desceu queimando. Chacoalhei a cabeça, espremendo os olhos e lábios. Nesse momento, ouvimos a voz do DJ, da noite, anunciando a sua chegada e animando a galera. Não demorou muito para a pista estar abarrotada de corpos se movimentando. A música ficou mais alta e bem agitada. Meu corpo começou a se mexer sozinho no sofá, *sempre gostei de dançar, pena que o Ethan não está aqui para fazermos a nossa coreografia.*

— Vão trazer mais bebidas para nós daqui a pouco — gritou Mary, do seu lugar, o som alto impedia de termos qualquer conversa convencional.

Concordei, com a cabeça, e continuei

admirando as pessoas dançando na pista.

— Vamos dançar? — gritei.

Levantamos e em segundos nossos corpos se agitavam na pista. Joguei os braços para cima e mexi os quadris, com vontade. Uma música emendava na outra, sem quebrar o ritmo da pista. Senti o suor escorrer pelo corpo e os cabelos grudarem no pescoço. Procurei pela Mary e avistei-a se enroscando com um rapaz muito bonito.

— Tss-tss! Não sei pra que ela me traz, sempre arruma alguém e acaba me deixando sozinha! — falei comigo mesma e continuei dançando. Estava precisando descarregar as energias.

Um corpo aproximou-se do meu e antes de eu agir, ouvi aquela voz... A que me perturbou a vida toda.

— Até que enfim vou conseguir ter uma conversa com você, sem o seu noivo podre de rico.

NACIONAIS - ACHERON

— Um bafo de álcool, misturado com nicotina, soprou no meu pescoço e aquela mão segurou firme na minha cintura. Virei o rosto e quase caí de susto.

— Quer dizer então que a “vadia” da minha filhinha se deu bem na vida?

Pai do céu! Não estou acreditando, ele me achou! Claro, as notas que saíram na mídia sobre o meu noivado. O que ele quer de mim? Esse “filho da puta” não está satisfeito por ter acabado com a minha vida? Sua mão desceu para a minha bunda, dando um apertão.

— Sabe... Agora, você está mais gostosa. Vou poder saborear melhor. — Fungou e lambeu meu pescoço. *Que nojooooooooo!* Queria gritar e sair correndo, mas o meu corpo não respondia aos comandos do meu cérebro.

Ele foi me empurrando em direção a uma saída de emergência e minhas pernas foram amolecendo. Minha cabeça virou um turbilhão,
NACIONAIS - ACHERON

minha vista ficou turva. Passei a língua nos lábios, que ressecaram. Continuava sendo arrastada para fora, sem reagir. Comecei a pedir a Deus que a Mary me visse e fosse me ajudar. O “desgraçado” é muito forte e exerce uma pressão psicológica sobre mim, inexplicável. Estávamos chegando à porta e o desespero tomava conta de mim.

— Por fa...vor! — balbuciei, gaguejando.

— Cale a boca, “vadia gostosa”. Hoje você não me escapa. Achou que ia acabar com a minha vida e sair impune? — falou ao meu ouvido, me empurrando. — Vamos ver se o seu noivo realmente gosta de você. Estou te fazendo um favor, se ele não aceitar as minhas exigências, estarei te livrando de uma.

Meu peito apertou, o estômago embrulhou e os sentidos começaram a sumir. *Não posso desmaiar, ele vai fazer o que quiser de mim.* A bebida subiu de uma vez na minha garganta e

NACIONAIS - ACHERON

comecei a vomitar, perto da saída. Ele me segurou, com mais força, fiquei com o corpo inclinado, com as mãos nos joelhos, por uns instantes. Quando tentei levantar-me, não encontrei forças, meus joelhos dobraram-se e caí de quatro no chão.

— QUE “PORRA” É ESSA? Tire essas mãos imundas da minha menina, seu “filho da puta”!

Ouvi longe a voz do Bryan... *Graças a Deus! Ele veio me socorrer...* Tudo foi ficando longe... Escuro... Quietos... Mãos me pegaram... *Que cheiro maravilhoso... O cheiro do meu homem... A fragrância do seu perfume misturado com seu odor natural...*

— Bryan... Ajude-me! — consegui falar.

— Estou aqui minha menina. Calma. — Sua voz ficou muito fraca e não ouvi mais nada.

— Você está vendo a “PORRA” que fez

Mary? Não disseram que seria uma noite só de meninas, por que você estava se agarrando com um homem e a Beatrice sozinha?

— CALMAAAAAA, Bryan! Não aconteceu nada.

— Claro que não aconteceu, pois eu cheguei bem na hora. Nunca mais, você está ouvindo? Ela não vai nunca mais sair sem mim! QUE “CARALHO”! Ninguém percebe que a Beatrice está correndo perigo?

Os gritos do Bryan e da Mary estavam me trazendo de volta. *Meu Deus! O “filho da puta” do meu pai me achou.* Um arrepio passou pelo meu corpo, fazendo-me estremecer.

— Minha menina, estou aqui com você. Volta pra mim querida. — Bryan batia, de leve, no meu rosto.

Minhas pálpebras estavam pesadas, a respiração acelerada e sentia a batida do meu

NACIONAIS - ACHERON

coração nos ouvidos. Minha cabeça latejava e as mãos formigavam.

— Que...ro á...gua — ciciei, com muita dificuldade, abri os olhos e virei a cabeça, tentando descobrir onde estávamos. Eu estava em uma maca e tinha ao meu redor alguns itens de primeiros socorros, a sala era toda branca e uma luz forte a clareava. Bryan e Mary não estavam sozinhos, tinha um rapaz vestido de branco, que deduzi ser enfermeiro. — Onde estou?

— Na sala de emergência da boate, você desmaiou minha menina. Sorte que cheguei a tempo, porque estava saindo com aquele homem? Quem era ele?

Engoli em seco, respirei fundo, fechei os olhos e entre lágrimas respondi:

— Meu pai.

Bryan arregalou os olhos, se afastou da maca e com as mãos na cintura disse:

NACIONAIS - ACHERON

— Você só pode estar de brincadeira comigo, Beatrice! — Passou as mãos nos cabelos. — “PORRA... PORRA... PORRAAAAA”! É pior do que eu pensava. Você ouviu isso, Mary? OUVIU? — Aproximou-se novamente da maca e encarou a Mary.

Mary se encolheu ao meu lado e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Desculpe-me Bryan. Eu vacilei. — Balançou a cabeça e segurou a minha mão, se desculpando.

O enfermeiro chegou perto de mim, levantando meu tronco, ajudando-me a sentar e me entregou um copo com água. Peguei o copo, com as duas mãos, bebi a água, com gosto. O moço pediu para o Bryan e a Mary se afastarem. Mediu minha pressão e os batimentos cardíacos. Conversou comigo, pedindo para eu me acalmar, colocou-me de pé e testou meus sentidos. Disse ao Bryan para

NACIONAIS - ACHERON

ficar de olho em mim e me dar muita água, para não desidratar. Se percebesse que eu estava passando mal, novamente, era para me levar imediatamente ao pronto socorro, para ser medicada e colocada no soro.

Ao nos despedirmos da Mary ela me pediu muitas desculpas, eu tentei confortá-la, dizendo que a culpa não era dela, afinal não era uma criança. Bryan não concordou.

Bryan dirigia como um louco pelas ruas de Santos. Eram duas da manhã, as ruas estavam quase desertas. Seu peito subia e descia bruscamente, estava descontrolado. Seus olhos estavam vermelhos de raiva. Entramos na garagem do meu prédio e em questão de segundos Bryan já estava abrindo a porta para eu descer. Quando pensei em colocar os pés para fora, ele passou os

braços por baixo das minhas pernas me pegando no colo.

— Estou bem, Bryan. Não precisa me levar no colo.

— Fica de boca fechada, Beatrice. — Chutou a porta do carro para fechá-la e caminhou comigo até o elevador.

O elevador estava parado na garagem e não demorou muito para chegarmos ao andar do meu apartamento. Peguei as chaves do apartamento no bolso de sua calça e abri a porta, Bryan não falou comigo durante todo o trajeto, a não ser para dizer onde estavam as chaves. Assim que entramos, ele caminhou comigo, em seu colo, até o meu quarto e me colocou na cama.

Bryan saiu e me deixou sozinha, sem saber o que pensar e o que fazer.

Depois de um tempão, ele entrou de volta, sentou na beirada da cama e ficou me olhando, sem

NACIONAIS - ACHERON

dizer nada. Enquanto ele se recusava a falar comigo, eu tinha tomado um banho demorado, colocado um pijama confortável e estava sentada, com as costas apoiadas na cabeceira da cama, sem conseguir dormir. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido.

— O que foi que ele disse a você, Beatrice?
— perguntou, com uma expressão séria.

— Acho que ele queria me sequestrar, disse alguma coisa sobre noivo podre de rico — falei com os olhos fixos em minhas mãos, que estavam se contorcendo em meu colo.

Ele coçou a barba, levou os dedos à frente dos lábios e me analisou por um tempo. Respirou fundo.

— Quando vai aprender a me ouvir? Percebe o risco que correu? E se eu não tivesse ido atrás de você?

Senti o corpo ser dominado pela culpa, uma
NACIONAIS - ACHERON

sensação terrível de medo, na verdade, pavor. Comecei a mexer os pés, freneticamente. Meus dentes mordiam os lábios e a pulsação latejava em meus ouvidos. Estiquei as mãos em direção ao Bryan.

— Preciso de você, me abraça.

Bryan me abraçou. Em seus braços me senti segura.

— Daqui para frente, não vai nem ao banheiro sem mim ou o Yuri, está claro? — Beijou o topo da minha cabeça. — Vamos subir a serra, não quero ficar nem mais um minuto aqui, sabendo que seu pai está na cidade.

Capítulo 08 – Menos Um

— **EU CHEGUEI AO EVENTO E JÁ TINHA COMEÇADO.** Praticamente todos estavam no salão principal. Somente alguns fotógrafos permaneciam na entrada. Cheguei junto com a minha esposa, Paola. Caminhamos para onde estavam todas as pessoas. Não demorou muito e ouvimos os tiros. Muitas pessoas correram, pedi para que Paola ficasse sentada e corri em direção ao som dos disparos. Antes que chegasse ao local, ouvi novos tiros.

— Doutor Rogério...

— Pode me chamar de Rogério — disse impaciente.

— Tudo bem, Rogério... Dando continuidade, o Senhor foi o primeiro a chegar próximo ao corpo, confere a informação?

— Sim, confere. — Meneou a cabeça.

— Algumas testemunhas disseram que o senhor se sentiu aliviado quando percebeu que Scott estava morto, inclusive, disse que estavam livres dele – para a sua enteada Polyana. — Tragou o cigarro e soltou a fumaça para o lado.

— E o que isso prova? Que eu o odiava! Assim como a maioria das pessoas que estavam ali. Acho que somente os pais dele não o queriam morto — disse, indignado.

Ademir aproximou o corpo da mesa, estreitou os olhos e prosseguiu:

— Doutor Rogério, estou fazendo o meu trabalho e posso garantir que o cumprirei. Não me interessa o quanto à vítima era “filho da puta”. O meu trabalho é descobrir quem o matou. Espero que eu possa contar com a sua colaboração. — Recostou-se novamente na cadeira, apagando o toco de cigarro no cinzeiro.

Rogério sorriu ironicamente e balançou a

NACIONAIS - ACHERON

cabeça.

— Acha que vai me intimidar detetive? Sou macaco “véio”, muitos anos de carreira. Sei exatamente o que está passando pela sua cabeça e as perguntas que fará. Uma coisa eu tenho a te dizer, apesar de querer matar o “desgraçado”, não sujaria minhas mãos. — Mostrou as palmas das mãos.

— Acredito mesmo doutor, porém, o senhor sabe — melhor do que eu — que não é preciso sujar as mãos para eliminar alguém. — Levantou as sobrancelhas.

Os dois ficaram se encarando por alguns segundos e Rogério quebrou o silêncio:

— Ainda demora? Eu tenho muito que fazer. — Olhou às horas, em seu “Rolex”.

— Qual o relacionamento que o senhor tem com o empresário Bryan? Noivo de sua outra enteada. — Acendeu outro cigarro, e tragou-o.

Rogério cruzou as pernas, abriu o paletó e segurou os lábios com os dedos.

— Não muito próximo. — Limpou a garganta.

— Preciso saber o motivo, apesar de já ter algumas informações a respeito.

Rogério beirou o corpo à mesa e sussurrou:

— Não perca seu tempo e nem me faça perder o meu detetive. Nós dois sabemos que já chegou há algumas conclusões, só precisa de provas. — Levantou-se, fechou um botão do paletó. — Até logo detetive, espero ter ajudado — disse e se retirou.

Capítulo 09 – Eu Te Avisei

ESTIQUEI O BRAÇO E JUNTEI NOSSOS CORPOS. Depois de dias com insônia tive uma noite tranquila. Beatrice ficou abalada com o ocorrido em Santos. *Três coisas no mesmo dia é muito para cabeça dela.* O caminho todo tentei tirá-la de seus pensamentos, sem sucesso. Sorria para mim – forçosamente.

Preocupe-me, o que será que está perturbando mais a minha menina? Será que ela tem algum problema grave, impedindo-a de ter filhos? E se tiver, que diferença isso faz agora? Nem precisei insistir para que ela dormisse em minha casa. Assim que eu convidei, esperei vir um bombardeio, mas ela simplesmente pegou o celular e ligou para o Ethan, avisando-o.

Chegando à minha casa ela não questionou nada. Subiu e deitou-se. Quando voltei do banho

ela já estava dormindo. Tirei sua roupa, deitei-me ao seu lado, passando o braço por baixo de sua cabeça, ela apenas deu um gemido, abafado, e continuou dormindo. *Que estranho!* Comentou comigo que a Dra. Perci passou um remédio para controlar a ansiedade, provavelmente ele a deixou meio grogue. Bom, pelo menos, com todos os acontecimentos, estava conseguindo dormir. *Ufa!*

Enquanto eu admirava a mulher da minha vida, deitada em meu braço, seu celular começou a tocar, no criado mudo, ao seu lado. Ela abriu os olhos e esfregou-os. Bocejou e perguntou:

— Que horas são Bryan?

— Oito horas minha menina. — Passei às costas da mão em seu rosto.

Beatrice esticou-se inteira e pegou o celular.

— Oi Mary. — Ouviu o que a amiga disse. — Aham... Ok... Vou ver o que eu faço. Beijos. — Sua voz estava mole.

— O que foi Beatrice? O que a Mary queria? — perguntei e pousei um beijo doce, em seus lábios.

— Nada importante Bryan, queria saber se eu estava melhor. — Impulsionou o corpo para levantar-se. Puxei-a de volta e abracei-a com mais força.

— Onde pensa que vai?

— Tenho vários compromissos, hoje, Bryan. Não posso demorar-me aqui. — Empurrou o meu peito, afastando-me.

Peguei a mão que me empurrava, coloquei em suas costas e a segurei, imobilizando-a.

— Não meça força comigo Beatrice. Sabe que vai perder. O que a Mary queria?

Ela revirou os olhos.

— Vamos começar o dia com “ogrisse”, Bryan? Não tenho que te contar tudo, que saco! — Encarou-me.

Levantei as sobrancelhas.

— Tem que me contar tudo sim. Vamos ficar aqui até me contar o que a Mary queria. — Beatrice bufou.

— É sobre o Pablo, Bryan. Ela saiu com ele, gostou e ele também. Agora não sabe o que fazer. Pediu para eu conversar com a Gaby. Está feliz agora?

— Não... Nada feliz. Ia passar por cima de uma ordem minha? Como assim falar com a Gaby? Se eu disse que não, é porque não pode. Eu sou o que agora? — Franzi o cenho.

Ficamos nos encarando por um tempo. Beijeí sua testa e continuei:

— Que horas tem que estar no escritório, minha teimosinha?

— Tenho um cliente marcado às dez horas, no escritório dele. Já avisei o Yuri. Preciso passar na concessionária para pegar o meu carro, está
NACIONAIS - ACHERON

pronto desde ontem. Estava fazendo uma revisão.

Meu corpo endureceu. *Cliente? Escritório dele? Para que eu montei um escritório pra ela? Por que está sempre me desafiando?* Estou cansado de pedir que marque com os clientes em seu escritório. Balancei a cabeça e soltei o ar, com força. Coloquei o braço nos olhos, controlando meu instinto de posse. *Que “caralho”!*

Ela tentou levantar-se novamente, apertei-a no meu corpo.

— Me solte Bryan. Preciso ir ao banheiro.

— Vou com você em seu cliente — falei rapidamente, sem tirar o braço dos olhos.

Beatrice deu um pulo e saltou da cama. Ficou em pé com as mãos na cintura e uma expressão de desgosto.

— PODE PARAR! Dou o fora agora mesmo, Bryan. Estou me cansando de suas loucuras. Acha mesmo que eu vou andar com você

NACIONAIS - ACHERON

a tiracolo? Nem em pensamento! — Virou e caminhou até o banheiro, balançando a cabeça e resmungando. — Não sei onde eu estava com a cabeça, quando dormi aqui.

Esperei um pouco, até que ela se acalmasse. Levantei-me e fiquei encostado no batente da porta do closet, vendo-a escolher uma roupa. Vestia um lingerie de renda, meu corpo reagiu na hora. Estava linda, cheirosa e sex. Pegou um vestido alaranjado, justo no corpo, marcando suas curvas. Decote V, mostrando a entrada de seus seios. Calçou sandálias altas de verniz, na cor da pele. Escovava os cabelos e em nenhum momento olhou para mim. Cocei a barba e fiquei analisando. *Eu sou muito burro, comprei essas roupas pensando só em mim. Esqueci-me de que outros homens a veriam também. “Porra... Porra... Porra”... Terei que fazê-la trocar de roupa.*

Aproximei-me dela por trás, coloquei meu

NACIONAIS - ACHERON

queixo em seu ombro e fite-a pelo espelho. Eu continuava nu, enquanto que ela estava prontinha.

— Minha menina linda. Vou te ajudar a se arrumar.

Ele virou o rosto para mim, com a testa franzida.

— Está com algum problema Bryan? Não está vendo que estou pronta?

Beijei sua testa, a ponta do nariz e seus lábios.

— Não vou deixar você sair assim, gostosinha.

Ela começou a me empurrar e tirar minhas mãos, que a abraçavam. É claro que não conseguiu.

— Bryan... Eu juro por tudo o que é mais sagrado, não vamos chegar a lugar nenhum desse jeito. Por favor, procure ajuda, não são normais as atitudes que você tem. — Fechou os olhos e respirou fundo. — Quem foi que comprou estas
NACIONAIS - ACHERON

roupas, Bryan?

Encolhi os ombros.

— Eu não achei que iriam marcar tanto seu corpo. Não vejo problema algum em querer você só pra mim. — Beije seu pescoço e comecei a passar a barba pelo seu rosto. Com uma das mãos continuei segurando-a, a outra coloquei em suas costas e fui descendo o zíper do vestido, para distraí-la. Não parei de beijá-la e passar a barba pelo seu corpo.

Consegui tirar o vestido, enquanto salpicava beijos por toda a parte. Joguei-o no canto do *closet*, a virei para mim e a beijei possessivamente. Introduzi a língua em sua boca e com a mão em sua nuca apertava-a em mim. Minha outra mão percorria seu corpo. Beatrice tentava me afastar e balbuciava:

— Bryan... Vou me atrasar. — Eu já tinha ganhado aquela parada.

Escolhi uma roupa bem mais comportada pra ela. Ajudei-a vestir-se e quando me senti seguro, fui me arrumar.

Cheguei à cozinha, pendurei o paletó nas costas da cadeira, da mesa da copa, e sentei-me ao lado da minha menina, que estava conversando com a Cida.

— Senhor Bryan, fiquei feliz quando encontrei a senhorita Beatrice aqui. — Cida gosta muito da Beatrice, *e quem não gosta?*

Peguei na mão da Beatrice, beijei a palma e disse:

— Que bom, Cida. Vai encontrá-la mais vezes agora, quiçá todos os dias. — Olhei para a Beatrice e pisquei.

Ela balançou a cabeça.

— Não dê atenção a ele, Cida. Bryan insiste em querer me anular. Dessa vez, vamos mais

devagar. Se quisermos fazer dar certo, terá que pisar no freio, Bryan.

Meu corpo endureceu. *O que quis dizer com ir mais devagar? Pisar no freio?*

— Nem “fodendo”, Beatrice. Vai ser do meu jeito e fim de papo. Hoje mesmo, vamos continuar do ponto em que paramos. E pelo que me lembro, já estava instalada aqui. — Fitei-a levantando as sobrancelhas.

Beatrice abriu um sorriso amarelo para a Cida e pediu:

— Cida, querida, pode, por favor, nos dar licença?

Acomodei-me no banco, cruzei os braços no peito e continuei encarando-a. *Ela acha que pode me persuadir?*

— Bryan... — Puxou o ar, dramaticamente. — Sabe... Ontem a Felícia disse uma verdade. — Parou e colocou o rosto entre as mãos.

— Que “porra” de verdade aquela “filha da puta” disse? — Só de ouvir o nome dela meu sangue ferve.

Beatrice levantou o rosto e me encarou por uns instantes.

— Que independente do filho ser seu ou não, o que importa é que você a “comeu”. E que nunca resistiu a ela. — Segurou os lábios, com os dentes. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Que “desgraçada do caralho”! Agora que argumento terei com a Beatrice? Eu sou um “idiota”, realmente cedi todas às vezes. Estou “fodido”!

Balancei a cabeça e fiquei com os olhos baixos, buscando justificativas.

— Eu errei Beatrice. — Soltei o ar, com força. — Preciso de uma chance de consertar meu erro. Mostrar que mudei que não farei novamente.

Ficamos um tempo em silêncio, ouvindo
NACIONAIS - ACHERON

apenas nossas respirações. Beatrice replicou:

— Tudo bem, mas tem que ser do meu jeito, Bryan. Devagar.

Passou milhões de coisas pela minha cabeça. Só tinha conseguido dormir à noite toda, com ela nos braços. Só fico seguro quando ela está comigo. Preciso protegê-la. Estou viciado em seu cheiro e gosto. Meu corpo implora pelo dela, toda manhã, meus banhos só são completos – quando a tenho junto. Quero estar ao seu lado todo o tempo. Não tem a menor condição de ir devagar. Por mim, casaria com ela agora, só para tê-la inteira, sem precisar dividi-la com ninguém, principalmente com o Ethan. Enquanto acordo todos os dias, sozinho, aquele imbecil pode dormir com ela, tomar café da manhã, pentear seus cabelos. Balancei a cabeça, desvencilhando os pensamentos. Meus punhos estavam cerrados em cima do balcão e meu maxilar doía, de tanto que estava apertando-

NACIONAIS - ACHERON

o.

— Não sei se consigo Beatrice — disse, com os dentes cerrados.

— Ou assim, ou nada. Tem sorte de que estou te dando uma chance. Achei que nem isso eu conseguiria. — Virou e começou a tomar o café da manhã.

Não respondi nada. Terminamos o café, sem dizermos nenhuma palavra. Depois eu pensaria o que fazer.

Beatrice levantou-se, arrumou a roupa, pegou a bolsa no banco ao lado e falou:

— O Yuri está lá embaixo me esperando. Liguei e avisei que estava aqui. Vamos passar na concessionária para pegar meu carro e de lá vou atender meu cliente. — Veio até mim e beijou o meu rosto.

Segurei seu braço e fiquei olhando, em seus olhos.

— Eu vou te levar, hoje. Não tem negociação, Beatrice. Quantas vezes te pedi para marcar com os clientes em seu escritório? Não quero nem saber o que ele vai achar, eu vou com você. Se não gostar, que procure outra empresa para atendê-lo.

— MEU DEUS DO CÉU, BRYAN! Por favor, colabore. Sozinha, não vou conseguir fazer dar certo este relacionamento. — Pegou meu queixo, levantou-o. — Preste atenção, você não vai me levar a lugar nenhum, porque – se você pelo menos tentar – está tudo acabado, Bryan. E pode ter certeza de que eu não estou brincando.

Senti os nervos repuxarem. Ela falava muito sério, não tinha nenhum indício de que voltaria atrás. Não poderia arriscar.

— OK, já que não está me dando opção. — Levantei-me e abracei-a. Soltei um gemido de frustração. — Promete que vai se comportar? Que

NACIONAIS - ACHERON

não vai querer dar uma de mulher maravilha? Que não vai deixar o cliente ficar com muita intimidade com você?

Ela me empurrou forte.

— Vou desconsiderar isso que acabei de ouvir. — Beijou meu queixo e saiu.

Carol havia me deixado preocupado, quando me ligou, quase peguei o carro e subi a serra, naquele momento. Disse-me que um deputado estadual estava em meu escritório, conversando com o Nestor. Ela tentou descobrir o que ele fazia, porém, não conseguiu. Ligou-me na hora, ela achou estranho. *O que um deputado poderia estar fazendo na minha empresa? E por quê? Coincidentemente no dia em que eu não estava.*

Sentado em frente ao meu computador,

analisei como eu chegaria ao Nestor sem que ele desconfiasse da minha suspeita. Apertei o botão do aparelho telefônico e chamei a Carol.

Quando a Carol entrou, pedi que fechasse a porta. Assim que se sentou, na minha frente, acionei o botão e fechei as persianas.

— Bom dia senhor Bryan — disse, com vários documentos em mãos.

— Bom dia Carol. Trouxe o que eu pedi? — Havia pedido que ela fosse até os arquivos e tentasse encontrar algum documento que pudesse nos ajudar em nossa fiscalização.

— Sim, Sr. Bryan. Tudo o que consegui está aqui. — Colocou, em cima da mesa, várias notas fiscais e contratos de clientes.

— Conseguiu descobrir o que um deputado fazia aqui, ontem, Carol? — perguntei, me controlando para não ir à sala do Nestor e encostá-lo à parede.

Ela engoliu em seco.

— Estou com medo, Senhor Bryan. —
Passou as mãos sobre as pernas.

— Calma Carol. Nada vai te acontecer, eu garanto. — Cheguei com o corpo para frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Bom, eu conversei com algumas pessoas e me disseram que estamos participando de uma licitação de uma obra do governo. E o deputado veio, ontem, tratar os detalhes com o Senhor Nestor.

Caramba! Eu sou o dono desta “porra” ou não? Como estou participando de algo tão grande e nem estou sabendo? Estou deixando o Nestor ir longe demais. Vou ter que pensar numa maneira de pará-lo. Se ele estiver com sacanagem, que não é difícil, eu que vou me “foder”.

Eu e a Carol ficamos por horas analisando os documentos. Estava tomando um café que a
NACIONAIS - ACHERON

Carol, gentilmente, havia me preparado e, por uma distração, bati a mão derrubando-o em cima de mim. Fiquei lavado de café. Calça, camisa e gravata. *Que “porra”! Vou ter que me lavar. Ainda bem que tenho uma roupa de reserva, aqui.* A Carol ficou sem saber o que fazer. Levantou-se e perguntou:

— Nossa! E agora senhor Bryan? Quer que eu busque uma troca de roupa em seu apartamento?

— Não precisa Carol, tenho aqui. Pode sair para o almoço, já passa das quatorze horas. Vou me lavar e depois vou, também.

Tomei um banho e aproveitei para lavar os cabelos, sem pressa. Vesti a calça e a camisa. Saí do banheiro, abotoando a camisa, com os cabelos molhados e despenteados. Descalço, procurando meus sapatos. Vi uma cena desesperadora.

Alicia estava sentada na minha cadeira, com

NACIONAIS - ACHERON

os cabelos todo bagunçado, a saia levantada até o meio das coxas e a blusa com mais da metade dos botões abertos. O batom borrado e a respiração ofegante.

Parada na porta, com a mão na boca, que estava escancarada, Beatrice. Os olhos arregalados.

— Hum... Bryan... Você realmente sabe satisfazer uma mulher. — Alicia levantou-se, arrumou a saia e saiu andando, abotoando a blusa.

Eu custava a acreditar no que estava vendo. *Agora ela “fodeu”, de verdade, com a minha vida. Como eu vou explicar isso a Beatrice? Ela nunca mais vai acreditar em mim.* Sem terminar de me arrumar, andei, rapidamente, e segurei o braço da Alicia.

— SUA LOUCA! QUE “PORRA” PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?

— Sem teatro Bryan. Só por que a Beatrice pegou a gente no flagra vai dar show? Confessa

NACIONAIS - ACHERON

logo, que estava com saudades, leãozinho. — Virou-se para a Beatrice e continuou. — Por que ele tomaria banho no meio do expediente? Nem preciso falar né. — Levantou uma sobrancelha.

Dei um tapa ardido em seu rosto, que seu corpo foi jogado para trás.

— Sua “vadia desgraçada”. Quer destruir minha vida? “Filha da puta do caralho”! — Olhei para a Beatrice, suplicando. — É mentira dela, tomei banho porque sujei a roupa com café. A Carol pode confirmar, assim que voltar do almoço.

Alicia começou a chorar e disse:

— Como você me usa dessa maneira e agora me descarta, Bryan? Já não acabou com a minha carreira? Você contou à Beatrice que me engravidou e chegou a me levar em uma clínica clandestina, para eu tirar? Não fosse a minha determinação teria feito um aborto em um lugar horroroso. Poderia até ter morrido. Você não tem

ideia com quem está se metendo, Beatrice.

Passei as mãos pelos cabelos, desesperado.
“*PUTA QUE PARIU*”... *AGORA “FODEU”*
TUDO... QUE “PORRA”! Nunca mais a Beatrice
vai querer chegar perto de mim.

Beatrice fez uma cara de espanto. Balançou a cabeça e foi andando de costas. As lágrimas tomaram conta do seu rosto. Tentei me aproximar, ela estendeu a mão e negou, com a cabeça. Virou e saiu correndo.

Alicia se recompôs. Limpou o canto dos lábios, com o polegar. Olhou para mim, com as sobrancelhas levantadas e disparou:

— Eu te avisei. Se não for meu, não será de mais ninguém. Acho que com essa não preciso mais me preocupar. — Terminou de se arrumar e saiu da minha sala.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 10 – Abra o Anexo

YURI LEVOU-ME ATÉ A CONCESSIONÁRIA e peguei meu carro. Fiquei feliz em poder estar no comando novamente. O sentimento que tenho pelo Bryan é único. Tenho certeza de que o amo, porém, ainda temos um longo caminho a percorrer – para que o nosso relacionamento dê certo. Preciso me impor e mostrar a ele o quanto ele tenta me anular. *Ou ele entende – de uma vez por todas que somos indivíduos – que necessitamos de um mínimo de espaço, ou não vamos conseguir.*

Parei o carro em um estacionamento ao lado do prédio comercial, na Avenida Faria Lima, onde estava localizado meu cliente. Assim que cheguei à frente do prédio reconheci o local, o mesmo prédio em que o Ethan trabalha. Enviei uma mensagem:

“Estou atendendo um cliente, no mesmo prédio em que você trabalha. Vamos
NACIONAIS - ACHERON

almoçar?”

Logo em seguida, ele respondeu, confirmando o nosso almoço.

Identifiquei-me na recepção e após me entregarem um crachá de visitante, subi até o andar do cliente. A secretária, muito simpática e atenciosa, me ofereceu água e café, enquanto eu aguardava o Sr. Augusto. O local: bem estruturado, com uma decoração moderna. Não demorou muito para eu entrar na sala dele.

— Bom dia senhor Augusto. — Estendi a mão, antes de me sentar a sua frente.

O Sr. Augusto, bem-apessoado, aparentando estar na faixa dos cinquenta anos. Vestido formalmente em seu terno grafite. Cabelos grisalhos, pele branca e olhos castanhos escuros. Levantou-se e, educadamente, veio até mim, pegou na minha mão e a beijou.

— Bom dia senhorita. Não sabia que era tão bonita, se soubesse, teria marcado esse encontro antes. — Abriu um sorriso tímido.

Agradei toda constrangida. *Deve ser normal os homens elogiarem as mulheres, por educação.*

A empresa do senhor Augusto trabalha no ramo de autopeças. Explicou-me que a maioria de seus colaboradores são homens. Decidiu contatar minha empresa, porque está perdendo muitos clientes para os concorrentes. Segundo ele, a estrutura de suas lojas está adequada e o estoque também. Ele não conseguia identificar onde estavam errando. Fez uma pesquisa de preço e, de acordo com os locais em que visitou, seus preços estão na média do mercado. Chegou à conclusão de que o problema só pode estar no relacionamento com os clientes.

Expliquei sobre o meu trabalho e indiquei

alguns clientes, como referência. Disse que não seria eu pessoalmente quem faria o trabalho de campo, porém, faria todo o acompanhamento. Acertamos todos os detalhes do contrato e ficou combinado de eu mandá-lo, via motoboy, para que ele assinasse.

Levantamo-nos e ao nos despedir ele falou:

— Beatrice, só preciso reforçar com você um ponto muito importante. Disse-me que sua equipe é formada por mulheres. A minha é formada por homens, espero que não tenhamos problemas. Gostaria muito que a pessoa que enviar tenha uma postura profissional. E que seja competente, tanto quanto você. Combinado?

— Não se preocupe senhor Augusto. Pode ter certeza de que acompanharei, de perto, o trabalho que será realizado em suas lojas. Assim que minha consultora às visitar, envio ao senhor o plano de ação.

Escolhemos um restaurante próximo ao prédio em que estávamos. Ethan estava acostumado a comer ali. Um lugar gracioso, bem arejado, com um atendimento de primeira. Pedimos uma comida leve e água. Sentamos e enquanto aguardávamos nossos pratos, Ethan pegou minha mão direita e disparou:

— Pelo jeito, bastou uma “transa” para você ceder. Até o anel de noivado voltou para sua mão. Não que eu esteja reclamando, afinal, você fica insuportável sem ele. Só acho que vocês precisam encontrar um equilíbrio, é tudo muito intenso.

Puxei a mão e fiz uma careta.

— Deixa de ser estraga prazeres, Ethan.

— Longe de mim, lindinha. O que eu mais quero é que vocês se acertem, porém, todas às vezes você deixa o cara te dominar. Ficaram dias sem se ver, e quando se encontraram, ele já te pegou no colo e ditou todas às regras. — Inclinou a

cabeça para o lado, e colocou o indicador na têmpora, mostrando que eu precisava pensar.

— Ok, Ethan. Você tem razão. Só que dessa vez, apesar de não parecer, não cedi tão facilmente. Hoje mesmo, consegui bater o pé e larguei-o, atônito, em pé, no meio da sala dele.

— Queria de verdade acreditar que você tenha se imposto. Mas, infelizmente, você tem uma propensão a ser submissa. — Balançou a cabeça.

Durante o nosso almoço contei ao Ethan sobre os exames do Bryan. Ele ficou perplexo e me lembrou:

— Eu disse a você que esse filho poderia nem ser dele. Está vendo, ficou se torturando à toa!

Quando estávamos terminando de comer, decidi conversar com ele sobre a ceia de Natal.

— Ethan... — Tomei um gole de água, para criar coragem. — Quero conversar com você sobre o Natal. Eu não sei quais são seus planos, porém,
NACIONAIS - ACHERON

gostaria muito que passássemos juntos. — Peguei em sua mão, em cima da mesa, e dei um leve aperto.

Ele franziu a testa e respondeu:

— Claro que vou passar com você, Trice. Você tinha alguma dúvida sobre isso?

Limpei a garganta e continuei:

— Então... É que a família do Bryan quer que passemos com eles. — Segurei o lábio inferior, com os dentes, e franzi o nariz.

Ethan levantou as sobrancelhas e coçou os cabelos da nuca.

— Não sei não, lindinha. Nem os conheço.

— Nem vem com essa, Ethan. Não os conhece... Tss-tss... Como se isso fosse empecilho pra você. — Balancei a cabeça, indignada.

— Ok, Trice. Vou pensar. Prometo que darei prioridade a essa proposta. Sabe que sou super-requisitado né. — Caiu na risada.

Estacionei o carro ao lado do carro do Bryan, na garagem do prédio em que trabalhamos. *Com quem será que ele almoçou hoje? Não me ligou nenhuma vez, já passa das quatorze horas. Que estranho! Será que ele ficou muito chateado? Mas não posso deixar ele me levar nos clientes, se eu ceder uma vez, nunca mais conseguirei segurá-lo. Tive que pegar pesado.*

Ao entrar no elevador, ao invés de apertar o botão do 10º andar, apertei o 20º. *Preciso vê-lo. Ter certeza de quê não ficou magoado.*

— Boa tarde, Camila. Tudo bem? O Bryan está na sala dele ou ainda não voltou do almoço? — perguntei a recepcionista.

— Boa tarde, Beatrice. Ele deve estar na sala dele, não passou por aqui para almoçar. A única que saiu, não faz muito tempo, foi a Carol.

Minha nossa! Será que ele ainda não
 NACIONAIS - ACHERON

almoçou? Deve estar muito atarefado, não almoçou e nem me ligou.

Caminhei até a sala do Bryan e parei, assim que percebi que as persianas estavam fechadas. Franzi a testa e fiquei sem saber o que fazer. *E agora? E se ele estiver com algum cliente importante? Bato na porta ou volto?*

Se ele estivesse com alguém importante a Camila teria dito, fora que sua assistente estaria com ele. Se ela saiu para o almoço é porque não deve ser nada tão importante. *Mas por que ele fechou as persianas?*

Bati na porta e ninguém respondeu. Encostei a orelha na porta, tentando ouvir alguma coisa, e nada. Resolvi arriscar e abri a porta. Minhas pernas amoleceram e meu coração disparou, imediatamente. *O que é isso? Eu não estou acreditando. Como eu posso ser tão “idiota”, o Rodrigo tem razão, o Bryan não é o tipo de*
NACIONAIS - ACHERON

homem pra mim. Ele realmente não vale nada. Meu Deus, como ele pôde!

Congelei na hora, coloquei a mão na boca, que estava escancarada, e arregalei os olhos.

Alicia estava sentada na cadeira do Bryan, com os cabelos todo bagunçado, a saia levantada até o meio das coxas e a blusa com mais da metade dos botões – abertos. O batom borrado e a respiração ofegante.

— Oi Beatrice... Você por aqui. — Abriu um sorriso sarcástico. — Estávamos brincando um pouquinho.

Bryan saiu do banheiro, abotoando a camisa, com os cabelos molhados e despenteados. Descalço, procurando algo. Olhou para a Alicia e para mim, com os olhos arregalados e uma cara de desespero.

— Hum... Bryan... Você realmente sabe satisfazer uma mulher. — Alicia levantou-se,
NACIONAIS - ACHERON

arrumou a saia e saiu andando, abotoando a blusa.

Eu fiquei perplexa com a cena. Meus pés não saíram do lugar. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Bryan andou, rapidamente, e segurou o braço da Alicia.

— SUA LOUCA! QUE “PORRA” PENSA QUE ESTÁ FAZENDO? — gritou.

Ele vai dizer que é mentira isso que acabei de ver? Deve achar que sou uma “imbecil”.

Alicia rebateu seus gritos:

— Sem teatro Bryan. Só por que a Beatrice pegou a gente no flagra vai dar show? Confessa logo que estava com saudades leãozinho. — Virou para mim e continuou. — Por que ele tomaria banho no meio expediente? Nem preciso falar né. — Levantou as sobrancelhas.

Claro... Por que ele tomaria banho no meio do expediente? E por que as persianas estão
NACIONAIS - ACHERON

fechadas? Alicia me disse que eles brincavam na cadeira dele. Eu devia ter ouvido.

Bryan deu um tapa no rosto dela, que seu corpo foi jogado para trás.

— SUA “VADIA DESGRAÇADA”. Quer destruir a minha vida? “Filha da puta do caralho”!
— Olhou para mim, suplicando. — É mentira dela, tomei banho por que sujei a roupa com café. A Carol pode confirmar, assim que voltar do almoço.

Alicia começou a chorar e disse:

— Como você me usa dessa maneira e agora me descarta, Bryan? Já não acabou com a minha carreira? Você contou a Beatrice que me engravidou e chegou a me levar em uma clínica clandestina para eu tirar? Não fosse minha determinação, teria feito um aborto em um lugar horroroso. Poderia até ter morrido. Você não tem ideia com quem está se metendo, Beatrice.

MEU PAI DO CÉU! Ela abriu a boca... O

trato era segredo. Se ela resolver colocar a boca no trombone a carreira do Bryan estará acabada. Foi por isso que ele ficou com ela, deve ter ameaçado ele.

Ele passou as mãos pelos cabelos, desesperado.

Fiz uma cara de espanto. Balancei a cabeça e fui andando, de costas. As lágrimas tomaram conta do meu rosto. Bryan tentou se aproximar, estendi a mão e neguei com a cabeça. Virei e saí correndo.

Entrei no elevador e apertei o botão da garagem, desesperadamente. *Não posso ficar mais aqui. Nunca mais voltarei. Meu Deus! Ajude-me. O que eu faço agora?* Para onde eu fosse Bryan iria atrás. Precisava enganar o segurança, ele passa todos os meus passos para o Bryan. *Yuri deve estar no meu escritório, fui direto para a sala do Bryan e ele não apareceu por lá. Não deu tempo de ele me*

procurar. Vou sair rapidamente com o carro, vai ser o tempo de ele subir atrás de mim.

Liguei para a Rebeca.

— Consultoria de Gestão em Negócios, Rebeca falando.

— Rebeca... Por favor... — Os soluços me impediam de falar corretamente.

— Beatrice, meu Deus. O que aconteceu?

— Shiiiiii... Calma Rebeca, não deixa o Yuri perceber que estou com problemas. Ele está aí?

— Sim, levantou-se preocupado, que você ainda não chegou.

— Diga a ele que estou na sala do Bryan. Para não se preocupar. Não o deixe ligar para o Bryan para confirmar, o distraia. Por favor, Rebeca. Depois explico.

Olhei no banco de trás do carro e vi a mala que eu havia feito em Santos, com algumas peças

de roupas. *Vou voltar para Santos. Não quero nunca mais ver o Bryan.*

Enviei uma mensagem ao Ethan:

“Estou voltando para Santos, está tudo bem, depois explico.”

O trânsito estava relativamente calmo, eram quinze horas. Não demorou muito para eu estar na Rodovia Anchieta. Dirigia sem prestar atenção a nada. Minhas lágrimas não cessavam. Os soluços estavam dificultando a minha respiração. *Agora acabou.*

Conectei o telefone à multimídia do carro e imediatamente apareceram várias ligações perdidas, do Bryan. *Como ele tem coragem de me ligar? Eu devo ter cara de “tonta”.*

Como eu esperava, mensagens de texto:

“O que está fazendo na Rodovia Anchieta?”

Não está em condições de dirigir. Yuri me ligou dizendo que você o enganou. Estamos saindo daqui, nós dois. Vou te alcançar.”

Como ele sabe onde estou? GPS. Como sou “burra”. Claro, ele que configurou meu celular.

Arranquei o celular do painel do carro, abri a janela e joguei-o. Agora quero ver ele me achar. Não vou para o meu apartamento. Aliás... Não vou para Santos. Vou andar mais um pouco e ficar em um hotel. Quero distância de todos. Preciso de espaço.

Depois de andar mais de 200 km, cheguei à Ilhabela. Assim como o nome, é um lugar muito belo. Escolhi ficar em Ilhabela pela distância e por não ter ligação com ninguém. Dificilmente saberiam onde estava. No caminho, parei em um posto de combustível, fui até a loja de conveniência

e usei o telefone público para ligar para o Ethan. Avisei-o que eu tinha jogado meu telefone fora, para não se preocupar, que estava tudo bem. *Dessa vez serei forte. Chega de bancar a fracote.* Com toda a certeza o Bryan iria me procurar e Ethan não conseguiria ajudá-lo.

Assim que cheguei à cidade, fui até uma loja e comprei outro aparelho de celular, com um chip do local. Antes de configurar minha conta do “iCloud”, ao meu novo “iPhone”, acessei minha conta pelo notebook e alterei a senha. *Bryan não poderá me rastrear pela minha conta.* Através dela resgatei todos os meus contatos.

Fiz o check-in em um luxuoso hotel: uma recepção calorosa, com um atendimento impecável. A decoração do hotel me impressionou. Por onde eu olhava tinha “Imbuia”. Luzes amareladas, cores quentes nos estofados e muita estampa de flores.

A suíte que escolhi era enorme. Dois
NACIONAIS - ACHERON

ambientes, sala e quarto. No quarto, uma porta
balcão que ao abri-la damos de cara com o mar e
um deque, com uma hidromassagem. Após
acomodar a bagagem no armário, fui direto tomar
um banho de banheira. Fiquei mais de uma hora
mergulhada. Chorei como nunca na vida. Pela
minha cabeça passavam mil coisas. *Eu não posso
largar tudo e simplesmente sumir. Vou alinhar com
a Rebeca para que assuma meu posto, até que
consiga definir o que fazer da minha vida. Como
fui entrar numa furada dessas. Por que não segui
meu instinto? Tenho o sexto sentido aguçado e
mesmo assim me deixei levar.*

Terminei o banho, me sentindo melhor.
Descarreguei todas as mágoas dentro da banheira.
Aproveitei o momento para tirar o anel de noivado
do meu dedo. Guardei-o na bolsa. Eram apenas
vinte horas, porém, sentia-me exausta. A viagem e
todo o estresse do dia acabaram comigo. Tomei o
NACIONAIS - ACHERON

remédio, que a Dra. Perci me receitou e me deitei na confortável cama.

Acordei, com o som do meu celular, avisando-me de novos e-mails. *E-mail, claro, é por este caminho que ele vai.*

Espreguicei-me, esfreguei os olhos e bocejei. Estiquei o braço, alcançando o celular. Olhei no visor e vi que eram nove horas. Dei um pulo da cama. *Como eu consegui dormir mais de 12 horas? O remédio que a doutora me passou é poderoso.*

Preciso enviar às coordenadas à Rebeca. Coitada, deve estar desesperada, sem entender nada.

Fiz minha higiene matinal, vesti uma roupa confortável, a que eu tinha pegado no meu apartamento de Santos. Calça jeans e camiseta. Liguei na recepção e pedi um café da manhã

simples, para entregarem no quarto.

Enquanto aguardava o café chegar, sentei-me em frente à mesa da sala e fui verificar meus e-mails.

Bryan enviou uma carta, não um e-mail.
Vamos ver qual será a justificativa dele.

De: Bryan Soutto

Para: Beatrice Maltez

Assunto: ACREDITE EM MIM

Minha menina,

Estou DESESPERADO. Achei seu celular destruído na estrada. Pelo amor de Deus, eu imploro, acredite em mim. A Carol pode confirmar o porquê de eu ter que tomar banho e trocar de roupa.

Eu sei que pareceu que Alicia estava

dizendo a verdade, porém, ela se aproveitou da situação. Antes de eu derrubar café em mim, eu e a Carol tínhamos passados, horas, analisando vários documentos, em minha sala. Estou com problemas e estamos tentando resolvê-los. As persianas estavam fechadas, porque estou sendo enganado por alguém de dentro da minha empresa. Tudo leva a crer que seja o meu sócio, porém, preciso de provas. Eu, junto com a minha assistente, estamos fazendo levantamento de tudo.

Alicia aproveitou que não tinha ninguém na sala, e que as persianas estavam fechadas, e deu o show dela. Por favor, acredite em mim. Diga-me onde está para conversarmos. Você

*está correndo perigo, minha menina.
Yuri está correndo o risco de ser
demitido, você conseguiu ludibriá-lo.
Eu preciso de você. Não faça isso
comigo. Vou ficar vagando por todo o
litoral paulista. Se for preciso, ligarei
em todos os hotéis, e se não me
passarem informações, vou
pessoalmente. Nem que eu tenha que
subornar todos os recepcionistas, eu
vou te encontrar. Facilita a minha
vida, por favor. Estou com muitos
problemas na minha empresa,
enquanto eu estiver te procurando, vão
continuar me passando à perna.*

*EU IMPLORO... FAÇO O QUE VOCÊ
QUISER... DIGA-ME ONDE ESTÁ.
EU TE AMO MAIS QUE TUDO.*

Bryan Soutto

Fiquei pensativa por um tempo, até que a campainha me tirou do transe. Comi alguma coisa do café da manhã. Enviei um e-mail à Rebeca, orientando-a para os dois últimos dias úteis da semana. Não passei nada do que tinha acontecido, apenas disse que estava descansando, por quatro dias. É quinta, pelo menos até domingo ficarei no hotel. Até lá pensarei em como lidar com tudo o que aconteceu.

Calcei um tênis, peguei a bolsa, o celular e saí. *Vou andar para espairecer.*

Estava caminhando pelas ruas da ilha, quando vi uma loja conhecida – “Feitosa Viagens”. *Caramba! Não me lembrava de que o Rodrigo tinha loja aqui. Estou concentrada em tantos clientes que acabei esquecendo-me desse detalhe.* Eu mal acabei de pensar, parei bruscamente com o que estava vendo.

Rodrigo saiu da loja, gesticulando, com o
NACIONAIS - ACHERON

telefone ao ouvido. Fiquei petrificada. *E agora? Ele vai me ver. Não tem como eu voltar.* Ele virou-se em minha direção e no momento em que me viu, estreitou os olhos e caminhou até mim.

— “Cara”, tenho que desligar. Depois te retorno. Um abraço — disse e desligou.

— Estou vendo uma miragem? Preciso tocar em você para ter certeza de que é verdade. — Aproximou-se e me abraçou forte. Pegou meu queixo e levantou, para eu olhar em seu rosto. — O que aconteceu? Por que está aqui? Não viria visitar a minha loja sem antes conversarmos. — Pegou a minha mão direita, procurando o anel de noivado. Quando não o achou, balançou a cabeça e concluiu. — O “filho da puta” do Bryan. Eu te avisei gatinha. Ele não te merece.

Senti-me acolhida, naquele momento. Encostei o rosto em seu peito e abracei-o. Ele estranhou, sempre o afastei. Disse ao meu ouvido:

NACIONAIS - ACHERON

— Vou cuidar de você. Onde está hospedada? Vamos ficar no mesmo hotel, assim você me conta o que o “canalha” do Bryan aprontou dessa vez.

Rodrigo é tão grande quanto o Bryan. Não tão forte, porém, fico minúscula ao lado dele. Ele entrelaçou os dedos aos meus e me levou até sua loja. Eu estava controlando-me, para não desaguar a chorar. Não queria parecer fraca.

Fui apresentada à equipe da loja. Subimos ao mezanino, em silêncio. Ele pegou seus pertences, olhou para mim, com os olhos cheios de luxúria.

— Vamos até o hotel em que estou. Vou me transferir para o mesmo em que você está.

No tempo em que ele ficou arrumando suas coisas, analisei o cenário, num todo. *Será que apostei na pessoa errada? Desde o início Rodrigo investe em mim, e eu o descarto. Sempre*

acreditando que o Bryan tenha mudado, que o meu coração está preenchido por ele. Agora saio sem rumo, escolho um lugar mais afastado, troco o número do meu celular, me isolo, e encontro o Rodrigo. Não pode ser coincidência.

Rodrigo continua lindo. Sempre que o encontro é a trabalho, em todas às vezes estava vestindo terno, todo formal. Pela primeira vez estava informal. Com uma calça jeans, camisa para fora da calça, com as mangas dobradas até os cotovelos. Os cabelos loiros, espetados para cima, com gel.

— Vamos gatinha. — Entrelaçou, novamente, os dedos aos meus e saímos da loja.

Passamos no hotel em que ele estava hospedado, enquanto ele subiu para pegar suas coisas, fiquei andando na praia. Ele me fez prometer que eu não sairia dali. Queria de todo modo que eu fosse com ele ao seu quarto. Eu não

NACIONAIS - ACHERON

correria um risco daquele. Estava muito frágil e com muita raiva do Bryan.

Após, ele fazer o check-in, no mesmo hotel que eu estava hospedada, saímos de mãos dadas, para almoçarmos. Pouco conversamos, na verdade, eu estava sem saber o que contar a ele. O que eu poderia relatar que não comprometesse meu relacionamento com o Bryan? E se o Bryan estivesse falando a verdade? Mas era muita evidência.

Sentados em lugar reservado, num restaurante pomposo da Ilhabela, Rodrigo pegou minha mão, que estava em cima da mesa, e disse:

— Está muito calada. Conte-me o que aconteceu. Deixe-me te ajudar.

— Nada que valha a pena eu perder tempo te contando. Vou descansar até domingo e refrescar minhas ideias. Tenho certeza de que estarei renovada na segunda, sabendo como lidar com a

NACIONAIS - ACHERON

situação.

Ele levantou-se de onde estava e sentou-se, no confortável sofá, ao meu lado. Passou a mão pelo meu ombro e juntou nossos corpos. Encostei meu rosto em seu peito e ouvi seu coração acelerado. O perfume tomou conta das minhas narinas. Senti meu corpo dar uma estremecida. Rodrigo percebeu minha entrega, levantou meu queixo com o indicador e fitou-me.

— Você é linda Beatrice. Faz muito tempo que quero te beijar. — Antes que eu dissesse alguma coisa, ele abaixou-se e colou seus lábios aos meus. Fechou os olhos e por uns instantes ficou parado, esperando minha reação. Como não sentiu resistência, enfiou a língua em minha boca e com muito cuidado me beijou. Um beijo carinhoso e meigo. Ouvimos alguém limpar a garganta, era o garçom com os nossos pratos. Arrumamos as posturas e começamos a comer, fiquei constrangida

com o que tinha acabado de acontecer.

Depois de alguns minutos, em um silêncio incômodo, Rodrigo se pronunciou:

— Já que ficará aqui até domingo, podemos sair hoje à noite. Tem uns lugares bacanas para tomarmos uns drinks e dançarmos.

Encolhi os ombros e respondi:

— Tudo bem, só não quero te dar falsas esperanças, Rodrigo. — Apoiei os talheres no prato, limpei o canto dos lábios, com o guardanapo, e continuei. — Primeiro: não posso perdê-lo como cliente, prejudicaria muito a minha empresa. Segundo: independente do que o Bryan tenha feito, eu o amo. E por fim, não faço sexo sem compromisso. Então, não crie expectativas.

Ele parou de comer, olhou em meus olhos, salpicou um doce beijo em meus lábios e replicou:

— Qualquer farelo seu me deixará feliz. Quem sabe consigo fazer você quebrar suas regras.

— Deu um sorriso torto, com cara de safado.

Balancei a cabeça e continuei comendo. No restante do nosso almoço, conversamos sobre o trabalho da Rita em suas lojas. Alinhamos alguns detalhes importantes.

Antes de voltarmos ao hotel, caminhamos pelo lugar. Entramos em várias lojas, aproveitei para comprar algumas roupas e itens de higiene pessoal. Quando chegamos à recepção do hotel, ao pedirmos as chaves dos quartos, percebi que o Rodrigo tinha conseguido se instalar no quarto ao lado do meu. Comecei a ficar preocupada. *Não posso ceder, não seria justo com ele e nem comigo. Talvez, nem com o Bryan.*

Subimos aos quartos de mãos dadas. Estava tão sozinha e confusa, não me importei em ficar o tempo todo de mãos dadas com ele. Senti-me segura. Era uma forma de afastar qualquer pessoa, que quisesse se aproveitar. Chegamos às portas dos NACIONAIS - ACHERON

quartos, puxei a mão — para entrar, Rodrigo segurou-a e juntou meu corpo ao seu. Pegou-me pela cintura e me levantou. Passou o nariz no meu e disse:

— Podemos juntar os quartos, economizaríamos. O que acha da ideia?

Empurrei seu peito e tentei descer.

— Rodrigo, não force à barra. Vamos nos arrumar para sair.

Ele me deixou descer e completou:

— Vou ao seu tempo gatinha. Até domingo você cede. — Deu uma piscadinha e entrou em sua suíte.

A boate estava lotada. As pessoas, bem vestidas e alegres, tomavam conta do lugar. Tive que comprar um vestido para ir. Um tubinho preto — tomara que caia. Calcei sandálias altas e carreguei

um pouco na maquiagem. Rodrigo só trocou a camisa e continuava lindo. Seus cabelos molhados o deixaram mais sex.

Já acomodados, em um camarote, Rodrigo colou nossos corpos e sussurrou em meu ouvido:

— Está linda Beatrice. Vou precisar de um controle excessivo para resistir. — Fungou em meu pescoço. — Seu cheiro faz parte das minhas fantasias. Perdi a conta de quantas vezes sonhei com você, em minha cama.

Meu corpo estremeceu. *Não posso ceder!*

— Rodrigo, por favor, não faça isso. Vamos nos divertir. — Peguei sua mão, tirando-o da cadeira, e caminhei até a pista de dança.

Dançamos por um longo tempo. Descobri que Rodrigo é um ótimo dançarino. Quase igual ao Ethan. Quando voltamos ao camarote, estávamos exaustos. Tomamos alguns drinks e conversamos com alguns casais que estavam próximos. Rodrigo

permaneceu colado a mim. Ficamos um tempo em pé, ele me abraçou por trás e apoiou seu queixo em meu ombro. Podia sentir sua ereção em minhas costas e ele fazia questão de esfregá-la, para me provocar. Por mais que eu tentasse afastá-lo, era inútil. Como eu estava precisando me distrair, não forcei. Parei de beber no segundo copo, para não dar vexame e nem ficar vulnerável.

Antes de decidirmos ir embora, Rodrigo me virou, levantou-me pela cintura, deixando nossos rostos colados. Ficou me olhando por um tempo, sem dizer uma palavra. Seus olhos queimavam de desejo.

— Me dê uma chance? Fica comigo essa noite? Prometo que depois não insistirei mais. Só quero uma noite.

Respirei fundo.

— Rodrigo, já te expliquei como as coisas funcionam pra mim.

Ele colocou a mão na minha nuca e invadiu minha boca, com a língua. Começou a me beijar intensamente, diferente do beijo que tinha me dado no restaurante. Passei os braços em seu pescoço e me permiti aproveitar o beijo. Nossas línguas se cruzavam em nossas bocas. Seus lábios estavam com sabor de uísque e seu cheiro estava tentador. Segurei seus cabelos da nuca, sentindo-os suados. Rodrigo me segurava pela cintura, com uma das mãos e a outra passava pelo meu corpo. *Preciso parar esse beijo!*

Afastei os lábios dos seus e empurrei o seu peito.

— Vamos Rodrigo. Estou cansada, preciso dormir, já passa das duas da manhã.

Ele suspirou, arrumou a postura, pegou minha mão e saímos.

Entramos em nossos quartos, tomei uma ducha rápida, vesti uma camiseta larga, uma calcinha e desmaiei na cama.

Estava deitada de bruços, em diagonal na cama. Descabelada, com a camiseta embolada e a calcinha completamente dentro da minha bunda. A claridade já havia invadido o quarto. De repente, senti beijos pelas minhas pernas e bunda, terminando em meu pescoço. Ele mordeu o lóbulo da minha orelha e disse:

— Vou rebentar de “tesão”. Como você é gostosa. Não vou aguentar.

Rodrigo? Como ele entrou no meu quarto? Minha nossa! Calma Beatrice... calma. Virei-me, calmamente. Baixei a camiseta, antes de mostrar os seios, meio sonolenta perguntei:

— Como entrou no meu quarto, Rodrigo?

Ele abriu um sorriso maroto e respondeu:

— Meu charme compra qualquer camareira.

— Você sabe que eu posso ligar na recepção e fazer o maior barraco, não sabe? — Levantei as sobrancelhas e encarei-o.

— Não faria isso gatinha. Eu sei que você também me quer – só que fica brigando com a sua consciência. A hora que perceber que o Bryan não vale à pena – vai ceder.

Estiquei meu braço e peguei o celular para ver a hora: nove e meia. Na tela, tinha uma notificação de e-mail, do Bryan. Rodrigo continuava sentado na beirada da cama, me olhando. Sentei-me e ajeitei o cabelo.

— Vamos perder o café da manhã, Rodrigo. Só temos meia hora.

— Você que está deitada gatinha. Olhe para mim, estou prontinho. — Apontou para o seu corpo.

Levantei-me e caminhei até o banheiro, levando o celular junto. Tranquei a porta, sentei no

NACIONAIS - ACHERON

vaso sanitário e abri o e-mail que o Bryan havia mandado. Olhei à hora do envio: duas e meia da manhã. *Caramba! Ele não dormiu?*

Assim que comecei a ler, fiquei apavorada.

***De:** Bryan Soutto*

***Para:** Beatrice Maltez*

***Assunto:** VOU MATAR O RODRIGO*

*EU VOU MATAR O “FILHO DA PUTA”
DO RODRIGO!*

VOCÊ “DEU” PARA ELE?

*EU DISSE QUE ELE IA TENTAR ATÉ
CONSEGUIR.*

*CORREU PARA OS BRAÇOS DELE NA
PRIMEIRA OPORTUNIDADE?*

NEM TENTE NEGAR, ABRA O ANEXO.

EU AVISEI QUE TE ENCONTRARIA...

LEMBRA-SE DO EDUARDO, O AMIGO

*QUE ESTAVA COMIGO NA CAFETERIA
QUANDO NOS CONHECEMOS?
ELE MORA EM ILHABELA.
AGUARDE-ME, ESTOU CHEGANDO.*

Bryan Soutto

Abri o anexo e congelei. Uma foto minha com o Rodrigo, na boate, nos beijando. Eu com a mão em seus cabelos e ele com uma das mãos me segurando, e a outra na minha bunda. *Meu Deus!*

Levantei correndo, abri a porta do banheiro e disparei para o Rodrigo:

— Rodrigo, pelo amor de Deus, volta para o seu quarto, correndo. O Bryan recebeu uma foto com nós dois, ontem na boate. Deve estar chegando. Ele tem um amigo que mora aqui, provavelmente nos seguiu e passou a ele o hotel em que estamos. Por favor, rápido, ele está muito

nervoso.

Rodrigo levantou-se e, contra a vontade, seguiu o meu conselho. Fui até a porta com ele, ainda só de camiseta e calcinha. Abri a porta e dei de cara com o Bryan e o Yuri.

Capítulo 11 – Preciso de Respostas

MINHA CABEÇA GIRAVA A MIL POR HORA. Sem saber o que fazer e como desfazer aquele mal-entendido, assisti as duas saírem da minha sala. Beatrice correndo para o elevador e Alicia, com todo o seu cinismo, para a sua sala.

Parado, no meio da sala, com as mãos na cintura, camisa abotoada até a metade – para fora da calça, descabelado e descalço. *E agora? Como vou reparar essa merda?* Passei as mãos pelos cabelos e, por alguns minutos, permaneci imerso em pensamentos. *A minha sorte é que contratei um segurança particular para ficar na cola da Beatrice. Tenho certeza de que o Yuri vai me enviar uma mensagem – dizendo para onde ela foi.* No momento em que pensei meu celular tocou.

— Yuri...

— Bom dia Sr. Bryan. Só para confirmar, a

senhorita Beatrice ligou avisando que está em sua sala. O senhor quer que eu suba ou aguardo ela voltar?

Um calafrio passou pela minha coluna.

— QUE “PORRA” VOCÊ ESTÁ ME DIZENDO, YURI? Qual é a sua função, “CARALHO”? Tinha que estar com ela em todos os lugares.

— Desculpe-me senhor. Ela não está em sua sala? — A voz do Yuri mudou o tom.

Terminei de abotoar a camisa, coloquei-a dentro da calça e dobrei as mangas até os cotovelos. Ajeitei os cabelos e calcei os sapatos.

— Claro que não está aqui, “PORRA”! Ela passou a perna em você “cara”. Percebe a “merda” que fez? Agora ela está sozinha, meu... Estou “FODIDO”. Suba aqui, vou rastreá-la.

Rapidamente rastreei o celular dela e pirei. Liguei várias vezes e não tive retorno. Enviei uma
NACIONAIS - ACHERON

mensagem:

“O que está fazendo na Rodovia Anchieta? Não está em condições de dirigir. Yuri me ligou dizendo que você o enganou. Estamos saindo daqui, nós dois. Vou te alcançar.”

Levantei os olhos e vi Yuri parado na porta da sala. Peguei a carteira e o celular e saí, em disparada. Yuri vinha logo atrás. Seu olhar era de desespero.

— Espero encontrar minha menina inteira, Yuri. Caso contrário, considere-se um homem morto.

Entramos no elevador e no trajeto combinei como iríamos fazer:

— Vamos com o meu carro. Assim que alcançarmos ela, você assume o carro dela. — Ele apenas concordou, com a cabeça.

Após andar como um louco pelas ruas de São Paulo - *devo ter recebido uma dúzia de multas*, chegamos ao local, em que o ponto azul no mapa estava indicando. Quase enfartei. Nada de Beatrice, apenas seu celular, todo quebrado, no acostamento da rodovia. Com o celular em mãos, cerrei os olhos e os dentes, respirei fundo e buscando uma calma, de outro planeta, disse ao Yuri:

— QUE “PORRA” EU FAÇO AGORA? Você consegue mensurar a “MERDA” que você fez?

— Eu realmente vacilei senhor Bryan. Deixa-me consertar isso, por favor. Não comunica o senhor Carlos, pelo menos não agora. — Yuri estava pálido e o suor escorria em sua têmpora. — Podemos começar pelo o apartamento dela em Santos. O que o senhor acha?

Que opção eu tinha? Liguei ao Ethan.

— Ethan, cadê a Beatrice?

— “Cara”... Você é campeão em fazer “merda”. Qual foi agora?

— Ethan... — Suspirei. — CADÊ. A. BEATRICE?

— VÁ. SE. “FODER”, BRYAN! Está sempre aprontando e vem pra cima de mim, com grosseria. Eu não tenho a mínima ideia de onde ela esteja. Me ligou, de um telefone público, dizendo que não era pra eu me preocupar, que tiraria uns dias de folga. Foi só isso. Agora se vira “cara”. — Desligou o telefone na minha cara.

“PORRA... PORRA... PORRA”... Ainda no acostamento da rodovia, agachei, coloquei a cabeça entre as mãos e fiquei pensando o que fazer. Se ela não disse ao Ethan onde está – não disse a mais ninguém. Vou até o apartamento dela só por precaução, mas ela é muito esperta, não estará lá.

Como imaginei, terminamos de descer a serra e quando perguntei ao porteiro, do prédio dela
NACIONAIS - ACHERON

em Santos, sobre a Beatrice, disse-me que não a tinha visto.

Instalei Yuri no meu apartamento e fui para a casa dos meus pais. Precisava encontrar uma maneira de encontrar a Beatrice. Alicia tinha conseguido atingir seu objetivo. Dificilmente Beatrice me perdoaria, ela nunca acreditaria em mim. *No momento em que achei que a tinha reconquistado, Alicia apronta uma dessas.*

Liguei à Gaby, pedindo que fosse para a casa de nossos pais. Eu precisava de ajuda. *Vou recorrer à família. Estou descontrolado, sem condições de pensar com a razão. Só tenho vontade de matar a Alicia e o Yuri.*

Com todos em volta da mesa de jantar, da casa de meus pais: eu, Gaby, Nathan e meus pais. contei o que havia acontecido, sem ocultar nenhum

detalhe. Gaby balançou a cabeça e massageou as têmporas.

— Bryan, essa garota tem que gostar muito de você. É muito pra cabeça dela. Já se colocou no lugar dela?

— Não consigo nem imaginar se fosse o contrário. Eu teria matado o desgraçado. — Passei as mãos no cabelo, sentindo uma dor de estômago enorme. — Mãe, pode fazer uma sopa pra mim? Estou só com o café da manhã no estômago. Não vou conseguir comer nada forte.

Minha mãe prontamente levantou-se e foi à cozinha, preparar uma sopa.

— Vai ter que procurá-la por todo o litoral paulista, Bryan. Ela não deve ter ido muito longe. Certamente está hospeda em algum hotel — disse Nathan, mais calmo, me fornecendo um caminho a seguir.

— Claro, Nathan. Como eu não pensei nisso

antes. — Ameacei levantar-me, Gaby segurou meu braço, me puxando de volta.

— Primeiro você vai se alimentar. Depois vai tomar um banho e descansar. Amanhã você começa a procurá-la. Não entre em parafuso, Bryan. Se tivesse acontecido alguma coisa grave, saberíamos. Ela só está sem o celular, o resto continua o mesmo.

Abaixei a cabeça, com os olhos fechados e segurei o lábio inferior, com os dentes.

— Nathan, será que tem alguma maneira de rastrear a placa do carro?

— Não é tão simples assim. Teria que ter um boletim de ocorrência de furto ou de sequestro. O que não é o caso.

— A hora que eu encontrá-la, vou mandar colocar um rastreador em seu carro. Ela nunca mais vai poder fugir de mim. — Dei um soco na mesa.

Gaby abriu um sorriso no canto dos lábios.

— Só se você implantar um rastreador nela, da outra vez ela pegou um ônibus e foi embora. Poderia ter jogado o celular fora, como fez dessa vez. — Gaby virou pra mim, pegou minha mão e continuou. — Bryan presta atenção. Você não está lidando com uma criança e nem com uma pessoa “burra”. Beatrice é inteligente, o suficiente pra passar a perna em você e no segurança. O que você tem que fazer é dar um jeito de controlar seus antigos casos amorosos.

— “Cara”, porque ainda mantém a Alicia em sua empresa, sabendo que é estéril? — Nathan perguntou.

Meu pai, que até o momento estava só observando, se manifestou:

— Realmente filho, poderia ter evitado esse episódio.

Balancei a cabeça.

— Vocês não têm ideia o quanto de mal fiz

à Alicia. Não é só a gravidez o problema.

Um olhou para o outro e não disseram mais nada.

Sentado na cama, com as costas apoiadas na cabeceira e o notebook no colo, verificando meus e-mails, clareou minha mente, enviarei um e-mail. Antes de começar a digitar o e-mail, peguei o celular para rastrear a conta da Beatrice. Se ela já comprou outro celular, com toda a certeza colocou sua conta para recuperar os dados, vou conseguir rastreá-la. Após digitar a senha, duas vezes, percebi que ela era mais esperta do que eu podia imaginar, mudou a senha. “*Filha da mãe!*”

Passei mais de uma hora, digitando um e-mail pra ela. Escrevi e apaguei umas dez vezes. Implorei que me dissesse onde estava – que me perdoasse. Contei a ela o que estava acontecendo na minha empresa. Enviei, com o coração apertado

e uma esperança enorme, esperando que ela entendesse. *Não posso ficar nessa agonia, sem saber onde ela está. Por que é tão teimosa? Está sempre se preocupando com todos e nunca com ela. Olha o risco que correu, dirigindo naquele estado, e agora sabe Deus onde está.*

Comecei a pensar em todos os contatos que tinha na baixada santista. Liguei para vários amigos, pedindo socorro. Enviei a foto dela e disse – que assim que a vissem – que me ligassem, imediatamente. Entrei em contato até com alguns que estavam um pouco mais longes. Não sabia o quanto ela tinha sido capaz de andar. Esperava que tivesse ficado num raio de 300 km, é muito perigoso. *Essa garota está me tirando dos trilhos.* Estava acomodado com a minha vida. Ela chegou para me deixar de cabelos em pé. Perdi completamente o controle da situação. Estou sempre correndo atrás do prejuízo. *Por quanto*
NACIONAIS - ACHERON

tempo terei que pagar pelos erros do passado?

Passei a noite praticamente em claro, apenas alguns cochilos, quando eu pegava no sono, tinha um pesadelo e acordava assustado. Em todos os pesadelos que tive – o cunhado e o pai da Beatrice estavam com ela – em cativeiro. Estava amordaçada, de joelhos, com as mãos amarradas nas costas. Suas lágrimas escorriam pelo rosto e seu olhar era de súplica.

Às cinco horas levantei-me, vesti uma roupa leve, calcei um tênis e fui correr. As ruas estavam desertas. Meus pais moram afastados da praia, porém, minha ansiedade era tanta, que não demorou muito para eu estar correndo no calçadão da praia.

Depois de correr, por mais de uma hora, entrei na cozinha, todo suado, com a camiseta grudada ao corpo e os cabelos molhados. Meus pais

e minha sobrinha estavam tomando café. Cristine pulou da cadeira e veio ao meu encontro. Quando chegou perto disse:

— Eca Titio você está suado. Vai tomar banho. — Fez uma careta.

Cumprimentei-os, subi e tomei uma ducha gelada. Não conseguia parar de pensar numa maneira de encontrar a Beatrice. O jato de água gelada serviu para clarear um pouco minhas ideias.

Estava tomando café da manhã com meus pais e Cristine sentada no meu colo, Karin apareceu na porta.

— A que devemos a honra da visita do “Rei das Noitadas” em plena quinta-feira? Vai me dizer que a Beatrice te chutou de novo? Se for isso, sou fã número um dessa garota. — Abriu um sorriso irônico.

Meus pais olharam para mim implorando que eu me calasse. Estreitei os olhos e respirei

fundo.

— E você bêbada, chegou às duas horas, por quê?

Ela encolheu os ombros e torceu os lábios.

— Não te interessa. — Sentou-se e começou a tomar café.

— Karin, escute bem o que eu vou dizer. Quem paga as “porras” das contas dessa casa sou eu. A aposentadoria de nossos pais mal dá para manter sua filha. Portanto... Interessa-me sim. Se você quer ter liberdade de fazer do seu jeito, pode tratar de trabalhar e morar em outro lugar. Você tinha que ter vergonha. Está com 24 anos e não faz “porra” nenhuma na vida. Nem estuda e nem trabalha.

Ela jogou o pão que estava comendo, no meio da mesa. Levantou-se, levando a xícara junto e jogou o café na pia. Olhou para mim e replicou:

— Você é um “filho da puta”, Bryan. Agora

vai me cobrar aluguel é isso? Não pedi pra nascer. Meus pais têm obrigação de me manter.

Tirei a Cristine do meu colo, sentando-a na cadeira ao lado, fiquei em pé e aproximei-me de Karin. Peguei em seu queixo para olhar dentro de seus olhos.

— Você é muito abusada Karin. Ninguém tem obrigação de nada. Principalmente agora que já tem 24 anos. Já não basta sua filha, que eles criam? Toma vergonha nessa sua cara deslavada e vá procurar um emprego. Garota petulante! — Empurrei seu queixo.

Foi como se eu não tivesse dito absolutamente nada. Karin virou-se e subiu. Olhei para os meus pais e balancei a cabeça.

— Isso é culpa de vocês. Deixam-na fazer o que quer. A hora que acontecer algo mais grave vão me dar ouvidos. — Bufe. — Vou sair. Pegar o Yuri e ver o que podemos fazer. Tenho que encontrar a

NACIONAIS - ACHERON

Beatrice. — Virei-me, peguei meus pertences na sala e saí.

Meu dia fora mais estressante do que se eu tivesse acompanhado, no meio dos operários, uma construção da minha empresa. Andei por todo o canto possível. Entrei em contato com vários hotéis da redondeza, sem sucesso. Yuri olhava para mim desesperado, contando às horas de ser demitido. *Onde será que aquela garota se meteu?*

Sem opção, voltei para a casa de meus pais, exausto. Meu corpo doía e a cabeça latejava. *Mais uma noite mal dormida – vai me destruir. Passei dez dias de cão, emagreci e minhas olheiras ficaram profundas. A alegria durou por apenas um dia, começou tudo de novo.*

Não conseguia me concentrar em nada. A caixa de e-mails estava cheia, com informações importantes do trabalho, e eu continuava aéreo.

Esforcei-me tudo que pude, e comecei a ler e responder os e-mails. As duas e quinze meu celular apitou, com uma nova mensagem. Peguei-o e no momento em que olhei na tela, meu mundo acabou. *Perdi a única pessoa que amei de verdade. Eu tinha certeza de que ele esperaria uma oportunidade para tirá-la de mim. Como eu pude vacilar dessa maneira?*

Abri a mensagem com uma foto do Rodrigo, beijando minha menina. E o que mais me abalou é que ela estava retribuindo. *Eu realmente a magoei, ela não faria isso comigo. Não a Beatrice. Ela é toda certinha.*

Rodrigo estava com ela suspensa pela cintura, com a outra mão em sua bunda. Beatrice tinha os braços passados pelo pescoço dele, segurando os cabelos da nuca. Como faz comigo. Senti uma pontada na boca do estômago e náuseas. Cerrei os punhos. *“VOU MATAR O RODRIGO!”*

A mensagem vinha do Eduardo, que mora em Ilhabela. Ela andou mais do que eu esperava. *E por que está com o Rodrigo? Será que ligou para ele? Não pode ser – eu não posso perdê-la.* Eduardo dizia:

“Achei sua menina. Infelizmente nos braços de outro. Abaixo o endereço do hotel em que estão... juntos.”

Juntos no mesmo hotel? Não pode ser, devo estar tendo um pesadelo. Meu coração disparou e comecei a suar bicas. Levantei-me e andava em circulo, pelo quarto, desesperado, sem rumo. O que eu faço agora? Ele não pode tirá-la de mim. Será que ela não me quer mais? Apaixonou-se por ele? Como? Estava há dois dias em meus braços, disse que me amava. Não pode ter mudado de opinião em tão pouco tempo.

Sentei-me novamente, peguei o notebook e

digitei um e-mail a ela. Minhas mãos tremiam e a respiração falhava. Enviei a foto em anexo e avisei que sabia onde ela estava e que eu estava chegando. *Nem “fodendo” que eu vou deixar aquele “filho da puta” tirar minha menina de mim. Faço qualquer coisa para tê-la de volta, nem que eu tenha que matá-lo.*

Passava das três da manhã, quando apanhei Yuri em meu apartamento e pegamos a estrada – em direção à Ilhabela. Foram os 145 km mais longos de toda a minha vida. Um trecho da rodovia estava em manutenção, enfrentamos um congestionamento de duas horas. Ao chegarmos à balsa, tivemos que esperar mais uma hora. Eu bufava o tempo todo e esmurrava o volante do carro.

— Que “caralho”! “Porra” de lugar

complicado de chegar. “Cacete”!

Nem acreditei, quando estacionei o carro em frente ao hotel.

Precisei usar todo o meu charme, e soltar uma grana na mão da recepcionista, para poder subir ao quarto da Beatrice, sem ser anunciado.

Parei em frente à porta do quarto, com Yuri às minhas costas, respirei fundo. Não foi preciso eu bater. Foi o tempo de chegarmos, a porta abriu-se. Tudo o que eu menos queria ver na vida — estampou-se — diante dos meus olhos. Beatrice surgiu só de camiseta e calcinha, descabelada. Logo atrás... Rodrigo.

Surtei... Não consegui raciocinar. Empurrei a Beatrice e voei no Rodrigo. Cerrei o punho e acertei-o no nariz.

Ele não deixou barato e me acertou, com a mesma intensidade.

— Seu “filho da puta”. Eu disse para não
NACIONAIS - ACHERON

chegar perto dela. Desgraçado.

— Vá se “foder”, Bryan. Eu não fui atrás dela. Você mesmo afastou a Beatrice. Só esperei ela cair de bandeja nos meus braços. — Rodrigo limpava o sangue, que escorria de seu nariz, e sorria ironicamente.

— PAREEEEEEEEEEM! Sumam os dois daqui. Não quero vocês perto de mim. NÃO. SOU. UM. OBJETO! — Beatrice estava tremendo e as lágrimas escorriam em seu rosto. — Yuri, por favor, separe esses dois e tire-os daqui.

Yuri veio para o meu lado, dei uma olhada feia a ele.

— Não encoste a mão em mim, se tem amor ao seu emprego. Lembre-se de que sou eu quem te paga.

Rodrigo ajeitou-se.

— Estou saindo gatinha. Controla seu Neandertal, depois nos falamos. — Foi até ela e
NACIONAIS - ACHERON

beijou seus lábios.

Voei novamente em cima dele, só que Yuri me segurou.

— Desculpe-me senhor, não posso deixar o senhor ir parar na delegacia. Está muito nervoso, vai acabar matando o rapaz.

Rodrigo abriu um sorriso sarcástico, piscou à Beatrice e saiu do quarto.

Yuri me soltou, olhou e disse:

— Estarei na recepção. — Saiu, nos deixando sozinhos.

Ela sentou-se na cama, encostou-se à cabeceira, abraçou os joelhos, colocando a cabeça entre eles, e chorou copiosamente. Seu corpo pulava, de tanto que soluçava.

Os nervos do meu corpo pulavam. O sangue nas veias fervia. A cabeça latejava. Sentia o coração pulsar em meus ouvidos. Fui até o banheiro lavar o rosto, que estava lavado de sangue.

Saí na varanda da suíte e sentei-me no banco, ao lado da hidromassagem, fiquei por um tempo olhando o mar. Sem saber o que pensar e o que fazer. *E agora? Ela dormiu com ele. Como vou lidar com isso? Ela foi capaz de me trair. Eu não fiz isso. Com a Felícia estávamos separados, e a Alicia mentiu. Ela simplesmente não acreditou em mim e dormiu com o Rodrigo.*

Coloquei os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Senti quando ela se sentou ao meu lado. Não me movi.

Beatrice passou a mão pelo meu cabelo. Aproximou os lábios da minha orelha e disse:

— Não surta, eu não dormi com ele. O máximo que ele tirou de mim foi o beijo, que você viu na foto. Eu devia, mas não consegui.

Levantei o rosto e encarei-a. Seu rosto estava inchado de chorar. Os olhos e os lábios vermelhos. Estava mais linda do que nunca. Minha

NACIONAIS - ACHERON

vontade era jogá-la na cama e “foder” o dia todo.

— Como você quer que eu acredite que não dormiu com ele?

— Do mesmo jeito que você quer que eu acredite que não estava brincando com a Alicia em sua cadeira, como ela disse. — Franziu o cenho.

Estreitei os olhos e continuei encarando-a.

— E por que ele estava aqui? E você sem roupa?

— Pelo menos o Rodrigo estava vestido, Bryan. E no seu caso que os dois estavam sem roupa?

Balancei a cabeça.

— Só me responda... “PORRA!”

Ficamos nos encarando, sem dizer uma palavra, por alguns instantes.

— Você já pode ir, Bryan. Sabe onde estou. Vou aproveitar e descansar o restante do fim de semana. Domingo à tarde eu subo de volta. Preciso

espairecer – pensar no que fazer – com a minha vida. Do jeito que está não pode ficar.

Abri um sorriso, passei a língua pelos dentes superiores e rebati.

— Você ainda não me conhece Beatrice? Acha mesmo que eu vou deixar você aqui? — Peguei seu queixo e a virei pra mim. — Vou repetir... VOCÊ. É. MINHA! Responde a “PORRA” da pergunta que te fiz. Estou perdendo a paciência.

Beatrice me empurrou e levantou-se.

— Você é um imbecil! E daí que está perdendo a paciência? Vai me dar um soco, como fez com o Rodrigo? Tenho que sentir medo de ser agredida, é isso Bryan?

Vou desarmá-la, para tirar da boca dessa garota o que eu quero saber. Levantei-me, me aproximei de seu corpo, peguei suas mãos e prendi-as em suas costas. Encostei seu corpo ao meu e

NACIONAIS - ACHERON

comecei a passar a barba pelo seu pescoço e rosto. Mordi o lóbulo da orelha e sussurrei:

— Quero a “porra” da resposta. Seja boazinha e me diga, por que ele estava aqui?

Ela tentou sair, segurei-a com mais força. Comecei a beijar seu ombro, descí um pedaço da camiseta e lambi a clavícula. Coloquei a mão por baixo da camiseta e apertei o bico do seu seio. Um gemido de êxtase escapou de seus lábios. *Estou quase conseguindo.*

— Bryan... Pare com isso. Me solta. — Sua voz estava rouca.

— A resposta... Estou esperando. — Não parei de beijar seu pescoço, ombro e clavícula. Minha mão acariciava seus seios e abdômen.

— Você não confia em mim Bryan? Quem ama confia.

Parei o que estava fazendo, olhei dentro dos olhos dela e respondi:

NACIONAIS - ACHERON

— Então você nunca me amou. Acredita em todos, menos em mim. Vamos Beatrice. Que “caralho”... Responda-me, “porra”!

Ela fechou os olhos e bufou.

— Que fique bem claro que vou responder, porque você novamente está usando sua força. Não tenho escolha, você é bem mais forte do que eu.

— Boa garota, está aprendendo a lei do mais forte. Agora diga logo... Vamos.

— Olha Bryan, não sei o porquê eu te amo. Você é o cara mais machista e imbecil que eu conheço.

Encostei os lábios em sua orelha e murmurei:

— Eu sou lindo, gostoso e rico. É por isso que você me ama. — Abri um sorriso safado e continuei olhando-a.

Beatrice estreitou os olhos.

— Arrogante, prepotente, dominador, idiota

e convencido. Isso que você é.

— E mesmo assim está dizendo que me ama. — Encolhi os ombros. — Então posso continuar sendo o mesmo. Você é a única que eu quero.

— O fato de eu te amar não quer dizer que ficarei com você, Bryan. Não somos compatíveis.

— De novo essa “porra” de conversa. — Suspirei. — Está só me enrolando Beatrice. Abra logo essa boca e me diga o que o “filho da puta” do Rodrigo fazia em seu quarto.

— Acordei e ele estava aqui. Disse que persuadiu as camareiras e entrou. Foi isso. — Baixou os olhos.

Levantei seu queixo com o indicador.

— Olhe pra mim. — Ela olhou e segurou os lábios com os dentes. — E aí? O que aconteceu depois? Onde ele colocou aquela “porra” de mão?

— Bryan... Por favor... — Uma lágrima

escorreu no canto de seu olho.

Cerrei os olhos e entre os dentes trincados continuei:

— Beatrice... ONDE. ELE. COLOCOU. A. “PORRA”. DA. MÃO?

Abri os olhos e levei um susto. Beatrice estava pálida, suando frio e desfalecendo. Dobrou os joelhos e caiu. Peguei-a no colo e a coloquei na cama.

Novamente desmaiou. *Isso não pode acontecer com tanta frequência. Ela continua com medo de mim? Preciso me controlar. Não vou desistir, eu a amo demais.*

Capítulo 12 – O Sócio

— **QUAL É A LIGAÇÃO QUE A CONSTRUTORA** tem com o deputado Cristóvão? — perguntou Ademir.

Nestor projetou o peito para frente, inclinou a cabeça para o lado e respondeu:

— E por que isso é relevante? O deputado não estava no evento. — Franziu a testa.

Ademir encarou-o, tragou o cigarro, soltando a fumaça para o lado, e continuou:

— E por que não responder? Preciso levar em consideração todos os aspectos, afinal, seu sócio sofreu um atentado. Não estamos tratando apenas de um assassinato aqui.

— Bom... — Respirou fundo. — Participamos de uma licitação, algum problema nisso? — Levantou as sobrancelhas.

— Na teoria não, porém, geralmente nesses

casos, há uma troca de favores. — Limpou a garganta.

Nestor enrijeceu o maxilar.

— Está me acusando de corrupto detetive? Tem noção do que acabou de dizer?

Ademir levantou-se, foi até a janela e jogou o cigarro fora.

— Longe de mim, senhor Nestor. Desculpe-me se pareceu isso. Só que fui informado de que o seu sócio não sabia. Inclusive, vocês tiveram uma briga feia. Não foi isso o que aconteceu? — Sentou-se novamente e acendeu outro cigarro.

— E por que eu mataria o Scott? Que, aliás, eu nem o conhecia direito. — Colocou a perna em cima do joelho e recostou-se na cadeira.

— Eu acho que o Scott estava no lugar errado na hora errada. Apenas um palpite. Portanto, a briga que o senhor teve com seu sócio é relevante, sim. Até porque, desde então, tudo mudou entre
NACIONAIS - ACHERON

vocês. Estou errado? — Tossiu — uma tosse comprida.

— Precisa procurar um médico detetive — disse Nestor, sério.

Ademir sorriu, ironicamente.

— Fugindo do assunto?

— Não tenho o que esconder detetive. Estamos sim com o nosso relacionamento abalado, porém, somos amigos de longa data, eu jamais o mataria. — Levantou-se. — Algo mais? — Abotoou o paletó.

Ademir meneou a cabeça, negando e tragou novamente o cigarro.

Capítulo 13 – Quero Minha Casa

AQUELE CHEIRO MARAVILHOSO TROUXE-ME DE VOLTA. O calor do seu corpo, as batidas firmes do seu coração e o hálito quente, tudo que me inebria, junto a mim. Devia encontrar uma maneira de afastar-me dele. *Como? Eu o amo mais que tudo.*

Abri os olhos e meu coração disparou. Os olhos verdes, como esmeraldas, de Bryan estavam fixos nos meus.

Ele estava deitado de lado, grudado a mim, com o tronco levantado, apoiado pelo cotovelo. Abaixou os lábios e deu um beijo no meu nariz.

— Está sentindo-se melhor? — Contornou meu rosto, com o indicador.

Engoli seco, respirei fundo e com os olhos fechados respondi:

— Um pouco. Minha boca está seca,

preciso de água.

Bryan levantou-se e pegou uma garrafa de água no frigobar da suíte. Ajudou-me a sentar e enquanto eu tomava água encarou-me, sério.

— O que sua médica disse sobre esses desmaios? — Ele estava sentando, em cima de uma perna, que estava dobrada e a outra no chão.

Passei a língua nos lábios.

— Ela disse que tenho síndrome do pânico. Que preciso controlar minha respiração quando eu começar a sentir as sensações. Estou tentando... — Balancei a cabeça e segurei os lábios, com os dentes. O nó na garganta voltou.

Ele coçou a barba e seu rosto se contorceu, com uma expressão desolada.

— Então continuo te assustando? Ainda tem medo de mim?

Passei a mão no peito, tentando desfazer o aperto e soltei o ar dos pulmões.

— Bryan... Você continua com atitudes possessivas. Fico com medo.

Ele deu um soco na cama, endureceu o maxilar e gritou:

— O QUE VOCÊ QUERIA BEATRICE? Coloca-se no meu lugar? Tem ideia de que eu senti quando recebi aquela foto? — Levantou as sobrancelhas e fitou-me.

As lágrimas voltaram. A voz embargou e a respiração começou a falhar. *Preciso me controlar.*

— Está vendo Bryan? Você é que nunca se coloca no meu lugar. Já pensou no que eu senti — quando abri a porta da sua sala e dei de cara com a Alicia? — Olhei para as minhas mãos, que estavam trançadas em meu colo.

— Então quer dizer que deu um beijo no Rodrigo pra revidar? Aliás... Um beijo que eu vi, por que não consegue me dizer o que ele fez com você; enquanto estava em seu quarto. E o e-mail

NACIONAIS - ACHERON

que eu mandei, explicando exatamente o que aconteceu? Não valeu de nada? EU NUNCA TE TRAÍ, BEATRICE... OLHE O QUE VOCÊ FEZ! — Levantou-se e saiu para a varanda, novamente. Continuei sentada, vendo-o andando de um lado pro outro, passando as mãos nos cabelos e injuriando.

Ele não pode fazer isso comigo, quer virar o jogo. Quer que eu fique com peso na consciência.

Bryan estava encostado no parapeito da varanda. Parei ao seu lado e ficamos em silêncio, olhando para o mar.

Com os braços cruzados, olhando para o horizonte, decidi quebrar o silêncio.

— Vamos parar de sofrer Bryan. Se cada um seguir o seu caminho, sofreremos no início, porém, teremos tranquilidade depois. Não percebe o quão difícil será para nós dois dar certo? — Apertei os braços em volta do corpo e segurei as

NACIONAIS - ACHERON

lágrimas. *Preciso acreditar nas palavras que estão saindo da minha boca.*

— Puft! Pare de falar “as neras” Beatrice.
— Virou para mim. — Olhe pra mim. — Levantei os olhos e enxerguei, em seus olhos, um amor incondicional.

— Até onde o Rodrigo foi com você? —
Cruzou os braços no peito e estreitou os olhos.

— Por que isso é importante, Bryan? —
Comecei a me irritar. *Ele não desiste.*

— “PORRA” BEATRICE! Fale logo que ele te comeu e pronto. Acabe logo com essa “merda”. É isso que você quer mesmo. Está sempre esperando uma oportunidade para acabar com o nosso relacionamento.

— R. E. L. A. C. I. O. N. A. M. E. N. T. O?
Quando essa droga toda que temos foi um relacionamento? Você não tem ideia do que é um relacionamento, Bryan. As pessoas são cúmplices
NACIONAIS - ACHERON

umas das outras, não existe segredos. Sabe o que eu sei sobre você? N. A. D. A! Não fosse o fato de eu conhecer sua irmã, nem com a sua família eu teria tido contato. — Estava gesticulando, com o indicador em seu rosto. Empurrei seu peito e voltei marchando à suíte.

Fui até o armário, peguei a mala e comecei a colocar minhas roupas dentro. Terminei de arrumar e caminhei até o banheiro. Bryan estava encostado ao batente da porta de vidro, de acesso à varanda.

Antes de eu fechar a porta do banheiro, Bryan colocou o pé e fez que não, com a cabeça.

— Preciso tomar banho Bryan — disse, nervosa.

— Não vai aproveitar o final de semana para descansar? Mudou de ideia? — Levantou as sobrancelhas.

— Você estragou meu final de semana. —

Virei e tirei a camiseta.

Ele me pegou por trás e me virou com força.

— Abra a “porra” da sua boca e fale que “merda” aconteceu aqui. Quer que eu vá embora para continuar a festinha com o Rodrigo?

Levantei a mão e dei um tapa no rosto dele. Empurrei-o e puxei a toalha me enrolando. Voltei ao quarto e me joguei na cama. Encolhi-me inteira, ficando na posição de feto. Disparei a chorar, novamente.

Não posso ficar com ele. Como ele pode pensar que eu tenha dormido com o Rodrigo? Se me amasse, como diz, saberia que eu nunca faria isso. Por que ele ainda está aqui? Preciso da minha paz de volta. Quando eu vou aprender a ouvir a voz da minha razão? Era só para se divertir, agora estou envolvida até o pescoço.

Senti o colchão afundar. Bryan se sentou e
NACIONAIS - ACHERON

se encostou à cabeceira da cama. Puxou-me e colocou-me em seu colo. Abracei-o e enterrei o rosto em seu peito.

Ele beijou o topo da minha cabeça e passou a mão pelos meus cabelos.

— Você conhece a minha história Beatrice. Como é capaz de dizer que não sabe nada sobre mim? Nem minha família sabe o mal que causei a Alicia.

Balancei a cabeça, indignada. Franzi o cenho e fiz uma expressão de nojo.

— Vocês se merecem Bryan. — Saí de seu colo e caminhei até a sala. Sentei na poltrona e coloquei a cabeça entre as mãos. *Onde eu fui me meter.*

Bryan veio até onde eu estava, pegou a outra poltrona e colocou-a de frente comigo. Pegou minhas mãos e fez-me olhar para ele.

— Ela quebrou o acordo, Bryan. Pode

NACIONAIS - ACHERON

muito bem tirá-la de lá. Ainda mais agora que sabe que o filho não era seu.

Ele abriu um sorriso no canto dos lábios e meneou a cabeça.

— Não é tão simples, Beatrice. O buraco é mais embaixo. Minha assistente descobriu algumas falcatruas na minha empresa. Estamos investigando, tenho certeza de que “o cabeça” é o Nestor, mas preciso de provas. Se for ele mesmo, com toda a certeza, Alicia é sua cúmplice. Fora que ela está descontrolada, se eu tentar tirar ela agora da empresa, sem nada em mãos para me calçar – ela vai fazer um estrago na imprensa. Tenho muito mais a perder agora do que antes.

Joguei o corpo para trás, na poltrona e fechei os olhos. *O que eu faço agora?*

Bryan levantou-se, passou a mão por baixo das minhas pernas e me pegou no colo. Abracei seu pescoço e deitei em seu ombro. Ele caminhou

NACIONAIS - ACHERON

comigo até o banheiro. Colocou-me no chão, tirou a toalha que estava enrolada em meu corpo — desceu minha calcinha, ligou a ducha e me colocou embaixo. Como se eu fosse uma criança, me lavou inteira, sem avançar o sinal. Desligou a ducha e me secou, com a toalha felpuda do hotel. Deu uma batidinha na minha bunda e disse:

— Vai lá colocar uma roupa. Estou com fome. Vamos sair para comer.

*Por que será que ele não avançou o sinal?
Será que ele ainda acha que dormi com o Rodrigo?*

Parei no meio do quarto e fiquei olhando para ele, com os olhos miúdos e as mãos na cintura.

— O que foi Bryan? Desde que chegou não me deu um beijo. Salpicou alguns selinhos nos meus ombros, cabeça, nariz, nada comprometedor. A única coisa que fez foi passar as mãos pelos meus seios e me dar banho. Está com nojo de mim? Por que está me evitando?

Ele encolheu os ombros.

— Não quer me dizer até onde o Rodrigo chegou. Não forçarei. Se ele não tivesse feito nada, já teria me dito. Então por enquanto ficamos assim. A hora que você quiser conversar, quem sabe eu consiga digerir essa história. Não estou preparado para passar de novo pelo mesmo processo, Beatrice. Sofri demais quando perdi a Alicia. Prometi a mim mesmo que nunca mais me envolveria. E olhe eu aqui, de novo.

— O que é que você está dizendo, Bryan?

— Cheguei perto de seu corpo, fiquei na ponta dos pés e continuei. — Está me igualando a Alicia? É isso? Tem certeza que quer seguir por esse caminho?

Ele segurou meus dois pulsos.

— Nada de me bater de novo. Você criou essa situação, Beatrice. A partir do momento em que resolveu ceder ao Rodrigo. Seja lá qual foi o
NACIONAIS - ACHERON

seu motivo, você cedeu. Mesmo depois de eu explicar o que estava acontecendo. Você não confia em mim. Por que eu devo confiar em você? Principalmente porque está fugindo do assunto. Quem não deve não teme.

Com os lábios tremendo e as lágrimas escorrendo respondi:

— Seu “imbecil...” Acordei com ele beijando minhas pernas e minha bunda. Foi até aí que ele chegou. Assim que senti, me virei, levantei e fui ao banheiro. Logo vi seu e-mail e pedi que fosse embora, infelizmente topamos na porta. — Funguei... — Solte as minhas mãos. Eu não quero mais você Bryan. Tenho todos os motivos do mundo para isso. Sempre tive. O primeiro erro que cometo, sou igualada a pessoa mais sem escrúpulos que eu conheço. — Solucei... — Por favor, saia do meu quarto. Vou me arrumar e voltar à capital. Preciso de uma pessoa que realmente me conheça e

NACIONAIS - ACHERON

me entenda, ao meu lado, e essa pessoa é o Ethan.

Ele me juntou ao seu corpo, encostou os lábios na minha orelha e disse baixinho:

— Tirou o dia pra me ofender? Chamou-me de “imbecil e idiota”, e ainda me deu um tapa no rosto. O que está querendo? Está cutucando “a onça” com vara curta. Se vista para comermos alguma coisa. Não me tire do sério, pare com essa palhaçada de que o único que te entende é o Ethan. Sabe muito bem o que eu penso sobre isso. — Beijou minha testa e me soltou.

Não trocamos uma palavra durante todo o trajeto até o restaurante. Bryan segurava minha mão, com força, e me conduzia pelas ruas da ilha. Estava apreensiva, com medo de encontrarmos com o Rodrigo. Graças a Deus não aconteceu.

O celular do Bryan tocou, ele atendeu com

sua saudação habitual. Pelo que eu entendi era seu amigo Eduardo, o que me delatara. *Que legal, agora terei que encará-lo.* Bryan estava marcando de almoçarmos juntos.

Entramos no restaurante e de longe vimos seu amigo, acenando para nós. A Hostess nos acompanhou até o Eduardo. Antes de sentarmos, ele levantou-se e veio até mim, pegou minha mão e beijou-a. Fez um sinal de reverência e disse:

— Senhorita, meus parabéns. Amarrou direitinho meu amigo aqui. Pena que ele não tenha conseguido o mesmo com você. — Abriu um sorriso torto e levantou as sobrancelhas. Cumprimentou o Bryan e sentou-se.

Meu rosto pegou fogo. Fiquei sem palavras. Ele estava me alfinetando, descaradamente. Não podia tirar a razão dele, afinal ele não me conhecia. Só o que sabia era o que tinha visto. O beijo que o Rodrigo me deu na boate fora bem quente. Na foto

NACIONAIS - ACHERON

mostrava claramente que eu estava retribuindo.

— Bom Bryan, não vou te perguntar o que faz por aqui, pois já sei. Então, terei que desviar a pergunta à Beatrice. — Pegou a taça de vinho e ficou me encarando.

Era a oportunidade que eu tinha de desfazer a má impressão. Ajeitei-me na cadeira, puxei o fôlego e respondi:

— Estava no meio do expediente, Eduardo, quando decidi visitar meu noivo. Ah... desculpe-me, estou sem aliança, mas até então estávamos noivos. — Suspirei. — Quando abri a porta da sala dele, qual não foi minha surpresa? — Arregalei os olhos e virei às palmas das mãos pra cima.

Bryan me interrompeu:

— Já não foi esclarecida essa história, Beatrice? — Até aquele momento ele não tinha se manifestado, nem me defendido das alfinetadas do seu amigo.

— Você está aqui Bryan? Poxa, achei que tinha deixado você no hotel. — Inclinei a cabeça para o lado e fiz uma cara de deboche.

Eduardo encostou-se à cadeira e colocou o braço no encosto, com uma expressão de curiosidade.

— Agora quero saber o restante da história, quem você encontrou Beatrice?

— A minha querida amiga Alicia. Eu digo amiga, porque fui colocada no mesmo nível que ela. Estamos juntinhas. — Juntei os dois indicadores, esfregando-os.

— CHEGA BEATRICE! — disse Bryan, alto, e pegou no meu braço – me virando para ele.

Senti uma pontada na boca do estômago. O caroço na garganta crescendo, a boca secando e as mãos suando frio. Engoli em seco e passei a língua nos lábios. Levantei-me.

— Com licença, preciso usar o toalete. —

Caminhei ao banheiro, sem enxergar nada.

Entrei na primeira cabine vazia. Sentei na tampa do vaso sanitário e comecei a chorar. “*Burra... burra... burra... Fracote...*” Nunca mais seria a mesma. Maldita hora em que me deixara levar. *Não sei o porquê fiz aquilo.* Nunca tinha sentido vontade de ficar com o Rodrigo. Deixei a raiva tomar conta de mim, quis me vingar do Bryan. Ele conseguiu o que queria, virou o jogo. Estava me sentindo péssima. “*Suja... Vadia...*”

“Venha aqui putinha... Deita aí... Vamos... Mostra o que sabe fazer, faça valer à pena o meu investimento. Está achando que pode comer de graça? Anda logo... abra essas pernas... Vou te “foder” até cansar, hoje. Não vai conseguir andar”.

A voz do meu pai soava em minha mente. Estava abraçando meus joelhos e balançando meu

NACIONAIS - ACHERON

corpo para frente e para trás. Minha cabeça latejava e um zunido forte incomodava meus ouvidos.

Tum-Tum-Tum. — Beatrice... Abra a “porra” dessa porta! — Bryan batia forte na porta da cabine em que eu estava. — Eu sei que está aí. Não me faça pular.

— Calma Bryan — disse Eduardo. — Suba e veja se ela está aí mesmo.

Sem forças, continuei no mesmo lugar. Estava com a cabeça enfiada entre os joelhos, não sei como, mas em questão de segundos, Bryan estava do meu lado.

— Eduardo, pode nos aguardar lá fora? Por favor, não deixe ninguém entrar. Vou acalmá-la.

Bryan agachou-se do meu lado, tirou os cabelos do meu rosto e levantou meu queixo.

— Quero minha casa, Bryan. Eu preciso do Ethan. Por favor, deixe-me ir. Não posso mais ficar com você. “Estou suja...” Eu te traí. — Enquanto

eu falava, esfregava as mãos nos braços e soluçava, sem parar. — Meu pai tinha razão quando me chamava de “vadia e de puta”. Eu fiz jus ao que ele me transformou. — Os soluços aumentaram. — Eu quero o Ethan... Por favor... Eu preciso de alguém que me ame de verdade, que me entenda. — Enterrei a cabeça de volta nos joelhos.

— Meu Deus, Beatrice. Não fale uma besteira dessas. — Bryan me pegou no colo e tirou-me da cabine. Sentou-me em cima da pia de mármore, do banheiro. Abraçou-me forte. — Minha menina, não faça isso. Você não está suja coisa nenhuma. E pare de querer o Ethan. Hey... Olhe pra mim... — Pegou em meu queixo, levantando meu rosto. — Sou eu, seu noivo, Bryan. Não tem pessoa nesse mundo que ame mais você do que eu. Vamos superar isso. Você me ama? Hum?

Olhei dentro dos olhos dele, estavam
NACIONAIS - ACHERON

vermelhos e cheios de lágrimas. *Eu o fiz sofrer. Nós estávamos sofrendo.*

— Bryan... Veja o que estamos fazendo conosco. Só o que fazemos é brigar. Nunca achei na minha vida que beijaria um homem, sem que fosse por amor. Percebe o que eu fui capaz de fazer? Estava tomada de ódio, de mágoa. Olhe pra nós dois. Parecemos dois doentes. Magros, olheiras profundas, semblantes caídos. Estava me recuperando do golpe da Felícia, recebi outro pior. Não tenho mais estrutura para isso. O amor não supera tudo... Ele enfraquece.

Uma lágrima escorreu no rosto dele.

— Era o que eu temia Beatrice. Você realmente não me ama. O meu amor por você supera tudo. Ele não enfraquece como o seu.

Toc-Toc-Toc. — Bryan... Nossos pratos chegaram e o banheiro precisa ser liberado. — Eduardo colocou a cabeça para dentro e enrugou a

NACIONAIS - ACHERON

testa.

O restante do almoço foi silencioso. De vez em quando, Eduardo puxava um assunto de trabalho, com o Bryan. Eu comi pouco, deixei mais da metade da comida no prato. Recusei o vinho que pediram e fiquei somente com a água. Permaneci calada e com os olhos baixos. Bryan disfarçava o incômodo que se instaurou entre nós. Eduardo percebendo, não tocou mais no assunto de Alicia e Rodrigo.

Despedimo-nos de Eduardo e voltamos caminhando, ao hotel. Bryan passou o braço pelo meu ombro e juntou-me ao seu corpo.

— Vamos caminhar um pouco na praia? — perguntou todo receoso.

Dei de ombros e segui-o.

Tiramos nossos calçados e sentamos na areia. A praia estava relativamente vazia, por ser

sexta-feira. O clima estava tão pesado entre nós, que chegava a doer. Se eu pudesse sairia correndo e gritando. Queria colocar para fora toda aquela angústia. Arrancar do peito aquele aperto. Recuperar minha tranquilidade e paz de espírito.

Sentados um ao lado do outro, Bryan virou-se e deslocou meu corpo, para ficar em seu colo. Abracei-o e coloquei meu rosto em seu peito. Ele começou a beijar meus olhos, nariz, rosto e terminou em meus lábios. Encostou os lábios quentes aos meus e invadiu minha boca, com a língua. Pegou em minha nuca e forçou os meus lábios contra os seus. O sabor da sua boca, o hálito de hortelã, a textura de seus lábios: tudo é maravilhoso. Consegue limpar tudo de ruim em mim. Aos poucos fui relaxando e sentindo a mudança em meu corpo. As sensações de medo e insegurança deram espaço para a libido. Formigamento no meio das pernas, aceleração do

NACIONAIS - ACHERON

coração e calor... Muito calor.

Peguei nos cabelos de sua nuca e puxei-os, com força. Estava sentindo falta dele, do gosto, cheiro, e principalmente da intensidade de seus desejos. Quando Bryan me toma, o mundo para. Não me importo com nada ao meu redor.

Mordi seus lábios e fiquei segurando. Soltei e passei a língua. Enterrei o nariz em seu pescoço e funguei, com força, seu cheiro.

— Eu preciso de você Bryan.

— Não mais do que eu, Beatrice. Meu amor por você nunca enfraquecerá. Eu não sou nada sem você. Você só precisa do Ethan. Eu estou aqui só te fazendo mal.

Levantei o rosto e encarei-o.

— Trégua? Vamos esquecer esse assunto por hoje?

Ele levantou a mão, se rendendo.

— Por mim tudo bem. Vamos descansar,

PERIGOSAS

estamos precisando. — Beijou minha testa.

Ficamos um bom tempo deitados na areia.
Sem falar muito, curtindo a brisa do mar.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 14 – Não me Desafie

A SEGUNDA-FEIRA CHEGOU NUM PISCAR DE OLHOS. Passamos o fim de semana descansando e refletindo sobre tudo o que havia acontecido. Beatrice estava abalada, fui cuidadoso e tive paciência. Não foi fácil.

Meu corpo reclamou todo o tempo. Sentia os nervos pulando – inconscientemente – apertava o maxilar e cerrava os punhos. Busquei um controle colossal.

Não sei dizer o que foi mais difícil, ver a foto da Beatrice beijando o Rodrigo, ou encontrá-la – como uma criança abandonada – dentro da cabine do banheiro. Minha vontade era matar o “filho da puta” do Rodrigo. Ele quem causou aquela aflição na minha menina. Beatrice esfregava as mãos nos braços, tentando limpar-se. Seus olhos ficaram vazios e seu corpo mole. Peguei-a no colo e achei

que ela quebraria ao meio.

Rodrigo foi capaz de despertar um sentimento que eu vinha tentando apagar de dentro da Beatrice. O desespero dela foi tanto, que chegou a acreditar nas palavras nojentas que seu pai dizia.

Mesmo depois de passarmos dois dias conversando, Beatrice ainda quis ir para o seu apartamento. Não forcei a barra. Na sexta-feira pedi que o Yuri subisse com o carro dela, e no domingo subimos com o meu. Deixei Beatrice à porta do prédio em que mora e tive mais uma noite mal dormida, sozinho na minha cobertura.

Para quê? Uma cobertura enorme, com todo luxo e conforto, se a pessoa que eu quero que desfrute comigo, não consegue se entregar a mim. Está sempre com o pé atrás. Será que um dia conseguiremos fazer esse relacionamento dar certo? Beatrice insiste que somos incompatíveis. Eu não concordo, ela é a única que me completa,

NACIONAIS - ACHERON

preenche o vazio que eu tinha no peito. O buraco que Alicia deixara.

Combinamos de irmos juntos na sessão de terapia, dela, depois do expediente. Minha esperança é que a doutora nos ajude a encontrar uma forma de lidarmos com os nossos problemas.

— Bom dia Sr. Bryan. Estou com o fornecedor, que faltou conversarmos, na linha, posso passar a ligação? — A voz da Carol soou, no interfone, sobre a mesa.

Apertei o botão confirmando que podia passar a ligação. Toda a concentração seria necessária, estávamos juntando várias pontas soltas do emaranhado, buscando a melhor solução.

— Bom dia Almir, como vão às coisas? Tudo em ordem?

— Bom dia Bryan, acredito que sim. Estranhei a insistência de sua assistente em falar comigo. Qual o problema?

— A questão é a seguinte, Almir, alguns clientes estão reclamando sobre a qualidade dos materiais colocados em seus imóveis. Eles afirmam que não são os mesmos que foram acordados. Mediante isso, decidi verificar as notas fiscais emitidas para minha surpresa, os materiais comprados estão corretos, porém, foram entregues outros, de qualidade inferior. Não tenho conseguido uma resposta coerente dos outros fornecedores, como você é o maior e está há mais tempo conosco, acredito que possa esclarecer o que está havendo.

Ouvi-o limpando a garganta.

— Como assim Bryan? Vai me dizer que não sabe o porquê dessa troca de materiais?

— Sinceramente Almir. — Franzi a testa.
— Não sei. Se soubesse não estaria tendo todo esse trabalho.

— “Cara”, você precisa melhorar a comunicação da sua empresa. Quanto tempo faz
NACIONAIS - ACHERON

que não conversa com seu sócio?

— Almir de que “porra” você está falando? Pode ir direto ao ponto? Não estou muito a fim de ficar decifrando enigmas. — Cerrei os punhos, sentindo o ódio tomar conta de mim. *Nestor, com toda a certeza está fazendo a festa por aqui, embaixo do meu nariz.*

— Bryan... Bryan... “Cara”, se não sabe de que “porra” estou falando, pode colocar as barbas de molho. Seu sócio, junto com o Marcelo, está te trapaceando. Só espero que a hora que essa “merda” for jogada no ventilador, não espirre em mim.

Puxei o ar dos pulmões. Minha cabeça começou a doer e meus nervos a pularem. *Como eu vou arrumar essa bagunça agora? Como a Carol suspeitava, estão superfaturando e ficando com a diferença.*

— Almir... — Suspirei. — A “merda”

infelizmente vai chegar a você, porém, se você colaborar comigo, tentarei amenizar o estrago pro seu lado.

Conversamos por um longo tempo, combinei algumas estratégias com ele. Almir aceitou me ajudar. Não podia me precipitar, a calma e discrição seriam pontos chave no processo.

Estava ainda pensativo, batendo a caneta na mesa, quando Nestor bateu na porta, colocou a cabeça para dentro, pedindo permissão para entrar. Endureci o maxilar, coloquei um sorriso forçado no rosto e disse que ficasse à vontade.

Ele sentou-se, todo desconfiado, desabotoou seu paletó de alta costura, olhou para mim e disse:

— Está tudo bem, Bryan?

Encostei-me à cadeira e fiz que sim, com a cabeça.

— Por que tenho a impressão de que está

me evitando, Bryan? O que está acontecendo?

Balancei a cabeça e fiquei com um rosto inexpressivo.

— Claro que não Nestor. Só estou preocupado com meus problemas pessoais. Sabe como é... Beatrice roubou meu coração e minha paz. — Levantei o canto dos lábios, com um sorriso torto.

Ele desarmou-se um pouco e com um leve sorriso continuou:

— Vejo que meu amigo se recuperou. Então quer dizer que entregou seu coração a ela? É por isso que Alicia está insuportável. Eu não entendo minha irmã, te traiu e agora quer voltar. — Balançou a cabeça. — Tudo bem que você acabou com a carreira dela, mas ela deveria tocar a vida. Tantos anos passaram-se, não sei por que ela invocou com a Beatrice.

— Exatamente porque ela sabe que agora é

NACIONAIS - ACHERON

sério, Nestor. Vou me casar com a Beatrice.

Nestor arregalou os olhos.

— Quando? Você está falando sério?

Quando vi a cara que ele fez, me arrependi na hora. *Que “caralho” de boca, Bryan. Lembre-se, ele não é seu amigo, está te trapaceando.*

— Calma, Nestor. Ainda não falei com ela, estou somente sonhando alto.

Ele relaxou na cadeira.

— Ufa! Assim você me assusta, Bryan.

Enruguei a testa, cheguei com o corpo próximo da mesa, colocando os cotovelos em cima.

— Por que eu te assusto? Qual o problema em me casar com a Beatrice?

— Não... Nada... Deixe isso pra lá, Bryan. Você tem mais é que ser feliz. — Fez um gesto, com as mãos, para esquecermos o assunto e levantou-se. — Se está tudo bem entre nós, fico mais tranquilo, Bryan. Deixe-me voltar a minha
NACIONAIS - ACHERON

sala. Boa sorte com a Beatrice.

Nestor saiu da sala e fiquei pensando o motivo de ele estar preocupado com o fato de eu me casar com a Beatrice. *O que pode ser? Será que ele tem medo de ela descobrir alguma coisa? E se ele estiver tramando alguma coisa contra ela, junto com a Alicia? Senti um frio na espinha. “PORRA”! Se acontecer alguma coisa com a Beatrice, eu morro.*

Peguei o celular e fiquei admirando a foto dela na tela. Vou ligar, preciso ouvir a voz da minha menina. Como eu queria que ela viesse trabalhar comigo, fico aflito, sem saber onde ela está e o que está fazendo. *Será que ela tem razão? Isso não deve ser normal, fico “maluco” quando não estou no controle. Desesperado em pensar que ela pode estar em perigo.*

Chamou uma, duas, três, quatro vezes e quando eu já estava levantando, para ir até o
NACIONAIS - ACHERON

escritório dela, Rebeca atendeu.

— Rebeca falando.

— Cadê a Beatrice, Rebeca? — perguntei, aflito.

— Bom dia Sr. Bryan. Ela está em reunião com um cliente, pediu para não ser interrompida.

Meu coração disparou.

— Que “porra” de cliente é esse que ela não pode me atender, Rebeca.

Ela engoliu em seco.

— Não se preocupe Sr. Bryan. É uma reunião de rotina. Ela pediu para avisá-lo, caso ligasse, que assim que ela terminar retorna à ligação.

— Dê uma olhada para sala dela e veja se ainda estão sentados, Rebeca.

Rebeca limpou a garganta.

— Eh... As persianas estão fechadas Sr. Bryan. Não tem como eu saber.

Dei um pulo da cadeira e entre os dentes trincados disse:

— Estou descendo. — Ouvi a Rebeca dizer alguma coisa, longe. Desliguei o telefone.

A Beatrice deve estar querendo me matar do coração, não tem outra explicação. Que “PORRA”! Pedi a ela pra não fechar a “merda” da persiana com clientes. “Caralho”!

Rebeca abriu a porta e o Yuri arregalou os olhos, quando me viu. *Que “merda” está acontecendo aqui?*

— Bom dia Sr. Bryan — cumprimentou Yuri.

— Quem está com a Beatrice na sala, Yuri? Por que deixou ela fechar a persiana?

— Desculpe Sr. Bryan, não posso impedi-la de atender os clientes. Ela me colocaria pra fora. O senhor conhece a senhorita Beatrice.

— Você a trouxe pra cá hoje, Yuri? —
perguntei, já sabendo qual seria a resposta.

Ele balançou a cabeça negando.

— Eu vim atrás do carro dela. Ela se negou
em entrar no meu.

Rebeca estava em pé, na minha frente,
apreensiva.

Levantei as sobrancelhas.

— Estou indo lá, espero que a porta esteja
destrancada, porque, senão, vou quebrá-la no peito.

Rebeca esticou os braços tentando me
impedir.

— Calma Sr. Bryan. Eu não posso deixar o
senhor entrar, Beatrice vai me demitir.

Abri um sorriso irônico.

— Você acha que pode me impedir,
Rebeca?

Caminhei a passos largos à sala da Beatrice,
torcendo para que a porta estivesse aberta.

Abri a porta em um rompante e meus nervos endureceram, no momento em que eu bati os olhos na pessoa que estava com a Beatrice.

Beatrice levantou-se e rapidamente chegou até mim.

— Calma Bryan. Só estamos finalizando o trabalho que foi feito nas lojas dele. Não surta, por favor — disse baixinho, segurando meus braços.

Olhei em seus olhos, fulminando-os. Cerrei os dentes e perguntei.

— Por que a “porra” da persiana está fechada, Beatrice?

Levantei os olhos e Rodrigo estava esparramado na cadeira, em frente à mesa da Beatrice, com um sorriso sarcástico no rosto.

— Bryan, eu precisava de um lugar reservado para conversar com ele. Por favor, me escute. Olha pra mim. — Segurou em meu queixo, virando meu rosto pra ela.

Peguei em seu braço e empurrei-a até o único lugar que teria privacidade, o banheiro de sua sala. Tranquei a porta atrás de nós. Coloquei-a em cima da pia, abri suas pernas e fiquei no meio, olhando em seus olhos.

Apoiei as palmas das mãos, uma de cada lado do corpo da Beatrice, na pia. Abaixei a cabeça e fechei os olhos. Respirei fundo.

— Por que você faz isso comigo, Beatrice? É de propósito? O que você está querendo? Fale-me, eu não estou conseguindo lidar com essa situação. Depois de tudo o que o “cara” fez com você, ainda dá, a ele, essa liberdade. Como eu vou saber que ele não te beijou novamente?

Levantei a cabeça e quando olhei para ela, queria engolir as palavras que tinha acabado de dizer. Beatrice balançava a cabeça com a mão na boca e dos olhos escorriam lágrimas.

— Não valeu de nada ficarmos dois dias

conversando, Bryan. Pode, por favor, sair do meu escritório? Eu realmente preciso trabalhar. — Um soluço escapou de sua boca.

Abracei-a e beijei todas as partes de seu rosto.

— Me perdoe... Por favor... Eu fiquei nervoso, me desculpe. Estou tentando, mas é muito difícil pra mim. Não sei como lidar com esse “filho da puta”. — Levantei seu rosto. — Ajude-me Beatrice. Você precisa parar de ficar com ele, sozinha. Estou morrendo aos poucos.

— Qual a sua sugestão, Bryan?

— Encerre o contrato. Eu pago a multa. Dou-te o dinheiro que for necessário para substituí-lo.

— Você fará o mesmo com a Alicia? Vai tirá-la de sua empresa?

— Que “PORRA” Beatrice... Não é a mesma coisa, já não te expliquei? Você precisa ter
NACIONAIS - ACHERON

só mais um pouco de paciência.

— Tudo bem Bryan. Se eu posso ter paciência, você também pode. O contrato do Rodrigo está quase no fim. Mais uns dois meses e finalizamos.

Ficamos nos encarando por um tempo.

— Você está falando sério Beatrice?

Ela confirmou com a cabeça.

— Não vou me prejudicar por causa do seu ciúme. Estamos no mesmo barco, Bryan. Do mesmo jeito que você não pode ter sua reputação manchada, não posso ter a minha. Se eu não terminar o trabalho, nas lojas do Rodrigo, ele vai me difamar. Vou terminar o que eu comecei.

Passei as mãos nos cabelos, sentindo meu peito doer.

— E pra que você precisa de reputação, Beatrice? Vamos nos casar, só isso já basta. O resto não vai fazer diferença.

Ela empurrou meu peito e desceu da pia.

— Seu machista. Quem disse que vou me casar com você? Principalmente se continuar com essas atitudes pré-históricas, de Neandertal. — Arrumou o terninho e os cabelos. Olhou por cima dos ombros e disse. — Suba, ainda não terminei com o Rodrigo. Assim que eu terminar te aviso, para almoçarmos. Se você realmente quer casar-se comigo, faça o que eu estou dizendo.

Segurei seu braço, impedindo-a de sair.

— Não me desafie, Beatrice. Vou abrir a “porra” da persiana e ficar na sala de reuniões, até você terminar. E nem pense em discordar. Coloco você no ombro e te levo embora.

Ela baixou os olhos para os meus dedos, que seguravam seu braço. Levantou as sobrancelhas e disparou:

— Homem das cavernas, isso é o que você é... Solte meu braço.

Puxei-a contra meu corpo e ataquei seus lábios. Invadi sua boca, com a língua. A raiva que estava sentindo transformou-se em uma posse absurda. Se eu pudesse levaria ela comigo para todos os lados. O “cretino” do Rodrigo não tinha nada a perder. Aproveitaria ao máximo da situação.

Coloquei a mão em sua lombar e apertei-a em minha ereção, que estava estourando dentro da calça. Os lábios macios da minha menina, me acalmaram, foi como refrigerio para o meu coração. Senti seu corpo amolecer, não demorou muito para ela se entregar. Retribui meu beijo com ímpeto. Nossas línguas dançavam em nossas bocas.

— Chega, Bryan. Já marcou seu ponto. Agora eu preciso trabalhar. — Me empurrou novamente.

Beijei seu pescoço e funguei entre seus cabelos.

— Ok, vamos sair.

Abrimos a porta e encontramos todos com rostos assustados: Rodrigo, Yuri e Rebeca.

Caminhei até a mesa e abri as persianas, olhei para o “idiota” do Rodrigo e disse:

— Fica esperto comigo. Não pense que vou deixar você pegar o que é meu.

Ele abriu um sorriso “imbecil”.

— Você precisa de tratamento Bryan. Desde quando a Beatrice é sua. “Cara” estamos no século XXI, alguém já te avisou disso?

Quando pensei em ir para cima dele, Yuri já estava me carregando para fora da sala.

Paramos em frente ao prédio em que fica o consultório da doutora Perci, olhei à Beatrice e estava tensa.

— Calma minha menina. Não se preocupe, fale somente o que tiver vontade. Estou aqui para te

entender melhor. — Peguei sua mão e beijei os dedos.

Subimos, com as mãos entrelaçadas, Beatrice suava frio. *O que será que a está incomodando?*

Acomodados na sala da médica, um ao lado do outro e a doutora à frente, Beatrice não soltou minha mão, cada vez apertava mais meus dedos. Comecei a ficar preocupado.

— Então você é o tão falado Bryan? — A doutora esticou a mão, para me cumprimentar.

— Espero que a fama seja boa. — Abri um sorriso, desconcertado.

— Bom, já estamos apresentados e acomodados, podemos começar? — Olhou à Beatrice, com uma expressão interrogativa.

Beatrice acenou que sim e permaneceu de boca fechada, apertando meus dedos.

— Sobre o que quer falar hoje, Beatrice? —

perguntou a doutora.

Olhei para a Beatrice e levantei as sobrancelhas, esperando uma reação. Ela continuava aflita.

— Posso começar? — perguntei.

Ela confirmou com a cabeça.

— O principal motivo de eu vir até aqui, é o fato de a Beatrice desmaiar muito. Fico apavorado cada vez que isso acontece, sem saber o que fazer. Preciso de uma orientação. Tenho certeza de que esses desmaios não são normais.

— Beatrice, você disse a ele o porquê de desmaiar com tanta facilidade?

Beatrice limpou a garganta e falou, com olhos em seu colo e a voz baixa:

— Disse a ele que tenho síndrome do pânico.

A doutora levantou as sobrancelhas.

— Beatrice... Olhe pra mim... Não está à
NACIONAIS - ACHERON

vontade com o Bryan aqui?

Apertei seus dedos e senti meu coração bater mais forte. *Ela não pode fazer isso. Preciso entendê-la.*

— Não... Tudo bem ele ficar. Só estou insegura.

Adiantei-me, antes que a doutora pedisse para eu sair.

— Ela me disse o que tem, porém, preciso saber o que causa esse medo nela.

Beatrice olhou para mim.

— Você sabe Bryan. Só não consegue se controlar. Ele precisa de tratamento também, doutora.

— Pode repetir o que te assusta em Bryan, Beatrice? Vamos ver o que podemos fazer para amenizar.

Ela soltou a mão da minha e entrelaçou seus dedos no colo. Mordeu o lábio inferior e com os
NACIONAIS - ACHERON

olhos baixos continuou:

— Ele me sufoca. Quer controlar todos os meus passos. Não me deixa tomar nenhuma decisão. Tem um ciúme descontrolado e acha que é meu dono. O que mais me assusta, é essa possessividade. Eu fico desesperada, a todo o momento, acho que ele vai me trancar em sua cobertura, não me deixando sair mais.

Suspirei. Balancei a cabeça e fechei os olhos. *Ela tem razão. Beatrice despertou em mim uma posse que eu desconhecia. O medo de perdê-la é tal, que minhas atitudes são descontroladas.*

A doutora olhou para mim, com as sobrancelhas erguidas.

— O que você me diz a respeito, Bryan?

— Eu tento me controlar. — Passei as mãos nas pernas e levantei as palmas para cima. — Ela está constantemente me desafiando. Tudo o que eu peço para ela não fazer, ela teima em desobedecer.

Está sempre se colocando em risco, não tem amor próprio. Meu instinto protetor não se contém.

Beatrice levantou o canto dos lábios, com um sorriso.

— Está vendo doutora. Ele não admite. Não tem como mudar algo que não queira.

— O que você pode fazer para melhorar a relação de vocês, Bryan?

Arqueei as sobrancelhas e coloquei o indicador no peito.

— Eu? Ela que precisa parar de fugir, de pegar o carro e dirigir sem rumo e depois ficar com o Rodri... Deixa pra lá. — Fiz um gesto, com as mãos. — A questão doutora, é que a Beatrice despertou esse lado possessivo em mim. Ela é muito frágil. Os homens querem se aproveitar disso. Fora que ela fica o tempo todo me comparando com o Pietro. Fico tenso, tentando conquistá-la. — Balancei a cabeça. — Está difícil,

NACIONAIS - ACHERON

não estou conseguindo, preciso de controle. Não tenho o controle da situação quando estou com ela.

A doutora anotou algumas coisas em seu tablet.

— Olhem, pelo que vejo vamos precisar de muitas sessões, para chegarmos num consenso. Vou pedir para a minha secretária agendar sessões separadas e juntas para vocês.

Que outro remédio tínhamos? Se quiséssemos fazer o relacionamento dar certo, precisaríamos de ajuda. Somos muito complicados, eu com um passado libertino, com várias mulheres, e ela cheia de traumas. *Que bela dupla!*

Capítulo 15 – Consegue Sim

ABRI A PORTA DO MEU APARTAMENTO E ME JOGUEI NOS BRAÇOS DO ETHAN. Abracei-o com furor.

— Nossa... Que demonstração de afeto é essa? Desaparece por quatro dias, chega em casa de madrugada e sai cedíssimo no dia seguinte. Agora vem com essa melação. O que foi?

— Hum... Só me abraça Ethan, por favor. Preciso de você.

— Ah... Claro que precisa... Não fica nem corada para falar uma mentira dessas. Se tiver uma pessoa que você não precisa, sou eu. — Pegou em meus ombros, afastando meu corpo do dele. Agachou-se e falou, olhando dentro dos meus olhos. — Que “porra” aconteceu com você, garota? Vai... Desembucha.

Larguei a bolsa em cima da poltrona, tirei

os sapatos e sentei-me no sofá, com as pernas dobradas. Virei o corpo, ficando de frente para o Ethan, que estava na mesma posição que eu.

Primeiro contei a ele sobre a Alicia. E enquanto eu detalhava, ele arregalava os olhos e colocava a mão em frente à boca.

— Meu Deus, lindinha! Que “vaca”. Espero que o Bryan tenha botado ela pra correr.

— Ainda vou chegar nessa parte, Ethan. — Entortei os lábios.

Relatei a ele toda minha peripécia até chegar a Ilhabela. E o que deixou ele boquiaberto foi à coincidência de me encontrar com o Rodrigo.

— Fala pra mim que você tirou proveito dessa situação, Trice.

— Infelizmente sim. — Dei de ombros.

Ele deu um pulo no sofá e começou a bater palmas.

— Uhuhu... Essa é minha garota. Conte-me,
NACIONAIS - ACHERON

vai. Quero todos os detalhes sórdidos.

Narrei toda a história, sem ocultar nada.

— Foi isso, Ethan. No fim das contas me dei mal. Senti-me a pessoa mais pervertida da face da terra. Entrei em pânico, queria muito que você estivesse comigo. — Estava apertando meus dedos no colo e o nó na garganta estava me sufocando.

Ethan veio até mim, puxou-me e colocou-me em seu colo.

— Estou aqui, lindinha. Calma... — Levantou meu rosto. — Eu achei o máximo o que você fez. Não deveria estar se punindo dessa maneira. O Bryan bem que mereceu. É só ele colocar aquela “vadia” pra fora da empresa dele, que resolveria boa parte dos problemas de vocês.

— Eu sei Ethan. Mas aquela pessoa não sou eu. Você me conhece melhor do que ninguém sabe que eu não faria aquilo. Eu estava fora de mim.

Ele tirou-me do seu colo e ficou em pé.

Colocou o dedo em meu nariz e replicou:

— Vamos parar com esse pudor? Chega a ser ridículo. O Bryan com atitudes de “Homem das Cavernas” e você se achando uma donzela. Poupe-me né Beatrice. — Estalou os dedos. — Hello... Vocês têm que acordar e encarar os fatos de frente. Ou mudam esses comportamentos, desconexos com a realidade, ou vão se matar. — Virou-se e foi até a cozinha. — Vem pra cá, Trice. Preparei um “canelone” delicioso. Vamos repor nossas energias.

Tivemos um jantar agradável. Conversamos sobre coisas do trabalho e os casos do Ethan. Rimos bastante. Consegui relaxar, senti-me leve. Há dias que o meu corpo estava tenso, precisava daquele tempo com meu irmão, só ele consegue me entender. Mesmo falando as verdades, ainda assim, gosto de ouvi-lo.

Depois de um banho demorado, com o

corpo cheio de creme e um confortável pijama, deitei-me. Coloquei a cabeça no travesseiro e achei que o meu quarto, minha cama e travesseiro, fossem suficientes para me acalantar – enganei-me. Meu corpo implorava pelo Bryan. A cama fica fria, o travesseiro duro e inodoro, sem ele. Peguei o celular para vê-lo nas fotos e meu coração animou-se no mesmo instante. Tinha uma mensagem dele:

“Queria você aqui comigo. Minha cama está sem graça, odeio ficar sozinho. Posso te buscar? Durma comigo, eu preciso de você. Por favor... Te amo... Bryan”.

Olhei à hora da mensagem, fazia mais de uma hora que ele tinha mandado. *E agora, respondo? E se ele estiver dormindo?* Resolvi responder:

“Ainda sentindo minha falta?”

A resposta foi instantânea:

“Como nunca na vida, posso buscá-la?”

“Estou deitada, de pijama, com estampa de gatinhos”.

“Você é minha gatinha manhosa, não tem problema, te trago no colo. Adoro ter você em meus braços”.

“Tudo bem... Também Te Amo... Preciso de você”.

Coloquei o celular no peito e senti meu corpo reagir. Só de pensar em dormir com o Bryan, ele entrou em alerta. Calcei as havaianas. Peguei a bolsa e fui até o quarto do Ethan.

— Ethan, vou dormir no Bryan.

Ele franziu o cenho.

— Vestida assim? Está maluca? Quer que o “cara” desista de você? Vai sair na rua desse jeito?

Você bebeu Trice?

Comecei a rir e virei-me em direção à sala.

— Eu disse a ele como estou vestida, mesmo assim ele quis vir me buscar.

— Só você mesmo. — Bufou. — Vai entender esse relacionamento de vocês. Acho que até Deus está confuso.

Ouvi o interfone gritando na cozinha. Assoprei um beijo para o Ethan e saí.

Bryan estava encostado em seu carro, imponente, com os braços cruzados no peito. Abriu um largo sorriso quando me viu. Veio até o portão e assim que eu abri, ele passou os braços pelas minhas pernas e me pegou no colo.

Enfiou o rosto entre meus cabelos e fungou meu cheiro.

— Minha gatinha cheirosa. Vamos pra casa... Nossa casa.

Entramos na cobertura, com Bryan me carregando. Assim que ele me colocou no chão, olhei em volta e percebi algo diferente. As luzes estavam baixas, ao fundo ouvia-se uma música suave. Bryan pegou minha mão e me levou até o aparador, embaixo da TV, onde ficam as fotos. Espantei-me quando olhei. Ele havia colocado vários porta-retratos, com fotos minhas. De várias maneiras.

Coloquei a mão em frente à boca e arregalei os olhos.

— O que é isso Bryan? Como tirou essas fotos?

— A maioria foi o Yuri quem tirou. — Encolheu os ombros. — Você ficou dias sem deixar eu me aproximar, precisava saber que estava tudo bem. Yuri me mandava uma foto todos os dias. Ficaram tão boas que decidi colocá-las aqui.

Fiquei na ponta dos pés e passei meus
NACIONAIS - ACHERON

braços pelo pescoço dele.

— Você é “maluco”, mas mesmo assim eu te amo. — Salpiquei um beijo em seus lábios.

Bryan passou seu nariz ao meu e perguntou:

— Dança comigo?

Olhei para o meu corpo e fiz uma cara engraçada.

— Assim? Com pijama de gatinho? Não está muito sex.

— Você é linda de qualquer jeito, minha menina. — Pegou em minha mão, carregando-me ao meio da sala.

Começamos a dançar ao som de “Michael Bublé”.

“[...] And I can't believe, uh that I'm your man

And I get to kiss you baby just because I can

Whatever comes our way, ah we'll see it

through

And you know that's what our love can do

*And in this crazy life, and through these
crazy times*

It's you, it's you, you make me sing

*You're every line, you're every word, you're
everything [...]"*

*"[...] E eu não posso acreditar que sou seu
homem*

E eu te beijo meu amor só porque eu posso

*O que quer que venha no nosso caminho nós
perceberemos*

*E você sabe que é isso que nosso amor pode
fazer*

*E nessa vida louca, e por esses tempos
malucos*

É você, É você, Você me faz cantar

Você é cada frase, Você é cada palavra,

Você é tudo [...]”

Enquanto dançávamos, ele cantava ao meu ouvido. A música acabou e ele continuou. Afastou um pouco seu corpo, pegou meu rosto com as duas mãos e repetiu: “You're every line, you're every word, you're everything”.

Meus olhos encheram-se de lágrimas e o coração ficou apertado. Passei a língua pelos lábios e murmurei:

— Eu te amo... Você também é tudo pra mim.

Bryan colocou as mãos em meus quadris, me levantando. Passei as pernas pela cintura dele e continuei com os braços em seu pescoço. Ele caminhou comigo em seu colo até a suíte. Não tiramos os olhos um do outro, durante todo o trajeto.

— Você se alimentou corretamente, minha

menina? Quer comer alguma coisa?

Neguei com a cabeça, desci de seu colo devagar, e sentei-me na cama. Coloquei os braços para trás e apoiei as mãos na cama. Inclinei a cabeça para o lado e fiquei admirando o homem a minha frente.

Lindo... Com uma calça de moletom, caída no quadril, camiseta de gola V, mostrando parte dos pelos de seu peito, os cabelos desordenado e descalço.

Ele colocou as mãos no quadril, arqueou as sobrancelhas e com um sorriso maroto perguntou:

— O que está passando na cabeça da minha gatinha? Deseja algo?

Senti meu rosto pegar fogo. *Caramba, eu desejo muito mais que algo. Quero-o.*

Bryan ajoelhou-se à minha frente, abriu minhas pernas e ficou no meio. Colocou as mãos uma de cada lado do meu corpo e chegou com o

NACIONAIS - ACHERON

rosto bem próximo do meu.

— É só pedir minha menina. Sou todo seu.

Acaricieei seu rosto e passei o polegar pelo seu lábio inferior.

— Você é muito lindo, Bryan. Eu entendo o que a Alicia e a Felícia estão sentindo. Se eu perder você, nunca mais serei a mesma. Nenhum homem vai conseguir te superar.

— Beatrice Maltez se declarando pra mim? Devo registrar esse momento? O que aconteceu hoje em seu apartamento? Achei que o Ethan ia te proibir de me ver e aí encontro uma garota toda romântica.

Abri um sorriso tímido.

— Ele disse que somos duas pessoas estranhas. Desconexas com a realidade. Você “Homem das Cavernas” e eu me achando “donzela”.

Bryan jogou a cabeça para trás e soltou uma
NACIONAIS - ACHERON

gargalhada.

— Até que ele não está tão errado assim. Acho que devíamos contratá-lo como terapeuta, o que acha?

— Pelo menos ele fala a verdade, não fica com luvas de pelica. — Dei de ombros.

— Está cansada? Podemos tomar um vinho?

Levantei uma sobrancelha.

— Quer me embriagar, Sr. Bryan? Amolecer a carne?

— Até que a ideia não é ruim, Srta. Beatrice. — Subiu na cama, me deitou e ficou em cima de mim, apoiando seu corpo nos cotovelos. Passou a barba pelo meu rosto e desceu pelo pescoço. Encolhi-me, com o arrepio que passou pelo meu corpo.

— Apesar de que, hoje tenho a impressão que não vou precisar de muito — para ter você

NACIONAIS - ACHERON

inteirinha.

Estreitei os olhos e entortei os lábios.

— Está me chamando de fácil, Sr. Bryan?

— Longe de mim... — Passou o nariz no meu. — Eu me garanto só isso. — Abriu um lindo sorriso.

— Vou buscar duas taças de vinho, já volto.
— Levantou-se e desceu.

Enquanto ele buscava o vinho, tive uma ideia. Fui até o *closet*, escolhi o lingerie mais sex que tinha e vesti. Um espartilho preto – filetado em vermelho, calcinha de renda – fio dental e cinta liga. Calcei “scarpins” altíssimos, vermelho. Ajeitei os cabelos e passei um batom vermelho nos lábios. Fiz tudo rapidamente. Queria impressioná-lo.

Caminhei até a varanda e encostei-me ao parapeito da cobertura. O vento frio da noite arrepiou meu corpo. Fiquei esperando ele voltar, de costas para a suíte, olhando para os carros na rua.

NACIONAIS - ACHERON

— Beatrice... Cadê você... — Bryan entrou no *closet* e no banheiro. Eu me virei assim que percebi que ele estava a minha procura. Quando bateu os olhos em mim, eu vi a luxúria estampada. Permaneci no mesmo lugar até que ele chegou bem próximo. Colocou as taças com vinho em cima da mesinha. Pegou minha mão e disse:

— Uau! Dá uma voltinha pra mim. — Dei uma volta e parei, com meu rosto colado ao dele. — O que aconteceu? Cadê minha gatinha manhosa? Tenho uma mulher fatal aqui na minha frente. — Puxou-me com força contra seu corpo e me deu um beijo quente. Encostou os lábios em minha orelha e sussurrou. — Assim você me mata, Beatrice.

Eu estava desejosa, me segurando há dias. Bryan mostrou-me o quanto fazer amor é prazeroso. Sentia falta de seu toque, sua língua percorrendo todas as partes do meu corpo.

Conversava comigo mesmo, jogando para bem longe, todos os pensamentos que me faziam ser pudica. Deixei os instintos dominarem e mandar a razão ir passear.

Peguei na bainha de sua camiseta e subi, bem devagar, tirei-a e salpiquei vários beijos em seu peito. Bryan cerrou os punhos ao lado do corpo e sua respiração ficou ofegante.

Com o indicador, segui a trilha de pelos até o meu brinquedo favorito. Roci meu dedo na volta toda do elástico da calça. Agachei-me e junto tirei-lhe a calça de moletom. Bati em seu tornozelo para que levantasse os pés. Joguei a camiseta e a calça para um canto. Levantei-me, me afastei um pouco e, com a cabeça inclinada pra o lado, passei a língua nos dentes, medindo-o de cima embaixo.

Bryan colocou um sorriso safado no rosto.

— Se demorar mais um pouco vou te pegar à força. Está me torturando, Beatrice. Você sabe

NACIONAIS - ACHERON

que me controlo, mas não me provoque.

Aproximei-me de seu corpo e passei as mãos por todo ele. Chegando em sua ereção, dei um apertão, por cima da cueca box. Ele segurou meu braço e entre os dentes trincados disse:

— Beatrice... Beatrice... Não me tente garota.

Fiquei nas pontas dos pés e, com os lábios grudados em sua orelha, provoquei-o:

— Eu gosto do meu meninão mau.

— Ah, gosta... Então vamos ver se gosta mesmo. — Me pegou e colocou-me em seu ombro. Entrou na suíte e me jogou na cama. — Quer brincar? É isso? Então vamos brincar.

Ele foi até o *closet* e voltou com um cinto de seda, do meu hobby. Colocou minhas mãos acima da minha cabeça e amarrou-as, uma na outra. — Tudo bem pra você, Beatrice? Pode manter suas mãos nessa posição?

Confirmei com a cabeça, sentindo minha boca secar e o coração acelerar. *Será que eu fiz certo em provocá-lo?*

Bryan começou a me despir, com calma, cada peça que tirava passava a língua e beijava. Primeiro tirou meus sapatos, a cinta liga e meias. Depois de criar um rastro de beijos pelas minhas pernas, com o indicador, iniciou uma tortura na minha virilha.

Subiu o tronco e com o rosto rente ao meu, falou:

— O que minha gatinha quer hoje? — Voltou à mão a minha virilha e circulou com o dedo, por dentro, toda a bainha da calcinha. Puxou meus seios para fora do espartilho e lambeu os bicos.

Arqueei as costas e soltei um gemido.

— Ah... Bryan... Está me punindo... Você sabe exatamente o que eu quero.

— Não sei não... — Apertou os bicos dos meus seios. Lambeu o lóbulo da minha orelha. — Quero ouvir... Especificamente... O que você quer de mim?

Passei a língua pelos lábios secos e fitei-o.

— Vai fazer isso comigo, Bryan? Não vou conseguir.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Consegue sim, estava bem à vontade com o Rodrigo na foto. Então sabe muito bem o que quer. Se fosse tão tímida não teria se entregado daquela maneira, no meio de uma boate.

Fechei os olhos, não acreditando no que eu tinha acabado de ouvir. *Ele está se vingando.*

— Quer mesmo falar disso agora, Bryan? Não vai esquecer nunca mais? Já não expliquei que estava tomada de ódio?

Ele abriu um sorriso no canto dos lábios.

— Não pareceu ódio o que estava sentindo.

Contorci-me embaixo dele, tentando sair. Minhas mãos estavam amarradas e ele estava segurando meus braços. Seu corpo estava todo em cima do meu, só o tronco estava apoiado pelos cotovelos. Não consegui nem me mexer direito.

O nó na garganta cresceu, senti os olhos queimarem, com lágrimas.

— Deixe-me sair Bryan. Você conseguiu quebrar todo o clima.

— Não vou sair enquanto não me disser o que quer de mim. Você pode fazer isso, Beatrice.

— Por que está fazendo isso, Bryan? Se não confia em mim, por que vem atrás? Se pensa que eu quero ficar com o Rodrigo, deixe o caminho livre. Assim não vamos ficar sofrendo.

Ele estreitou os olhos e mordeu o lábio inferior. Chacoalhou a cabeça.

— Você pensa, antes de vomitar essas besteiras pra mim, Beatrice?

— Você começou Bryan. Eu estava toda entregue a você, fazendo de tudo para fazermos amor. Ter uma noite agradável, como um casal normal, que se ama. Aí vem você com esse papo “idiota” de Rodrigo. Se eu quisesse ficar com ele, não estaria aqui, agora.

Bryan levantou-se, caminhou até a varanda, pegou a taça de vinho e tomou todo o conteúdo de uma vez. Sentei na cama e fiquei olhando para ele, com as mãos amarradas. Ele apoiou seu corpo no parapeito, ficando de costas para mim.

Ele não vai conseguir superar o beijo que dei no Rodrigo. Por que então quis que eu viesse para cá? Para me punir? Esfreguei as mãos, uma na outra, até conseguir tirar o cinto de seda. Levantei-me e fui até o *closet*. Tirei o resto da parafernália que tinha vestido. Fui até o banheiro e lavei o rosto. Prendi os cabelos em um coque, com alguns grampos, e vesti meu pijama de gatinho. Saí

NACIONAIS - ACHERON

da suíte e deitei-me na confortável cama do quarto de hóspede.

Encolhi-me toda, abracei meus joelhos e dormi.

Acordei com braços me pegando. Bryan carregou-me de volta à suíte. Colocou seu rosto no meu pescoço e murmurou:

— Me perdoa... Preciso de tempo pra digerir o que eu vi. Não está sendo fácil, minha vontade é matar ele.

Colocou-me em sua cama e tirou toda a minha roupa. Deitou-se atrás de mim e me abraçou. Senti seu corpo quente me acolhendo. Foi como se um bálsamo tomasse conta do meu ser. Ele colocou meus cabelos para o lado e salpicou vários beijos na minha nuca.

— Eu te amo minha menina. Não me deixa, tenha paciência comigo.

Abri os olhos e dei de cara com lindos olhos verdes. Bryan estava em cima de mim com o tronco apoiado nos cotovelos. Pegou meu rosto com as duas mãos e disse:

— Bom dia minha gatinha. Dormiu bem?

Estiquei os braços, me espreguiçando e bocejei.

— Aham... Até demais. Que horas são?

— Hora de fazer um amor gostoso com a minha menina gostosinha. — Desceu a mão até meu sexo e me invadiu com seu dedo.

Dei um pulo, arqueando as costas.

— Nossa... Que invasão... Acordou cheio de energia hein, Bryan.

— Você me provocou ontem e foi dormir. Quase morri a noite inteira. Não te acordei pra não apanhar. — Mexeu o dedo dentro de mim.

— Hummmm... Bryan...

Antes de eu pensar em algo ele tirou o dedo

e introduziu seu membro.

— É isso que você quer Beatrice? Hum... Fala que precisa de mim, só de mim. — Enquanto pronunciava as palavras, aumentava o ritmo de vai e vem, dentro de mim.

Segurei o lençol com força e arregalei os olhos para ele.

— Sem preliminares, Bryan? O que é isso?

Desceu o rosto até meu seio e começou a chupar o bico. Repetiu o processo no outro lado e subiu roçando a barba pelo meu pescoço e rosto.

— Você precisa de mim, hum? Só de mim?

Meu corpo já estava mole e a libido tinha tomado conta. Há dias que não fazíamos amor, eu precisava dele como nunca.

— Sim... Bryan... Eu preciso de você, mais que tudo nessa vida... Só você... Mais ninguém...

Com um ritmo acelerado, de vai e vem, ele desceu a mão e iniciou movimentos circulares em

NACIONAIS - ACHERON

meu clitóris.

— Quero que você “goze” pra mim, minha gatinha. Vamos juntos. Ao meu comando.

Não demorou muito para nós dois entrarmos em combustão. Estávamos segurando por dias. A tensão e o estresse dos últimos acontecimentos, só intensificaram nosso prazer. Soltamos um gemido alto e Bryan desabou completamente em cima de mim.

Nossos corações estavam acelerados, e as respirações ofegantes. Bryan balbuciou entre meus cabelos:

— Desculpe-me... Não fui muito cuidadoso hoje... Foi rápido...

— Bom dia Rebeca, peça à Mirela para ir até minha sala. Há dias preciso conversar com ela, só hoje vou conseguir.

Acordar nos braços do Bryan e tomar um belo café da manhã preparado pela Cida aumentou minha disposição. *Estou pronta para o que der e vier, hoje.*

Estava lendo meus e-mails quando Mirela deu uma batidinha na porta. Colocou a cabeça para dentro e perguntou:

— Posso entrar?

— Claro que sim, sente-se. — Fiz um gesto para que sentasse a minha frente.

— Precisa falar comigo, Beatrice? — Mirela estava pálida, passava as mãos pelas pernas, toda aflita.

Cheguei com o corpo para frente, coloquei os cotovelos na mesa e entrelacei os dedos.

— Estou preocupada Mirela. Estamos recebendo reclamações de clientes. Essa conta que você está atendendo agora, o cliente quer que eu envie outra pessoa em seu lugar, caso contrário ele

vai cancelar o contrato. — Franzi o cenho. — O que está acontecendo? Eu posso ajudar?

Mirela disparou a chorar. Soluçava, a ponto de seu corpo chacoalhar. Levantei-me rapidamente e agachei ao seu lado. Peguei em sua mão e passando a mão pelos seus cabelos, disse:

— Calma, não precisa se desesperar. Conte-me o que está acontecendo, podemos pensar juntas no que fazer.

Chamei a Rebeca pelo telefone interno e pedi que trouxesse um copo de água à Mirela. Ela tomou a água e foi acalmando-se, aos poucos.

Sentei-me novamente e esperei que ela começasse a falar.

— Estou com um problema sério em casa, Beatrice. Minha mãe nunca teve muito juízo, mas agora ela está passando dos limites. Faz dois anos que saí de casa e moro sozinha. Minha mãe é alcoólatra. Aguentei por anos, ajudei o máximo que

NACIONAIS - ACHERON

pude, quando ela parou de me ouvir decidi deixá-la. Logo em seguida, que saí, ela começou a se prostituir, precisava de dinheiro para manter o vício. — Puxou o ar com força, dos pulmões. — Ela começou a se drogar. Agora além do vício do álcool está viciada em craque. — Limpou as lágrimas, com as costas das mãos, e voltou a soluçar. Estava tremendo muito.

Cocei a testa e fiquei sem saber o que fazer. *Não posso demiti-la, mas também não posso ser prejudicada.*

— E tem mais, Beatrice. O que está me fazendo perder a linha foi o que ela me disse há alguns dias. Parou-me na rua, toda suja e maltrapilha, e disse que está grávida, de três meses. Eu não sei o que fazer Beatrice. Não posso criar uma criança, muito menos ela. Sou filha única, meu pai tem outra família e a família da minha mãe desistiu de ajudá-la. Estou desesperada, ela só tem

NACIONAIS - ACHERON

a mim.

Meu Deus! É muito pior do que eu imaginava. Achei que a Mirela tivesse brigado com o namorado ou estivesse de TPM, coisas desse tipo. Como posso ajudá-la? Caramba... Vou ter que pensar no que fazer. Se é que poderei fazer algo.

Arrumei a postura na cadeira.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer Mirela? Não acha melhor tirar alguns dias de folga?

Ela negou com a cabeça.

— Não sei o que fazer Beatrice.

Peguei em sua mão, em cima da mesa e dei um leve aperto.

— Vamos pedir a Deus que te guie. Eu vou pensar em alguma maneira de te ajudar. Tem alguma coisa em mente?

— Vou ter que dar um jeito de cuidar dela durante a gravidez e quando a criança nascer... — Engoliu seco. — Vou procurar um lugar para doá-

NACIONAIS - ACHERON

la. Minha mãe não tem a menor condição de criar uma criança, Beatrice. Muito menos eu.

Um frio passou pela minha espinha. *Doar o bebê? Que coisa estranha de se ouvir.*

— Vou pensar em uma maneira de te ajudar, Mirela. Porém, vai precisar separar seus problemas aqui dentro, senão terei que te afastar.

Ela concordou com a cabeça e voltou à sala de operações.

As horas voaram, tínhamos tantos assuntos pendentes, nem eu nem o Bryan conseguimos parar para almoçar. Pedimos um lanche e comemos em nossos escritórios, sem parar o que estávamos fazendo.

— Ainda precisa de mim, Beatrice? —
Rebeca apareceu na porta, com sua bolsa pendurada, pronta pra ir embora.

— Pode ir Rebeca, não vou demorar. É só o

tempo de eu desligar tudo aqui. Boa noite e bom descanso. Até amanhã.

Após desligar tudo, peguei a bolsa e fui até a recepção. Olhei em volta e não vi o Yuri. *Ué, cadê ele? Preciso que ele me leve embora, vim com o Bryan.* Peguei o celular e liguei para ele.

— Boa noite Srta. Beatrice. Precisa de algo?

— Sim, preciso ir embora. Onde você está?

— O Sr. Bryan me deu folga agora à tarde, disse que a Srta. voltaria com ele.

— Tudo bem, Yuri. Desculpe-me. Ele não me avisou. Bom descanso, até amanhã.

Entrei no elevador e apertei o 20º andar. *Espero não ter outra surpresa.*

Capítulo 16 – Maldita Hora

— **DEIXA-ME VER SE ENTENDI, SENHOR RODRIGO.** Está me dizendo que nunca tinha visto a vítima? — perguntou Ademir.

— Isso mesmo detetive. Moro em Santos, meu círculo de amizade é de lá, só venho para São Paulo a trabalho — disse, relaxado na cadeira.

Ademir batia os dedos no tampo da mesa, controlando-se, para não acender outro cigarro. Estava tendo sérios problemas de saúde, mas não estava sendo fácil, o caso que assumira estava cada vez mais difícil de desvendar. Se conseguisse encontrar a ponta do novelo, estaria feito. O caso teria uma repercussão incrível para a sua carreira. Ele precisava, há anos buscava uma promoção, era a oportunidade dele.

— Senhor Rodrigo, foi convidado para o evento por quem? Ou não foi? — Levou o corpo

para próximo da mesa.

— Claro que eu fui convidado. — Balançou a cabeça. — Que pergunta idiota. Sou cliente e amigo da Beatrice, ela não deixaria de...

— Desculpe-me senhor Rodrigo, mas preciso te interromper. Não distorça os fatos. A senhorita Beatrice é noiva do senhor Bryan e, segundo minha pesquisa, o senhor e o noivo dela já tiveram várias discussões. Inclusive, é um caso antigo. O senhor Bryan roubou sua noiva, correto? — levantou as sobrancelhas.

Rodrigo balançou a cabeça e levantou o canto dos lábios com um sorriso.

— Precisa melhorar sua pesquisa, detetive. Ele não roubou nada de mim, não sou como ele, que pensa que as pessoas são propriedades e têm donos. Felícia simplesmente resolveu me trair, e Bryan, “filho da puta” como é, e todos sabem que ele é, aproveitou da situação. — Cruzou as pernas

NACIONAIS - ACHERON

deixando o pé em cima do joelho.

— Então resolveu dar o troco com a Beatrice, senhor Rodrigo? — Não aguentou, acendeu outro cigarro. Sua cabeça estava estourando.

— Não estou entendendo o rumo dessa conversa. Primeiro me liga dizendo que eu não precisaria me preocupar com advogado, que seria um depoimento amigável, somente porque todos que estavam no evento precisavam depor. Agora está partindo para um lado que não estou gostando. O que isso tem a ver com o assassinato? Que “porra”, maldita hora que decidi ir naquela “merda”. — Descruzou as pernas, projetou o corpo para frente, colocando os cotovelos nos joelhos.

— O fato senhor Rodrigo, que não estamos tratando apenas de um assassinato e sim de um atentado. O senhor Bryan foi baleado antes do senhor Scott ser assassinado. — Tragou o cigarro.

Rodrigo levantou-se, arrumou o paletó e concluiu:

— Isso aqui não tem nada de amigável. Só volto com meu advogado. Por que não me disse que eu era suspeito? Não teria perdido meu tempo – até logo detetive.

Com os olhos estreitados, as mãos inquietas e mordendo os lábios, Ademir permaneceu pensativo, por um bom tempo, depois que o Rodrigo saiu. Cada depoimento que ele ouvia, fazia anotações, porém, não estava conseguindo chegar à conclusão alguma. Aquilo estava mais parecido com uma teia de aranha do que qualquer outra coisa.

Capítulo 17 – Fim de Papo

PASSEI O DIA DRIBLANDO O NESTOR E A ALICIA. Cada vez mais eles estão desconfiados. Venho evitando falar com eles. Eu e a Carol, estamos vasculhando tudo dentro da empresa. *Encontrarei provas suficientes para tirá-los, mas vou precisar de toda a calma do mundo.*

Ainda com as persianas fechadas, Carol sentada a minha frente, ouvimos alguém bater na porta.

— Pode entrar — gritei da minha mesa.

Meu sorriso veio de orelha a orelha, a hora que eu vi quem estava entrando. Levantei-me e fui ao seu encontro.

— Minha menina linda. — Abracei-a e a beijei docemente. Seus lábios estavam adocicados. Levantei seu rosto, com o indicador. — Terminou seu trabalho? Está muito cansada? Pode esperar uns

minutos?

— Claro que posso Bryan. Não quero te atrapalhar. — Saiu dos meus braços e cumprimentou a Carol. — Boa noite Carol, tudo bem? Bryan... Vai segurar a garota aqui até que horas?

— Está tudo bem Beatrice. Não se preocupe — disse Carol.

— Você, pelo menos, comprou alguma coisa para ela comer, Bryan?

Olhei para a Beatrice, torcendo os lábios e passando as mãos pelos cabelos.

— Não, faz horas que estamos aqui, trancados nessa sala.

Beatrice balançou a cabeça.

— Tss-tss... Coitada da garota. Vou buscar um lanche pra nós. Continuem o que estão fazendo, eu já volto. — Virou-se e foi saindo.

Meus nervos endureceram na hora. Peguei

em seu braço e a trouxe de volta.

— Você enlouqueceu Beatrice? São dezenove horas, acha mesmo que eu vou deixar você sair na rua sozinha? — Fechei a cara. Virei para a Carol e disse. — Pode ir Carol, amanhã continuaremos.

Carol prontamente arrumou as coisas, despediu-se de nós e foi embora. Ficamos a sós, nos encarando.

— Você me trata como criança, Bryan. Eu detesto isso.

Encostei seu corpo ao meu.

— Não vamos brigar meu docinho. Deixa-me cuidar de você, sabe que está correndo perigo.

— Bryan, ainda aqui? Voltei para pegar minhas chaves que esqueci, encontrei a Carol no elevador, achei que estivesse aqui. — A voz da Alicia surgiu nas minhas costas. Beatrice levantou as sobrancelhas e fez uma careta, com os lábios,

sem tirar os olhos dos meus.

Virei-me, com um sorriso forçado no rosto.

— Sim Alicia, mas já estou saindo. Precisa de alguma coisa?

— Ah... Oi Beatrice, você está aí. Tudo bem? Então quer dizer que vocês se acertaram? Gosta mesmo de compartilhar hein, garota!

Antes que Beatrice respondesse, me adiantei:

— Alicia, por favor, saia da minha sala. Deixe a Beatrice em paz. Não me faça perder a cabeça com você. — Caminhei até ela, peguei em seu braço e a empurrei para fora. — Boa noite.

Fechei a porta e passei à chave. Olhei para a Beatrice e ela estava estática. Com uma expressão de espanto.

— Por quanto tempo terei que suportar essa situação, Bryan? Todas as vezes que tenho que subir aqui, fico tensa. Sempre me arrependo.

Passei as mãos pelos cabelos e respirei fundo.

— Desculpe-me, estou fazendo o que eu posso para acabar logo com isso. Mas não tem como eu saber quanto tempo vai demorar. — Cocei a barba e me aproximei dela. — Confia em mim? Consegue?

— Estou tentando Bryan. Juro que estou indo além dos meus limites.

Entramos na cobertura, exaustos. Beatrice colocou a bolsa na poltrona, tirou os sapatos e se jogou no sofá. Fiquei feliz, ela está começando a sentir-se em casa.

Fui até a cozinha — preparar algo para comermos.

— Bryan... Estou encucada com uma história — disse alto, de onde estava esparramada.

Coloquei uma massa no forno e voltei à sala, para dar atenção a minha menina. Sentei-me e coloquei a cabeça dela em meu colo.

— Diga minha menina, o que te está encucando? — Passei as mãos pelos cabelos dela e dei um beijo em sua testa.

— Lembra-se do que eu te disse sobre a Mirela, que trabalha comigo? Conversei com ela, hoje, e fiquei impressionada – com a história dela. Na verdade, queria ajudá-la, mas não sei como.

— Hum... O que foi que ela te contou? Deve ser muito interessante, está até agora pensando nisso. — Continuei acariciando os cabelos dela.

— Nossa Bryan. A mãe dela é alcoólatra e viciada em craque. Faz um tempo que se prostitui, para conseguir dinheiro, e agora está grávida. A coitada da Mirela precisa ajudá-la e não sabe como, e nem tem condições.

Senti meu coração parar por alguns segundos. *Não é possível que a Beatrice vai querer se meter numa história bizarra dessa.* Parei a mão em sua testa e olhei bem dentro dos seus olhos.

— Não vai me dizer que vai querer ajudar a garota, Beatrice. Já não bastam seus problemas malucos. Um cunhado psicopata e um pai estuprador... Quer outro maluco atrás de você?

Ela revirou os olhos e torceu os lábios.

— Larga de ser egoísta Bryan. Eu posso ajudar sem me identificar, só não sei como. — Deu de ombros. — Ela está pensando em doar a criança, assim que nascer, fiquei muito mexida com isso. Tanta gente querendo um filho e não pode. — Baixou os olhos e percebi que estavam cheios de lágrimas.

Gelei... Será que ela quer muito um filho e não tem coragem de me falar? Eu estou “fodido”, se for isso, sou estéril, “porra”! Deitei a cabeça no
NACIONAIS - ACHERON

encosto do sofá, fechei os olhos e comecei a massagear as têmporas.

Ela levantou-se, sentou em meu colo, passando uma perna de cada lado, pegou meu queixo e disse:

— Hey... O que foi? Por que ficou assim, de repente?

Estreitei os olhos e fitei-a.

— Você quer muito um filho, Beatrice?

Beatrice colocou as mãos no rosto e ficou por um tempo calada. Peguei em suas mãos, tirando-as de seu rosto.

— Olhe pra mim Beatrice. Fale comigo, vamos... Estou me torturando com essa história de filho. É por isso que não consegue se entregar totalmente pra mim? Porque não posso te dar um filho?

Ela negou com a cabeça e engoliu seco.

— Eu também não posso Bryan... —

Baixou os olhos e torceu os dedos. — Meu pai... —
Uma lágrima escorreu no canto de seus olhos.

— O que tem seu pai Beatrice. O que aconteceu? — Meu coração acelerou-se. *O que mais aquele “filho da puta” fez pra minha menina?*

— Nunca contei isso a ninguém, Bryan. Nem o Ethan sabe. Somente eu e o Pietro. — Esfregou os olhos e soluçou. — Logo em seguida que havíamos fugido, um dia comecei a passar muito mal, Pietro correu comigo para o hospital. Chegando lá, me fizeram uma curetagem, eu tive um aborto espontâneo. O bebê tinha três meses. Estava formado.

Arregalei os olhos e puxei o ar com força, dos pulmões.

— “Caralho”, Beatrice! Não acredito que passou por um processo desses. Seu pai deveria ser torturado. “Filho da puta”!

— O pior Bryan, é que como eu era muito
NACIONAIS - ACHERON

nova, os médicos disseram que prejudicou demais meu útero e que eu não ficaria mais grávida. Por isso fiquei tão preocupada, quando soube que você poderia ser pai do filho da Felícia. Desesperei-me, não conseguiria lidar com isso.

Abracei-a e beijei sua têmpora.

— Minha menina frágil e ao mesmo tempo tão forte. Como pôde guardar esse segredo por tantos anos?

— Pietro me protegia de tudo. Ele não deixava eu me expor, de maneira alguma. Como o Ethan sempre diz, ele me colocava em uma redoma de vidro.

— E por que não me deixa te proteger? Não sou digno da sua confiança? Só de pensar em alguém te machucando eu surto.

Ela levantou a cabeça e acariciou meu rosto.

— Eu deixo você me proteger, não estou aqui com você? Compartilhando um segredo que

NACIONAIS - ACHERON

depois que o Pietro se foi, era só meu? — Abaixou-se e deu um leve beijo em meus lábios. — Reconhece que estou me entregando a você.

— Então venha trabalhar comigo. Estou enlouquecendo sozinho. Minha assistente está sobrecarregada, é a única que posso contar. A hora que eu conseguir todas as provas necessárias, Nestor e Alicia estarão fora, como eu vou fazer? Preciso de você comigo.

Beatrice fez uma careta.

— E a minha empresa? Meus clientes? Não tem valor algum? Só a sua é importante?

Passei as mãos pelos braços dela e inclinei a cabeça para o lado.

— Não foi isso que eu disse. Você pode muito bem vendê-la. A Rebeca é uma pessoa que pode ser treinada para assumir. Assim seus clientes não ficarão sem atendimento e você estaria assumindo o que é seu.

— E desde quando a sua empresa também é minha, Bryan?

— Por pouco tempo não é sua. Quero me casar com você, Beatrice. E não quero esperar muito para que isso aconteça.

Ela saiu do meu colo e ficou em pé, com as mãos na cintura.

— Bryan, você sabe quanto tempo faz que nos conhecemos? Como você pode dizer uma coisa dessas? Precisamos de no mínimo um ano de relacionamento para saber se é realmente isso que queremos.

Antes de eu repreendê-la, meu celular tocou. Olhei no visor, só atendi porque era a Gaby.

— Oi Gaby, espero que não seja mais uma da Karin.

— Oi Bryan, muito obrigada por perguntar se está tudo bem.

— Eu disse oi Gaby, é que sempre que liga,
NACIONAIS - ACHERON

é para me passar problemas.

— Você está lembrando que amanhã é dia 24 de dezembro? Você se acertou com a Beatrice?

Abri um sorriso, olhei a minha frente e a Beatrice continuava em pé, com uma cara de brava.

— Sim, ela está aqui na minha frente, toda bravinha. Ela acha que me assusta com essa cara emburrada, ela só fica mais linda do que já é. — Peguei em sua mão e puxei-a de volta para o meu colo. Beijei seu pescoço.

— Que bom Bryan, porque fizemos tudo contando com ela. Você não vai trabalhar amanhã, vai?

Soltei um suspiro de frustração.

— Sim, Gaby. Deixei algumas coisas pendentes para amanhã.

— Nem pensar Bryan. Quero vocês aqui para o almoço. Deixe-me falar com a Beatrice, passe para ela.

Balancei o celular, mostrando a Beatrice que era para ela. Beatrice colocou no viva-voz e não mudou de posição, continuou abraçada ao meu peito.

— Oi Gaby, tudo bem?

— Oi cunhadinha, faz esse boboca do meu irmão sair daí cedo, amanhã.

Beatrice levantou o tronco, limpou a garganta e respondeu, sem olhar para mim:

— Preciso resolver algumas coisas no escritório amanhã, Gaby. E não sei se o Ethan vai querer descer, fico preocupada em deixá-lo sozinho.

Cerrei os dentes e endureci o maxilar.

— Não comece “fodendo” com a minha cabeça, Beatrice. O Ethan que se “foda”, ele não é nenhuma criança. Nós vamos sair cedo, Gaby. No almoço estaremos aí e fim de papo.

— Desculpe-me Beatrice, não queria causar

problemas entre vocês. Ficaríamos muito felizes com você aqui, mas se não puder, entenderemos.

— Entenderemos o “cacete”, Gaby. Vocês podem entender, eu não. Conversa encerrada, Gaby. Até amanhã.

Beatrice estreitou os olhos e disse:

— Boa noite, Gaby. Farei o possível para estar com vocês. Beijos.

Cruzei os braços e fiquei encarando-a.

— Como você pode ser tão grosseiro, Bryan? Estava aqui todo romântico, de repente solta quinhentos palavrões. Quando vai aprender a respeitar minhas decisões? Só vou se eu quiser, e você não pode fazer nada.

Joguei a cabeça para trás e soltei uma gargalhada. Segurei os dois braços dela e aproximei nossos rostos.

— Você vai comigo, Beatrice. Nem que eu tenha que te amarrar. Quantas vezes tenho que te

NACIONAIS - ACHERON

lembrar da lei do mais forte? Se o Ethan quiser ir junto, bem, senão, problema dele. Aliás, eu prefiro que ele não vá. Ele é um “pé no meu saco”. Odeio a intimidade de vocês dois.

— Bryan... Pode parar de...

— Fim de papo, Beatrice... Vamos jantar o forno já apitou, nosso jantar está pronto. — Beije o nariz dela, tirei-a do colo e levantei-me.

Alinhamos nossos compromissos – com nossas assistentes, adiamos alguns e seguimos viagem para Santos. Beatrice foi ao seu apartamento conversar com o Ethan, porém, ele preferiu ficar, o que para mim foi um alívio.

— Vou almoçar com sua família e ir para o meu apartamento, Bryan. Quero ver a Mary. Como hoje a academia está fechada, provavelmente ela vai querer marcar na minha casa ou na dela. Faz um

tempão que não vejo a Letícia e nem os pais da Mary. Preciso passar um tempo com eles.

Apertei os dedos no volante e olhei para ela, com os olhos miúdos.

— Tudo bem. Vou com você.

Beatrice virou o rosto para a janela e replicou:

— Não vai não, fica se intrometendo em nossos assuntos. Quero privacidade com a minha amiga.

— O “caralho” de privacidade você quer. Não escondi nada de você, por que tem que ter segredos comigo?

— Bryan... Você está passando dos limites, chega de palhaçada. Desde ontem com essa “ogrisse”.

— “Ogrisse”? Vamos fazer assim, então, te levo para onde quiser e eu – vou me encontrar com os meus amigos. Tenho um em cada esquina de

NACIONAIS - ACHERON

Santos.

Ela virou para mim, cruzou os braços e fechou a cara.

— É bem diferente, Bryan. Não faz sentido você querer se encontrar com seus amigos. E tem outra, nunca tem tempo de ficar com a sua família, estão esperando por isso.

Abri um sorriso e arqueei as sobrancelhas.

— Tem certeza de que o egoísta sou eu, Beatrice? E só pra ficar claro; a “nossa” família. Estão esperando por nós, prepararam tudo — contando com você.

— E o que você sugere Bryan? Que eu viva somente em sua função?

— Eu não sugiro nada, apenas estou dizendo que do mesmo jeito que quer passar um tempo com sua amiga, eu também quero com os meus. Afinal, como você acabou de dizer, não tenho tempo, então preciso aproveitar. Eu só acho

NACIONAIS - ACHERON

que poderíamos, pelo menos por hoje, ficar na casa dos meus pais.

O trajeto estava silencioso. Beatrice emburrada, escondida atrás dos óculos de sol, virada para a janela do carro. Coloquei um álbum, para tocar no som do carro, e imediatamente ela o trocou. Com toda a certeza estava querendo brigar. *Garota mimada do “caralho”*. A descida da serra estava lenta, como de costume. Não estava aguentando aquele clima pesado. Não sabia mais o que fazer para aproveitarmos os nossos momentos de privacidade. Ou estamos brigando ou fazendo sexo. *Isso, porque, quando eu percebo que estou perdendo a parada, uso minhas técnicas manipuladoras – com sexo – segundo a Beatrice*.

— Podemos ficar de bem? — disse, virando o rosto para ela, parados no congestionamento.

Ela não respondeu. Aumentou o volume do

som e começou a cantar junto, me ignorando. Acionei o botão de controle de som, no volante, e desliguei-o. Beatrice virou para mim – furiosa.

— Até isso você vai querer controlar, Bryan? Não vou poder nem ouvir às músicas que eu gosto?

Peguei em seu queixo e salpiquei um beijo nos lábios.

— Pare de ser mimada, Beatrice. Quem te deixou assim? Deve ter sido o Pietro, o “cara” fazia tudo o que você queria, agora fica aí, toda estressada, porque não faço o mesmo. — Olhei novamente para frente e continuei dirigindo.

— Seu grosso, você me estressa. — Mostrou a língua. — Estou preocupada com o Ethan, não gosto de deixá-lo sozinho. Ele teve alguns problemas no passado, que me preocupam. O fato de o Andrey estar namorando, deixou o Ethan muito pra baixo. Não vou ter sossego. —

Balançou a cabeça e suspirou.

Ethan... Ethan... O cara está sempre me “fodendo”. Até mesmo longe. Virei os olhos e bufei.

— Que “porra” aquele “idiota” fez, no passado, que está te deixando preocupada, Beatrice?

— Bryan, deixe de ser tão “ogro”, por favor, tente ser só um pouquinho sensível, não vai “virar gay” por ter sensibilidade. Aff... Pelo o amor de Deus! — Colocou uma perna em baixo do corpo, virando para mim e me encarou, com os braços cruzados no peito.

Achei graça.

— Oh querida... O que aconteceu com o nosso tão amado Ethan, que a está preocupando? — brinquei, com uma voz melosa.

Ela deu um tapa no meu braço e continuou:

— Nossa... Como você é difícil, Bryan. —

Tss-Tss.

— Pare de mi... mi... mi Beatrice, fala logo “caralho”! — disse, com os olhos estreitos e o cenho franzido.

— Ok, Bryan. Vou seguir seu exemplo e despejar de uma vez, o que eu falaria com todo o cuidado. — Cruzou os dedos no colo e baixou os olhos. — Como você já sabe, Ethan perdeu a mãe muito cedo, era muito ligado a ela. Sua mãe o paparicava muito e estava acostumado a não ser contrariado. Ele é filho único, como todos sabem. Seu pai sempre foi muito ausente, por conta do trabalho. Com a perda da mãe, Ethan sentiu-se sozinho.

— Certo, Beatrice, mas o Rogério não se casou com sua mãe? E vocês? Não são como irmãs para ele? Ou ele é apaixonado por você e agora que vou saber disso?

Ela balançou a cabeça e fez uma careta.

— Aff... Bryan. Deixa-me terminar, de quantos meses você nasceu? — Levantou o queixo e olhou dentro dos meus olhos. — Ethan era adolescente na época e já tinha claro sua orientação sexual, apesar de ele ficar com mulheres, prefere os homens. E quando o Rogério percebeu isso, começou a levá-lo em casas de “strip-tease” e bordéis, tentando convencê-lo de que estava equivocado.

Abri um sorriso e passei a mão pela barba.

— Será que todos os pais já pensaram nisso? É uma boa maneira de testar o cidadão. E aí, prossegue, qual foi o resultado disso? — Fiz um gesto com as mãos, para continuar falando.

— Desastroso, pois Ethan ficou com nojo das mulheres. Só fez com que preferisse, ainda mais, aos homens. Então, Rogério resolveu mudar sua tática. Fez o Ethan frequentar uma terapeuta. Muito bonita por sinal, Eloisa o nome dela. A
NACIONAIS - ACHERON

intenção era que ela, em suas sessões, fizesse o Ethan mudar de ideia. Nem preciso dizer que não deu certo, né. Só uma pessoa tão preconceituosa, como o Rogério, para ter uma ideia dessas.

Peguei em sua mão, beijei a palma e encostei o rosto nela. O trânsito continuava praticamente parado.

— Está me contando tudo isso pra chegar onde? Estou começando a ficar preocupado com o desenrolar dessa história. Interessante eu confesso, mas que pelo jeito vai querer tirar minha menina de mim.

— Ethan começou a frequentar minha casa mais vezes, estava sempre desabafando comigo, sempre ouvi muito ele, sem julgá-lo. O tempo foi passando e quando Rogério percebeu que a terapia não estava resultando, da maneira que ele queria, decidiu não pagar mais. Começou a ameaçar o Ethan em todos os pontos. Nessa época ele já

NACIONAIS - ACHERON

estava na faculdade, ameaçava parar de pagar, colocar ele para fora de casa, esses tipos de coisas. Quem segurava o Rogério era minha mãe, por incrível que pareça, foi ela quem salvou o Ethan do pai. Ironia isso, não? — Levantou uma sobrancelha e revirou os olhos.

Eu continuava com o rosto encostado na palma da mão dela, percebi como ficou triste, quando citou a mãe, comecei a fazer cafuné nela.

— Isso é uma coisa boa, Beatrice. Pelo menos mostra que ela não é um caso plenamente perdido.

— Para mim não muda nada, Bryan. A ferida que tenho em meu peito dói muito, mas não vou entrar nesse mérito agora. — Colocou o cabelo atrás da orelha e prosseguiu. — Quando me mudei para Santos, Ethan não pode mais frequentar minha casa, seus horários não permitiam. Sem o auxílio da terapia, eu estando longe e as constantes ameaças

do seu pai. — Respirou fundo. — Ele tentou se matar.

Levantei a cabeça, arregalei os olhos e abri a boca, surpreso com o que estava ouvindo. *“Porra”, o cara se mostra tão seguro de si, e no fim das contas se esconde, é uma máscara. O pior que isso vai me prejudicar, se o escudo dele for a Beatrice, estou “fodido”... Mil vezes “fodido”!*

— Que “merda” aquele “imbecil” fez Beatrice?

— Uma grande “merda”, Bryan. Mais uma vez minha mãe o salvou. Ela chegou a casa e ouviu barulho de água, no quarto do Ethan, graças a Deus a porta estava aberta. Ele estava nu, deitado na banheira, com o pulso cortado. Tinha sangue e água por toda a parte. Ela imediatamente chamou o socorro e, por um milagre, conseguiram salvar ele.

Ficamos nos encarando por uns segundos, Beatrice com uma expressão de expectativa e eu

NACIONAIS - ACHERON

preocupado, com as consequências daquilo. Tudo o que eu venho tentando fazer, nos últimos meses, é tirar a Beatrice do seu apartamento e de perto do suposto irmão – depravado. O que ela tinha acabado de me contar, pioraria tudo.

— Pelo que eu entendi não faz muito tempo isso, Beatrice. Você me disse que fazia dois meses que estava em Santos, quando Pietro morreu. Isso quer dizer que tem mais ou menos um ano?

— Isso mesmo, Bryan. Precisou acontecer esse fato para o Rogério aliviar a pressão em cima do Ethan. Ficamos sem nos ver por muito tempo, o Ethan se enterrou no trabalho, para mudar o foco. Quando te conheci, ele tinha conseguido tirar férias e foi ficar comigo. Ele quer me proteger e eu a ele.

— Baixou os olhos e disse baixinho. — Tenho medo de que ele tente de novo, Bryan.

— Ah! E você é quem vai impedir ele de cometer suicídio, Beatrice? Isso é tudo o que eu

NACIONAIS - ACHERON

precisava para completar meu relacionamento com você. — Bati a mão no volante, com força.

— Acha que sou um empecilho para você, Bryan? Não se incomode mais, eu deixo você livre para continuar com sua vida de “Rei das noitadas”. — Abriu aspas com os dedos. — Vai ver é disso que gosta. Segundo a revista, será difícil de você largar o título.

Maldita imprensa... Só para atrapalhar mais.

Virei o rosto para ela, com os olhos saindo faíscas.

— Cansei... Fale logo o que quer fazer, Beatrice. Tenho certeza de que está querendo dar uma de mulher maravilha de novo. Não sei mais o que fazer para te proteger. Não quer andar no carro do Yuri, quer se meter com uma história bizarra de uma funcionária, e agora, está me dizendo que quer evitar que o Ethan cometa suicídio. — Levantei as

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelhas. — Entende o que estou falando? Está preocupada em proteger a todos e não tem um pingo de amor-próprio. Que “C.A.R.A.L.H.O”, Beatrice! — Bati novamente no volante.

Ela revirou os olhos e, com os dentes semicerrados, respondeu:

— E o que você S.U.G.E.R.E, BRYAN? — gritou, irritada. — Quer que eu me tranque no seu apartamento e não saia de lá nunca mais?

— Que seja Beatrice. Faça como quiser. — Liguei o som do carro novamente e continuei dirigindo.

“PORRA... PORRA... PORRA”! Cada vez mais, fica difícil. Vou ter que dar um jeito de casar logo com essa garota, só assim ela vai entender que é minha... Só minha!

Capítulo 18 – Eu Valho a Pena

AS LUZES DE NATAL ENFEITANDO A CIDADE, o calor de dezembro percorrendo nossas peles, a comoção da data estampada nos rostos de todos. Essa época nunca foi a minha preferida. Pietro foi criado em uma família onde não se comemora o natal e, a minha... *Nem merece comentários.*

A casa estava cheia de parentes do Bryan, crianças correndo por todos os lados, quartos ocupados com bagagens, cada pedacinho da mansão – dos pais dele –, tinha pessoas conversando. Tinham assunto do ano inteiro.

Senti-me um peixe fora d'água, incomodada. Por mais que a mãe e irmã do Bryan tentassem fazer com o que eu me sentisse integrante, os olhares me intimidavam. Intrigados, irônicos, meigos – para todos os gostos. Gaby havia dito que seria um jantar íntimo, com apenas alguns

amigos, *a nossa relação de íntimo é bem diferente.*

— Querida não precisa se preocupar, pode ficar com o Bryan, eu me viro aqui na cozinha — disse dona Maria, tirando da minha mão o cortador de cebola.

— De maneira alguma dona Maria, não me sentiria à vontade se não ajudasse. — Peguei de volta o acessório e continuei o que estava fazendo.

A cozinha estava repleta de mulheres, cada uma assumiu uma responsabilidade, eu não poderia simplesmente ficar à parte. Estava em pé, em frente ao balcão de mármore e, pela porta de vidro, podia ver o Bryan — feliz. Com uma lata de cerveja nas mãos, conversava com seu pai, tios, cunhado e amigos. Não ficava muito tempo sem cruzar os olhos comigo, abria um lindo sorriso e piscava todo orgulhoso.

— Maria, deixe a garota mostrar que vale a pena o Bryan largar a vida boa para ficar com ela

NACIONAIS - ACHERON

— ironizou uma tia do Bryan, no canto da cozinha. Revirei os olhos e entortei o canto dos lábios. *Só me faltava essa agora, ter que provar que sou boa para ele.* Dona Maria olhou para mim e fez um gesto com as mãos, para eu não ligar.

Por mais que eu quisesse me soltar, aquilo nunca tinha feito parte da minha vida. Eu almejava por família, porém, muitas pessoas falando ao mesmo tempo – assuntos variados, estavam me deixando zozza. Procurei um banco e sentei-me. Continuei o que estava fazendo, sem levantar a cabeça, com medo de demonstrar que estava com falta de ar. *Beatrice controle suas emoções.* Minha cabeça girava a mil por hora, principalmente por estar preocupada em ter deixado o Ethan sozinho. *Se acontecer alguma coisa com ele, nunca mais vou me perdoar.* Chacoalhei a cabeça, desviando o pensamento.

Aquela mão, apreciada, me abraçou por trás

e um corpo quente encostou-se a mim.

— Vamos dar uma volta minha menina, eu te conheço, não está sentindo-se bem, vem — sussurrou ao meu ouvido. Colocou meu cabelo no ombro e beijou a minha nuca.

Meu corpo arrepiou-se e meu coração disparou. *Vale a pena aguentar todas essas pessoas e ficar longe do Ethan. Eu amo esse homem!*

— Bryan, pode sair da cozinha. Está vendo algum homem aqui? E vai tirando as mãos da sua garota, ela vai ajudar, nem pense em tirá-la daqui. — A mesma tia, intrometida, soou ao nosso lado, tentando tirar as mãos de Bryan de mim.

Bryan segurou-me mais forte, virou o rosto para a sua tia e fechou a cara.

— Tia, vá cuidar da sua vida. Nem pense em me impedir de ficar com a minha menina, vai comprar uma briga feia. — Pegou em meu braço, me levantando. Abraçou-me e beijou o topo da

NACIONAIS - ACHERON

minha cabeça. — Vamos princesa, já colaborou o suficiente. Quero te ajudar a se arrumar, vai ser a garota mais linda da festa. — Afundei o rosto em seu peito e voltei a respirar – sem dificuldade. *Ele é o meu remédio, minha segurança.*

Mesmo tendo passado o dia juntos, somente antes de chegarmos à casa de seus pais, que tínhamos ficado sozinhos. Assim que colocamos os pés para dentro da mansão, fomos bombardeados. Cristine, por um longo tempo, monopolizou o tio.

Eu não quis discutir com o Bryan naquele dia, que para ele pareceu ser tão especial, por isso, liguei para a Mary explicando que não poderíamos nos encontrar.

— E esse Bryan, o que acha? — Dei uma volta em frente a ele, mostrando o quarto vestido. Ele fez uma careta e respondeu:

— Muito curto, deveríamos ter comprado uma roupa para você Beatrice. — Levantou-se e foi até o *closet*, no meu apartamento. Pegava alguns vestidos e jogava-os no chão.

— Esses aqui, você podem doar para a caridade. Eu acho que o Ethan está equivocado quanto ao Pietro, como ele deixava você sair com esses vestidos, Beatrice? “Caralho” – são muito indecentes. — Riu, sem vontade.

Pensei em protestar, mas não estava disposta a brigar com ele. Precisávamos nos acertar, ter nossos momentos íntimos, que não fossem apenas sexo, *porque quanto ao sexo eu não tenho dúvidas... Há sintonia.*

Bryan levantou um vestido vermelho de tafetá, sem mangas e com um decote V. Cós largo e saia franzida – um pouco acima dos joelhos. Colocou-o em cima da cama, veio até mim, me virou e abriu o zíper do vestido que eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

experimentado por último.

— Esse vai para a caridade também. —
Examinou meu rosto, procurando por resposta. Dei de ombros, sem querer prolongar o assunto.

Vesti o vermelho, com a ajuda do Bryan, ele pegou em minha mão, me virando.

— Agora sim, não tem nada exposto, apesar desse decote mostrar parte dos seios maravilhosos, que são — só — meus. — Seus olhos brilhavam, restabelecendo a razão de eu estar com ele. Bryan fechou os braços em volta de mim, me abraçando, de maneira carinhosa.

Sem me conter, me joguei em seus braços. Gemi em seu pescoço, absorvendo o cheiro, que me tira de órbita.

— Gatinha manhosa... estão nos esperando, se continuar com esse dengo todo, vamos nos atrasar, fora que está atijando meus hormônios. —
Esfregou-se em meu corpo, evidenciando sua
NACIONAIS - ACHERON

ereção.

Depois de pronta, calçando sandálias altíssimas, com tiras finas douradas, cabelo escovado e preso apenas de um lado, maquiagem suave, olhei-me no espelho e minha atenção estava mais voltada para o rosto em meu ombro, do que para o meu “look”.

— Não vai mais usar o anel de noivado? — perguntou-me, com um rosto triste. — Quantas vezes terei que te pedir em casamento? Todas as vezes que acontecer algo, você vai tirá-lo do dedo? É tão inexpressível assim, para você? — sussurrou. Continuei encarando-o, pelo espelho, sem saber ao certo como explicar o significado da nossa relação. Desde o dia em que eu tinha ido para Ilha Bela, não tinha voltado o anel para o dedo.

Umedeci os lábios, engoli seco e respirei fundo. Bryan não disse em tom de cobrança e sim de pergunta, tentando entender o meu lado. *Será*
NACIONAIS - ACHERON

que estou sendo infantil? Desde que permiti a entrada de Bryan em minha vida, procurei motivos para desistir. Caminhei até onde estava a minha bolsa e tirei do bolsinho interno, o anel. Fui até ele e entreguei-o. Estendi a mão e disse:

— Gosto de ouvir você dizendo que quer casar-se comigo. — Ri, sem graça.

Ele ajoelhou-se em minha frente, beijou o peito do meu pé e subiu, criando uma trilha de beijos, até o meu pescoço. Pegou minha mão e colocou o anel de volta – ao seu lugar.

— Então vamos casar hoje mesmo, o que acha? Posso arrumar um juiz de paz, tenho muitos contatos na cidade. Depois só lidamos com a papelada. — Olhei para ele, séria. — Não estou brincando Beatrice. — Aproximou-se, encarando-me firmemente. — Só isso me daria segurança de que não fugiria mais de mim. Ficaria ao meu lado o tempo todo, entenderia que nada faz sentido para

mim sem você, me ajudaria na empresa, daria sentido a tudo que construí.

Fiquei pensativa, não poderia explodir, quebraria meu propósito. Porém, não concordaria com aquela loucura. Não queria quebrar o encanto do momento, Bryan estava praticamente implorando para casar-se comigo, eu sabia que era exclusivamente para sentir-se no controle o que me deixou mais apavorada, ele poderia estar confundindo amor com posse.

— Não vai dizer nada? Vou deduzir que concorda, como quem cala consente... Já te disse isso. — Beijou meu pescoço, fazendo meu corpo reagir.

Encolhi-me, com medo do que responder, sem parecer insensível.

— Não quero brigar com você, Bryan. Hoje é um dia especial, quero curtir com você. Podemos ir? — Dei de ombros, temerosa.

Bryan me virou de volta para o espelho, passou as mãos pelos meus braços, causando um frisson em mim.

— Comprei um presente de natal para você, espero que goste — disse, apreensivo.

— Ai meu Deus, não faz isso Bryan. Não comprei nada, vai me deixar constrangida. Não quero. Quando voltarmos, compro um para você, aí você pode dar o seu. — Me senti uma ingrata, ele sempre à frente.

— Não compro nada pensando em receber algo em troca, sua entrega é o meu maior presente. — Foi até a sala e voltou com uma caixa de veludo, preta, com um laço de cetim, vermelho. — Abra, veja se gosta, podemos trocar. — Passou a mão na testa, desconcertado.

Peguei a caixa, trêmula. Engoli com dificuldade, sem saber como reagir. Claro que gostaria do presente, qualquer que fosse. Só o fato

NACIONAIS - ACHERON

de ele ter se lembrado de mim, enquanto eu estava preocupada em pedir satisfação, já me comoveu. Meu coração disparou e minhas mãos começaram a suar, quando vi o conteúdo da caixa. Um colar e um par de brincos de ouro branco, com pedras de brilhantes. De uma delicadeza, e ao mesmo tempo marcante, que mexeu comigo. Uma lágrima escorreu pelo canto dos meus olhos.

— Ei... — Bryan limpou a lágrima, com o polegar. — O que aconteceu minha menina? Não gostou? Podemos trocá-lo. — Estreitou os olhos e pegou em meus ombros.

Balancei a cabeça, negando.

— Não te mereço, Bryan. Mesmo com todos os meus ataques de loucura você ainda me surpreende, com sua dedicação. — Funguei. — Eu simplesmente adorei o presente, prometo que vou te recompensar, assim que voltarmos.

Bryan me envolveu num abraço caloroso.

Passamos um tempo em silêncio, curtindo o calor de nossos corpos.

— Case-se comigo hoje, que estará livre de me recompensar, pelo o que for – pelo resto da nossa vida. — Passou a barba pelo meu rosto e me encarou.

— Podemos ir? De verdade Bryan, não me faça brigar com você, hoje, é tudo o que eu menos quero. — Ele continuou me encarando, com os olhos cheios de esperanças.

Sem dizer uma palavra, me virou e colocou em mim, o colar e o par de brincos. Deu um tapinha na minha bunda e concluiu:

— Como eu imaginava em você ficaram mais lindos, todos ficarão com inveja de mim. Você é a garota mais linda de todas. — Beijou minha testa e tocou, com o indicador, a ponta do meu nariz. — E só minha.

Encostamos o carro em frente a casa dos pais de Bryan e congelei. A rua estava tomada de carros.

— Bryan, o que é isso? Chegaram mais pessoas? Vocês não disseram que era um jantar íntimo? — Apertei os dedos no colo.

Bryan estava maravilhosamente lindo. Depois que me arrumei, em meu apartamento, passamos pelo dele, para que pudesse se arrumar. Vestiu uma calça jeans escura, uma camisa grafite, com o colarinho e punhos cinza. Deixou-a para fora da calça e dobrou as mangas até os cotovelos. Os cabelos estavam molhados do banho, que precisei me concentrar em conhecer o seu apartamento, para não entrar no Box e tomar banho junto. O fato de eu nunca ter ido ao seu apartamento de Santos, comprovava o quanto ainda não nos conhecíamos direito, como ele poderia estar falando em casamento?

— Meus pais moram na cidade desde sempre, Beatrice. Achei que pudesse imaginar que a gama de amigos deles é grande. — Quis argumentar, mas Bryan colocou o indicador em meus lábios e continuou. — Não precisa ficar insegura, não vou sair do seu lado. Pense que está em um evento da sua empresa, assim se sentirá mais familiarizada.

O que eu poderia dizer? O estrago já estava feito, eu tinha concordado em estar ao lado dele. Não poderia voltar atrás. Meneei a cabeça e aguardei ansiosa, ele abriu a porta e estender a mão para que eu saísse do carro. Assim que me tocou, colou nossos corpos e beijou meus lábios, com devoção.

— Você é muito engraçada Beatrice, chega praticamente pelada em um evento grandioso, num dos maiores hotéis de São Paulo e agora está com medo de entrar na casa dos meus pais. Com menos

NACIONAIS - ACHERON

pessoas, sem contar que a maioria é simples, nem chegam perto das pessoas que estavam naquele evento. — Me olhou rapidamente, mantendo uma postura calma.

Inacreditável! Ele está quase me fazendo quebrar meu propósito. Como pôde trazer um assunto desses à tona?

Soltei os ombros e balancei a cabeça.

— São muitas horas sem brigar né Bryan? Está sentindo falta? Posso entrar no seu jogo e ir para a casa da Mary. É só você me dar um bom motivo, que ligo para ela vir me buscar. Ela me leva de volta para São Paulo e vou ficar tranquila, tendo o Ethan sob minha vigilância. — Ameacei-o, com um olhar assassino.

— Minha stressadinha... Gosto de te provocar, você fica mais linda quando está bravinha. — Pegou em minha mão, levando-me para dentro.

A casa tinha sido preparada para aquela festa, por onde olhávamos tinha um apetrecho de natal. A imensa Árvore de Natal da sala – com suas luzes e enfeites – era a atração principal. Apesar de a dona Maria gostar de fazer boa parte da comida, Bryan não deixou que ficasse com toda a responsabilidade, contratou um “Buffet”. Garçons circulavam por toda parte, servindo bebidas e petiscos.

Assim que entramos os olhares se voltaram a nós. Muitas pessoas vieram cumprimentar o Bryan, fiquei um pouco constrangida – sem saber ao certo o que eu deveria fazer. Tentei tirar a mão, entrelaçada a dele e não consegui. Bryan me apresentou a todos como sua futura esposa, minha voz sumiu e só o que eu fazia era menear a cabeça e forçar um sorriso. Eu estava em um território estranho.

— Oi Gaby, que lindo seu bebê, me deixa

pegá-lo. Eu até pensei em vir para o nascimento, porém... Deixa pra lá, você sabe que fui impedida né? — A voz da Alicia surgiu nas minhas costas. Minha respiração parou. Apertei os dedos do Bryan, involuntariamente. Fechei os olhos e estreitei os lábios. *O que essa “vaca” está fazendo aqui?*

— Oi Alicia — disse Gaby, sem graça. Passou o Pedrinho a ela. — Claro que pode pegar. Não sabia que estava por aqui, Bryan te convidou? — Olhei para o Bryan, buscando resposta. Ele arregalou os olhos e negou com a cabeça.

— Quero ir embora — sussurrei, com a testa franzida.

Bryan me pegou pelas mãos e me arrastou entre as pessoas. Subimos as escadas e entramos em uma sala grande, com um tapete felpudo, vermelho, uma TV enorme, embutida em um painel de madeira escura, um sofá largo de um tecido

NACIONAIS - ACHERON

parecido com veludo, creme. Alguns pufes, confortáveis e coloridos, espalhados. No canto algumas caixas, cheias de brinquedos e uma parede inteira, com prateleiras – cheias de livros. Uma porta de vidro, com acesso a um jardim de inverno, muito bem cuidado.

Ele me levou até uma parede, me prensando contra ela. Pegou em meu pescoço, com a palma da mão e com cuidado, levantou meus olhos para ele. Roçou o nariz ao meu, desceu os lábios para o meu pescoço e ombros.

— Beatrice, preste atenção, porque só vou falar mais uma vez. — Levantou o rosto e me encarou. Segurou meus punhos nas minhas costas e manteve a mão em meu pescoço, eu estava imobilizada. Achei que poderia sentir as sensações de pânico, porém... Não foi o que aconteceu.

Meu peito subia e descia, umedeci várias vezes meus lábios e puxava o ar, com força, dos
NACIONAIS - ACHERON

pulmões. Sentia o meio das minhas pernas pegar fogo. Os olhos verdes e penetrantes de Bryan não desviaram dos meus e seus lábios carnudos, ah... Estavam tirando meu foco. Ele passou a língua por eles e tive vontade de atacá-lo. Seria uma atitude desesperada, mas eu precisava daquilo, precisava dele. Ele sabia disso, por isso tinha me tirado do meio das pessoas, para provar que eu era só dele e que dependia daquilo para respirar. Queria me provar que nada do que acontecesse, dali para frente, me faria desistir dele.

— Eu não quero ninguém além de você, entenda isso de uma vez por todas. Alicia fará de tudo para te provocar e, eu já te expliquei, precisamos esperar para podermos nos livrar dela.

— Fungou a entrada dos meus seios e passou a língua. Encolhi-me. — Você está me ouvindo? — Tirou a mão do meu pescoço e desceu para as minhas pernas. Subiu, devagar, pelas minhas coxas,

até chegar à virilha. Com o polegar, fez movimentos circulares na minha virilha. Ameacei fechar as pernas, para conter o calor, ele afastou-as com os pés. — Você entendeu, Beatrice? — Concordei, com a cabeça. — Quero ouvir.

— Sim... Eu entendi, Bryan. — Engoli em seco. Bryan roçava de leve meu clitóris, por cima da calcinha de renda. Fiquei constrangida, minha excitação era tanta, que sentia a umidade escorrendo. *Calcinha de renda não ajuda muito.* Bryan passou o polegar por ela e trouxe até os lábios, lambeu, de forma absurdamente indecorosa. Corei e baixei os olhos.

— Está com vergonha do seu noivo? Eu te amo, minha menina. Sua excitação é a prova que estou atingindo meu objetivo. Quero você à vontade na casa dos meus pais. Ponha em sua cabeça que você faz parte dessa família, não Alicia. Mande ela se “foder”, nem que seja somente em

NACIONAIS - ACHERON

pensamento. Use sua postura e mostre quem está por cima. Você é minha e eu sou teu. Tudo aqui pertence a você. — Pegou minha mão e colocou em seu coração. — Veja como ele bate forte por você.

— Estou tentando, Bryan, mas ela... — Ele atacou meus lábios, enfiando a língua. Voltou à mão até o meio das minhas pernas e colocou um dedo por dentro da calcinha. Estremeci. Ele esfregou a ereção em mim e levantou minha perna, para eu encaixar em sua cintura. Cruzei as pernas em seu corpo e sua ereção ficou roçando meu sexo. Ele apertou minha nuca, trazendo para mais perto de seus lábios.

— Agora eu vou te “comer” e você vai ficar calminha. Quando a Alicia chegar perto vai sentir o cheiro de sexo e entender que está perdendo tempo. — Puxou minha calcinha para as pernas e abriu o botão e o zíper da calça. Pegou minha mão e colocou por dentro da cueca Box. — Sinta-o minha

NACIONAIS - ACHERON

deliciosa, veja que não é só você que está excitada. Estou estourando de “tesão”, gostosinha.

Peguei meu brinquedo favorito e apertei-o, passei o polegar pela ponta e senti meu sexo apertar-se, estava ensopado. Precisava sentir que ele era só meu, que podia tudo o que eu quisesse com ele, mostrar a ele que, apesar dos meus problemas, eu valia a pena. Tirei as pernas de volta de seu corpo e descí, com dificuldade. Terminei de tirar a calcinha, escorregando devagar pelas pernas, com um olhar cheio de luxúria, para o Bryan. Ajoelhei-me em sua frente e tirei o membro pulsante, para fora da cueca. Bryan apoiou as palmas das mãos na parede e ficou me olhando de cima, sem dizer uma palavra. Sua respiração estava completamente alterada. Os olhos queimavam, as pupilas dilatadas e em volta do verde da íris, formou-se uma linha preta. Os cabelos caíram sobre a testa e os lábios ficaram entreabertos.

— O que vai fazer, Beatrice? Tem consciência do terreno em que está entrando? É um caminho sem volta, não sou um cara controlado, você sabe disso — disse, no limite.

Ignorei suas palavras e continuei. Passei a língua pela extensão do seu pênis e ao chegar à ponta fiz movimentos circulares, fechei os lábios em volta da cabeça e respirei fundo. Soltei um gemido, me perdendo nele.

— “Porra”, Beatrice. Assim não dá, chega. Estou no meu limite. — Não deixei ele terminar. Peguei o delicioso membro, com a mão, e iniciei movimentos de sobe e desce, masturbando-o.

A porta abriu-se, devagar, sem barulho. Bryan não percebeu, estava de costas. Fiquei tensa. *Quem será que está aí? Ai meu Deus e se for os pais do Bryan, pior, e se for a Cristine?* Quando pensei em parar e me arrumar, rapidamente. Alicia colocou a cabeça pela fresta que tinha aberto.

*Agora você vai ver quem manda aqui, “vaca”!
Está achando que o Bryan não tem o que precisa?
Então fique aí e observe.*

Ataquei-o com a boca, dominando, sem deixar chances de fuga. Uma sensação de medo e de prazer começou a tomar conta de mim. Minha capacidade de raciocínio estava reduzida. Só o que eu queria era fazer o que o Bryan tinha me dito, porém, de uma maneira prazerosa, mostrando a ela do que eu era capaz e que o Bryan era só meu. O mastro sólido latejava em minha boca, eu sentia o líquido pré-ejaculatório em meus lábios.

— Beatrice... pare... pare... “Porra... porra... porra”... Não quero “gozar” na sua boca. Está maluca, minha menina. — A voz do Bryan estava rouca e as palavras falhavam. Impedindo que eu continuasse, pegou-me pelos braços e subiu-me. Encaixei as pernas em sua cintura novamente e, sem o menor pudor, Bryan introduziu o membro

NACIONAIS - ACHERON

em mim. Levantei os olhos em direção à porta e abri um sorriso sarcástico à Alicia, que continuava espiando. Assim que cruzamos os olhares, ela fechou a porta.

Escorria suor pela testa do Bryan. Ele encostou a testa na minha e aumentou o ritmo das estocadas.

— Não pode fazer isso, Beatrice. Eu quase “gozei” em sua boca. Agora estou no limite, nem sei se vou conseguir te esperar. — Beijou-me, intensamente.

Nem precisei dizer ao Bryan que eu também estava no limite. Bastaram poucas estocadas, que entramos em combustão. Os gemidos tomaram conta da sala. Nossos corpos estremeceram. As respirações ficaram descontroladas e os corações queriam pular dos nossos peitos. As pernas amoleceram.

Abracei Bryan, ele desceu comigo até o

NACIONAIS - ACHERON

chão e sentou-se. Enterrei o rosto em seu pescoço e ele fez o mesmo no meu. Por um longo período só ouvíamos nossas respirações e o barulho das pessoas, na parte de baixo da casa.

— Você é incrível, minha menina. Fico confuso, ao mesmo tempo em que parece tão frágil, se mostra uma tigresa. O que foi aquilo? Achei que engoliria meu pau. — Levantou o rosto e olhou para mim, com um sorriso maroto nos lábios.

Dei de ombros e fiz um biquinho com os lábios.

— Você precisa ver que eu valho a pena, senão vai querer buscar fora. Não achei que eu era ciumenta, com o Pietro eu nunca precisei, mas com você... — Respirei fundo. — É demais, as mulheres se jogam em cima de você e me menosprezam, como se eu não fosse suficiente para você.

— Jamais minha pequenininha... — Abraçou-me carinhosamente. — Você é mais do
NACIONAIS - ACHERON

que suficiente para mim, você me dá o que nenhuma conseguiu até hoje, amor. — Beijou meus lábios, com doçura.

Alinhados novamente, descemos e nos juntamos a multidão. Os olhares estavam curiosos. *Tenho certeza de que estou com cara de quem acabou de fazer sexo. Meus lábios estão inchados e meu rosto teima em ficar corado.*

— Bryan, querido, onde estavam? Estão todos perguntando por vocês. — A mãe de Bryan veio ao nosso encontro, com uma feição interrogativa.

— Estava resolvendo uma questão com a minha noiva, não é mesmo minha menina? — Pegou minha mão e beijou os dedos, piscando. Corei mais ainda. *Que filho da mãe.*

Estávamos indo até o deck da piscina, onde estava a maioria das pessoas que eu conhecia,

quando Gaby nos interrompeu.

— Bryan, Alicia te encontrou? Aliás, você a convidou? — Levantou as sobrancelhas.

— É obvio que não, né Gaby. Não conhece a Alicia, acha que ela precisa ser convidada? Com toda a certeza veio passar o natal com a mãe e decidiu infernizar a minha vida. — Fechou a cara.

— Enfim... Ela estava a sua procura, disse que queria desejar feliz natal a você e a Beatrice.

Abri um sorriso de canto. E continuei calada. Bryan e Gaby perceberam minha reação, olharam um para o outro, com expressões engraçadas.

— O que foi esse sorrisinho Beatrice? — perguntou Bryan.

— Você deveria ter trancado a porta, acho que fiz o que me pediu. — Fiquei na ponta dos pés e sussurrei ao seu ouvido. — A mandei para aquele lugar... Com você na minha boca. — Dei de

ombros e olhei para a Gaby, com cara de inocente.

Bryan arregalou os olhos e colocou a mão na frente da boca. Olhou para a Gaby e balançou a cabeça, sem acreditar na minha ousadia.

— Trancado a porta? Do que estão falando?

— Gaby cruzou os braços no peito e olhou feio ao Bryan.

— Gaby, não queira entender. Vá fazer seu papel de anfitriã. Deixe-me aqui com a minha menina. — Encostou os lábios no meu ouvido e disse. — Não estou acreditando que você fez isso? Você realmente é incrível, a mulher perfeita para mim. Eu te amo! — Beijou meu pescoço.

Gaby desistiu de entender, fez um gesto com as mãos, de indignação e saiu.

Capítulo 19 – Entrando no Casulo

ESTAVA ATORDOADO COM A ATITUDE DA BEATRICE, esperava qualquer reação dela, menos aquela. Foi a maior prova de amor que ela podia me dar. Ultrapassou todas as barreiras e se entregou. Quando disse o motivo, meu coração deu cambalhotas de felicidade. *Saber que ela sente ciúme de mim e quer provar que vale a pena ficar com ela, foi a melhor parte do meu dia. Isso quer dizer que ela também me ama e precisa de mim.*

Beatrice permanecia ao meu lado, apreensiva. Muitas pessoas estavam a bombardeando com perguntas. Eu sei o quanto ela não gosta de falar sobre sua vida. Interrompi várias vezes, mudando de assunto. *Gente curiosa do “caralho”... me arrependi de ter trazido ela aqui. Vão assustá-la.* Não deixei de confortá-la com o meu olhar e alguns beijos nas juntas dos dedos de

sua mão.

Alicia desapareceu — depois do que viu — nem se despediu. Ao mesmo tempo em que fiquei aliviado, me preocupei. *E se ela quiser se vingar, botando a boca no trombone? Tenho muito mais a perder do que ela.* Pensar sobre o assunto, me dava um frio na espinha. Teria que abrir o jogo com o meu advogado e ver se poderia me calçar de alguma maneira. Se Alicia resolvesse expor a nossa história, para alguma revista sensacionalista, eu estaria “fodido”.

— Bryan, me conta, eu soube que estão construindo um condomínio de luxo em São Paulo. É verdade? Quando será o lançamento? — perguntou um tio do meu pai. Forcei um sorriso e tentei ser o mais educado possível. Nunca gostei de falar sobre trabalho em momentos como aqueles. Mas o que fazer, era aquilo ou o foco voltaria para a minha menina.

— Ah, sim. Estamos apostando todas as fichas nesse empreendimento. Faz um tempo, já, o lançamento está próximo. Alicia está cuidando dos preparativos. Vai ser o evento do ano. Agora em janeiro. — Tomei um gole do uísque. Senti a Beatrice apertar meus dedos. Olhei para ela e franzi a testa, sem entender. Ela fez um gesto com a cabeça para irmos a um lugar reservado.

Pedimos licença e nos afastamos. Subimos as escadas e voltamos à biblioteca. Acomodamos-nos — nos sofás. Virei o corpo em direção a Beatrice, com uma perna embaixo do corpo. Passei a mão na nuca e fui me justificando:

— Desculpe-me Beatrice, se eu soubesse que iriam te bombardear dessa maneira, não teria trazido você para cá. — Cocei a barba e fitei-a.

— Por que nunca me disse sobre o empreendimento de luxo de São Paulo? — Enrugou a testa.

Fiz uma expressão de perplexidade, sem compreender, levantei as palmas das mãos e respondi:

— Como assim? — Estreitei os olhos.

— Como assim Bryan? Quer casar-se comigo e não me coloca a par de nada da sua vida. Acabou de dizer que está apostando todas as fichas em um empreendimento grandioso e nunca comentou comigo. — Assumiu uma expressão determinada.

Ri sem vontade, Beatrice é frustrante. Quase não me dá oportunidade de estar com ela e quando estamos, é sempre a mesma tortura – a eterna conquista –, a busca pela redenção. Piso em ovos o tempo inteiro, esperando o momento de fazer outra “merda” e ela sair correndo. Tivemos poucas oportunidades de compartilhar assuntos pessoais, estamos sempre tentando nos acertar. Mesmo quando ela ficou vinte dias em minha casa,

NACIONAIS - ACHERON

se convalescendo, estava tão preocupada em orientar sua equipe, que quase não me deu a devida atenção. Sem contar que eu tive trabalho dobrado, tendo que manter meus compromissos em dia – do escritório da minha casa.

Afundi os dedos em seus cabelos e aproximei nossos lábios. Não adiantaria de nada, começar uma discussão de quem era o responsável por aquela falta de intimidade, claro que não em termos de sexo. Beije leve mente seus lábios, sentindo o sabor de champanhe. Fechei os olhos e rocei o nariz no dela. Desci os lábios até o pescoço e salpiquei alguns beijos. Sussurrei ao seu ouvido:

— Desculpe-me minha menina, tantas coisas aconteceram nesse intervalo, que acabei esquecendo-se de por você a par. — Fiz uma trilha de beijos de sua orelha até a entrada dos seus seios.

Beatrice pegou em meu queixo, levantando meu rosto, e olhou dentro dos meus olhos.

— Não tente me distrair Bryan, isso sério. Se o empreendimento está praticamente pronto, eu deveria saber, teve várias oportunidades de me contar. O que me leva a crer que não sou tão importante o quanto você diz. — Apertou os lábios, num ato de teimosia.

— “PORRA” Beatrice... Que “CARALHO”! — gritei. Ela piscou assustada e afastou-se. Levantei-me e comecei a andar em círculos pela sala, passando as mãos nos cabelos. — O que quer que eu diga? — Coloquei as mãos nos quadris e encarei-a. — Vamos Beatrice? Já pedi desculpas. E tem outra. — Cheguei mais perto e coloquei o indicador em seu rosto. — Chamei várias vezes – você – para vir trabalhar comigo e se inteirar dos assuntos e você se negou. — Agachei-me em sua frente e coloquei as mãos em suas coxas. — Qual o problema? De verdade. Eu não sei mais o que fazer. “Porra”... Você é frustrante...

Enlouquece-me.

Beatrice foi se encolhendo no sofá. Subiu os joelhos e abraçou-os, colocando o rosto entre eles. Os soluços começaram fracos e rapidamente estavam intensos. Soltei um suspiro de frustração. O que eu tinha na minha frente? Praticamente uma criança. Eu nunca posso me alterar, a reação dela é sempre a mesma. E ainda a doutora quer que – eu – faça alguma coisa para melhorar nosso relacionamento. *Como? Beatrice está sempre me tirando do sério.* Tudo e qualquer coisa que eu faça ela me cobra. *Agora mais essa, como eu ia saber que tinha que comunicar tudo o que se passa na minha empresa. Ela não decide o que quer.*

Voltei a me sentar e coloquei-a em meu colo. Beije o topo da sua cabeça e abracei-a.

— Minha menina, você precisa me dizer o que te incomoda. Não vou conseguir, assim. — Quando pensei em continuar o assunto, alguém deu

uma leve batida na porta e colocou a cabeça para dentro. — Mary.

— Posso entrar — perguntou, receosa. Olhou para a Beatrice em meu colo e fez um gesto com a cabeça, enrugando a testa, questionando o que estava acontecendo. Só meneei a cabeça para não ligar.

Beatrice arrumou a postura e levantou-se. Foi ao encontro da amiga abraçou-a e voltou a chorar, com vontade. Fiquei ao lado, sem saber o que fazer. Mary olhou para mim, furiosa e balbuciou:

— Que “merda” você fez?

Eu? “Merda”? Que “caralho”! Puxei Beatrice dos braços da amiga e disse:

— Beatrice, chega! Estou começando a perder a paciência, não aconteceu nada dessa vez, está passando dos limites. Por favor, esclareça para a sua amiga, ela vai achar que só faço “merda”. —

NACIONAIS - ACHERON

Ela limpou as lágrimas, com as costas das mãos, e fungou.

— Não foi nada Mary, só estou emocionada. É o primeiro ano depois de 15, que...
— Olhou para mim de esguelha. — Pietro não está comigo.

Aquilo foi a gota d'água. Explodi de raiva. Peguei em seus ombros e virei-a para mim. Meus olhos soltavam faíscas.

— Que “porra” é essa agora, Beatrice? Fez todo esse teatro, me culpando – por não compartilhar minha vida com você –, porque está sentindo falta do ex-marido. NÃO “FODE” COM A MINHA CABEÇA GAROTA! — Estreitei os olhos e não desviei o olhar dos seus. Como ela ficou em silêncio, com cara de assustada, desisti. Soltei-a e saí da sala, deixando-a com a amiga.
Preciso de ar, conversar com outras pessoas, essa garota ainda vai me matar, não sei se de raiva,
NACIONAIS - ACHERON

frustração ou desejo.

Desci as escadas em um rompante. Caminhei até o deck da piscina e assim que passou um garçom com uísque, peguei um copo e ingeri o líquido de uma vez, pegando outro imediatamente. Meu cunhado se aproximou e perguntou:

— O que foi Bryan? Vai se embebedar numa festa de família? Não vai ficar nada bonito para você. — Tirou o copo da minha mão e devolveu à bandeja. Fez um gesto ao garçom para que se afastasse.

Espaçamo-nos um pouco das pessoas e sentamo-nos mais ao fundo. Coloquei os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Nathan apertou meu ombro, tentando me confortar.

— É “cara”, bem-vindo ao mundo dos homens apaixonados. Enquanto estava só curtindo, não precisava se preocupar com nada. “Comia” as garotas e continuava com a sua vida. Agora... —

NACIONAIS - ACHERON

Respirou fundo. — As mulheres são complicadas pra “caralho”. Ou você acha que sua irmã não me tira do sério? Quando ela coloca uma coisa na cabeça, não tem quem tire, “meu”. É frustrante.

Balancei a cabeça e sorri. Gaby com toda a certeza é uma das pessoas mais teimosas que eu conheço. Eu compreendi o que o Nathan dizia. Só não estava sabendo lidar com os problemas da Beatrice, e isso estava me tirando do eixo. Levantei a cabeça e perguntei:

— Será que existe algum manual, Nathan?

— Ele riu, com vontade.

— Se encontrar me avise, “cara”. Pode ter certeza de que — quem conseguir fazer um manual de instruções das mulheres — ficará milionário da noite para o dia. — Balançou a cabeça e continuou sorrindo. — Só você Bryan.

Conversei com o Nathan por um tempo. Contei a ele, por cima, todos os medos de Beatrice,
NACIONAIS - ACHERON

por tudo o que tinha passado e o quanto ela me comparava com o Pietro. Ele me ouvia atentamente. Aos poucos os nervos do meu corpo foram relaxando. Desabafar com alguém era bom, e o melhor, ele não estava me julgando, só me ouvia.

— “Cara”, eu não sei o que fazer. Como vou disputar com um defunto? — Torci os lábios. — O “cara” mimava a Beatrice, fazia todas as vontades dela. Ela fica o tempo todo me comparando a ele. Por mais que eu a trate como uma princesa, sou muito diferente. Ela esta sempre me testando e quando vejo – já explodi. E como em todas às vezes, ela recua e entra em seu casulo. Aí... — Gesticulei — Começo tudo de novo. — Cocei a nuca. — “Putá que pariu”, Nathan, ela está me enlouquecendo!

— Bryan, se você a ama, e, eu sei que sim. — Levantou as sobrancelhas. — Vai encontrar uma maneira de se acertarem. Continue indo à terapia, NACIONAIS - ACHERON

com ela, e conversem sobre isso, abertamente. O diálogo é sempre o melhor remédio.

As horas passaram-se e chegou à zero hora. Beatrice estava longe de mim, eu a vi com a Mary e com a filha dela em seu colo. Não quis arriscar chegar perto. Ela não me olhava, tentava distrair-se com a garota. Mary, por sua vez, olhou para mim e deu de ombros. Estávamos brindando, desejando Feliz Natal – uns aos outros. Vi Beatrice colocar o celular ao ouvido, entregar a garota que estava em seu colo à Mary e se afastar com uma expressão preocupada. Não consegui nem ver quem estava ao meu lado. Caminhei entre as pessoas, apressadamente, com o coração apertado, algo me dizia que aquela ligação me traria muitos problemas.

Ao chegar perto de Beatrice, encontrei seus olhos cheios de lágrimas, balançava a cabeça, com

a mão sobre a boca dizendo:

— Não! Não... Não... Meu Deus! Por que eu fui ficar longe. — Passou a mão pela testa. — Vou ver o que eu faço, chegarei o mais rápido possível. — Desligou o celular e colocou as mãos sobre os joelhos. As lágrimas pingavam.

Minhas pernas amoleceram. *O que será que aconteceu? Que “porra”... não é possível que nunca teremos um dia sequer de sossego. Só pode ser coisa do “filho da puta” do Ethan, só ele consegue desestruturar minha menina desse jeito.*

Peguei na cintura dela e a subi. Virei-a para mim e abracei-a. Ela me envolveu com os braços, afundou o rosto em meu peito e desabou.

— O que aconteceu Beatrice? Não me assuste. — Passei as mãos pelos cabelos dela, tentando passar segurança, mesmo trêmulo.

— Ethan... — Soluçou e parou.

Desesperei-me. *Será que bastou sairmos de*
NACIONAIS - ACHERON

perto, para ele se matar? O frio na minha espinha me fez arrepiar. Beatrice nunca mais me perdoará. “Cretino, covarde!” Afastei-a do meu corpo e coloquei seu rosto entre as mãos.

— Beatrice... — Soltei o ar. — Fale de uma vez o que ele que fez.

— Estava na Paulista com uns amigos. — Soluçou. — Foi atacado, está inconsciente no hospital.

— Como assim? Quem o atacou? Quem te ligou? — A situação só piorava para o nosso relacionamento. Pensar que Beatrice teria que ficar de babá de um marmanjo, e pior, marmanjo pervertido, estava “fodendo” com as minhas ideias.

— Andrey me ligou, ele estava por lá, quando viu que era o Ethan que estava sendo atacado, correu para acudi-lo e chamou socorro — falou, entre lágrimas e soluços.

— Ele não disse quem o atacou? Chamou a
NACIONAIS - ACHERON

polícia? — Franzi a testa. Ela meneou a cabeça.

— Bryan, preciso estar lá com ele, por favor, se não puder me levar a Mary me leva. — Arrumou a postura e limpou as lágrimas. Fechei os olhos e busquei um controle absurdo.

— A quem você me toma, Beatrice? Por que eu não poderia te levar? É cada besteira que sai da sua boca que chego a não acreditar, às vezes penso que faz de propósito. — Soltei-a e sai andando.

Minha cabeça estava um turbilhão, sentia-me confuso, *por onde começo?* Avisei meus familiares do ocorrido e fiz o mais certo, mesmo contra a vontade. Entramos no carro, em silêncio, estava indo de encontro a um problema que eu não poderia resolver — fora do meu controle. Dividir minha menina com aquele “filho da puta” é a

minha sina. Bati com força no volante e xinguei:

— “PORRA... PORRA... PORRA”! —

Bufei.

Beatrice virou o rosto para mim, estreitou os olhos e disse:

— Não precisava me levar, Bryan. Eu sei que te incomoda saber que o Ethan precisa de mim, porém, sempre será assim, ou se acostuma ou... — Deixou no ar. Deu de ombros e virou novamente para a janela.

A indiferença voltou. Teria que começar tudo de novo. Estava exausto, havia ficado feliz antes da hora. Beatrice deu uma prova de amor e, de repente, sentiu falta do Pietro. O que eu poderia fazer? Pensei... Pensei... Suspirei. *Preciso descobrir o que aconteceu com aquele “idiota”. Se tivesse com a família ou em casa, nada teria acontecido, mas não, ele tinha que estar na Avenida Paulista, farreando, e eu é quem paga o* NACIONALIS - ACHERON

pato. “Idiota do cacete”!

— Beatrice, ligue para o Andrey e coloque no viva-voz. Preciso saber direito o que aconteceu.

— Para que, Bryan? O que você pode fazer?
— disse, sem olhar para mim.

— Faz o que estou mandando, “porra”! —
gritei.

— Vá se “ferrar”, Bryan. Você não manda em mim, quantas vezes tenho que falar isso para você? — Cruzou os braços no peito e levantou o queixo, me encarando.

Garota teimosa do “caralho”! Ainda vai me matar do coração, é minha salvação e perdição – ao mesmo tempo.

— Quer minha ajuda ou não, Beatrice? Vai esperar a coisa esfriar para tomar alguma atitude? Já ligou para o seu padrasto? — Arqueei as sobrancelhas.

— Você está maluco, Bryan. Acha que eu
NACIONAIS - ACHERON

vou ligar para o Rogério? Ele vai ao hospital e termina de matar o Ethan. — Balançou a cabeça. — Não vou correr esse risco. Quero chegar e saber o que aconteceu.

— É por isso que estou P.E.D.I.N.D.O — soletrei. — Para você ligar para o Andrey, quanto antes soubermos mais rápido poderemos agir.

Minha menina, toda esquentadinha, pegou o celular, ligou para o Andrew e colocou no viva-VOZ.

— Oi Trice, está vindo? — disse Andrey.

Comprimi o abdômen, *como pode a Beatrice ter tanta intimidade com os homens e nada comigo. Como assim Trice? Outro pervertido. E o pior é que ela vai querer ficar em seu apartamento cuidando do Ethan e esse cara ficará junto. Não vou suportar.* Engoli em seco.

— Boa noite, Andrey. Bryan falando. Preciso que me conte o que aconteceu, para eu

NACIONAIS - ACHERON

poder ajudar. — O tom da minha voz não estava nada agradável.

Andrey tossiu, limpando a garganta e prosseguiu:

— Boa noite Bryan, claro, vou contar o que eu vi.

Andrey relatou, com detalhes, os acontecimentos. Disse que a Avenida Paulista estava muito cheia – o que era de se esperar, de repente, ele ouviu gritos e várias pessoas correndo. Ele estava próximo e, quando pensou em correr, reconheceu a voz do Ethan: *“Seu maluco, devia estar preso, eu não sou responsável pelos seus atos. Covarde, por que não enfrenta seus problemas de frente. Além de estar fugindo, agora vem com esses “bruta montes” para me bater”*. Foi só o que o Andrey conseguiu ouvir. Em seguida, Ethan começou a gritar por socorro. Quando o Andrey chegou, ele já estava desacordado, tinha

NACIONAIS - ACHERON

levado várias pancadas na cabeça, com um pedaço de madeira. Não deu tempo de o Andrey ver quem foi. Só viu que a pessoa não estava sozinha. Disse que tinha pelo menos uns três caras atacando o Ethan. Andrey aproximou-se deles gritando o nome do Ethan, por isso eles correram. Andrey ficou com medo de chamar a polícia, chamou o socorro e ligou para a Beatrice.

Ouvimos com atenção o relato do Andrey, meu sangue ferveu e meu coração quase parou. *Com toda a certeza foi o Scott que atacou o Ethan. “Caralho”, ele virá para cima da Beatrice, e o que eu faço para essa garota me ouvir. Não pode continuar dirigindo seu carro, tem que andar com o Yuri.*

Agradecemos o Andrey pelas informações e comunicamos que estávamos a caminho. Beatrice olhou para mim, com cara de assustada. Ela tinha chego a mesma conclusão que eu, só não admitiria.

— O que você me diz de tudo isso, Beatrice? — Encarei-a, parados no semáforo. A serra estava vazia, a data e o horário, colaboraram. Rapidamente chegamos à capital.

— Fale logo Bryan, vamos, eu já sei que virá um discurso — protestou, colocando o cabelo atrás da orelha, sem desviar o olhar do meu.

Ela nunca dará o braço a torcer, me enfrentará até a morte. *Será que foi isso que me atraiu nessa garota? Essa mania que tem em querer fazer tudo ao contrário do que eu peço? De me desafiar o tempo todo?* Eu seria um maluco, porém, cada vez que ela empina o nariz e me encara, tenho vontade de avançar nela e “comê-la”. Com todas as minhas forças. As caras feias refletem diretamente no meu “pau”. Chega a me incomodar.

Chegamos ao hospital e fomos recebidos pelo Andrey, com cara de assustado. Ele disse que o Ethan tinha recebido o melhor atendimento e estava na sala de cirurgia, que não poderíamos vê-lo. Deixei Beatrice com o Andrey e fui tratar da parte burocrática. Sem que Beatrice percebesse, peguei seu celular, eu teria que avisar o padrasto, afinal o Ethan tinha pai.

— Beatrice, tudo bem? — Rogério atendeu temeroso.

— Boa noite Rogério, Bryan falando — disse baixo, era de madrugada e eu estava dentro de um hospital.

— Bryan, aconteceu alguma coisa com a Beatrice? — Sua voz ficou alterada.

— O que foi Rogério, por que o Bryan está ligando de madrugada, do celular da Beatrice, passe para mim, o que aconteceu com a minha filha? — Ouvi a voz da Paola ao fundo.

Virei os olhos e me controlei. *Minha filha... Ela é uma tremenda egoísta, que nunca se preocupou com a Beatrice, e fica fazendo drama. É muito pra minha cabeça.* Sem querer prolongar a ligação, fui logo despejando o que estava acontecendo.

— Rogério, fala para a sua mulher parar de fazer drama, fica feio. Nós sabemos muito bem que o que ela sente é remorso. — Bufeí. — Enfim, não aconteceu nada com a Beatrice, pode ter certeza de que ao meu lado ela está muito bem protegida, eu mato qualquer “filho da puta” que pensar em fazer mal a ela. Foi o Ethan.

A linha ficou muda por um tempo, em seguida, ouvi os protestos de Paola.

— Fala logo Rogério, o que aconteceu? Passe esse telefone para mim.

— Bryan, o que aconteceu? Rogério paralisou aqui — falou, ofegante.

— O Ethan, Paola. Ele estava farreando na Avenida Paulista e foi atacado. Andrey estava próximo e pediu socorro, está na mesa de cirurgia, agora. Parece que é grave, ele levou várias pancadas na cabeça.

— Ai meu Deus! Rogério o Ethan foi atacado. Polyana, o Ethan foi atacado. — Começou a gritar ao telefone. Precisei tirar o aparelho do ouvido.

Aguardei um tempo, ouvindo o desespero deles, Polyana e Paola falavam sem parar e Rogério não se manifestava. Por fim, Rogério voltou a pegar o telefone e disse:

— Bryan. — Respirou fundo. — Em qual hospital vocês estão?

Passei as informações e voltei à sala de espera. Assim que entrei, meus nervos endureceram. Cerrei o maxilar e me aproximei. Beatrice estava abraçada ao Andrey, ele beijava o

NACIONAIS - ACHERON

topo de sua cabeça e passava as mãos em seus cabelos.

— Que “porra” é essa Beatrice? — Puxei-a dos braços dele.

Ela fechou os olhos, me empurrou e respondeu:

— Bryan, não vou aceitar você tratar meus amigos dessa maneira. Se está incomodado por estar aqui, não desconte no Andrey. Pode ir embora, não quero ser um peso para você.

Coloquei as mãos na cintura e olhei fixamente em seus olhos.

— É isso que você quer? — perguntei, sem desviar o olhar.

Ela deu de ombros e baixou os olhos. Tirei o celular dela do bolso e estiquei os braços, entregando-o. Não pensei duas vezes, eu não suportaria ter que dividi-la daquela maneira, estava me corroendo por dentro. Já tinha feito minha parte

PERIGOSAS

– liguei e avisei a família. Virei as costas e fui embora.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 20 – Milagre?

— **O QUE ESTAVA FAZENDO NO EVENTO DO SEU INIMIGO?** — perguntou o detetive.

— Como assim? Eu sou irmão do Nestor e da Alicia, claro que eu estaria no evento. Uma conquista dessas tem que ser prestigiada — disse Leandro, com linhas de expressão na testa.

Ademir encarou Leandro, por uns instantes, buscando uma maneira de tirar a informação que precisava. Já tinha pegado o depoimento da maioria das pessoas, que estavam no evento, e não conseguira chegar a nenhuma conclusão. Aquele caso estava lhe tirando o sono. Como ele poderia amarrar as pontas, se não conseguia nem saber onde estava o início dela? E sua promoção, então... nem pensar... Corria era o risco de ser demitido. O tempo estava passando, zunia em seus ouvidos, o tic-tac dos ponteiros do relógio.

— Rapaz, facilita para o meu lado, vamos lá... Você não estaria no evento se não tivesse com algum interesse. Tantos anos de confusão entre vocês e só agora que você resolve participar da vida social dos seus irmãos. É no mínimo estranho, não acha? — disse o detetive, encostando-se à cadeira, estralando os dedos.

Leandro abriu um sorriso mordaz, chegou com o corpo próximo da mesa e respondeu:

— Detetive... O senhor não está querendo que eu faça o seu trabalho, não é mesmo? — Voltou a encostar-se à cadeira. — Apenas achei importante estar no evento, pela grandiosidade do mesmo. Durante todo o tempo de vida da construtora, esse empreendimento é o maior de todos. Meus irmãos merecem reconhecimento. — Deu de ombros.

O detetive apoiou os cotovelos na mesa, passou a mão pela barba por fazer e sentiu o corpo

NACIONAIS - ACHERON

reclamar. Fazia dezoito horas que estava trabalhando, não tinha parado para comer, seu estômago estava azedo de tanta cafeína. Só o que tinha ingerido de sólido, foram algumas bolachinhas.

— Então detetive... o que tem a me perguntar sobre o assassinato, afinal é por isso que estou aqui, não é? — Arqueou as sobrancelhas.

— Em partes sim, não foi só isso que aconteceu naquela noite. O senhor Bryan sofreu um atentado, e por milagre de Deus ainda está vivo.

— Milagre?... — Bufou. — Aquele “filho da puta” tinha que ter morrido isso sim — falou, baixinho.

— Como é que é senhor Leandro? — Ademir levantou-se, encostou-se à mesa e cruzou os braços, de frente para o Leandro.

— Isso mesmo, o fato de eu querer que aquele “cretino” morra, não quer dizer que eu tentei

NACIONAIS - ACHERON

matá-lo. A “idiota” da minha irmã ainda é apaixonada por ele, se eu fizesse isso, acabaria com a vida dela. — Balançou a cabeça, irado.

Sem conter o vício, Ademir virou e pegou um cigarro na mesa. Enquanto acendia-o, Leandro o encarava, com uma expressão sarcástica. O detetive tinha vontade de voar no pescoço dele, mas o que poderia fazer? Não tinha nenhuma prova.

— Acho que já fiz minha parte, detetive. Sendo assim... — Levantou-se e estendeu a mão. — Prazer em conhecê-lo, e... — Bateu continência. — Boa sorte com o caso.

Ademir jogou o corpo na cadeira, apoiou a cabeça no encosto e pensou: “*Está acabando meu tempo... Preciso de uma pista. Estou “fodido”!*”

Capítulo 21 – O Anel

SE ARREPENDIMENTO MATASSE, EU ESTARIA MORTA! Assim que o Bryan saiu eu vi a besteira que tinha cometido. A mania de ele querer me controlar está acabando com a minha racionalidade. Eu não consigo entender a dificuldade que ele tem em me deixar ter a minha vida, além da dele. É como se ele quisesse me prender a ele e nunca mais soltar. Uma necessidade de dominação – fora do comum. Minha mente está confusa, *como lidar com tudo isso?* Ao invés de estar melhorando – com a convivência – está piorando.

Abracei meu corpo e sentei-me. A pressão estava violenta, minha cabeça explodiria a qualquer momento. Ninguém aparecia para dar notícias do Ethan, eu estava quase tendo uma crise de pânico. Andrey estava desconcertado, sem saber ao certo como agir.

Meu arrependimento elevou-se, quando a porta da sala se abriu, entrou minha mãe e meu padrasto. *Que “merda”! Agora que eu percebi, o Bryan pegou meu celular e ligou para eles. Como vou enfrentar essa situação sem o Bryan e o Ethan. Ai meu Deus... Calma Beatrice... Calma!*

Endireitei a postura e empinei o nariz, precisava ser forte. Durante os quinze anos que havia passado com o Pietro, nunca ele me deixou ficar sozinha com a minha mãe. Protegia-me, como um cão de guarda. Quando ele morreu, o tempo em que fiquei em Santos favoreceu, não corria o risco. Com a chegada do Bryan, eu praticamente me anulei, ele me consome.

— Querida, nossa que susto. Como ele está? O que aconteceu? — Veio até mim de braços abertos.

Não saí do lugar. Meu coração já estava disparado, minha boca seca e minhas mãos suando.

Fiquei com medo de levantar-me e desmaiar. *Deus do céu dá-me forças, não posso esmorecer agora.*

Andrey vendo minha reação levantou-se e se adiantou.

— Boa noite, eu sou Andrey, vizinho da Beatrice, eu quem estava lá no momento do ocorrido. — Estendeu a mão para minha mãe. Ela mediu-o de cima abaixo e não respondeu. Voltou o olhar para mim, esperando minha reação.

— Andrey, esse é seu nome? — perguntou Rogério. Estendeu a mão para cumprimentá-lo, já que minha mãe o ignorou. — Pode nos colocar a par da situação, Andrey?

Andrey e Rogério afastaram-se de nós, enquanto minha mãe continuava parada à minha frente. Abaixei a cabeça colocando-a entre as mãos. Ela percebendo que meu estado não era dos melhores, sentou-se ao meu lado e tentou abraçar-me. O toque de suas mãos em minha pele foi como

NACIONAIS - ACHERON

se eu estivesse sendo marcada, como fazem com os bois. Dei um pulo, instintivamente. Olhei para ela, com cara de espanto. Senti as lágrimas queimando meus olhos. Minha respiração falhava. Fechei os olhos e concentrei-me na doutora Perci. *Beatrice puxe o ar pelo nariz e solte pela boca... Respire... Respire... uma... duas... três... quantas vezes forem necessárias.*

— Filha, não faz assim, por favor — disse, com a voz embargada. — Me deixa reparar meu erro, quero cuidar de você, por favor. — Tentou se aproximar novamente.

— Não toque em mim. — Fechei a cara. — Não tem concerto o que você me fez, Paola. Esqueça que eu existo. — Levantei-me rapidamente, minhas pernas fraquejaram e meu estômago revirou. Precisei sentar-me novamente.

— Pare de ser orgulhosa, Beatrice. Olhe a sua situação, está pálida, deixe eu te ajudar, vou

NACIONAIS - ACHERON

buscar um copo de água. — Levantou-se e foi em direção à lanchonete.

Eu queria o Bryan, se ele estivesse comigo não deixaria Paola se aproximar. “*Burra... burra... burra.*” Eu quis fazer birra, mostrar a ele que era forte e me ferrei. Ainda corria o risco de o Bryan ver que eu não valia a pena. Como eu podia ser tão infantil? Ele perderia a paciência comigo, logo, se é que já não tinha perdido. Com tantas mulheres aos seus pés, não aguentaria tanto tempo, as minhas neuras.

Paola voltou com o copo de água e me entregou. Tomei a água – sem levantar os olhos. No instante em que ela retomaria a conversa, a porta da sala se abriu e um médico procurou pela família do Ethan. Levantamos e ficamos em frente a ele, apreensivos.

— Bom. — Respirou fundo. — O rapaz é forte e teve sorte de ser socorrido rapidamente. A
NACIONAIS - ACHERON

princípio ficamos preocupados com as pancadas na cabeça, mas podem agradecer a Deus, não afetou seu cérebro. Apenas o rosto está bem machucado. Ele quebrou algumas costelas e um braço, acredito que tenha o colocado na frente – para não acertarem seu rosto. Está sobre o efeito da anestesia, mas logo passa. Não precisará ficar na UTI, assim que estiver no quarto, avisaremos vocês.

— Doutor, muito obrigado por ter socorrido meu filho — disse Rogério, emocionado.

— Apenas fiz o meu trabalho. — Meneou a cabeça e saiu.

O hospital é um dos melhores de São Paulo, Andrey conhece bem a história de Ethan e sabe a condição financeira do seu pai. Assim que liberaram a visita, entramos no quarto, mesmo com as enfermeiras fazendo cara feia para nós. Bati o

olho no Ethan e quase enfartei. Seu rosto estava transfigurado. Não tinha nenhum pedacinho que não tivesse hematoma e todo inchado. Coloquei a mão na boca, abafando um gemido.

— Que foi lindinha, pode dizer, estou horrível — disse Ethan, com a voz mole. — Andrey! Não pode me ver assim, nunca mais vai querer se divertir comigo. — Levou o braço no rosto, tampando-o.

Rogério virou os olhos e torceu o nariz.

Aproximei-me de Ethan e afastei-lhe o braço do seu rosto.

— Pode agradecer o resto da sua vida ao Andrey, foi ele quem te socorreu.

— Meu salvador então? — Olhou para o Andrey, com admiração. — Se ele deixar, eu o recompenso.

Cheguei perto de seu ouvido e disse:

— Ethan, não abuse, por favor, seu pai está

aqui. — Beije seu rosto.

Paola e Rogério aproximaram-se.

— Querido, que susto que você nos deu, como está se sentindo? — Paola disse, pegando a mão de Ethan e beijando-a. A voz dela e a fala mansa mexem com o meu sistema nervoso.

— Estou péssimo, tudo por causa daquele “filho da puta do caralho” do Scott. Vou te falar um negócio, Polyana tem um dedo podre para escolher marido. O “cara” é um assassino, ele me pegou pra valer. E ainda por cima é um covarde, ficou me espreitando, esperando a oportunidade certa. Ai... — Colocou a mão nas costelas, enfaixadas.

— Então foi o Scott, que “filho da puta”, a polícia está atrás dele e não acha. Agora vamos ter mais uma acusação contra ele. — Rogério ficou indignado na mesma hora. Pediu licença, pegou o celular e saiu.

Conversamos um pouco com o Ethan e logo

minha mãe, padrasto e Andrey foram embora, nos deixando sozinhos. Para mim foi um alívio, eu e minha mãe no mesmo cômodo é muito difícil de suportar. O ar fica pesado, como se o oxigênio não fosse suficiente para nós duas. O sol já estava surgindo, quando a enfermeira entrou com a medicação do Ethan e disse:

— Ele precisa dormir um pouco, eu aconselho que você faça o mesmo — disse, sisuda.

Meu feriado foi ao lado da cama do Ethan, nós quase não conversamos, a medicação o estava derrubando. O médico passou por duas vezes no quarto e disse que ele precisaria ficar apenas mais um dia. Polyana, Mary e Andrey o visitaram durante o dia. Eu estava acabada, não tinha tomado banho, apenas trocado de roupa – que o Andrey trouxera para mim.

— Lindinha, vá para casa descansar, não

pode passar mais uma noite nessa poltrona — disse Ethan, sua voz continuava mole.

— Não vou deixar você sozinho, Ethan. —
Acaricieei seu rosto.

— Eu fico com ele, Beatrice, pode ir e descansar. — Andrey disse. Os olhos do Ethan brilharam.

— Tudo bem, você pode ficar até que horas, amanhã, Andrey? Preciso ir ao escritório, cedo.

— Fico aqui o dia todo, se precisar. — Deu de ombros e sorriu sem graça.

Olhei para o Ethan, para saber o que achava e encontrei um sorriso largo, de satisfação. Eu não estragaria aquela reconciliação. Pelo menos para alguma coisa serviu a tragédia. Concordei, me despedindo deles. Peguei minhas coisas e chamei um taxi.

Minha vontade era passar o endereço da cobertura do Bryan, ao taxista, mas não poderia.

Nem sabia se ele ainda queria ficar comigo. Eu estou sempre estragando tudo, procurando “sarna para me coçar”, não deixo as coisas acontecerem. O que mais eu sei fazer é colocar “caraminhola na cabeça”. *Por que é tão difícil de eu me entregar ao Bryan?* Passei o dia olhando para o celular, na esperança de ter uma mensagem, uma ligação que eu não havia ouvido e nada. Só de pensar que ele poderia ter desistido, cansado de mim, o nó na minha garganta me impedia de respirar. Ele passou a ser parte de mim e mesmo assim eu insistia em criar caso. *Chega Beatrice, acorda pra vida!*

Nossa! Que sensação deliciosa, estar no volante do meu carro. Estava com saudades de ter o mínimo de controle sobre minha vida. Entrei na garagem do prédio, do meu escritório, e estacionei ao lado do carro do Bryan. *Bom, pelo menos eu sei*

que ele está na empresa. Cumprimentei os seguranças e caminhei até o elevador. As mesmas pessoas de todos os dias entravam e saiam com um aceno rápido – de cumprimento.

— Bom dia, Rebeca. Está muito elegante hoje — falei, com um sorriso no rosto.

— Bom dia, Beatrice. Digo o mesmo a você, aliás, está sempre muito elegante. — Retribui meu sorriso com o seu, mostrando seus dentes muito bem cuidados.

Caminhei até minha sala e cumprimentei minha equipe – através do vidro. Quando entrei em minha sala levei um susto. Estava repleta de tulipas vermelhas. Aproximei-me da mesa e tinha uma mensagem escrita em uma folha sulfite:

“Você é para mim como uma tulipa, precisa de cuidado e atenção todos os dias. A tulipa vermelha representa o amor verdadeiro, é

isso que sinto por você. Deixa-me cuidar de você! Bryan.”

Meus olhos encheram-se de lágrimas e senti uma pontada de remorso no peito. Eu me martirizando, achando que ele tinha cansado de mim, e ele pensando numa maneira de provar que me ama de verdade. *Preciso fazer alguma coisa por ele.* Antes de me sentar, lembrei-me de que tinha uma joalheria bem próxima. Passei pela Rebeca e avisei que voltaria logo, se alguém precisasse falar comigo era só ligar no celular. Yuri, como de costume, veio atrás de mim.

Entrei na joalheria e expliquei à atendente que queria um anel de noivado diferente. Disse o quanto significava para mim e que precisava à pronta entrega. Ela me mostrou alguns modelos, mas um traduziu tudo o que o Bryan é. De platina, largo, filetado de preto com um pequeno diamante

cravado ao meio. Todo imponente.

— Quero esse. — Para minha felicidade ela tinha o tamanho certo.

Passei na floricultura e comprei um vaso com tulipas brancas, igual ao que ele havia me dado uma vez, dizendo que representavam um pedido de desculpas. Pensei em pedir para alguém entregar, mas estava com muita saudade e queria ter certeza de que gostou do anel, resolvi eu mesma entregar. Faria uma surpresa.

— Bom dia Camila! Preciso falar com o Bryan — disse à recepcionista, que ficou surpresa olhando para mim, com as tulipas na mão.

— Claro Beatrice. Nem preciso anunciá-la. Pode entrar, estão em reunião. Você sabe onde fica a sala, correto?

Agradei e caminhei até a sala, sentindo minhas pernas amolecerem, *será que foi uma boa ideia? Vou interromper uma reunião, ele pode não*

gostar. Cumprimentei as pessoas da sala de atendimento com um aceno e gelei, quando vi o Bryan em pé, em frente a um telão – explicando um gráfico –, que estava projetado. Estavam todos os diretores e seu sócio, concentrados nele. A cada passo que eu dava – mais mole – ficavam as minhas pernas. Comecei a sentir dor de barriga.

Assim que me viu, Bryan abriu um sorriso largo e parou a apresentação, fazendo um gesto com as mãos, para que eu entrasse na sala. Todos viraram suas cadeiras em minha direção. *Meu Deus! Como eu vou fazer isso?* Entrei na sala, receosa.

— Bom dia pessoal, desculpe-me interromper a reunião de vocês, mas preciso roubar meu noivo por uns minutos. Prometo que devolvo rapidinho.

— Venha até aqui minha menina. Não precisa me tirar deles, pode falar aqui. — Deu uma
NACIONAIS - ACHERON

piscada e levantou o canto dos lábios, com um sorriso safado. Ele sabia que eu pediria desculpas, viu as tulipas em minhas mãos. Estava fazendo de propósito. “*Filho da mãe!*”

Dei alguns passos até ele e assim que cheguei perto, ele colocou os lábios sobre os meus, me dando um delicioso beijo – quente.

— Wow! Acho que é melhor ela te levar, Bryan — disse, Marcelo.

— Vamos para a sua sala — sussurrei ao seu ouvido.

Ele olhou para mim e negou com a cabeça, com um olhar divertido.

Respirei fundo, olhei para todos na mesa e fiquei sem opção.

— Bom... — Suspirei. — Não era minha intenção fazer isso com plateia, mas já que meu noivo prefere assim. — Todos riram. — Bryan... eu trouxe essas tulipas brancas – como pedido de

NACIONAIS - ACHERON

desculpas. — Entreguei as flores a ele. Tirei a caixinha de veludo da sacola que estava em minhas mãos. — Eu sei que já aceitei ser sua noiva e a prova disso está aqui. — Levantei a mão, mostrando o anel. Ajoelhei-me em sua frente, abri a caixa com o anel. — E você Bryan, aceita ser o meu noivo e colocar esse anel em seu dedo, como prova disso?

Assim como eu tinha feito, Bryan caiu de joelhos na minha frente, esticou a mão — para eu colocar o anel em seu dedo. Puxou-me para o seu corpo, segurou meus cabelos pela nuca, com força e enfiou a língua em minha boca. Com a outra mão pegou em minha cintura, me apertando contra ele. Seu beijo foi de desejo, posse, “tesão”, sedento, quase me engoliu. Tirou os lábios dos meus e salpicou vários beijos no meu rosto.

— Eu te amo, minha menina! — Levantou, me puxando junto. — Pessoal, EU. AMO. ESSA. NACIONAIS - ACHERON

GAROTA! — Todos levantaram e começaram a bater palmas. Olhei, através do vidro da sala, e seus colaboradores tinham parado o que estavam fazendo e batiam palmas, junto com o pessoal da reunião. Meu rosto queimava de vergonha.

Encolhi os ombros, com um sorriso tímido no rosto.

— Eu também amo esse homem, pessoal.
— O abracei e dei um beijo eu seu queixo.

— Uhuhu! Aeeee Bryan! Conseguiu o que queria. Uma declaração! — Marcelo gritou e soltou um assobio, com os dedos na boca.

— Vou deixar você continuar sua reunião, também preciso trabalhar. — Peguei sua mão com o anel e perguntei. — Você gostou do anel?

— Qualquer que fosse o anel teria gostado, Beatrice. O mais importante é o que ele significa.
— Beijou minha testa. — Vamos, vou te acompanhar até o elevador — virou para o pessoal

da reunião e disse: — Pessoal, mais um minuto, vou levar minha menina até o elevador.

Corri os olhos e encontrei o sorriso sarcástico da Alicia para mim. Nestor não estava com cara de bons amigos, batendo os dedos no tampo da mesa. *Esses dois sempre me deixam intrigada.*

Coloquei a bolsa no mesmo lugar de sempre, sentei em frente minha mesa, chamando a Rebeca para começarmos o dia de trabalho. Ela me passou os compromissos do dia e me informou sobre um cliente que estava criando problemas, com uma de nossas consultoras.

— Beatrice, desculpe-me se eu estiver sendo intrometida, mas acho que se fizesse uma reunião com todas exporia o caso e teríamos mais ideias. Várias cabeças pensando surgem mais

opções.

— Você tem razão Rebeca, reúna as garotas na sala de reuniões que já vou lá.

Entrei na sala de reuniões e pedi a Rebeca que fizesse um café para mim, tinha saído de casa sem minha dose de cafeína, com toda a movimentação da minha chegada – tinha me esquecido.

Discutimos sobre o problema que tinha surgido com o cliente da Mirela, como Rebeca previu, surgiram várias ideias e a mais plausível ficou acertado que seria colocada em prática. Mirela está com problemas sérios e eu ainda não consegui achar uma maneira de ajudá-la. Orientei-a de forma que pudesse lidar com o cliente, sem que eu precisasse intervir.

A manhã passou muito rápido, porém foi produtiva. Consegui terminar de responder todos os e-mails e deixei agendados dois clientes para o NACIONAIS - ACHERON

período da tarde. Meu telefone vibrou com uma mensagem. Meus lábios abriram-se em um sorriso, quando vi o nome do Bryan.

“Quero alimentar minha menina, posso descer para pegá-la?”

Respondi que sim e fui até a recepção esperá-lo.

Capítulo 22 – Proposta Indecente

AUMENTEI O SOM NO ÚLTIMO e passei horas, daquela manhã, praticando exercícios. O que mais eu poderia fazer naquela imensa cobertura, sozinho? Minha noite tinha sido terrível, às cinco horas eu já estava malhando. Deixei o hospital às duas da manhã, depois de um banho rápido, consegui dar uma cochilada. Acordei assustado por vezes, cada vez que eu pegava no sono, vinha um sonho, ou uma visão, não sei dizer. Beatrice acuada, com medo, tendo crises de pânico. *Por que eu fui deixá-la sozinha? “Caralho”... eu sempre me arrependo. Ela consegue me tirar do sério e acabo agindo por impulso.* Por outro lado, não posso deixar ela me dominar, mesmo eu sabendo que não sobreviveria sem ela, preciso que seja mútuo... *ou não? Acho que aceito ela de qualquer maneira.*

Olhei no relógio e me espantei, eram dez

horas, *por isso meu corpo está doendo tanto.* Desliguei tudo e fui à cozinha comer algo. Coloquei o sachê na máquina de café e, enquanto aguardava, peguei uns *croissants* no freezer e coloquei-os no micro-ondas. O interfone da cozinha tocou, me alarmando. *Quem será? Beatrice? Mas ela tem acesso livre. Será que aconteceu alguma coisa com ela? Não... teriam me ligado. Que “porra”... eu deveria ter ligado para ela, orgulho do “caralho” Bryan!*

— Sim... sou eu, Bryan — disse, ao porteiro.

— Senhor Bryan, a senhorita Alicia está querendo subir, posso autorizar?

Alicia? “Putá que pariu”! É pra acabar com o meu dia, já está uma maravilha. Vou ter que a deixar subir, depois do que aconteceu na casa dos meus pais, ela deve estar uma fera, tenho que tentar acalmá-la, senão vai botar tudo a perder.

Respirei fundo e autorizei a entrada dela.

Esperei-a com a porta aberta, encostado nela e a cabeça baixa. Meu cérebro trabalhava na velocidade do trem bala. Eu precisava encontrar uma maneira de calar a boca da Alicia. Em segundos surgiu uma ideia na minha cabeça, que tinha certeza que me serviria. Peguei o celular no aparador, próximo a porta, liguei o gravador e deixei no bolso do short.

Assim que Alicia surgiu na minha frente, eu tive certeza de que não seria nada fácil domá-la. O sorriso debochado em seus lábios denunciava suas intenções. Ela aproximou-se de mim, beijou meus lábios e com a unha, pintada de vermelho, passou pelo meu peito e desceu até o cócs do meu short. Eu estava vestindo uma regata e um short, estava todo suado. Quando ela ameaçou colocar a mão por dentro, segurei seu punho e a encarei.

— Que “porra” você quer aqui, Alicia? —

balbuciei, sentindo a respiração dela em meu rosto.

Ela arqueou as sobrancelhas, alargou o sorriso, e por cima do meu short pegou meu “pau” e apertou.

— Quero isso aqui. — Pegou meu lábio inferior, com os dentes, e continuou me encarando.

Foi impossível ele não endurecer, Alicia sabe ser atraente. Estava com um vestido de verão: solto no corpo e curtíssimo. Não é muito o seu estilo, provavelmente estava querendo competir com a Beatrice. Seus cabelos loiros estavam soltos em seus ombros nus. Afastei-a, com cuidado. *Como eu vou sair dessa, “caralho”!*

— Acho que você me quer também. — Olhou para a minha ereção e mordeu os lábios.

Balancei a cabeça e ri, sem vontade.

— Reação do corpo de um homem, somente isso, Alicia. Não crie expectativas. — Fechei a porta e caminhei até a cozinha. Peguei o café e os

croissants e sentei-me em frente ao balcão. Fiz um gesto, com a cabeça, para que ela sentasse em minha frente.

— Sou todo ouvido, diga o que veio fazer aqui, Alicia. — Comecei a tomar o café da manhã. Sem desviar os olhos dela.

Alicia deixou a bolsa sobre um banco e sentou-se a minha frente. Com a ponta dos pés, subiu do meu tornozelo até o meio das minhas pernas. Com cara de safada.

Parei com as mãos no meio do caminho, até minha boca e fitei-a. Coloquei o que estava comendo em cima do balcão. Respirei fundo e coloquei meu rosto entre as mãos, com os cotovelos amparados pelo balcão.

— Alicia, ponha uma coisa na sua cabeça, de uma vez por todas. EU AMO A BEATRICE! — Levantei as sobrancelhas. — Vou me casar com ela. Você consegue entender o quanto isso é sério?

Achei que ela recuaria, porém, não foi o que aconteceu. Precisei tirar seu pé de dentro do meu short. Ela passou o dedo no canto dos lábios e prosseguiu:

— Sabe Bryan... Eu estava pensando... — Bateu com as unhas nos dentes superiores. — Nós somos iguais, fomos feitos um para o outro. — Colocou os cotovelos no balcão e entrelaçou os dedos.

Endireitei a postura e cruzei os braços no peito. Inclinei a cabeça para o lado e fiz uma expressão de curioso.

— Sério, Alicia? E como chegou a essa conclusão? — Minhas pernas balançavam. Estava buscando controle.

— Simples, não é novidade que não sou a favor da monogamia. — Deu de ombros. — E você então... Nem se fala né, Bryan. — Torceu os lábios e sorriu com deboche. — Claro que podemos nos

NACIONAIS - ACHERON

apaixonar, eu sou apaixonada por você, mas... Sexo é diferente. Gosto de aproveitar a vida, e você também.

Joguei a cabeça para trás e soltei uma gargalhada. Alicia estava jogando de todas as maneiras, eu sabia aonde ela chegaria, mesmo assim dei corda.

— Hum... Interessante sua análise. — Mordi a bochecha. — Continue... Vamos ver aonde quer chegar. — Gesticulei.

— Bryan... Pense comigo... Podemos nos divertir sem que ninguém saiba. A “careta” da sua noiva nunca aceitaria, por outro lado, eu estaria fazendo um favor a ela. Afinal de contas, mais dias – menos dias, você vai sair com outras mulheres, se estivermos nos divertindo, não vai sentir essa necessidade. Eu fico com parte sua e ela fica feliz, achando que o casamento é uma maravilha. O que acha? Não é brilhante a minha ideia? — Susteve o

queixo na palma da mão e me encarou.

Era muita ousadia, Alicia tinha chegado ao cume. Como podia me fazer uma proposta daquelas? Estava desesperada ou enlouquecida. Passei alguns minutos digerindo o que tinha ouvido e procurando, na minha mente, uma resposta. Na verdade, queria mesmo era soltar milhões de palavrões na orelha dela e botá-la porta a fora da minha casa, à ponta pés. Contudo, ela ainda me tinha nas mãos.

— Se não fosse trágico, seria cômico, Alicia. Não me compare a você. Nunca traí ninguém. Se eu saí com várias mulheres, por tanto tempo, a única responsável por isso é você, que me fez achar que as mulheres não valiam a pena. Beatrice entrou na minha vida para mostrar que não é bem assim, ela vale a pena. E é isso que está te incomodando. Então, diga logo que “porra” veio fazer aqui e me deixe em paz. Hoje é feriado e

NACIONAIS - ACHERON

preciso descansar.

Alicia arregalou os olhos e levantou-se. Foi até a sala e chegando perto do móvel, embaixo da TV disse:

— Cadê a sua noivinha que vale a pena? Por que não está aqui com você? Vejo que trocou os porta-retratos. Quantas fotos dela... Credo Bryan... Isso é obsessão, essa garota deve ter feito um feitiço para você. — Virou-se para mim, esperando uma resposta.

O que eu poderia dizer? Que Beatrice estava bajulando um marmanjo pervertido e abraçada a outro? Que ela não confiava em mim e passava boa parte do tempo tensa – ao meu lado? Que a todo instante me comparava com um defunto? Não, eu não poderia dizer nada daquilo. Levantei-me e fui até ela, tirando o porta-retratos de suas mãos.

— Já disse o que queria, Alicia? Agora, por favor, seja inteligente e caia fora. Já passamos a NACIONAIS - ACHERON

semana inteira trabalhando no mesmo lugar. Não está bom pra você? Estou cumprindo com a minha parte do acordo, o que mais você quer?

Ela aproximou-se novamente, cheirou meu pescoço e apertou de novo meu “pau”.

— Eu já disse, Bryan. Eu quero isso aqui. Você que está se fazendo de desentendido.

Puxei com força a mão dela, tirando-a de mim. Perdi a paciência.

— “PORRA... PORRA... PORRA”... — Andei pela sala, passando as mãos no cabelo. — Pare de “foder” com a minha cabeça, Alicia. Saia da minha casa, vamos, não quero você aqui. — Apontei com o indicador para a porta.

Alicia sorriu e sentou-se no sofá. Cruzou as pernas e ficou analisando as unhas das mãos.

— Conheci um cara bem legal essa semana. Ele trabalha naquela revista famosa de fofocas, sabe? — Levantou o rosto e franziu a testa.

Sentei-me na poltrona, coloquei os cotovelos nos joelhos e encarei-a. Claro que me ameaçaria. E se em troca quisesse ficar comigo, eu teria que colocar tudo a perder, se eu cedesse, perderia Beatrice para sempre. Beatrice jamais me perdoaria – se ao menos imaginasse – que eu estava tendo aquela conversa com a Alicia, quem dirá se eu aceitasse os termos dela.

— E você está me dizendo isso para me ameaçar? Por quê? Eu não quebrei o acordo, ao contrário de você, que abriu o jogo para a Beatrice. Já pensou – que te boto na rua?

— Por mim tudo bem, Bryan, vai estar na lama mesmo. — Deu de ombros.

— O que te faz pensar que sua declaração me colocará na lama? Uma coisa que aconteceu quando ainda éramos jovens, não tinha maturidade suficiente. Fora que você vai ficar bem mal na fita, esqueceu-se que te peguei no motel, com um cara?

— É Bryan... Só que agora não é só a minha história que conta. — Passou a língua pelos lábios. — Você engravidou a Felícia e a abandonou, isso é bem recente. Acho que vai ficar na lama mesmo, seus clientes são conservadores, o suficiente para não aceitarem esse comportamento.

Abri um sorriso e me senti vitorioso. Se fosse naquilo que Alicia estava se apegando, iria cair do cavalo. *Primeiro vou jogar o verde para colher o maduro e depois vou esfregar na cara dela o Espermograma.*

— Ah... Alicia... Então está com a faca e o queijo na mão? — perguntei com um tom de voz ferino. — Tenho certeza de que caí numa cilada de vocês duas. O que foi que vocês fizeram para eu “comer” a Felícia novamente? — Encostei-me à poltrona e cocei a barba.

— Você é muito previsível Bryan... — Levantou o canto dos lábios, com um sorriso. —
NACIONAIS - ACHERON

Bastou deixarmos a isca e você pimba... Caiu como um patinho. — Chegou com o corpo na beirada do sofá e colocou a mão na minha coxa. — Não achei que só um pouquinho de boa noite cinderela no seu uísque te deixaria tão entregue, vou confessar... Decepcionei-me um pouco. Se eu soubesse que seria tão fácil, eu mesmo teria feito o serviço, acabei te entregando de bandeja pra “aquelazinha”.

Bingo! Consegui o que queria, vou entregar essa gravação ao meu advogado. Alicia não poderá me ameaçar mais. Levantei-me, pedi um minuto a ela, subi na suíte e voltei com o exame em mãos. Joguei no colo dela e disse:

— Vocês duas perderam tempo... Dê uma olhada nesse exame. — Sentei-me novamente, com um sorriso de satisfação.

Alicia abriu o exame e seu rosto foi mudando de cor, conforme foi entendendo do que se tratava. Limpou a garganta e tentou mostrar-se

por cima.

— E daí Bryan que não pode ter filhos? Isso não muda nada, que você nos “comeu” isso é fato, ou seja, poderia muito bem os filhos serem seus.

— Você é hilária Alicia, assumo que perdeu. Agora, por favor, saia da minha casa. Aproveite e conte a novidade para a sua amiguinha. Quiseram dar o golpe da barriga e se “foderam”. — Levantei-me, imponente. Estiquei a mão para que Alicia pegasse. Ela ficou olhando e não aceitou. — Estou sendo educado, Alicia. Não me faça perder a compostura com você. Saia... Agora... — Apontei para a porta.

Alicia levantou-se, pegou a bolsa, no banco da cozinha e saiu, virou para mim e disse, antes de entrar no elevador:

— Você não perde por esperar, Bryan. Pode ter certeza de que se não quer ficar comigo, com a Beatrice também não vai ficar. Escreva... — Entrou

no elevador e foi embora.

Peguei o celular no bolso, parei a gravação e beijei-o. *Você será minha salvação.*

— Bom dia Carol, pode, por favor, comunicar aos diretores que teremos reunião agora cedo e preparar a sala de reuniões? — disse, assim que passei pela minha assistente.

A segunda noite sem Beatrice não tinha sido diferente da primeira. Resolvi trabalhar, analisei todos os pontos que estavam deficientes na minha empresa e preparei uma apresentação. Antes de chegar ao escritório, passei em uma floricultura e pedi que enviassem várias tulipas vermelhas à Beatrice. Escrevi uma declaração de amor em um sulfite e coloquei junto. Liguei para a Rebeca, dizendo como eu queria que fossem dispostas, as flores. Eu precisava, de alguma maneira, trazer

minha menina de volta para mim. Colocar na cabeça dela que minha vida não tem sentido algum sem ela. Só não adiantaria ligar, Beatrice sentia-se sufocada por mim. Fiquei lutando comigo mesmo para não buscá-la ou ligar, consegui.

Todos estavam sentados em seus devidos lugares, na sala de reuniões, iniciei a apresentação. Alicia não perdeu o sorriso idiota do rosto, achando que poderia continuar me encostando à parede, mal sabia que a batata dela estava assando. *Assim que eu terminar aqui vou ligar para o Otávio e pedir para que tome as devidas providências. Alicia vai ter que recuar, senão vou processá-la.* Só não posso deixar que a Beatrice descobrisse que Alicia esteve em casa e muito menos que tivemos aquela conversa. Ela não entenderia – não me deixaria nem explicar. Só o fato de ter deixado a Alicia subir, a Beatrice já me daria um chute na bunda.

Havia começado a apresentação fazia pouco

tempo, estava mostrando os gráficos para a equipe, quando avistei a mulher da minha vida. Meu coração disparou, perdi o foco, não consegui continuar. Beatrice vinha, toda acanhada, com tulipas brancas – nas mãos. O sorriso no meu rosto foi inevitável, *tulipas brancas? Ela vai me pedir desculpas. Essa eu quero ver.* Fiz um gesto para que entrasse na sala.

Beatrice está sempre me surpreendendo, depois do que fez para impressionar Alicia, não achei que poderia fazer algo melhor, porém... minha menina ajoelhou-se aos meus pés e mostrou a todos o quanto me ama. Caí de joelhos aos seus pés e nem enxerguei direito o anel que ela estava colocando em meu dedo. Minha euforia era tal, que me impossibilitaria de tirar qualquer conclusão. Meu dia que tinha começado péssimo, com a falta dela, estava sendo o melhor de todos.

Levei Beatrice até o elevador e voltei à sala

de reuniões, com outro ânimo. Até minha apresentação ficou mais suave. Tudo o que tinha programado para falar, ficou de lado. Não via a hora de terminar o dia para tê-la em meus braços. Dormir de conchinha. Acordar com a respiração dela em meu pescoço. Eu almejava pela Beatrice.

Terminei a apresentação e dispensei a todos, estava arrumando os papéis para voltar a minha sala e entrar em contato com o Otávio, quando Alicia se aproximou e sussurrou ao meu ouvido:

— Minha proposta está de pé, gostosão. Não precisa se preocupar com a garotinha, ela nunca ficará sabendo, e está de quatro por você. — Passou a língua pela minha orelha.

Levantei o rosto, com o canto dos lábios levantados.

— Não preciso e nunca vou precisar de você, Alicia. Beatrice me supre em todos os aspectos. Pode ter certeza de que nunca vou

NACIONAIS - ACHERON

procurar por outras, acho que ela te deu uma demonstração disso, não foi? — Arqueei as sobrancelhas. — Aliás, é por isso que está tão insistente? Achou que ela não seria capaz? O que foi, ficou com inveja? — Meu sorriso se expandiu.

Alicia olhou para mim, com um olhar tórrido. Sua linguagem corporal demonstrou claramente que tinha ficado irritada. Levantou as mãos, se rendendo e disse:

— Depois não diga que não avisei, Bryan.
— Virou-se e saiu.

Sentei-me em frente da minha mesa e imediatamente liguei para o Otávio.

— Fala aí, Bryan. O que manda, “cara”?

— Tudo bem Otávio? Preciso que me oriente em uma questão supercomplicada e sigilosa.

— Sabe que pode confiar, Bryan. São anos de dedicação, não jogaria meu nome na lama.

Expus a ele todo o caso, com detalhes. Enviei a gravação por e-mail e pedi que ele entrasse em contato com a Alicia, propondo um acordo. Eu não poderia tirá-la da construtora, de cara, tinha o Nestor, e toda a investigação que eu estava fazendo. Porém, conseguiria fazer a Alicia calar a boca.

A manhã passou rápido, já era hora do almoço. Olhei o anel em meu dedo e me senti o homem mais feliz do mundo. Sem pensar duas vezes, enviei uma mensagem à Beatrice.

“Quero alimentar minha menina, posso descer para pegá-la?”

A resposta chegou quase que instantaneamente. Vesti o paletó, peguei o celular, as chaves do carro e desci exasperado. Estava contando os minutos para estar com ela. Duas noites e um dia inteiro – sem contato – acabou

comigo. Tinha que repor aquela ausência, de alguma maneira.

Entrei em seu escritório e não quis nem saber que a Rebeca e o Yuri estavam na recepção com a Beatrice. Puxei Beatrice para o meu corpo, segurei-a pela cintura e nuca, e beijei seus lábios. Eu praticamente a engoli. Minha língua abria espaço em sua boca. Beatrice espalmou meu peito e tentava me empurrar.

— Bryan... que vergonha... não estamos sozinhos — balbuciou em meus lábios.

Sem abrir os olhos, coloquei a mão para trás fazendo gestos para que os dois saíssem. Claro que obedeceram, não seriam loucos de não cumprirem minhas ordens. Apertei Beatrice a minha ereção e descii os lábios até a entrada dos seus seios. Beijei e passei a língua neles, em seguida apertei os bicos por cima da camisa. Quando fui abrir os botões da camisa, Beatrice me impediu.

— Chega, Bryan... — disse, ofegante. — Assim não vamos conseguir sair para almoçar.

— Vamos para a sua sala, fechamos as persianas — falei com o rosto enterrado em seu pescoço. — Eu preciso de você, Beatrice.

— O que é isso, Bryan? Está parecendo cachorro no cio — disse, com uma voz divertida.

Passei a barba pelo pescoço e rosto dela, na tentativa de desarmá-la. Não quis nem saber se achava que estava desesperado, porque eu estava mesmo. Ela estava linda, com uma camisa rose, de seda, com botões na frente e uma saia lápis cinza. Os scarpins altíssimos a deixaram mais charmosa. Minha menina tem um tremendo bom gosto, nunca está cafona.

— Só um pouquinho... Vamos princesa... — disse, arfante. Tirei a camisa dela de dentro da saia e enfiei as mãos em suas costas. Beatrice tentava, a todo custo, me afastar, mas não conseguia. O corpo

dela reage de forma indecente a mim, assim como o meu ao dela. Por mais que ela queira manter a compostura, seus instintos a impedem. Fui arrastando-a pelo corredor até a sala dela. Rebeca e Yuri ficaram boquiabertos, quando passamos por eles, estavam na sala de operação. Não se atreveram a fazer nenhum comentário, apenas voltaram para a recepção. Entrei, com a minha menina nos braços, na sala dela, fechei a porta com os pés e tranquei-a, sem deixar de beijá-la. Desabotoando sua camisa, empurrei-a até a mesa, para que eu pudesse acionar o botão das persianas.

— Jesus, Bryan... — ofegou — Vai acabar com a minha reputação desse jeito. Como vou olhar para minha equi... — Antes que ela terminasse, avancei em seus lábios e invadi sua boca com a língua. Tirei-lhe a camisa e joguei no chão. Peguei em seus quadris e a coloquei em cima da mesa. Subi a saia até a cintura e puxei o ar, com força,

NACIONAIS - ACHERON

quando vi o que estava vestindo. Uma meia 7/8 e uma cinta liga preta. A calcinha minúscula, de renda. Abri as pernas dela e fiquei no meio. Ela foi para trás com o tronco e apoiou-se nos cotovelos. Afastei-me um pouco e inclinei a cabeça para o lado. Não sabia em que me concentrar, na parte central de suas coxas ou em seus seios. O sutiã meia taça, deixando seus seios empinados, e a renda mostravam os bicos enrijecidos, estavam desviando meu foco.

— Saiu decidida de casa hoje? Por que fica se fazendo de difícil? — Abri um sorriso maroto. Beatrice enrubesceu e mordeu os lábios. Voltei a ficar próximo e beijei sua virilha. Ela jogou a cabeça para trás.

— Bryan... Não me torture. — Gemeu — incapaz de se controlar.

Tortura? Ela não tem ideia do que é ser torturado, eu sim estava sendo. Meu “pau” latejava

dentro da calça, a falta dela estava acabando comigo. Eu não consigo colocar na sua cabeça o quanto eu preciso dela, a cada segundo. Não quero parte dela, ou parte do dia com ela. Quero Beatrice por inteiro, por 24 horas. Sem dividi-la com ninguém. *Podem me chamar de obsessivo. Quero que se “fodam”, todos. Não quero nem saber, eu que estarei “fodido” se não manter Beatrice comigo o tempo todo.* Continuei usando minha melhor arma.

— Case comigo, Beatrice. — Afastei a calcinha e beijei seu sexo molhado. Ela encurvou as costas, fechou os olhos e deixou os lábios em cativo nos dentes. — Hum... vamos... Diga que se casa comigo, minha gatinha manhosa. — Passei a língua nos lábios de seu sexo, saboreando o gosto de sua excitação. Beatrice estremeceu e meu “pau” latejou. *Esse sabor... hum... “Putá que pariu”... essa garota “fodeu” com a minha razão... não*

NACIONAIS - ACHERON

tenho controle, estou parecendo um animal. Meu pulso estava acelerado demais, a batida do meu coração tinha aos meus ouvidos. Sem aviso prévio, introduzi o dedo médio no sexo dela. Um gemido de satisfação escapou de seus lábios.

— Não ouvi sua resposta, Beatrice. — Introduzi outro dedo. — Hein? — Aproximei meu corpo de seu ouvido e murmurei: — Seja minha, só minha, sem eu ter que dividi-la com ninguém. — Iniciei um movimento de vai e vem com os dedos.

— Bryan... Pare... por favor... está agindo como um louco nova... mente... Oh... meu Deus... não... Bryannnnnnn... — Jogou o corpo para trás, deitando-se na mesa. Os papéis e porta-canetas foram para o chão. Meu polegar agia com maestria em seu clitóris, e meus dentes mordiam o bico do seu seio.

— Gosta do que eu faço com você? Serei seu escravo, estarei ao seu dispor a qualquer hora

NACIONAIS - ACHERON

do dia em qualquer dia, é só casar-se comigo. — Desci o corpo e abocanhei o clitóris. Minha língua fazia movimentos circulares e meus dedos não paravam de entrar e sair dela. Beatrice contraiu o corpo e tentou fechar as pernas, segurou meus cabelos com força e soltou um gemido abafado. O sabor intensificou-se em meus lábios, eu soube que ela tinha chegado ao clímax. Meu principal objetivo eu conseguira. Querendo aproveitar daquele momento, levantei-a da mesa, virei-a de costas e afastei suas pernas. Rapidamente abri os botões e zíper da calça, tirei meu “pau” pulsante para fora da cueca e introduzi em Beatrice. Juntei seus cabelos e segurei-os. Beatrice estava com o rosto encostado na mesa e as mãos segurando a beirada dela.

— Oh... Bryan... Você tira minha razão... Eu te amo... muito... — Gemeu, extasiada.

Acentuei os movimentos, aumentando o

NACIONAIS - ACHERON

ritmo. O suor escorria pelas minhas têmporas. Passei o braço por baixo do corpo dela, encostei os lábios em seu ouvido e continuei as estocadas.

— Eu te amo, Beatrice... muito mais do que você possa imaginar... eu quero você só para mim... Case-se comigo, vamos... — Estoquei, com força. — Diga que sim... quero ouvir. Meu corpo não esperou a resposta. Fechei os olhos e enchi minha menina, com o meu sêmen. — “Porraaaaaa”... você acaba comigo, Beatrice! — Minhas pernas amoleceram, joguei o corpo sobre o dela e abracei-a. Beijeí sua nuca e ficamos, por uns minutos, ofegantes, aguardando nossos corpos retornarem ao estado normal.

— Bryan... — falou baixinho.

— Hum... — resmunguei.

— Você estava falando sério? — Limpou a garganta.

— Do que minha menina? — Me fiz de

desentendido.

— Deixa pra lá... Você precisa controlar-se quando está excitado, fica como um louco, querendo me prender a você. — Beatrice continuava com o rosto colado à mesa e eu deitado sobre ela, estávamos de olhos fechados.

Afastei os cabelos dela e coloquei nos ombros, beijei sua nuca e as costas.

— Eu não preciso estar excitado para querer que você fique comigo, o tempo todo, muito menos para ter certeza de que eu quero me casar com você. Só não estou encontrando uma maneira de fazer com que você entenda isso. — Levantei-me e a trouxe comigo. Virei-a e a envolvi em meus braços, olhei dentro de seus olhos e repeti. — Case-se comigo?

Ela desviou o olhar e balançou a cabeça. Respirou fundo e quando ia dizer alguma coisa, escutamos Rebeca chamar na porta.

— Beatrice, desculpa, mas estão ligando do hospital. Já ligaram quatro vezes. — Beatrice deu um pulo, procurando pela camisa e abaixando a saia.

— Tudo bem Rebeca, muito obrigada, já vou sair — falou alto e olhou para mim, com uma careta.

*Ethan do “cacete”, sempre me “fodendo”.
Pelo jeito já era o nosso almoço. “Caralho”!*

Capítulo 23 – Passando dos Limites

ETHAN ESTAVA UM POUCO MELHOR, porém, com o rosto cheio de hematomas e inchado. Usava um colete, por conta das costelas quebradas, e gesso no braço esquerdo. Foi um trabalhão para vesti-lo, onde eu encostava ele reclamava, sem contar que tive que expulsar o Bryan do quarto, ele não queria – de maneira alguma –, me deixar ajudar o Ethan. Eu estava me controlando para não voltar o clima pesado entre nós. *Eu amo o Bryan, só preciso fazê-lo respeitar os limites da nossa relação. Não vou permitir que ele determine todas as regras e me anule. Principalmente quando se tratar do Ethan, que praticamente só tem a mim.*

Rogério mostrou-se solidário, responsabilizou-se pelas contas do hospital e entrou em contato com a polícia, abrindo outro inquérito contra o Scott. Porém, não foi nem um pouco

amoroso, principalmente porque o Andrey ficou o tempo todo ao lado do Ethan. Logo ele percebeu a relação dos dois. Fato que Ethan fez questão de mostrar.

Graças a Deus minha mãe não voltou ao hospital, por pouco não tive uma crise de pânico com ela me tocando. *Quando eu vou superar isso? Será que um dia vou conseguir?*

— Ai... lindinha, dá para ter mais cuidado?
— reclamou Ethan, quando eu peguei a bolsa e esbarrei nele. Virei os olhos e torci os lábios.

— Vai ficar com “frescura” agora, Ethan? Desculpe-me, foi sem querer. — Bufeí e abri a porta do quarto.

Bryan estava de prontidão, do lado de fora – encostado na parede –, com os braços cruzados e a cara fechada. Assim que coloquei os pés para fora ele me puxou e passou as mãos pelos meus ombros. Saímos andando e Ethan atrás.

— Ô dois... aí já é demais... nem precisavam vir me buscar, vou ligar para o Andrey. Bryan, larga de ser “ogro” e me ajuda, “cara” — Olhamos para trás e Ethan estava encurvado, com a mão no joelho e respirando com dificuldade.

Gelei, me soltei do Bryan e corri até ele.

— Desculpa Ethan, achei que você estava melhor. — Peguei em seu braço, levantando-o. Bryan se aproximou.

— Deixa que eu o carregue, Beatrice. Pode ir cuidar dos papéis na recepção. — Tirou Ethan dos meus braços e passou o braço dele em seu pescoço. Colocou o braço em baixo do braço do Ethan e levantou-o do chão, literalmente carregando-o.

— Uiiii... Assim eu vou me apaixonar — disse Ethan, tirando “sarro” da cara do Bryan.

Bryan parou, olhou feio para o Ethan e disse:

— Pare de palhaçada, senão te largo aqui, já não basta ficar “fodendo” com a minha vida.

Ethan segurou o riso e concordou com a cabeça. Uma enfermeira que estava passando viu a cena e trouxe uma cadeira de rodas. Bryan colocou o Ethan nela e agradeceu a moça, que não saiu do lado dele. Eu estava distante, cuidando da burocracia e vi o olhar de admiração da moça para os dois. Principalmente para o Bryan. Bryan como sempre, com um sorriso largo, piscou para ela. Quase larguei os papéis e fui dar na cara dele. *Ele adora me provocar, “filho da mãe”.*

Antes de chegarmos a casa, passamos em um restaurante e almoçamos. Bryan permaneceu calado, não gosta nenhum um pouco do Ethan estar entre nós. Ele estacionou o carro na minha vaga, na garagem do meu prédio, e saiu para ajudar o Ethan

a descer do carro. Carregou-o até o elevador e eu caminhei atrás, com todos os pertences deles.

Assim que saímos do elevador, no andar do meu apartamento, demos de cara com o Andrey. Estava de prontidão nos esperando. Veio até o Ethan e assumiu o posto, liberando o Bryan.

— Oi... como você está? — disse Andrey, constrangido. Aproximou-se do Ethan e deu um selinho nele. Bryan virou os olhos e se afastou.

Entramos no apartamento, aproximei-me do Bryan e disse, baixinho:

— O que foi? Você não vive me beijando na frente de todo mundo? Não foi o que fez hoje cedo? — Levantei as sobrancelhas.

— É diferente Beatrice. — Foi até a cozinha, abriu a geladeira e pegou água.

— Diferente por quê? Qual é a diferença? Isso é discriminação, Bryan. — Encostei-me ao balcão e encarei-o.

— Beatrice... — Bufou. — Chega de “foder” comigo hoje. Vamos, tenho compromisso no escritório. — Colocou o copo na lava-louças e caminhou até a porta.

— Trice, vai voltar que horas? Tenho um cliente para atender às dezoito horas, até lá posso ficar com o Ethan — disse Andrey.

Bryan parou, encarou o Andrey, cruzou os braços no peito e respondeu, antes que eu tivesse tempo:

— “Cara”... de boa, pode, por favor, chamar minha mulher pelo nome? Essa intimidade entre vocês está me dando nojo, isso está parecendo um trio amoroso. — Fez uma careta.

— Bryan... — contestei.

— E tem outra, Beatrice não vai ficar aqui de babá desse marmanjo não. Vocês podem pensar em alguma coisa, hoje mesmo vou levá-la daqui. Querem me chamar de careta, brega, antiquado, NACIONAIS - ACHERON

homem das cavernas, do que vocês quiserem. Vocês são muito pervertidos para eu deixar minha menina aqui, nem pensar! — Balançou a cabeça e fez um gesto com as mãos, indignado.

Ri, completamente desnorteada.

— Você só pode estar brincando, Bryan. Quem você acha que vai cuidar do Ethan? Eu moro aqui, lembra-se? Ele é meu irmão, Bryan. Deixa de ser grosseiro. Vamos embora, antes que você continue ofendendo meus amigos. — Peguei em sua mão e fui puxando-o.

— Agora você falou certo, amigos... não irmão — disse, sem arredar o pé do lugar.

— Ahahaha! Bryan, “cara”, assim você vai enfartar. Esquece “meu”, ela é minha irmã, você querendo ou não. Ponha isso de uma vez por todas em sua cabeça — disse Ethan, sentando no sofá. — Lindinha, não se preocupe comigo, vou ligar para a Poly vir ficar comigo depois das dezoito horas,
NACIONAIS - ACHERON

assim me divirto um pouco com a Aninha, estou precisando mesmo.

Concordei, com a cabeça. Fui até ele e beijei-o, fiz o mesmo com o Andrey e agradeci-o. Bryan não se moveu, com os olhos estreitos.

Tudo o que eu não queria tinha voltado, o clima pesado entre nós. É muito difícil de conseguirmos ficar bem. Bryan nunca vai respeitar meu espaço, ele fala, com todas as letras, que me quer só para ele. Essa história de casamento é só para me dominar. Na cabeça dele, um papel vai mudar tudo, vou aceitar todas as suas loucuras. Só na cabeça dele.

O trajeto até o escritório pareceu mais longo do que o normal, sem contar que estava um trânsito absurdo, o que não é novidade, afinal, estamos em São Paulo. O som do carro estava ligado na CBN, e Bryan dirigia sem desviar os olhos da estrada.

Fiquei pensando numa maneira de quebrar aquele clima pesado e fazer Bryan entender o meu lado. Virei o corpo para ele, coloquei uma perna embaixo de mim e peguei em seu queixo, fazendo com que ele olhasse para mim.

— Vamos ficar de bem? — disse, com uma expressão divertida.

Ele continuou sério, me encarando. Estávamos andando e parando, o carro nem avançava na marcha. Bryan deu de ombros e respondeu:

— Está em suas mãos, é só parar de “foder” com a minha cabeça. Não pensa em mim nunca, só nos seus “amiguinhos”. — Abriu aspas, com os dedos.

Achei graça, ele estava com ciúme, ou, o mais provável, se sentindo meu dono. Uma ideia surgiu na minha mente e soltei rapidamente, antes de desistir:

— Fica comigo no meu apartamento, até o Ethan se recuperar. Assim você me ajuda, ele é muito alto e forte, não vou conseguir sozinha. — Inclinei a cabeça para o lado, analisando a reação dele. Já me arrependendo. Bryan comigo, no meu apartamento, ia ser um tormento. Eu não teria privacidade alguma – fora que – não me deixaria colocar o pé para fora do quarto, sem estar com todas as partes do corpo coberto.

— “Porra”... — resmungou frustrado. — Que opção eu tenho? — Voltou à atenção para o trânsito.

Abri um sorriso no canto dos lábios, me dando por vencedora. O que não era bem verdade, pois Bryan, com toda a certeza, tornaria meus dias sufocantes.

Depois de quase uma hora, em um trajeto de 6 km, paramos na vaga do Bryan, ao lado do meu carro. O dia ainda não tinha acabado, e nós dois

NACIONAIS - ACHERON

tínhamos muito que fazer. Rebeca havia me ligado, mais de uma vez, avisando-me que o cliente marcado estava à minha espera. Nossa carteira de clientes está cada vez maior, o site, a localização do escritório e a qualidade de nossos serviços, estão garantindo a ascensão da empresa. Eu quase não tenho tempo livre, o que deixa o Bryan irritado. Ele insiste em querer que eu vá trabalhar com ele, ignorando toda a minha conquista. Mais um indício de que se sente meu dono e pode reger todos os meus passos, de acordo com as suas necessidades.

— Suba comigo até meu escritório? Preciso da sua opinião sobre uns documentos. — Bryan disse, com o corpo virado para mim.

— Sabe que eu não posso, Bryan. Não me ouviu falando com a Rebeca? Tem um cliente me esperando a um tempão — argumentei, organizando meus pertences para sair do carro. Testei a fechadura e estava travada. Olhei para ele, NACIONAIS - ACHERON

com as sobrancelhas arqueadas. — Preciso sair Bryan, estou atrasada.

— Por que estou sempre em último plano em sua agenda? Ou melhor, em sua vida? — disse, segurando-me pelo braço. Continuei encarando-o. — Tenho que ficar disputando sua atenção, Beatrice. Você ficou toda ofendida por que não te coloquei a par dos meus negócios, e agora, pela primeira vez, estou te pedindo ajuda e você se recusa?

Bryan estava conseguindo me tirar do sério. Senti-me andando na corda bamba, desde o momento em que tivemos que buscar o Ethan no hospital e leva-lo para casa. Eu bem que estava tentando não brigar, mas... *Como é difícil. Sempre que me vejo nessa situação, me questiono se estou fazendo a coisa certa. Tive um relacionamento por 15 anos e sei bem como funciona, isso que tenho com o Bryan, definitivamente não é um.*

— Bryan... — Suspirei — Pode ser mais tarde? Eu realmente preciso atender o cliente. Não é certo com ele, você sabe disso. Por que está agindo assim? Qual é o seu problema? Prometo que assim que terminar meus compromissos vou ao seu escritório.

— Preciso agora. — Cruzou os braços e me encarou.

— Chega... Estou no meu limite, abra a “merda” da porta. — Forcei a fechadura.

Não caminhamos até o elevador, marchamos. As portas abriram-se no 10º andar e virei-me para despedir-me, descobri que Bryan desceria comigo. Antes de entrarmos no meu escritório parei e questionei-o:

— Não tem que estar no seu escritório, Bryan? Por que desceu aqui?

— Quero ver o cliente que está te esperando há tanto tempo. Deve ter um interesse em
NACIONAIS - ACHERON

particular, não esperaria tanto tempo, teria remarcado ou, desistido — disse, com o paletó aberto e as mãos na cintura.

— Isso não pode ser normal, Bryan. Você me garantiu que não interferiria no meu negócio. Não vou deixar você entrar. Está nervoso e vai ver coisas que não existem. Por favor, volte para o elevador. — Coloquei a mão em seu peito e dei um leve empurrão.

Bryan levantou o canto dos lábios, com um sorriso crápula.

— Quando foi que eu disse que não interferiria? Está sonhando? Agora mesmo que eu vou entrar. Quem é o cliente? Por que não quer que eu veja? — Levantou o queixo e fitou-me.

— Pare de loucura, Bryan. Isso me assusta! Eu não sei quem é o cliente, veio através do site — afirmei decidida.

— Está perdendo tempo Beatrice. Eu vou
NACIONAIS - ACHERON

entrar e fim de papo. Vamos... — Pegou minha mão e me puxou.

Yuri estava na porta, cumprimentou o Bryan e nos deu passagem.

Meu coração disparou e minha boca secou imediatamente, quando vi quem estava me esperando. Puxei o ar e fechei os olhos, esperando pelo combate. Antes de alertá-lo, ele fez o que eu temia. Veio até mim, tirando-me de Bryan, me abraçou e começou a girar comigo pela recepção.

— Trice... Que saudades! Quando te encontrei na internet não acreditei. — Colocou-me no chão e beijou meu rosto em vários lugares.

Bryan chegou perto e me puxou dos braços do Murilo.

— Posso saber que “porra” é essa aqui?

Murilo franziu a testa e deu um sorriso sem graça.

— Quem é, Trice?

Limpei a garganta, e toda sem jeito fiz as apresentações:

— Murilo, esse é o Bryan, meu noivo. — Levantei a mão direita mostrando a ele o anel. — Bryan, esse é o Murilo, irmão do Pietro. — Olhei para o Bryan, de cara feia, fazendo um gesto – com a cabeça – para ele estender a mão ao Murilo.

Bryan estendeu a mão – contra a vontade. Murilo, com toda educação, fez o mesmo.

— Cheguei atrasado então, Trice? Achei que você esperaria um pouco mais para se envolver com alguém. Pelo jeito me enganei. — Balançou a cabeça, aborrecido.

— Perdi alguma coisa, Beatrice? Você deve satisfação pra esse “cara” de suas escolhas? — Bryan levantou uma sobrancelha. — E como assim ele chegou atrasado? — Cruzou os braços em seu peito.

— Bom, vim aqui a trabalho, Trice. Queria

NACIONAIS - ACHERON

muito marcar alguma coisa para fazermos juntos — disse Murilo, sem a mínima noção de como aquelas palavras soariam para o Bryan.

Como eu poderia falar ao Murilo que não teria a menor possibilidade de marcarmos algo junto? Ele sempre foi muito prestativo, muito íntimo do seu irmão. De toda a família do Pietro, foi o que mais esteve presente em nossas vidas. Os dois tinham pouca diferença de idade, Murilo era apenas um ano e meio mais velho do que o Pietro.

Ao contrário de Pietro, Murilo é mais descolado, de bem com a vida. Usa roupas despojadas e trabalha como Gerente de Vendas em uma concessionária da BMW. É tão alto quanto o Pietro era — só que diferente do irmão — tem o corpo atlético, frequentador assíduo de academias. Sua pele é bronzeada, seus cabelos e olhos são pretos. A maior diferença entre eles é o comportamento. Murilo não é tímido, muito pelo

NACIONAIS - ACHERON

contrário, tem fama de mulherengo. Pietro andava encurvado e usava uns óculos muito fortes, tirando toda sua atratividade. Murilo, por sua vez, é muito bonito e tem uma boa condição financeira, claro que não como a do Bryan, mas lhe garante uma fila de mulheres aos seus pés.

— Deixa me repetir a você, “meu”. A Beatrice está noiva. — Bryan pegou minha mão levantando o dedo com o anel. — Traduzindo... caso você ainda não tenha entendido, ela não está disponível. Isso quer dizer que não vai marcar “porra” nenhuma com você. Ficou claro? — Ele disse as palavras com um ar irônico no rosto e os dentes semicerrados.

Murilo levantou o canto dos lábios com meio sorriso, balançou a cabeça e respondeu:

— Não vou arrancar pedaço dela, Bryan. É esse seu nome, certo? Só quero saber como ela está e conversar, mas tudo bem. Você deve estar

NACIONAIS - ACHERON

nervoso com alguma coisa. — Virou para mim e continuou. — Vamos Trice, esperei muito tempo para ser atendido. Contento-me em ser apenas seu cliente, assim poderei confortar meus pais, estão preocupados, gostam muito de você.

Bryan puxou meu braço e sussurrou ao meu ouvido:

— Vamos até a sua sala agora, quero falar com você.

Abri um sorriso sem graça e disse:

— Murilo, você aguarde mais uns minutinhos. Desculpa-me, o trânsito estava impossível, vou só ajeitar a sala e já te atendo. — Mal terminei de falar e Bryan me empurrou em direção à sala. Murilo me olhou assustado e balançou a cabeça.

Mil coisas passaram pela minha cabeça, a caminho até a sala. Não sabia se gritava, se chorava, se batia ou se sumia. Cada vez mais Bryan

NACIONAIS - ACHERON

consegue colocar em questão o meu amor por ele. As atitudes de posse e o ciúme doentio estão acabando com a gente. Não tem um dia sequer em que não brigamos. Ele não pode achar normal. Quando eu o questiono, a resposta é sempre a mesma: “Você quem provoca”.

Entramos e Bryan trancou a porta e fechou as persianas. Sentei atrás da minha mesa, apoiei os cotovelos nela e coloquei o rosto entre as mãos. Não podia chorar, como eu atenderia o Murilo com o rosto inchado? Comecei a fazer o exercício de respiração – inspirar pelo nariz e expirar pela boca – várias vezes.

— Você não vai atender esse idiota, está me ouvindo Beatrice? — Levantei o rosto e encontrei olhos vermelhos e pupilas dilatadas a minha frente. Bryan estava fora de si. Respirava com dificuldade e andava de um lado para o outro na sala. Desesperei-me.

Permaneci com o exercício de respiração, abrindo e fechando as mãos e umedecendo os lábios. O nó na minha garganta estava me reprimindo. Engoli em seco.

— Bryan... Olha pra mim. Vou ligar agora para marcar uma sessão com a terapeuta. Você está me assustando, assim não vai dar, eu juro! Passei o dia te controlando, Bryan. Não é justo. — Respirei fundo. — Você tem ideia do que está fazendo comigo? Você chama isso de amor? De proteção? — Ele aproximou-se e colocou as palmas das mãos na mesa. Com o rosto perto do meu. — Está acabando com a minha vida. Eu não tenho mais liberdade para “merda” nenhuma. Isso não pode continuar. Ou você encontra uma maneira de se controlar, ou... — Suspirei — Você sabe.

— O QUE EU SEI BEATRICE? FALA “CARALHO”! — gritou e se afastou. — Vai começar as ameaças de novo? É só isso que você
NACIONAIS - ACHERON

sabe fazer, não é? Você não me ama “porra” nenhuma. Nem sei por que ainda está comigo. — Balançou a cabeça. — Claro que eu sei insistência minha. Qualquer um que chega aqui é mais importante do que eu em sua vida. Eu estou sempre ficando em segundo, terceiro, eu nem sei mais em qual posição estou. — Deu um murro no móvel que fica ao lado da minha mesa, fazendo minha bolsa cair. Pulei na cadeira, de susto.

Meu Deus, o que eu estou fazendo? O que aconteceu com a minha vida? Onde foi que eu me perdi? Estava tão tranquila, tudo dentro dos conformes. Por que isso agora? Onde eu estava com a cabeça quando decidi ceder ao Bryan? Somos muito diferentes, só vamos nos machucar.

— Toc... Toc... — Beatrice, está tudo bem?
— Ouvimos Murilo na porta.

— VÁ SE “FODER CARA...” ELA NÃO PODE TE ATENDER. PROCURE OUTRA NACIONAIS - ACHERON

EMPRESA — gritou Bryan, nervoso.

Rapidamente levantei-me e fui até a porta, abrindo-a. Dei de cara com o Murilo e o Yuri vindo ligeiro atrás. Ele conhece seu chefe, sabe que para o Bryan voar no pescoço do Murilo, não custa nada. Bryan chegou até mim, a passos largos. Colocou as mãos em meus ombros e me virou.

— Não terminei com você Beatrice. Não vire as costas pra mim.

Cerrei os dentes, estreitei os olhos e respondi:

— Tire as mãos de mim agora e saia da minha sala. Vou atender o meu cliente e você vai embora, entendeu Bryan?

Ele passou a língua pelos dentes superiores, levantou uma sobrancelha e disse:

— Está brincando com fogo, Beatrice. Não me desafie. Mande a “porra” do seu cunhado, ou seja, lá o que for que ele é seu, embora, ou... —

Sorriu debochando. — Não respondo por mim.

Desvencilhei-me dele, virando em direção à porta. Olhei para o Yuri e falei:

— Yuri, tire o seu chefe daqui agora, ou vou pedir para a Rebeca chamar a polícia. Ele passou dos limites.

— Calma Trice. Não faça nada que se arrependa depois. Eu vou embora, depois conversamos, quando os ânimos estiverem acalmados — disse Murilo e saiu.

Andei até minha mesa, peguei minha bolsa no chão, meu celular e as chaves do carro em cima do móvel e saí da sala. Não olhei para o Bryan, minha vontade era de gritar e sair correndo, nunca mais voltar ali. Fazer o tempo retornar e ter minha vida estável de volta, ao lado do Pietro.

— Vá atrás dela Yuri, não a deixe dirigir.
— Ouvi o Bryan dando ordens ao Yuri. Virei-me e trucei Yuri com meu olhar.

— Se tentar chegar perto de mim, você é quem vai pagar o pato. Então não se atreva. —
Continuei caminhando até a saída.

Bryan vendo que eu não obedeceria ao Yuri correu até mim e tentou tirar as chaves da minha mão. Impulsivamente virei-me e dei um tapa no rosto dele. Minha mão chegou a arder.

— Me deixe em paz! Suma da minha vida!
— disse, entre soluços. Meus olhos eram duas poças d'água. — Entrei no elevador e desabei. Encostei-me ao espelho e descí, até estar sentada no chão, com o rosto entre as mãos. Minha boca estava seca, o coração disparado, as mãos suando, o corpo tremendo de calafrios e a respiração completamente descontrolada. De repente, tudo ficou muito escuro...

Capítulo 24 – Escolhendo um lado

ADEMIR ESTAVA SENTANDO DIANTE DE SUA MESA, com o braço apoiado nela, enquanto percorria – com os olhos – às notícias, nas páginas da internet. Ouviu alguém se aproximar e se preparou para o próximo depoimento. Estava a um passo de passar a bola, mesmo contra tudo o que acreditava. Ele nunca havia desistido, mas o que estava em jogo era sua reputação e cada vez mais aquele caso cheirava mal.

— Toc-Toc... — Posso entrar? — perguntou Marcelo, com um sorriso no rosto.

Ademir levantou-se, educadamente, e pediu que Marcelo se acomodasse na cadeira à frente de sua mesa. *“Esse pelo menos parece simpático, diferente de quase todos os ricos, arrogantes, que tive que engolir.”*

— Vamos lá detetive, em que posso ajudá-

lo? — iniciou Marcelo.

— Bom... que tal pelo começo? — Riu, desconcertado.

Marcelo abriu o botão do paletó, colocou as mãos nos bolsos da calça e o pé em cima do joelho, ficando totalmente à vontade. Sua postura não mostrava nenhuma insegurança.

O detetive o analisava, tentando encontrar algum traço de culpa. A maioria dos que tinham um envolvimento — maior — com as vítimas, ficava com uma postura defensiva.

— Que tal me contar sobre o seu envolvimento com o senhor Bryan. Quanto tempo trabalhou para ele? Como é tê-lo como chefe? — Recostou-se e aguardou pelas informações.

Marcelo expôs com detalhes o relacionamento com o Bryan. Em nenhum momento mostrou desconforto, nem descontentamento, pelo tempo trabalhado na NACIONAIS - ACHERON

empresa.

— Por que então não trabalha mais com ele, senhor Marcelo? — questionou, intrigado. Se estava feliz e não tinha do que reclamar, não havia motivo para estar fora. Segundo ele, além do relacionamento profissional, tinha um relacionamento pessoal com o Bryan.

Nesse momento Ademir percebeu que Marcelo sentiu-se incomodado. Uma pista talvez? O que teria acontecido?

Marcelo mudou a postura na cadeira, e sua expressão fechou-se.

— Ele e o Nestor brigaram, e no fim das contas eu tive que escolher um lado. — Suspirou. — Nestor precisava de mim. — Balançou a cabeça e baixou os olhos.

Nestor... Hum... Algo me diz que é por esse caminho que tenho que seguir — pensou Ademir.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 25 – Agora ou Nunca

ATÔNITO, PARADO NO MEIO DA RECEPÇÃO, do escritório da Beatrice, não sabia o que mais doía – o tapa ou as palavras que saíram da boca de Beatrice. Rebeca e Yuri estavam à minha frente, com os olhos arregalados. Sem saber como agir. Passei as mãos nos cabelos, olhei para o Yuri e disse:

— Não fique aí parado, vá atrás dela. Já que ela vai dirigir, tem que garantir que chegará inteira em casa. — “Porra... porra... porra...” — resmunguei. Yuri saiu e pegou o elevador.

Não demorou muito para o meu celular vibrar no bolso. Quando vi que era o Yuri gelei.

— O que foi Yuri? Não vai me dizer que ela te passou a perna de novo. Vou começar a questionar o seu trabalho. — Passei a mão na testa e sentei-me no sofá. Rebeca, atenciosa, me trouxe

um copo com água. Antes mesmo de eu dar a primeira golada Yuri me enfiou uma estaca no coração.

— Senhor Bryan, cheguei à garagem e estava um amontoado de pessoas na porta do elevador ao lado. Quando me aproximei para ver do que se tratava, Beatrice estava estirada no chão.

O copo caiu da minha mão, molhando minha calça. Dei um salto do sofá e saí em disparada ao elevador.

— O que aconteceu senhor Bryan? — perguntou Rebeca. Gesticulei que explicaria depois.

— Não “fode” comigo, Yuri. Que “porraaaaaa”... Por que não entrou com ela no elevador? Ficou olhando com cara de nada pra mim e a deixou sozinha. Onde ela está?

— Desculpe-se senhor Bryan... Fiquei preocupado com o senhor... — Suspirou. — Ela está sendo colocada dentro do carro do SAMU. Os NACIONAIS - ACHERON

seguranças pediram socorro.

— Não deixe eles saírem antes de eu chegar aí. Estou entrando agora no elevador, você entendeu Yuri? Veja se consegue cumprir seu trabalho direito, por favor!

— Sim senhor. Vou assegurar que esperem o senhor chegar.

Como eu puder agir daquela maneira com a Beatrice? *Como eu sou burro, estou cansado de saber que ela tem crises de pânico.* Ela nunca vai confiar em mim. *Por que não consigo me controlar? O que está acontecendo comigo?* Será que ela tem razão, tenho que buscar ajuda? Ou não? É tudo baboseira que os psicólogos falam, ficam querendo fazer lavagem cerebral e a verdade nua e crua só vemos no dia a dia. *O que acontecia com o marido dela? Ele era cego?* Os homens ficam bestificados ao lado de Beatrice. Eu perco a razão. Quando penso que estou livre, aparece outro. Só

NACIONAIS - ACHERON

tem homens na vida dela?

Desci do elevador, afastando as pessoas do meu caminho. Aproximei-me do carro do SAMU e a vi deitada na maca. Os olhos inchados e as lágrimas escorrendo pelos cantos deles. Não esperei autorização, subi no carro e sentei-me ao lado dela, pegando em sua mão. Ela virou o rosto para o canto, e puxou a mão, assim que me viu. Já tinham medido a pressão dela e a colocado no soro. Abaixei-me e encostei os lábios em seu ouvido, dizendo:

— Não faz isso comigo, por favor. — Peguei sua mão novamente e a beijei. Estava gelada, mesmo com o clima quente de verão. Naquele momento percebi o quanto de mal estava fazendo a ela. O mais certo, seria eu me afastar e procurar ajuda. Meu egoísmo me impediu. Não consigo pensar nela e sim o quanto eu sofreria sem ela. Por mais que eu tente, eu tenho certeza de que

NACIONAIS - ACHERON

não sobreviveria. Beatrice passou a ser o ar que eu respiro.

— Não quero ir para um hospital... Por favor, me tira daqui — murmurou. Levantei-me e saí a procura do responsável. Expliquei a ele o problema dela e que podia deixá-la sobre minha responsabilidade. Precisei assinar um termo para liberá-la. Depois de uns minutos, já estávamos dentro do meu carro, contra a vontade dela. Ela queria, por toda a lei, dirigir, ou que o Yuri a levasse, ou seja, não me queria. Eu nem podia reclamar, tinha toda razão para agir daquela maneira.

O silêncio dentro do carro era perturbador. Eu apertava as mãos no volante a ponto de as juntas dos dedos ficarem esbranquiçadas. Beatrice permaneceu com o rosto virado para a janela,

durante todo o caminho. Cruzou as mãos no colo e lágrimas pingavam de seus olhos. Meu coração ficou do tamanho de uma ervilha. Eu sempre estrago tudo. No dia em que ela se declarou e me deu um anel de noivado, desculpou-se – eu aprontei –, mais uma vez. Estamos sempre começando do zero, quiçá do negativo. Às vezes eu tenho a impressão de que o nosso relacionamento está se desgastando, antes mesmo de se firmar. Não da minha parte, é claro. Eu não consigo fazer com que Beatrice entenda os meus sentimentos e quando está quase subindo um degrau, aparece outro idiota para me tirar a razão.

Embiquei o carro na garagem do prédio dela e aguardei para que ela abrisse o portão. Ela olhou para mim e disse:

— O que está fazendo, Bryan? — franziu a testa.

— Como assim o que estou fazendo?

Esperando você abrir o portão para eu entrar na garagem. — Encarei-a.

— Você é “burro” ou se faz? Não ouviu o que eu disse? Não quero você perto de mim. — Colocou a mão na fechadura para sair e não conseguiu. Evidente que eu não arriscaria deixá-la destravada. Eu sabia que seria difícil de ela permitir minha entrada, porém, estava disposto a tudo. Usaria todas as ferramentas necessárias. Só de pensar, ela dormindo no mesmo ambiente que os dois pervertidos, meus nervos endureciam. Eu não poderia revelar isso a ela, senão me daria outro tapa. Aliás, era o segundo, *e que mão ardida!* Precisaria recuar para poder avançar novamente. *“Recuar... Só se for para pegar impulso.”* Continuei encarando-a, pensativo.

— Só quero deixar você dentro de casa, assim que estiver segura, vou embora. Não se preocupe. — Óbvio que eu blefava.

Beatrice mordeu os lábios e fitou-me, absorta. Sua mão continuava na fechadura e a outra ela passava na perna, ansiosa. Eu sabia que dentro dela estava um tumulto, eu vinha contribuindo para que ficasse cada vez mais confusa. *Entretanto, que culpa eu tenho se tudo o que eu mais quero é ela, sem dividi-la?* Após uns segundos ela suspirou e acionou o controle, abrindo o portão da garagem.

Logo que abrimos a porta, Aninha veio até nós, parou e ficou indecisa se pulava no meu pescoço ou no da tia. Fiz um gesto, com a cabeça, para ela ir primeiro abraçar a tia. Beatrice mudou completamente a postura, no momento em que sua sobrinha a encheu de beijos e abraços. Abriu um lindo sorriso e abaixou-se para dar a devida atenção a Aninha. Cumprimentei Polyana e Ethan, que estavam no sofá, e após, Aninha pulou em meu pescoço, fazendo o mesmo que havia feito com a

tia. Os dias em que Beatrice ficou no meu apartamento, Aninha a visitou praticamente todos os dias, isso fez com que ela se apegasse a mim.

— Lindinha, está tudo bem? Estou te achando abatida — indagou o Ethan. Endureci o maxilar e me preparei para uma resposta, porém, quando olhei para a Beatrice, desisti. Ela me fuzilou, com o olhar.

— Está sim, Ethan — falou, juntando as coisas que deixara no chão para dar atenção à criança. Arrumou a postura, virou-se para mim. — Muito obrigada, Bryan — informou — estou segura, pode ir. — Levantou o queixo, me encarando.

Polyana e Ethan olharam-se, desconfiados. Estreitei os olhos, passei as mãos nos cabelos e solicitei:

— Podemos conversar? Um minuto? — Aguardei, apertando os lábios com os dedos.

— Titio, “voxe vai cajar” com a titia? — perguntou Aninha, segurando em minhas pernas.

A pergunta pegou Beatrice de surpresa. Ela arregalou os olhos, abaixou-se novamente, ajeitou os cabelos da sobrinha e perguntou:

— De onde você tirou isso, querida? — Beijou a testa dela.

— A vovó que “dixe”... — Virou as mãozinhas para cima. — Falou que o titio “precisa pender voxe”.

Fiquei sem reação. Os nervos do meu corpo endureceram. Continuei apertando os lábios, com os dedos, esperando para ver onde aquela maldita conversa daria, com toda a certeza não terminaria bem.

— Há... Há... Há! Essa foi boa... Essa é a Paola que eu conheço, matou a charada na hora! — Ethan disse e bateu a mão no sofá.

Beatrice levantou-se, encarou o Ethan,
NACIONAIS - ACHERON

séria.

— Não vi a menor graça nisso, Ethan. Minha mãe fica se metendo onde não deve. Não devo satisfação da minha vida a ela. — Bufou. — Não meu amor, a titia não vai casar com o Bryan. A vovó não devia ficar enchendo sua cabecinha com asneiras.

Resolvi fazer alguma coisa, não podia assistir de camarote minha derrota. Agachei-me, trouxe Aninha próxima de mim e baguncei seu cabelo, fazendo-a sorrir.

— Princesa, presta atenção no que o titio vai te falar. Tudo o que mais o titio quer é casar com a titia, mas, não é como a vovó disse. — Sorri e inclinei a cabeça. — A mamãe não protege você e te ama? — Ela concordou com a cabeça. — Então, o titio quer fazer o mesmo com a titia, ele a ama muito e a quer com ele, o tempo todo, para protegê-la. — Levantei o queixinho dela e beijei a ponta do

NACIONAIS - ACHERON

seu nariz. — E para isso o titio precisa casar-se com ela. De vez em quando a mamãe fala para você que não pode, porque vai te machucar e mesmo assim você faz? — Novamente ela balançou a cabeça. — Pois é, a titia é bem teimosinha, o titio vive dizendo para ela não fazer e ela não dá muito ouvidos. — Franzi a testa e olhei para os três. Estavam estarecidos, vidrados na cena. — Entendeu bonequinha linda? Sabia que você se parece bastante com a titia? — Ela me abraçou e beijou minha face.

— Eu “quelo que voxe caje” com a titia.

— Pode deixar, o titio vai fazer o possível e o impossível para que isso aconteça. — Coloquei seu cabelo para trás e apertei suas costelas, ela começou a rir – com vontade. Rapidamente o clima pesado se desfez. — Vai com a mamãe que o titio precisa convencer sua tia a casar-se com ele. — Levantei-me e olhei para a Beatrice. Ela tinha

amolecido, porém, arrumou a postura e limpou a garganta.

— Um minuto Bryan, é esse o tempo que você tem. — Levantou o indicador, virou-se e caminhou até o seu quarto. Não perdi tempo, fui atrás.

Entramos e tranquei a porta. Beatrice foi para o *closet*. Tive vontade de segui-la, mas, me contive. Mais uma vez eu estava andando na corda bamba. *Quando vou aprender a lidar com essa garota?* Não é simples. Por mais que eu tenha dez anos a mais do que ela, e muito mais experiência, Beatrice consegue me desequilibrar. Encostei-me à porta e cruzei os braços, aguardando. Não demorou muito para ela aparecer, com um moletom, camiseta, cabelos presos em um coque e descalça. Sentou-se na beirada da cama, respirou fundo e me examinou.

— Sou toda ouvidos, Bryan. Não demore, o
NACIONAIS - ACHERON

tempo está correndo. Estou cansada, preciso de um banho. — Abaixou a cabeça e cruzou os dedos no colo.

Caminhei até ela, tirei o paletó e a gravata e coloquei-os na cama. Ajoelhei-me em sua frente, entre suas pernas, e coloquei seu rosto entre minhas mãos.

— Podemos tomar banho antes, assim descarregamos as energias, não seria melhor? — Sorri, timidamente.

— Você acha que vai ser fácil, dessa vez, Bryan? Doce ilusão a sua. Sua conversinha mole só convence uma criança. O que você fez hoje não tem perdão. — Apertou os lábios. — Tem noção do quanto me assustou? — Balançou a cabeça. — Do que estava me protegendo com aquela atitude descontrolada? Seus olhos soltavam faíscas, Bryan. — Tentou levantar-se, segurei-a.

— Tudo bem, eu admito que passei dos
NACIONAIS - ACHERON

limites, mas... — Puxei o ar entre os dentes, cerrados. — Beatrice quando vai parar de aparecer concorrentes? O “cara” chegou dizendo que estava atrasado, te abraçou te enchendo de beijos. Como você queria que eu reagisse? — Soltei um suspiro dramático. — Tem noção do meu amor por você? Não posso imaginar outra pessoa te tocando, eu surto. — Juntei nossos corpos, com as mãos em suas costas, e enterrei o rosto em seu pescoço.

Beatrice permaneceu com as mãos apoiadas no colchão, sem me abraçar. Seu corpo estava rígido. Passei a beijar seu pescoço e subi a mão em suas costas, por dentro da camiseta. Ela não impediu, mas não reagiu.

— Me perdoa, por favor, me deixa dormir aqui com você. Prometo que não vou avançar o sinal. Só quero ficar com você, sentir seu corpo no meu. — Funguei em seu pescoço. — Seu cheiro é meu combustível. — Afastei a camiseta de seu

NACIONAIS - ACHERON

ombro e salpiquei vários beijos. — Minha menina, me deixa cuidar de você, por favor.

— Você ainda não me respondeu, Bryan. Se você quer me proteger, que tipo de proteção foi a de hoje? Eu desconheço, entrei em pânico — disse, com a voz embargada. Uma lágrima escorreu em sua face.

Ela estava irredutível, eu precisava encontrar um argumento sólido, caso contrário estaria perdido. Apertei-a em meu corpo e continuei com a cabeça em seu pescoço.

— Você teria coragem de chamar a polícia?
— Levantei a cabeça e a encarei. Ela balançou a cabeça, confirmando. — Está vendo, Beatrice, é disso que estou falando. Você não confia em mim, estou sempre inseguro ao seu lado. Fico achando que te perderei a qualquer momento, ajo como um louco, eu não sou assim, Beatrice.

— Ah, e atitudes como a de hoje vão me
NACIONAIS - ACHERON

fazer confiar em você, Bryan? — Soluçou. — Como eu gostaria que fosse diferente, que pudéssemos ser um casal normal. — Passou as costas das mãos no rosto. — Seu ciúme descompensado e sua posse estão acabando comigo. — Acariciei sua face com a ponta dos dedos e beijei de leve seu lábio. O gosto salgado das lágrimas fez meu coração apertar-se. *Eu tenho o dom de magoá-la.*

— Me diz como eu posso consertar o que eu fiz hoje, por favor, não desista de mim. Seja a minha guia. — Encostei a testa a dela e fixamos nosso olhar, um no outro.

Beatrice riu, sem vontade.

— Quantas vezes mais teremos essa conversa? Já pensou que essa não é a primeira vez que me diz isso, Bryan? — Umedeceu os lábios. — Eu sabia, desde o momento em que me ofereceu a sala para eu montar o escritório, que seria assim. O

erro foi meu, não deveria ter aceitado. — Suspirou, desviando o olhar. — Todos os clientes que você achar que quer alguma coisa comigo, você vai agir dessa maneira, Bryan. — Me encarou, novamente. — Você já estava nervoso antes de entrarmos no meu escritório, descontou no coitado do Murilo.

— Coitado? Você está falando sério? A culpa é toda minha? “Vai tirar o dele da reta?” — protestei, sem acreditar.

— E, não é? — Levantou uma sobrancelha. — Ele agiu comigo como sempre fez, nunca houve maldade. Ele foi muito presente em nossas vidas, Pietro confiava muito nele. — Soltei um gemido de frustração e revirei os olhos.

— Eu sei lá o que passava na cabeça do seu ex-marido. O “cara” era cego, só pode. É cada coisa que eu ouço. Tss-tss. — Balancei a cabeça.

Beatrice fechou a cara, baixou a cabeça e disse:

— Agora você já pode ir não se preocupe, não vou fugir. Só não quero você muito perto. Estou muito chateada, preciso pensar no que vale a pena.

Um calafrio passou pela minha espinha. *Como assim? Pensar no que vale a pena? Não posso deixá-la pensar em nada, só se eu estiver maluco. Não saio daqui nem a força. Preciso encontrar uma maneira de desarmá-la.*

Abaixei-me e coloquei o rosto em sua barriga. Abracei-a com força, ela chegou a gemer.

— Eu imploro... — Levantei a cabeça e olhei em seus olhos. — Por favor, não faz isso comigo. Deixa-me ficar, se eu for embora não vou dormir a noite toda e amanhã preciso resolver um monte de “pepino”, no escritório. — Quando ela foi falar, impedi, colocando o indicador em seus lábios. — Eu te amo mais que tudo, por favor, tenta se colocar no meu lugar, só um pouquinho. —

Aproximei o indicador do polegar para mostrar quanto.

Beijei o pescoço da minha menina e ela encolheu-se, funguei atrás da sua orelha e trouxe seu corpo mais próximo do meu. Completamente nus, pude sentir seu corpo arrepiar-se. Eu custava acreditar que eu a tinha convencido à minha permanência. Tomamos um banho relaxante, sem muito falar. Beatrice deixou claro que não queria que eu avançasse o sinal. Passei a noite me controlando, não foi fácil. *Agora pela manhã, não vou conseguir, meu “pau” está a ponto de bala.* Como resistir a um corpo quente, macio, cheiroso, delicioso e da mulher que você ama, junto ao seu?

Minha ereção cutucou a bunda maravilhosa de Beatrice, ela não recusou – muito pelo contrário, empinou e facilitou minhas investidas. Abri um sorriso maroto e continuei. Estávamos deitados de

conchinha, como Beatrice gosta – ela deitada sobre meu braço. Abracei-a e chegando aos seios, apertei de leve o bico, de imediato ele endureceu, repeti o movimento no outro. Beatrice soltou um gemido de satisfação e eu soube que a batalha estava vencida.

— Bom dia minha menina. — Beije novamente o seu pescoço. — Acordar todos os dias assim é minha meta de vida. — Passei a língua pelo lóbulo de sua orelha. — Você gosta? Hum?

— Aham... aham... — murmurou.

— Está em suas mãos, é só dizer sim — sussurrei, com os lábios grudados em sua orelha. — O que me diz? — Rocei os dentes pelo ombro macio dela. Desci a mão pelo abdômen, chegando até suas coxas. Com as pontas dos dedos toquei a virilha, provocando um estremecer em seu corpo.

— Bryan... você quer tornar as coisas simples... — Bocejou e remexeu-se, tentando

NACIONAIS - ACHERON

levantar.

— É simples deliciosa, você é quem complica... — Me coloquei sobre ela e comecei a explorar seu corpo, cobrindo-o de beijos e mordidinhas, fazendo os batimentos cardíacos dela acelerarem. Beatrice estava entregue, poderia fazer o que eu quisesse. Foi nesse momento que ouvimos gritinhos na porta.

— Titia... titia... “voxe não vai levantar? Quello deitar com voxe”!

“Putá que pariu – agora fodeu”! Como vou abrir a porta com a “barraca armada”? Levantei-me, ligeiro e corri para o banheiro.

— Um minuto querida... a titia já abre. — Beatrice foi até o *closet* e vestiu, rapidamente, o moletom e camiseta do dia anterior.

Estávamos todos na cozinha, tomando café da manhã. Polyana e Aninha dormiram no

apartamento de Beatrice, para ajudar o Ethan – o que para mim foi ótimo –, assim não precisei me estressar com o idiota do Ethan, porém, perdi meu sexo manhoso da manhã.

— Vamos Beatrice, preciso passar em casa para trocar de roupa — disse, colocando a xícara de café na lava-louças. Peguei o paletó e coloquei no braço. Olhei para Beatrice e continuava sentada, conversando com sua irmã, como se eu não tivesse dito nada. Aproximei-me, afastei seu cabelo e sussurrei ao seu ouvido. — Vamos gostosinha, não posso me atrasar. — Salpiquei um beijo em seu pescoço. Ela encolheu o ombro, olhou para mim e abriu um lindo sorriso. Meu coração deu pulos de alegria. *Acho que consegui amenizar a situação. Uffa!*

— Bom dia Carol, tudo bem? — A

expressão da minha assistente não estava boa. Algo tinha acontecido.

— Bom dia senhor Bryan. — Engoliu em seco. — Precisamos conversar... — Abaixou a cabeça. — Pode ser agora?

— Claro... me acompanhe. — Caminhei até minha sala, coloquei o paletó nas costas da cadeira, celular na mesa e me acomodei. Carol se ajeitou a minha frente, assustada. Sua linguagem corporal não estava nada boa. Espremia as mãos no colo e se remexia, inquieta.

— O que aconteceu, Carol? Estou ficando preocupado. — Franzi a testa, apoiei os cotovelos na mesa e cruzei os dedos.

— Senhor Bryan... — Limpou a garganta. — Ontem depois que o senhor saiu, o “escritório pegou fogo”. — Balançou a cabeça. — O senhor Nestor me despediu. — Uma lágrima escorreu pelo canto do seu olho, ela imediatamente limpou – se

desculpando. — Ainda bem que o senhor chegou antes que ele. Ele disse que hoje não era para eu vir trabalhar, ir direto ao “RH”, que ele explicaria ao senhor minha incompetência.

Nestor despediu a Carol? Que “porra” é essa? Preciso ficar mais tempo por aqui, senão, Nestor vai acabar fazendo uma besteira das grandes.

— Carol, me explica isso direito, por favor. O que aconteceu de tão grave para ele te despedir?

Carol respirou fundo e começou a expor toda a situação, com detalhes. Pelo teor da conversa, achei melhor trancar a porta e acionar as persianas. Conforme ela desenrolava a história, minha cabeça foi ficando um turbilhão. *Eu sou o CEO, preciso mostrar segurança e solucionar da maneira mais racional possível.*

Logo que eu saí para almoçar com a Beatrice, um cliente – de grande potencial – ligou

NACIONAIS - ACHERON

completamente alterado, querendo falar somente comigo. Como eu não estava a Carol procurou entendê-lo – para poder ajudá-lo. Era mais uma reclamação de materiais inferiores ao contrato. O cliente está com o casamento marcado para o sábado, não tem tempo hábil para trocar o acabamento de seu imóvel. Carol pediu a ele algumas horas para entender o que tinha acontecido. Tentou me ligar no celular, porém, o dia não tinha sido bom para mim e mediante aos acontecimentos, eu havia esquecido o celular dentro do carro.

— Certo Carol... e o que você fez? —
Gesticulei, para que continuasse.

Minha assistente correu na pasta do cliente para conferir as notas fiscais, como era de se imaginar, os materiais estavam corretos. Como tentou várias vezes contato comigo e não conseguiu, ligou ao fornecedor. A resposta dele foi
NACIONAIS - ACHERON

a mesma: “Verifique com o Nestor, ele está ciente.”
Sem opção, ela foi até o Nestor.

— Senhor Bryan... — Respirou fundo. —
Eu juro que fui supereducada. Perguntei se ele
estava sabendo algo sobre o assunto. — Arrumou
os cabelos atrás da orelha. — Ele tomou os papéis
da minha mão e começou a gritar comigo. —
Puxou o ar dos pulmões. — Disse que eu era uma
intrometida, que eu estava achando que por ser sua
assistente eu poderia me meter em tudo.

Passei as mãos pela barba e fechei os olhos,
com força. Buscando soluções. Não poderia
simplesmente levantar-me ir à sala dele e dar um
chute em sua bunda, precisava que algum
fornecedor comprovasse. Precisava de provas.

— Carol... — Suspirei. — Continue... não
foi só por isso que ele te despediu.

Ela negou com a cabeça. Segundo a Carol,
no momento em que ele estava gritando com ela,
NACIONAIS - ACHERON

para que deixasse que ele resolvesse, o Deputado Cristóvão chegou. Ela cumprimentou-o e perguntou sobre o que se tratava, até porque era minha instrução que fizesse isso. O deputado a colocou a par. Disse que estávamos participando de uma licitação de umas casas populares, que seriam construídas pela prefeitura. *Então por que ele estava no meu escritório? Se a licitação é da prefeitura e ele é um Deputado Estadual?*

— Então senhor Bryan, saí da sala e percebi que tinha um problema maior para resolver. Fui até a assistente do senhor Nestor e pedi que me colocasse a par do assunto, das casas populares, pois eram ordens do senhor. Como o senhor Nestor estava conversando com o deputado, ela me esclareceu.

A assistente do Nestor disse à Carol que o deputado tinha informações privilegiadas dos outros orçamentos e informava o Nestor, para que o

NACIONAIS - ACHERON

nosso fosse melhor. Em troca, Nestor usaria os serviços de sua empreiteira. Já tinham feito contado com alguns fornecedores, e é claro que superfaturariam as notas fiscais.

A tensão tomou conta do meu corpo. Massageei as têmporas, com olhos fechados. Um abismo se formou dentro de mim. *Tantos anos trabalhando juntos, desde quando será que ele faz as coisas pelas minhas costas?* Pedi a Carol que continuasse.

— Assim que o deputado saiu, voltei à sala do senhor Nestor. Pedi orientação de como eu deveria proceder com o cliente, que estava ligando a cada meia hora, desesperado. — Outra lágrima caiu dos seus olhos. — Foi quando a senhorita Alicia entrou na sala dele, passada. Olhou para mim e disse: “Essazinha deve saber as tramoias que o chefe dela apronta.” Fiquei sem entender, senhor Bryan. — Limpou o rosto, com as costas das mãos.

Alicia tinha sido contatada pelo meu advogado e recebido a gravação. Ela entrou na sala do Nestor para contar ao irmão e, como a Carol estava lá, descontou nela. Começou a agredi-la verbalmente e a Carol, como estava sob pressão, perdeu o controle. Disse ao Nestor que sabia das falcatruas dele com os fornecedores, e com o deputado, e que me colocaria a par de tudo. Foi nesse momento que ele a despediu.

Fiquei pensativo, por uns instantes, o lado de dentro das minhas bochechas estavam sendo assassinadas por meus dentes. Minhas pernas não conseguiam parar quietas. Era chegado o momento do confronto, não daria mais para protelar. Se eu não fizesse nada, naquele momento, as consequências poderiam ser irreversíveis. Levantei-me e comecei a andar pela sala, passando as mãos pelos cabelos, praticamente arrancando-os. Carol controlava-se, a minha frente, sem saber ao certo o

NACIONAIS - ACHERON

que estava passando pela minha cabeça.

— Tudo bem, Carol. Fique calma... — disse aquelas palavras mais para mim do que para ela. — Volte ao seu posto de trabalho e deixe que eu resolva toda essa confusão. Muito obrigada pela sua dedicação e fidelidade.

Ela levantou-se e quando ia sair, voltou e disse:

— Outra coisa, senhor Bryan. Conversei com o chefe do departamento financeiro e ele me disse que o deputado está intermediando uma negociação com o “BNDS”. O senhor Nestor está solicitando verba para a construção das casas populares. Acho que o senhor deveria verificar de perto, sabe que se ele estiver com caixa dois na empresa, o mais prejudicado será o senhor né?

Mas que “PORRA o cara” está decidido a “foder” de vez com a minha vida. O que ele pensa que está fazendo? Nunca precisamos recorrer a
NACIONAIS - ACHERON

dinheiro do governo. “Putá que pariu”!

Balancei a cabeça e fui até a porta para abri-la. A porta foi aberta e demos de cara com as duas pessoas que estavam causando todo aquele transtorno na minha empresa, e principalmente na minha vida: Nestor e Alicia.

— O que pensa que está fazendo, Carol. Eu disse para você ir direto ao “RH” — disse Nestor, com a testa franzida.

Carol olhou para mim, com os olhos arregalados. Fiz um sinal com a cabeça, para que fosse ao seu posto de trabalho. Suspirei, arrumei a postura e fiz um gesto para que os irmãos entrassem em minha sala. *É agora ou nunca!*

Capítulo 26 – Me Ajuda

A RECEPÇÃO ESTAVA EM ABSOLUTO SILÊNCIO, vasculhei o ambiente a procura de Rebeca e Yuri e nada. Verifiquei as horas no meu relógio de pulso e confirmei que já deveriam estar ali. *Onde se meteram aqueles dois?*

Em poucos passos eu estava na copa e recuei um passo, quando me deparei com a cena. Rebeca apoiada na pia, enquanto Yuri se apertava nela e a beijava – com ímpeto. *Que descuido desses dois. Imagine se fosse o Bryan que tivesse visto isso? Caramba, ele não admite relacionamentos na empresa. Vou ter que conversar com esses dois, se o Bryan sonhar, demiti o Yuri na hora.*

Encostei-me ao batente da porta e limpei a garganta. De súbito, Rebeca arregalou os olhos e empurrou o Yuri. Baixou a cabeça e arrumou a saia.

— Ai... Desculpe-me Beatrice. Não deveria ter deixado isso acontecer — disse Rebeca.

Yuri ficou todo desconcertado, sem fala. O rosto dos dois “pegava fogo”. Não conseguiam olhar dentro dos meus olhos.

— Olha só... vocês vacilaram — arqueei as sobrancelhas. — Deem por felizes por não ter sido o Bryan no meu lugar, senão o Yuri já estaria demitido. — Yuri foi defender-se, levantei a mão, parando-o. — Não vou falar nada a ele, porém, sejam mais cuidadosos. Aqui dentro não quero mais esse comportamento. Não vou me opor a um relacionamento entre vocês, desde que não interfira no trabalho, principalmente no seu, Rebeca. — Cruzei os braços e aguardei.

— Pode deixar Beatrice, não vai mais acontecer — disse Rebeca e olhou ao Yuri, pedindo confirmação. O mesmo assentiu com a cabeça e saiu.

Desde o dia em que Rebeca entrou em minha sala na defesa de Yuri, desconfiei que houvesse se encantado por ele. Os dois formam um lindo casal, ela loira e ele moreno jambo.

Acomodada em minha sala, liguei o computador e iniciei a verificação dos e-mails. Li alguns, dois necessitavam de uma atenção maior, um do Rodrigo e outro do Murilo. Bufe e pensei:

— *Vamos lá Beatrice, e que comece o dia.*

— Rebeca, pode, por favor, ligar para a Rita e me passar à ligação? — disse, pelo telefone interno.

Prontamente Rebeca seguiu minha instrução e Rita estava na linha. Ela estava concluindo a última loja do Rodrigo. Ele queria uma reunião para finalizar o processo. Liguei para ela me passar com detalhes o que havia feito, apesar de receber relatórios diários, é importante não deixarmos nada

para trás. Rodrigo está arisco, faz alguns dias que não nos falamos. Tenho evitado ao máximo contato. Bryan surta cada vez que eu me aproximo dele, e o que aconteceu em Ilha Bela, me deixou envergonhada. Eu nunca poderia ter cedido daquela forma. Além de provocar uma histeria em Bryan, acabei usando Rodrigo. Não foi legal da minha parte.

— Ele deu um “feedback” a você Rita? — perguntei.

— Ele fala pouco comigo, Beatrice. Quase não cruzo com ele nas lojas, sempre que preciso passar alguma informação, marco no escritório ou envio um e-mail.

Engraçado, quando eu estava fazendo o trabalho de campo, ele fazia questão de estar na loja em que eu estava.

— Vou marcar uma reunião para finalizarmos. Pode ser para amanhã, logo cedo? Ele

NACIONAIS - ACHERON

enviou um e-mail dizendo que está na capital e que retorna amanhã à tarde para Santos.

Deixamos a reunião agendada para o dia seguinte, no período da manhã, e já comecei a pensar em como falar para o Bryan. Sim, porque se eu não o avisasse, faria como da última vez. *Eu não concordo nem um pouco com a maneira de agir do Bryan, só que... Não consigo viver sem ele! Tentarei de todas as formas fazer dar certo. Agora é a vez de Murilo.* – Pensei.

Estava protelando para entrar em contato com o Murilo. Bryan passou dos limites com ele. O meu constrangimento está em nível ressaltado, fico imaginando o que foi que ele disse à sua família. *Meu Deus! Eles conhecem meu passado e sabem o quanto Pietro dedicou-se para me proteger. Devem estar me odiando, achando que eu gosto de sofrer e não valorizo nada do que Pietro fez por mim.* Decidi tomar uma atitude para reverter a situação.

— Olá Murilo, tudo bem com você? Pode falar comigo agora ou prefere que eu retorne em outro horário? — disse, forçando uma voz divertida.

— Trice? Nossa... você ligou! Que bom, estava superpreocupado. Achei que o seu noivo não deixaria. — Riu.

— Desculpe-me Murilo, o Bryan não estava em um bom dia e acabou descontando em você — disse, com um tom de voz mais baixo.

— Não me pareceu isso não, Beatrice. Na verdade, eu fiquei bem propenso a voltar e te tirar de lá. Acho que o Pietro está se remexendo no caixão.

Senti um calafrio e a minha boca secou no mesmo instante. Engoli em seco. *Como eu imaginava, ele está pensando o pior. Preciso encontrar uma maneira de consertar isso.*

— Bryan te passou uma péssima impressão,
NACIONAIS - ACHERON

eu sei Murilo. Porém, apesar de não parecer — nenhum pouquinho —, ele me protege tanto quanto o Pietro. E me ama também. — Suspirei. — Só que tem um ciúme desmedido, acaba surtando por conta disso. — Ri, aliviando a tensão. — Vamos almoçar hoje? Assim podemos colocar o papo em dia e tratar de negócios. O que acha?

— E o seu noivo? Vai surtar e criar uma cena dentro do restaurante? Não estou a fim de passar vergonha não. Se ele fizer aquilo de novo, não sei se me contenho.

Puxei o ar com força, fechei os olhos e passei a mão na testa. *Pois é... E o Bryan? O que eu faço com ele? Não adiantou de nada eu ameaçá-lo ontem, ele fez que fez, até eu ceder.*

— Não se preocupe Murilo. Como eu disse, ele não é daquele jeito. Converso com ele antes. Podemos marcar, então?

— Tudo bem. Vou confiar em você. Nós

NACIONAIS - ACHERON

precisamos mesmo conversar, meus pais ficaram apavorados.

Despedimo-nos e deixamos marcado para almoçarmos. *Agora tenho dois problemas – Rodrigo e Murilo. Preciso ligar para o Bryan e avisá-lo.* Ao invés de ligar, decidi enviar uma mensagem:

“Oi meu menino, já estou sentindo sua falta! Adorei acordar em seus braços. Hoje vou almoçar com o Murilo. Só para te avisar. Não liguei para não te atrapalhar. Te amo! Beatrice.”

Tentei parecer o mais natural possível, na mensagem, quem sabe ele perceba o quanto é normal eu almoçar com um cliente. *Assim eu espero!*

Aguardei uns minutos, tinha certeza de que assim que ele visse a mensagem, pegaria o elevador

e entraria como um furacão em minha sala, só que nada aconteceu. *Que estranho, nem respondeu a mensagem. Tudo bem, melhor assim. Vai ver caiu na real.*

— Beatrice, as meninas estão na sala de reunião te aguardando. Quer que eu leve café a você? — A voz de Rebeca soou no telefone interno. Confirmei, peguei meu “Macbook” e fui até a sala, orientar minha equipe.

Como de costume, sentei-me na ponta da mesa, abri meu computador e escutei com atenção cada pessoa. Depois de um tempo trabalhando juntas, já conheço bem o perfil de cada uma, dessa maneira consigo lidar melhor com as dificuldades delas. Umas mais calmas outras mais enérgicas. Algumas sistemáticas, enquanto outras, descoladas. De acordo com cada perfil, é a maneira que eu distribuo os clientes.

— Beatrice, o senhor Augusto, dono da rede
NACIONAIS - ACHERON

de autopeças, quer que você entre em contato com ele — disse Rebeca.

— Ele adiantou o assunto? — perguntei, sem levantar os olhos, digitando em meu bloco de notas.

— Não quis adiantar — replicou.

Olhei em direção à Giovana, responsável pela conta e perguntei:

— Está sabendo de alguma coisa? — Peguei a xícara de café e dei uma golada. Reparei que ela se remexeu na cadeira e não soube o que fazer com as mãos.

— Então... — Umedeceu os lábios. Estreitei os olhos e fiquei esperando vir à bomba.

— É que... — Baixou os olhos e espremeu as mãos no colo. *Que “merda” essa garota fez?*

— Giovana, fala de uma vez o que aconteceu. Não estou gostando da sua hesitação. — Coloquei a xícara de volta na mesa e recostei-me à

NACIONAIS - ACHERON

cadeira.

Ela segurou os lábios com os dentes e fechou os olhos.

— Tss-tss... — Balançou a cabeça. — Fiz besteira... — murmurou. — Preciso muito desse trabalho, estou com medo de você me dispensar. — Levantou a cabeça e seus olhos estavam úmidos.

Cheguei com o corpo para frente e apoiei os cotovelos na mesa.

— Se você não disser o que aconteceu, fica difícil de sabermos o tamanho da besteira. — Levantei as sobrancelhas.

— Ele nos pegou... — Baixou os olhos. — Desculpe-me Beatrice... — Colocou o rosto entre as mãos. — Acabei me envolvendo com o gerente de uma das lojas — disse, com o som abafado.

Caramba! Foi a primeira instrução que ele me deu. Como vou contornar essa situação?

— Poxa Giovana... foi a primeira exigência

do cliente. Deixei isso bem claro a você. O que vou fazer agora? Que argumento terei com ele? — Cruzei os dedos em cima da mesa.

Giovana continuou com o rosto entre as mãos, sem levantar o olhar.

Passamos boa parte da manhã em reunião. O cliente da Giovana foi o assunto principal. Discutimos várias possibilidades, cada uma deu uma sugestão. Chegamos à conclusão que o melhor seria afastar a Giovana da conta. Eu mesma assumiria, até porque todas estavam com a agenda lotada. Direcionei a Giovana para um cliente novo, com recomendações e advertência. Ela não poderia mais cometer erros como aquele. No próximo eu teria que dispensá-la.

Voltei a minha sala e assim que peguei o celular vi algumas mensagens, achei que fossem do Bryan, porém, eram da Mary. *O que será que está acontecendo lá em cima? Ele não respondeu minha*

mensagem e nem apareceu aqui. Intrigou-me.

Liguei ao senhor Augusto e o comuniquei da decisão de assumir a conta, o que o deixou aliviado. Marquei uma reunião, para acertarmos os detalhes, para o dia seguinte.

Mary... deixa eu ligar pra ela, antes que ela pegue o carro e venha me degolar.

A vida corrida da capital e a marcação cerrada do Bryan estão me fazendo esquecer-se da minha amiga. O que não é legal. Ela não merece, foi a pessoa que mais me apoiou, quando eu mais precisei. Não posso parar minha vida em função do Bryan, contudo, é o que eu venho fazendo. Até meus clientes estão sendo prejudicados. *Em que me tornei? Uma dependente dele? Quantos anos demorei em conseguir minha segurança? Não posso... não está correto.*

— Até que enfim, hein Trice! “Caralho”... ô garota difícil de encontrar. Nem preciso dizer o NACIONAIS - ACHERON

quanto estou chateada com você! — A voz da Mary não estava divertida, como de costume.

— Oi pra você também Mary, como você está, porque eu estou bem! — Tentei descontraír. — E você pode, por favor, não ficar soltando palavrões ao meu ouvido, já não me basta o Bryan. — Bufeí.

— Ok senhorita certinha, mais alguma instrução? — Riu. Soltei os ombros, aliviada. Tinha conseguido atenuar o clima.

— Trice... você conversou com a Gaby? — sussurrou.

Conversar com a Gaby? Do que ela está falando? Ai meu Deus! Esqueci... ela vai querer me matar. Limpei a garganta.

— Ah não... você esqueceu né? Caral... desculpa... mas, pô Trice... — Suspirou e voltou a sussurrar. — Sabe o quanto é importante pra mim. Depois do pai da Letícia, não me envolvi com mais
NACIONAIS - ACHERON

ninguém. Já saímos algumas vezes e a Letícia o adorou, assim como ele. — Ficou muda — um tempo. — Eu não posso perder esse emprego e nem ele.

Ouvi com atenção a súplica dela. Remexi-me na cadeira e resolvi ficar em pé. Parei em frente às vidraças e observei o mar de carros na Avenida Paulista. Coloquei os cabelos atrás da orelha.

— Trice... você está aí? Vai me ajudar ou não? — A voz da Mary saiu exaltada.

— Sim Mary, eu já tinha dito que sim. Eu vou enlouquecer sabia? É muita coisa na minha cabeça. — Me encostei-me às costas do sofá e continuei observando a Avenida. — Bryan no meu pé, Ethan se convalescendo, uma consultora que não cumpre as regras e agora você... Querendo que eu convença a Gaby a quebrar uma regra da empresa. E o que é pior, sabe que vou arrumar uma confusão dos diabos com o Bryan. Upft! —
NACIONAIS - ACHERON

murmurei.

— Tudo bem Trice... Diga que não quer me ajudar e pronto! Não precisa ficar encontrando justificativas. Até mais...

— Não desliga na minha cara, Mary... e larga de ser dramática. Já não disse que vou ajudar... Que saco! Vou ligar agora mesmo para a Gaby.

— Que saco? Foi isso mesmo que eu ouvi? Nem vou comentar Trice... Tchau! — Desligou.

Olhei para o visor do telefone, sem acreditar que ela tinha desligado na minha cara. *Que “merda”! Olha o que estou fazendo. Mary está chateada comigo e eu só estou piorando. Vou ligar para a Gaby, é o mínimo que posso fazer.*

Expliquei a Gaby o que vinha acontecendo com a Mary e o Pablo. Ela ficou surpresa, pois, eles eram muito discretos, ninguém nem desconfiava. Quando a Gaby disse que precisaria conversar com

NACIONAIS - ACHERON

o Bryan, tive que intervir.

— Gaby, ele não aprova. Por isso estou apelando para você. Se ligar para ele, vamos arrumar um problemão para a nossa cabeça. Ele quase nem está indo aí, por favor, faça isso por mim? Eu converso com a Mary e peço que continue sendo discreta.

A irmã do Bryan é bem mais maleável do que ele, para minha sorte. Consegui convencê-la a fazer vista grossa no relacionamento de Mary e Pablo. Eu conversaria com a Mary para que não nos prejudicasse. Tanto eu quanto a Gaby estaria perdida se o Bryan soubesse que tínhamos concordado. *Não estou gostando do rumo que as coisas estão caminhando. Esconder as coisas do Bryan não é uma coisa legal. Porém, ele não facilita em nada.*

— Beatrice, o Murilo está na recepção. Quer que eu o mande entrar? — Rebeca disse, pelo

NACIONAIS - ACHERON

telefone interno.

Murilo? Olhei no relógio e vi que já era hora do almoço. *Bryan ainda não me contatou? Algo muito estranho está no ar. Bom, eu comuniquei que iria almoçar com o Murilo.* Avisei a Rebeca que estava saindo. Peguei meus pertences e caminhei até a recepção.

Bati o olho em Murilo e meu coração apertou-se. Por mais que ele seja diferente do irmão, os traços deles são muito parecidos. O mesmo sorriso. Pietro era tímido, mas quando sorria, era como o nascer do sol, deslumbrante. Murilo estava com uma calça jeans e um blazer marrom, quadriculado com algumas linhas azuis. A camisa azul, combinando com o detalhe do blazer, com os primeiros botões abertos – casual.

Mediu-me de cima abaixo.

— Olá Trice. Continua linda. Como passou de ontem para hoje? — Veio até mim me beijando

NACIONAIS - ACHERON

no rosto e me abraçando.

Bryan havia escolhido minha roupa. Sempre preocupado em cobrir boa parte do meu corpo. Um terninho preto, o blazer sem gola e decote canoa, cruzado na frente, com a apenas um botão. Os detalhes das beiradas do decote e lapela dos bolsos, em vermelho. Sandálias vermelhas, altas. A camisa branca e um lenço de seda, com uma estampa discreta, para completar o look. Como de costume, meus cabelos estavam soltos e minha maquiagem leve.

Cumprimentamo-nos e discutimos em que restaurante iríamos. Rebeca indicou alguns perto do escritório e decidimos que não iríamos longe. Preferi não me arriscar tanto. Assim que o Bryan resolvesse me procurar, o fato de saber que eu estava por perto, o deixaria mais seguro. O que era ridículo, afinal de contas, Yuri estava no meu encalce.

— Por que tem que andar com cão de guarda, Trice? — Murilo perguntou, puxando a cadeira para eu me sentar.

Murilo acabou escolhendo o local para almoçarmos, ele, como frequentador assíduo da região, disse-me que me levaria a um lugar que eu não esqueceria mais. Que com toda a certeza, voltaria mais vezes. Um lugar aconchegante e casual, bem a cara dele.

O restaurante fica na Alameda Campinas, na verdade é um bar e restaurante. Com dois andares. A parte de baixo mais descontraída, enquanto que a superior, segue um padrão mais tradicional. O ambiente do bar – que fica embaixo – revestido com blocos de vidro. No chão, um piso branco fosco. Ao subir, uma escada em curva, com corrimão cromado, encontramos um ambiente acolhedor. Vidraças em toda a volta, com visão

NACIONAIS - ACHERON

para um jardim enorme. Assoalho de mogno e mesas redondas da mesma madeira, com cadeiras estofadas em couro preto. No bar, a iluminação é clara, já na parte de cima, as luzes são amenas.

Sentei-me olhando toda a volta, admirada.

— Gostei... você acertou. Pode ter certeza de que voltarei aqui. A não ser que eu não goste da comida — disse, e peguei o “menu” para escolher o prato.

Ele acomodou-se a minha frente e franziu a testa. Fez um gesto com a cabeça, em direção ao Yuri, que se acomodou em um canto. Ele queria respostas, claro.

— Ok... Já entendi. Vem acontecendo algumas coisas de uns tempos para cá, e foi preciso, Murilo. Não me olhe com essa cara... Não é por ciúme. Vamos pedir o nosso prato que eu te conto

Pedimos filé mignon à milanesa, com risoto de limão siciliano, típico da casa. “Salada Caesar” e

NACIONAIS - ACHERON

vinho branco para acompanhar.

— Então... — Tomei um gole do vinho. — Você se lembra do Scott? — Ele confirmou com a cabeça. — Surtou de vez... Primeiro começou a bater na minha irmã e por último atacou o Ethan. — Coloquei a taça na mesa. — Sofri um acidente por causa dele, e na época a mídia caiu em cima. O Bryan ficou o tempo todo do meu lado, no hospital, e disse que era meu noivo. — Balancei a cabeça. — Saíram algumas notas no jornal... — Suspirei. — Chamou a atenção do meu pai. Infelizmente...

— O que ele fez? “Porra”... O cara entrou na sua vida como um arrastão, Trice. Conseguiu trazer seu pai de volta?

Franzi o cenho e continuei:

— Não foi culpa do Bryan, Murilo. Ele nem sabe quem passou as informações... aliás... — Encolhi os ombros. — A gente até desconfia, mas não temos certeza. Isso é outra história. —

NACIONAIS - ACHERON

Gesticulei.

— Ainda não me disse o que seu pai fez — disse, batendo as pontas dos dedos na mesa.

No tempo em que relatei ao Murilo, os acontecimentos, nossos pratos chegaram. Paramos um pouco de falar e saboreamos.

— Você o ama? — Endireitou-se na cadeira e levou a taça até a boca, sem olhar para mim.

— Você quer saber se me esqueci do Pietro? É essa a pergunta correta, não é?

Murilo voltou à taça à mesa, esboçou um sorriso e acenou com a cabeça, avaliando a situação.

— Jamais... como eu poderia? Pietro é a melhor parte de mim. — Puxei o ar e fechei os olhos... Divaguei...

— *Trice...* — *Abriu um lindo sorriso.* — *Você sabe o quanto eu te amo?*

— *Claro que sim, Pietro... por que a pergunta? — Inclinei a cabeça e olhei dentro dos olhos dele.*

— *Prometa pra mim que sempre será feliz, mesmo que eu não possa mais estar com você? — Passou as costas das mãos em meu rosto, com admiração.*

— *Que papo besta, Pietro... Você sempre estará comigo. — Desviei o olhar, sentindo um arrepio passar pelo corpo.*

Ele pegou meu queixo e virou meu rosto novamente para ele.

— *Estou falando sério Trice, me promete? — Abraçou-me e colocou o rosto no meu pescoço, entre os meus cabelos.*

— *Trice... Você está bem? — Murilo estava em pé ao meu lado, dando batidinhas no meu rosto. Quanto tempo divaguei?*

Chacoalhei a cabeça, desvencilhando os pensamentos. Não poderia deixar aquelas recordações tirarem minhas forças.

— Estou bem, Murilo. Podemos mudar de assunto? Vamos tratar de negócios, afinal não é para isso que estamos aqui? — Forcei um sorriso.

O restante do nosso almoço foi tratando de negócios. Murilo contratou minha empresa para ajudá-lo com a equipe de vendedores da concessionária. Deixamos tudo acertado, no início da semana seguinte uma consultora começaria o trabalho de campo.

Enquanto ele pagava a conta, peguei o celular na bolsa para verificar as mensagens e nada. Não sabia se me sentia aliviada, decepcionada ou preocupada. Bryan nunca fica tanto tempo sem se comunicar comigo, principalmente depois de ler uma mensagem como a que mandei.

— Trice, posso marcar o dia para você

visitar meus pais? Eles querem muito te ver e... depois do que eu disse a eles, ontem, estão muito preocupados.

Visitar os pais dele? Será que consigo? É muito para mim.

— Posso levar o Bryan comigo? — As palavras escaparam da minha boca. Não conseguia me imaginar na casa dos pais do Pietro, sem o Bryan para me ajudar. Com toda a certeza seriam fortes emoções.

— Se for a única opção... — Levantou as palmas das mãos. — Melhor do que não ir.

Entramos pelas portas giratórias da recepção do prédio e meu corpo estremeceu.

— É ela... Aquela ali ó.... eu disse a você para me soltar. — Correu na minha direção. Um segurança a segurou e Yuri entrou na minha frente

— rapidamente. — Me solta “caralho”... — gritava. Todos que estavam passando pararam e ficaram analisando a cena.

Uma mulher grávida, com a roupa toda amassada e suja. Os olhos vermelhos, falando mole. Os cabelos cheios de nós e ensebados. *Por que está apontando para mim? Nunca vi essa doida na vida?*

Murilo passou o braço pelo meu ombro e me puxou para perto.

— Quem é essa Trice? — disse, com a boca encostada na minha orelha.

Virei o rosto para responder que não tinha a menor ideia de quem era, quando enxerguei o Bryan, vindo como um touro bravo para cima de nós.

— Que “porra” é essa, Beatrice? Não... Você só pode estar querendo que eu tenha um enfarto... Não tem outra explicação. — Tirou o

NACIONAIS - ACHERON

braço do Murilo do meu ombro. — Desencosta dela “cara”... “Meu”, não estou acreditando nisso. É pra acabar! — Bufou. — Quem é essa louca que estão segurando, dizendo que te conhece, Beatrice? — Passou o braço no meu ombro e me encostou ao seu corpo.

Murilo coçou a nuca e se afastou, balançando a cabeça. Eu disse a ele que Bryan tem um ciúme doentio.

A mulher continuava gritando meu nome e sendo arrastada para fora do prédio. Soltei-me do Bryan e fui ao encontro dela, eu tinha que saber quem era e o porquê de estar ali. Bryan correu atrás de mim.

— Beatrice, sua maluca, o que pensa que está fazendo?

Aproximei-me da mulher e pedi aos seguranças que a seguravam, para me deixar falar com ela.

— Quem é você? O que quer de mim? —
perguntei, com receio.

A mulher desabou a chorar, pegou em
minhas mãos e disse:

— Por favor, me ajuda. Eu não tenho como
criar essa criança nem a Mirela. Não a dispensa...
— Fungou. — Me ajuda!

Bryan me puxou e pediu aos seguranças que
a levasse. Passei a mão pelo peito, sentindo o
coração. Era a mãe da Mirela. Como eu poderia
ajudá-la? *Meu Deus... Ilumina-me, eu quero, mas
não sei como.*

Capítulo 27 – Acerto de Contas

UMA COISA É PLANEJAR UM ACERTO DE CONTAS, outra coisa, completamente diferente, é executá-lo. Meus nervos pulavam e minha cabeça girava a quilômetros por hora. Depois de tantos anos tendo a certeza de que tinha um companheiro, um amigo, que eu pudesse contar em todos os momentos, chegar ao ponto em que chegamos, é catastrófico. E o pior de tudo foi eu deixar chegar, se estivesse mais presente e atendo aos detalhes, evitaria todo o embaraço.

Acomodados no jogo de sofá da minha sala, eu Nestor e Alicia, nos olhávamos, apreensivos. Eles esperavam que eu começasse, sabiam que era chegado o momento da verdade. Não tínhamos mais escapatória. Seria o fim? Abria e fechava os punhos, várias vezes, e respirava com dificuldade. Antes de começar, busquei dentro de mim, controle

e razão. Não podia deixar minhas emoções tomarem conta. Seria um desastre.

Levantei-me, fui até o frigobar e peguei três garrafas de água. Voltei e antes de me sentar, entreguei uma garrafa a cada um. Abri a minha e tomei toda ela, quase numa golada, tal era minha angústia. Deixei a garrafa vazia na mesa ao lado, esfreguei as mãos, uma na outra, e comecei:

— Por que demitiu minha assistente, Nestor? — Cheguei com o corpo para frente e apoiei os cotovelos nos joelhos.

Nestor assustou-se com a minha pergunta. Remexeu-se na poltrona, levantou um pouco o canto dos lábios, com um sorriso de desânimo.

— É sério que me fez essa pergunta, Bryan? Com tantas coisas que precisamos conversar e você está preocupado com uma subordinada? Não acha que deveríamos começar com a ameaça que está fazendo à Alicia? — Abriu o botão do paletó e

NACIONAIS - ACHERON

arrumou a gravata, desviando o olhar.

Alicia, diferente do habitual, mantinha uma postura caída e um olhar triste. Estava com uma roupa comportada e sapatos baixos. A maquiagem era quase imperceptível, algo inédito. Demonstrava claramente que queria me amolecer. Nestor podia entrar no jogo dela, eu não.

Olhei para ela, com desdém. Balancei a cabeça e o sorriso que surgiu em meus lábios foi de puro sarcasmo.

— Tudo bem, se quer começar por ela, não tem problema. Vamos ter que tratar disso também, então, que seja. — Encostei-me ao sofá. — Ouviu a gravação Nestor?

— Não preciso, Bryan. Acredito em Alicia. Foi muita sacanagem sua gravar uma conversa de vocês. Decepcionei-me, sempre te apoiei com Alicia, agora, fazer isso com ela é covardia. Sabe muito bem que ela passou todos esses anos

NACIONAIS - ACHERON

tentando consertar o erro, você que nunca deu uma chance. Uma pessoa desesperada é capaz de muita coisa.

— Ah... Então quer dizer que ela entra na minha casa, fazendo uma proposta indecente, e ainda, confessa que me dopou – para prejudicar meu noivado – e eu que sou o covarde? — Virei às palmas das mãos para cima e fiz uma expressão de desgosto. — Tem noção do que está me dizendo Nestor? Quer mesmo seguir por esse caminho ou tentar conversar de homem para homem?

— Pra começo de conversa, Bryan, ela não invadiu a sua casa. Você a recebeu. O que acha que a coitada sentiu quando o porteiro disse que poderia subir? Você deu esperança a ela e depois a chutou como um cachorro.

— Isso só pode ser brincadeira, Nestor. — Umedeci os lábios e franzi a testa. — É mentira vai! Fala pra mim que está querendo tirar uma com
NACIONAIS - ACHERON

a minha cara! — Virei o rosto em direção à Alicia, quando ouvi seus soluços. *É uma atriz mesmo!*

— Tudo bem, Bryan. Eu sabia que não admitiria, porque você não é homem para isso — disse, com ironia. — Só não achei que você jogaria tão baixo. Ameaçar ela é demais.

— Só estou me defendendo, Nestor. Se ouvir a gravação, vai entender. Ela diz claramente que se eu não fizesse o que estava me pedindo, iria recorrer a um amigo de uma revista de fofocas. Queria que eu fizesse o quê? Tantos anos aguentando ela aqui, para reparar um erro. E agora essa? — Passei a mão na nuca, disfarçando o ódio que estava sentindo.

Nestor encarou a irmã, e mesmo simulando que estava a par, o olhar que trocaram foi claro — ele não sabia daquele detalhe. Alicia enrubesceu e engoliu em seco. Não podia perder seu aliado.

— Bryan... Por favor — balbuciou Alicia

—, eu te amo. — Soluçou. — Não me afaste de você. Preciso de uma chance, todo mundo na vida tem uma segunda chance, você nunca me deu uma.

Levantei-me e fiquei olhando pelas vidraças. Coloquei as mãos nos bolsos da calça e me virei para eles.

— Assunto encerrado, próximo tema. Não estou com estômago para tanta hipocrisia. — Entortei os lábios, fazendo uma expressão de nojo.

Claro que ela iria se fazer de vítima, me conhece muito bem. Sabe que na base da força perderia e nunca, em sua cabeça, teria passado a ideia de que eu seria capaz de gravar a conversa. O jogo estava ganho para mim e ela não tinha como mudar o placar.

— Então... por que mesmo você demitiu minha assistente? — Arqueei as sobrancelhas e fitei Nestor.

Ele revirou os olhos e bufou.

— Vejo o porquê de uma empregada ser tão abusada, você é o culpado, olha só a sua cara. Não posso, Bryan? Sou ou não sócio dessa “joça”? — Assumiu uma expressão determinada.

— Em primeiro lugar, Nestor... “joça” é a sua casa. Isso aqui... — Apontei com o indicador em volta. — É o resultado de muitos anos de trabalho, e você sabe muito bem disso. A não ser que... — Parei, fechei os olhos e busquei as palavras certas. — Só eu tenha trabalhado. Porque, afinal de contas, eu nunca procurei o caminho mais curto e achei que minha empresa também não. — Coloquei as mãos na cintura e com uma expressão assassina voltei a encarar Nestor.

— Está me acusando de alguma coisa, Bryan? Foi por isso que demiti a abusada da sua assistente, tinha certeza de que te envenenaria contra mim. Ainda não entendi o que ela ganha com isso. — Levantou-se e caminhou até as

NACIONAIS - ACHERON

vidraças, evitando olhar diretamente para mim, sabia que estava me engambelando.

— O que ela ganha... hum... ela quer ele, Nestor, se tirar você do caminho me tira também. Aquela carinha de santinha, só engana trouxa... — Alicia se manifestou. Mudou a postura, voltando a ser ela mesma.

Lancei um olhar tórrido à Alicia e balancei a cabeça, inconformado com tamanho atrevimento. *Quem ela pensa que é? Acha mesmo que a Carol teria receio dela? A única pessoa que tem meu coração é a Beatrice e todos sabem disso.*

— Conversa pra boi dormir, Nestor. E você Alicia, nem deveria estar nesta sala, a não ser que esteja de conchavo com seu irmão. — Inclinei a cabeça e assumi uma expressão irônica.

Nestor virou-se com um ar de espanto.

— O que é isso Bryan? Agora vai nos acusar de quadrilha? Qual teoria da conspiração é
NACIONAIS - ACHERON

essa? Percebe que está jogando fora anos de amizade por conta de uma empregada? — Abriu o paletó, colocando as mãos na cintura.

— Eu realmente tenho cara de otário. — Respirei fundo. — Acha mesmo que eu não venho acompanhando tudo o que vem acontecendo por aqui, Nestor? — Sentei novamente. Cocei a testa e continuei. — O meu erro foi confiar em você, Nestor. Porque Alicia... — Olhei para ela, com desprezo. — Dela eu espero qualquer coisa, agora você... — Balancei a cabeça. — Que decepção! Não achei que seria capaz... Colocar minha empresa numa enrascada dessas. Percebe que eu posso ser preso? Como pôde? — Estreitei os olhos.

— Do que você está falando, Bryan? Está maluco? — Nestor voltou a olhar pelas vidraças. Não conseguia me encarar. A culpa estava estampada em seu rosto.

Coloquei os cotovelos nos joelhos e o rosto

entre as mãos. As pontas dos meus dedos estavam geladas e o suor brotava em minha testa.

— Olha Nestor... Eu juro “cara...” Se eu pudesse não estaria tendo essa conversa com você, mas... — Joguei o corpo no encosto da poltrona. — Infelizmente você “cagou” e sentou em cima... “Porra cara...” Eu custei a acreditar, até começar a pesquisar os documentos e conversar com os fornecedores. E quando achei que pararia ali, você resolve se aliar a um político “filho da puta”? — Virei às palmas das mãos para cima. — Aí é pra “foder” com força comigo, fala sério, “cara”!

— E qual é o problema de participar de uma licitação? Não vejo mau nenhum nisso, Bryan! — Saiu na defensiva.

— Claro que não, se você me explicar o porquê temos um Deputado Estadual dentro da empresa, sendo que a licitação é municipal. — Lancei a bomba para ele.

Ele virou-se novamente para mim, mordeu os lábios e replicou:

— Ele só está facilitando as coisas Bryan. Você sabe muito bem que ninguém consegue se dar bem nesse país, com esses impostos absurdos. Como acha que consegui manter as contas em dia todos esses anos? — Arqueou as sobrancelhas.

Gelei. Nestor sempre foi o responsável pelo administrativo e financeiro, eu nunca fiscalizei, confiei de olhos fechados nele. Será que tudo o que conseguimos durante todos esses anos, foi sonegando impostos? Não vai demorar muito para a receita federal cair em cima de mim. *“Putá que pariu!” O buraco é bem mais fundo do que eu achava.*

— Não “fode” mais comigo Nestor, fala que está blefando. Como assim? Quanto tempo sonegamos imposto?

— Acha que eu sou idiota, Bryan? Nunca

NACIONAIS - ACHERON

sonegamos impostos, com toda a exposição que a empresa tem, já estaríamos presos. Não foi isso que eu disse. Apenas troco alguns favores, ou seja, tiro o dinheiro dos impostos de outras fontes. — Encolheu os ombros.

— E aproveita para colocar uma boa parte no seu bolso, correto? Colocando minha empresa na mira da receita. Não sabe que caixa dois é crime? E o pior é que eu vou ser preso, sem colocar um real no bolso. — Voltei a ficar em pé, andando de um lado para o outro. — É dessa amizade que estava falando, Nestor? Acho que minha assistente tem mais apreço a amizade do que você. — Parei em frente a ele, analisando sua reação. Alicia ficou em pé, ao lado do irmão e resolveu defendê-lo:

— Do que exatamente está nos acusando, Bryan. Seja mais específico, e espero que tenha provas, senão vamos ter que partir todos para um tribunal. — Cruzou os braços no peito e me

NACIONAIS - ACHERON

encarou.

“Vaca...” Como eu pude, em algum momento da vida, ter me apaixonado por ela? É uma víbora, tira vantagem de tudo. Uma família de cobras, até o Nestor que achei que era diferente, mostrou que tem o mesmo sangue.

— Bom Alicia, acho que mais específico do que estou sendo é impossível. Não sei até que ponto você está envolvida, porém, tenho certeza de que o Nestor sabe exatamente do que estou falando. Quanto a provas... — Suspirei. — Posso garantir que me calcei. — Mesmo não tendo provas suficientes, precisava blefar. Deixar eles com medo, fazê-los recuar.

Alicia olhou de esguelha para o irmão, a determinação tinha abandonado seus olhos. Nestor enrijeceu o maxilar e entre os dentes cerrados perguntou:

— O que pretende fazer, Bryan?

— Você é quem tem que me dizer, Nestor.

— Por mim sumiria com os dois da minha frente, contudo, não era tão simples.

— Sabe que não podemos virar as costas e ir embora, não sabe Bryan? — disse Alicia, com um tom mais baixo. — Estamos à véspera do lançamento do maior empreendimento que já fizemos. Vai nos privar disso?

Fiquei pensativo, por uns instantes. Ela tinha razão, eu estaria “fodido” se eles saíssem naquele momento, porém, teríamos que resolver aquela situação. Se ao menos Beatrice estivesse comigo na empresa. *Que “porra” vou me “foder” sozinho!*

— E quanto ao Marcelo? — perguntei.

— O que tem ele? — disse Nestor.

— Até que ponto está envolvido nessa “merda”? — Cocei a barba e caminhei até a mesa. Sentei diante dela e fiz um gesto para que eles

sentassem a minha frente.

— O suficiente... — Respirou fundo e sentou-se.

— Então quer dizer que além de você “ferrar” comigo, vai “foder” com a minha empresa. Porque simplesmente terei que demitir o Marcelo. Que “PORRA” NESTOR! — Soquei a mesa. — Está se vingando é isso? — Alicia abriu um sorriso de satisfação.

— Olha Bryan, pense o quiser, mas tudo o que eu fiz foi para manter nossa empresa no topo. E, diga-se de passagem, consegui. — Deu de ombros.

— Nossa empresa “porra” nenhuma. Você só pensou em fazer sua cama, agora vai simplesmente sair e deitar nela. Deve ter uma conta gorda em algum paraíso fiscal. Como fui trouxa e idiota. Todos esses anos se fazendo de meu amigo só para tirar proveito. — Balancei a cabeça e

NACIONAIS - ACHERON

resmunguei. — *Você é um otário, Bryan!*

Beatrice... Só ela vai poder me ajudar a sair dessa. É muito competente e detalhista, vou contratá-la para fazer uma auditoria, assim ela não terá como recusar. No momento em que pensei procurei pelo celular. Fazia horas que não conversávamos. Precisava enviar uma mensagem. Olhei em cima da mesa e não o vi. *Que estranho, chego e coloco-o aqui. Devo ter deixado com a Carol. Não me lembro disso.*

— Bom Bryan... Estamos esperando para saber o que tem em mente. Já te adianto que não quero vender a minha parte da sociedade. Posso até sair da empresa, porém, não vou abrir mão de algo que ajudei construir — disse Nestor, sem pestanejar.

Não acreditei do que eu estava ouvindo, ele realmente estava disposto a me torturar. *Que “filho da puta”!* Com os cotovelos na mesa e rosto entre

NACIONAIS - ACHERON

as mãos, abaixei a cabeça e detonei com a parte interna das minhas bochechas. Precisava encontrar uma saída. Levantei a cabeça e disse:

— Ok, Nestor. Alicia tem razão, antes do lançamento do “Villaggio Águia Dourada” não podemos fazer nada. — Suspirei. — Após o lançamento sentamos e acertamos os detalhes. Porém... — Levantei o indicador. — Vou contratar uma empresa para fazer uma auditoria. E... — Levantei-me. — Cancele a participação na licitação. Não quero envolvimento com político, já estou “fodido” para “caralho”, esses “filhos da puta” só querem sugar o sangue da gente, não quero dever nenhum favor a eles. — Caminhei até a porta e abri. Fiz um gesto com a mão para que eles saíssem da minha sala.

Levantaram-se, imponentes. Nestor abotoou o paletó e Alicia, com um sorriso maléfico nos lábios, passou por mim e arranhou meu rosto, de

NACIONAIS - ACHERON

leve. Recuei com o corpo para trás. Nestor virou, quando já estava fora da sala e disse:

— Se eu fosse você não sairia da licitação, a empresa já está comprometida com o deputado.

— “Foda-se”, problema seu Nestor. Encontre um pouco de caráter dentro de você e resolva essa “merda”. Você me deve isso! — Fechei a porta e encostei a testa nela. Meu mundo estava desabando, a única salvação que eu tinha era Beatrice. Minha menina, meu anjinho. Voltei à mesa, e quando pensei em levantar novamente, para pegar o celular com a Carol, o vi em cima da mesa, onde sempre o coloco. *Estou enlouquecendo? Tenho certeza de que o procurei.* Olhei e não vi nenhuma mensagem da minha menina. Ainda pensativo, se devia ou não enviar uma mensagem a ela, ele vibrou em minhas mãos – um fornecedor importante.

Almir é o nosso maior fornecedor, nossa
NACIONAIS - ACHERON

parceria perdura por anos. Já tínhamos conversado a respeito das falcatruas que Nestor e Marcelo vinham fazendo, ele havia concordado em me apoiar, mesmo consciente que sobraria para ele. Conversamos ao telefone por alguns minutos e resolvemos almoçar juntos. Era melhor não arriscar falar daqueles assuntos em uma linha corporativa.

Já se passava do meio dia, Almir tinha um compromisso às quinze e trinta. Não tive muito tempo pra nada. Vesti o paletó, peguei meus pertences e saí.

— Carol, vou almoçar com o Almir, se precisar de algo urgente, me liga.

Marcamos de almoçar no restaurante da Tereza. O ambiente é agradável, as pessoas me dão privacidade e não preciso tirar o carro da garagem.

Durante o almoço, discutimos algumas

possibilidades de sairmos daquele barco furado, sem que morrêssemos afogados. Almir estava tão apavorado quanto eu. Só concordou em superfaturar, pela confiança que tinha em mim, crente que eu estava participando de tudo. Garantiu-me que não cometeria mais aquele ato. Era um caminho a seguir, eu precisava sentar com todos os fornecedores e cortar o mal pela raiz.

Assim que terminamos, Almir seguiu para o seu compromisso e eu caminhei até o escritório. Entrando pelas portas giratórias, ouvi uns gritos e um amontado de pessoas. Cheguei mais perto e quando avistei Beatrice, no meio da roda, com Murilo abraçando-a e os lábios colados em sua orelha. Quase tive um colapso. *Que “porra” esse “cara” pensa que está fazendo? A Beatrice só pode estar querendo me matar do coração. O que ela está fazendo com esse idiota? Não ouviu nada do que eu disse ontem?*

Apertei os passos e de longe nossos olhos se cruzaram. Não precisei estar tão perto para ouvir a mulher dizendo o nome dela. *Quem é essa louca? O que está fazendo aqui? Por que está chamando pela Beatrice?*

Tirei Beatrice dos braços do imbecil do Murilo e tentei entender que “merda” estava acontecendo ali. *Hoje definitivamente não é o meu dia!* Olhei para o Yuri fuzilando-o. Balbuciei:

— Vamos ter que conversar.

Por que Beatrice estava com o Murilo sem eu saber? E o Yuri, por que deixou aquela mulher se aproximar dela? Ele teria que ser substituído, não era a primeira vez que eu tinha que resolver uma situação que não deveria estar acontecendo, por incompetência dele.

Eu puxava Beatrice para subirmos e os seguranças do prédio levavam a mulher para fora, quando Beatrice se desvencilhou de mim e correu

NACIONAIS - ACHERON

até ela. *Que “porra”!* Corri até ela e pude ouvir quando a mulher disse que não poderia criar o filho, que estava na barriga, e que Beatrice precisava ajudá-la. Nesse momento entendi a situação. Era a mãe da consultora de Beatrice. *Eu sabia que essa história ia criar problemas. Beatrice é muito teimosa.* Pela reação que teve, com as palavras da mulher, eu sabia que faria qualquer coisa para ajudá-la.

Beatrice despediu-se do Murilo, com um aceno, e subimos para o seu escritório. Tantas coisas tinham acontecido que eu não sabia nem por onde começar. Ela estava tensa no elevador. Os olhos cheios de lágrimas. Abraçou-me e enterrou o rosto no meu peito. Meu corpo urrava, desde cedo que estava só resolvendo “pepinos”. Não podia brigar com ela, com toda a certeza acabaria descontando nela todo o meu estresse. Apertei-a contra mim e beijei o topo da sua cabeça.

Entramos e Rebeca veio – apreensiva – perguntar o que tinha acontecido e se poderia fazer algo. Eu disse para não se preocupar e caminhei até a sala de Beatrice, ela permanecia com o rosto no meu peito. Senti minha camisa molhada e sabia que ela estava se desintegrando. Sentei-a na poltrona, fechei as persianas e peguei uma garrafa de água para ela. Agachei em sua frente e servi a água em sua boca.

— Toma minha menina. Fique calma, não quero que você desmaie novamente. — Passei as costas da mão em seu rosto e beijei a ponta do seu nariz. Ela abriu um sorriso de canto, formando uma covinha em sua bochecha. Desarmou-me.

Levantei, estendi a mão para que ela pegasse e levantasse, também. Sentei na poltrona e a coloquei em meu colo. Passando as mãos pelos cabelos dela perguntei:

— Por que estava lá embaixo com o Murilo

agarrado a você? — Estava me controlando, meus nervos estavam endurecidos. Ela olhou para mim, com os olhos vermelhos.

— Eu te mandei uma mensagem avisando que almoçaria com ele. — Encolheu os ombros. — Como não respondeu, achei que estava tudo bem. E ele só me abraçou para me proteger, foi uma reação instantânea.

— Mensagem? Não recebi nada. — Peguei o celular e abri para ela ver que não tinha nada. Ela fez o mesmo. Foi até a mesa e trouxe o celular com a mensagem aberta, que tinha me enviado, logo cedo. *Alicia...* — Pensei — *“Filha da puta”, por isso não achei o celular. Ela com toda a certeza apagou a mensagem.*

— Tudo bem, de qualquer maneira, sabe o que eu penso sobre esse “cara”. Vai mesmo pegar o serviço dele? — Inclinei a cabeça e arqueei as sobrancelhas.

— Bryan... — Fechou os olhos. — Não quero brigar com você. — Me abraçou forte e colocou o rosto no meu pescoço. — Eu te amo. — Sussurrou. Fez uma trilha de beijos do meu pescoço até meus olhos. Pegou meu rosto com as duas mãos e murmurou. — Confia em mim, só um pouquinho. Não sou a Alicia, jamais vou te trair. — Encostou os lábios nos meus e fechou os olhos. Nossos corações dispararam, podíamos ouvir as batidas fortes.

Eu não tenho a menor dúvida de que ela é completamente diferente de Alicia, entretanto, muito ingênua. Levantei seu queixo com o indicador e a fiz olhar dentro dos meus olhos.

— Eu confio em você meu bebê. Não confio neles. Olha o que aconteceu com o Rodrigo, ele fez marcação cerrada até conseguir... — Bufeí. — Deu no que deu.

Ela acariciou meu rosto, sem perder o olhar

apaixonado. Senti-me o homem mais privilegiado de todos. A tensão do meu corpo foi se desfazendo. *Beatrice consegue dissipar todos os males da minha vida, é literalmente meu anjinho.* Peguei em seu punho e trouxe até os meus lábios. Rocei os lábios nele, sem desconectar nossos olhos. O sorriso tímido surgiu em seus lábios novamente, fazendo meu peito doer – de tanto amor. Espalmei as mãos em suas costas e beijei seu pescoço. Ela encolheu-se e soltou um gemido de regozijo.

— Gatinha manhosa, vamos embora? — Olhei no “Rolex” e vi que eram dezesseis e trinta. Mais cedo do que o normal para encerrar o dia, porém, aquele não tinha sido um dia qualquer.

— Hum... Ainda tenho coisas para resolver por aqui. Pode ir, porque depois o Yuri me leva para casa. — Tentou levantar-se e eu a impedi.

Afastei seu cabelo, tirei o lenço de seda de seu pescoço e abri os primeiros botões da camisa.

Aproximei meus lábios da entrada de seus seios e rocei de leve. Beatrice desmanchou-se. Abri um sorriso maroto e olhei para ela.

— Vamos meu docinho. Para minha casa. Polyana vai dormir na sua casa essa noite, então pode ficar comigo. — Fiz um biquinho e continuei. — Por favor, preciso de você só para mim, sem interferências.

— Bryan... tenho que conversar com você... — Interrompi seu discurso com um beijo quente em seus lábios. Não queria saber de mais nada. *Chega... quero terminar meu dia com a minha menina. Sentir seu sabor, cheiro, textura... Quero estar dentro dela, por horas... eu preciso!*

Capítulo 28 – Ousadia

ELE DEIXOU POLYANA SE ACOMODAR, a sua frente, examinando seu nervosismo. Polyana indicava visivelmente um incômodo indiscutível. Ademir sentou-se, pegou a xícara de café e aguardou uns instantes. Aquela era a esposa da vítima, poderia ser a testemunha chave. Ingeriu um pouco do café, voltando à xícara à mesa, sorriu amigavelmente e iniciou:

— Aqui estamos senhora Polyana... — Limpou a garganta. — Pode... — Ela o interrompeu.

— Por favor, detetive, sem formalidades. Chama-me de Polyana. — Remexeu-se, desconfortável.

— Como quiseres Polyana. — Meneou a cabeça. — Como eu estava dizendo, pode descrever os acontecimentos do dia em que seu esposo foi

assassinado?

— Ex.... detetive... Estávamos em processo de divórcio, mas... — Apontou o indicador a ele. — O senhor já sabia disso. Então... — Suspirou. — Para poupar o meu tempo, vamos direto ao ponto. Qual parte do dia exatamente o senhor quer que eu descreva? — Chegou com o corpo para frente, colocou a bolsa na cadeira, atrás do seu corpo, e apoiou os cotovelos na mesa, fitando-o.

Ademir ergueu o canto dos lábios, com um sorriso incrédulo. *“Como de repente ela mudou a postura? Esse caso cada vez mais me intriga.”*

— Você está certa, Polyana, eu já sabia desse detalhe, contudo... — Aproximou seu corpo da mesa e imitou o gesto de sua testemunha, demonstrando firmeza. — Até que o fato esteja consumado, você continua sendo esposa, e agora, no caso, é a viúva. E, diga-se de passagem... — Estreitou os olhos e com o rosto bem perto do dela,

NACIONAIS - ACHERON

concluiu baixinho. — Ele não queria o divórcio... E você ficou com uma bela de uma pensão... Conveniente não?

Polyana voltou o corpo para trás e fez uma cara de espanto.

— Está achando que eu o matei? E por dinheiro? — Bufou. — Não me surpreende que ainda não concluísse esse caso, detetive... Se fosse tão bom, saberia que ele era um psicopata e me bateu várias vezes, sem contar que... — Ademir a interrompeu.

— Se foram várias vezes, por que demorou tanto para denunciá-lo? Precisou sua irmã sofrer um acidente para que isso acontecesse. O que quer eu pense? Que estava esperando a oportunidade de pegar o dinheiro dele?

Polyana levantou-se, pegou a bolsa e saiu dizendo:

— Quanta ousadia da sua parte, se quiser

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

falar comigo, procure meu advogado.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 29 – A Ponta do Iceberg

O CHEIRO DE CAFÉ INVADIU O QUARTO, eu queria abrir os olhos para ter certeza de que não era um sonho, porém os raios solares, que invadiam a suíte, me impediam. Virei de bruços e cobri a cabeça com o travesseiro. Queria poder ficar ali, em nossa redoma. A noite tinha sido maravilhosa, nos demos uma trégua. O acordo de não falarmos sobre nada estressante estava chegando ao fim. Era dia, e eu tinha certeza, que assim como eu precisava tratar de assuntos chatos com o Bryan, ele também. A tensão em seu corpo estava explícita.

— Dorminhoca, eu não queria ser a pessoa a te informar que estamos no meio da semana e precisamos trabalhar, mas... infelizmente essa é uma realidade. — Arrastou o lençol do meu corpo para baixo, e, começando do meu tornozelo até o

meu pescoço, salpicou vários beijos. Como de costume, eu estava nua. A regra sempre foi essa.

— Agora... — Segurou o lóbulo da minha orelha com os dentes. — Se você quiser ser a senhora Soutto, eu garanto que não precisará levantar cedo.

Virei o corpo, ficando de frente para ele. Coloquei o braço na frente dos olhos e respondi com a voz rouca:

— Então quer dizer que não vou mais precisar trabalhar? — Tirei o braço do rosto e encontrei um par de olhos verdes me estudando. Claro que eu nunca pararia de trabalhar, mas queria provocá-lo. Eu sabia que ele tinha algo a me dizer, que me envolvia com sua empresa. *Ele pensa que eu não o conheço.* Baixei os olhos e brinquei com o pingente da minha corrente.

— Nunca tira essa corrente do pescoço. Vai me contar qual é a história por detrás dela? —
NACIONAIS - ACHERON

Levantou meu queixo com o indicador.

Abri um sorriso descrente.

— Quer mesmo falar sobre a minha corrente, Bryan? Eu acho que você tem algo mais importante para me dizer e não sabe como começar, estou errada? — Ele bufou e balançou a cabeça.

— Por isso que eu te amo, é muito inteligente. — Beijou a ponta do meu nariz. — Sim... você está certa. Precisamos conversar. Só que antes quero saber sobre essa corrente.

Sentei na cama, espreguicei e bocejei.

— Então quer dizer que não está interessado nesse corpinho aqui. — Apontei para o meu corpo. — E sim pela minha inteligência? Devo me sentir ofendida? — Mordi os lábios, sem desviar o olhar dele. Foi nítida a mudança de sua postura. As pupilas dilataram e o sorriso se tornou o mais safado de todos. Em questão de segundos ele me pegou e colocou em seus ombros. Deu um tapa na

minha bunda e caminhou comigo até a varanda.

— De novo isso Bryan. Está cedo e estou com frio. Não faça isso... Ai... Pare de me bater. — Me deitou no deck da piscina e deitou sobre mim, apoiado sobre os cotovelos, com o tronco levantado. Pegou meu rosto com as duas mãos e beijou meus lábios. O beijo principiou leve, porém, com a invasão de sua língua, mudou para ardente e com segundas intenções.

— Se estava querendo uma rodada matinal, era só ter me pedido. Não precisava ficar me provocando. Sabe muito bem como meu corpo reage à provocação. — Esfregou a ereção no meu sexo.

Pele contra pele. Sexo contra sexo. Foi inevitável a reação do meu corpo. O ar fresco da manhã paulista desapareceu. Um calor tomou conta de nossos corpos. As sinapses passando pelo meu corpo, causaram arrepios.

O nosso relacionamento é o mais conturbado possível, e esse fato só faz crescer as labaredas dentro de mim – inexplicável. Algo intenso, quente, incontrollável. Por mais que eu tente, eu não consigo resistir.

Bryan abraçou meus seios com suas mãos firmes e másculas. Desceu os lábios até os bicos e passou a língua. Arqueei as costas e soltei um gemido de prazer.

— Satisfeita? Era isso que você queria né, menininha safadinha. Cadê aquela garota acuada, com medo de sexo? Hum... — Desceu a mão até o meio das minhas pernas e acariciou minha virilha. Colou os lábios em meu ouvido e sussurrou. — Vai me contar sobre a corrente ou vou ter que torturá-la? Tem conhecimento do poder que exerço sobre seu corpo, não é mesmo?

— Aham... — Assenti. O tempo está passando e os efeitos de Bryan sobre mim, só

NACIONAIS - ACHERON

intensificam. Enganei-me quando achei que a minha entrega era só pelo lance de ser diferente e novo para mim. A química entre nós é evidente. Nada muda o fato de que nossos corpos se desejam independente dos acontecimentos. E isso me assusta. Bryan realmente exerce um poder indescritível sobre meu corpo. Quando minha razão volta, eu vejo o quanto isso é perigoso.

Bryan foi descendo os lábios pelo meu abdômen até chegar próximo ao ponto mais sensível do meu corpo. Meus olhos seguiram seus movimentos, ansiosa pelo contado de sua língua com meu sexo. Ele levantou o rosto e, olhando dentro dos meus olhos, advertiu:

— Corrente... História... Só isso e já cumprio o seu desejo. — Sorriu maliciosamente.

Fechei os olhos e puxei o ar com força. Não queria colocar o Pietro entre nós. As sensações de perda, medo, insegurança e ingratidão, da minha

NACIONAIS - ACHERON

parte, sempre se manifestam quando ao menos eu penso em Pietro. Bryan é muito insistente, e mesmo correndo o risco de estragar todo o momento de prazer, eu tive que relatar sobre a corrente:

— Cinco anos juntos... Essa é a história. —
Passei a língua sobre os lábios. Senti suas mãos apertando minhas coxas. Ele se conteve, com a informação. O que eu podia fazer, ele pediu.

No mesmo instante subiu o troco até ficar com o rosto rente ao meu. Colocou uma mão de cada lado do meu rosto, apoiadas no deck e disse:

— Hoje foi o último dia que você usou essa corrente. Como eu sou legal, vou deixar você guardá-la, como lembrança. Isso se eu não pegar você chorando com ela no peito, como fez com o suéter. — Levantou meu pescoço e tirou-a de mim. Colocou de lado e sem mais nenhum comentário, desceu e atacou meu sexo com a língua. A eletricidade tomou conta de mim.

Involuntariamente minhas pernas tentaram se fechar.

— Uau! É assim que você reage a uma afronta? — provoquei-o. Não queria que ele parasse. A provocação é o combustível para o Bryan.

A habilidade do Bryan com a língua é comparada a sua persuasão. Sim, porque ele sempre consegue o quer. Com movimentos firmes e constantes, estava fazendo com que meu corpo chegasse à beira do abismo. Quando eu achei que explodiria de prazer, ele parou e voltou com seu rosto próximo ao meu.

— O que foi? Eu fiz o que me pediu... — Arfei. — Por que não me deixou chegar lá? — Estreitei os olhos, ofegante.

— Porque eu quero estar dentro de você, aproveitar cada segundo do seu prazer — falou e introduziu o membro rígido em mim. A sensação

NACIONAIS - ACHERON

foi inebriante, avassaladora. O movimento de vai e vem começou suave e rapidamente se intensificou. Meu clitóris formigava e eu sabia que em questão de segundos eu entraria em colapso. Bryan não se fez de rogado, sem cerimônia, levantou o meu quadril e estocou profundamente, atingindo o ponto que estava faltando.

— Bryan... — Gemi. Minha boca secou, meus seios intumesceram, minha respiração falhou, meu coração acelerou, abracei-o com força e meu sexo contraiu-se. Bryan não resistiu. Seu olhar ficou vago e o suor surgiu nas têmporas. Entregamo-nos, deixamos que o prazer tomasse conta. Ele soltou o corpo em cima de mim e enterrou o rosto no meu pescoço. O barulho dos carros na rua, e de helicópteros voando sobre nós, não inibiram de aproveitarmos a sensação de saciedade e realização.

— Meu meninão... — murmurei. —

Precisamos trabalhar e antes ainda tenho que conversar com você. Não podemos ficar muito tempo aqui, tenho reunião logo cedo. — Ele afundou mais o rosto em meu pescoço e me apertou ao seu corpo, tirando meu fôlego. — Bryan... é sério.

— Aham... aham.... Mais um pouquinho... só mais um pouquinho — protestou, com a voz abafada.

Eu não queria que aquele momento acabasse, tinha que conversar com o Bryan e sabia que ele voltaria a ser o Bryan possessivo e descontrolado, quando eu dissesse sobre a reunião com o Rodrigo. E para piorar a situação, eu teria que terminar o projeto que a Giovana fez questão de estragar, das autopeças do senhor Augusto. Como se não bastasse, eu precisava encontrar uma maneira de ajudar a Mirela, com a mãe. A visão da coitada me pedindo socorro não saía da minha

NACIONAIS - ACHERON

mente. Suspirei, desanimada. Bryan levantou o rosto, com a testa franzida e interrogou:

— O que foi esse suspiro, Beatrice? O que está acontecendo? — Levantou-se preocupado e estendeu as mãos para eu pegar.

Levantei-me e ele grudou nossos corpos. Ajeitou meu cabelo atrás da minha orelha e reivindicou:

— Tem algo te incomodando, vamos, conta pra mim. Seja o que for eu vou resolver, pode ter certeza disso. — Encostou a testa na minha e respirou fundo.

Analisei a situação e preferi adiar por mais uns minutos.

— Agora, nesse momento, o que mais me incomoda é o seu fluido escorrendo nas minhas pernas. — Levantei as sobrancelhas, com um leve sorriso nos lábios. Bryan abriu um sorriso picante.

— Adoro te melear. — Colocou as mãos

na minha bunda, me levantando e me encaixando em seu quadril. Abracei-o, com as pernas em sua cintura e os braços em seu pescoço. Fomos para o banheiro nos beijando.

O café que Bryan tinha levado para mim, no início da manhã, foi descartado, pois estava mais do que frio. Sentados diante do balcão da cozinha, usufruindo dos itens da mesa posta pela Cida, ficamos em silêncio por um tempo. Eu sabia que não era só eu que tinha algo a dizer, Bryan estava inquieto. Alguém tinha que começar, e eu receava que fosse eu, pois a reunião com o Rodrigo estava marcada para as dez horas, isso queria dizer que eu não tinha mais tempo.

Bryan terminou, colocou o guardanapo em cima do balcão e virou o corpo para mim. Pegou em minhas mãos e aproximou nossos corpos, me colocando entre suas pernas. Beijou as palmas das

minhas mãos e iniciou a conversa que adiamos por horas:

— Agora que eliminamos o meu fluido do seu corpo. — Riu — Estou esperando... Quero detalhes. — Suspirei, desviando o olhar. Não sabia por onde começar. A briga era certa, eu só tinha que saber como lidar. Não poderia ceder totalmente e nem bater o pé. *Como eu vou fazer isso?*

— Beatrice, está me assustando. O que está acontecendo? — Franziu a testa.

— Bryan... promete que não vai surtar? Deixa eu te falar sem me interromper? — Ele apertou minhas mãos e mordeu a parte interna da bochecha. Reação típica do Bryan, quando está buscando controle. Confirmou com a cabeça.

— Tenho uma reunião marcada com o Rodrigo às dez horas — proferi rapidamente.

As palavras nem terminaram de sair da minha boca e Bryan já estava em pé, declamando
NACIONAIS - ACHERON

seus famosos palavrões:

— “Porra... Porra... Porra”! Você é “foda” Beatrice. Por isso estava protelando tanto para me falar. — Parou na minha frente, com as mãos na cintura e os olhos faiscando.

— Eu sou o quê Bryan? — Estreitei os olhos. — Do que foi que você acabou de chamar? — gritei. Levantei e fui indo em direção à sala, onde tinha deixado a bolsa. Peguei o celular e comecei a discar para o Yuri. *Idiota, consegue estragar tudo com apenas uma palavra.*

Ele chegou até mim e tirou o celular da minha mão, com a sua habitual delicadeza. Jogou-o em cima do sofá e pegou em meus ombros, me fazendo olhar para ele.

— Abra essa boca e fala o que aquele imbecil vai fazer no seu escritório. Quando é que isso vai acabar Beatrice? Fala pra mim.

— Hoje Bryan... é para isso que ele está

NACIONAIS - ACHERON

indo lá. O projeto finalizou e temos que fazer o acerto.

— Ah... e a Rita ou a Rebeca não podem fazer o acerto? Tem que ser você? — questionou. Neguei com a cabeça. Ele estava mesmo fazendo o que eu esperava. Nunca mudaria.

— Bom... — Tirou o celular do bolso da calça e começou a discar. Colocou ao ouvido e continuou falando, enquanto a ligação completava. — Vou falar para a Rebeca cuidar disso, ela precisa começar a tomar a frente das coisas naquele escritório. — Quando fui falar, ele colocou o indicador nos meus lábios. — Rebeca, bom dia. Por favor, combine com a Rita como vocês vão fazer o acerto do Rodrigo, a Beatrice não poderá estar aí.

Meu sangue ferveu na hora. Senti meu coração disparar. Tive vontade de voar no Bryan. *Como ele pode fazer isso? Não tem respeito pelo meu trabalho. Trata-me como uma criança. Isso*

nunca vai acabar. E eu sou uma idiota, me deixo levar por sexo. Meu Deus!

Peguei o celular no sofá e saí disparada em direção à porta. Como era de se esperar, Bryan chegou antes do que eu, ainda falando com a Rebeca, e tirou a chave da porta.

— O quê? Do que você está falando Rebeca? Quem é o senhor Augusto?... Beatrice vai fazer trabalho de campo em loja de autopeças? Nem “fodendo”, Rebeca. Liga pra ele e diz que outra consultora vai, senão manda ele se “foder”.

Ele está arrasando a minha empresa, destruindo a minha credibilidade, me prendendo aqui – me sufocando. Eu preciso conseguir me livrar dele. Meu coração teimava em bater descontrolado, minha boca secou completamente, minhas mãos começaram a suar, senti calafrios e meu estômago embrulhou. Náuseas... vista turva... minhas pernas amoleceram. Ataque de pânico,

NACIONAIS - ACHERON

agora não!... Respira Beatrice... inspira pelo nariz e expira pela boca.... Vamos Beatrice... você consegue... Preciso vomitar. Saí correndo, trançando as pernas e tropeçando nos móveis. Cheguei ao lavabo e despejei todo o café da manhã no vaso sanitário. Sentei-me no chão, encostei-me à parede, abracei os joelhos e afundei o rosto neles. As lágrimas vieram como uma enxurrada.

Bryan apareceu na porta, ofegante. Ajoelhou na minha frente e encostou a testa na minha cabeça. Eu tremia como uma vara verde. Os soluços tomaram conta do ambiente. Minha garganta ardia. *Que “merda”! Todas as vezes que vamos tratar de assuntos sérios acabo assim. Quando é que vou ser forte para encarar as coisas de frente?*

— Beatrice, olha pra mim. — Ergueu meu rosto. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Levantou, saiu e voltou com água, me fez tomá-la.

Engoliu em seco e continuou:

— Você não pode continuar fazendo isso comigo. Não pode... por que, Beatrice? — Enxugou minhas lágrimas com o polegar. — Olha só, você acabou de ter outro ataque de pânico. Vou me torturar o resto do dia por isso. “Caralho”! Quando é que você vai entender que eu só quero te proteger?

— Proteger? — Solucei. — Você é louco... vo...cê não per...ce...be o que está fazen... — Não consegui terminar, Bryan tampou minha boca com a dele.

— Não fala isso, por favor — balbuciou, em meus lábios. — Não piore a minha culpa. — Ele sentou-se no chão e me puxou para o seu colo. Abracei-o e encaixei meu rosto em seu pescoço.

O cheiro dele contaminou minhas entranhas. *Como eu posso me sentir sufocada e ao mesmo tempo protegida? Quando é que vamos*

encontrar um equilíbrio? Nós certamente teríamos que trocar de roupa. Sentados no chão, estávamos amassados e molhados de lágrimas, não só as minhas, Bryan se desintegrou na minha frente. Fiquei sem reação.

— Vou perder todos os meus clientes, Bryan. Esse é o seu objetivo? — falei, assim que recuperei meus sentidos.

— Já que tocou no assunto, preciso de você. — Não elevei a cabeça de seu peito e ele passava as mãos nos meus cabelos.

— Ontem tive um acerto de contas com o Nestor. — Respirou fundo. — Ele só fica na empresa até o lançamento do condomínio.

Afastei o rosto do seu peito e encarei-o, desacreditando.

— E a Alicia? Você conseguiu as provas que precisava contra eles?

— Mais ou menos. — Deu de ombros. —

De qualquer maneira, os dois saem juntos. E o Marcelo também. Ou seja, estou “fodido” – se você não me ajudar.

Saí de seu colo e fiquei em pé. Ajeitei a saia e estava virando-se quando ele me interrompeu:

— Não vai falar nada? Vai me deixar aqui, sentado no chão, sem eira nem beira?

— Não sei o que falar, Bryan. Eu tenho a minha empresa, o que quer que eu faça? Quer que eu renuncie a tudo por você?

— E não é exatamente o que eu estou fazendo? — proferiu e levantou-se, passando as mãos pelas pernas e ajeitando a camisa dentro das calças.

Balancei a cabeça, cruzei os braços no peito e ri sem vontade.

— A que especificamente você está renunciando, Bryan? Não vai me dizer que é ao título de “Rei das Noitadas”, porque se for, eu saio

NACIONAIS - ACHERON

daqui e você nunca mais me vê na sua frente.

— Vai ou não me ajudar? Não muda de assunto, Beatrice. — Abaixei a cabeça.

Olhei para ele e quando pensei em atacá-lo, em dizer tudo o que estava preso em minha garganta, desde o dia em que ele surtou na frente do Murilo, desisti. Bryan estava encostado na pia, com as mãos na cabeça, olhando para o chão. Percebi que ele realmente precisava de ajuda, só não sabia como eu ia conseguir ajudá-lo, sem renunciar as minhas prioridades. Respirei fundo, me aproximei, acariciei seu rosto e apanhei seu queixo, para nos olharmos.

— Tudo bem, qual a sua sugestão? — A expressão de contentamento dele acalmou meus nervos.

— Tenho várias, mas a mais fácil e a que eu mais desejo, você sabe qual é. — Me envolveu pela cintura e fungou no meu pescoço. Ele falando de

NACIONAIS - ACHERON

casamento novamente.

— Não vou me casar com você só para resolver questões da sua empresa Bryan. — Revirei os olhos.

Bryan fechou a cara e me olhou com uma expressão de incredibilidade.

— Não me ofenda Beatrice. Quando foi que eu disse para se casar comigo para salvar minha empresa? Você pegou pesado agora, sabe que nunca passou isso pela minha cabeça.

— Não? E o que é que acabou de me dizer?

Ele me afastou dele, respirou fundo, balançou a cabeça e continuou:

— Vou fingir que você não disse isso. — Pegou minha mão e me puxou para fora do lavabo. — Venha tomar café, colocou tudo para fora, o que comeu.

Acomodamo-nos novamente diante do balcão da cozinha e continuamos nossa conversa.

Eu tinha que tomar uma decisão e não tinha a menor ideia do que fazer. Casar está fora de cogitação, temos que pensar em outra opção. *Imagine se eu me casar com o Bryan, ele não vai me deixar respirar. E não faz nem um ano que o Pietro se foi.* Não seria justo com a família dele.

— Eu pensei em contratar sua empresa para fazer uma auditoria na construtora. Eu sei que é competente o suficiente para encontrar tudo o que estiver errado lá dentro. — Tomou um gole de café e aguardou minha resposta.

— Quando pensa em fazer isso? — perguntei.

— Ontem... não tenho mais tempo, marquei bobeira e não posso mais vacilar, senão perco anos de trabalho.

— Deixa-me ver se entendi. Quer que eu faça uma auditoria na sua empresa para ontem, e acha que eu estou com a minha agenda livre para te

NACIONAIS - ACHERON

atender?

— Você ouviu alguma coisa do que eu disse, Beatrice? Que babaquice é essa de agenda? Estou me lixando para a sua agenda. — Levantou-se e foi saindo, virou-se pra mim e completou. — Vou pedir para a Rebeca limpar a sua agenda. Sente-se com ela hoje e trate dos detalhes, para que ela assuma a liderança do escritório. Sabia que esse dia ia chegar, senão, não teria contratado uma pessoa tão competente como a Rebeca, para deixá-la lá dentro. — Continuou caminhando. — Vou trocar de roupa, te espero lá em cima — falou por cima dos ombros.

Ele simplesmente já decidiu tudo, nem disfarçou que eu não tinha escolha. *O que eu faço? Se eu largar o Bryan agora, ele surta e perde tudo o que construiu com muito suor. Por outro lado, ele não está pensando nos meus objetivos.* Eu sei que essa decisão é só a ponta do iceberg.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 30 – Vulnerável

APERTEI OS OLHOS, FECHADOS EM UM MOMENTO DE DECISÃO. Tentei ao máximo, impedir que a Beatrice fosse ao seu escritório, sabia que o “filho da puta” estaria lá, sem sucesso. As coisas não estavam nada fáceis na minha empresa, um momento de vacilo meu, e tudo viria por água baixo. Fiz milhões de recomendações à Beatrice e subi. Agora eu estou aqui, sentando em minha mesa, sem saber o que fazer. Carol não apareceu na empresa para trabalhar. Camila, a recepcionista, já tentou várias vezes contato e não conseguiu. A pressão foi grande e minha assistente, provavelmente, não aguentou. *Agora que estou “fodido” mesmo. Que “caralho”! O que eu vou fazer aqui sem ela?* Sem opção, fui obrigado a recorrer a única pessoa que poderia me ajudar – Beatrice.

— Camila, continue tentando encontrar a Carol, por favor. Vou sair, mas não demoro — exclamei, vestindo o paletó e indo em direção ao elevador. *Beatrice vai ficar muito brava, prometi a ela que confiaria nela, mas não estou conseguindo. Além do que, como vou trabalhar sem a Carol?* Beatrice precisa entender que ela tem como passar o trabalho para a Rebeca, eu fiquei sem escolha. *Onde a Carol se meteu?*

Yuri arregalou os olhos quando me avistou, logo que abri a porta do escritório da Beatrice. *Yuri – ainda tenho isso para resolver. O camarada pisou na bola mais de uma vez.*

— Bom dia Yuri, onde está a Beatrice? — Ele me cumprimentou e tentou me segurar, quando continuei caminhando em direção à sala dela. — Não precisa ficar com essa cara de assustado, Yuri. Eu sei que o “imbecil” está aí. Deveria ter ficado

preocupado das outras vezes, não agora. — Lancei um olhar ameaçador a ele.

Parei imediatamente, no momento em que meus olhos cruzaram com os de Rodrigo. Sentado ao lado de Beatrice, com Rebeca e Rita à frente, finalizando o processo de suas lojas, na sala de reunião. Sem rodeios, adentrei a sala e me sentei do outro lado da minha menina. Rita estava concluindo sua fala e deu uma parada quando me viu. Gesticulei que continuasse. Beatrice virou o rosto em minha direção, com raiva, piscou. Com uma sobrancelha levantada me questionou, em silêncio, o que eu fazia ali. Dei de ombros, peguei sua mão em cima da mesa, trouxe até os lábios e beijei-a. Pisquei pra ela e forcei um sorriso torto. Eu poderia dizer a ela que não estava nem um pouco intimidado com o seu olhar, que levaria ela dali e ninguém me impediria, entretanto, o ataque de pânico que teve mais cedo, me deixou receoso.

Preciso ir com calma.

— Como eu já disse à Rita. Beatrice, eu estou inaugurando uma loja em outro shopping e gostaria que você me ajudasse com a contratação e adequação da equipe — informou Rodrigo.

Balancei a cabeça em descrédito. *O “filho da puta” está determinado a me infernizar. Ele sabe que a Beatrice me enfrenta para atendê-lo.* Antes que a Beatrice pudesse responder algo, me adiantei, para mostrar quem estava no comando da situação. *Se ele quiser continuar com isso, verá quem tem mais poder.*

— Parabéns Rita, vejo que agradou o nosso cliente. Isso é bom, não é mesmo, minha menina? — Beijei novamente a palma de sua mão, cerrando os dentes. — Rebeca, pode se inteirar com a Rita quais são as necessidades do cliente, para assumir com ela a conta? — pronunciei, soando casual. Beatrice entendeu o recado. Os nervos da minha

NACIONAIS - ACHERON

mandíbula deslocavam-se, claramente eu me controlava.

— Rodrigo – faço minhas – as palavras do Bryan. Peço desculpas, contudo, marquei com ele e havia me esquecido. — Um simples olhar pra mim, mostrou o quanto ela estava desapontada com a decisão que estava tomando. Levantamos, peguei em sua mão, e antes de sairmos, ainda pude ver Rodrigo – com um sorriso irônico nos lábios. Tive vontade de voltar e socar a “fuça” dele. Mordi a parte interna da bochecha e apertei os dedos de Beatrice.

Entramos em sua sala e acionei as persianas. Beatrice foi até a cadeira dela puxou-a, e fez um gesto para que eu me sentasse. Franzi o cenho sem entender.

— Você é o dono Bryan, esse lugar é seu. Sou mera expectadora das suas decisões, só acato ordens. Eu sabia que seria assim, quando decidi

NACIONAIS - ACHERON

aceitar sua ajuda com a sala. — Deu de ombros. — Não posso reclamar. — Contornou e sentou-se à frente da mesa. Cruzou as pernas e com uma expressão de ódio prosseguiu. — Estou às suas ordens. — Bateu continência. Aquele ato só fez com que a raiva, que eu estava segurando por horas, explodisse como uma bomba.

Cheguei próximo a ela, encostei-me à mesa, apoiando as mãos nela, e estreitei os olhos.

— Sabe de uma coisa, Beatrice? Você está se “lixando” pra mim. — Agachei, ficando próximo do rosto dela. — Egoísta isso é o que você é. — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — E não adianta começar com isso. Desde cedo que estou tentando te explicar que preciso de você, que estou “fodido”, “PORRA”! — Levantei-me e passei as mãos pelos cabelos. — Não percebe “CARALHO”? Eu não estou brincado! Quer voltar pra aquela sala e paparicar um “imbecil, filho da NACIONAIS - ACHERON

puta” que só está aqui, ainda, porque te quer “foder”? — Encarei-a. — Vai lá... — Apontei com o indicador para a porta. — Se achar conveniente, marque para entregar o prêmio dele, quem sabe assim ele me deixa em paz. — O medo tomou conta do meu corpo, no momento em que pronunciei as palavras. *Se Beatrice levantar e caminhar até a porta, com toda a certeza eu morrerei. Jamais permitirei que outro homem a toque. Isso está fora de cogitação.* Por uns instantes nos encaramos, em seguida me afastei.

De costas para ela, atacando minhas bochechas com os dentes e espremendo os olhos com os dedos, senti quando ela passou os braços pela minha cintura e encostou o rosto em minhas costas. Soltei um suspiro – aliviado. Virei-me, a envolvi em meus braços e apertei-a em meu corpo. Afundei meu rosto em seu pescoço e aguardei meu corpo relaxar, com o contato de sua pele. *Beatrice é*
 NACIONAIS - ACHERON

meu calmante.

— Desculpe-me Bryan — balbuciou. — É... que... hum... você está sempre tentando me controlar, que não percebi que era tão sério. — Enfiou a cabeça no meu pescoço, passou os braços por ele e aspirou com força. — Vou te ajudar, o que precisa que eu faça?

O sorriso em meus lábios foi espontâneo, amoleci em seus braços e soube naquele instante que tudo seria resolvido, *Beatrice está comigo*. Beije a ponta do seu nariz e bati com a ponta do indicador.

— Já te disse que te amo? — balbuciei.

Beatrice inclinou a cabeça para o lado, ficou com os olhos miúdos e franziu os lábios.

— Na última hora... — Balançou a cabeça. — Ainda não. — Sorriu. Seu sorriso torto formou uma covinha em sua bochecha, provocando meu instinto animal. Avancei em seus lábios, invadindo

sua boca com a minha língua. Coloquei as mãos em seus quadris e a subi para que encaixasse as pernas em minha cintura. A saia lápis dela embolou-se na cintura e os saltos de seus sapatos raspavam em minha bunda. Beatrice grudou nos meus cabelos, um pouco compridos, quase chegando ao colarinho da camisa, e segredou, mordendo o lóbulo da minha orelha:

— Eu também te amo. — Suspirou. — Mais do que eu achei que seria capaz. — Afastou um pouco o corpo do meu e continuou – olhando em meus olhos. — Mesmo você me sufocando, controlando todos os meus passos. — Assumiu e deu de ombros.

— Eu não te controlo – minha menina linda – apenas te protejo. — Ela foi querer rebater, coloquei o indicador em seus lábios. — Por mais que eu adore ficar com você em meus braços, tendo outra “DR”. — Ri. — As coisas não estão boas

NACIONAIS - ACHERON

para o meu lado. — Coloquei a no chão e ajeitei sua roupa. — Preciso que você suba comigo, a Carol simplesmente não apareceu para trabalhar. — Passei as mãos em seus cabelos, arrumando-os. Com o polegar, desenhei seu rosto, começando das sobrancelhas e terminando em seus lábios. — Não sei nem por onde começar. — Suspirei.

Ela arregalou os olhos e colocou a mão sobre a boca.

— Bryan, deve ter acontecido alguma coisa com a Carol, ela não faltaria sem avisar. Já tentou contato?

— Claro que sim né, Beatrice — proferi, estafado.

— Ok... — Jogou as mãos para cima. — Não precisa descontar em mim. Só que isso está me cheirando coisa da sua querida e amada Alicia. — Levantou uma sobrancelha e me encarou. — Deixa-me ver, você nem pensou nessa

NACIONAIS - ACHERON

possibilidade? — Balancei a cabeça negando.

Será que a Alicia teria a ousadia de prejudicar a Carol para se vingar de mim? Beatrice pode ter razão, isso porque ela nem sabe da gravação que tenho contra a Alicia. *Ela nem pode sonhar que eu deixei a Alicia subir na minha cobertura. Argh! Eu estaria “fodido”.*

— Bryan... Hey... Acorda! — Estalou os dedos na minha frente. — Chacoalhei a cabeça, desvencilhando o pensamento. — Não vejo como eu posso te ajudar, Bryan. O máximo que posso fazer é te auxiliar em saber o que aconteceu com a Carol, mas isso eu posso fazer daqui mesmo.

Franzi o cenho e arrumei a postura.

— Qual o problema, Beatrice? Por que não quer subir comigo? Ainda quer ficar aqui e paparicar o “idiota” do Rodrigo? Você gosta que ele fique flertando com você né? Alimenta seu “Ego”? — Cruzei os braços no peito.

— Se continuar com as ofensas Bryan, eu mando você pra aquele lugar e deixo você se virar sozinho. Seu grosseiro, estúpido. — Virou as costas e foi até sua mesa.

Caminhei a passos largos até ela, peguei seu braço e a virei com força, juntando-a ao meu corpo.

— Tenho uma coisa bem grossa se você quiser. — Levantei o canto dos lábios com um sorriso malicioso. Peguei sua mão e coloquei sobre meu membro – duro como um pau. A teimosia e petulância de Beatrice ativa todos os meus botões. — O que acha? — Arqueei as sobrancelhas.

Ela tirou a mão e fechou a cara.

— Nunca vai mudar né Bryan. Diga logo o que quer eu faça, preciso alinhar com a Rebeca, minha agenda.

Estou me sentindo em um campo minado,

gosto de controle, de saber onde estou pisando, e essa horda de aproveitadores ao meu redor só fez meu cérebro descarrilar. Conversei calmamente com a Beatrice e propus que viesse comigo para a minha empresa, com a finalidade de fazer um levantamento da situação e criar um plano de ação, para melhorias nos departamentos, dessa maneira ela conseguirá se inteirar de tudo. Minha real intenção é que não volte – que fique por aqui e me ajude. Nunca imaginei que dependeria tanto de uma pessoa, como dependo dela. Chego a pensar que preciso de terapia, como ela sugeriu. Não é normal uma pessoa perder a cabeça a ponto de agir como um animal irracional, quando se trata dela.

— Bom dia Camila. — Beatrice cumprimentou a recepcionista da minha empresa, apreensiva. A maior preocupação da minha menina é o confronto com a Alicia. Sinto-me o ser humano mais egoísta da face da terra, colocando-a nessa

NACIONAIS - ACHERON

situação, porém, fiquei sem alternativa. Com a presença dela ao meu lado, terei mais força. Sem contar que estarei focado, Beatrice longe, me desconcentra. Camila retribuiu toda educada.

— Conseguiu falar com a Carol, Camila?

— perguntei, coçando a testa, preocupado.

— Senhor Bryan, ela não atende a nenhum telefone, mas consegui falar com a colega dela – de quarto. Segundo a amiga, ela não chegou a sua casa ontem do trabalho. — Engoliu em seco. — Carol está internada, parece que foi atacada, um assalto, ela não sabe direito o que aconteceu. Está no serviço e não pôde ir vê-la.

Beatrice arqueou as sobrancelhas para mim e arregalou os olhos.

— O quê? Como assim? Em que hospital?

— pronunciei, esbaforido. *Não pode ser... Alicia seria capaz disso? Deve ter sido assalto, é apenas coincidência.* No momento em que pensei em

Alicia, ela surgiu a nossa frente, toda imponente, com um sorriso diabólico nos lábios. Mediu Beatrice dos pés a cabeça e fez uma expressão de desdém.

— O que está acontecendo aqui, Bryan? Cadê seu cãozinho de guarda, que não está na mesa dela?

Não pensei duas vezes antes de voar nela. A encostei à parede, com meus dedos apertando seu pescoço.

— Sua “vadia”. O que você fez com a Carol? Vou te colocar atrás das grades, sua “puta do caralho”!

Beatrice correu até mim, passando os braços pelo meu corpo. Nas pontas dos pés, encostou os lábios na minha nuca e sussurrou:

— Bryan, por favor, a solte. Não vale a pena, todos pararam o que estavam fazendo e estão concentrados aqui. Você não pode agir assim na NACIONAIS - ACHERON

frente dos seus colaboradores, vai perder a credibilidade. — Salpicou alguns beijos no meu pescoço e tirou minha mão do pescoço da Alicia. Beatrice não para de me surpreender. *Onde ela encontrou essa calma e segurança?*

Alicia abaixou a cabeça e passou a mão no pescoço, tossindo. Assim que levantou os olhos, estavam vermelhos de ódio.

— Eu sou quem vai te colocar na cadeia, Bryan. Estou indo agora abrir um boletim de ocorrência. Pode ter certeza de que com essa marca no meu pescoço, vai ser preso na hora. Fora que... — Olhou em volta. — Tenho muitas testemunhas. — Riu ironicamente. — Está me acusando de algo que eu não fiz e sem provas. — Gesticulou com as mãos. — Seja lá do que for que está me acusando, contra seu cãozinho asiático.

Beatrice continuava me segurando e senti quando apertou meu braço, tensa. Passei a mão por

NACIONAIS - ACHERON

cima da sua e apertei de leve, passando segurança.

— Você é quem sabe, Alicia. Temos muito a perder, eu e você, não acha? — Inclinei a cabeça para o lado e estreitei os olhos. *Espero que ela não prolongue o assunto. Se levantar a questão da gravação estou mais do que “fodido”. Que argumento terei com a Beatrice?*

Ela respirou fundo, e continuou me encarando. A ira corria pelos seus olhos. As pupilas dilataram-se e seu corpo tremia. Qualquer um podia ver que Alicia estava fora de si, descontrolada. Seria capaz de atrocidades. A maneira como se referiu a minha assistente mostrou deliberadamente sua culpa. Passei a mão pelas costas, juntando Beatrice a mim, com medo de Alicia partir pra cima dela. Não sei do que eu seria capaz se ela tocasse na minha menina. Beatrice envolveu minha cintura com os braços e apoiou a cabeça nas minhas costas. Seu corpo tremia tanto quando o de Alicia.

Um silêncio, bem-vindo, tomou conta do ambiente, por alguns minutos.

— Certo Bryan, ponto pra você. Não vou à delegacia, contudo, não me faça colocar tudo a perder, pra nós dois. — Fez um gesto com o indicador – entre nossos corpos. — Com acusações sem provas. — Ajeitou os cabelos, arrumou a postura, levantou o queixo e saiu.

Virei, peguei o rosto de Beatrice, com as duas mãos, e encostei meus lábios aos dela. Fechei os olhos e puxei o ar com força, dos pulmões.

— Pronto minha menina, pode se acalmar, ela não vai mais nos incomodar. Pelo menos não por hora. — Beije a ponta do seu nariz e encostei a testa na dela. — Obrigado... Está vendo como preciso de você? — Abracei-a com força e Beatrice desabou no meu peito. Os soluços abafados e a camisa molhada demonstraram sua fragilidade. Antes que minha equipe pudesse vê-la, e ela ficasse

NACIONAIS - ACHERON

constrangida, caminhei com ela de volta ao elevador.

— Camila, vou até o hospital saber o que aconteceu com a Carol. Envia-me uma mensagem com o endereço, por favor.

Ver minha menina se desintegrando nos meus braços tirou todas as minhas energias. O meu maior propósito é protegê-la, e no fim das contas só o que tenho feito é magoá-la. Beatrice tomou conta da minha mente e corpo, tudo e qualquer passo que dou são em função dela. Isso me assusta. Anos a fio no comando, sem ponto fraco. Meus inimigos, que passaram anos procurando por algo, para me afetar, já estão de orelhas em pé. Tenho certeza de que assim que descobrirem, o quanto me entrego por ela, vão atacá-la. Apertei o volante e cerrei os dentes — no momento em que passou — como um

flash, Beatrice sendo atacada. Com toda a certeza eu colocaria tudo a perder, não tenho controle quando se trata dela.

— Bryan... — Soluçou. — O que aconteceu entre você e a Alicia que a tem nas mãos? — Limpou as lágrimas com as costas das mãos. — Por que ela concordou em sair com o irmão sem relutar? — Virou o corpo em minha direção, sentando-se em cima da perna dobrada. Seus olhos estavam inchados e borrados.

“PORRA... PORRA... PORRA”! Não posso contar a ela, não agora, se é que um dia poderei. Beatrice jamais me perdoaria. Eu tinha que me apaixonar por uma mulher inteligente? Preciso mentir. Que “CARALHO” só vou complicar a minha situação, com mentiras. Não posso perdê-la. Pensa Bryan... Pensa... Pensa... Crie uma história muito convincente!

Virei o rosto para ela, passei as costas das
NACIONAIS - ACHERON

mãos em seu rosto e suspirei.

— Ela tem um apreço muito grande pelo irmão. — Dei de ombros. — Ele pediu que ela o acompanhasse. O que é uma maravilha para nós, você não acha? — Sorri timidamente. Peguei sua mão e trouxe até meus lábios. — Confia em mim minha menina linda, está tudo bem. Posso garantir a você que está muito próximo de nos livrarmos deles.

— Não estou me sentindo bem Bryan. Preciso ver minha terapeuta, não tenho conseguido controlar minhas crises de pânico — reclamou e desviou o olhar. — Fico tensa cada vez que entro em sua empresa, não sei como vou conseguir estar lá todos os dias — exprimiui e voltou a fitar-me. — Por mais que eu queira... — Fungou. — Desculpe-me. — Balançou a cabeça.

Endureci o corpo, pensando na possibilidade de ela desistir de estar comigo. *Tenho*

que encontrar uma saída.

— Podemos marcar de ir vê-la hoje, meu anjinho. Eu vou com você. — Passei o polegar pelo seu lábio inferior e retomei a atenção ao trânsito – que voltou a andar.

Beatrice concordou com a cabeça e o restante do trajeto, até o hospital, foi silencioso. Um medo tomou conta do meu corpo. Medo de perdê-la, de estar cometendo mais um erro fatal para o nosso relacionamento, mentindo para ela. Medo de nunca conseguir me livrar de Alicia. Medo de estar sentindo medo. Medo de me sentir tão vulnerável.

Preciso manter a postura e passar segurança a minha menina.

Capítulo 31 – Assombro do Passado

OLHEI PARA AS PROFUNDEZAS DAS DUAS PISCINAS VERDES de seus olhos e pude ver, através das mentiras, que ele tentou me nutrir. *Há algo mais – aqui. Por que ele está mentindo novamente pra mim? Qual foi a “merda” que ele aprontou agora? Quão fundo ele foi dessa vez? E o que eu faço? Aperto até descobrir? Finjo que acredito? Pensa Beatrice... O quanto você aguentará por conta de um amor? Valerá a pena?*

— Calma Carol, respira... — Bryan pegou na mão de sua assistente e apertou, acalmando-a.

Tenho certeza de que foi Alicia a responsável pelo ataque que a Carol sofreu, o problema é como provar. O que me deixou com a pulga atrás da orelha, foi o fato do Bryan ter desistido – tão fácil –, de ligar uma coisa à outra. Motivo claro que está me escondendo algo.

Assustamo-nos com a aparência da Carol. Seu rosto está cheio de hematomas, levou vários socos. Chegou ao hospital inconsciente. De acordo com as pessoas, que a socorreu, ela estava jogada no meio da “Praça dos Arcos” na Avenida Paulista. Caminho que segundo ela, faz todos os dias, por anos, e nunca lhe aconteceu nada. Carol relatou que todos os dias são as mesmas pessoas que circulam por lá, nunca imaginaria que pudesse ser atacada naquele horário.

— O que eles queriam Carol? — perguntou Bryan.

— Não levaram nada senhor Bryan, nem meu celular. Fiquei confusa. Só me disseram que aquilo era para eu aprender a não meter meu nariz onde eu não era chamada.

Bryan endureceu o maxilar e passando as mãos pelos cabelos começou a andar em círculos, pelo quarto do hospital. Voltou e aproximou-se da

NACIONAIS - ACHERON

sua cama, pegou novamente em sua mão e disse, confortando-a:

— Vou transfira-la de hospital e pedir que o Yuri fique com você. Beatrice está comigo, não vai precisar dos serviços dele por um tempo.

Encarei-o com uma expressão de assombro. *Como assim estou com ele? Por quanto tempo ele acha que ficarei com ele? Não posso largar meu escritório. Bryan surtou de vez, não tem outra explicação.* Tentei revidar e ele apenas fez sinal de silêncio, com indicador em frente aos lábios. Engoli em seco e adiei a conversa, em respeito a condição de Carol.

Paramos diante do prédio, onde fica o consultório da doutora Perci, e o meu estômago revirou-se. Ao mesmo tempo em que preciso colocar para fora o que sinto, tenho medo de ouvir o que passa dentro da minha cabeça e me sentir

mais confusa. Pelo menos enquanto estão na minha mente, afasto, sempre que vejo que meu corpo não terá uma reação favorável.

Bryan virou o corpo para mim, apoiou o braço no volante e franziu o cenho.

— O que foi Beatrice? Não foi você quem quis vir até aqui?

Meneei a cabeça concordando, segurando o lábio inferior com os dentes e apertando os dedos no colo. Desviei os olhos do Bryan para o meu colo e um calafrio tomou conta da minha espinha, me fazendo estremecer no banco.

— Hey... — Pegou em meu queixo e virou meu rosto para ele. — Não quer entrar? Podemos ir embora. — Puxou meu corpo para o seu colo e me embalou como um bebê, com meu rosto afundado em seu peito. Beijou o topo da minha cabeça e continuou. — Minha menina, fala comigo. Você não pode lidar com todas as “merdas” do seu NACIONAIS - ACHERON

passado sozinha. Eu sei o quanto o “filho da puta” do seu pai mexeu com sua mente. — Afastei meu rosto do seu peito para olhar em seus olhos. — Eu sei que sou muito “fodido” para estar com você meu anjinho. — Balançou a cabeça. — Mas... — Suspirou. — Não me deixa, se abre comigo e juntos podemos superar todos os nossos demônios.

— Então... Estão conseguindo lidar com as diferenças de vocês? E as crises de pânico, diminuíram? — questionou a doutora.

Bryan passou o braço pelo meu ombro e me apertou contra seu corpo. Acomodados no confortável sofá, da sala da Dra. Perci, me senti como uma criança perante o diretor da escola. — Acuada. Por mim estaria sozinha com ela, com Bryan ao meu lado não estava confortável. Se eu cogitasse a ideia de ele sair, criaria um problema, e o nosso intuito era exatamente o contrário. Ele

beijou minha testa e colocou meu cabelo atrás da orelha.

— Quer que eu comece minha menina? —
Passou a língua pelos lábios. Bryan estava fora da sua zona de conforto. Balancei a cabeça negando. *Eu preciso iniciar, tenho muito que falar.* Limpei a garganta, respirei fundo e criei coragem.

— Ainda temos muito que melhorar doutora. — Fechei os olhos e inclinei a cabeça para trás. — Tive algumas crises de pânico, inclusive uma hoje cedo. — Abri os olhos e abaixei a cabeça, meneando-a. — Bryan... — Bufeí. — Ele continua me sufocando. — Bryan tirou o braço do meu ombro e projetou o corpo para frente, sustentando os cotovelos nos joelhos. Colocou o rosto entre as mãos e deu um longo suspiro. Quando foi querer defender-se a doutora o interrompeu:

— A deixe desabafar Bryan, caso contrário, terei que pedir que se retire.

Ouvimos um gemido abafado. — Nem “fodendo”!

— É assim que lida com a insegurança dela? — A doutora trouxe o corpo mais próximo do rosto do Bryan e continuou. — Ou me deixa fazer meu trabalho ou procure outra pessoa para ajudar — advertiu e voltou a encostar-se à poltrona. Sem delongas me encarou. — Continue Beatrice, o que ele tem feito?

Bryan estava inquieto ao meu lado, coçava a barba e passava as mãos pelos cabelos. Sua respiração estava alterada e seus olhos faiscavam. Meu corpo começou a dar sinais de medo, eu precisei respirar com cuidado, para não ter uma crise ante a doutora e ela fazê-lo sair. *Meu Deus! Não posso ser tão fraca assim. Eu amo esse homem, preciso encontrar uma maneira de lidar com ele. Ajude-me!*

Olhei para ele e quando nossos olhos

NACIONAIS - ACHERON

cruzaram, senti um amor incondicional. Por alguns instantes admirei sua beleza. Cada vez que ele passa a mão pelos cabelos, deixa-o mais sex. Os cabelos desalinhados, a boca entreaberta, os olhos verdes penetrantes, o contorno de seu nariz, que apesar dos traços másculos é desenhado. Desci os olhos para o peito, com os primeiros botões da camisa abertos, mostrando os pelos pretos, os antebraços firmes, com as veias saltadas, as mangas da camisa dobradas até os cotovelos. A barba cerrada, extremamente cuidada. Quando ele percebeu que eu o analisava, abriu um sorriso torto e levantou uma sobrancelha. Passou as costas das mãos no meu rosto e disse:

— Pode falar meu anjinho, farei qualquer coisa para te ajudar. — Olhou para a doutora. — Até aceito estar aqui, quantas vezes você achar necessário. — Bufou. — Se isso é importante pra você. — Inclinei a cabeça em sua mão e fechei os

NACIONAIS - ACHERON

olhos, buscando as palavras certas a serem ditas, sem que causasse um terremoto na sala.

— Quer que ele saia Beatrice? — perguntou a doutora, com a testa franzida.

Bryan lançou um olhar homicida a ela. Meneei a cabeça, negando.

— Ele insiste em controlar todos os meus passos. — Dei de ombros. — Fez um escândalo quando atendi meu ex-cunhado. — Revirei os olhos lembrando. — Move céus e terra para que eu não atenda nenhum cliente do sexo masculino. — Torci os lábios. — E agora, quer que eu mude todos os meus planos para ir trabalhar com ele. — Ele foi falar, coloquei a mão em frente seus lábios e fechei a cara. — Não acabei... — Baixei os olhos e comecei a passar a ponta do sapato na junção do assoalho. — Doutora... — Puxei o ar com força. — Ele quer se casar comigo achando que eu sou uma propriedade, que um papel fará com que eu bata

NACIONAIS - ACHERON

continência a ele. — Soltei os ombros e relaxei no sofá, esperando vir o bombardeio.

— Que absurdo Beatrice! — Bryan se levantou e andou pela sala, quase arrancando seus cabelos. — Você está transformando meu amor em obsessão, tem noção de quão “fodido” é isso? — Parou em minha frente com as mãos nos quadris, mordendo a parte interna de suas bochechas. — Não sei mais o que fazer para ela acreditar em mim. Juro que tudo o que eu faço é pensando nela, em protegê-la. — Ri, sem vontade. Ele agachou-se em minha frente e pegou em meu queixo. — Você não confia em mim e nunca vai confiar, você se esqueceu de relatar isso à doutora.

— Bryan, isso não vai ajudar. Sente-se e se acalme. Enquanto continuar agindo dessa maneira, Beatrice sentirá medo e terá crises de pânico. Você é inteligente, o suficiente, para entender que demora muito mais tempo para ela confiar nas

NACIONAIS - ACHERON

pessoas – mais do que o normal.

Bryan levantou-se passou as mãos nos cabelos, tentando mantê-los alinhados e voltou a ficar ao meu lado no sofá.

A sessão durou mais tempo do que eu imaginava. A doutora teve muita paciência com o Bryan, ele a interrompia a todo instante. Bryan é irreduzível, jamais admitirá sua obsessão e posse. Ela tentou de todas as maneiras fazê-lo entender o quanto suas atitudes me assustam. Discutimos sobre o casamento e o fato de ele querer me anular, seguindo somente os seus interesses. Bryan, provou – por A mais B – que estar com ele é muito mais do que eu tenha planejado, e que o fato de eu estar em sua empresa, não me anula, pelo simples fato de eu estar exercendo minha profissão, da mesma maneira. A conclusão que eu cheguei é que terei que encontrar uma forma de lidar com a sua

personalidade dominadora. É muito provável que ele nunca mude. *Ou aceito ou caio fora.* Cair fora está fora dos meus planos. Meu coração não suportaria ficar sem ele. E meu corpo nem se fale. Como um relâmpago, uma imagem passou pela minha cabeça. Bryan com a cabeça entre minhas pernas nuas, me penetrando com o olhar, passando a língua entre os lábios da minha vagina. Estremeci. *Não posso ficar com ele só por sexo!*

— O que foi isso minha menina? — Bryan colocou a mão no meu joelho e apertou. O semáforo estava fechado, pude ir até ele e dar um beijo quente em seus lábios. Afastei o rosto e acariciei seus lábios com o polegar, admirando-o. *Não é só sexo, eu o amo!* Ele abriu um largo sorriso. — Gostei... — Pegou em minha nuca e me levou de volta para os seus lábios. Enfiou a língua em minha boca e me devorou. Com a outra mão, pegou a minha e a colocou sobre seu membro,

NACIONAIS - ACHERON

estourando a calça do terno. *Como ele pode ficar tão excitado em segundos? Esse é o meu Bryan!* Envolvidos no calor do momento, demos um pulo quando ouvimos as buzinas atrás de nós. Um carro passou por nós com o motorista dizendo. — Procure um motel cara! — Mostrou o dedo do meio. *Argh! Paulista estressado.*

Fiquei sem graça e me ajustei novamente no banco do passageiro. Ouvi meu celular tocar na bolsa. Virei o corpo e alcancei a bolsa no banco de trás. Olhei no visor e vi que era a Rebeca. *Será que aconteceu algo? Isso não vai dar certo, preciso conversar com o Bryan a respeito, não posso simplesmente abandonar a Rebeca.*

— Oi Rebeca, tudo bem por aí? — indaguei, aflita. Bryan percebeu meu incômodo e voltou sua mão para o meu joelho, apertando-o. Tirou o telefone da minha mão e colocou no viva voz. Nunca sei o que fazer, quando ele

NACIONAIS - ACHERON

simplesmente toma a frente da minha vida.

— Beatrice, estou aqui acertando os detalhes de sua agenda para amanhã, entretanto, temos um problema. — Emudeceu. — O senhor Augusto não quer ser atendido por outra pessoa, a não ser você, disse que confiou em você e não teve retorno. — Suspirou. — Ele está bem nervoso. — Limpou a garganta. — E não é só isso. A Mirela está aqui a mais de uma hora, disse que só sai daqui quando falar com você. — Como era de se esperar, Bryan me atropelou e respondeu:

— Rebeca... vamos por partes. Para a Beatrice não dizer que sou um “Ogro” e quero atrapalhar seus negócios, vou tentar entender. Marque com o senhor Augusto uma reunião, veja onde ele prefere, eu vou estar com a Beatrice, assim vou conseguir ajudar melhor. E quanto a Mirela, manda ela ir se “foder”! — Arregalei os olhos e balancei a cabeça. — Essa garota já deu problemas

NACIONAIS - ACHERON

demais. Chama ela e diz que vamos encerrar o contrato com ela. Não vou deixar a Beatrice enfiar a mão num vespeiro. Diga que daremos a melhor carta de recomendação.

— NÃO! — exclamei. — Nada disso Rebeca, peça para ela me esperar. Estou voltando para o escritório.

Bryan me encarou, perplexo. *Ele acha que vou abaixar a cabeça para tudo que ele fizer? Está redondamente enganado.*

— Tudo bem Rebeca, estamos voltando para o escritório. Quero ver o que essa garota tem em mente — replicou ele, fulo.

No momento em que nos sentamos, diante de Mirela, percebi sua insegurança — com a presença do Bryan. Olhei para ele, implorando que me deixasse sozinha com ela. Foi como se ele não

estivesse entendendo. Claro que ele entendeu, mas como macho alfa, não deixaria eu resolver a questão. Por mais que eu tentasse entender o lado dele em me proteger, não seria eu se não ajudasse a garota.

— Olá Mirela. — Bryan estendeu a mão cumprimentando-a e sentou-se à frente dela. Abriu o botão do paletó e cruzou o tornozelo por cima do joelho. Enquanto eu me acomodei ao lado dele, continuou. — Espero que tenha um ótimo argumento para mim. Estava a caminho de casa e tive que voltar. — Descruzou a perna e trouxe o corpo para perto da mesa, apoiando os cotovelos nela. — Acho que pode imaginar que não fiquei nada feliz. — Arqueou as sobrancelhas e fitou-a.

Os olhos de Mirela marejaram, ela tentou abrir a boca, porém seus lábios tremiam.

— Bryan! — Encarei-o com uma expressão de aviso. Peguei a mão da garota por cima da mesa

NACIONAIS - ACHERON

e apertei de leve, permitindo que colocasse pra fora seu problema.

— Beatrice... — Soluçou. — Desculpem-me. — Limpou a lágrima insistente, com as costas da mão.

Bryan puxou o ar dos pulmões com força e me encarou. Cerrou os dentes e franziu o cenho. Eu sabia o que estava passando na cabeça dele. Queria que eu me livrasse logo dela, assim não precisaria me colocar em perigo. *Fico impressionada com tanto egoísmo, se eu não ajudar a garota, quem o fará?*

— Pode falar Mirela, não se intimide com o Bryan. Estou aqui para te ajudar. O que estiver ao meu alcance eu farei e... — Bryan me interrompeu.

— Mirela, é o seguinte, vou direto ao ponto. Não quero Beatrice envolvida com problemas. Ela já tem muitos para resolver. Sendo assim, peço que seja breve. Pode ter certeza que se tratar de

NACIONAIS - ACHERON

dinheiro eu mesmo te ajudo, fora isso, melhor nem perder seu tempo.

Fechei os punhos e olhos, me segurando para não explodir com o Bryan – na frente de uma colaboradora. Forcei um sorriso e voltei minha atenção à Mirela. Ela me olhou com uma expressão de súplica. Meneei a cabeça para que continuasse. Mirela limpou a garganta e depois de um longo suspiro conseguiu enfrentar a cara fechada do Bryan.

— Minha mãe está desaparecida. — Comunicou e baixou os olhos para os dedos cruzados sobre a mesa.

— E que “porra” nós temos a ver com isso garota? — Bryan chegou com o rosto bem perto do dela. — Você só pode estar tirando com a minha cara. “Tá maluca” se está pensando que a Beatrice vai entrar nessa. — Bufou. — Nem se eu tiver que amarrar ela, não me chamo Bryan se isso acontecer.

— Soltou o corpo de volta na cadeira e gemeu. — Que “caralho”, mais uma para “foder” com a minha vida!

As duas mãos de Mirela foram para o seu rosto e a partir daí seu choro ficou descontrolado. Levantei-me e rapidamente estava sentada ao seu lado, abraçando-a e consolando-a.

— Shiiii... Calma, vamos pensar em uma saída. Não é mesmo Bryan? — Estreitei os olhos e mordi o lábio inferior. Bryan balançou a cabeça e ficou de pé. Andou de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos. *Ele perde o controle muito rápido. Fico apavorada!*

— Ok! — Suspirou. — O que quer fazer Beatrice? Hum? Quer sair por essa cidade “pequena e segura” atrás de uma pessoa que você nem conhece? Hein? — Espalmou uma mão no tampo da mesa e aproximou seu rosto do meu, com o indicador apontado para mim. — Você tem noção

da “merda” em que está entrando? “PUTA QUE PARIU” Beatrice! Quando é que você vai parar de me desafiar? — Esmurrou a mesa e foi até as vidraças da sala. Ficou de costas para nós, com uma mão nos quadris e outra passando na testa — bufando.

Continuei abraçando a Mirela e alisando suas costas. Buscava uma maneira de ajudá-la, sem que me prejudicasse. Nada do que eu pensava me deixaria de fora. Aquilo mataria o Bryan do coração, mas eu teria que encontrar algo.

Bryan voltou para perto de nós e prosseguiu:

— Por onde quer começar? Qual “boca de fumo”? Conhece alguma? Podemos ir nós três o que acha da ideia? — disse, com um tom ferino.

— CHEGA, BRYAN! Está passando dos limites — gritei. — Não percebe que não está ajudando em nada com essa sua atitude agressiva?

NACIONAIS - ACHERON

Só vai deixar a garota com mais medo.

— Então o que quer fazer? Fala “porra”. — Sentou-se novamente, voltando seu tornozelo em cima do joelho, com uma expressão ameaçadora.

— Se não estivesse tão grosseiro, com toda certeza já teria pensado em uma maneira de ajudarmos ela — rebati.

— Ah claro... Eu tenho que pensar em uma forma de ajudar uma pessoa que só vai “foder” comigo? — Arregalou os olhos e me encarou. — Em que mundo você vive, Beatrice? Estamos em São Paulo. — Estalou os dedos. — Hello! Acorda! Não viu a situação da mãe dela? É uma viciada, Beatrice. Você acha mesmo que podemos ajudar essa garota sem nos colocar em perigo? Por favor, seja racional, pelo menos uma vez na vida. Pare de agir como uma criança mimada! Que “PORRA”! — Bateu as mãos nas pernas.

As palavras dele foram como uma faca
NACIONAIS - ACHERON

entrando no meu peito. *Irracional? Mimada? O que está pensando? Fiquei seis meses sozinha e nada me aconteceu, foi só ele aparecer na minha vida que desandou tudo.*

Mirela sentiu que o clima pesou. Levantou-se, ajeitou sua roupa e disse:

— Tudo bem, ele está certo Beatrice. Não posso fazer isso com você. Deixa pra lá. Já estou acostumada. Não sei o que deu em mim. — Pegou sua bolsa e saiu da sala.

Encarei o Bryan e antes de eu despencar minha raiva, ele levantou-se, pegou minha mão me puxando pra fora da sala.

“Respeite seus próprios limites. Quando estiver irritado e ansioso, ame o silêncio. No primeiro minuto de tensão, produzimos nossos maiores erros.” – Augusto Cury.

Concentrando meus pensamentos em todos os livros que li durante minha vida, tentando encontrar um equilíbrio, permaneci em silêncio por todo o trajeto. Polyana e Aninha voltaram para a casa da minha mãe e padrasto, portanto, Bryan estava me levando para o meu apartamento – irritado. Ele queria que eu fosse com ele até a cobertura e depois para o meu apartamento, entretanto, percebeu que eu não estava nada amigável. Decidiu ir sozinho se arrumar e voltar para dormir comigo, mesmo correndo o risco de eu deixá-lo no sofá.

Bryan estacionou o carro em frente ao meu prédio, e quando coloquei a mão na porta para sair – ele puxou meu braço –, para que eu virasse para ele. Eu não estava nem um pouco feliz, com a atitude dele diante de Mirela, sendo assim, por reflexo, puxei de volta, sem querer ponderar naquele momento.

— Não vou deixar você descer sem conversarmos. Não gosto quando brigamos — declarou, com uma expressão mais amena.

— Ahahaha... Cômico isso... Quando é que não estamos brigando? — ironizei.

Ele me uniu a ele, com força, colocou a mão na minha nuca e, sem o menor cuidado, arremeteu seus lábios contra os meus. Uma vez que sua língua se aprofundou na minha boca, e eu o provei, meu corpo amoleceu — me tornei um caso perdido. Bryan juntou meus cabelos e segurou-os com rigorosidade, içando meu rosto e penetrando meus olhos com os seus. O contorno verde escuro de sua íris mostrou sua excitação.

— Sempre que estamos conectados, não brigamos. Concorde? — desafiou-me.

Abri um sorriso de canto. Mesmo com a raiva que estava sentindo, eu sabia que ele tinha razão. Por mais que eu quisesse ajudar a Mirela,
NACIONAIS - ACHERON

entrar no mundo das drogas para resgatar alguém, é muito arriscado. Tem que valer muito a pena, e nós nem a conhecemos. *Eu sinto que de alguma maneira preciso ajudá-las. Não sei explicar o porquê, só que... Algo está nos unindo.*

Acaricieei o rosto do Bryan e encostei a testa na dele. Nossos olhos não se desconectaram, aos poucos a tensão dos nossos corpos se desfez e o amor, que nos mantém, aflorou. Bryan soltou meus cabelos e entrou no modo carinhoso. Subiu e desceu suas mãos pelos meus braços. O seu hálito quente, com cheiro de hortelã, tomou conta do carro. Por alguns minutos nos desligamos do mundo e entramos em nossa redoma. Redoma que se pudéssemos não sairíamos nunca. Dentro dela, nada importa só nós dois.

— Eu te amo — sussurrou.

— Eu também — balbuciei.

Parada em frente à porta do meu apartamento, amaldiçoando, por não encontrar as chaves. *Caramba! Não sei por que teimo em carregar mil coisas dentro dessa bolsa. Será que vou ter que tocar a campainha para o Ethan abrir? Que saco!... Encontrei... Uffa!* Nem precisei colocá-la na fechadura, a porta abriu-se e o que eu vi foi avassalador.

— Ora... Ora... Se não é a princesa do papai que está chegando em casa. — Fez um gesto com as mãos. — Entra filhinha e sintase em casa. — Esticou uma xícara em minha direção e continuou. — O Ethan me disse que cafeína te acalma, então... Aqui está, tome, teremos uma longa conversa.

Minhas pernas amoleceram. Olhei para o Ethan, estático no sofá, com uma expressão desesperadora. Apontou com a cabeça para o aparador da sala e vi um revólver calibre 38, o mesmo que ele me ameaçava quando eu ainda

NACIONAIS - ACHERON

estava sob o seu domínio.

Não conseguia fazer meu corpo responder ao meu cérebro, precisava entrar e enfrentar a situação, porém, senti como se estivesse pisando em um lugar com cimento fresco.

Analisei o homem diante de mim, completamente diferente. Bem vestido, magro, cabelo alinhado e sóbrio. O cheiro de nicotina, misturado com álcool, não tomava conta do ambiente. Exalava um perfume masculino. Ethan arregalou os olhos e me implorou em silêncio, que eu entrasse e conversasse com ele.

Minhas vistas começaram a ficarem turvas, as batidas do meu coração zuniram no meu ouvido, o estômago virou uma bagunça. As garras do medo me seguraram, contra a minha vontade, me arrastando de volta ao passado. Um calafrio passou por mim e quando pensei em dar o primeiro passo, meus joelhos dobraram-se. As mãos pegajosas

abordaram os meus braços, e mesmo que eu quisesse muito, não consegui caminhar. Apenas – com os lábios – me desculpei com o Ethan, que já estava em pé, na minha frente. Em questão de segundos o mundo tornou-se uma escuridão.

— Olá Bela Adormecida, é assim que você faz agora? Pelo jeito criei uma fracote. — O hálito dele – esquentando meu rosto – me deu ânsia.

Olhei em volta e não reconheci o lugar. Parecia um galpão de uma fábrica abandonada. Eu estava deitada em cima de uns sacos de estopa e somente uma luz bem fraca iluminava o ambiente. Poucas janelas arejavam o local. Meu pai estava sentando ao meu lado, com o revolver apontado para mim.

O tempo parou e tudo passou a acontecer em câmera lenta. Nada fez diminuir o medo que

percorreu os meus sentidos, quando olhei nos olhos do homem causador de todos os meus traumas, que me acompanhou nos meus piores pesadelos. Corri os olhos para o metal da pistola apontada para mim e voltei para os seus olhos, sem um pinga de emoção. *Como ele consegue? Eu sou a filha dele. Meu Deus! Que tipo de monstro ele é? Como vou escapar dele? Ele domina meu ser da pior maneira possível. Calma Beatrice!*

Tentei não me focar nas batidas descompassadas do meu coração, que pareciam estar dentro do meu ouvido. Senti o suor escorrendo pelas minhas costas e entre meus seios; meu estômago revirando-se. Tudo o que eu precisava era me concentrar e descobrir o que ele queria.

— Por que estou aqui? — perguntei, sussurrando.

— Ah... Que gracinha, a princesinha quer

NACIONAIS - ACHERON

saber por que está com o papai. — Esticou o braço e beliscou minha bochecha. — Senti saudades, depois de tantos anos, mereço uma transa boa, não acha? Tive um bom incentivo também, tem coisas que a gente não entende sabe. — Se levantou, pegou o celular e voltou para o mesmo lugar. — Como um cara cheio da grana e bonitão foi cair nas suas garras? Tudo bem, você até que tem umas coisas bonitas que herdou de mim, agora não é para tanto — né.

Calma Beatrice... Pense... Pense... Um vacilo e esse maluco atira em mim, sem contar que ele, com toda a certeza, vai me estuprar. Meu Deus, o que eu faço?

Vasculhei o lugar com os olhos, na esperança de encontrar uma porta para eu poder correr. *Há essa hora o Ethan já entrou em contato com o Bryan, mas, como ele vai me achar aqui? Meu Deus... O celular, se ele trouxe meu celular o*
 NACIONAIS - ACHERON

Bryan me acha, mas não, ele estava com outro celular nas mãos. Minhas mãos tremiam e a respiração oscilava – de medo; na verdade – de pavor. Todos os pesadelos de anos estavam se materializando.

— O que vo...cê quer — gaguejei. Ele inclinou o corpo e ficou bem perto do meu rosto. Passou o cano do revólver pelo meu rosto, com um sorriso irônico nos lábios. O frio do metal fez meu sangue congelar. Ao mesmo tempo em que o suor escorria pela minha pele, minhas mãos estavam congeladas, não fosse o fato de eu estar deitada, eu já teria caído.

— Você logo vai saber. — Se afastou e começou a discar.

Eu queria gritar, descarregar toda a minha raiva nele, cuspir na cara dele, ser forte, reagir, mas meu corpo não respondeu a nenhum dos comandos do meu cérebro. Os dentes batiam em minha boca e

NACIONAIS - ACHERON

os joelhos tremiam. Todas as possibilidades de uma vida ao lado do Bryan, todas minhas expectativas, tudo o que eu vinha sonhando nos últimos meses, estava escapando pelos meus dedos. *Se esse homem tocar em mim novamente, não serei capaz de me recuperar. Nenhum homem vai conseguir me trazer de volta, nem mesmo o Bryan. Meu Deus, não deixa ele acabar com toda a esperança que criei.*

— Quer dizer que consegui sua atenção? Estava pensando esses dias, como é que vou fazer para a “vadia” de a minha filha pagar o que me fez? E eis que cai no meu colo, de mão beijada, uma proposta de ferrar com a vidinha de playboy do seu noivo. Claro que eu não recusei a oferta, mato dois coelhos com uma cajadada só.

Meu pai falava ao telefone e com toda a certeza era com o Bryan. Senti alívio e ao mesmo tempo medo. Pela maneira que falava, queria dinheiro, mas não descartou a hipótese de me

NACIONAIS - ACHERON

estuprar. Discutiram por um tempo e, de repente, como se eu estivesse sonhando – o lugar foi invadido por vários homens.

— Seu “filho da puta”, está me segurando na linha para me acharem. Dessa vez não consegui, mas na próxima eu não falharei. — Colocou o celular no bolso e saiu correndo.

— Ele fugiu, corram... Não o deixem escapar. — Os homens saíram atrás atirando, mas voltaram em seguida, dizendo que não tinham conseguido.

— Você está bem? — Um deles agachou-se ao meu lado e estendeu a mão para eu pegar. Não acreditei, fiquei sem ação. — Acabou, Beatrice, você está a salvo. Venha... Vamos te levar para o senhor Bryan. — Peguei na mão do rapaz, sem entender quem eles eram e, muito menos, como me acharam. Também não importava, o que eu queria era voltar para os braços do Bryan, só lá eu me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sentiria completa.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 32 – Carta na Manga

ADEMIR FICA BOQUIABERTO AO VER A FIGURA que está entrando para depor. Depois de dias tentando trazê-la, sem sucesso, o dia estava ganho para ele. Levantou-se rapidamente e puxou a cadeira para ela sentar-se.

— Por favor, senhorita. Não consigo nem expressar como estou feliz em ter aceitado estar aqui. Você pode ser a peça que está faltando para completarmos esse quebra-cabeça, do “caralho”, que já me roubou noites e noites de sono.

— Agradeço se o senhor manejar o seu vocabulário, detetive — disse Beatrice. Encaixou sua bolsa na cadeira ao lado e sentou-se em frente à mesa. — Desculpe-me se não vim antes, mas... — Respirou fundo. — Como o Senhor deve saber, meu noivo continua internado, e... — Fechou os olhos e segurou as têmporas com as mãos. — Indo

e vindo para nós. Não sei quanto tempo ainda vai demorar a estabilizar-se. Ficou dias desacordado.

Ademir acomodou-se em sua cadeira e sentiu pena da mulher – ante ele. Abatida, rosto chupado e olheiras profundas. Vestida com um jeans e uma camiseta básica, com um tênis nos pés e um rabo de cavalo – nos cabelos. Quase não acreditou que se tratava da noiva do tão imponente Bryan Soutto. Só admitiu quando verificou, com mais calma, seus traços. Mesmo com todos os indícios de dias de sofrimento, pôde ver sua beleza: olhos de um azul penetrante, lábios carnudos, nariz fino e desenhado. Cintura fina, quadril largo, seios fartos, mesmo mostrando estar abaixo do peso, à calça marcava as curvas de suas coxas largas.

— Podemos começar detetive? — indagou, com uma expressão de curiosidade. Beatrice reparou que estava sendo analisada e sentiu-se incomodada.

Ademir arrumou a postura e limpou a garganta. *“O olhar dela é intimidante.”* Chacoalhou a cabeça e puxou o ar, buscando razão. *“Porra! Agora entendo o porquê da obsessão dele — por ela.”*

— Claro que podemos — respondeu. — Eu poderia começar pedindo que relatasse os acontecimentos do dia, porém, já ouvi tantas vezes essa história que vou mudar um pouco. — Chegou com o corpo próximo da mesa e cruzou as mãos em cima dela. — Quem é a Felícia?

A cara de espanto de Beatrice deixou Ademir intrigado. Tinha apertado o botão certo.

Beatrice recostou-se na cadeira, cruzou as pernas e tirou um pelo inexistente de sua calça, desconfortável com a pergunta.

— Acredito que o senhor é bom no que faz, senão, o advogado do meu noivo, ou a sua família — já teria dado um jeito de trocá-lo — argumentou

NACIONAIS - ACHERON

irritada. Levantou o queixo, encarou o detetive e continuou. — Sendo assim, tenho certeza de que o senhor sabe muito bem quem é a Felícia. Qual a razão da pergunta?

O sorriso de satisfação nos lábios de Ademir foi evidente. *“É por aí que tenho que ir. A garota além de linda, com curvas provocantes e olhar intimidante, é inteligente. “Cara” sortudo esse Bryan.”*

— Bom — senhorita...

— Me chame de Beatrice, detetive. Sem formalidades — interrompeu.

— Ok Beatrice. Ontem recebi uma gravação que coloca essa tal Felícia e, Alicia – ex-noiva do senhor Bryan, em uma boa enrascada. Por isso a pergunta. — Levantou as palmas das mãos e prosseguiu. — Ótima sacada do seu noivo em gravar a conversa deles. Essa pode ser a chave para resolvermos o atentado. Tudo leva a crer que essas

duas estão “fodidas”. — Levou a mão na boca e desculpou-se.

Beatrice endureceu na cadeira. Baixou os olhos e espremeu os dedos no colo. *“Gravação? Do que ele está falando? Bryan que fez? Eu sabia que ele estava mentindo pra mim de novo. “Merda”! Não posso mostrar que desconheço esse fato, tenho que conduzir a conversa de forma que ele me mostre a gravação.”*

— Ah claro... Que bom termos essa carta na manga – detetive. — Riu nervosa. — Quem mesmo que enviou para o senhor? — Levantou uma sobrancelha.

— O doutor Otávio, advogado do Senhor Bryan. Ele disse que precisava guardar a sete chaves e só usar em último caso. Que era a carta de alforria do seu cliente.

“Carta de alforria? O buraco é mais embaixo. Por isso que Alicia aceitou sair da
NACIONAIS - ACHERON

empresa numa boa. Existe uma gravação, mas... Felícia? Preciso ouvir essa gravação.”

Beatrice não hesitou em usar seu charme para persuadir o detetive. Aproximou-se da mesa e inclinou o corpo sobre ela, expondo o decote de sua camiseta. Passou a língua nos lábios e o indicador na agenda do detetive.

— Podemos ouvir novamente a gravação, assim posso esclarecer os fatos. Faz dias que a ouvi, não poderei ajudar se não souber os detalhes.

Ademir concordou meneando a cabeça e os lábios entreabertos. Não se deu conta de que estava sendo ludibriado. Pegou o celular, colocou em cima da mesa e apertou o play.

— *Que “porra” você quer aqui, Alicia? — disse Bryan, sussurrando.*

— *Quero isso aqui. — Respirações ofegantes.*

— *Acho que você me quer também. —*

Suspiros.

— Reação do corpo de um homem, somente isso, Alicia. Não crie expectativas. — Porta se fechando e silêncio.

— Sabe Bryan... Eu estava pensando... — Pausa — Nós somos iguais, fomos feitos um para o outro. — Som de talheres e copos.

— Sério, Alicia? E como chegou a essa conclusão? — Novamente som de copos.

“Eles estão na casa do Bryan? Por que ele a deixou entrar? Estão tomando café?” Beatrice começou a tremer. Suas mãos ficaram úmidas e imediatamente ela as voltou para o colo, disfarçando sua insegurança.

— Simples, não é novidade que não sou a favor da monogamia. — Puxou o ar. — E você então... Nem se fala né, Bryan. — Pausa — Claro que podemos nos apaixonar,

eu sou apaixonada por você, mas... Sexo é diferente. Gosto de aproveitar a vida, e você também. — Gargalhada do Bryan.

— Hum... Interessante sua análise. — Silêncio — Continua... vamos ver onde quer chegar.

O coração de Beatrice já estava disparado e o nó na garganta a sufocando. Ela engoliu em seco, fechou os punhos e os olhos. Precisava terminar de ouvir, mas a crise de pânico ficava evidente. Ela não conseguiria se recuperar dessa vez. Até onde poderia ir sem se desfalecer na frente do detetive?

— Bryan... pensa comigo... podemos nos divertir sem que ninguém saiba. A “careta” da sua noiva nunca aceitaria, por outro lado, eu estaria fazendo um favor a ela. Afinal de contas, mais dias menos dias, você vai sair com outras mulheres, se estivermos

nos divertindo, não vai sentir essa necessidade. Eu fico com parte sua e ela fica feliz, achando que o casamento é uma maravilha. O que acha? Não é brilhante a minha ideia?

Foi o suficiente para a Beatrice. Suas pernas estavam moles, as mãos molhadas, respiração alterada e a vista turva. Se ouvisse mais uma palavra perderia o controle e nunca mais conseguiria encontrá-lo. “*Como ele pôde fazer isso comigo, novamente? Mentiu para mim. Deixou-a entrar em seu apartamento. Com toda a certeza fez um acordo com ela para que o deixasse em paz. Por isso não me contou. Por que Bryan? De novo não!*”

Pediu desculpas ao detetive, pegou sua bolsa e saiu cambaleando da sala.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 33 – O Pesadelo

OS MÚSCULOS DO MEU CORPO DOEM E MEUS PULMÕES QUEIMAM. Beatrice conseguiu me tirar dos trilhos completamente. Não consigo pensar em mais nada. *Que “porra” há de errado comigo? Estou perdendo o maldito controle.* Após um dia cansativo do “caralho”, onde tive que lidar com uma “porrada” de problemas, estou aqui me matando nessa esteira.

Por mais que eu queira passar a noite com a minha menina, ela precisa sentir minha falta. Se eu continuar nesse ritmo vou perdê-la. Beatrice deixou bem explícito, na terapia, que se sente sufocada. Será um castigo para mim, mas eu a deixei em seu apartamento. Tenho certeza de que está tudo bem. Assegurei-me de sair somente depois que ela entrou. Não vou entrar em contato, preciso testá-la. Saber que não estou sendo um estorvo em sua vida.

Forcei a barra para ficar com ela no apartamento, durante a recuperação do Ethan, vou dar um espaço para ela respirar. Vai ser uma noite do cão pra mim. *“PORRA... PORRA... PORRA!” “Caralho” Bryan, controle “cara”!* Aumentei o volume da música e a velocidade da esteira. Deixei-a ao máximo, inclinada.

Beatrice é a pessoa mais altruísta que eu já conheci em toda a minha vida. Tudo bem que eu sou bem egoísta, mas será que não encontraremos um equilíbrio nessa equação? Ela nunca para de se colocar em perigo e, por uma razão inexplicável, fico “fodidamente” mais apaixonado por ela, cada vez que ela me desafia. Se algum dia eu achei que pudesse me sentir vulnerável, nada é comparado com o nível de vulnerabilidade que Beatrice me empurrou. Estou com um medo do “caralho”. *“Foda-se” Bryan! Pare de ser “maricas”!*

— Boa noite Yuri — cumprimentei o segurança de Beatrice, contendo-me para não encher a orelha dele de insultos. E olha que o meu repertório é grande. Porém, neste momento preciso que ele fique de olho na Carol. Depois vou pensar no que fazer.

— Senhor Bryan, em que posso ajudá-lo?
— A voz dele soou apreensiva. Yuri tem deixado Beatrice passar a perna nele. Pudera, aqueles olhos azuis são hipnotizantes.

— Yuri, preciso que vá até o hospital e fique com a Carol. Nada e nem ninguém pode se aproximar dela. E quando eu digo isso, não estou abrindo exceções. Está claro para você? Porque “cara”... — Suspirei. — Você está na corda bamba comigo. Vê se não “fode” com isso também.

— Tudo bem senhor Bryan. Amanhã quem vai acompanhar a senhorita Beatrice até o escritório? — perguntou, preocupado.

— Eu mesmo cuidarei disso, Yuri.

A regata estava grudada ao corpo e meus cabelos pingando suor, me sentei no chão da sala de ginástica – da cobertura. Passei mais de uma hora me torturando, na esteira. Com o celular nas mãos, por vezes quase liguei para a Beatrice. Fechei os olhos e exalei o ar para dentro dos pulmões. *Controle Bryan... Controle!* Como sou um “filho da puta”, egoísta, e não consegui controlar minha neura, abri o aplicativo de rastreamento e cliquei no celular dela. Preciso ao menos saber que ela não saiu de lá. Está sem segurança e isso me assusta pra “caralho”. O pontinho azul piscando, sobre o apartamento dela, sossegou um pouco meu coração.

Caminhei até a cozinha, fui até a geladeira e peguei uma garrafa de água. Devorei a água em instantes. Peguei outra e coloquei no meu pescoço, fechei os olhos e curti um pouco o gelado – bem-

NACIONAIS - ACHERON

vindo – na minha nuca. Coloquei uma comida congelada no micro-ondas e logo em seguida me alimentei, em um silêncio desesperador. A presença de Beatrice em minha vida tornou-se vital. Falta-me oxigênio e sobra gás carbônico, quando ela não está ao meu lado. Beatrice sugeriu para a doutora que o que sinto por ela é obsessão. *Será que estou ficando obcecado? Não pode ser... Esse instinto protetor é amor... Tenho certeza. Que “porra” está acontecendo comigo!?*

Passei a mão no peito e engoli em seco, senti como se alguém estivesse me enforcando. Uma angústia, um sentimento estranho. Chacoalhei a cabeça, decidi subir para tomar uma ducha e tentar dormir. Provavelmente ficarei rolando na cama, por horas, mas preciso ao menos tentar.

O toque do meu celular fez meu corpo estremecer. *“Putá que pariu”, cochilei!* Esfreguei

os olhos e com eles estreitados consegui enxergar as horas, no aparelho digital da TV por assinatura. Sentei-me na cama, com um pulo, esticando o braço para ver quem estava ligando. “*Porra*” são três da manhã! O nome do Ethan na tela fez o meu coração parar por uns instantes. Atendi me sentindo o “cara” mais frouxo do mundo. *Beatrice...*

— O que aconteceu Ethan? — cobreí, exasperado.

— Bryan... — Tossiu. — Ele a levou. — Ethan não conseguia pronunciar, respirava com dificuldade e balbuciava.

Meus sentidos foram desaparecendo. Tudo em volta começou a girar, forcei-me a respirar com regularidade e controlar as náuseas que tomaram conta de mim. O salto que dei em direção ao *closet*, quase derrubou o celular da minha mão. Passei a mão pelos cabelos e, vestindo uma roupa, gritei:

— De que “porra” você está falando Ethan?

Quem levou quem, “caralho”?

— O pai dela... — Tossiu novamente e engasgado continuou. — Ele me bateu até eu desmaiar. Estou machucado pra “caralho cara”. Desculpe-me, eu juro que eu tentei, mas... — Emudeceu.

— Mas... o quê Ethan? — bradei. — Estou ficando cada vez mais “puto” aqui. Fale logo “porra”!

— Ele está armado, Bryan.

— “Cara” se aquele “filho da puta”, “desgraçado do cacete” relar a mão nela, eu vou fazer picadinho dele, Ethan. Como foi que ele entrou aí? Eu tenho certeza de que vi a Beatrice entrando no prédio. — Enfiei uma camiseta pela cabeça e nem me dei ao trabalho de pentear os cabelos. Desci as escadas de três em três degraus. Apanhei meus pertences sobre o aparador da sala e soquei o botão do elevador, por sorte ele abriu-se

NACIONAIS - ACHERON

imediatamente. Enquanto descia até a garagem, Ethan me explicava, com dificuldade, os eventos da fatídica noite.

Depois que Polyana e Aninha foram embora, Ethan decidiu que precisava colocar o “focinho” para fora. Foi dar uma volta pelo bairro, mesmo com o braço quebrado e ainda cheio de hematomas. Segundo ele, não aguentava mais ficar preso dentro do apartamento. Estava caminhando, tranquilamente e despercebido – um vacilo total – diga-se de passagem, em se tratando de estar caminhando pelas ruas de São Paulo. Sentiu um cano de revólver em suas costas e um sussurro ao seu ouvido. Avisando-o que continuasse. Assim que pode ver, quase não reconheceu o pai de Beatrice. Ethan disse que ele está diferente. Ameaçando matá-lo, o pai de Beatrice entrou com o Ethan no apartamento, sem chamar a atenção de ninguém. Esperou Beatrice chegar, e depois de ela

NACIONAIS - ACHERON

desmaiar, decidiu deixar o Ethan destruído e levá-la, sabe Deus para onde.

Acalmar o tremor das minhas mãos foi missão impossível. Não pude evitar a respiração travando no meu peito. Engoli devagar, digerindo as palavras do Ethan. Tudo o que eu queria era que eu estivesse tendo um pesadelo. Que alguém pegasse em meus ombros e me chacoalhasse, dizendo para eu acordar. Não consegui soltar uma palavra sequer, porque todo o sangue necessário, para fornecer um pensamento coerente, estava em direção ao meu coração, que parecia a cada instante que explodiria. O aperto no meu peito me obrigou a voltar. *Preciso criar uma estratégia, por onde começo? “Porra” pensa Bryan!*

— Ethan, ela levou o celular? — Dirigindo como um louco — buscava um modo de me controlar e pensar racionalmente. Entrei na garagem do prédio de Beatrice e não vi seu carro.

NACIONAIS - ACHERON

Foi como se o pesadelo tivesse acabado. O alívio que senti no peito foi gratificante. Depois do surto que a Beatrice teve e da minha busca incessante por ela, por praticamente todo o litoral paulista, coloquei um rastreador em seu carro, sem que ela soubesse, é claro.

— Não Bryan, está aqui. O “desgraçado” colocou um líquido, que acredito que seja clorofórmio, em um lenço e levou-a desacordada. Quando ele viu que eu o impediria, mesmo correndo o risco de levar um tiro, me espancou.

— Tudo bem Ethan, já sei por onde começar. — Desliguei o celular e caminhei até o elevador, procurando nos meus contatos o número da empresa de segurança, que trabalha para mim. *Vamos rastrear o carro.*

Davi, responsável pela empresa, me orientou a ficar aguardando enquanto eles

rastreavam o carro. Sem a menor ideia do que estava me pedindo. Nem se eu estivesse seco em cima de uma mesa ficaria parado, esperando alguém fazer alguma coisa. *Beatrice é o meu oxigênio, as pessoas ainda não entenderam isso?* O toque do celular despertou-me. Andando de um lado para o outro, no apartamento da Beatrice, olhei e não reconheci o número.

— Alô — atendi com uma voz angustiante.

— Quer dizer que consegui sua atenção? Estava pensando esses dias, como é que vou fazer para a “vadia” de a minha filha pagar o que me fez? E eis que cai no meu colo, de mão beijada, uma proposta de ferrar com a vidinha de playboy do seu noivo. Claro que eu não recusei a oferta, mato dois coelhos com uma cajadada só.

Endureci o maxilar e cerrei os punhos ao lado do corpo. Encarei o Ethan, com o rosto desfigurado, e controlei meu instinto animal.

Controle Bryan... Controle... Um passo em falso e ele acaba com a vida da Beatrice. “Filho da puta” a hora que eu te pegar, vai se arrepender de ter nascido. Repeti esse mantra na minha cabeça, para manter o controle e ser racional. Fechei os olhos e apertei a têmpora com os dedos.

— O que quer? Peça... Pode ter certeza de que não economizarei, se tratando dela.

Sua risada foi estrondosa. Ouvi uma bufada e no fundo um gemido abafado. Arregalei os olhos e respirei fundo.

— E você acha que eu não sei disso? Sua menina... não é assim que a chama? Você é “muito idiota” mesmo, mais do que aquele “nerd”. Fica aí todo entregue por causa de uma “vadia”. Ela já te contou o tanto que aproveitei do traseiro dela? Pra ser sincero, estou com saudades, ela era muito novinha, agora tem mais carne, está com mais curvas. — Ouvi outro gemido ao fundo e me

NACIONAIS - ACHERON

desesperei. Soquei a porta de vidro da varanda — com tanta força — que ela se estilhaçou. Ethan deu um pulo para trás com a mão na frente da boca. Com os dentes trincados continuei:

— Seu “desgraçado, filho da puta”. Acha que eu não posso te matar? Pode ter certeza de que eu farei, nem que seja a última coisa que eu faça nessa vida. Encosta um dedo nela e vai provar da minha ira.

— Quanto otimismo, “cara”, você é burro ou quê? Quem está com ela sou eu... “Imbecil!”

— Fala logo “caralho” — gritei. — O que você quer? Tenho certeza de que você quer algo em troca.

— Hum... Deixa-me ver... Tenho uma lista aqui. Primeiro, eu quero matar minha saudade, é claro. Não vou perder essa oportunidade, só que agora ela vai sentir o meu ódio, por ela ter fugido por anos e anos. Segundo, vou querer dinheiro, NACIONAIS - ACHERON

você é esperto nesse sentido, e aí vai depender do seu desespero, o valor que vou pedir. E por último, e não menos importante – aliás –, o mais importante. Se você a ama, terá que deixá-la. Afinal, essa foi à verdadeira exigência da proposta que caiu no meu colo. Você irritou muito alguém, camarada. E esse alguém quer acabar com a sua felicidade. Eu teria o matado, seria mais fácil, mas ele não o quer morto, querem torturá-lo. Acharam seu ponto fraco: Beatrice.

Caí de joelhos no chão. As lágrimas desceram no meu rosto, involuntariamente. Encostei a testa nas costas do sofá, e comecei a falar com Deus. *Aqui estou eu, novamente, desesperado. Como posso ser tão egoísta e lembrar-se de Deus somente nessas situações? Deus... Não o deixe judiar dela. Traga ela de volta pra mim.* Perdi a noção do tempo em que ficamos falando ao telefone. Implorei, tentei negociar, fiz

NACIONAIS - ACHERON

tudo o que pude para fazer com que ele desistisse. Ofereci tudo e mais um pouco para ele, para que soltasse a Beatrice. De repente, ouvi ao fundo um barulho enorme e ele só amaldiçoou:

— Seu “filho da puta”, está me segurando na linha para me acharem. Dessa vez não consegui, mas na próxima eu não falharei. — Tiros e gritos ao fundo. Pude ouvir:

— Ele fugiu, corram... Não o deixem escapar.

Levantei correndo e não consegui andar. Olhei e vi o sangue escorrendo pela minha calça, meus joelhos estavam cheios de cacos de vidros enterrados. Arrastei-me até o sofá e Ethan veio até mim.

— “Porra” Bryan, como quer que eu te ajude, olha minha situação. — Com apenas uma das mãos começou a me ajudar a tirar os cacos de vidro. — “Cara” o que está acontecendo por lá, se

acontecer alguma coisa com a minha lindinha eu vou matar aquele “desgraçado”. Ele me pegou direitinho. Covarde do “caralho”!

Eu não consigo respirar “PORRA”! Meu peito dói, meus olhos estão desfocados e meu corpo está pior que gelatina. Ethan – ajoelhado, tirando os cacos dos meus joelhos, e eu – buscando coerência em minha mente. Não notava a dor nos joelhos, só o coração batendo como a “porra” de um trem descarrilhando, em meus ouvidos. Eu estou no limiar – entre a vida e a morte. Meu Deus os ajude a tirarem minha menina de lá sem nenhum arranhão.

— Bryan... Wow! Acorda “cara! — Ethan deu um tapa na minha perna, me despertando. — Ela precisa da gente “cara”. Vai ficar aí paralisado?

Ainda tremendo, forcei meu corpo para cima e firmei meus pés no chão. O celular vibrou, em minhas mãos e, em um movimento mecanizado,

o trouxe até o meu ouvido.

— Bryan falando.

— Senhor Bryan, desculpe... perdemos ele.

— O que? Como assim? Deixaram-no fugir? Não “fode” comigo “meu”! Cadê a Beatrice?

— Sem perceber, já estava do lado de fora do apartamento, esmurrando o botão do elevador e Ethan atrás de mim.

— Pedi para um dos nossos levar ela até o hospital... e...

— Você enlouqueceu? “PORRA”! Como pôde levar ela para o hospital, sozinha? Em qual hospital? — Se eu pudesse atravessaria o telefone e o enforcaria. *Que “CARALHO”, quando é que vão entender que Beatrice corre perigo?*

— Calma senhor Bryan! Pedi para o meu melhor homem ficar com ela. Não vai sair do lado dela nenhum segundo, disse que ninguém pode se aproximar dela, somente o senhor.

— Por que precisou levá-la para um hospital? Está machucada? — Abri a porta do carro e entrei, alterado. Ethan se acomodou no banco do passageiro e em questão de segundos estávamos correndo pelas ruas de São Paulo. Agradei a todos os santos por ainda ser cinco da manhã. Apesar da cidade não parar, o trânsito ainda não estava tão intenso, facilitando nossa chegada ao hospital. Ethan também precisava de atendimento médico.

— Só seguimos o procedimento padrão senhor Bryan. Aparentemente ela não está machucada, pelo menos não fisicamente. Já ele, conseguimos acertá-lo. Vamos comunicar todos os hospitais, se ele der entrada em algum, o pegamos. Comunicamos a polícia também. Estão em alerta, mas... — Limpou a garganta. — Onde ele estava é bem boca quente, com toda a certeza darão cobertura para ele. Segundo a senhorita Beatrice, é próximo de onde eles moravam, quando ela ainda

NACIONAIS - ACHERON

era criança. Isso quer dizer que tem contatos.

Comecei a esmurrar o volante do carro e amaldiçoar todo o restante de dias que o “filho da puta” ainda terá para viver. Com toda a certeza ele vai se safar, é especialista no assunto.

Estacionei o carro de atravessado na vaga, e saí correndo, sem olhar para trás.

— Ô Bryan... Que “porra cara”! Pode, por favor, me ajudar a descer do carro? — Voltei, indignado. *Só me faltava essa agora, ficar de babá desse idiota.*

Enquanto eu ajudava Ethan a descer, um segurança aproximou-se me repreendendo:

— Senhor, não pode deixar o carro estacionado desse jeito. — Joguei as chaves na mão dele e caminhei para dentro do hospital, sem dar a menor importância para o que estava acontecendo ao meu redor. Ouvi de longe Ethan dizendo ao

segurança:

— Desculpe-me, ele é sem educação mesmo. Se eu estivesse com os dois braços habilitados arrumaria o carro. Pode arrumar para mim e me dar às chaves? Não sei como a Beatrice tolera esse “cara”. Deve ser muito bom na cama mesmo. Wow!... Desculpe-me.

Balancei a cabeça e agradei por não estar perto. *Perverso... Deve estar com inveja.* Eu é que não sei como que a Beatrice — cheia de pudores — o tolera. Adentrei a recepção num rompante. Imediatamente duas enfermeiras vieram até mim, com os olhos arregalados. Não entendi na hora, depois me lembrei de que estava com as pernas todas ensanguentada. Levantei as duas mãos, afastando-as.

— Não preciso de atendimento, quero saber onde colocaram minha garota — informei e continuei caminhando até o balcão. — Por favor,
NACIONAIS - ACHERON

Beatrice Maltez. Onde ela está?

— Meu Deus! O que aconteceu com você garoto? — disse a enfermeira atrás de mim. Virei e vi Ethan entrando. Revirei os olhos e torci os lábios. *Se o idiota não tivesse colocado o nariz pra fora, nada disso teria acontecido.* Dei um tapa no balcão, assustando-as.

— Cadê minha garota “porra”?

— Calma senhor, só queremos ajudar.

— Bryan, larga de ser “ogro”, não desconta sua raiva nas pessoas que estão fazendo o trabalho delas. Desculpem meninas, ele está nervoso. — Trouxeram uma cadeira de rodas, colocaram o Ethan nela e sumiram com ele da minha frente.

A recepcionista me informou o quarto em que a Beatrice estava. Não a deixei nem terminar a frase. A passos largos – marchei até o local. Ao longe vi um armário na porta. De frente com o segurança, fui entrar ele colocou a mão em meu

NACIONAIS - ACHERON

peito.

— Ninguém pode entrar senhor.

Abri um sorriso sarcástico e antes de cometer um homicídio, disse:

— Eu sou o Bryan. Confirme com o seu chefe. — Ele ligou para o chefe e me colocou na linha, autorizando minha entrada.

Abri a porta devagar, cerrando os punhos e o maxilar. *Controle Bryan... Controle! Não assuste ela.*

Beatrice estava deitada, coberta por um lençol e o braço esticado, dando acesso ao cateter. Colocaram-na no soro. Seus olhos estavam fechados e ao me aproximar percebi, pela sua respiração, que dormia. Aproximei a poltrona da cama, sem fazer barulho, sentei-me e peguei em sua mão. Encostei o rosto na palma de sua mão e comecei a agradecer a Deus...

Por ter trazido ela de volta para mim, sem
NACIONAIS - ACHERON

nenhum arranhão...

Por me atender mesmo eu sendo um “filho da puta”...

Por ter colocado um anjo em minha vida...

Por me dar condições de fazer tudo por ela...

Por ter colocado esse sentimento em meu coração...

Por me dar oportunidade de viver novamente!

Senti quando seu polegar roçou meus lábios e levantei o rosto. Encontrei dois lindos olhos azuis, cheios de lágrimas, me encarando.

— Meu anjinho... Perdoe-me... Falhei com você de novo. Deveria ter voltado para o seu apartamento. — Beije a palma de sua mão e levantei-me. — Ou melhor, não podia ter deixado você em nenhum minuto. — Acaricie seu rosto e encostei meus lábios aos dela. Dei um beijo de leve

e encostei a testa na dela. Nossos olhos cruzados permaneceram estáticos por longos segundos. Minha vontade era de pegá-la e sair correndo. Deixar ela comigo no meu canto, segura. A envolvi com meus braços e enterrei meu rosto em seu pescoço. Absorvi todo o cheiro de Beatrice. Meu combustível. Suas mãos foram para os meus cabelos e começaram a fazer cafuné.

— Meu meninão, não foi culpa sua. —
Soluçou.

Ergui a cabeça e sequei, com o polegar, uma lágrima atrevida de seu rosto.

— Não chore minha menina. Estou aqui agora. Deixa-me cuidar de você... por favor. Não me empurre mais para longe. Não diga que te sufoco. — Beijei a ponta do seu nariz. — Eu te amo... Casa comigo?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 34 – Prova de Amor

— **NÃO!... ME SOLTA!** Eu não quero ir com você... Por favor... Não! — O cheiro forte de nicotina, misturado com álcool, tomou conta do meu ser. As mãos nojentas e a língua áspera passaram em meu pescoço. Meu estômago embrulhou, minhas mãos ficaram úmidas e minha respiração totalmente alterada. — **NÃO... NÃO... NÃO!**

— Beatrice... Beatrice... Acorda meu amor... Estou aqui... Não faz assim, por favor, vou morrer do coração. “Filho da puta”, “desgraçado”! — Bryan batia de leve no meu rosto e praguejava.

Sentei-me na cama, com um salto, coloquei a mão no peito e tentei controlar a respiração. O nó na garganta me impediu de emitir qualquer palavra. Meu coração parecia que a qualquer momento escaparia do peito. Bryan aproximou-se de mim,

colocou meu rosto entre as mãos e beijou a minha testa. Seus lábios permaneceram abertos, grudados ali, até eu me acalmar.

Abracei-o e afundei o rosto na curva do seu pescoço. A enxurrada de lágrimas inundou a camiseta dele. Suas mãos subiam e desciam pelas minhas costas. Palavras não eram necessárias. O momento exigia cautela. Quando achei que estava me livrando das lembranças desastrosas do meu pai, ele apareceu para trazê-las de volta.

— Minha menina, meu anjinho, olha pra mim. — Com o indicador, levantou meu queixo, colocando nossos olhos na mesma altura. — Não o deixe fazer isso com você, meu amor. Estou aqui com você, não precisa sentir medo.

Bryan... meu amor. Quando eu podia imaginar que conseguiria amar novamente? Que sentiria segurança com um homem completamente diferente dos meus padrões. Ele não me deixou

voltar ao meu apartamento, e para garantir que eu não arranjaría nenhuma desculpa, trouxe o Ethan junto. Eu vi em seus olhos, que tomou a decisão por falta de opção. Ethan ainda se convalescia do ataque do Scott e levou outra surra. O coitado está detonado.

Funguei e meneei a cabeça, concordando.

— Estou melhor — assegurei. — Esse cheiro que estou sentindo é do meu vício? — Brinquei, amenizando o clima.

Bryan levantou-se e esticou a mão para eu pegar. Levantei os olhos e, antes de sair da cama, admirei o meu homem. Camiseta branca grudada ao tórax, marcando seus bíceps, e uma calça de pijama largada no quadril. Cabelos bagunçado e descalço. *Só meu!*... Mesmo abalada, queria pedir que voltasse e me tomasse. Ele despertou em mim algo que eu nem sabia que tinha... *apetite... dele!*

Ele abriu um sorriso encantador, exclusivo

dele, e agachou-se ao lado da cama. Contornou meu rosto com as costas da mão e balbuciou:

— Não me olhe assim. Preciso respeitar seu momento, mas... — Suspirou. — Você sabe o que o seu olhar causa em meu corpo, perco o controle. — Fez uma concha na mão e pegou em meu queixo. Trouxe os lábios até os meus e me beijou, carinhosamente. — Vamos descer e suprir o seu vício, a mesa está repleta de coisas que você adora — disse, com os lábios colados aos meus.

Amanhecer em um sábado no apartamento do Bryan, é o mesmo que estar em um hotel cinco estrelas. Sentei no banco em frente ao balcão da cozinha e não soube por onde começar. Três sabores de sucos, variedades de pães e geleias. Frios de todos os tipos. Chocolate quente, café, cappuccino e tudo o que uma mesa de café da manhã tem de direito.

Os acontecimentos da sexta-feira abalaram com nossas estruturas. Ficamos o dia todo cuidando da parte burocrática. Polícia, hospital, onde ficar, o que faríamos dali pra frente, enfim, nos consumiu. Com a Carol no hospital e o Bryan fora o dia todo, Camila, a recepcionista, foi obrigada a assumir o posto de sua assistente — para dar satisfação aos clientes. Rebeca tomou a frente do meu escritório e foi sozinha à reunião com o senhor Augusto. Escolhi a pessoa certa, ela conseguiu contornar a situação e deixou Rita responsável pela conta dele, já que estamos acabando o projeto, não tomará muito o tempo dela.

— Cadê o Ethan? — Peguei um pedaço de *croissant* e coloquei na boca. Um beijo na minha nuca e um braço passando pelo meu pescoço, respondeu minha pergunta. Virei meu rosto e beijei seu maxilar, com a barba por fazer. — Oi garotão, como está se sentindo hoje?

Bryan desligou o fogo da frigideira, estava fazendo uma omelete, contornou o balcão e rapidamente chegou até nós. Tirou o braço do Ethan do meu pescoço e puxou o banco para que ele se sentasse.

— Ethan... — Puxou o ar dos pulmões. — Não “fode” com a minha cabeça logo cedo não. “Pô meu”... Alivia pra mim vai! — Franziu a testa e o encarou.

— Bryan, não começa. Eu nem queria vir pra cá, só vim por causa da Beatrice — frisou. — E... — Olhou em volta. — Já que estou aqui, vou aproveitar. “Cara” você tem um belo apartamento. — Apontou com o indicador para a mesa e complementou: — Isso aqui é assim sempre? — Assobiou e continuou. — Uau! Mama mia... Garota você sabe mesmo escolher um homem. Tirando que ele é um sem educação e grosseiro... o resto é perfeito. Hum... — Sentou-se. — Me deixa ver por

NACIONAIS - ACHERON

onde começo. — Juntou as mãos e ficou mexendo com os dedos, com uma expressão divertida.

Passei os braços pela cintura do Bryan, em pé ao meu lado, e beijei seu pescoço.

— Pega leve com ele — sussurrei. Bryan balançou a cabeça, revirou os olhos e torceu os lábios.

— Que opção eu tenho? — Contornou o balcão novamente e trouxe a omelete até nós.

Sentou-se a nossa frente e pegou minha mão por cima da mesa. Por alguns minutos, saboreamos a nossa refeição em silêncio. Ethan acordou inspirado e resolveu quebrar o silêncio.

— Gostei daquele hospital, principalmente das enfermeiras — relatou e continuou a comer como se não tivesse dito nada.

Olhei para o Bryan e levantei as sobrancelhas, para que não perguntasse nada. Conhecendo bem o meu irmão, estava a fim de

NACIONAIS - ACHERON

compartilhar as escapadelas dele. Bryan não ficaria muito feliz. Achei que se continuássemos calados ele desistiria, doce ilusão.

— Sabe aquela delícia que me levou na cadeira de rodas, Bryan? — Olhou para o Bryan com um sorriso safado nos lábios.

— Não tenho a menor ideia de quem você está falando, Ethan. Entrei cego naquele hospital — contestou e tomou um gole do café.

— Então “cara”, foi facinho levar ela para uma sala de medicamentos e dar uma “trepada gostosa”. — Limpou o canto da boca com o guardanapo e prosseguiu. — A garota estava na seca, só pode. Um fogo... — Se abanou. — Nossa... quase não dei conta dela, imagine eu com uma mão só...

— Ethan... por favor... — interrompi. Os olhos do Bryan estavam soltando faísca. Se eu não intervisse ele expulsaria o Ethan dali, na hora.

— Qual é lindinha? Deixa-me ser feliz um pouco. Só você vai querer ter sexo bom?

— Ethan... — adverti. — Ninguém aqui está querendo saber como você faz sexo.

— Pois eu quero. Já te perguntei várias vezes como esse deus é na cama. — Apontou com a cabeça para o Bryan. — Acredita que ela não me conta, Bryan? — declarou e se desmanchou em risos.

Bryan levantou-se, veio até mim, pegou na minha mão e me levantou do banco.

— Vamos subir antes que eu coloque seu “irmãozinho” pra fora.

Enquanto subíamos para a suíte, meu celular tocou e, antes mesmo de eu pensar em atender, Bryan atendeu.

— Bryan falando. — Ouviu o que a pessoa disse e respondeu. — Qual o problema de eu atender ao telefone dela, Mary? Tem noção de que

NACIONAIS - ACHERON

todas as vezes que dou o espaço – que vocês dizem que ela precisa – acontece algo? — Ouviu novamente e replicou. — “Foda-se” você e o Ethan. Quer falar com ela? — Me passou o telefone e terminou de subir, com raiva.

— Oi... — murmurei.

— Que “porra” é essa agora Beatrice? O Ethan me ligou e disse que você está parecendo uma marionete nas mãos do Bryan. O que deu em você garota? — gritou.

— Ai Mary, pare de gritar, não sou surda — rebati. — O Ethan não tinha nada que ficar ligando pra você, qual é a de vocês? Primeiro ficam no meu pé para eu me restabelecer, encontrar uma pessoa e voltar a viver. Agora ficam com essa palhaçada. Não acham que já sou bem grandinha para saber o que é melhor para mim? — bufei. — E tem outra, o Ethan é um ingrato, ele disse que está aqui comigo?

— Ingrato? Ele levou uma surra por sua

causa, Beatrice! Perdeu a noção de tudo? O que é? Ele está aí exatamente porque você não consegue afrontar o Bryan. Pare de ser tão fraca garota... Nem parece a mesma pessoa que enfrentava tudo sozinha.

— Fraca? Você está me ofendendo Mary.

— Parei na porta da suíte sem entrar, Bryan mataria a Mary se ouvisse as “merdas” que estava me dizendo ao telefone. — E sabe o que mais Mary...

— Respirei fundo, antes de soltar o que estava na minha cabeça. — Se o Ethan não tivesse saído do apartamento, nada disso teria acontecido. Então... ele que me desculpe, para cada ação uma reação. Vai ter que ficar aqui comigo e aguentar o Bryan. Aliás, o Bryan é que está tendo que aguentar as “idiotices” dele. Parece uma criança, provocando-o.

— Beatrice Maltez, não estou te reconhecendo. Está defendendo o “ogro” do seu noivo? É o fim...

— Mary... Eu vou desligar, se você disser mais uma palavra para ofender o Bryan, serei obrigada a me afastar, então... — Senti o nó na garganta. — Antes de estragarmos algo muito bom que temos, vamos encerrar a conversa por aqui. Quando estiver mais calma, me liga, que conto como é que estou me sentindo, depois de confrontar-se novamente a pessoa que me assombra por anos. — Desliguei sem dar a chance de ela se explicar. Encostei as costas na parede e o celular no peito. Fechei os olhos e pensei. — *Por que tem que ser tão difícil? Agora que estou amando o Bryan, ficam todos colocando empecilhos.*

Entrei na suíte e ouvi o barulho da ducha ligada. Não pensei duas vezes, tranquei a porta e fui ao banheiro. Sem fazer barulho. Tirei a roupa, deixando um amontoado aos meus pés. Bryan estava de costas, com as mãos apoiadas no azulejo, cabeça baixa e água batendo em suas costas. A

NACIONAIS - ACHERON

visão de seu traseiro e as coxas grossas me deu mais coragem para fazer o que tinha em mente. Na ponta dos pés fui até ele, abri o Box e abracei-o por trás. Encostei meus seios em suas costas e meu corpo ficou em chamas.

Ele virou-se e o sorriso que surgiu em seus lábios limpou toda a “merda” da minha cabeça. Sorri de volta, e o toque suave de suas mãos na minha pele – fez meu corpo entrar em combustão. O calor no ápice das minhas coxas me lembrou do quanto é bom estar com ele.

— Você sabe, precisamos fazer algo sobre o seu hábito de dominar minha vida.

— Não, não temos — murmurou e inclinou a boca sobre a minha.

— Não me distraia. — Ri, enquanto suas mãos desceram e se posicionam entre minhas pernas. Com o polegar iniciou uma deliciosa tortura em minha virilha. — Estou falando sério, Bryan.

— Hum... Eu gosto de distrair você — disse — contra meus lábios. — Acho que você queria ser distraída quando invadiu o Box. — Bryan uniu nossos corpos e colou seus lábios no meu ombro. — Qual foi a travessura que a minha menina pensou em fazer ao entrar aqui? — Suas mãos desceram para os meus quadris em um percurso lento. O trajeto de volta foi esfregando entre meus seios e terminado em meu pescoço. Ele manteve meu rosto rente aos seus olhos e continuou sua caminhada pelo meu corpo. Uma tempestade de sensações evocou dentro de mim, com seu toque. Fui incapaz de conter o desejo que se aflorou em meu sexo. Senti-me molhada, e não me refiro à água que estava caindo sobre nós. Um toque a mais do Bryan me levaria ao clímax em instantes. — Adoro ouvir a sua voz, responda a minha pergunta gatinha manhosa. — Mordeu o lóbulo da minha orelha.

— Bryan... — Supliquei ofegante, quando sua mão desceu e separou os lábios do meu sexo, espalhando minha umidade. O corpo quente e forte dele, grudado ao meu, seu membro sólido em minha barriga e suas mãos me entorpecendo, fizeram toda a tensão desaparecer. Inalei uma respiração estremecida, com meu corpo se antecipando ao prazer iminente.

Pude ver o sorriso perverso cobrindo o rosto dele — antes de agachar-se, pegando em minha bunda e apertando-a. Apoiei-me em seus ombros e fiquei analisando as piscinas verdes de seus olhos, de cima.

— Precisa de alguma coisa, minha menina? — Inclinou a cabeça para o lado e levantou uma sobrancelha.

Passei as mãos pelos seus cabelos, contornei suas sobrancelhas com o polegar e abri um meio sorriso.

— Eu te amo meu meninão... Sempre vou precisar de você. — Bryan subiu lentamente, formando uma linha de beijos, com a boca aberta, até o meu pescoço. Com uma das mãos foi até o meu seio e rolou o bico entre os dedos. Um gemido desconexo escapou dos meus lábios. Nossos olhos se conectaram novamente e permaneci com os lábios entreabertos de prazer, um fogo dentro de mim me consumindo, quase impossível de suportar.

— Casa comigo? É a maior prova de amor que você pode me dar. Hum? — Uma de suas mãos mapeou meu corpo – provocando o clitóris. Meu corpo se apertou com a sensação. As provocações de seus dedos se intensificam. A onda me empurrou mais e mais, um calor se formou entre minhas pernas, enfraquecendo meus joelhos. Meus lábios separaram-se, os olhos ficaram expressivos e meu corpo reagiu instintivamente, com os movimentos de Bryan.

Com todos os últimos acontecimentos e a reação do meu corpo ao Bryan, me sinto impressionada e emocionalmente abalada. Tudo o que tive com o Pietro foi paternal, comparado ao que tenho com o Bryan. Juntos somos intensos. Tornamo-nos fortes e únicos.

Meu corpo reclamou quando Bryan tirou a mão do meu ponto sensível. Formando uma trilha com os lábios entreabertos, chegou até o meu seio. Abocanhou um mamilo e com a língua fez movimentos circulares, até deixá-lo incrivelmente enrijecidos. Suas mãos firmes percorreram meus quadris, enquanto praticou o ato sexual, com sua boca, no outro seio.

— Bryan... — gemi, jogando a cabeça para trás.

— Beatrice... — murmurou, ofegante. — Perco o controle com você — alertou, pegou em minha nuca e alinhou nossos rostos. — Diga sim —

pediu sem afastar os olhos dos meus.

Desviei o olhar, evitando o contato visual porque me senti completamente vulnerável, como nunca na vida. Dependente emocionalmente de Bryan. Ele virou meu rosto de volta para ele e, em silêncio, buscou uma resposta em meus olhos. Por um instante me senti segura e certa de que não conseguiria mais tocar minha vida sem ele. Não sei como aconteceu, como foi possível. Há uns meses eu estava completamente perdida e olhando nos olhos do Bryan – me encontrei. Mordi o lábio inferior e antes que eu pudesse racionalizar as consequências, os prós e os contras, tomei a decisão.

— Sim... — declarei.

Não esperava ver o que eu vi nos olhos dele. Lágrimas se formaram e um suspiro de alívio escapou do seu peito. Seu sorriso se expandiu e, em movimentos lentos, Bryan foi me tomando.

NACIONAIS - ACHERON

Abraçou-me, cravando seu rosto no meu pescoço. Um soluço escapou dos seus lábios, me assustando. Apertei meus braços em volta de seu corpo e beijei seu ombro.

— Meu menino, o que foi? Não era isso que você queria? — indaguei e permaneci com os lábios colados ao seu ombro. Ele esticou o braço e desligou a ducha. Colocou os braços em minhas pernas e me pegou no colo. Passei os braços pelo seu pescoço com uma expressão interrogativa. *O que ele está fazendo?*

— Bryan, está molhando tudo. Onde está indo? — Ele não me deixou continuar, grudou seus lábios aos meus e caminhou ao quarto. Deitou-me na cama, e deitou-se de lado, apoiado no cotovelo, afastou meus cabelos do meu rosto e com olhos marejados confessou:

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Vamos comemorar! Fazer um jantar e convidar a
NACIONAIS - ACHERON

todos. Isso precisa ser registrado. — Pousou um beijo no meu nariz. — Só que antes... — Um sorriso picante surgiu em seus lábios. — Vamos ter a nossa comemoração. Não na ducha e sim aqui, lenta e carinhosa, como você merece minha gatinha manhosa.

Não pude evitar as lágrimas que encheram meus olhos. Suas palavras me comoveram – me completaram. Conhecendo a postura do homem diante de mim, um homem que não se curva a nada, que enfrenta tudo e a todos. Vê-lo entregue a mim, é a maior demonstração de amor que alguém pode ter. Mesmo tendo consciência que terei que lutar em tempo integral, para não ser realmente sua marionete, ainda assim, tive uma certeza viva de que estava tomando a melhor decisão da minha vida.

Tudo o que pude fazer foi erguer meu corpo e pressionar meus lábios aos dele. Rocei de leve

NACIONAIS - ACHERON

seu maxilar, com meu rosto, e concordei:

— Claro... Primeiro a nossa comemoração... Lenta e carinhosa... — Mordi os lábios e baixei os olhos. — Pode ser um pouco rápida e forte também? — sussurrei.

Um sorriso maroto se espalhou pelo seu rosto e os olhos escureceram de luxúria, antes de completar:

— Como a minha menina safadinha quiser — Riu. — Que aberração eu criei aqui? Nada mais do que uma garota insaciável?

Dei de ombros e saboreei seus lábios. Bryan tomou minha boca com uma necessidade insana. Marcando seu ponto. Deixando claro para mim que eu não sou absolutamente nada – sem ele. Que ele se tornou meu vício. Estendi minha mão e agarrei seu pescoço, mantendo em cativo seus lábios aos meus. Sua língua mergulhou, atormentou e tomou posse da minha boca. Ele me saboreou como se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

fosse o seu último beijo.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 35 – O Sim

EXPLICAR O QUE SENTI QUANDO FINALMENTE ouvi a “porra” do sim, é impossível. Achei que explodiria de felicidade, chorei como um maricas. Uma mulherzinha do “caralho”. Quando que na minha vida eu poderia imaginar que uma mulher me dominaria? Beatrice subjuguou a “porra” da minha mente. *“Putá que pariu”! Como vou controlar meu instinto animal com essa mulher deliciosa pra “caralho”, deitada nua em minha cama? Pedindo para eu ir rápido e forte? Coração acelerado e nervos pulando, assim eu estou. Preciso da “porra” do controle, agora. “Fodaaaaaaa”!*

Afastei meus lábios dela – relutante, e a deitei em meu travesseiro. Beijeí sua testa e fiquei ali, por uns instantes, de olhos fechados, acalmando minha respiração. Tudo o que Beatrice precisa no

momento é de carinho. Qualquer movimento agressivo pode colocar tudo a perder. Não posso empurrar a “merda” pra fora dela, daquele “filho da puta” do seu pai. Só de lembrar que ele esteve com as patas nojentas em cima dela, ativo meu lado assassino.

O olhar de Beatrice me diz tudo o que aconteceu em nossas vidas. Colidimos com o amor. Meu coração chega a doer com a enormidade de tudo isso. Com a chance que tive de mostrar o tamanho da minha renúncia, por ela. A luz que ultrapassa a porta de vidro, batendo em seu rosto, a deixa como um anjo. Meu anjinho, que me devolveu a vontade de viver.

Ela inclinou a cabeça e abriu um sorriso tímido, formando a linda covinha em sua bochecha. Com o indicador fez círculos em meu peito e foi descendo devagar, sem tirar os olhos dos meus. Umedeceu os lábios com a língua e levantou uma

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelha, antes de envolver meu “pau” com sua mão.

Suguei o ar, fechei os olhos, joguei a cabeça para trás e grunhi:

—“Cacete” assim vai ficar difícil! — Minha menina safadinha aproveitou meu pescoço exposto e passou a língua por toda a sua extensão. Meu “pau”, que antes já estava duro, latejava com a necessidade de liberação. Beatrice não facilitou em nada para o meu lado. Fungou no meu pescoço e sussurrou ao meu ouvido:

— Quem disse que seria fácil? — Apertou meu “pau” e iniciou uma tortura. Subia e descia sobre ele, sua mão, me levando a 100 km/h em segundos. Seus lábios roçavam meu peito e abdômen e, ao chegarem à trilha de pelos, que levam ao seu alvo, lambeu e permaneceu ali, com a boca aberta. Peguei em seu punho e parei-o.

— Beatrice... — Cerrei os dentes e a

NACIONAIS - ACHERON

encarei, sério. — Não faça assim, não tenho controle.

Um sorriso de satisfação surgiu no canto dos seus lábios.

— Então estou conseguindo — Mordiscou o local em que estava e continuou. — Perca o controle meu meninão. Não sou de cristal, limpe a “merda” da minha cabeça com sua intensidade.

Em um piscar de olhos eu estava pairando sobre ela, com seus punhos seguros acima de sua cabeça. Descansei meu tronco sobre o cotovelo e fiquei com o rosto a centímetros do dela. Expandi meu sorriso malicioso e a desafiei:

— Será que ouvi rápido e forte? Hum? — Pressionei meu “pau” em seu ápice. — Estou querendo um longo e “fodido” tempo com você, mas... — Desci uma das mãos até a abertura do seu sexo e medi a temperatura. Enfiei o dedo médio e espalhei a prova de sua excitação por toda a sua

NACIONAIS - ACHERON

abertura. Beatrice arqueou as costas e fechou os olhos. — Abra os olhos, quero ver o quanto aguenta minha intensidade e... — Afastei suas pernas. — Meu calibre — Sorri de canto, com os lábios entreabertos.

— Bryan... — Mordeu os lábios e arregalou os olhos quando introduzi meu “pau” latejante nela. Mesmo querendo lento e carinhoso, a provocação dela apertou todos os meus botões. Contive meus movimentos para não machucá-la. Porém, os nervos do meu corpo pulavam. O ar do quarto ficou rarefeito. A luxúria tomou conta de nós. Um desejo descontrolado nos dominou.

Abocanhei um mamilo e o puxei com os dentes, produzindo um arrepio pelo seu corpo. Aumentei o ritmo das minhas estocadas e, mesmo assim, Beatrice implorava por mais.

— Assim Bryan, me possua, me tome, me faça toda sua. Quero te sentir todo em mim —
NACIONAIS - ACHERON

gemeu, forçando para manter os olhos abertos.

— “Porra... Porra... Porra”... Você já é toda minha... — Estoquei forte. — Me sinta, me prove, sou todo seu... — Continuei com as investidas consistentes. Quando senti que poderia explodir, parei. Sai de dentro da minha menina, e sem aviso prévio, soltei seus punhos e fiquei com a cabeça entre as suas pernas. Um suspiro profundo escapou dos seus lábios. O cheiro de sexo atingiu meu cerne. Afundei meus dedos em suas coxas e devorei com ímpeto os lábios carnudos e lambuzados.

— Oh meu Deus! Por favor, Bryan... — exigiu, se contorcendo. A reação do corpo de Beatrice a mim me tira a razão. Passei as mãos por baixo do seu quadril e o levantei, deixando-o na altura certa para minha língua avançar em seu clitóris. Chupei sua tramela, segurando-a em meus lábios por um tempo, causando um tremor pelo seu corpo.

— Por favor? Adoro quando você me implora. Quem é que pode tudo agora? Hum? — Introduzi dois dedos em seu sexo e com movimentos circulares, continuei cuidando do seu clitóris, com a língua. O corpo de Beatrice desintegrou-se em minhas mãos. Seus punhos cerraram-se no lençol. Os olhos se fecharam e um gemido alto escapou dos seus lábios. Admirei por uns instantes a vibração do seu orgasmo, contendo-me. E antes que eu entrasse em combustão, apenas em olhar, subi meu tronco e voltei a ficar dentro dela.

Meu “pau” agradeceu o calor e a pressão que recebeu. Aproveitei o restante do clímax de Beatrice e, ainda, pude sentir seu corpo se apertando sobre mim. Ela agarrou meu pescoço e grudou sua boca em meu ombro, enquanto eu entrava e saía, perseguindo meu próprio alívio. Não demorou muito para que o quarto ficasse

NACIONAIS - ACHERON

minúsculo. Sucumbi à névoa de desejo. Ondas de calor nos tomaram. Respirações ofegantes, corações acelerados e pulsações descontroladas. Meu líquido jorrou dentro dela e soltei meu corpo sobre ela.

Um tempo depois...

— Isso foi... Uau! — murmurou Beatrice.

— Claro que seria... Uau!... Afinal sou eu quem está aqui. — Brinquei, com o rosto afundado em seu pescoço.

Pulei, com o cutucão que levei nas costelas.

— Convencido. — Bufou.

Ergui o rosto e com uma expressão divertida continuei a provocação:

— Confessa, eu sou “fodão” — alfinetei, com um sorriso de satisfação escancarado no rosto.

— Bryan... tem que usar esse vocabulário? — repreendeu. — E pare de narcisismo. Claro que você é bom, mas deixe-me falar, poxa — reclamou

e fez um biquinho delicioso.

Peguei seu lábio com os dentes e segurei-o, fitando-a. Soltei-o e o lambi, em seguida. Subi meu tronco e fiquei apoiado nos cotovelos, com o rosto a milímetros do dela. Contornei seu maxilar com meu nariz e respondi:

— Você é “fodona” — Ela fechou a cara. Sorri e desmanchei a ruga de sua testa com o polegar. — Sabe quem me tem nas mãos? — Inclinei a cabeça e arqueei as sobrancelhas. — Não preciso nem dizer né. Então... Você é “fodona!” — Gargalhei, sabendo da repulsa dela por palavras torpes.

Beatrice atacou minhas costelas com o indicador, me deixando mole de tanto me contorcer e rir. Debatemo-nos por um tempão, até terminarmos no chão, com ela em cima de mim, enfiando um travesseiro em meu rosto.

Um frio na minha espinha surgiu, quando pensei na palavra casamento. Algo que por anos nem imaginei que seria possível para mim, passou a ser o meu sonho de consumo com a Beatrice, porém, não deixa de me assustar. Nem sei por onde começar. Será que ela quer uma festa grande? Acho que não, afinal quem são os amigos dela? Ethan, Polyana e Mary. Sim, minha menina se fechou por anos, por defesa, sem contar que o Pietro a escondia do mundo. Vou marcar a data para ontem, não posso deixar que ela volte atrás. *“Porra” o lançamento do condomínio. Só depois dele que poderei marcar. “Caralho” eu aqui completamente envolvido com a minha vida particular, deixando minha empresa entregue àqueles abutres.*

— Bryan, preciso descer e ver se o Ethan quer sair para comer algo — informou Beatrice, em pé na porta da suíte. Minha princesa linda, a dona do meu coração. Vestida com um short e uma

NACIONAIS - ACHERON

regata, com chinelos nos pés e os cabelos molhados do banho. *Quero, preciso, odeio que eu esteja tão dependente dela.* Tudo o que me faça perder o controle, empurra todo o maldito medo pra cima de mim. Voltei meus olhos para o espelho e não reconheci o homem, no reflexo. A aura de felicidade tomou conta do meu ser, o brilho dos meus olhos me fez voltar atrás: de que odeio precisar dela. *Ela me devolveu a vontade de viver.* Passei as mãos pelos cabelos, para ajeitá-los, e caminhei até ela. Peguei em suas mãos e rocei meus lábios no dorso delas.

— Vamos meu docinho, também precisamos comer algo. E contar a novidade. — Sorri. — Amanhã é passagem de ano, ótimo dia para comemorarmos nosso casamento. Vamos fazer um jantar aqui e deixar a data marcada. — Inclinei a cabeça e levantei seu rosto para olhar nos olhos dela. Entender se ela realmente está segura da

NACIONAIS - ACHERON

decisão que tomou. Mesmo que isso não vá mudar nada, porque eu sou um egoísta — “filho da puta” — e não quero nem saber se ela está segura ou não. Apenas vou marcar a data e pronto. Pousei um beijo em sua testa e aguardei uns minutos. A insegurança da minha menina estava evidente. Abracei-a e balbuciei, com o queixo apoiado no topo da sua cabeça:

— Não tenha medo minha menina, vou te proteger sempre. — Afastei o corpo para encará-la.

— É por isso que vai casar-se comigo? — questionou, com a voz embargada. — Sou fraca é isso? — Um tremor passou pelo seu corpo. Franzí o cenho e ri sem vontade.

— Você só pode estar brincando comigo. De que “porra” está falando? Acha que eu não te amo? — bradei, indignado. — Tudo o que tenho feito nesses últimos “fodidos” meses, foi tentar conquistar você — para ter você inteira para mim.

Que “porra” é essa de que é fraca? — indaguei, e me afastei totalmente. Mordi o interno das minhas bochechas, passei as mãos pelos cabelos e respirei fundo. Parei a centímetros dela, com as mãos no quadril. Ela levantou os olhos marejados e mordeu os lábios, espremendo as mãos em frente ao corpo.

— Desculpe-me Bryan, só... tenho medo... Só isso. — Baixou os olhos e um soluço escapou do seu peito. Imediatamente me puni e corri até ela, tomando-a em meus braços.

— “Porra”... — praguejei. — Eu também estou com um medo do “caralho”. Mas somos fortes e nos amamos — tudo vai dar certo. — Agachei, deixei nossos rostos pareados e segurei em seus ombros. — Jamais duvide do meu amor por você. Você é o meu bem mais valioso. — Acariciei seu rosto com as pontas dos dedos. Pousei um beijo doce em seus lábios. — Vamos descer e contar a novidade para o “idiota” do seu “irmão”.

— Abri aspas com os dedos. Beatrice balançou a cabeça e replicou, limpando uma lágrima com as costas das mãos:

— Vai ter que encontrar uma maneira de conviver com ele, Bryan. Ele faz parte do pacote.
— Deu de ombros.

— Argh! — protestei.

— Como é que é? Casar? Você enlouqueceu Beatrice Maltez? — reprovou Ethan, soltando os talheres no prato. — Diga que é mentira Bryan, você não fez isso com a minha lindinha. Colocou algo na bebida dela – para ela aceitar a se casar com você – só pode.

— Vá se “foder” Ethan e cale essa “porra” de boca! Estou “cagando” e andando para a sua opinião — esbravejei. Peguei a mão da minha menina e a trouxe até meus lábios. — Estamos

felizes, não estrague esse momento.

Beatrice inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso tímido, mexendo com o meu coração e meu “pau”.

— Vai ou não aceitar ser meu padrinho, Ethan? — Virou o rosto para o seu “irmão” e levantou as sobrancelhas.

Ethan levantou as mãos se rendendo e respondeu:

— Que escolha eu tenho, não vou te largar na mão desse “ogro”. Não pode com o inimigo... Junte-se a ele. — Bufou. — Só tem uma condição. — Levantou o indicador.

— Lá vem você Ethan com suas condições — protestou Beatrice.

— Eu que vou ficar responsável pelo vestido de noiva. — Soltou rapidamente.

Meu corpo endureceu na hora.

— Nem “fodendo” Ethan. A tirar pelo

vestido que comprou para ela ir naquele maldito evento, Beatrice vai entrar nua na igreja — contestei.

— É uma condição, Bryan. — Levantou as palmas das mãos e franziu os lábios. — Beatrice aceita se quiser. Por mim ficaria responsável pela festa também, mas sei que você, controlador como é, não deixaria, então... — Deu de ombros. — É pegar ou largar.

Beatrice olhou para mim, com uma expressão de súplica e balbuciou:

— Confia em mim, não vou entrar nua — garantiu e voltou-se para o Ethan. — Fechado, eu aceito. Não abro mão de tê-lo como padrinho. — Esticou o braço e apertou a mão do Ethan, sobre a mesa. O salto que o Ethan deu, no meio do restaurante, assustou não só a mim, como a todos que estavam ao nosso redor. Ele pegou a Beatrice pelos braços, levantando-a e girando-a. Beijava seu

NACIONAIS - ACHERON

pescoço, e o rosto em todas as partes.

— Eu te amo, minha lindinha. Estou muito feliz também. Não acredito que você conseguiu se reerguer. — Enrugou a testa. — Mesmo que seja com esse “ogro”. Sua felicidade é a minha. — Olhou para mim e concluiu. — Eu até entendo, na verdade, é um pedaço de mau caminho. — Suspirou. — Irresistível! — Soltou a Beatrice e se abanou.

Balancei a cabeça e fui obrigado a sorrir. *O “idiota” é um maldito pervertido, só que deixa minha menina feliz. Literalmente terei que o engolir.*

— Quem vai ser meu par? Ah... não precisa dizer... Mary? — Ethan indagou e sentou-se novamente.

— Claro que sim, né Ethan, apesar de ela ter me tirado do sério hoje cedo, é minha melhor amiga. Preciso dela comigo nessa — confirmou.

Acomodou-se novamente ao meu lado, beijou meu maxilar e deitou a cabeça no meu ombro.

— E a Polyana, não vai ficar chateada, lindinha?

Senti o incômodo de Beatrice pelo enrijecer do seu corpo. Passei o braço pelo seu ombro e juntei-a mais a mim.

— Ethan... tem que estragar o momento? “Porra cara”, não conhece a Beatrice? Vai deixá-la com peso da consciência — repreendi. — Polyana sabe muito bem a ligação que as duas têm. Não vai ficar chateada, pode ter certeza. E por outro lado, teremos a Aninha e a Cristine entrando na igreja, de daminhas de honra. Isso vai distraí-la.

— Ok... ok... Desculpe aí “cara”... Não quero ser o estraga prazeres — ironizou Ethan. — Bom... — Esfregou as mãos, uma na outra. — A data? Preciso me programar, fazer uma lista de coisas importantes, pessoas importantes a convidar,

NACIONAIS - ACHERON

e... — Beatrice interrompeu:

— Ethan... Não vamos ter uma grande festa. Só alguns amigos. Não se empolgue. — Engoliu em seco. — E tem outra... — Ficou muda por uns segundos. — Não quero me casar na igreja. Escolham um lugar legal e levem o juiz de paz até o local. — Deu de ombros. — Não sou tão religiosa assim, não me lembro da última vez que estive em uma igreja. Seria incoerente. — Baixou os olhos.

Eu não me importo em me casar na igreja, apesar de saber que meus pais gostariam. O casamento é meu e dela, se ela não quer, não serei eu a contrapor.

— Poxa lindinha, ficaria tão bonito. Podemos reservar a Paróquia Nossa Senhora do Brasil, deve ter uma fila de espera enorme, mas... o casamento é do Bryan Soutto. Tenho certeza de que eles dariam um jeito. Sua mãe vai ficar radiante, ela queria que a Polyana se casasse lá, mas a família NACIONAIS - ACHERON

do...

— Chega Ethan! — gritou Beatrice. — Quem disse que minha mãe estará no meu casamento? E sabendo disso, agora que não vou casar em igreja nenhuma mesmo. — levantou-se, pegou a bolsa e disse sobre os ombros. — Assunto encerrado. Espero no carro.

Ethan arregalou os olhos e disse:

— Que bicho a mordeu? O que foi que eu fiz? Você não vai deixa-la fazer isso, vai Bryan? Se ela não convidar a mãe para o casamento, Paola vai surtar. Isso não está certo, Bryan. Eu conheço a Beatrice, ela vai se arrepender depois. Ajude-me, não a deixe fazer isso — rogou, com a testa enrugada.

— Ethan... — Balancei a cabeça. — Sinto muito, eu não sou a pessoa certa para te ajudar nessa. Só de pensar o que a Paola fez com ela... — Suspirei. — Tenho vontade de enforcá-la.

— “Putá que pariu” viu! Estou “fodido” Bryan. Como eu vou falar isso para a Paola? — Colocou o rosto entre as mãos e abaixou a cabeça. — OK... Vou apelar para a Mary, quem sabe ela consegue convencer a Beatrice.

Nosso almoço não terminou bem e, por mais que o Ethan tentou amenizar o clima dentro do carro, Beatrice não deu trégua. Eu não abri a boca. Se tiver uma coisa que aprendi nesses poucos meses de convivência com a Beatrice, é que quando se trata do seu passado – nada a faz voltar atrás. Eu não tiro a razão dela e não contribuirei em nada para suavizar a situação. Até porque, quanto menos pessoas disputando-a comigo, melhor pra mim. O que eu realmente quero – é ela só pra mim.

Capítulo 36 – Cadê as Provas?

VOCÊ PENSA QUE TEM PODER SOBRE SEU CORPO, que consegue lidar tranquilamente com o livre arbítrio, até que se pega em uma situação onde percebe que – quem comanda na verdade – são seus desejos mais íntimos. Um ímpeto de vingança, de poder, de superioridade, toma conta do seu ser e, de repente, quando você menos espera, está cometendo atos que jamais cometeria.

Os depoimentos estavam chegando ao fim, Ademir estava com sua conclusão praticamente pronta, o último aconteceria naquele dia. Sua ansiedade o estava consumindo. Finalmente ele conseguira encontrar a ponta – do fio – do novelo.

Com toda a pressão colocada nele, seu vício intensificou-se. Perdera a conta de quantos cigarros passou a fumar por dia, quiçá por hora. A garrafa de café obteve um lugar cativo em sua sala. A cada

cigarro, uma xícara.

Ao apontar na porta – a pessoa do último depoimento – a pontada que sentiu na espinha foi tão árdua, que foi como se alguém estivesse enfincando lhe uma estaca. Alicia, tem esse poder. De deixar os homens de queixo caído. Desestrutura qualquer um, rouba o foco e desvia qualquer pensamento.

Com toda sua imponência e arrogância, Alicia cumprimentou o detetive, com um aceno, e sentou-se à frente da mesa. Ademir demorou um pouco para recuperar a razão. “*Putá que pariu, a mulher é um avião!*” Ela cruzou suas longas pernas, seu vestido preto – justo e curto – subiu, e as coxas ficaram expostas. A bolsa foi colocada ao lado e após cruzar os dedos no colo, levantou o queixo e desafiou Ademir, com um olhar.

— Boa tarde senhorita Alicia — cumprimentou, limpando a garganta. — Aqui
NACIONAIS - ACHERON

estamos nós... — Engoliu em seco. “*Caralho, se a garota do cara já me intimidou, com essa eu estou fodido!*” Arrumou a postura na cadeira. — Podemos começar?

— Acho que já deveríamos — rebateu, com uma expressão instigadora. — Afinal é para isso que estou aqui — concluiu.

— Ah... Claro... — Trouxe o corpo para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Pode me dizer por que pagou um segurança para deixar o pai da senhoria Beatrice se infiltrar no evento?

A pergunta direta e certa do detetive a pegou de surpresa. Toda a prepotência de Alicia foi abalada. Sua postura mudou radicalmente. Ela chacoalhou a cabeça e riu, nervosamente.

— Desculpe... Acho que não entendi a pergunta — proferiu toda arredia.

Ademir, vendo que marcara ponto, soltou o corpo no encosto da cadeira, coçou a barba por

NACIONAIS - ACHERON

fazer, e, com um sorriso vitorioso nos lábios, continuou:

— Tenho certeza de que a senhorita entendeu. — Levantou as palmas das mãos. — Foi uma pergunta clara e objetiva. Com a intenção de uma resposta no mesmo padrão. — Pegou um cigarro e o acendeu com ele preso aos lábios. Assim que deu a primeira tragada, sentiu-se mais forte, preparado para enfrentar a pessoa dissimulada, a sua frente.

Alicia ficou completamente desconfortável, em seu lugar. As mãos e os pés ficaram frenéticos e a respiração alterada. Passou a língua pelos lábios e soltou os ombros, com um longo suspiro.

— Olha só detetive, eu entendo sua obstinação em resolver esse caso, afinal, a repercussão será grande. E sempre podemos ter nossos quinze minutos de fama, não é mesmo? — Arqueou as sobrancelhas, com um ar de ironia. —

NACIONAIS - ACHERON

Porém... — Passou a língua sobre os dentes superiores. — Ela pode ser muito ruim para você, está disposto a perder tudo, por um caso? Acha que vale a pena? — Aproximou-se da mesa e encarou Ademir.

O detetive seguiu o exemplo de Alicia e, com os rostos bem pertos, disse, praticamente sussurrando:

— Está me ameaçando? — Afastou o corpo e tragou o cigarro. Inclinou a cabeça para trás e soltou fumaças – formando círculos – e voltou a fitar sua depoente.

— Por que eu te ameaçaria detetive? Já ouviu a expressão: “Quem não deve não teme”? — Encostou-se novamente na cadeira.

— Pois eu, no seu lugar, temeria, e bastante — avisou Ademir. Apagou o restante do cigarro no cinzeiro e aguardou a reação da Alicia.

— Sério mesmo? Acha que me intimida? —

Olhou em volta e com o indicador fez um giro. — Uma delegacia “barrela” dessa, com uma pessoa que eu tenho certeza de que é fracassada — a minha frente — faz-me rir. — Seus lábios se curvaram em um sorriso mordaz. — Uma coisa, detetive, é você acusar alguém de algo, outra, é provar. Tenho certeza de que essa pessoa que disse que eu a paguei, não tem prova disso. Sendo assim, o que mesmo eu estou fazendo aqui? — Inclinou a cabeça para o lado, retomando a postura superior.

Ademir a analisou, por uns instantes, e percebeu que seria a palavra do segurança contra a dela, e nada mais. Teria que usar a gravação. Pegou o celular em cima da mesa e apertou o play.

Alicia arregalou os olhos e colocou a mão na frente da boca, assim que reconheceu do que se tratava. Ela não esperava que o Bryan pudesse a expor daquela maneira. Com aquelas provas ela teria que ter uma pessoa para representá-la. Mesmo

NACIONAIS - ACHERON

que se safasse de ser acusada de tentativa de assassinato, seria acusada de ter drogado o Bryan.

O ar de satisfação de Ademir deixou-a irritadíssima. Em questão de segundos, Alicia estava em pé, com a bolsa em seu braço, dando as costas para o detetive. Antes de sair, disse, por cima dos ombros:

— Detetive, vocês mexeram com a pessoa errada. Podem ter certeza de que isso não ficará assim. Se quiser falar comigo novamente, somente através do meu advogado. — Colocou os óculos de sol e saiu, marchando.

“*Bingo!*” — Pensou Ademir.

Encheu a xícara de café e, enquanto supria sua necessidade, buscava uma maneira de amarrar Alicia ao atentado. Só pelas ameaças ela já teria que responder a um processo, mas para ele seria pouco. Ele precisava de um culpado. Feito a análise balística, já se sabia que a arma usada foi do pai da

NACIONAIS - ACHERON

Beatrice, porém, como ele entrou? E se foi Alicia que deu um jeito, como o segurança garantiu, ele não poderia deixá-la sair impune. Sem contar que o “filho da puta” tem o poder de se esconder.

Toc-Toc — A batida na porta o assustou.

— Posso entrar? — perguntou o delegado.

— Fique à vontade — assentiu Ademir, apontando a cadeira para que se sentasse.

— Fim de caso? — indagou o delegado, fazendo um gesto com as mãos, de encerramento.

— Acredito que sim, basta encontrarmos provas. Sabe como é – essa gente que têm dinheiro – sempre sai pela tangente. — Suspirou. — Mas sou persistente. — Pegou a garrafa térmica e encheu a xícara, com café. — Uma coisa é certa, a ex-noiva é a mandante e o pai da atual noiva é o atirador. — Tomou um gole do café. — Agora o foco é outro, achamos o indivíduo e as provas contra ela.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 37 – Pote de Ouro

ENCOSTADA NO BATENTE DA PORTA DO CLOSET, admirando o belo traseiro e ombros largos do meu noivo e pensando em quanto minha vida deu voltas. Fico na dúvida se o que vejo não é uma miragem. Meus primeiros anos de vida foram de sofrimento, sendo que dois deles de tortura. Pietro tornou os próximos quinze, calmos e significantes. Ajudou-me a me tornar uma mulher bem-sucedida, segura, pronta para enfrentar o mundo e – me deixou. Agora, depois de alguns infelizes meses, de solidão e um tornado de inseguranças e medos, estou a um passo de tornar-me outra mulher, a senhora Soutto. Terei que aprender a lidar com as colunas sociais, com os eventos e as mulheres ensandecidas atrás do meu troféu. Porém, fazendo um balanço, estou saindo no lucro, afinal, o prêmio está a minha frente. Lindo, sex, cheiroso, gostoso e,

acima de tudo, move o mundo por mim.

— Ei, tudo bem? — Bryan disse e veio até mim. Colocou meu cabelo atrás da orelha e beijou minha testa. Meneei a cabeça, confirmando. — O que foi então? Está aí, parada, só de lingerie. Acho que vai assustar os convidados se recebê-los assim. — Arqueou as sobrancelhas e ergueu o canto dos lábios. Dei um tapa em seu ombro.

— Seu bobo... — Bufe. — E você está falando o quê? Está só de cueca ainda. — Ele me envolveu em seus braços e afundou o rosto em meu pescoço. Fungou e completou:

— Não me canso do seu cheiro. Estou radiante sabia? — Afastou um pouco seu tronco, para me olhar nos olhos, e continuou. — Já sabe o que vai vestir? — Respirei fundo e me preparei para luta.

— Ethan vai me ajudar a escolher, fazer minha maquiagem e cabelo. — Fechei os olhos e

NACIONAIS - ACHERON

estreitei os lábios, aguardando a tempestade. Nada aconteceu, ele permaneceu estático. Abri apenas um olho e entortei o nariz, tentando descobrir o que ele faria. Bryan manteve-se calmo, confesso que me assustei. *O que seria essa calmaria?* — Não vai falar nada? — perguntei, intrigada.

— Por quê? Está me testando? Quer brigar? É isso? — Me soltou e voltou para frente de suas roupas. Escolheu a camisa e vestiu-a. Pegou a calça e foi vestindo, sem dizer uma palavra. Ao passar pelos joelhos soltou um gemido abafado. Aproximei-me, preocupada, os joelhos dele ainda estão com curativos. Ele me ignorou. Parou em frente ao espelho e lentamente abotoou sua camisa, deixando-a pra fora da calça. Puxou o zíper da calça, começou a se pentear, ainda descalço. Fiquei sem saber o que fazer. *Quando ele grita – e se posiciona – eu me defendo, mas quando ele se cala, faço o quê?*

— Bryan... — adverti. — Olhe pra mim, fale comigo — cobreí.

Ele virou-se, colocou a mão na cintura dizendo:

— OK... Estou olhando. — Esticou o olhar por cima dos meus ombros e verificou as horas. — Está atrasada. Quer que eu saia e chame seu irmãozinho? Posso fazer isso, se esse for o seu desejo.

Caminhei até ele, passei os dedos pela sua barba e salpiquei um beijo em seus lábios. Peguei seu rosto com as duas mãos e fitei-o.

— Eu sou só sua e te amo, vou me casar com você. Por que essa insegurança?

— Insegurança? — Se afastou, me empurrando de leve. — “Porra” Beatrice... Ou você muda seu comportamento com esse “cara” ou vai “foder” de vez com a minha cabeça. Sinto muito se eu não sou tão moderno assim. Pode me chamar de NACIONAIS - ACHERON

homem das cavernas, de retrógado, do que você quiser... — Puxou o ar, com dificuldade. — VOCÊ. É. MINHA “CARALHO”! Não dá pra ficar te compartilhando “porra”. — Sentou-se na cama e começou a calçar os sapatos, praguejando.

Parei em frente a ele e fiquei pensando em como estou satisfeita, em como ele me faz feliz e, que não podemos ficar o tempo todo brigando. Inclinei o corpo e pressionei um beijo no topo da sua cabeça, o surpreendendo. Um suspiro longo escapou de mim quando suas mãos espalmaram minha bunda. Ele fungou no meu abdômen e beijou meu umbigo, reacendendo o fogo no meu âmago. Seus olhos encontraram os meus, quando ele levantou o rosto e o desejo foi agravado pela conexão de nossos corpos. *Misericórdia... Até quando esses olhos e o toque das suas mãos vão me tirar de órbita?*

— Deixa só eu cuidar do corpo da minha

NACIONAIS - ACHERON

gatinha manhosa. — Levantou-se e colocou meu rosto entre suas mãos. Ficamos por um momento com nossos olhos cravados, um no outro, e Bryan acariciando minhas bochechas com os polegares. Ele quebrou nossa conexão beijando a ponta do meu nariz e pegando em minha mão, me arrastando de volta para o *closet*. — Vamos escolher juntos, e assim que estiver vestida chamo o Ethan para te maquiar e arrumar seu cabelo. — Entortou os lábios e continuou. — Isso eu não sei e nem quero aprender a fazer... Argh! — Torceu o nariz e fez um gesto com as mãos, de descaso. Não contive o ataque de riso que me deu em pensar – no todo macho alfa – fazendo meu cabelo e maquiagem.

Um calor úmido me consumiu assim que eu pisei nos primeiros degraus da escada e avistei as pessoas espalhadas pela enorme sala do apartamento, que em breve estarei chamando de

meu. O suor escorrendo em uma linha nas minhas costas, não estava ligado ao clima, sim a ansiedade que me tomou. Comecei a descer e imediatamente enxerguei a minha tábua de salvação. O sorriso se expandiu em seu rosto e ele pediu licença, vindo ao meu encontro. Minhas pernas ficaram bambas e minha boca secou. Bryan percebendo, subiu até mim, pegou em minhas mãos e beijou o dorso delas. Olhou dentro dos meus olhos e disse:

— Não sinta medo... EU.TE.AMO... —
Suspirou com admiração. — Nunca mais vou deixar nada te acontecer, eu prometo. — Inclinou a cabeça para pegar meu olhar. — Confia em mim?
— Concordei com a cabeça e mordi o lábio inferior, buscando segurança para descer e expor minha decisão a todos. Soube que ele estava nervoso, podia sentir no aperto de seus dedos, entrelaçados aos meus, porém, sua aparência refletia nada mais do que um homem seguro e

NACIONAIS - ACHERON

determinado. Conforme fomos descendo os degraus, o som das pessoas conversando ao nosso redor se intensificou, me deixando cada vez mais temerosa. Todos pararam, assim que pisamos no último degrau. Uma salva de palmas ecoou pelo ambiente, me fazendo corar e meu coração quase sair pela boca. Bryan aproximou os lábios da minha orelha e sussurrou:

— EU.TE.AMO... Apegue-se a isso. — Beijou meu pescoço e passou o braço pela minha cintura. — Tentei empurrar pra longe, as lembranças da minha mente, dos últimos acontecimentos, para parecer calma. Afastar a visão do Pietro, para não me sentir uma ingrata. Mas, cada fibra do meu corpo vibrou – com apreensão absoluta. Por mais que eu estivesse temendo, uma parte – no fundo – dentro de mim, sentiu alívio. Por ter ele comigo, e, por mim.

Escolhemos um vestido, na cor nude, com a
NACIONAIS - ACHERON

parte de cima rendada e saia em godê de “chiffon”. Decote canoa e manga japonesa. Uma faixa de cetim passada na cintura e o comprimento um pouco acima dos joelhos. As sandálias na mesma cor, de verniz, meia pata com saltos grossos e altos. Bryan me presenteou com um par de brincos e um colar de ouro, cravados com pequenos rubis. Assim que terminou de ajudar a me vestir, antes de pedir que Ethan me auxiliasse com a maquiagem e cabelo. Colocou-me diante do espelho, afastou meus cabelos, colou a boca entreaberta na minha nuca e balbuciou, com o olhar penetrante, no reflexo do espelho:

— Feche os olhos. — Assoprou o local onde estavam seus lábios, provocando um *frisson* no meu corpo. O toque da ponta dos seus dedos, ao redor do meu pescoço, o denunciou. Mesmo com os olhos fechados, eu soube que estava sendo presenteada com uma joia. Colocou o colar – em

NACIONAIS - ACHERON

seguida os brincos. — Pode abrir — Sussurrou. — Uma joia para a mais linda das princesas. Nada é tão grande quanto a sua beleza, mas precisava fazer algo, para recompensar a confiança que ganhei. E vamos combinar... — Bufou. — Que “porra” de sim mais “fodido” foi esse. Achei que nunca o ouviria. — Antes que eu pudesse reclamar do seu vocabulário, ele me virou e pressionou o mais doce beijo em meus lábios, me desarmando.

Os olhos de Bryan estavam fixos em mim, esperando uma reação minha. Eu sabia que ele temia que eu voltasse atrás, por isso estava tão nervoso. Vestido com uma calça de brim “Skinny Slim”, na cor caqui. Uma camisa gelo, com detalhe azul marinho, para fora da calça e com os primeiros botões abertos. Para completar o traje, um blazer azul marinho. Sapatos esportes e os cabelos arrepiados, com gel, deixando-o com cara de menino mau. Dei um giro com os olhos e vi todos

NACIONAIS - ACHERON

os nossos amigos: Gaby, Nathan, os pais de Bryan, Karin, Cristine, Polyana, Aninha, Ethan, Mary, Letícia, Pablo, Rebeca, Yuri. Ao avistar Eduardo fiquei constrangida, em lembrar-se da foto que ele tirou – eu beijando o Rodrigo. Mary fez uma careta pra mim e balbuciou de longe:

— O que é seu está guardado — advertiu e levantou o canto dos lábios, com um sorriso amoroso.

Meu coração jubilou de alegria, quando meus olhos se voltaram para a decoração. Bryan teve o cuidado de pedir que colocassem tulipas vermelhas espalhadas por todos os cantos. Ao perceber meu sorriso de satisfação, declarou:

— Tulipas vermelhas... Amor verdadeiro... Amor perfeito... Amor irresistível... — Solto um longo suspiro e concluiu. — Amor eterno. — Aproximou seus lábios novamente do meu ouvido e disse. — Você é a “porra” do pote de ouro no final

NACIONAIS - ACHERON

do arco-íris. — Afastei meu corpo e o encarei descrente. *Até para fazer uma declaração de amor, ele tem que usar esse vocabulário?* — Alargou um sorriso safado e piscou pra mim.

Encontrei forças e caminhei, entre os convidados, com a mão de Bryan entrelaçada a minha. Cumprimentei a todos agradecendo a presença. Bryan se encarregou de convidá-los, fiquei sem saber o que disse a eles. Na esperança de que tenha dito apenas que era um jantar para comemorarmos a passagem de ano. A contar pelos olhares furtivos, provavelmente ele adiantou algo. Agradei a todos os santos por não ter Alicia — entre os convidados. Fiquei preocupada por não estarem, nem Nestor e nem o Marcelo. Mesmo sabendo dos desacordos deles, são anos de convivência. *É mais grave do que eu imaginava.*

A noite decorreu bem, Aninha e Cristine, apesar de terem dois anos de diferença, se deram
NACIONAIS - ACHERON

muito bem. Mary e Pablo ficaram juntos em um canto, enquanto Rebeca e Yuri permaneceram próximos, porém cuidadosos. A empresa do Yuri o substituiu, no hospital, para que ele pudesse estar conosco. Ethan foi a atração principal, sentindo-se em casa, divertiu os convidados com seu carisma. Bryan entortou o nariz, por vezes, e controlou-se para não o mandar calar a boca. Pedrinho passava de colo em colo, e os avós, babões, ficaram de olho nele. Karin se distraiu com as bobeiças do Ethan e nos deixou em paz.

Consegui me desvencilhar do Bryan e me acomodar ao lado da Mary, enquanto Pablo pegou a Letícia e foi brincar na sacada. Desabei o corpo no sofá e soltei um suspiro exausto.

— Eu sei. — Mary disse, pegando minha mão e apertando-a. — Como vão as coisas com o deus grego – ensopa calcinhas – depois do furacão que passou entre vocês? Conseguiu domá-lo ou

NACIONAIS - ACHERON

decidiu ceder de vez aos encantos dele? — Revirei os olhos e a encarei.

— Ensopa calcinhas? Essa é nova pra mim Mary. — Entortei os lábios. — Acha que é por isso que estou cedendo a ele?

— Claro que não. Só um cego não perceberia a forma como ele olha pra você — assumiu, balançando os ombros. — Tudo bem que você simplesmente me excluiu da sua vida, mas... — Levantou as mãos, se rendendo. — Se é para te ver feliz e dar continuidade em sua vida.

— Oh, Mary. — Suspirei, com um sorriso se espalhando pelo meu rosto. Inclinei o corpo e a envolvi em um forte abraço. — Você é a minha melhor amiga, e, eu não tenho palavras para te agradecer por tudo o que fez por mim. — Beijei sua têmpora e engoli com dificuldade, com o nó apertando minha garganta. Ela me afastou e ironizou:

— “Porra” pare de mi... mi... mi... Não quero você chorando no dia em que vai anunciar seu casamento. — Pegou meu rosto e continuou. — Estou esperando o seu convite.

Limpei uma lágrima abusada e sorri com a franqueza da minha amiga.

— Você acabou de entregar o Bryan, então quer dizer que todos aqui sabem que vamos anunciar o casamento? — Arqueei as sobrancelhas. Mary arregalou os olhos e colocou a mão na boca.

— “Puta que pariu”, foi mal. — Balancei a cabeça e acabei achando graça da situação. — Então... estou esperando doninha... — Cruzou os braços no peito. — Sou ou não a madrinha?

— Mary, Mary... É por isso que te amo tanto. Adoro sua sinceridade. Claro que é você, quem mais poderia ser? — Peguei em suas mãos e apertei. Ela ficou pensativa, por um minuto, e disparou:

NACIONAIS - ACHERON

— Vai me dizer que vou ter que aturar o Ethan comigo? — Balancei a cabeça, confirmando. Segurando para não cair na risada. — “Porra” o que a gente não faz por uma amiga. O “cara” vai pegar no meu pé, você sabe disso né? Pensa naquele pervertido querendo uma despedida de solteiro, à moda dele, para você? — Estreitou os olhos e os lábios. — O Bryan surta e caça nós até o inferno. — Estouramos em risos, só de pensar na possibilidade e no caos que seria. Paramos quando ouvimos a voz do Ethan ao nosso lado.

— O que é tão engraçado? — Me empurrou com o quadril e se sentou entre nós duas. Passou o braço no meu ombro e me juntou a ele, com um beijo na minha testa. — Vamos minhas garotas, quero participar. — Cutuquei as costelas dele, fazendo-o dar um pulo. — Nada de golpe baixo, lindinha. Já não basta ter que conviver com a melação de vocês dois nesse apartamento. — Virou

NACIONAIS - ACHERON

para a Mary e continuou. — Mary, o “cara” é um deus grego mesmo, como você fala. Não fosse a grosseria dele, eu poderia dizer que é perfeito. — Olhou para mim e sorriu maliciosamente. — Tenho que me distrair quando eles sobem para a suíte. Saem os dois com cara de quem “foderam” para se despedirem do mundo. — Jogou a cabeça para trás e gargalhou, junto com a Mary.

— Ethan... — repreendi. — Pare com isso, a sala está cheia de convidados.

— E daí, “foda-se”, se o cara não deve ser um furacão na cama. Lindinha, você precisa ver sua cara. — Se abanou. — Não é possível que ele não tenha algum defeito muito grave, além de ser “ogro” é claro, para tirar aquele encanto dele. — Voltou a falar com a Mary. — Menina, acho que ele não arrota, não peida, não ronca e nem limpa o nariz. A garota aqui do meu lado está hipnotizada, laçada, perdida e pode ter certeza de que muito bem

NACIONAIS - ACHERON

“fodida”. — Afundei o dedo nas costelas dele e protestei novamente.

— Chega Ethan, vai se focar em outra coisa. Jesus Amado, que vergonha. — Olhei em volta, para ver se ninguém estava ouvindo as besteiras do meu irmão. O cheiro dele invadiu o espaço e meu corpo reagiu no mesmo instante, antes mesmo de ele abrir a boca. Bryan estendeu a mão e informou:

— Seu príncipe veio para te salvar. Venha minha princesa, vamos fazer nossa parte de anfitriões e convidá-los a sentarem à mesa. — levantei-me vidrada em seu olhar. E ouvi ao longe, pois, todos os meus sentidos foram roubados pelo meu deus grego.

— Só se ele for o “Shrek” — provocou Ethan e se desmanchou em risos. Nem me dei ao trabalho de repreendê-lo. Peguei na mão do homem da minha vida e o acompanhei.

Como um bom anfitrião, Bryan contratou um ótimo “Buffet” e a mesa estava repleta de coisas maravilhosas. Cida, nossa fiel escudeira, comandou tudo. Deixando o fundamental da maneira que sabe que o Bryan gosta. Estava presente, mais como participante da festa do que como colaboradora. Ela tem um grande apreço pelo patrão e por mim. Carol estaria conosco também, não fosse o fato de estar hospitalizada. Entre risos e conversas agradáveis, saboreamos o nosso jantar. Não consegui relaxar, mesmo estando tudo dentro dos conformes. Sempre acontece algo para tirar as coisas do lugar. Fiquei atenta aos movimentos da Karin, com medo de ser ela o motivo de estragar tudo, mas para a minha felicidade – ou tristeza – ainda não sei definir, Ethan e ela deram-se muito bem. Sentaram-se juntos a mesa e se envolveram em assuntos paralelos.

— Pessoal — bradou Bryan, levantando-se,

batendo um com o garfo na taça. — Chegou o tão esperado momento da noite. — Olhou para mim, com adoração. Sorriu e fez um movimento com a cabeça – para que eu levantasse também. Limpei a garganta e me levantei receosa. Ele passou as costas da mão em meu rosto e beijou minha testa. — Hoje é o dia mais feliz da minha vida. — Inclinou a cabeça e me agraciou com um singelo sorriso.

— Vai cara, deixa a calcinha de ela cair mais tarde. — Brincou Eduardo na ponta da mesa. — Pare de pieguice... Argh... Que “babação”. — Fez uma careta.

— Vá se “foder cara” — replicou Bryan.

Risos tremularam na mesa.

— Bom, como todos já sabem. — Deu de ombros, se desculpando pra mim. — Beatrice finalmente disse a “porra” do sim... O sim mais “fodido” da face da terra. — Franziu a testa me

encarando. Olhei para os convidados, com uma expressão de horror no rosto, pela falta de tato do Bryan. Seus pais apenas balançaram a cabeça, com um leve sorriso no rosto. Soltei os ombros, aliviada.

— Falou o “cara fodão” que jamais ficaria com uma mulher só. — Atiçou Eduardo. — Vamos ter que decretar feriado nacional para este dia. “Foda-se” que eu não achei que veria esse idiota se casando. Beatrice, você só pode ser bruxa, não é possível. — Balançou a cabeça, com um sorriso provocador nos lábios.

— Eduardo, cala a “porra” da sua boca, antes do meu punho fazer isso por você — desafiou Bryan. Novamente os risos tomaram conta da mesa. Toda aquela brincadeira ao invés de estar me espirecendo, estava mexendo com a minha cabeça. Como um trem bala os pensamentos começaram a vir: Alicia, Felícia, Rei das Noitadas, Rodrigo, Pietro, a posse, o ciúme doentio, o domínio. *Meu*

NACIONAIS - ACHERON

Deus! O que estou fazendo? Ele não vai mudar. Ninguém muda. Eduardo tem razão, ele está empolgado, daqui a pouco ele vai cair na real e voltará a ser o que sempre foi. Como ele vai conseguir ficar só comigo? Eu sou problemática e não tenho experiência com sexo. Minha respiração começou a alterar, as mãos a suarem, o coração acelerar. Não consegui ouvir mais nada do que falavam. A vista ficou turva e sem perceber eu já estava sentada, puxando o ar com dificuldade.

Bryan agachou-se a minha frente e pegou em minhas mãos. Passou a mão pelo meu rosto e depois a colocou em meu peito. Aproximou seu corpo do meu, colocando meu rosto em seu peito e com os lábios em minha orelha, começou um mantra sagrado:

— Shiiiiii... Calma... Shiiiiii... Estou aqui, só pra você, por você... Nada vai acontecer, eu não vou deixar. —Rapidamente Mary e Ethan estavam

NACIONAIS - ACHERON

juntos, um de cada lado.

— Bryan, me deixa falar com ela — pediu Mary. — Bryan se afastou e Mary me levantou, passou a mão pela minha cintura e me levou até o lavabo. Ethan veio atrás.

— Amiga, vamos jogar um pouco de água no seu rosto. — Pegou uma toalha no casulo e umedeceu. Começou a passar no meu rosto e continuou. — Do que você tem medo Trice? Fala com a gente. — Ethan me sentou na tampa do vaso sanitário e ficou agachado a minha frente.

— Vamos lindinha, bota pra fora a “merda” que está passando nessa cabeça. — Pegou meu cabelo e colocou atrás da minha orelha. — Está estragando a “porra” da maquiagem que fiquei mais de uma hora para fazer garota! — alertou, com a cara fechada. — Se não tem certeza do que quer, cai fora. Se liga, não estamos na idade média — Beatrice Maltez. Qual é o seu problema?

— Ethan, dá licença. Acha que com pressão vai ajudar? Saia daqui. — Mary o expulsou e ficou no lugar dele.

— Agora somos somente nós. Conta pra mim o que está te assustando — indagou, me acalmando com a toalha em meu rosto. Puxei o ar dos pulmões com força e me obriguei a colocar pra fora o que estava acabando comigo — minha insegurança.

— Mary. — Suspirei. — Olhe pra mim, eu não sou mulher para ele. Quando ele perceber isso, vai me largar. O amigo dele tem razão, esse Bryan não é o verdadeiro. Eu não sei o que eu fiz para ele encasquetar comigo. — Um soluço dolorido escapou do meu peito.

— Trice, quanta besteira. Claro que você é mulher para ele, você é mais do que isso. Coloca todas as outras no bolso. — Balançou a cabeça. — Só pode ser culpa daquele “filho da puta” do seu
NACIONAIS - ACHERON

pai. O que ele fez pra você de novo? Ele te tocou, te machucou? Deve ter enchido de “merda” sua cabeça. “Desgraçado do caralho”.

— Não, ele não me machucou, pelo menos não fisicamente. Mas ele tem razão, ele roubou de mim toda a parte boa. Quando o Bryan perceber isso, vai se arrepender e me largar. — Encostei a cabeça no azulejo e fechei os olhos. Esfreguei a mão no peito, na tentativa de amenizar a dor. Fiquei uns minutos nessa posição e não percebi a troca.

— Eu jamais vou te deixar. Quantas vezes tenho que repetir isso a você? — Endireitei a cabeça e olhei dentro dos olhos do meu homem. A sinceridade e admiração estavam estampadas dentro deles. Os olhos dele estavam marejados como os meus. Envolveu-me em um abraço e ao sentir as batidas alteradas do seu coração, tive certeza de que estava falando a verdade. Afundei meu rosto em seu pescoço e absorvi o seu cheiro.

Buscando o meu caminho, o caminho da felicidade. O caminho que o “filho da puta” do meu pai vem boicotando por anos. — Não existe nada na “porra” desse mundo que me fará voltar atrás da decisão de ficar com você. E a Mary tem razão, você coloca todas as outras no bolso. Que história é essa de ser inexperiente no sexo? O que acha que eu mais amo em você, além da sua bunda é claro. — Afastei meu rosto do seu peito — para ter certeza de que ele estava falando sério. Bryan piscou e com um sorriso suave enfeitando seus lábios, continuou. — O que eu mais amo em você é esse ar de ingenuidade, de menina perdida, que precisa de alguém para guiá-la.

Passamos alguns minutos no lavabo, até eu me recompor. Bryan foi muito paciente e me fez prometer que não me sentiria mais insegura. Fez-me olhar no espelho novamente, para me lembrar

do quanto sou bonita, e que ele não precisa de mais ninguém, além de mim. Voltamos à mesa e Bryan rapidamente explicou a todos dos meus traumas e ataques de pânico. Fiquei cabisbaixa, com vergonha. Ele levantou meu queixo e disse:

— Vamos continuar de onde paramos? Consegue? Tudo bem? — Beijou a ponta do meu nariz. Concordei com a cabeça e ficamos em pé, novamente. Agora sem brincadeiras Bryan continuou. — Pessoal, eu separei uma música pra esse momento. — Pegou o controle do som e apertou o play. Em instantes a música tomou conta do ambiente.

[...]

“Por você

Eu mudaria

Até o meu nome

Eu viveria

Em greve de fome
Desejaria todo o dia
A mesma mulher

Por você
Eu aceitaria
A vida como ela é
Viajaria a prazo
Pro inferno
Eu tomaria banho gelado
No inverno
[...]
Por você! Por você!
Por você! Por você!
Por você! Por você!
Por você! Por você!
Por você! Por você!” – Barão Vermelho

A música terminou e todos ficaram mudos.
Ninguém esperava uma declaração dessa

magnitude do Bryan. E para completar ele olhou para mim e praticamente gritou:

— Você é a “porra” do pote de ouro no final do arco-íris. EU. TE. AMO. “CARALHO”!

— Me tomou nos braços e girou comigo pela sala.

— Todos ficaram em pé e aplaudiram. Eduardo, Ethan e Nathan começaram a assobiar. Em minutos ouvimos a explosão de fogos do lado de fora. Como se tivéssemos cronometrado o tempo. Fomos todos para a sacada e ficamos admirando a passagem de ano na minha cidade, São Paulo... A cidade do meu coração.

Voltamos à mesa, pegamos nossas taças e brindamos:

— Feliz Ano Novo! Que essa união seja selada no céu e que seja até morte — desejou o pai de Bryan, surpreendendo a todos.

Bryan se inclinou até mim e encostou a testa na minha, e pronunciou baixinho, quase

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

inaudível:

— EU. TE. AMO, nunca duvide disso. —

Pousou um doce beijo nos meus lábios.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 38 – Lançamento do Ano

— CAROL, PODE, POR FAVOR, VIR ATÉ A MINHA SALA? — requisitei, através do telefone interno, preocupado com o tempo.

Os dias passaram como um borrão, tudo vem acontecendo muito rápido. Contratos acumulados e listas de casamentos estão sobre a minha mesa. O telefone insiste em tocar a cada segundo. Estou “fodidamente” perdido. *Ah... Como eu a queria aqui comigo!*

Após me tornar o homem mais feliz do mundo, Beatrice me encurralou, impondo algumas condições. Por mais que eu tenha implorado, ela decidiu me ajudar – em minha empresa –, somente depois que Alicia e Nestor saírem. Procurei compreendê-la, afinal, eles fariam da vida dela um inferno. Os primeiros dias não foram fáceis, principalmente por que a Carol ficou dez dias fora.

Hoje o escritório está uma loucura, o grande dia chegou. Depois de muito trabalho, da equipe, lançaremos o maior e mais luxuoso condomínio de São Paulo. O projeto nos exigiu mais do que qualquer outro.

— Sim, senhor Bryan. Em que posso ser útil? — Carol, sempre dedicada, entrou e pôs-se a minha frente.

— Carol, fez o que te pedi para o “checklist”? — Me levantei e me aproximei dela.

O dia está chegando ao fim, nosso tempo está praticamente esgotado. Estou estafado. Minha camisa está amarrotada, com as mangas dobradas até os cotovelos e parte dela está pra fora da calça. Nem sei onde está a gravata, que no meio do dia tirei. Meus cabelos devem estar uma bagunça, de tanto que já passei as mãos. Meu estômago dói, não sei se de ansiedade ou fome. Quase não comi, apenas belisquei um lanche, que minha assistente

NACIONAIS - ACHERON

me trouxe.

— Está aqui senhor Bryan. — Estendeu a mão e me entregou a lista pronta.

— Vamos ver Carol. — Conferi a lista com todas as tarefas, para que o evento corresse dentro do esperado.

Há dias que trabalho por 12 ou até mais horas diárias. Sem a presença da Beatrice ao meu lado, só tenho a Carol em quem posso confiar. Tenho fiscalizado todos os departamentos. Se já me chamavam de controlador, agora eles têm motivos suficientes para isso. Não posso correr o risco de algo dar errado neste evento, toda a imprensa estará lá e algumas celebridades são convidadas de honra.

— Ok, Carol. Parece que tudo foi providenciado. Confirmou com a família da Beatrice a presença deles? — perguntei, entregando a lista de volta.

Ethan tem estado no meu pé, todos esses
NACIONAIS - ACHERON

dias. Querendo que eu convença Beatrice a convidar o padrasto e a mãe para o casamento. Não posso, não devo e nem quero forçá-la, porém, o “cara” é insistente. Como ele tem ajudado a Beatrice, com todos os preparativos, o que facilitou para mim, afinal quase não tenho tido tempo para nada, resolvi convidá-los para o lançamento do condomínio. A intenção é fazer com que Beatrice amoleça aos poucos e se acostume com a presença deles. Não me sinto confortável com isso, mas... Fiquei sem opção.

— Confirmado, senhor Bryan. Estarão todos presentes. O senhor Rogério pediu que eu o agradecesse. Disse que você não se arrependerá pela decisão. — Concordei com um aceno. Terminada a conferência, Carol se retirou. Ao sair trombou com Alicia entrando. Alicia mediu-a de cima abaixo e perguntou:

— E aí cãozinho asiático, sarou? —

Entortou os lábios, fazendo um careta de descaso.

Dei a volta à minha mesa e desabei na cadeira, buscando equilíbrio. A tarefa mais difícil, desses últimos dias, tem sido aguentar o sarcasmo da Alicia. Não precisa de uma grande oportunidade para vir a minha sala me espezinhar. Quando soube que tinha marcado a data do casamento, para depois do evento, praticamente surtou. Usou todas as suas armas. Primeiro se fez de vítima, e quando percebeu que não resolveria, voltou a ser ela mesma.

Comecei a arrumar minha mesa e a desligar o computador. Alicia sentou-se a minha frente, cruzou as pernas, deixando as coxas de fora e ficou batendo as unhas na mesa.

— Fale logo o que quer, Alicia. Como você pode ver, estou de saída — falei, sem olhar para ela. — Aliás, estamos todos de saída, não é mesmo? — Levantei os olhos e a encarei. Respirei

fundo e pensei. — *Controle Bryan, hoje é o último dia.*

Por um instante me surpreendi com a mudança na expressão dela. O semblante caiu e os olhos ficaram marejados. Nossos olhares se fixaram um no outro e eu pude sentir os seus sentimentos confusos. Ao mesmo tempo em que me pareceu determinada, seus olhos transmitiram arrependimento, dor, talvez. Baixou os olhos, quebrando nossa conexão, e deu uma leve balançada na cabeça.

— Você tem certeza do que está fazendo?
— murmurou, em tom de lamúria.

Coloquei alguns papéis na primeira gaveta do móvel atrás da minha mesa. Empurrei, com os pés, a cadeira, para mais perto da mesa, recostei na cadeira e coçando a barba perguntei:

— Do que exatamente você está falando?
— *Eu sei do que ela está falando, porém, Alicia é*

ardilosa e eu não a deixarei me ludibriar.

Ela levantou os olhos e fitou-me. Curvou o canto dos lábios com um sorriso e prosseguiu:

— Essa história de casamento, Bryan. Nós dois sabemos que você só vai machucar a garota. Não percebe que está fazendo mal a ela? Você não é homem para se amarrar, Bryan. — Chegou com o corpo perto da mesa, estendeu a mão e acariciou meu antebraço. — Está em tempo ainda... — Suspirou. — Você pensa que a ama, mas... quando...

— CHEGA... — gritei. — Cale a “porra” dessa boca. — Levantei-me e caminhei até as vidraças da sala. — Se veio até aqui para despejar esse monte de baboseiras, perdeu seu tempo. — Caminhei de volta e parei em frente a ela. — Vou repetir a você: EU AMO A BETRICE. Você gostando ou não. Eu jamais a trairia e, sou o homem mais feliz do mundo – só de ela ter

NACIONAIS - ACHERON

aceitado a se casar comigo. — Passei as mãos pelos cabelos e puxei o ar dos pulmões. — Tudo o que eu mais quero é me casar com ela. Minha vida terá outro sentido.

Alicia enxugou uma lágrima, com as costas das mãos. Fungou e olhou para mim.

— Você nunca me deu uma segunda chance. Eu sempre te amei e sempre vou te amar. — Levantou-se, passou os braços pela minha cintura e encostou o rosto no meu peito. Senti enjoo. Meu corpo endureceu. Permaneci com os braços ao lado do corpo, esperando que ela se afastasse. Ela levantou o rosto e beijou meu queixo. Peguei em seus ombros e a afastei.

— Alicia, já faz tanto tempo. — Balancei a cabeça, com o cenho franzido. — Você não me ama, só achou que eu passaria a vida sozinho, e que, a qualquer momento poderia vir a ficar com você. Isso não é amor. — Me desloquei até meus

NACIONAIS - ACHERON

pertences. Peguei o paletó, celular, carteira e chaves do carro. — Precisamos ir, ainda temos que nos arrumar, somos os anfitriões da festa, não podemos nos atrasar. — Digitei uma mensagem para Beatrice, enquanto Alicia não se moveu.

“Oi meu anjinho, terminei aqui, estou descendo. Apressa aí, temos pouco tempo. Te Amo. Bryan”

— Então é assim que a nossa história acaba? Você me ameaçando com uma gravação e eu saindo da sua empresa? — Se aproximou de mim e passou as costas da mão em meu rosto. — Depois de tantos anos, juntos, não acha que merecemos um final melhor? Janta comigo? Uma despedida sem rancores. — Inclinou a cabeça, com uma expressão de súplica.

Desacreditei do que estava ouvindo. *Alicia só pode estar brincando comigo.*

— Você continua me achando otário né Alicia? Também pudera tantos anos você conseguindo o que queria. — Ri, sem vontade, e tirei a mão dela do meu rosto. — Nem “fodendo”. Eu nunca mais quero ver você e sua família. O que vocês fizeram foi – me “foder”. — Me desvencilhei dela e rapidamente estava segurando a porta da sala. Fiz um gesto, com as mãos, para que ela saísse. Ela arrumou a postura e empinou o nariz.

— Você nunca vai poder dizer que eu não tentei te alertar — advertiu e saiu.

Em frente ao espelho do *closet*, terminando de vestir meu traje, composto por: calça e paletó grafite; colete prata – cruzado na frente; camisa branca; gravata verde musgo – de cetim, e um lenço – na lapela do paletó – do mesmo tecido da gravata. Parei e fiquei a observando, atrás de mim. Minha alma dói cada vez que tenho a consciência

da minha conquista. *Mesmo sabendo que sou um “filho da puta do caralho”, que moveu céus e terra para atingir meu objetivo.* Olhos azuis me fitaram, no reflexo do espelho, e um leve sorriso se abriu, nos lábios que tanto amo. Silenciosamente me maravilhei, virei-me e a passos lentos caminhei em sua direção. Parei, inclinei a cabeça para o lado e analisei a obra prima.

— Eu sei que não faz nem seis meses que estamos juntos, mas... — Estiquei o braço e toquei, com as pontas dos dedos, a entrada dos seus seios. — Fico me perguntando, como respirei por tantos anos sem você. Você desperta em mim coisas. — Respirei fundo. — Tenho que me controlar o tempo todo. Quero te puxar em meus braços e dividir meus segredos com você, e ao mesmo tempo te... “foder”... — Fechei os olhos e controlei a respiração. O coração começou a bater furiosamente. — Até não poder mais. — Um misto

NACIONAIS - ACHERON

de prazer e medo revirou meu estômago. Beatrice afeta meus sentidos. Quero protegê-la só que sou o “cara” mais “fodidamente” vulnerável, ao lado dela. *“Porra... Porra... Porra”, eu odeio sentir medo.*

Abri os olhos e encontrei uma expressão complacente. Ela diminuiu a distância entre nós. Estendeu a mão e tocou meu rosto. Seu toque fez meu coração entrar em colapso. Os olhos mais ingênuos e sinceros que já conheci na vida, se conectaram aos meus. Ela declinou a boca até mim e sem desfazer a conexão de nossos olhos, encostou os lábios aos meus.

— Eu te amo — sussurrou. Um sorriso de satisfação escapou dos meus lábios. Esperei tanto tempo para ouvir as três palavrinhas mágicas, que ainda não me acostumei a elas. — Como estou? — Se afastou e deu uma voltinha na minha frente.

Katherine – “Personal Shopper” – que
NACIONAIS - ACHERON

contratei, tem um tremendo bom gosto. Tive certeza da escolha pela profissional, no momento em que ela não questionou minhas exigências. Quando se trata da minha menina, quero o melhor, porém, nada de expor o corpo dela. Beatrice é minha, nem “fodendo” que vou ficar compartilhando. Nem mesmo as migalhas que esquivam dos meus dedos. Katherine compôs nossos trajes, combinando-os. O vestido da Beatrice é da cor e tecido da minha gravata. Um vestido longo, justo até os quadris, abrindo em nergas – a saia – em formato de sereia. A parte de cima trabalhada com renda. *O que não me agradou muito, principalmente o decote.* A frente tem um vão entre os seios fartos do meu anjinho. O vestido é de alças largas e as costas só têm duas tiras finas cruzadas, deixando-a nua até a lombar. Tentei argumentar, entretanto, fui vencido pelas duas mulheres.

Beatrice, deslumbrante, diante de mim, furtou minhas palavras. Seus cabelos foram puxados para trás, formando um coque bagunçado, afofados na frente, com vários fios soltos nas laterais do seu rosto. A maquiagem em tons nude, acentuou a meiguice em sua feição. Os acessórios em ouro, com pedras de esmeraldas, deixaram meu docinho uma princesa.

Aproximei-me, estiquei o braço e estendi a mão. Assim que ela colocou a mão sobre a minha, trouxe o seu corpo até o meu e encostei os lábios em sua orelha. Mesmo calçando sapatos de saltos altíssimos, seu rosto encaixou-se abaixo do meu queixo.

— A mais linda das princesas. Meu anjinho, minha menina. — Espalmei a mão nas suas costas nuas. Subi a outra até sua nuca e levantei seu rosto. Olhando em seus olhos, iniciei uma dança pelo quarto. Beatrice me envolveu com os braços e ficou

NACIONAIS - ACHERON

com os lábios entreabertos, vidrada em mim. —
Dança comigo?

— Nem temos música, Bryan — disse,
sorrindo.

— Tudo bem, então vou cantar uma. —
Levantei uma sobrancelha. — Pode ser?

Ela concordou com a cabeça e continuou
me acompanhando nos passos.

*“Linda do jeito que é
Da cabeça ao pé
Do jeitinho que for
É, e só de pensar
Sei que já vou estar
Morrendo de amor
De amor
Coisa linda
Vou pra onde você está
Não precisa nem chamar*

Coisa linda

Vou pra onde você está

Linda feito manhã

Feito chá de hortelã

Feito ir para o mar

Linda assim, deitada

Com a cara amassada

Enrolando o acordar

O acordar

Ah, se a beleza mora no olhar

No meu você chegou e resolveu ficar

Pra fazer teu lar

Pra fazer teu lar” – Tiago Iorc

Pronunciei as últimas palavras, da música, em um tom de voz quase inaudível. Meus sentidos foram roubados por ela. Sem controle das ações, tomei seus lábios em um beijo – de um amante fervoroso. Queria comunicar à sua boca o desejo

que sentia. Pressionei meu corpo as formas delicadas da minha menina e pude sentir a vibração do seu corpo.

— Bryan... — Colocou as mãos em meus ombros, me afastando. — Não podemos... — Suspirou. — Estamos com o horário justo. — Curvou os lábios num sorriso tímido. — Está estragando minha maquiagem e... — Baixou os olhos. — Vou ter que trocar a calcinha, se continuarmos.

Apertei os olhos e os lábios, e cerrei os dentes.

— “Porra” você não pode falar uma coisa dessas assim. — Peguei a mão dela e coloquei sobre o meu “pau”, estourando na calça. — Olha a situação. O que vamos fazer?

— Vamos ter que solucionar o problema na volta. — Apertou meu “pau” e sorriu.

— Ou... — Beije seu pescoço e com os
NACIONAIS - ACHERON

lábios grudados ali, continuei. — Podemos interditar o banheiro feminino do hotel. — Levantei o rosto e encontrei uma expressão de espanto, com as bochechas ruborizadas. — Pode ser uma área de serviço também. Hum? — Fui obrigado a rir com vontade, das expressões que foram surgindo no rosto dela. *Ainda tenho muito que ensinar para a minha menina. Ela precisa descobrir o prazer de fazer sexo com perigo – de ser pego.*

Yuri segurou aberta a porta da limusine, para entrarmos. Acomodei-me ao lado de Beatrice e senti o seu incômodo – pela respiração. Fixou o olhar na janela, abriu e fechou o botão de pressão de sua carteira, por várias vezes. Seus dentes esmagavam os lábios. *Preciso fazer alguma coisa para que relaxe. Não posso deixa-la chegar assim ao evento.* Passei o braço por seu ombro e a trouxe para mais perto. Peguei em sua mão e beijei a

palma. Ela olhou para mim, aflita.

— O que foi meu anjinho? Por que está tão nervosa? Já estive em vários eventos como este. — Indaguei, segurando seu queixo, sem a deixar desviar o olhar. Ela acariciou meu rosto, com um olhar apaixonado e beijou meu queixo.

— Estou com um pressentimento ruim. — Suspirou e baixou os olhos. — Faz dias que está tudo tão calmo. — Balançou a cabeça. — Sei lá... — Passou a mão pelo peito. — Um aperto aqui dentro.

— Isso é ansiedade, é normal, mas... — Peguei em seu rosto e beijei a ponta do nariz. — Podemos mudar isso, desfocar... — Sorri maliciosamente. Levantei-me e me aproximei do motorista. — Yuri, continue andando até eu avisar que podemos ir para o evento. — Apertei o botão e fechei o vidro que separa a cabine do motorista dos passageiros. Voltei e, antes de sentar, me

NACIONAIS - ACHERON

ajoelhei a frente da Beatrice. Afastei suas pernas e me ajustei entre elas.

— O que está fazendo, Bryan? — perguntou, assustada.

— Te desfocando. — Subi a saia do seu vestido até as suas coxas e controlei a respiração, com a visão: meias 7/8 com barrado de renda, cinta liga e uma micro calcinha fio dental, toda de renda. Encostei os lábios em sua coxa, logo após o término da meia, e ergui os olhos. O peito de Beatrice subia e descia e seus lábios ficaram presos aos seus dentes. — Me deixa facilitar o trabalho, já que não temos calcinha reserva. — Escorreguei as mãos até sua calcinha e com um dedo de cada lado, a arrastei para baixo, até os tornozelos. Dei um tapinha nos tornozelos, para ela levantar e eu terminar de tirá-la. — Seria mais fácil eu estourar o elástico, mas... — Massageei sua virilha, com o polegar. Cheguei com o rosto a milímetros do dela

NACIONAIS - ACHERON

e murmurei. — Eu não conseguiria me concentrar em mais nada sabendo que você estaria sem calcinha, e... — Soltei seu lábio de seus dentes e lambi. — Eu sou o CEO e preciso estar bem concentrado em tudo o que acontecer no evento.

— Bryan... Por favor... Oh meu Deus! — Gemeu e arqueou as costas para trás, assim que meu dedo médio penetrou seu sexo. Seus punhos se fecharam em meu paletó. Preso por ela – enfiei o rosto em seu pescoço e comecei a chupá-lo. Introduzi mais um dedo no seu sexo ensopado, e antes que ela perdesse o controle, abocanhei seus lábios. Invadi sua boca com a língua e percorri toda a sua extensão. O movimento de vai e vem dos meus dedos intensificaram-se e com o polegar acariciei seu clitóris. Com a outra mão apertei sua coxa.

O corpo de Beatrice foi amolecendo. Afastei as suas pernas e a segurei pela nuca,
NACIONAIS - ACHERON

aprofundando meu beijo. A luxúria tomou conta do carro. O desejo alucinado nos dominou. Nada nos preocupou, além de nos saciarmos. Nem maquiagem, nem cabelo, nem trajes, nada fez com que nossos corpos parassem. Beatrice levou as mãos até minha calça e, descontrolada, começou a abri-la.

— “Porra...” — Suspirei. — Não estou me segurando. — Tirei os dedos de dentro dela, peguei uma camisinha e rasguei o pacote. Ela franziu o cenho e me questionou.

— Sim... eu sabia que em algum momento te comeria... — Ri. — É para não te sujar. — Lambi seu pescoço. — Apesar de adorar te lambuzar, mas... — Tirei meu “pau” para fora e coloquei o preservativo. — Princesas não podem estar lambuzadas em dia de evento. — Sentei-me, a peguei e a trouxe para o colo. — Abra bem as pernas minha gatinha. Devagar... vem... se encaixa

NACIONAIS - ACHERON

em mim. — Fechei os olhos e apertei seu quadril, controlando meu instinto selvagem. *“Put a que pariu” ela continua apertada.* Meu “pau” entrou com dificuldade e assim que ela se sentiu confortável, começou a descer e a subir sobre ele. Beatrice apoiou as mãos em meus ombros e, respirando com dificuldade, com os lábios entreabertos continuou.

— “Porra” eu te amo... — Arfei. — Te desejo... — Você é gostosa pra “caralho”. — Chacoalhei a cabeça. — Eu ainda não sei o que foi que eu fiz para te merecer. Sou um grande “filho da puta” Beatrice. — Peguei em seu quadril e acelerei os movimentos.

— Oh... Bryan... Eu também te amo... Não pare... vai... estou quase... mais um pouqui....nhoooooooo... Oh meu Deus! — Ela jogou seu corpo sobre mim e afundou o rosto em meu pescoço. Senti a eletricidade passar pelo seu corpo.

Seus dedos apertaram meus ombros e os dentes cravaram no meu pescoço. A dor foi bem-vinda e ativou meu lado animal. Gozamos juntos. Minha vista ficou turva e meus nervos começaram a pular. Nossos peitos arfaram, os corações dispararam, as respirações ficaram aceleradas. Abracei meu anjinho e permanecemos de olhos fechados por alguns minutos, até nossos corpos encontrarem o equilíbrio novamente.

— Mais calma gatinha manhosa? — balbuciei. Ela beijou meu maxilar e pegou em minha nuca, brincando com meus cabelos.

— Você acabou comigo, não tenho forças para me levantar — murmurou.

— Meu trabalho terminou aqui — brinquei. — Agora terei minha menina pronta para enfrentar aquelas pessoas. — Levantei seu queixo e beijei sua testa. — Precisamos ir.

Estendi a mão para Beatrice pegar, ela deu um giro com seu olhar, para a multidão, e depois de um longo suspiro, pegou em minha mão e saiu da limusine.

— Então é sério mesmo que o “Rei das noitadas” se amarrou? — Flashes nos cegaram e celulares foram esticados para nós, enquanto caminhávamos no tapete vermelho. Apertei a mão da minha menina, encostei meu lábio em sua orelha e a acalmei:

— Consegue andar ou as pernas ainda não respondem? Devia ter lambuzado elas, assim todas as vezes que alguém fizesse uma pergunta idiota como essa, seria a prova que sou só seu... e que... V.O.C.Ê. É M.I.N.H.A! — Salpiquei um beijo doce em sua têmpora. De esguelha vi um leve sorriso em seus lábios.

— Beatrice... Beatrice... Vocês têm uma relação a três? Alicia ainda trabalha com ele, não é

NACIONAIS - ACHERON

verdade? — Me segurei para não virar a mão na cara do imbecil. Coloquei a mão na lombar dela e a fiz acelerar o passo.

— Ignore — disse em suas costas. *Imprensa “filha da puta”, por que eles não se concentram no evento? Que “porra”!*

— Bryan... Tudo bem ela ficar com você por dinheiro? Sabe que ela é a ovelha negra da família? Que foi excluída por todos? — *“Putá que pariu” de onde eles tiraram isso? Estão destorcendo os fatos. Vou trucidar a Keira, está na empresa para lidar com os abutres.*

Beatrice virou o rosto, olhando para mim, com uma expressão de pavor. Balancei a cabeça e coloquei o indicador em frente aos lábios. Dar satisfações e se justificar é tudo o que eles querem, assim têm material para trabalhar, por dias. Qualquer coisa que disséssemos se voltaria contra nós. A melhor maneira de lidar com eles é

NACIONAIS - ACHERON

ignorando-os.

Passado o turbilhão de perguntas, indesejadas, finalmente entramos no salão principal, onde o evento aconteceria.

— Minha menina, você está maravilhosa!

— Passei a mão pelas suas costas nuas e sussurrei ao seu ouvido:

— Não saia de perto de mim.

A decoração está glamorosa, à altura do evento. O salão principal está repleto. As pessoas se acomodaram em seus lugares, reservados. Antes de nos acomodarmos, cumprimentei alguns convidados. Não tirei os olhos dela, a experiência que tivemos, com o estuprador, seu pai, não foi nada agradável. Desde então, não a deixei, por nenhum instante, quando estamos em lugares separados, Yuri garante. Conversei sério com ele e lhe dei uma última chance. Ele tem sorte de que Beatrice bateu o pé para que eu o mantivesse.

NACIONAIS - ACHERON

O corpo da Beatrice estremeceu e sua respiração alterou. Direcionei o olhar para o que a perturbava – a mesa com seus familiares. Fechei os olhos e estreitei os lábios, esperando o bombardeio.

— O que eles estão fazendo aqui Bryan? — perguntou, cerrando os dentes.

Aproximei-me dela, peguei sua mão e beijei a palma. Mantive os lábios ali e pedi calma, com um olhar.

— Ethan me pediu, ele está nos ajudando, eu não poderia negar — argumentei.

— Tudo bem, depois eu acerto com ele. — Arqueou as sobrancelhas. — Não pense que vai se safar disso. — Puxou a mão, empinou o nariz e caminhou em direção a nossa mesa. Por um instante achei que ela cederia e ao menos os cumprimentaria, ledô engano. Olhei para o Ethan e encolhi os ombros.

O orador convocado subiu ao palco – dando

NACIONAIS - ACHERON

início ao evento:

— Boa noite a todos. Sejam bem-vindos ao lançamento do mais nobre condomínio de São Paulo: *Villaggio Águia Dourada*.

Os convidados levantaram-se, batendo palmas.

— Convido ao palco os principais responsáveis por essa realização. Bryan Soutto, Nestor Vieira e Alicia Vieira. Uma salva de palmas pessoal. — Antes de me levantar, apertei a mão de Beatrice e balbuciei:

— Tudo bem? — Ela confirmou com um aceno. — Não saia daqui ok? — Levantei-me e beijei a testa do meu anjinho.

Alicia ameaçou colocar o braço no meu, dei uma olhada feia, fazendo-a recuar. Ela pegou no braço do seu irmão e nós três subimos ao palco. Fizemos nosso discurso de abertura, agradecendo a presença de todos. Alicia apresentou o

NACIONAIS - ACHERON

empreendimento – com detalhes. Nestor expôs toda a trajetória até chegarmos ao resultado final. Eu finalizei agradecendo a equipe de colaboradores e aos clientes.

O trajeto de volta a mesa foi mais complicado. Fomos abordados por vários clientes, nos parabenizando. De longe pude ver quando Rodrigo chegou à nossa mesa. Beatrice levantou-se e ele a tomou nos braços, com um abraço apertado. *“Filho da puta”! Esperou uma deixa e aproveitou. E o que ele está fazendo aqui?* Alguns tapinhas nas costas e abraços de algumas mulheres foram o suficiente para fazer a social. Consegui me desvencilhar e, a passos largos, voltei à mesa. Rodrigo foi esperto, saiu antes que eu chegasse.

— O que ele está fazendo aqui? — Sentei-me, peguei a taça de champanhe e tomei um gole, cerrando o punho, buscando o autocontrole.

— Pedi para a Carol para convidá-lo. É meu
NACIONAIS - ACHERON

principal cliente — falou, soando o mais blasé possível. — Pegou em minha mão e murmurou. — Calma. — Levantou apenas uma sobrancelha e entortou o lábio, demonstrando claramente que estava dando o troco.

Encaramo-nos por uns minutos até que ela quebrou o contato:

— Preciso usar o toalete. — Pegou a bolsa e levantou-se.

— Vou com você. — Levantei-me, pegando a sua mão.

Tudo aconteceu em uma fração de segundos.

POW-POW-POW! — gritos.

— Meu Deus! Bryan... Nãoooooooooo... Chamem o socorro, por favor! Ele foi baleado.

POW-POW-POW! — gritos.

— Seu “filho da puta”... Como conseguiu

entrar aqui? Quem deixou esse cara entrar no evento? Ele é procurado pela polícia. — Agachou-se, colocou dois dedos no pescoço dele. — Está morto.

— De onde vieram os tiros? Ele não está armado.

Ouvi as pessoas falando ao longe. Um zumbido tomou conta do meu cérebro. O impacto que senti foi o suficiente para arremessar meu corpo ao chão. A dor em meu corpo não fez nada para diminuir o medo em meu coração, quando olhei para cima e encontrei os olhos apavorados da minha menina... Pensei. *“Porra” Bryan! Erga-se “cara”, reaja! Você precisa protegê-la.*

Tentei levantar-me, mas meu corpo não respondeu. Minhas mãos tremiam e minha respiração oscilava. Meu estômago se apertou violentamente e fiquei lutando contra as náuseas

PERIGOSAS

que ameaçavam. Minha mente correu no que eu poderia fazer. Virei a cabeça e vi muito sangue. Sangue do meu corpo? Lutei para me manter focado, quando a tontura me assaltou. Meus olhos teimavam em querer fechar. Uma nuvem escureceu minha visão. O ar foi expulso de mim, meu corpo, minha mente, meu coração, tudo parecia estar parando. Fiquei confuso, atordado e com muito medo.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 39 – Espera Insuportável

EXISTEM MOMENTOS EM QUE VOCÊ FARIA qualquer coisa para que estivesse sonhando. A calma dos últimos dias, e o aperto no coração que senti mais cedo, denunciou que algo muito maior aconteceria. Com o estrondo dos tiros ainda latejando na minha cabeça, busquei dentro da minha alma, não me apavorar. Descrever o momento como desesperador seria eufemismo. O pânico tomou conta de todos. Uma multidão se agrupava a nossa volta, enquanto os seguranças, estarecidos, gritavam, exigindo espaço.

Polyana estava ajoelhada ao lado de Scott, chorando compulsivamente. Gaby andava de um lado para o outro, pedindo que chamassem socorro. Ethan, Rogério e Nathan corriam com os celulares ao ouvido, abrindo espaço para que os paramédicos pudessem chegar até nós.

Ver meu alicerce ser atingido por três tiros e arremessado ao chão, na minha frente, foi como cair do último andar, de um prédio muito alto. Senti-me estar participando de um filme de ação. Em câmera lenta, caí de joelhos ao lado do meu amor. Seus olhos ficaram arregalados e seu peito subiu e desceu, com a respiração acelerada, por alguns minutos. Eu vi o exato momento em que o perdia. O terror tomou conta de mim. Apalpei seu corpo, procurando onde os tiros o atingiram. O seu sangue se esvaindo, arrebatou meus sentidos. Apertei onde pude, na tentativa de estancá-lo.

— Bryan, não faz isso, por favor, fica comigo — exclamei transtornada. Encostei meu rosto ao dele para sentir sua respiração. Seu coração batia fraco e a respiração era um fio fino. Suas mãos ficaram geladas e seu corpo estava completamente largado ao chão. Inconsciente, em meus braços, com seus lábios ressecados, a cor do

NACIONAIS - ACHERON

seu rosto sumiu completamente. Levantei a cabeça e gritei:

— CADÊ O SOCORRO? Ele não pode morrer, por favor! — Os minutos tornaram-se horas, mesmo com a agilidade do socorro, parecia que a qualquer momento ele escaparia e me deixaria.

— Se afaste pessoal, vamos. — Os paramédicos chegaram, empurrando a todos e tirando meu amor dos meus braços. Continuei estática, muda e com a visão embaçada. Dormência escoou lentamente pelo meu corpo. A mão passou por baixo dos meus braços, me levantando.

— Beatrice, reaja “porra”! Ele precisa de você garota. Vai, entra na ambulância. — Ethan ordenou, ofegante. Forcei-me a respirar – enquanto tentava enganar minha mente – em acreditar que tudo daria certo. As vozes ao meu redor foram desaparecendo, o único som que ouvia era a batida

NACIONAIS - ACHERON

frenética do meu coração.

Eu só queria voltar atrás e não sair daquela Limousine, de dentro da nossa redoma. Onde só existe o “nós” e mais nada. Onde o calor dos nossos corpos unidos era o suficiente para nos manter vivos.

Oh Deus, por favor... Por favor... Não... não tira ele de mim. Eu não posso passar por isso de novo. Não tenho estrutura. Não posso lidar com a perda novamente. Isso não é justo, Deus.

— Olha pra mim... Olha pra mim, Trice. — Ethan virou meu queixo para ele. — Reaja, vamos você é forte. Não pode se entregar agora, não tem essa opção. — Apertou meu queixo e continuou. — Está me ouvindo? Fala alguma coisa “porra”! — Me deu uma sacudida e só o que consegui fazer foi menear a cabeça. Todas as emoções foram arrancadas de mim, exceto o medo. Ethan empurrou suavemente meu traseiro, me incitando a

NACIONAIS - ACHERON

entrar na ambulância.

Nem a sirene ensurdecadora, nem os movimentos apressados dentro da van, nem o bip insuportável do aparelho ligado ao Bryan, nem os gritos de: “Estamos perdendo ele... vamos me passa o desfibrilador” – nada conseguia me trazer de volta a realidade. Permaneci sentada, observando tudo o que acontecia ao meu redor, como se estivesse vendo através de uma tela de TV. Era como se eu não estivesse ali. Como se tudo aquilo não estivesse acontecendo.

— Moça... Moça... Está tudo bem? Você precisa falar com a gente. — Levantei os olhos e encontrei grandes olhos castanhos me questionando.

— Como ele está? — Como eu consegui formar uma frase eu não sei – só o que eu sei – é que o meu mundo sem ele, acabaria. Eu precisava mostrar aos estranhos, ao meu redor, que toda a

NACIONAIS - ACHERON

minha dor estava na maca, não no meu corpo.

— Estamos chegando ao hospital, lá poderemos dar um parecer melhor. O que podemos dizer por hora, é que nenhum órgão vital foi atingido. Ele perdeu muito sangue, estamos lutando contra o tempo.

Inclinei o corpo até o Bryan e beijei sua testa. Fiquei ali por uns minutos. Não consegui sentir o cheiro que me inebria, o cheiro metálico e o, entorpecente, cheiro de sangue tomou conta da sua pele. Em poucos minutos as portas da van se abriram e o levaram de mim. Sem me darem a chance de conversar com ele, de pedir que não me deixasse.

— Ethan, cadê meu celular? Preciso ligar para a Mary, ela ficou de verificar as flor...

— Trice... — disse em um tom baixo e me

puxou para os seus braços.

— Me solta! — gritei. — Cadê meu celular? — O empurrei e fui me levantando, sem perceber o celular em minha mão. Ethan lutou para me envolver em seus braços. Foi nesse momento que a ficha caiu.

— Não... Não... Não... — Trouxe os joelhos para o peito e os abracei.

— Shiiiiii... Shiiiiii... — Ethan me puxou de volta aos seus braços. Desmoronei, o choro veio como tormenta. Os soluços tapavam a passagem da minha respiração.

— Ethan... Ethan... Faça alguma coisa, tire essa dor do meu peito. Está doendo muito, por favor. FAZ ALGUMA COISA! — gritei. As pessoas na sala de espera se assustaram. Desvencilhei-me dele e em um salto fiquei em pé. Joguei as sandálias no canto da sala e comecei a andar em círculos. — Eu amo ele... Você entende

NACIONAIS - ACHERON

isso? EU AMO ELE... — acentuei. — Eu não mereço ser feliz? É isso? Vão tirar ele de mim também? O que eu fiz para merecer isso, Ethan? Fala? — Braços me envolveram por trás, sussurrando ao meu ouvido:

— Calma, ele está sendo atendido. Só precisa ter paciência. Não vamos perdê-lo. — Me virei e dei conta de que minha amiga estava comigo o tempo todo. Mary me deu um forte abraço. — Venha, você precisa trocar de roupa e comer alguma coisa.

Por cima do ombro da minha amiga, vi os olhares desesperados da família do Bryan. O pai abraçando a mãe, enquanto que Gaby tentava ser forte. Nathan e Karin encostados na parede observavam calados.

— Nem pensar... Eu não saio daqui sem ele. Não vou a lugar nenhum e não estou com fome — disse, me afastando. A tontura foi mais forte do que

NACIONAIS - ACHERON

eu. Em segundos estava tropeçando nos meus pés. Ethan e Mary, um de cada lado, me carregaram para fora da sala.

— Trice, você precisar ser forte. Agindo dessa maneira só vai piorar as coisas. Vamos, vou te levar para casa. — Ethan me puxou, forçando minhas passadas.

— N.Ã.O S.A.I.O D.A.Q.U.I S.E.M E.L.E! — falei pausadamente e alto. Puxei o braço e caminhei de volta para a sala. Mary olhou para o Ethan e balançou a cabeça.

Sentei em um canto da sala e voltei a abraçar meus joelhos, enterrando meu rosto entre eles. Sem cerimônia chorei.

Chorei por me sentir sozinha;

Chorei pela dor intolerável no meu peito;

Chorei pela sensação de impotência;

Chorei por me sentir amaldiçoada;

Chorei pela frustração dominando minha

mente;

Chorei de medo;

Chorei por amá-lo... mais que tudo.

Tudo o que vinha na minha cabeça era a sua
VOZ.

Tudo o que minha pele sentia era o seu
toque;

Todo o gosto que passava pela minha boca
era o seu.

O cheiro dele dominava o meu ser.

— *A mais linda das princesas. Meu anjinho,
minha menina.*

— *Fico me perguntando como respirei por
tantos anos sem você. Você desperta em mim
coisas...*

— *Eu ainda não sei o que foi que eu fiz para
te merecer. Sou um grande “filho da puta”
Beatrice.*

— Filha, como você está?

Ah não... O que ela está fazendo aqui, meu Deus do céu? Recusei-me a sair do meu estado de inércia.

— Querida, estamos aqui para ajudar. — Rogério agachou-se à minha frente e levantou meu rosto. Ele tirou os cabelos grudados em minhas lágrimas e colocou-os atrás da minha orelha. — Do que você precisa? Peça, pois moverei o mundo para atendê-la. — Inclinou a cabeça para o lado, com um carinho nos olhos, que me comoveu.

Balancei a cabeça e fechei os olhos. As lágrimas jorraram como cachoeira.

— Eu só o quero. — Funguei. — Traga ele de volta pra mim. É só disso que eu preciso. Você pode? — Fitei-o, passando a língua nos lábios secos.

Ele cerrou os olhos e as veias do seu maxilar saltaram.

— Eu trouxe o melhor médico de São Paulo, para cuidar dele. Pode ter certeza de que ele fará o melhor. — Levantou-se e estendeu a mão para eu pegar. — Venha, deixa eu te ajudar. Não vamos sair do hospital, trouxemos roupas limpas. Tem uma lanchonete aqui dentro, precisa comer algo, antes que te coloquem no soro. Garanto que vai querer ficar com o Bryan assim que o liberarem. — Levantou as sobrancelhas, me questionando.

O carinho do meu padrasto por mim, sempre foi reconfortante. Desde que se casou com a minha mãe, luta para nos unir. Mesmo sabendo o que aconteceu, ele consegue amar minha mãe e as suas filhas. O admiro muito.

Analisei a situação como um todo e cheguei à conclusão de que seria melhor seguir o conselho do meu padrasto. Minha roupa estava lavada de sangue, sem contar que estávamos todos em um

NACIONAIS - ACHERON

evento, com roupas de gala. Eu realmente precisava de um banho e de roupas limpas e adequadas. Olhei para a minha mãe e deixei bem claro que não a queria por perto. Rogério fez um sinal para ela se afastar. Peguei em sua mão e ele me levou para um lugar reservado, para médicos de plantão.

O som daquela voz surgiu na porta da sala de espera, fazendo todas as emoções se inflamar dentro de mim. Cerrei os punhos e me levantei pronta para detonar.

— SAIA... SUMA DAQUI! — disse, entre os dentes trincados, com o rosto próximo ao dela. Virei o corpo em direção ao Rogério e o Ethan. — TIREM ESSA “VADIA” DAQUI! — gritei.

Toda a mágoa guardada dentro de mim, por meses, explodiu, no momento em que as pernas longas e cabelos loiros despontaram porta adentro. A ira transbordando em minhas veias me

impediram de racionalizar. Não consegui saber o que a expressão do rosto dela transmitia, era uma mistura de medo, arrependimento e dor. Nada daquilo importava para mim, só o que eu queria era ela longe dos meus olhos. Alicia olhou assustada e levou a mão até a boca.

— Dissimulada... — ofeguei. O ar de dentro da sala ficou insuficiente para encher meus pulmões.

— Só... — Soluçou. — Como ele está? — Baixou a cabeça e começou a chorar.

— A quem você quer enganar Alicia? — bradei. Voei para cima dela e fui nocauteada por trás.

— Trice, não... Essa não é você. — Ethan me envolveu e segurou meus braços.

— Me solte! — Lutei contra ele, fazendo com que ele me apertasse mais. — Me solte! — exclamei.

— Pare Trice. — Me virou para ele. — Olhe pra mim... PARE COM ISSO! — alertou, chacoalhando meus ombros. — Não é o momento e nem o lugar certo para acerto de contas. Guarde suas energias para o Bryan, ele vai precisar de você. — Me abraçou novamente. Encaixei o rosto em seu pescoço e quando achei que não tinha mais lágrimas, elas inundaram a camisa do Ethan. — Shiiiiii... Shiiiiii... Vai dar tudo certo, lindinha. Você vai ver. Logo aquele maldito “ogro” estará mandando todo mundo se “foder”, por sua causa. — Ethan conversava comigo e passava a mão em meu cabelo e a outra nas minhas costas, me acalmando.

— Só tire ela daqui, Ethan, por favor — murmurei. — Não a quero perto de mim e muito menos do Bryan.

— Ok, vou ver o que eu consigo fazer — disse e me sentou de volta. Mary passou o braço

NACIONAIS - ACHERON

pelo meu ombro e me puxou para ela. Logo a Gaby estava agachada a minha frente, apertando meus joelhos.

— Beatrice, calma. Precisamos ter fé que Deus vai nos ouvir. Estamos todos confiantes e unidos, por ele. — Gaby pronunciou as palavras, com um leve sorriso no canto dos lábios. De todos – ela é quem esteve mais forte.

Meu corpo todo tremia, o coração mantinha-se disparado e a presença da Alicia, no mesmo espaço que eu, fez minha alma entrar em turbulência. Tudo o que eu precisava era do Bryan, de tocar nele. Meu sexto sentido estava em estado de alerta, algo dentro de mim dizia que Alicia tinha alguma culpa em tudo aquilo. Senti-me entorpecida e tomada de ódio. Levantei a cabeça e Alicia continuava ali, com Ethan, Rogério e Nathan conversando com ela. Seu choro tinha aumentado o que ativou todos os meus botões. Dei um salto.

— Eu não posso! — Arfei. — Eu não consigo... Não dá... É demais pra mim... Tire ela daqui agora! — implorei, aos prantos.

Passado a agitação inicial, a sala de espera parecia um iglu. Todos calados em seus cantos. Cada vez que ouvíamos as portas se abrirem, nossos corações saltavam. Estávamos ali por horas — e — nada.

— Preciso ir ao banheiro. — Me levantei, caminhando em direção à porta.

— Vou com você. — Gaby levantou-se e me acompanhou. Fomos caladas até estarmos dentro do espaço espelhado e cheio de cabines reservadas. Usamos as cabines e quando nossos olhos se cruzaram no reflexo do espelho, o desespero falou mais alto. Gaby veio até mim e me abraçou.

— Estou tão assustada, Beatrice. —

Fungou. — Não posso chorar na frente dos meus pais, eles precisam acreditar que vai dar tudo certo. — Soluçou. — Bryan é o nosso porto seguro, é a coluna que nos sustenta. Ele é o nosso tudo. — A queda da postura firme da minha futura cunhada, me desmoronou. Apertei-me em seu abraço, na busca incessante de conforto. O que eu poderia dizer a ela? O medo que ela sentia era fíchinha perto do meu. Perder o Bryan destruiria minha vida, minha alma, o meu ser. Tornar ia-me um ser humano assolado, nada poderia me trazer de volta. Eu seria a sombra de uma pessoa que um dia existiu.

— Vamos voltar. — Se afastou. Pegou um pouco de papel e limpou seu rosto, manchado de maquiagem. — Não podemos perder o momento em que eles nos darão as boas novas, não é mesmo? — Riu — um sorriso nervoso. Meneei a cabeça e saímos, com nossos corações apertados, mas cheios

NACIONAIS - ACHERON

de esperança. A esperança que nos mantinha sãs.

As portas duplas da sala se abriram e meu estômago se revirou. Um homem alto, com cabelos grisalhos, grandes olhos claros, com uma máscara caída no queixo e vestido de branco, olhou em volta da sala e disse:

— Tenho informações do senhor Bryan. — Todos se levantaram – num rompante. Em fração de segundos estavam à frente dele. Busquei forças, porém, minhas pernas não responderam. Puxei os joelhos para o peito e escondi o rosto neles. Minha respiração falhou e a garganta encheu-se de areia. O pavor me invadiu. Pela expressão do médico, uma voz teimava em bradar na minha mente, que nada estava bem. Apertei os braços em volta dos joelhos e tive vontade de tapar os ouvidos, não queria ouvir o pior. “*Sua fracote... Covarde!*” Não podia deixar o ataque de pânico dominar meu

corpo. Trouxe a Dra. Perci para os meus pensamentos e iniciei o trabalho de controle da respiração. Inspirar pelo nariz e expirar pela boca. Fiz isso por vezes até me concentrar novamente na fala do médico.

— Nenhum órgão vital foi atingido, já removemos as três balas de seu corpo, porém... — Suspirou. — Ele perdeu muito sangue, uma das balas afetou o baço e foi necessário fazer uma “esplenectomia”, a retirada do mesmo. Ele teve uma hemorragia interna. Para vocês entenderam melhor, o baço serve como um tipo de reservatório de sangue. Foi preciso fazer transfusões de sangue.

A mãe do Bryan, com a voz embargada questionou o médico:

— Mas ele está bem? Ele pode viver normalmente, sem o baço?

— Sim, e ele está estável. Conseguimos controlar a pressão arterial que ficou bem afetada,
NACIONAIS - ACHERON

contudo ficará na UTI (Unidade Intensiva), por alguns dias. — Balançou a cabeça com os lábios apertados. — A hemorragia reduziu o fluxo de sangue do cérebro, diminuindo sua oxigenação. Ainda não sabemos se isso causou algum dano mais sério, pode ser que ele demore um pouco para voltar a ficar consciente. Quando ele acordar estará bem confuso. Vocês vão precisar ter muita paciência.

O pai dele baixou a cabeça e começou a andar pela sala, balançando-a. Gaby, Nathan e Ethan faziam milhões de perguntas ao médico, enquanto que a mãe dele foi atrás do pai, reconfortando-o. A Karin foi para casa do Bryan, para ficar com a Cristine. Rogério acabara de sair para levar minha mãe embora, e a Mary precisou descer para Santos, alguém precisaria cuidar da academia, já que a Gaby não tinha previsão de voltar.

Continuei extasiada e imóvel. Meu cérebro não processava se o que tinha ouvido era bom ou ruim. Não tinha a mínima ideia do que aconteceria dali para frente. O que eu deveria fazer? Quem tomaria a frente dos negócios? Quanto tempo demoraria a recuperação dele? E mais, quem atirou nele e por quê? Meu pai havia dito que alguém o queria, mas... Vivo. Minha mente estava com uma avalanche de perguntas – sem respostas.

— Somente uma pessoa poderá acompanhá-lo, as demais só poderão entrar no horário de visitas, uma de cada vez — comunicou o médico e calou-se, aguardando a resposta sobre qual das pessoas ficaria com ele.

— Não saio daqui sem ele — resmunguei, com a voz abafada pelos meus joelhos. Levantei a cabeça e encontrei olhos questionadores do homem de branco.

— E você é quem? — perguntou, franzindo

NACIONAIS - ACHERON

o cenho.

— Noiva. — Engoli em seco e respirei fundo. Mesmo que alguém da sua família dissesse que seria o acompanhante, eu não sairia dali.

— Tudo bem — disse a mãe dele. — É justo que ela fique. — Olhou para todos e o aceno de cabeça foi coletivo.

— Muito bem, agora vou deixar vocês vê-lo e depois somente a noiva fica — alertou o médico.

Após a partida do médico, ninguém se moveu, continuamos em choque. A gravidade das palavras dele criou uma expectativa dentro dos nossos peitos, um novo medo surgiu: do desconhecido. O desconforto cresceu dentro de mim. O ar ficou comprimido dentro da sala e minha respiração vacilou. *Preciso de ar.*

Levantei cambaleando, caminhei para fora da sala, esticando o braço, impedindo que alguém viesse atrás de mim. Corri pelos corredores do
NACIONAIS - ACHERON

hospital, com um sufocamento insuportável, no peito. A visão da claridade do dia, através das portas de vidro, alimentou a minha esperança. As portas automáticas abriram-se e a rajada de vento, da manhã, no meu rosto, foi revigorante. Inclinei a cabeça para trás, fechei os olhos e inspirei todo o ar que pude.

Meu alívio durou alguns segundos. Um enxame de abutres esticaram celulares na minha frente.

— Ele está vivo?

— Quem atirou nele?

— Foi alguma mulher quem mandou?

— É verdade que ele vai ficar na cadeira de rodas?

— Você vai ficar com um inválido?

— É verdade que afetou o cérebro dele?

— Quem vai assumir a empresa, já que ele desmanchou a sociedade?

— Você vai largar tudo para cuidar dele?

— Beatrice... Beatrice... atualize o estado dele.

— Beatrice... Beatrice... e quanto a sua rival, ela esteve aqui ontem, ela é muito amiga da família, você vai cair fora?

Dei alguns passos para trás e coloquei o braço no rosto, evitando as fotos que partiam de todos os lados. Senti o ar que a pouco tinha sido meu conforto, se esgotar. As pernas amolecerem, as mãos umedecerem e as vistas escureceram. Por mais que eu soubesse que tinha que correr dali – eu não conseguia. Quando pensei que daria uma boa capa de tabloides baratos, caindo na frente deles, braços fortes me seguraram, levando-me de volta para o hospital.

— Senhorita, não deveria estar aqui. Eles vão estampar seu rosto em todo o lugar — repreendeu Yuri.

De volta à sala de espera, me isolei em um canto até que todos pudessem entrar e vê-lo. Uma dormência consumia minha alma, a única maneira que eu me sentia relativamente segura, era abraçando meus joelhos, escondendo meu rosto neles. Com os olhos fechados, puxei nas profundezas do meu desespero, as lembranças que poderiam me acalantar. O som da sua risada, o gosto do seu beijo e até as palavras torpes que insistiam em sair da sua boca.

— Sabe, há muito tempo que eu não via meu filho tão feliz. — Ergui a cabeça para ter certeza de que aquela voz era mesmo do seu pai. Nunca achei que um momento daquele seria possível. Troca de confidências com o pai do Bryan. Ele aproximou-se de mim, descruzou meus braços dos joelhos e indicou com a cabeça para eu os abaixar. Pegou em minhas mãos e com os mesmos olhos verdes e penetrantes do Bryan, me

NACIONAIS - ACHERON

fitou. — Deus é justo minha filha, ele não colocaria você na vida dele para nada. Ele vai sair dessa, pode ter certeza. — Apontou com o indicador para mim. — Você vai ajudá-lo, por sua causa ele não desistirá. — Trouxe seu corpo até mim e salpicou um beijo na minha testa. — Você é o anjo dele. — Levantou-se e saiu.

“*Você é o anjo dele*” as palavras me atingiram profundamente. A confiança que a família dele colocou em mim, fez meu corpo estremecer. Abriram mão de ficar com ele, na esperança de eu trazê-lo de volta. A responsabilidade colocada em mim me lisonjeou e ao mesmo tempo me apavorou. *Eu tenho esse poder? Se estiver em minhas mãos, considere feito.*

Ainda desnorteada, com o momento tão singular, vejo sua mãe entrar na sala, atordoada. Seus olhos lavados de lágrimas e os lábios tremendo.

— Eu só... — Parou de falar e colocou a mão na boca, sacudindo a cabeça. — Não suporto vê-lo assim. Ele sempre foi tão forte e está tão... — Fungou. — Frágil.

Pus-me de pé ao seu lado e a envolvi em um abraço apertado. Mesmo com o nó gigante na minha garganta, me impedindo de engolir, consegui proferir palavras de consolo.

— Ele vai ficar bem. — Ficamos alguns minutos, abraçadas – enquanto eu passava as mãos por suas costas. O momento foi quebrado com a entrada impetuosa da Gaby. Toda a força que ela manteve, por horas, foi por água abaixo. Chegou perto e se jogou entre nós.

— Não... Ele não pode nos deixar, mãe. Por favor, diga que ele não vai, fale... por favor. — Enterrou o rosto no pescoço da sua mãe e irrompeu em choro. O corpo da irmã do Bryan pulava. Precisamos apoiá-la até o banco da sala. Por mais

NACIONAIS - ACHERON

que tentássemos confortá-la, nada fazia com que se acalmasse. Comecei a sentir meu corpo a desmoronar, em pensar que as duas ficaram daquela maneira – depois de vê-lo. O que seria de mim? *Será que sou forte o suficiente?*

— Trice. — Ethan me chamou na porta. — O que precisa que eu traga para você ficar aqui, já que não quer arredar o pé daqui — disse e limpou o canto dos olhos. Ele foi o último a entrar para ver o Bryan. Não achei que mexeria com ele também. — Aquele “ogro” “filho da puta” tem que sair dessa. Não quero nem pensar o que vai virar minha vida se você perder ele. — Suspirou e balançou a cabeça. — Enfim, estou indo para casa, me envie uma mensagem do que precisar. Depois do expediente venho até aqui para te entregar. — Veio até mim, encostou a testa na minha e disse. — Ele é forte e você também. — Beijou a ponta do meu nariz e me deixou.

Havia horas que eu não o via, a expectativa estava acabando comigo. Cada um que saía da UTI, fazia meu coração virar uma ervilha em meu peito. A família do Bryan ficaria no apartamento dele, pelo tempo necessário. Isso me deixou mais confortável, pensar que a reponsabilidade seria compartilhada, me acalmou. *O momento chegou. Seja forte Beatrice, ele precisa de você.* Todos haviam ido embora e a enfermeira me aguardava, para passar as instruções à acompanhante.

A enfermeira falava – e falava – meu cérebro quase não registrava nada. Só o que eu pensava era como meu corpo reagiria diante de um Bryan inconsciente e frágil. De como eu precisaria buscar uma força descomunal – e controlar o pânico – que a todo instante tentava me dominar.

— Moça... — Pegou em meu ombro e sacudiu. — Você está bem? — Apertei os olhos e os lábios e confirmei com a cabeça. — Tem alguma

dúvida? — Meneei a cabeça, negando.

Uma onda de ansiedade deixou minhas mãos tremendo, no momento em que me vi na porta da UTI. A última visão do meu homem foi em meus braços, todo ensanguentado e com um fio de respiração, o mantendo vivo. O que poderia ser pior do que aquilo? A porta foi aberta e lentamente caminhei ao encontro dele. Levei um momento para criar coragem e contemplar o corpo inerte na maca.

Com tubos saindo dele, e aparelhos apitando ao seu redor, encontrei um Bryan pálido e praticamente sem vida. Coloquei a mão em cima da sua e me espantei, estava fria. *O homem que eu amo não está aqui, cadê o fogo? E a energia? Força Beatrice... Força!* Mapeei com os olhos cada centímetro dele, como se eu não o conhecesse. Foram inevitáveis as lágrimas, em um fluxo

interminável. Inclinei meu corpo até ele e com os lábios trêmulos, beijei sua testa. Permaneci por uns instantes, com os lábios entreabertos, sentindo sua pele fria. Cegamente me afundei na poltrona, colocada ao lado da cama, e com as duas mãos — segurei a dele. Encostei a cabeça em nossas mãos unidas e ensopei o lençol, com minhas lágrimas.

Comecei a balbuciar palavras soltas, desesperadas, na ânsia de convencê-lo a voltar.

— Meu menino, não me deixe. — Solucei. — Agora que estamos nos acertando, que estamos encontrando o nosso eixo... — Funguei. — Tantas coisas que ainda precisamos fazer... Recuperar o tempo perdido... — Sorri. — Ainda não exploramos todos os cômodos da cobertura... Sabe? Eu gosto. — Engoli em seco. — Não deveria confessar isso para você, vai deixar você mais convencido do que é. — Beije a palma da sua mão. — Mas, a verdade é que me sinto especial quando

NACIONAIS - ACHERON

você me protege, mesmo que, às vezes, você passe dos limites. — Parei um pouco e um filme passou em minha mente, em questão de segundos, do quanto perderíamos. — Bryan... — O som da minha voz saiu mais alto do que eu queria. — Não se atreva a deixar-me. Não tem esse direito. — Suspirei. — Acha que pode entrar na minha vida, como um furacão, e meramente me deixar? Nada feito. — Fiquei em pé e o encarei, imaginando que seus olhos estavam me penetrando. — Olha aqui. — Coloquei o dedo em seu peito. — Se você não sabe como respirou tanto tempo sem mim, eu digo o mesmo. Então, Sr. Bryan Soutto, “Rei das Noitadas”... NÃO OUSE! — Encostei o rosto em seu peito e me acabei em lágrimas. — Não me largue no altar. — Sussurrei. — Volte, por favor.

Capítulo 40 – Amarrando as pontas

— **SIM OTÁVIO. TENHO CERTEZA!** —

Soltou os ombros e apoiou a cabeça no encosto da cadeira, encarando o teto.

Ademir já íntimo do advogado de Bryan – depois de dias se comunicando, formalidades não eram mais necessárias. Passava as últimas informações sobre o caso.

O cansaço tomara conta do corpo do detetive, entretanto, o alívio que sentia, amenizava os dias de noites mal dormidas.

A família do Bryan não estava tão preocupada quanto à de Scott, em descobrir o que tinha acontecido, afinal, perderam um filho. Sem contar que o foco da família Bryan era ele, que continuava internado – desacordado.

A confiança adquirida com o advogado do Bryan, infelizmente, não se dava com a outra parte

envolvida. “*Advogado arrogante e petulante*”— assim Ademir o definia. O tom sempre fora de cobrança e descrédito. Em paralelo a eles, colocaram uma equipe de investigadores – famosos e caros –, para desvendar o caso.

Foram incansáveis dias de trabalho e naquele em especial, Ademir sentia-se vitorioso. Depois de achar a ponta do novelo conseguiria amarrá-la. Desde o início desconfiara que o alvo fosse o Bryan e não o Scott e, como disse antes: “Scott estava no lugar errado na hora errada.”

Para a esposa Polyana poderia até ter sido um baque inicial, por outro lado, estaria livre de um esposo psicopata e com uma bela pensão, porém, esse fato não deixou a família do Scott contente. Mesmo Ademir relatando suas descobertas, buscava, de alguma maneira, acusar a viúva, para se safarem da responsabilidade da pensão vitalícia. O advogado da família deixou escapar que fariam

NACIONAIS - ACHERON

de tudo para tirarem a menina da mãe, assim ficariam livre dela.

— Se tem tanta de certeza que concluiu o caso por que então está me dizendo que não pode encerrá-lo? — indagou Otávio.

Ademir arrumou a postura na cadeira, esticou o braço e pegou um cigarro. Acendeu-o, com ele entre os lábios, deu uma tragada e soltou a fumaça para o alto, enquanto elaborava uma resposta coerente ao advogado — no outro lado da linha telefônica.

— Provas. — Suspirou. — Conhece as leis do nosso país, são contraditórias. Tenho que ter todas as provas em mãos, caso contrário eles se safam. — Respirou fundo e resmungou. — “Advogados filhos das putas. Ô raça maldita!” — No mesmo instante que pronunciou, lembrou-se de que estava falando com um e desculpou-se. — Têm as exceções Otávio. São raras, mas têm —
NACIONAIS - ACHERON

concluiu.

— Tudo bem — ponderou Otávio. — O que precisa de mim?

— Posso usar a gravação contra a Alicia? Preciso de autorização para abrir um processo — inquiriu Ademir.

— Não sei se o Bryan vai aprovar isso — lamentou-se. — A intenção era intimidá-la no depoimento, mas... — Soltou uma lufada de ar. — Pelo jeito não funcionou muito bem. — A linha ficou muda por um tempo. — De qualquer maneira, precisamos que o Bryan autorize e ele continua desacordado, então... — Suspirou. — A única opção é esperar.

— Certo Otávio, o importante é que a primeira parte concluímos, agora, é partir para as provas. — Apagou o cigarro no cinzeiro e ficou em pé, olhando pelos vidros pequenos e sujos da sala. — Se acharmos o pai da Beatrice tenho certeza de

NACIONAIS - ACHERON

que ele entrega a Alicia, não vai se ferrar sozinho. O problema é... — Passou as costas da mão na testa, enxugando o suor. O calor de janeiro estava de matar. Todos os dias, à tarde, o tempo se fechava — armando um temporal —, e o clima ficava insurportavelmente abafado. — Ele é especialista em fugir. O padrasto da Beatrice me disse que tentam colocar ele na cadeia há anos.

Sentado de frente para a sua mesa, Ademir pensou:

— Me saí bem. Vou concluir o relatório e entregar pessoalmente a corregedoria, quem sabe sai a tão esperada promoção? — Estufou o peito e sentiu-se satisfeito com seu trabalho. Ele sabia que não tinha chegado ao fim, porém, conseguiu achar os culpados e isso era o mais importante. Começaria uma nova jornada, só que essa seria mais como expectador e orientador.

Levantou-se, pegou seus pertences, antes de sair da sala deu uma olhada em tudo e apagou as luzes. Passou pela sala do delegado e deixou seu relatório em cima da mesa.

— Hoje, pela primeira vez, em dias, vou jantar com a minha esposa e ter uma noite digna de um ser humano. — Pensou e caminhou em direção ao seu carro.

Capítulo 41 – Onde Estou?

— EU NÃO DISSE QUE SERIA A MELHOR OPÇÃO LEÃOZINHO? — Ergui os olhos, para olhar as pernas longas a minha frente. Seu corpo esbelto e perfeito, mesmo com algumas cicatrizes. Cabelos loiros, soltos nos ombros e seios fartos, escapando do biquíni.

Baixei o livro no peito, tirei os óculos de sol e bati a mão para que ela sentasse ao meu lado, na espreguiçadeira.

— Sério? — Sorri maliciosamente, coloquei os cabelos dela para trás, liberando seu pescoço para mim. Inclinei os lábios até ele e beijei. — Então quer dizer que conseguimos? — Ela encolheu o corpo com o arrepio que passou pelo seu corpo.

— Aquela garota é muito ingênua mesmo, você escolheu a dedo. — Passou as unhas pelo meu

peito nu e beijou meu queixo.

Joguei a cabeça para trás, gargalhando.

— POW-POW-POW! —

Tuiiiiiiiiiiiiiimmmmmmm.

Que zunido insuportável!

Que “porra” está acontecendo aqui?

“Caralho”! Que dor infernal!

“Foda”, o que estou fazendo com a Alicia?

“Merda”... Não... Eu não fiz isso com a Beatrice. Eu nem quero fazer isso, por quê?

— Venha Bryan, me dê sua mão, estou aqui, vem... — Abri os olhos, com dificuldade e vi minha menina.

— Leãozinho... A água do mar está deliciosa, vamos nadar um pouco, sai um pouco dessa espreguiçadeira. Não fizemos tudo isso para você ficar lendo, não foi? — Alicia estendeu a mão para eu pegar.

Chacoalhei a cabeça e esfreguei os olhos

embaçados. Ao abri-los novamente vi ao longe, vindo ao meu encontro. Linda, cabelos presos no alto da cabeça, calça jeans, camiseta branca e tênis nos pés. Lábios carnudos e um olhar apaixonado. Sentou-se ao meu lado e com as costas das mãos acariciou todo o contorno do meu rosto.

— Estou aqui, não sinta medo, eu sou seu anjinho, lembra-se? — Pegou meu rosto com as duas mãos e encostou os lábios nos meus. — Venha... não tenha medo, eu te protejo.

Que “porra” é essa? Como assim? Por que minha menina tem que me proteger? Eu é que tenho que a proteger.

Luzes correndo rapidamente no teto, gente atropelando a fala, bipes insistentes e um cheiro intoxicante. *Onde estou?*

— Bisturi... Vamos... A pressão arterial está caindo, coloquem-no nos aparelhos.

BIP-BIP-BIP...

— Claudia você viu que o doutor Caíque estará no plantão com você?

— Hum, estou começando a achar que meu plantão será bem divertido. Sem contar o paciente gostoso que temos. — Risos.

Ondas batendo nas minhas pernas e o sol queimando minha pele.

— Meu menino. — Ela levantou a cabeça e me encarou. — Sabe de uma coisa? Aqui é o melhor lugar do mundo. Aliás... Qualquer lugar que eu esteja com você é o melhor lugar do mundo. — Passou os braços pelo meu pescoço e pulou em meu colo, cruzando as pernas na minha cintura.

Exalei o cheiro que me mantém, meu vício. Fuguei seu pescoço e passei a língua pela sua orelha.

— Se eu soubesse que ficaria tão feliz

depois de nos casarmos, teria sido mais persuasivo para nos casarmos antes. — Levantei os olhos e cadê? Soltei rapidamente a pessoa do meu colo e a empurrei para longe.

— O que foi Leãozinho? — Inclinou a cabeça e franziu o cenho. — Não se preocupe, ela está viajando a trabalho, com o Rodrigo. Estamos livres para fazermos o que quisermos, sem ninguém para nos atrapalhar. — Aproximou-se, passou as pontas dos dedos no meu bíceps e continuou. — Vamos só curtir, lembra-se? Não somos a favor da monogamia. — Me desvencilhei dela e franzi a testa. — Inconformado.

— O que foi que você...? — Sacudi a cabeça, com as mãos na cintura. — Beatrice está viajando com o Rodrigo? Você só pode estar brincando, não é mesmo? — Cocei a barba, tentando entender que “porra” estava acontecendo.

— Caramba Bryan, temos pouco tempo,
NACIONAIS - ACHERON

vamos curtir ou não? Agora vai ficar tendo crise de ciúmes? — Tentou se aproximar novamente, estiquei o braço e fechei a cara.

— QUE “PORRA” ESTÁ ACONTECENDO AQUI, ALICIA? Eu não fiz acordo nenhum com você, “CARALHO”! Acha mesmo que eu deixaria a Beatrice viajar com o Rodrigo? — Rastreei com os olhos – em volta. — Onde estamos? Que lugar é esse? — Virei e me assustei. De repente, me vi em um lugar escuro, fechado, abafado e pequeno. Saí tateando as paredes, procurando o interruptor.

— Filho, seja forte, não nos deixe. Estamos todos aqui por você. — Inclinei a cabeça para cima, procurando o rosto da minha mãe.

— Mãe... Mãe... Onde você está? Tira-me daqui, está escuro, não consigo andar. — Tentei sair do lugar e não pude. Puxei os pés para cima e correntes me seguraram.

— Bryan... Bryan... Fique com a gente, não se vá... por favor, precisamos de você! — Vasculhei novamente o lugar, procurando pela minha irmã.

— Gaby, estou preso, me solta, cadê você?
— Minha voz saiu embargada. Comecei a me debater e quando tentei gritar por socorro, não consegui. Abri e fechei a boca várias vezes, e a voz não saiu. — So...cor... — Algo me impedia, como se alguém estivesse me enforcando.

Senti um aroma agradável, um ar fresco e uma paz confortando meu coração. Uma mão macia acariciava meu braço e uma voz grossa dizia ao longe:

— Você precisa sair um pouco daqui, caso contrário, a próxima será você.

— Não se preocupe doutor, todos os dias, no horário de visitas eu saio, tomo banho e como

alguma coisa, não serei sua paciente. — A voz do meu anjinho foi uma música suave aos meus ouvidos. Forcei abrir os olhos e balbuciar alguma coisa, porém, meus esforços foram inúteis. Ainda não consigo entender o que está acontecendo e muito menos onde estou. O que me deixou mais tranquilo foi saber que meu anjinho está ao meu lado. *Seja lá onde estou o importante é que ela está aqui.*

— “Cara”, levanta logo essa bunda daí! Se você fizer isso com a minha lindinha, eu juro que eu te caço até o inferno. — Ethan conversava comigo e por mais que eu tentasse uma força muito maior que a minha, me impedia de responder. Eu queria dizer a ele que eu nunca machucaria a Beatrice. Que ela é tudo para mim, minha razão de viver. Queria poder entender por que ele estava dizendo todas aquelas besteiras.

— Ethan, não piore as coisas. Está vendo que ele não pode se defender? — *Polyana ou a Mary? Por que não posso me defender? O que aconteceu comigo? Quão “fodido” é tudo isso, que “porra”, estou começando a me irritar. Estou “fodidamente” sem controle!*

BIP-BIP-BIP...

Minha respiração começou a falhar, meu coração disparou e meu corpo flutuava. Olhei para baixo e me vi bem acima da cama. O lençol que me cobria escorregando, me deixando vestido com uma bata estranha, fechada na frente e aberta atrás. Captei com os olhos vários aparelhos ligados a mim, e uma agulha enfiada em minha mão. O cheiro de éter começou a embrulhar meu estômago. Um assopro me derrubou de volta à cama e uma dor insuportável percorreu por todas as partes do meu corpo.

— Enfermeira... Enfermeira... Ele está se debatendo, preciso de ajuda. Ele está tentando arrancar os fios, me ajude. — A voz aflita da Beatrice fez meu cérebro funcionar. *Estou internado. O que aconteceu comigo? “Porra”, não consigo me lembrar de nada.* Forcei várias vezes para tentar a falar, sem o menor sucesso. Nem ao menos os olhos eu consegui abrir. Uma fresta de luz invadiu meus cílios e quase morri, com a claridade.

— Bryan... — Suspirou. — Você precisa reagir, está insuportável sem você — admitiu com a voz baixa. — Eu me acostumei com suas loucuras. — Sorriu abafado. O hálito quente impregnou em minha orelha. — Tudo ficou mais intenso com você — sussurrou. — Os cheiros, os gostos, as cores, os sabores... — Fungou. — Antes tudo era morno, você deu sentido à minha vida. — Soluçou. Senti

meu pescoço molhado e uma mão acariciar meu rosto. — Não tivemos tempo pra nada. Tem tantas coisas que ainda preciso que me ensine. Tantos lugares que ainda quero que você me leve — balbuciou, com a voz vacilando. — Já te disse que quero muito conhecer Paris? Protelei por todos esses anos, só trabalhando. — Respirou fundo. — Pra quê? Se você me deixar acabou tudo para mim. Ah... — Sorriu novamente, com um pouco mais de empolgação. — Tenho um segredo. — Encostou os lábios em minha orelha. — Promete que não conta pra ninguém? — Beijou minha têmpora. — Eu sou chocólatra e “cocólatra”. Aham... Isso mesmo que você entendeu, adoro chocolate e “Coca-Cola”. Sabe, tenho que me controlar, essas coisas engordam e o pior de tudo... — Ficou muda um pouco. — Enche minha bunda de celulite — murmurou, com os lábios grudados a minha orelha. — Tá vendo Bryan porque você não pode me

NACIONAIS - ACHERON

deixar? Tem tantas coisas que ainda precisamos saber um do outro. — Pegou meu queixo e sacudiu de leve. — Nem se arrisque e me deixar, você não tem esse direito. Está me ouvido?

Ouvi tudo sem poder corresponder. Contudo, por um instante agradei. Foi à primeira vez, desde que conheci a Beatrice, que ela se abriu comigo. Conversou de verdade, expôs seu verdadeiro eu. Um leve sorriso de satisfação levantou o canto dos meus lábios.

Capítulo 42 – Estaca Zero

OS DIAS FORAM PASSANDO SEM QUE EU ME DESSE CONTA. Perdi completamente a noção do tempo. Não faz a menor diferença o dia da semana, o mês ou a estação do ano. O hospital tornou-se minha casa. Entra e sai turno e eu permaneço no mesmo lugar. À equipe do hospital já se acostumou, desistiram de tentar me tirar do lado do Bryan. Passo o tempo todo conversando com ele. Falo de tudo e de nada ao mesmo tempo, na esperança que ele reaja. A inércia do seu corpo está acabando com a minha sanidade mental.

Visitantes entram e saem em horários esporádicos. Não permiti a entrada da Alicia e do Nestor, entretanto, não deixaram a empresa como tinha ficado acordado, estão à frente dos negócios, até que o Bryan se recupere. Ele não vai gostar nada disso quando acordar, porém, que outra opção

tinha? Somente eu poderia estar à frente, afinal ele me colocou a par de quase tudo, mas de maneira alguma o deixaria sozinho. Ligo todos os dias para a Carol e a Rebeca, para que me atualizem das duas empresas. Além das ligações elas me enviam relatórios diários, via e-mail. A Carol deixou claro para a Alicia e o Nestor que estou acompanhando tudo – de perto. Nenhum contrato é alterado sem que antes eu analise. Não gostaram nada, todavia, os pais do Bryan e a Gaby me deram carta branca, avisaram a eles que sou a responsável, enquanto Bryan não está em condições.

Hoje está completando oito dias, por vezes Bryan ameaçou voltar. Às vezes parece que ele está me ouvindo, e tenho de certeza que o vi sorrir algumas delas. Sinto falta do seu olhar penetrante, do toque dos seus dedos em minha pele, dos seus lábios em todas as partes do meu corpo. Sinto falta do som da sua voz. Sinto falta do meu Bryan, do

NACIONAIS - ACHERON

que me consome. Tornei-me mais forte ao lado dele, onde a minha única opção – foi ser forte. Tive tempo suficiente de refletir, fazer um balanço da minha vida. Cheguei à conclusão de que nada do que vivi sem ele, se compara com a vida intensa ao seu lado. Preciso dele.

Olhei no relógio, pendurado na parede do quarto, marcando vinte e uma horas. Ninguém mais viria vê-lo, a medicação já tinha sido feita, já tínhamos dado banho nele, somente às duas da manhã que teria outra remessa de medicação. Dias dormindo na poltrona, ao lado da cama, mesmo com uma cama disponível no quarto, meu corpo reclama. Reclama o desconforto e muito mais a falta do calor do corpo do Bryan. Vasculhei o corredor, e vi as enfermeiras no posto delas, que fica distante do quarto. A equipe noturna é mais compreensível que a diurna, não pegam tanto no meu pé. Não hesitei, afastei os fios ligados ao corpo

NACIONAIS - ACHERON

do Bryan e me deitei sobre seu braço. Abracei seu tronco e encostei a cabeça em seu peito, necessitava do contato. Ouvi as batidas do seu coração e me confortei, a única certeza que tive, até então, foram os bips dos aparelhos.

O cansaço me venceu. Com o calor do corpo do Bryan e o conforto das batidas do seu coração, adormeci.

— Querida, precisa tomar cuidado, já que quer ficar em cima dele. — A voz suave da enfermeira me assustou. Fui me levantar ela colocou a mão me impedindo. — Tudo bem, faz de conta que eu não vi, só tome cuidado, ok? — Concordei com a cabeça e voltei para o meu lugar preferido.

Por dias que não me sentia tão relaxada, por esse motivo que a enfermeira me alertou. Meu corpo desintegrou-se ao lado do Bryan. Levantei a

cabeça para verificar as horas e saber quanto ainda poderia aproveitar, antes que não amanhecesse. Não fosse o fato de o Bryan estar, ainda, do mesmo jeito, eu não queria que a noite terminasse. Eram três da manhã, fiquei aliviada em poder ficar com ele por mais um tempo.

Senti uma mão acariciando meus cabelos e por um instante achei que estava sonhando. Forcei meu corpo para levantar-me e fui impedida.

— Shiiii... Shiiii... Fica aqui comigo, ainda está escuro. — A voz que tanto quis ouvir, nos últimos dias, surgiu como um alívio para a minha alma.

Virei à cabeça para ter certeza de que era real e, ao cruzarmos nosso olhar, não sei dizer como segurei o coração dentro do peito. Abri e fechei a boca algumas vezes, tentando dizer algo. Um sorriso meigo enfeitou o canto dos seus lábios.

Não soube o que fazer se chamava a enfermeira, se pulava no pescoço dele, se gritava ou se chorava. Fiquei sem ação, perdida. Estiquei o braço e acariciei sua barba. Nossos olhos permaneceram fixos – um no outro.

— Oi. — De tudo o que eu queria dizer ou fazer, a única coisa que consegui foi balbuciar um oi. Levantei o tronco e me apoiei no cotovelo, desci a mão até o seu peito e a deixei ali. Ele passou o polegar pelo meu lábio e por um instante ficou me analisando.

— Oi... — Olhou em volta, distinguindo o lugar. — Acho que precisamos de uma cama maior. — Riu e quando tentou levantar o tronco soltou um gemido dolorido.

— Não Bryan. — Empurrei-o de volta e fiquei em pé. — Você não pode se levantar, ainda está muito debilitado, vou chamar a enfermeira, vão todos ficar muito felizes por que você acordou e...

— Antes que eu terminasse a frase e me virasse ele me segurou pelo braço e me puxou para ele.

— Não... Não chame ninguém, volte aqui comigo, só preciso de você agora, mais nada. — Me acomodei novamente na cama, e ficamos nos olhando por uns instantes, sem dizer nada. Ele contornou meu rosto com as pontas dos dedos, como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Bryan... Preciso avisá-los, não é justo, está todo mundo muito preocupa... — Novamente ele não me deixou terminar. Colocou o indicador nos meus lábios e franziu a testa.

— Shiiiiii... Você está muito falante hoje. O que aconteceu com a minha menina tímida? — Sorriu um sorriso cativante. Meu coração se desmanchou, tudo o que eu mais queria estava acontecendo, meu Bryan estava voltando.

Tantas coisas se passaram pela minha cabeça nos dias em que fiquei no hospital. Que ele
NACIONAIS - ACHERON

poderia nunca mais voltar, que não me reconheceria, que voltaria com muitas sequelas, que seria uma pessoa completamente diferente, enfim... Ouvi-lo dizer exatamente o que diria, foi o melhor presente de todos os tempos.

Sorri com ele e continuei:

— Como está se sentindo? — perguntei, preocupada.

— “Fodido” — disse e gemeu. — O que aconteceu? Meu corpo todo dói.

— Não se lembra de nada? — questionei, com a testa franzida.

— Hum, deixa me ver... Flash de algumas coisas... — Olhou para cima e coçou a barba. — Alguém dizendo que está sentindo falta das minhas loucuras... Hum... chocolate... “Coca-Cola”... Que se sente especial... Paris... — Me fitou, com um sorriso maroto nos lábios.

Dei um leve tapa em seu braço e balancei a
NACIONAIS - ACHERON

cabeça.

— Deixa de ser convencido Bryan... Eu não acredito que ouviu todas as tonteiras que te falei. — Mordi o lábio inferior e segurei as lágrimas. — Estou tão feliz que você voltou.

— Vem cá, deixa eu te sentir. — Me puxou e me fez abraça-lo forte. — Agora me conta o que aconteceu, pois eu realmente não me lembro. Demorei um tempo até entender que estava internado.

— Qual a última lembrança que tem? — balbuciei, com o rosto encostado em seu peito e ele acarinhando meus cabelos.

— Você... linda como uma princesa, dançando comigo em casa e... — Pensou um pouco. — Você de novo, só que agora eu estou no meio das suas pernas, estamos dentro de uma Limousine... Hum... Dessa gostei mais. — A vibração da sua voz em seu peito, me enterneceu.

NACIONAIS - ACHERON

Eu sabia que precisava comunicar que ele tinha acordado de verdade e que estava lúcido, porém, estava tão bom tê-lo só pra mim.

— Bryan... Você ficou vários dias desacordado, preciso que se concentre e fale sério comigo. — Subi o tronco e encostei os lábios aos dele. Roçamos nossos narizes e ficamos nos olhando.

— Estou falando sério minha gatinha manhosa, e por mais que eu esteja “fodido” nessa cama, eu realmente não estou muito preocupado com o que aconteceu. O mais importante está aqui comigo, inteirinha, sem nenhum arranhão. — Puxou o ar dos pulmões, subindo e descendo a mão pelo meu braço. — Seja lá o que for, tenho de certeza que fiz minha parte, protegi você.

— Eu te amo — sussurrei. O caroço fechou minha garganta e não pude conter as lágrimas. Meu Bryan tinha voltado. — Fiquei assustada, com

NACIONAIS - ACHERON

muito medo de te perder. — Solucei. — Desculpa... Eu... Só... — Tampei o rosto com as duas mãos e afundei em seu peito.

— Está tudo bem minha menina... Não chore, assim você me quebra, se é que possível me quebrar mais. Ai... ai... — Remexeu na cama e gemeu. Levantei rapidamente e, antes que ele me impedisse, apertei o botão, chamando a enfermeira.

Em questão de minutos a enfermeira responsável estava dentro do quarto, com um sorriso de canto a canto, estampado no rosto. Uma jovem mais ou menos da minha idade, foi muito atenciosa com o Bryan e comigo, seu nome é Claudia. Pele morena, cabelos lisos até os ombros. Estatura média, olhos pretos e amendoados e lábios finos. Não tinha reparado em sua beleza, até aquele momento. O sorriso largo e dentes brancos chamaram a atenção do Bryan e minha, também.

— Bryan, você acordou, que ótimo,
NACIONAIS - ACHERON

estávamos ansiosos por esse momento, não é mesmo Beatrice? — Virou-se para mim, esperando a confirmação. Franzi o cenho e me aproximei da cama, pegando na mão do Bryan.

— Senhor Bryan, Claudia, por favor, e... — Suspirei. — Sim, muito ansiosos. — Inclinei o corpo até ele e beijei seus lábios. Um sorriso de satisfação escapou dele, me fazendo dar uma leve mordida em seu lábio inferior. Meu sangue ferveu, nas veias, estava prestes a pedir ajuda da outra enfermeira, uma senhora, seria mais seguro.

A garota limpou a garganta e continuou:

— Desculpe-me, senhor Bryan, está com muita dor? Preciso comunicar o doutor, ele vai fazer uma análise do seu estado.

— Estou com sede, preciso me sentar. — Bryan reclamou, esperando ser atendido.

— Vou te examinar e assim que o doutor chegar ele te instruirá de como vai proceder sua

NACIONAIS - ACHERON

recuperação. Vai precisar ser paciente.

— Paciência não é uma das minhas virtudes. — Bufou.

A enfermeira fez seu trabalho, quieta, mediu a pressão, fez a medicação para dor, olhou dentro dos olhos do Bryan, todos os procedimentos padrão. Não teve coragem de olhar para mim, fiquei com cara de poucos amigos. Não saí do lado da cama e, encarando o Bryan, um vacilo dele eu sairia e o deixaria ali. Ele nem se arriscou a fazer as gracinhas dele. *No próximo banho vou solicitar outra enfermeira.*

O doutor examinava o Bryan com cuidado, levantou o encosto da cama e pediu que trouxessem água para ele.

— Senhor Bryan... — Bryan não deixou o médico continuar.

— Somente Bryan, doutor. Sinto-me um

velho, assim. — Pegou minha mão e beijou a palma. — Já tenho uma menina aqui ao meu lado, se me chamar de senhor só vai piorar as coisas. — Sorriu.

— Tudo bem, só Bryan. — Retribuiu o sorriso. — Beatrice, preciso que se afaste um pouco. — Concordei com a cabeça e me afastei. — Bryan, qual a última lembrança que tem?

Congelei, *ele não pode dizer ao médico o que disse para mim*. Bryan olhou para mim, com uma expressão divertida, inclinou a cabeça e respondeu:

— Dentro de uma Limousine, chegando ao evento. — Levantou uma sobrancelha, me encarando. — Com a minha princesa. — Soltei os ombros, aliviada. Retornou o olhar para o médico e continuou. — Depois disso mais nada. — Suspirou. — Os dias em que fiquei desacordado, ouvi algumas coisas e tentei lutar, mas... — Respirou

fundo e meneou a cabeça. — Foi impossível.

— Sem preocupações Bryan, cada organismo reage de uma maneira. Alguns nunca se lembrarão, outros vão se lembrando de tudo aos poucos. Você está ótimo, para quem levou três tiros.

Bryan arregalou os olhos e me olhou, com uma cara de espanto.

— Três tiros? — Franziu o cenho. — Como ainda estou vivo?

— Dois deles foram bem superficiais, um na perna e outro no ombro. — Levantou o lençol e mostrou os curativos. — Agora um foi bem complicado, foi preciso tirar seu baço.

O médico explicou, com detalhes, todo o procedimento realizado no corpo do Bryan e quais cuidados ele teria que ter, com a retirada do baço. No meio da explicação, a porta do quarto abriu de uma vez e três pessoas entraram, chorando, rindo,
NACIONAIS - ACHERON

pulando. O médico precisou intervir. Gaby e os pais do Bryan estavam radiantes.

— Como Deus é bom, ele nos ouviu Gaby — declarou a mãe do Bryan, se contendo para não abraçar o filho.

— Sim mãe, eu tinha certeza de que ele nos atenderia. — Gaby estava abraçada com a mãe e as duas não contiveram as lágrimas, pelo menos dessa vez eram de felicidade.

O senhor Pedro aproximou-se de mim, pegou minhas mãos e beijou o dorso delas.

— Muito obrigado, eu disse que você conseguiria trazê-lo de volta. — Levantou os olhos cheios de lágrimas e balbuciou, somente para eu ouvir. — Anjo. — Virou-se e foi ao lado da cama, junto com os demais. — Meu coração ficou radiante. Coloquei a mão no peito e controlei a respiração.

Observei por um tempo toda a euforia da
NACIONAIS - ACHERON

família do Bryan e o médico passando as instruções para eles, e resolvi sair um pouco. Eles precisavam de um momento só deles, e meu corpo pedia um pouco de ar fresco. Eu me sentia aliviada e ao mesmo tempo sufocada. Precisava organizar as ideias. Caminhei pelo corredor, distraída. Antes de sair e topar novamente com abutres verifiquei com o Yuri se estava tudo ok. Como era de se esperar, fazia dias que tinham saído dali, provavelmente algo mais interessante tinha acontecido.

Atravessei a avenida e sentei-me no banco da praça, em frente ao hospital. O dia estava no início, o sol ainda não esquentava o suficiente para sentir calor. Inclinei a cabeça para cima e recebi os raios solares, o vento gelado da manhã bateu em meu rosto e me senti viva, pronta para uma nova vida.

Com o acidente do Bryan foi preciso dar uma pausa nos preparativos do casamento,

NACIONAIS - ACHERON

congelamos praticamente tudo o que já estava em andamento. A data que estava confirmada, desmarcamos. Não sabemos quanto tempo Bryan vai levar para estar plenamente bem. Assim que ele voltar vamos priorizar as mudanças na empresa dele. A saída da Alicia e do Nestor mudará muita coisa. Preciso me acostumar com a ideia de deixar minha empresa nas mãos da Rebeca, para eu poder me dedicar à empresa do Bryan, pelo menos nesse primeiro momento.

— Beatrice. — Gaby gritou meu nome, atravessando a avenida.

— Quer matar o Bryan do coração? — Sentou-se ao meu lado, ofegante. — Ele está desesperado, querendo você. Nem deu a devida atenção para os meus pais. — Pegou em minhas mãos. — Vamos, ainda não percebeu que você é tudo para ele?

Sorri e balancei a cabeça. *Meu Bryan, tão*

seguro de si e ao mesmo tempo tão dependente de mim, é muito contraditório.

Caminhei mais leve de volta ao quarto do Bryan e ao chegar à porta tive que parar e recuperar o ar. *Ah não!*

— Oh Bryan, ficamos tão preocupados, não é mesmo Nestor? — Alicia perguntou ao seu irmão, limpando o canto dos olhos. Aproximou-se da cama e apertou a mão do Bryan. Nestor permaneceu com as mãos no bolso da calça, sério.

— “Cara”, você realmente nos assustou. Que diabos você estava fazendo fora da sua mesa? Podia ter morrido.

Gaby me puxou para eu entrar e travei na porta. Eu não conseguiria ficar no mesmo ambiente que a Alicia. *Por que eles a deixaram entrar?*

— Eu levo três malditos tiros, estou todo “fodido” nessa cama de hospital e você me

pergunta por que não fiquei na mesa? — Bryan disse, indignado. — Eu nem sei que “porra” aconteceu depois da limusine, que dirá o que estava fazendo fora da minha mesa.

— Você foi me acompanhar até ao toalete — murmurei na porta. Alicia e Nestor viraram na minha direção e o Bryan abriu um largo sorriso.

— Chegou minha princesa. — Esticou os braços me chamando para ele. Caminhei até a cama, ele se afastou e me fez deitar-se ao seu lado, com a cabeça apoiada em seu ombro. Beijou minha têmpora. — Se fui te acompanhar eu estava no lugar certo, isso quer dizer que poderia ter sido você a levar os tiros. — Levantou meu queixo e salpicou um beijo em meus lábios. — Aí sim eu seria um homem morto.

Alicia revirou os olhos e entortou os lábios.

— Bom Bryan, não se preocupe, estamos cuidando de tudo na empresa. Leve o tempo que for

NACIONAIS - ACHERON

preciso para se recuperar, depois sentamos e acertamos os detalhes. — Nestor pronunciou as palavras calmamente, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Bryan arqueou as sobrancelhas e olhou para mim, com uma expressão interrogativa.

— Eu não sairia daqui sem você — disse, encolhendo os ombros.

— Não te roubamos Bryan, se essa é sua preocupação. Essa aí. — Alicia apontou para mim. — Fez seu cãozinho asiático rastrear cada passo nosso.

— Essa é minha garota. — Beijou minha testa, com um sorriso de satisfação.

O dia foi agitado, todos quiseram comprovar que o Bryan tinha acordado e estava lúcido, sem sequelas. Não ficamos uns minutos sequer sozinhos, cheguei a sentir falta dos dias em

que ele esteve desacordado, eram somente nossos.

Sentada no sofá do quarto, pois a cama estava rodeada de gente, bocejei. Não sabia que estava sendo observada.

— Pessoal, agradeço a visita de vocês, mas minha menina está cansada. — Viraram-se e me encararam. Corei imediatamente, meio desconcertada, por ter sido pega de surpresa.

— Estou bem, não se preocupem, podem aproveitar mais. — Levantei as mãos em sinal de rendição.

Bryan olhou para o relógio na parede, comprovando que era hora de todos irem embora, quase dez da noite. Rapidamente se despediram e nos deixaram.

Ele bateu a mão na cama e fez um gesto com a cabeça para eu ir até lá. Deitei-me ao seu lado e ficamos um tempo abraçado, sem falar. Só ouvindo nossas respirações. A mão do Bryan

NACIONAIS - ACHERON

desceu lentamente e entrou por baixo da minha camiseta. O toque leve dos seus dedos foram subindo até chegarem aos meus seios. Ele passou o polegar pelo bico, instantaneamente intumescceu. Respirei fundo.

— Bryan... Sabe onde estamos não sabe? — Ergui a cabeça e olhei em seus olhos, estavam faiscando.

— Estou com saudades, preciso de você. — Ele colocou a mão em um lado do meu rosto e roçou com o polegar meu lábio inferior.

— Você não está em condições disso, ainda precisa de muito remédio para ficar no ponto — provoquei, com uma expressão desafiadora.

— Você é o único remédio que eu preciso, Beatrice — sussurrou, angulando a cabeça para me olhar. Não pude evitar o sorriso espalhando pelo meu rosto, querendo o mesmo que ele, porém tentando ser a razão naquele momento.

Nossos lábios se encostaram delicadamente uma, duas e na terceira vez sua língua invadiu minha boca. Nossas línguas dançaram e nossas mãos nos acariciaram. Bryan aumentou as investidas por dentro da minha camiseta, enquanto que eu não me contive, peguei no meu brinquedo favorito e apertei-o. Um profundo desejo cresceu na minha barriga e mesmo sabendo que nada aconteceria, não significa que eu não queria, desesperadamente. Um gemido sexy escapou do fundo da garganta do Bryan, mexendo com a minha razão. Afastei-me, arfante.

— Não podemos Bryan. — Coloquei a mão em seu peito.

— “Foda-se”, eu quero você, não quero nem saber onde estamos – se podemos ou não. — Envolveu meu rosto com as mãos. — V.O.C.Ê É M.I.N.H.A, na hora que eu quiser, onde eu quiser e como eu quiser, “foda-se” o resto. — As palavras
NACIONAIS - ACHERON

dele me atingiram em cheio, estava prestes a ceder, quando a porta do quarto se abriu e a enfermeira entrou, com a bandeja cheia de seringas.

— Boa noite pombinhos, hora dos medicamentos — disse, toda divertida, descontraindo. Levantei rapidamente, limpando a garganta e disfarçando o rubor no meu rosto.

Bryan recostou-se na cama e me olhou com um sorriso lascivo, puxando o canto de sua boca.

Foi a noite mais bem dormida em dias, mesmo estando em uma cama que mal cabia o Bryan, quiçá nós dois. O fato de eu estar em seus braços, sabendo que estava lúcido, dormi como uma pedra. Não foi diferente com o Bryan, principalmente porque seu organismo estava repleto de analgésicos.

Logo pela manhã seus pais, Gaby, Nathan e o Ethan chegaram. Como ele ainda estava sob o

feito dos remédios, aproveitei para tomar um banho e ir à lanchonete ter um café da manhã decente.

— Ethan, preciso ir até a delegacia prestar depoimento. — Tomei um gole do cappuccino.

— Sei... — Mordeu o *croissant* e disse, com a boca cheia. — Imagino que não queira que o Bryan saiba, ele não vai gostar nadinha, sabe disso não é mesmo? — Passou a língua pelos lábios.

— E você acha que eu tenho opção? — Dei de ombros. — É para o bem dele. O detetive já me ligou “trocentas” vezes.

— É um imbecil aquele “cara”. Se prepare para sair de lá com um ódio mortal. Ele acha que todos nós mandamos matar o Bryan... Aff! — Bufou.

— Não exagera Ethan, é o trabalho dele. — Empurrei os farelos do *croissant* para o canto da mesa. — Ele me pareceu bem simpático, pelo

NACIONAIS - ACHERON

menos ao telefone.

— Tá... tá... e...? — Ergueu as palmas das mãos. — O que deseja minha ama? — perguntou, todo engraçadinho. — Seu desejo é uma ordem. — Juntou as duas mãos, encostou-as no rosto e o abaixou.

— Você e suas gracinhas, sempre querendo chamar atenção né Ethan? — Entortei os lábios. — Pode me levar até lá? Agora? O Bryan vai demorar a acordar, quero aproveitar que a família dele está lá. E aí, pode ou não?

— O que você não me pede chorando que eu não faço sorrindo? — Jogou a cabeça pra trás, gargalhando. — Claro que eu te levo, lindinha. Acha mesmo que eu deixaria você ir para o covil sozinha? Nem “fodendo”!

Peguei nas mãos dele por cima da mesa, olhei em seus olhos e disse, toda emocionada:

— Estou muito feliz que esteja aqui

comigo, você sabe o quanto isso significa pra mim, não sabe? — Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Sem drama, Trice... Pode parar, tem que estar comemorando, isso sim, vamos... Levanta essa bunda gostosa daí. — Levantou-se e estendeu as mãos para eu pegar.

— Vou até o quarto, para avisar a Gaby e apanhar minha bolsa — falei, pegando nas mãos do Ethan e me levantando.

Os corredores estreitos da delegacia, com luzes fracas e um cheiro forte de cigarros, deixaram meu estômago embrulhado. Eu tinha que prestar depoimento, eu mais do que ninguém sabia o quanto Bryan tinha sofrido com aquele atentado, sem contar o sofrimento da Polyana.

Minha irmã desde então está tomando calmantes, apesar do Scott ter sido um psicopata,

era pai da sua filha. Polyana tinha esperança que ele caísse em si e aceitasse um tratamento. Ela o ama e a morte dele foi um baque para ela. Estão todos a ajudando, principalmente por causa da Aninha, que crescerá sem pai. Não pude estar no funeral e enterro dele, mas mandei minhas condolências e flores – em meu e em nome do Bryan.

Entrei na sala, toda apreensiva, e o detetive, muito educado, puxou a cadeira para eu me sentar. Tentei relaxar e não deixar aquela situação me afetar. Tenho conseguido ser forte todos esses dias, isso não quer dizer que já esteja curada. A todo instante me pego fazendo o exercício de controle da respiração. Dou graças a Deus do ataque de pânico não ter me pegado.

Acomodei minha bolsa na cadeira ao lado e enquanto aguardei o detetive iniciar, analisei o ambiente. Uma sala pequena, com algumas

NACIONAIS - ACHERON

prateleiras de madeira nas paredes, cheias de pastas. A mesa e a cadeira da mesma madeira das prateleiras. Um vitrô no canto da parede, com três aberturas, os vidros bem sujos de poluição. Em cima da mesa, vários papéis espalhados, um cinzeiro cheio de “bitucas” de cigarro e uma garrafa térmica ensebada. Uma placa de alumínio indicava o nome do detetive: Ademir.

Ademir me pareceu cansado. Vestido com um terno barato, todo amassado e surrado. Os cabelos começando a ficarem grisalhos – bagunçados. As olheiras fundas e olhos vermelhos. Uma tosse comprida, do fundo do pulmão, de um fumante compulsivo.

Ele me pegou desprevenida quando perguntou quem era Felícia. Esperava qualquer pergunta – menos aquela. Fiquei na defensiva imediatamente. Não poderia me mostrar fraca, estava sozinha e tinha que me impor. Não demorou

NACIONAIS - ACHERON

muito para eu desmoronar.

Endureci na cadeira, baixei os olhos e espremi os dedos no colo, quando ele me disse sobre uma gravação que eu desconhecia.

“Gravação? Do que ele está falando? Bryan o que você fez? Eu sabia que ele estava mentindo pra mim – de novo. “Merda”...! Não posso mostrar que desconheço esse fato, tenho que conduzir a conversa de forma que ele me mostre à gravação.”

— Ah claro... Que bom termos essa carta na manga, detetive. — Ri nervosa. — Quem mesmo que enviou para o Senhor? — Levantei uma sobrancelha.

— O doutor Otávio, advogado do senhor Bryan. Ele disse que precisava guardar a sete chaves e só usar em último caso. Que era a carta de alforria do seu cliente.

“Carta de alforria? O buraco é mais embaixo. Por isso que Alicia aceitou a sair da

empresa numa boa. Existe uma gravação, mas... Felícia? Preciso ouvir essa gravação.”

Não hesitei em usar meu charme para persuadir o Detetive. Aproximei-me da mesa e inclinei o corpo sobre ela, expondo o decote da minha camiseta. Passei a língua nos lábios e o indicador na agenda do detetive. *O que eu não faço pelo Bryan?*

— Podemos ouvir novamente a gravação, assim posso esclarecer os fatos. Faz dias que a ouvi, não poderei ajudar se não souber os detalhes.

Ademir concordou, meneando a cabeça e os lábios entreabertos. Não se deu conta de que estava sendo ludibriado. Pegou o celular, colocou em cima da mesa e apertou o play.

— *Que “porra” você quer aqui, Alicia?* — disse Bryan, sussurrando.

— *Quero isso aqui.* — *Respirações*

ofegantes.

*— Acho que você me quer também. —
Suspiros.*

*— Reação do corpo de um homem, somente
isso, Alicia. Não crie expectativas. — Porta
se fechando e silêncio.*

*— Sabe Bryan... Eu estava pensando... —
Pausa — Nós somos iguais, fomos feitos um
para o outro. — Som de talheres e copos.*

*— Sério, Alicia? E como chegou a essa
conclusão? — Novamente sons de copos.*

*“Eles estão na casa do Bryan? Por que ele
a deixou entrar? Estão tomando café?”* Comecei a
tremer. Minhas mãos ficaram úmidas e
imediatamente as voltei para o colo, disfarçando
minha insegurança.

*— Simples, não é novidade que não sou a
favor da monogamia. — Puxou o ar. — E*

*— você então... Nem se fala né, Bryan. —
Pausa. — Claro que podemos nos
apaixonar, eu sou apaixonada por você,
mas... Sexo é diferente. Gosto de aproveitar
a vida, e você também. — Gargalhada do
Bryan.*

*— Hum... Interessante sua análise. —
Silêncio — Continua... vamos ver onde quer
chegar.*

Meu coração disparou e o nó na garganta me sufocava. Engoli em seco, fechei os punhos e os olhos. Precisava terminar de ouvir, mas a crise de pânico estava ficando evidente. *Não vou conseguir me recuperar dessa vez. Até onde eu posso ir sem me desfalecer na frente do detetive?*

— Bryan... Pensa comigo... Podemos nos divertir sem que ninguém saiba. A “careta” da sua noiva nunca aceitaria, por outro

lado, eu estaria fazendo um favor a ela. Afinal de contas, mais dias menos dias, você vai sair com outras mulheres, se estivermos nos divertindo, não vai sentir essa necessidade. Eu fico com parte sua e ela fica feliz, achando que o casamento é uma maravilha. O que acha? Não é brilhante a minha ideia?

Foi o suficiente pra mim. Minhas pernas estavam moles, as mãos molhadas, respiração alterada e a vista turva. Se eu ouvisse mais uma palavra perderia o controle e nunca mais conseguiria encontrá-lo. “*Como ele pôde fazer isso comigo novamente? Mentiu para mim. Deixou-a entrar em seu apartamento. Com toda a certeza fez um acordo com ela para que o deixasse em paz. Por isso não me contou. Por que Bryan? De novo não!*”

Todos os dias que fiquei ao lado do Bryan, me abrindo para ele, fazendo planos, tentando trazê-lo de volta, foram apagados em fração de segundos. Só o que eu sentia eram nojo e ódio.

Pedi desculpas ao detetive, peguei a bolsa e saí cambaleando da sala. Cegamente corri para fora da delegacia, procurando pelo Ethan. Olhei para os lados e não o achei. Apoiei uma palma da mão na parede e abaixei a cabeça. A tontura me dominou, as náuseas me consumiam. Meu corpo não resistiu, quando percebi já estava colocando pra fora todo o café da manhã. Senti o suor escorrer pelas minhas costas. Agachei e abracei minha bolsa, implorando mentalmente para o Ethan estar por perto. Senti suas mãos se encaixarem embaixo dos meus braços.

— O que aconteceu Trice? Não me diga que aquele “filho da puta” te ameaçou. — Me levantou e segurou em meus ombros, fazendo com que eu

NACIONAIS - ACHERON

olhasse em seus olhos.

Fechei os olhos e comecei a chorar. Joguei os braços em seu pescoço e me afoguei em lágrimas, com o rosto enterrado nele.

— “Porra” Beatrice, fala logo o que aconteceu. Está me assustando garota. — Afastou meu corpo dele. — O que foi, fale, vamos? Desembucha Trice!

— Como ele pôde Ethan? Ele mentiu para mim de novo. Por quê? Eu tenho cara de trouxa? — Engasguei nas lágrimas e comecei a tossir. Tossi... Tossi... Tossi, até vomitar novamente. Não tinha mais o que sair do meu estômago

— Quem mentiu Trice? Meu Deus que loucura, do que você está falando? — Ethan me carregou até o carro e me sentou no banco do passageiro. Deu a volta e se acomodou no banco no motorista. — Vê se não vomita no meu carro, por favor, hein! Agora respira fundo, vamos... Comigo

NACIONAIS - ACHERON

vai... Isso... Inspire pelo nariz e solte pela boca... Mais uma vez... vamos. — Ethan segurou meus ombros e fez-me respirar umas dez vezes. — Agora fala, Trice.

Puxei o ar dos pulmões e segurei os lábios com os dentes.

— Bryan... — Balancei a cabeça e voltei a chorar. Não tinha força de contar a ele.

— O quê? O “ogro” conseguiu “esmerdear” de novo? Mesmo ficando dias desacordado? Olha... Ele consegue... Tem o poder de ferrar com tudo. — Jogou as mãos para cima. — Nem Jesus Cristo consegue ajudar um cidadão desses. — O que ele fez dessa vez?

— Um acordo com a Alicia. — Funguei e fechei os olhos. Buscava dentro da minha alma uma razão, mínima que fosse para não sumir e nunca mais voltar.

— Que tipo de acordo? — Chegou com o
NACIONAIS - ACHERON

corpo mais perto e levantou meu queixo.

Coloquei as mãos no rosto e sacudi a cabeça.

— O tipo que a fez deixar ele em paz e sair da empresa. — Comecei a soluçar desmedidamente e tentar falar. — O que... vo... cê a..cha que ele deu em tro...ca?

— Eu não acho nada “porra”. Como ficou sabendo desse acordo? Olha lindinha, estou me contendo, mas esse “cara” está sempre passando dos limites. Não é possível um negócio desses. Dessa vez eu não vou deixar barato, vou lá ao hospital, e vou quebrar a cara dele. — Ethan estava alterado e eu não conseguia nem saber se achava bom ou ruim. Eu mesma estava querendo ir até o hospital e quebrar a cara do Bryan.

— Tem uma gra...va...ção dele com ela na co...ber...tu...ra... — Cruzei os braços no painel do carro, encostei a cabeça e chorei... Chorei e chorei.

As lágrimas não tinham fim. Ethan ficou calado e passando as mãos em minhas costas, esperando eu me acalmar.

— Lindinha, vamos lá, preciso entender, para poder te ajudar. — Levantou meu corpo e me fez encostar-se ao banco. — Olha pra mim. — Pegou em meu queixo e ergueu. — Se ele fez um acordo desses com a Alicia, por que ele gravaria? E se ele gravou, por que estaria na delegacia? Para ferrar com ele mesmo? Está faltando um pedaço nessa história.

— Eu não sei Ethan, o de... te... ti...ve disse que era sobre a Felícia tam...bém, mas... — Inclinei a cabeça e apoiei no encosto do banco. — Não con... se... guí ouvir até o fim.

— Bingo! Claro que não, então pare de chorar. Você e essa mania de fazer drama. Depois quando a Paola diz que você tem uma veia dramática você acha ruim. — Olhei feio para ele.

Ele colocou a mão na boca. — Opa! Desculpa, mas às vezes você precisa de uns chacoalhões.

— Você não entende mesmo, Ethan. — Limpei as lágrimas com as costas da mão.

— O que eu não entendo? Clareia para mim. — Cruzou os braços no peito.

— Não preciso ouvir toda a gravação, só o fato de ele a deixar entrar na casa dele —sozinho — e não me contar, já é o suficiente para eu não confiar nele. O que mais ele fez e não me contou?

— Tudo bem, eu respeito, não concordo, mas respeito. Não vou me intrometer. O que quer fazer? — Ligou o carro e esperou minha resposta.

— Vamos para o hospital, vou me despedir. — Abracei meu corpo e virei o rosto para a janela.

— Você é quem manda, vai se arrepender, pode ter certeza. Ao invés de dramatizar toda a coisa, tinha que averiguar e saber o que realmente aconteceu, pela sua atitude tenho certeza de que o
NACIONAIS - ACHERON

Bryan teve motivos suficientes para te esconder essa história, ele previa sua reação. — Balançou a cabeça e revirou os olhos. — Chego a sentir dó do “cara”!

Caminhei pelos corredores do hospital com uma sensação horrível. Os rostos familiares, de dias, convivendo juntos, não me acalmaram. A cada passo que eu dava meu coração ficava menor. Pedi para o Ethan ir embora, ele poderia estragar tudo, assim que eu terminasse pediria um taxi. Avistei a porta do quarto do Bryan e amoleci. Passei a mão na testa, enxugando o suor que brotava. Diminuí o passo e praticamente me arrastei até lá. Queria que fosse tudo mentira. Acordar de um sono mal dormido na poltrona ao lado da cama do Bryan. Queria não ter ido até a delegacia, não ter sabido de nada. Conhecimento

nem sempre é poder. A ignorância às vezes nos beneficia.

Abri a porta lentamente, com a mão trêmula, e vacilei no momento em que meus olhos cruzaram com os dele. Gaby levantou-se e disse:

— Ufa... Até que enfim. Não aguentava mais esse rabugento resmungando. Como você o aguenta Beatrice? Parece um bebezão querendo mamar, quase nos deixou louco, aqui, quando acordou e você não estava. — Aproximou-se de mim e me analisou. — Você está bem? Estava chorando? Seu rosto está inchado. O que aconteceu?

— Não... — abaixei a cabeça. — Está tudo bem. — Levantei o canto dos lábios com um sorriso forçado. Ela arqueou as sobrancelhas, encolheu os ombros e nos deixou sozinhos. Demorei um pouco para encarar o Bryan, estava com medo do que tinha que ser feito.

— Ei... — A voz dele atrás de mim me estremeceu. — Onde você foi? Por que demorou tanto? Não pode me abandonar assim. — Passou a mão pelo meu braço e me forçou a virar para ele. — Oi... — Franziu a testa e inclinou a cabeça para o lado. — O que aconteceu? A Gaby tem razão, você estava chorando.

Parei em frente a ele, com os braços largados ao lado do corpo e os lábios presos nos dentes. Fitei-o por uns instantes.

— Por que Bryan? — Suspirei e segurei o choro. — Por que mentiu pra mim – de novo?

— Do que está falando, Beatrice? — Me puxou para mais perto e pegou minha mão, entrelaçando seus dedos aos meus. Beijou os nós dos meus dedos e continuou. — Estou confuso, por que acha que menti para você?

— Seu advogado entregou a gravação na delegacia. — Apertei mais ainda os dentes nos

NACIONAIS - ACHERON

meus lábios, senti o gosto de sangue.

Bryan ficou branco e seu corpo endureceu.

— Você ouviu? — murmurou, com o olhar baixo.

— Uma parte, meu estômago não permitiu ir até o final. — As lágrimas ressurgiram. Funguei e fiquei controlando a respiração.

— Bom, se não foi até o final, não entendeu o motivo dela, por isso está chateada, vou explicar, você vai... — Puxei a mão e me afastei.

— PARE! — bradei. — Não quero saber o motivo. Só o que eu sei é que você não confia em mim.

— Como assim? Não confio em você? — Levantou o tronco e arrumou a postura na cama, tentou levantar-se e não conseguiu. — “PORRA... PORRA... PORRA” chame a enfermeira para tirar essas “merdas” de mim, ou então fique aqui do meu lado, “CARALHO”! — Passou as mãos pelo

NACIONAIS - ACHERON

cabelo e me encarou.

Antes que ele fizesse um escândalo, voltei a ficar próximo a ele.

— Se confiasse em mim teria me dito sobre essa gravação, e que tinha feito um acordo com a Alicia. Por isso ela saiu da empresa, não foi Bryan? Você deu a ela o que ela queria? Eu fiquei com as sobras, foi isso? — A última pergunta saiu tão baixa que quase não deu para entender.

Ele baixou a cabeça, ficou meneando-a e rindo, sem vontade.

— Estou “fodido”, quando você tira as suas conclusões, nada e nem ninguém consegue fazê-la mudar. — Coçou a barba e me encarou. — O que quer que eu diga? A única coisa que posso fazer é contar a verdade, fazer você ouvir a gravação até o final para entender o motivo dela. — Levantou as palmas das mãos e arqueou as sobrancelhas. — Não tem o que eu fazer, além disso.

— Tudo bem... — Respirei fundo. — Preciso de um tempo. Não estou te deixando, só quero pensar. — Passei a mão pelo lençol da cama, sem levantar os olhos.

— Você só pode estar de brincadeira comigo. Lá vem você com aquela história de espaço. QUE “PORRA” BEATRICE! Quando que você vai virar mulher e deixar de ser covarde? Foi ele né que te mimou, o Pietro? Fazia tudo o que você queria agora qualquer coisinha você recua.

— Não coloque o Pietro no meio dessa sua história nojenta e pervertida. Vive falando que o Ethan é pervertido e faz um acordo com a Alicia, em troca de sexo, isso não é pervertido, Bryan? — Ergui o queixo e cerrei os dentes, encarando-o.

— É inacreditável o poder que você tem de distorcer os fatos, Beatrice. — Colocou o dedo na campainha para chamar a enfermeira e não tirou até ela entrar, correndo.

— O que está acontecendo senhor Bryan, está com muita dor? — disse ofegante.

— Tire essas “porras” de mim, preciso me levantar – agora. Quero meu celular, cadê ele? — falou com a enfermeira sem olhar para mim. A senhora ficou sem entender, quis argumentar e desistiu, quando o Bryan a ameaçou.

Fui até a mesa do canto, peguei o celular e entreguei a ele. Assim que a enfermeira tirou os fios dele, tentou ficar em pé e sentou-se de volta. Colocou as mãos nos joelhos e abaixou a cabeça, arfando.

— “Putá que pariu”, tontura do “caralho”. — Sentado mesmo, pegou o celular e ligou para alguém. — Otávio, que “porra” você estava pensando quando entregou a gravação para a polícia? Quer “foder” mais ainda com a minha vida? — Ouviu o que o advogado disse, resmungando. — OK... OK... OK... Entendi

“porra”! Vou tentar consertar essa “merda” agora. “Falô!” — Desligou o telefone e me encarou novamente. — Sente-se aqui, vamos ouvir a gravação.

Neguei com a cabeça.

— Não interessa o que tem nela, preciso entender o porquê de você não ter me contado. Para isso preciso me afastar. Você está bem melhor, sua família está com você. Esse é o melhor momento.

— E o casamento? Vai desistir? — Seus olhos ficaram vermelhos.

— Ainda não sei, por ora só preciso pensar. — Passei a língua nos lábios. — Tivemos que cancelar tudo por causa do seu acidente, ninguém vai perceber. Não precisamos falar com ninguém sobre isso.

— Você é hilária, Beatrice. — Riu, sarcasticamente. — Todo mundo sabe que não fico sem você, como é que não vamos falar nada, com NACIONAIS - ACHERON

você se afastando de mim? — Levantou-se devagar e ficou a poucos centímetros de mim. — Eu te amo. — Contornou meu rosto com a ponta dos dedos. — Deixa eu me explicar? Você vai ver que tudo o que eu fiz foi para me livrar dela e ficar com você.

— Por que não me contou? — O nó na minha garganta estava acabando comigo. O toque do Bryan e seu olhar penetrante amoleceram minhas pernas. *Tantos dias almejando por isso e agora estou a um passo de jogar tudo fora.*

— Porque você não entenderia, faria exatamente o que está fazendo agora. Não me deixaria explicar, tiraria suas próprias conclusões. — Me puxou para os seus braços e me apertou em seu peito. — Não faça isso, eu não suportaria. Por favor, por nós.

Fiquei na ponta dos pés, pousei um beijo doce nos lábios dele e sussurrei:

— Eu te amo... — Suspirei. — Só preciso

de uns dias, faça isso por nós. — Beije o queixo dele, me afastei, peguei minha bolsa e fui saindo. — Só uns dias, eu prometo — disse por cima dos ombros, com a voz embargada.

Praticamente, voltamos à estaca zero... Um vacilo e tudo poderia ir por água abaixo... Seria mais fácil deixar tudo como está? O cansaço não me deixava raciocinar direito e eu precisava pensar – sozinha. Preciso de um tempo pra mim, colocar os pensamentos em ordem e decidir o próximo passo...

Prólogo – Escolho Você

— VOCÊ ESTÁ PERFEITA! — Ethan aproximou-se de sua irmã – elogiando-a.

Era começo de outono, as folhas das árvores cobriam as calçadas e o vento, que outrora era quente, refrescava. O sol ainda permanecia alto, porém com algumas nuvens o camuflando.

A decoração requintada mostrava luxo e bom gosto. Tulipas brancas e vermelhas foram às elegidas para a consagração. O mar azul atrás do altar tornava o ambiente esplendorosamente romântico.

— Como não estaria, Ethan? Olha o brilho nos olhos dela, qualquer que fosse o vestido escolhido ficaria linda — concluiu Mary, sua amiga de todos os momentos.

Tudo parecia surreal, uma expectativa se formou dentro dela, de como seria dali para frente.

Emoções misturadas causaram um turbilhão em seu âmago.

Havia gente por todo o lugar, os esforços em manter o evento em segredo e de ter uma cerimônia simples, foram em vão. Mediante o desencadeamento de tantos fatos, a mídia alvoroçou-se. Nada e ninguém contribuíram para que a cerimônia passasse despercebida.

“Qualquer uma estaria nervosa” — pensou ela. Não era de se estranhar que sua confiança estivesse abalada, depois de tudo o que tinha acontecido.

— Quase lá querida — sussurrou Ethan, ao seu ouvido. — Não tenha medo, nunca vou te abandonar — disse e pegou em suas mãos, levando-as aos lábios. Beijou o dorso delas, com os olhos marejados.

Um cheiro invadiu o local, tomando conta das suas entranhas. Não foi preciso que ela se

NACIONAIS - ACHERON

virasse para saber que ele estava ali.

— O que está fazendo aqui? Não sabe que dá azar? — advertiu Ethan, aborrecido, o empurrando para fora.

Seus olhos cruzaram-se e todo o medo, que estava tirando-a do eixo, deu lugar a um sentimento de ternura e conforto, indescritível.

Ignorando a relutância de Ethan, ele caminhou até ela, inclinou o corpo e passou os braços pelas suas pernas, pegando-a no colo.

— Apoie-se em mim minha menina, daqui para frente esse é o seu lugar. Nada e nem ninguém mudará isso — balbuciou e encostou os lábios na testa da amada, com os olhos fechados e a respiração descompassada.

Agradecimentos

Agradeço a todos os que dedicaram parte do seu tempo para ler a história de Beatrice e Bryan. Desde o início, dessa história, me entreguei de corpo e alma para dar vida aos personagens, que já existiam na minha imaginação, contudo, nada disso teria sentido se vocês não a lessem.

Espero que tenham se envolvido, o suficiente, para darem continuidade à existência dos personagens que criei com muita dedicação e amor.

Agradeço ao meu amado esposo, que me incentivou a entrar de cabeça nessa aventura. A minha querida mãe, que desde pequena me fez gostar de livros e me auxiliou, com sua inteligência e comprometimento.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON



ANNY MENDES

Paulista – nascida em Santo André – SP, apaixonada pela cidade de São Paulo. Atualmente morando em Maringá – PR.

Incentivada pela mãe, assim que aprendeu a ler passou a viajar nas histórias. Os livros tornaram-se seu vício.

Pedagoga, enquanto dedicou-se a ensinar, alimentou a esperança de um dia poder fazer o que sempre sonhou – escrever.

Em agosto de 2016, conseguiu organizar
NACIONAIS - ACHERON

sua vida e deu início ao seu primeiro livro. A história fluiu livremente, soltando da gaiola o que ficou preso por anos.

Divide seu tempo em ensinar, ler e escrever. Nas horas vagas assiste a filmes e séries, além de namorar o esposo, que tanto ama.

Rede Social

Facebook/

Twitter/

Instagram:

@autorannymendes